



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

DANIELA FARIA GRAMA

**UMA ANÁLISE LEXICOGRÁFICA DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS
DO PORTUGUÊS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO:**

um estudo com base em *corpus*

Uberlândia

2016

DANIELA FARIA GRAMA

**UMA ANÁLISE LEXICOGRÁFICA DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS
DO PORTUGUÊS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO:**

um estudo com base em *corpus*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa 1: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Fromm

Uberlândia

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

G745a Grama, Daniela Faria, 1989-
2016 Uma análise lexicográfica dos elementos coesivos sequenciais do
português para a elaboração de uma proposta de definição : um estudo
com base em corpus / Daniela Faria Grama. - 2016.
 370 f. : il.

Orientador: Guilherme Fromm.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Lexicografia - Teses. 3. Coesão
(Lingüística) - Teses. 4. Língua portuguesa - Dicionários - Teses. I.
Fromm, Guilherme. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

DANIELA FARIA GRAMA

**UMA ANÁLISE LEXICOGRÁFICA DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS
DO PORTUGUÊS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO:**

um estudo com base em *corpus*

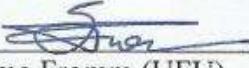
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

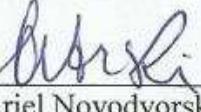
Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

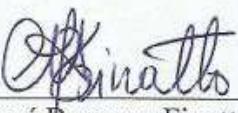
Linha de pesquisa 1: Teoria, descrição e análise linguística.

Uberlândia, 29 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Guilherme Fromm (UFU) – Orientador


Prof. Dr. Ariel Novodvorski (UFU)


Prof. Dra. Maria José Bocorny Finatto (UFRGS)

À minha mãe, Sueli, meu primeiro e eterno exemplo de professora de Língua Portuguesa.

Ao meu pai, Nelson, que me incentiva a estudar e a ter paciência.

À minha irmã, Daliane, em quem me espelho para trilhar o percurso acadêmico com esforço e dedicação.

Ao meu namorado, Marcos Vinícius, que me apoia e me faz sorrir mesmo nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Ao professor Guilherme Fromm, por ter me acolhido como sua orientanda, por sua paciência ao realizar as leituras e apontamentos necessários para que chegássemos à conclusão deste trabalho, por compartilhar suas experiências, por proporcionar momentos de estudo com bom humor, sempre chamando a atenção para as questões mais importantes, por sua forma amiga de tratamento e por sua generosidade. Obrigada também pela confiança e compreensão em relação a mim durante esses dois anos.

Aos professores participantes da banca examinadora, Ariel Novodvorski e Maria José Bocorny Finatto, por terem aceitado gentilmente participar deste momento de aprendizado e crescimento em minha vida. Ao professor Novodvorski, especialmente, por suas aulas que, com toda certeza, contribuíram muito para o presente trabalho, por sua solicitude e paciência. Além disso, agradeço-lhe pelos comentários importantes que fez no exame de Qualificação. À professora Finatto, por sua disposição e boa vontade em me auxiliar em questões relativas à pesquisa nos momentos em que precisei.

À professora Eliana Dias, por ter sido minha orientadora de Iniciação Científica na minha primeira pesquisa com os elementos coesivos, por ter me apresentado a área da Lexicografia, por ter colaborado inúmeras vezes para o meu crescimento profissional em diversas situações e por ter feito todas as considerações em relação a este trabalho no exame de Qualificação. Elas resultaram em mudanças pertinentes no modo de redigir esta dissertação.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), instituição em que concluí a graduação em Letras, ao Instituto de Letras e Linguística (PPGEL) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), pela oportunidade de estudo na Pós-Graduação, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida.

Aos meus amigos e colegas, pelas palavras de ânimo e pelas boas vibrações. Especialmente, a Carline Barbon dos Santos, por sua amizade sempre presente desde o início da graduação. A Neubiana Veloso Beilke e ao Raphael Carneiro, dois amigos queridos que conheci no curso do Mestrado.

À minha família e ao meu namorado, que são meu esteio.

E a Deus, por ser o grande provedor da minha vida e de tudo que me cerca.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em verificar como alguns dos elementos coesivos sequenciais do português são definidos em quatro dicionários: a) Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa, b) Dicionário Houaiss Conciso, c) Aulete Digital e d) Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Os dicionários *a* e *b* são considerados como Tipo 4, ou seja, são direcionados aos alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio, e as obras *c* e *d* são dicionários *thesaurus*. O objetivo é analisar se os dicionários escolares apresentam diferenças significativas em relação às obras *thesaurus* e elaborar uma proposta de definição para os elementos coesivos sequenciais aos lexicógrafos que se ocupam em produzir dicionários que são utilizados pelos discentes dos últimos anos do Ensino Básico. Sabendo que os alunos devem concluir o Ensino Médio com a habilidade de escrita desenvolvida, nos questionamos: os dicionários escolares são um suporte para a prática de escrita e, em específico, para o uso dos elementos que auxiliam na coesão sequencial de um texto? Para selecionarmos os elementos coesivos investigados em nossa pesquisa, contamos com a metodologia/abordagem da Linguística de *Corpus* e elaboramos um *corpus* de redações, cujas produções textuais escritas foram extraídas do site UOL Educação e referem-se ao período de 2009 a 2014. Após análises realizadas nesse *corpus*, obtivemos uma lista dos elementos de coesão sequencial usados nos textos e uma lista dos mesmos elementos que foram utilizados de modo inadequado, sendo este último o critério que estabelecemos para definir as palavras alvo de análise nos dicionários. Para chegarmos aos resultados desta pesquisa, lançamos mão das contribuições teóricas advindas da Lexicografia, da Lexicografia Pedagógica, da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa.

Palavras-chave: Lexicografia. Dicionários escolares Tipo 4. Coesão sequencial.

ABSTRACT

This research analyzes how some of the portuguese sequential cohesive elements are defined in four dictionaries: a) Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa, b) Dicionário Houaiss Conciso, c) Aulete Digital e d) Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. The dictionaries *a* and *b* are considered as Type 4, that is, directed to students of first to third year of high school, and the dictionaries *c* and *d* are thesaurus. The aim is to analyze if the school dictionaries present significant differences from the thesaurus dictionaries and develop a definition proposed for the sequential cohesive elements to lexicographers who are engaged in producing dictionaries that are used by students of the last years of the high school. Knowing that students must complete the high school with developed writing skills, we ask ourselves: are the dictionaries a support for the writing practice and, in particular, for the use of elements that help sequential cohesion of a text? To select the cohesive elements investigated in our research, we used the methodology / approach of Corpus Linguistics and prepared a corpus of essays with written textual productions which were taken from the site UOL Educação and refer to the period 2009-2014. After the corpus analysis has been done, we obtained a list of sequential cohesion elements used in the texts and a list of the same elements that have been used improperly, being the last one the criterion established to define the target words analysis in dictionaries. To get the results of this research, we used the theoretical contributions from the Lexicography, Pedagogical Lexicography, Text Linguistics and Argumentative Semantics.

Keywords: Lexicography. School dictionaries Type 4. Sequential Cohesion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Continuum</i> da autonomia semântica	24
Figura 2 – Interface do <i>WordSmith Tools</i> versão 6	109
Figura 3 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada <i>além</i>	115
Figura 4 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada <i>ademais</i>	115
Figura 5 – Excerto do verbete referente à palavra <i>mais</i>	115
Figura 6 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada <i>porém</i>	116
Figura 7 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada <i>entretanto</i>	116
Figura 8 – Autorização do <i>corpus</i> de redação	119
Figura 9 – Ilustração parcial de uma redação avaliada.....	120
Figura 10 – Cópia de uma redação extraída do UOL Educação para um arquivo <i>Word</i>	120
Figura 11 – Comentários de uma redação avaliada.....	121
Figura 12 – Redação limpa em arquivo <i>TXT</i>	122
Figura 13 – Subdivisão das pastas por meses.....	122
Figura 14 – Organização do <i>corpus</i> de redações no computador.....	122
Figura 15 – Nomeação dos arquivos	123
Figura 16 – Cabeçalho dos arquivos.....	123
Figura 17 – Ilustração parcial da <i>WordList</i> do <i>corpus</i> de redações em ordem de frequência	124
Figura 18 – Ilustração parcial das linhas de concordância da palavra <i>melhor</i>	125
Figura 19 – Pasta dos elementos coesivos sequenciais unipalavras	126
Figura 20 – Ilustração parcial do interior da pasta dos elementos coesivos sequenciais unipalavras.....	126
Figura 21 – Pasta dos elementos coesivos sequenciais multipalavras.....	126
Figura 22 – Ilustração parcial do interior da pasta dos elementos coesivos sequenciais multipalavras	127
Figura 23 – Processo de localização da palavra <i>para</i>	127
Figura 24 – Processo de localização da palavra <i>para</i>	128
Figura 25 – Processo de localização de palavra <i>para</i>	128
Figura 26 – Processo de produção das linhas de concordância da palavra <i>para</i>	129
Figura 27 – Ilustração parcial das linhas de concordância de <i>para</i>	129
Figura 28 – Lista parcial de <i>clusters</i> de <i>para</i>	130
Figura 29 – Ilustração parcial da lista dos <i>collocates</i> com <i>para</i>	130
Figura 30 – Ilustração parcial das linhas de concordância de <i>para</i> com o <i>collocate tal</i>	131

Figura 31 – Ilustração das linhas de concordância do <i>contudo</i>	132
Figura 32 – Um exemplo de um contexto linguístico referente à palavra <i>contudo</i>	133
Figura 33 – Enumeração dos usos inadequados do elo coesivo <i>contudo</i>	133
Figura 34 – A redação no Enem	135
Figura 35 – Competências avaliadas na redação do Enem.....	135
Figura 36 – Marcação na coluna <i>Set</i>	149
Figura 37 – <i>Concord</i>	150
Figura 38 – Carregamento do <i>corpus</i> por meio da ferramenta <i>Concord</i>	151
Figura 39 – Campo <i>Search Word</i> da <i>Concord</i>	151
Figura 40 – Ilustração parcial das linhas de concordância do elemento <i>além disso</i>	152
Figura 41 – Capa do Dicionário Houaiss Conciso	158
Figura 42 – Capa do Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa .	159
Figura 43 – Interface do Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa	160
Figura 44 – Interface do Aulete Digital.....	161
Figura 45 – Verbete referente à palavra-entrada <i>porém</i> no Dicionário Houaiss Conciso	161
Figura 46 – Verbete referente à palavra-entrada <i>consequinte</i> no Dicionário Houaiss Conciso	162
Figura 47 – Verbete referente à palavra-entrada <i>porém</i> no Novíssimo Aulete.....	162
Figura 48 – Verbete referente à palavra-entrada <i>consequinte</i> no Novíssimo Aulete	163
Figura 49 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada <i>porém</i> no modo tradicional	163
Figura 50 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada <i>porém</i> no modo interativo	164
Figura 51 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada <i>porém</i> no verbete original	164
Figura 52 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada <i>porém</i> no verbete atualizado	165
Figura 53 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada <i>consequinte</i> na aba das locuções	166
Figura 54 – Imagem do verbete referente à palavra-entrada <i>consequinte</i>	166
Figura 55 – A definição de <i>coesão</i> no Aulete Digital	196
Figura 56 – A definição de <i>coesão</i> no Dicionário Houaiss Conciso	196
Figura 57 – A definição de <i>coesão</i> no Houaiss Eletrônico.....	197
Figura 58 – Interface da ferramenta de consulta	232

Figura 59 – Visualização da orientação semasiológica da ferramenta de consulta.....	233
Figura 60 – Visualização da orientação onomasiológica da ferramenta de consulta	233
Figura 61 – “Saiba mais” da ferramenta de consulta.....	234

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de dicionário	47
Quadro 2 – Categoria da Adição	67
Quadro 3 – Categoria da Adversatividade.....	68
Quadro 4 – Categoria da Causa	69
Quadro 5 – Categoria da Temporalidade.....	70
Quadro 6 – Elementos coesivos sequenciais que estabelecem relações textuais	77
Quadro 7 – Relações logico-semânticas	78
Quadro 8 – Relações discursivas ou argumentativas.....	79
Quadro 9 – Relações semânticas estabelecidas pela conexão	85
Quadro 10 – Relação entre elementos coesivos/operadores argumentativos e suas funções.	114
Quadro 11 – Tipologia do <i>corpus</i> de estudo	118
Quadro 12 – Relação frequência inicial x frequência final de <i>ou</i>	131
Quadro 13 – Palavras usadas no lugar de elementos sequenciais	139
Quadro 14 – Tipologia do <i>corpus</i> de redações 2009 a 2013	146
Quadro 15 – Cálculo da frequência	150
Quadro 16 – Tipologia do <i>corpus</i> de redações 2009 a 2014	154
Quadro 17 – Em consequência disso	168
Quadro 18 – Contudo	169
Quadro 19 – Entretanto.....	171
Quadro 20 – Porque	172
Quadro 21 – Apesar disso.....	174
Quadro 22 – Ou seja	175
Quadro 23 – No entanto	177
Quadro 24 – Visto que.....	178
Quadro 25 – Até mesmo	180
Quadro 26 – Por conseguinte	182
Quadro 27 – Já que	183
Quadro 28 – Mas	184
Quadro 29 – Assim como	189
Quadro 30 – Síntese da análise das definições dos elementos coesivos sequenciais	190
Quadro 31 – Desenho da ficha lexicográfica.....	201
Quadro 32 – Conjunção <i>mas</i>	205

Quadro 33 – Conjunção *pero*..... 206

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado 2014	136
Tabela 2 – Resultado 2009 a 2013.....	152
Tabela 3 – Resultado 2009 a 2014.....	153

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 JUSTIFICATIVAS.....	26
1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA.....	29
1.3 OBJETIVO GERAL.....	30
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	30
1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	31
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	33
2.1 LEXICOGRAFIA.....	33
2.1.1 Lexicografia: termos e conceitos.....	34
2.1.2 Lexicografia Pedagógica.....	41
2.1.2.1 Programa Nacional do Livro Didático: dicionários escolares.....	44
2.1.3 A constituição dos dicionários.....	49
2.1.3.1 Macroestrutura, Medioestrutura e <i>Outside Matter</i>	49
2.1.3.2 A microestrutura.....	51
2.1.3.2.1 Microestrutura: a definição lexicográfica.....	54
2.1.3.2.2 Microestrutura: exemplos ou abonações?.....	58
2.2 A COESÃO TEXTUAL.....	61
2.2.1 Halliday e Hasan.....	61
2.2.1.1 As especificidades da CONJUNÇÃO.....	64
2.2.2 Koch.....	72
2.2.2.1 As especificidades da SEQUENCIAÇÃO.....	75
2.2.3 Antunes.....	81
2.2.3.1 As especificidades da CONEXÃO.....	84
2.2.4 Considerações.....	87

2.3 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: OS ELEMENTOS COESIVOS NA CONDIÇÃO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS.....	97
2.4 ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS: QUESTÕES NORTEADORAS PARA A ELABORAÇÃO DA DEFINIÇÃO.....	103
2.5 LINGUÍSTICA DE CORPUS: PARA UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM VERBAL ESCRITA..	105
3 O ESTUDO PILOTO.....	114
3.1 O ESTUDO PILOTO: INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR DA DEFINIÇÃO.....	114
3.2 O ESTUDO PILOTO: CORPUS DE REDAÇÕES 2014.....	117
3.2.1 <i>Corpus</i> de redações: origem e autorização.....	118
3.2.2 <i>Corpus</i> de redações: compilação, limpeza e organização.....	119
3.2.3 O processo de identificação dos elementos coesivos sequenciais: unipalavras e multipalavras.....	123
3.2.4 A frequência inicial e a frequência final dos elementos unipalavras.....	131
3.2.5 Procedimentos para identificar os elementos coesivos usados de maneira inadequada.....	132
3.2.6 O critério de análise dos usos inadequados.....	134
3.2.7 A análise da frequência x inadequações.....	136
3.2.8 <i>Hapax legomena</i>: o que elas representam no <i>corpus</i>?.....	137
3.2.9 Algumas percepções adquiridas numa análise guiada pelo <i>corpus</i>.....	138
3.3 O ESTUDO PILOTO: CONSIDERAÇÕES.....	140
4 METODOLOGIA.....	145
4.1 CORPUS DE REDAÇÕES.....	145
4.1.1 <i>Corpus</i> de redações 2009 a 2013: verificação e correção.....	145
4.1.2 Elementos coesivos sequenciais: limpeza das linhas de concordância.....	146
4.1.3 Elementos coesivos sequenciais multipalavras e <i>Concord</i>.....	150
4.1.4 Elementos coesivos sequenciais alvos de análise nos dicionários.....	152
4.1.5 Tipologia do <i>corpus</i> de redações 2009 a 2014.....	154
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE.....	157

5.1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS AUTORES E DE SEUS RESPECTIVOS DICIONÁRIOS	157
5.1.2 O Dicionário Houaiss Conciso e o Novíssimo Aulete: visualização dos verbetes	161
5.1.3 O Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa e o Aulete Digital: visualização dos verbetes	163
5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS ALVO DA PESQUISA	167
5.2.1 Para tal efeito	167
5.2.2 Sobre demais informações	168
5.2.3 Em consequência disso	168
5.2.4 Contudo	169
5.2.5 Entretanto	171
5.2.6 Porque	172
5.2.7 Apesar disso	174
5.2.8 Ou seja	175
5.2.9 No entanto	177
5.2.10 Visto que	178
5.2.11 Com isso	179
5.2.12 Até mesmo	180
5.2.13 Por conseguinte	182
5.2.14 Já que	183
5.2.15 Mas	184
5.2.16 Assim como	188
5.3 ANÁLISE DAS DEFINIÇÕES: CONSIDERAÇÕES	189
6 RESULTADOS	195
6.1 ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS: A DESCRIÇÃO DE UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO	195
6.3 ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS: A ELABORAÇÃO DAS FICHAS LEXICOGRÁFICAS	202

6.3.1 Contudo.....	205
6.3.2 Porque.....	209
6.3.3 Ou seja.....	211
6.3.4 Com isso.....	213
6.3.5 Até mesmo.....	214
6.3.6 Assim como.....	215
6.3.7 Portanto.....	218
6.3.8 De acordo com.....	220
6.3.9 Por exemplo.....	223
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	228
REFERÊNCIAS.....	235
APÊNDICE A – QUADRO DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS UNIPALAVRAS POR ORDEM CRESCENTE DE FREQUÊNCIA.....	243
APÊNDICE B – QUADRO DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS MULTIPALAVRAS POR ORDEM CRESCENTE DE FREQUÊNCIA.....	244
APÊNDICE C – ANÁLISE DOS USOS INADEQUADOS REFERENTES À TABELA 1.....	246
APÊNDICE D – ANÁLISE DOS USOS INADEQUADOS REFERENTES À TABELA 2.....	269
ANEXO A – VERIFICAÇÃO PRELIMINAR DA DEFINIÇÃO DOS ELEMENTOS COESIVOS NOS DICIONÁRIOS.....	357

Embora soneto

Vivo meu porém

No encontro do todavia

Sou mas.

Contudo

Encho-me de ainda

Na espera do quando

Desando ou desbundo.

Viver é apesar

Amar é a despeito

Ser é não obstante.

Destarte

Sou outrossim

Ilusão, sem embargo

Malgrado, senão.

(BARROS, 1986, p. 17).

1 INTRODUÇÃO

Ensinar a produzir um texto ou escrevê-lo, seja ele de qualquer gênero ou tipologia textual, são tarefas necessárias no cotidiano escolar do Ensino Básico e, por vezes, penosas, já que exigem tanto do professor como do aluno a ativação de diversos conhecimentos, tais como os de cunho linguístico e os de mundo, adquiridos e aperfeiçoados gradativamente com o tempo e com a prática da escrita. Mas é bom lembrar que os dois atores desse cenário, docente e aluno, não estão sozinhos. Existem recursos didáticos que oferecem (ou que deveriam oferecer) subsídios para que esse processo de ensino e aprendizagem da escrita ocorra com excelência.

Pensando nisso, nesta dissertação, visamos a um recurso didático fundamental no meio educacional – o dicionário – e a um aspecto textual também bastante importante – a coesão sequencial. Realizamos uma investigação sobre a definição lexicográfica de palavras que cumprem a função de auxiliar na coesão sequencial em um conjunto de redações que constitui nosso *corpus* de estudo. A verificação em relação à definição ocorre nos seguintes dicionários: a) Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa (publicado em 2011), b) Dicionário Houaiss Conciso (publicado em 2011), c) Aulete Digital (publicado em 2007) e d) Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (publicado em 2009). As obras *a* e *b*, conforme Brasil (2012), são classificadas como dicionários Tipo 4, isto é, são destinadas aos alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio, e as obras *c* e *d* são *thesaurus*, ou seja, são dicionários que possuem a partir de 100 mil verbetes. Dessa forma, realizamos uma análise contrastiva entre as obras Tipo 4 e as que são *thesaurus*. Além disso, apresentamos, ao final, uma proposta de definição e de microestrutura para essas palavras, culminando em uma ideia de um novo produto lexicográfico.

A nossa proposta é estabelecer uma definição que considere o papel dos elementos coesivos no texto, não fora deste. Os elementos coesivos sequenciais, de maneira geral, só adquirem tal *status* dentro do texto. Assim, para nós, é imprescindível partir do contexto linguístico de uso para identificá-los e para defini-los. Sob essa ótica, destacamos que a nossa concepção de língua neste trabalho parte do princípio de que:

A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações (DIK, 1978 apud CASTILHO, 2012, p. 19).

Esperamos que um dos resultados desta pesquisa, de natureza quali-quantitativa, seja apresentar contribuições ao nosso público-alvo, que corresponde aos lexicógrafos que se ocupam em elaborar dicionários que são utilizados pelos discentes dos últimos anos do Ensino Básico. Acreditamos que propor um modelo de definição para os elementos coesivos sequenciais pode trazer reflexões sobre a importância de melhorar a redação lexicográfica de tais palavras, e uma mudança na forma de apresentar os elementos coesivos nos dicionários pode, de maneira direta ou indireta, refletir melhorias na escrita dos alunos dos últimos anos do Ensino Básico e de outras pessoas que concluíram os estudos referentes ao ensino regular, mas que ainda não ingressaram no ensino superior.

Muitas vezes, as palavras alvo de nossa pesquisa são tratadas no ambiente escolar de modo hermético, isto é, com base apenas nas explicações e exemplos apresentados por gramáticas tradicionais. Ou ainda, conforme Koch (2011), são apreendidas por meio de memorização, sem que haja reflexões sobre o funcionamento delas em determinado texto, ou melhor, na língua em uso. Acreditamos que uma consequência dessa falta de atenção às palavras que auxiliam na coesão sequencial é a dificuldade de empregá-las, de modo coerente, em produções escritas, por exemplo, a redação – um texto frequentemente produzido nas escolas, cobrado em processos seletivos que dão acesso ao ensino superior e em processos seletivos para o preenchimento de vagas de trabalho.

Cabe ressaltar que percebemos, por meio da realização de nossa pesquisa, que nosso trabalho também pode, como resultado, colaborar para reflexões acerca da ausência de conteúdo teórico que aborde a definição de palavras consideradas gramaticais – classificadas como pronomes, artigos, preposições, conjunções, conforme Rey-Debove (1984) – que, por sinal, constituem grande parte dos elementos coesivos sequenciais que são trabalhados nesta pesquisa.

Segundo Biderman (1984), Borba e Longo (1996), Duran e Xatara (2006), a tarefa de elaborar uma definição satisfatória (no caso, para as palavras lexicais, classificadas como substantivo, adjetivo, verbo e parte dos advérbios) é vista como um problema, algo complexo e desafiador. Mas podemos afirmar que a nossa proposta de construir uma definição para uma palavra considerada gramatical é ainda mais difícil, visto que o aporte teórico que trata com profundidade esse tipo de palavra, direcionando o lexicógrafo de forma minuciosa, é reduzido.

As leituras referentes à bibliografia utilizada nesta pesquisa foram realizadas com a expectativa de que encontrariamos um respaldo teórico mais abrangente para a atividade a

qual nos propusemos. No entanto, essa esperança não foi correspondida da forma como imaginávamos.

Destacamos que, no decorrer da pesquisa, felizmente, deparamo-nos com duas produções científicas que trouxeram contribuições importantes para a nossa – Fornari (2009, 2011) – já que trataram da definição de palavras gramaticais, apresentando alguns autores que mencionavam a questão mesmo que de maneira mais superficial, e que corroboraram o fato de ser escasso o material teórico que aborda a definição das palavras alvo de nossa pesquisa:

A literatura especializada [...] parece ter omitido o fato de que a natureza dessas paráfrases, no caso das palavras gramaticais, é essencialmente diferente daquela apresentada pelas palavras lexicais (substantivos, adjetivos e verbos). Isso significa que a literatura sobre paráfrases explanatórias Bosque (1982), Haensch (1982), Martínez de Souza (1995), Stati (1995), Hartmann; James (2001), Landau (2001), Jackson (2002), Borba (2003), Seco (2003), Beneduzi (2004), Welker (2004), Cano (2005), Guerra (2005), Bugueño (2009) não trata do tema (FORNARI, 2011, p. 23).

Embora não tenhamos tido acesso a todas as referências bibliográficas mencionadas pela autora, também obtivemos a mesma impressão que ela com base no material que consultamos. Na verdade, para nós, a questão das palavras gramaticais não é totalmente omitida, mas sim pouco explorada devido ao grau de complexidade. Conforme Fornari (2011) menciona em sua dissertação, falta instaurar parâmetros para elaborar verbetes referentes às palavras gramaticais e aliar a teoria lexicográfica à prática.

Queremos esclarecer ao leitor o que implica a dicotomia *palavra lexical* e *palavra gramatical*, uma vez que isso é primordial para que possamos prosseguir.

Segundo Ullmann (1964), a distinção entre palavras lexicais e palavras gramaticais já era realizada pelo filósofo Aristóteles e tem sido alvo tanto de estudos filosóficos quanto linguísticos, havendo, algumas vezes, diferentes termos que se referem aos mesmos conceitos.

Notamos essa dicotomia, por exemplo, no próprio Ullmann (1964), com *palavras plenas* e *palavras formas*; em Rey-Debove (1984) e em Borba (2003), ambos usam *palavras lexicais* e *palavras gramaticais*; em Coseriu (1979), com *lexemas* e *categóremas*; e em Biderman (1984), que nomeia as palavras gramaticais de *instrumentais* e menciona que se referem às classes artigo, preposição, conjunção, pronome e parte dos advérbios, diferindo-as de outras palavras de *significação plena*, que dizem respeito às classes substantivo, adjetivo, verbo e parte dos advérbios. Ademais, observamos, por meio da tese de Farias (2013), que tais designações expandem-se ainda mais. A autora elaborou um quadro que separa “expressões

com significado” e “expressões sem significado” (FARIAS, 2013, p. 181), contendo os diversos termos que diferentes autores atribuíram a tal dicotomia.

Conforme Ullmann (1964), do ponto de vista semântico, esses dois grupos diferem-se, porque as palavras lexicais, por exemplo, “árvore, cantar, azul, suavemente [...] têm algum significado mesmo quando aparecem isoladas” (ULLMANN, 1964, p. 93-94, grifo nosso). Elas são denominadas, consoante o estudioso, como “autossemânticas, significativas por si próprias” (ULLMANN, 1964, p. 94). Por outro lado, as palavras gramaticais, por exemplo, “o, a, os, as, isso, de, e” (ULLMANN, 1964, p. 93, grifo nosso), não possuem significado independente, “são elementos gramaticais que contribuirão para o significado da frase ou da oração, quando usados em conjunção com outras palavras” (ULLMANN, 1964, p. 94). Segundo o referido autor, essas palavras são chamadas de “sinsemânticas” e só possuem significado quando estão na companhia de outras.

O primeiro grupo refere-se a um acervo de palavras que está em constante crescimento, o segundo é menos flexível. Isso significa que, com frequência, surgem palavras lexicais novas, principalmente por meio do mecanismo de derivação prefixal e sufixal. Por outro lado, raramente, vemos o surgimento de uma palavra gramatical.

Em relação a essa dicotomia, Ullmann (1964) aponta que a fronteira entre os dois grupos não deve ser vista de modo extremamente rígido, pois algumas palavras superam os limites estabelecidos pela teoria. Inclusive, o autor menciona a questão de uma mesma palavra pertencer a várias classes de palavras que podem ser ora do grupo lexical, ora do grammatical. Podemos ilustrar tal assertiva quando nos lembramos de que um verbo é potencialmente um substantivo ao ser antecedido por um artigo, por exemplo, na frase: *o amar desperta o melhor em mim*, assim como uma conjunção também é um substantivo pelo mesmo motivo: *houve um porém na viagem*, ou quando um substantivo está na condição de adjetivo: *deixe de ser nelson* (numa situação em que já se sabe qual é o principal qualificador referido à pessoa Nelson), ou ainda quando nos lembramos dos fenômenos de grammaticalização e nominalização.

Ullmann (1964) conclui que, de qualquer modo, devemos nos lembrar de que as palavras gramaticais possuem um papel fundamental na estrutura da língua, sendo responsáveis mais pela organização sintática do que pela semântica. Conforme o autor, “Embora possuam certa dose de autonomia [...], seu papel na economia da linguagem é mais de instrumentos gramaticais que de termos independentes. Por isso, é o seu estudo abrangido pela sintaxe e não pela lexicologia” (ULLMANN, 1964, p. 101-102).

Bugueño Miranda (2009a) também afirma que essa dicotomia não deve ser levada de forma tão extrema. Na verdade, o autor partilha a ideia de que existem palavras que possuem uma tendência à significação léxica, enquanto outras possuem uma tendência à significação gramatical. O autor ilustra essa questão lembrando-se de que, para alguns autores brasileiros, os advérbios são considerados palavras gramaticais, muito embora seja possível descrever um conteúdo para eles.

Fornari (2011) acredita que, dentro do grupo das palavras gramaticais, existem aquelas que têm um grau maior de autonomia em relação ao significado. De acordo com a autora, as “palavras gramaticais autossemânticas [...] possuem um significado autônomo, ao passo que as palavras gramaticais sinsemânticas são totalmente dependentes do contexto para o estabelecimento de um significado ou valor” (FORNARI, 2011, p. 15).

A autora justifica seu posicionamento ao argumentar que algumas palavras gramaticais, como aquelas que se inserem na classe da conjunção (por exemplo: *mas* e *embora*), são definidas em dicionários por meio de sinônimos, enquanto que algumas preposições não são definidas assim (por exemplo: *de*, *em*).

Conforme a referida autora, a prática lexicográfica contradiz a teoria, já que só é possível usar o recurso da sinonímia com aquelas palavras que possuem conteúdo semântico semelhante. Nesse caso, segundo Fornari (2011), as palavras gramaticais mais autônomas, portanto, não são vazias de conteúdo. Diante disso, Fornari (2011) aponta que haveria, então, “zonas cinza” (FORNARI, 2011, p. 55) em relação à divisão palavras lexicais e gramaticais. Bugueño Miranda (2009b) denomina como “zonas de transição” (BUGUEÑO MIRANDA, 2009b, p. 62).

Corroboramos o posicionamento de Fornari (2011) na medida em que podemos afirmar, por exemplo, que, se alguém nos pergunta o que é a conjunção *mas*, sabemos responder ou imaginar que ela introduz uma ideia adversativa. Isso fica claro em situações em que alguém nos dá uma boa notícia e, logo em seguida, diz *mas*, fazendo uma longa pausa; é bem provável que, nesse intervalo de tempo, nossa mente já espere que algo de adverso à boa notícia seja dito, porque já se convencionou na língua esse sentido que tal conjunção imprime.

Sob esse prisma, podemos dizer que, mais do que ligar ou costurar as ideias de um texto, tal elemento coesivo sequencial “arma” o pensamento do leitor, por isso pode ser considerado como um “gatilho”, que desperta no interlocutor determinada expectativa comunicativa. Esse tipo de expectativa não ocorre com a mesma intensidade ou da mesma forma em relação à preposição *a*, por exemplo. Assim, nos parece que algumas palavras

consideradas gramaticais não possuem uma função meramente gramatical. O histórico de usos de uma palavra, ou melhor, a sua bagagem semântica, permite que tal expectativa surja.

A ênfase no contexto pode também dar a ideia errada de que a palavra é uma embalagem vazia, desprovida de conteúdo, que assume a forma do contexto em que se encontra, como um camaleão que se enche de vento e muda de cor. A palavra não vai vazia ao texto. Pelo contrário, traz uma história de experiências que recolheu de outros textos em que participou (LEFFA, 2000, p. 23).

Em síntese, podemos dizer que entre as palavras do léxico existe um *continuum* em termos de autonomia semântica. Há palavras que não possuem significado autônomo, são completamente vazias de conteúdo, outras que não são totalmente vazias e dependentes em termos de autonomia semântica e outras que alcançam o máximo de significação mesmo estando isoladas. Abaixo, ilustramos na Figura 1 como seria essa graduação genérica:

Figura 1 – *Continuum* da autonomia semântica



Fonte: Elaboração própria.

Mesmo apresentando o posicionamento mencionado mais acima, Fornari (2011) concorda que, independentemente de o grau de autonomia existir ou não para algumas palavras gramaticais, a perspectiva do contexto de uso não deve ser abandonada: “embora essas definições não sejam completamente adequadas às palavras gramaticais, consideramos que algumas são mais autônomas que outras, embora todas sejam dependentes do contexto” (FORNARI, 2011, p. 15).

Ademais, Fornari (2011) segue a mesma linha de pensamento de Ullmann (1964) ao destacar que as palavras gramaticais diferem-se essencialmente das lexicais pelo fato de terem a função sintática de contribuir para a interconexão entre as frases.

É importante salientar que as palavras gramaticais, sejam autossemânticas ou sinsemânticas, apresentam uma característica que as diferem das palavras lexicais: elas são responsáveis pela organização sintática, pela coesão da língua. Assim, pode-se afirmar que as palavras gramaticais realizam uma tarefa de encadeamento entre os sintagmas e entre as palavras. Não fosse isso, não haveria fronteira entre as palavras lexicais e as palavras gramaticais autossemânticas. No âmbito da Lexicografia, tal fronteira é fundamental, pois configura um dos critérios de redação para as paráfrases explanatórias (FORNARI, 2011, p. 15).

Retomando, então, a ideia de que a análise contextual é importante, mencionamos Leffa (2000):

Não há provavelmente nenhum autor que acredite na identificação de significado que uma palavra tem no dicionário com o significado que ela adquire quando está na companhia de outras palavras no texto. Há sempre uma diferença muito grande entre uma situação e outra, acarretando um desprestígio da palavra como entidade independente, quando é vista e analisada à parte das outras. A palavra não pode andar sozinha (LEFFA, 2000, p. 23).

Podemos associar a menção de Leffa (2000) ao fato de ser essencial a utilização de um *corpus* para a produção de um dicionário, visto que somente um *corpus*, do modo como conceituamos na área da Linguística de *Corpus*, poderá oferecer, de modo contextualizado, as ocorrências de usos mais frequentes, ou seja, apresentará ao pesquisador/lexicógrafo a probabilidade de determinados usos ocorrerem ou não, por meio da análise de dados empíricos. Nesse caso, as ocorrências não são inventadas, imaginadas ou copiadas de outras obras de consulta e de textos canônicos que possuem uma linguagem arcaica.

Dessa forma, tanto para as palavras autossemânticas quanto para as palavras sinsemânticas, uma análise que lance mão da perspectiva sintático-semântica, com base em *corpus*, será sempre necessária, em alguma medida, para a constituição de obras de consulta.

Sob a ótica da definição das palavras gramaticais, na área da Lexicografia, fica evidente que, por terem uma natureza distinta das palavras lexicais, elas devem receber uma definição diferenciada, por meio de um método também diverso.

Diante do exposto, decidimos que a contribuições já existentes na literatura lexicográfica a respeito da definição de palavras lexicais e gramaticais e a metodologia/abordagem escolhida, a Linguística de *Corpus*, formam o nosso apoio para que possamos desenvolver o objetivo geral de nossa pesquisa.

1.1 JUSTIFICATIVAS

Em virtude de as justificativas referirem-se a questões particulares, opto por utilizar a 1^a pessoa do singular nesta seção.

Durante o meu percurso na graduação em Letras, um aspecto em específico chamou minha atenção no que diz respeito à produção textual: a coesão. Então, procurei a prof. Dr. Eliana Dias e desenvolvemos uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) denominada “Problemas de coesão na escrita dos gêneros discursivos da ordem do relatar: ‘notícia e relato’”, conforme Grama (2013), custeada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de agosto de 2011 a julho de 2012.

Além disso, a ideia desta dissertação partiu de reflexões realizadas por ocasião de minha experiência profissional em escolas regulares e cursinhos Pré-Enem e Pré-Vestibular. Na condição de monitora e avaliadora de redações e, posteriormente, de professora da disciplina de Redação, no período de 2012 a 2015, pude notar que, frequentemente, os alunos perguntavam o que era o termo *coesão* que se fazia presente na folha de redação e de que forma a coesão era avaliada.

Vários discentes, durante o processo de elaboração das produções textuais, questionavam quais elementos coesivos poderiam compor determinadas partes de um texto e, principalmente, qual conectivo poderia substituir outro que já tinha sido usado. Essa situação ocorreu diversas vezes, mesmo com os alunos que tinham em mãos uma lista de conectores agrupados por relação de sentido.

Diante dessa situação, questionei-me se o dicionário poderia ser um aliado do professor e do estudante em relação às dúvidas concernentes ao uso de elementos coesivos. Então, procurei observar, nos momentos das atividades de monitoria e de revisão textual, se ele era útil na realização do processo de coesão remissiva ou referencial, especialmente no que diz respeito ao ato de fazer a substituição vocabular durante a feitura de um texto. Nesse sentido, constatei que, na maioria das vezes, o dicionário era um recurso valioso.

No entanto, certa vez, em um momento de correção de redações, precisei consultar o que significava o elemento coesivo sequencial *outrossim* e usei o dicionário. Como a definição encontrada não foi suficiente para que eu o compreendesse, uma vez que me deparei apenas com sinônimos, pensei que poderia iniciar uma investigação sobre o modo como esse tipo de palavra é apresentado em obras de consulta (dicionários) que docentes e aprendizes da língua portuguesa usam para dirimir dúvidas ou enriquecerem sua habilidade de escrita.

Em relação ao interesse por um *corpus* de redações, justifico que as minhas

experiências profissionais sempre envolveram a produção desse tipo de escrita. Além disso, a redação tornou-se, não raro, um critério decisivo para a aprovação em processos seletivos que dão acesso aos cursos superiores em universidades públicas. Devido a isso, cada vez mais, ela tem ganhado destaque no ambiente educacional, embora muitos ainda apresentem dificuldades para compor um texto escrito de maneira coerente e coesa.

De acordo com o Portal Brasil (2015), que é um *site* que disponibiliza notícias e outras informações de cunho cultural, político, social e econômico em relação ao nosso país, o então ministro da Educação, Cid Gomes, e o presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Francisco Soares, relataram que a prova de 2014 do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que permite alguém concorrer a uma vaga no ensino superior, foi feita por aproximadamente seis milhões de pessoas e que mais de 500 mil obtiveram zero na redação, enquanto apenas 250 alcançaram 1000, ou seja, a nota máxima. Conforme o Portal Brasil (2015), o Inep constatou uma diminuição de 9,7% no desempenho dos estudantes na prova de redação em relação ao ano de 2013. Abaixo apresento algumas razões pelas quais as redações de 2014 foram zeradas:

Em 2014, entre os que zeraram a redação, 13.039 copiaram textos motivadores da prova; 7.824 escreveram menos de sete linhas; 4.444 não atenderam ao tipo textual solicitado; 3.362 tiraram zero por parte desconectada e 955 por ferirem os direitos humanos. Outras 1.508, por outros motivos (PORTAL BRASIL, 2015).

Por meio de minhas experiências escolares, seja como aluna do Ensino básico, seja como profissional da área de Letras, obtive a percepção de que o tempo dedicado à produção de texto no ensino regular público ainda não é suficiente para que grande parte dos alunos finalize o Ensino Médio e entre em uma universidade pública sem antes lançar mão de um cursinho preparatório (que, geralmente, dá a oportunidade de o aluno produzir semanalmente no mínimo uma redação).

Considero que esse quadro social é resultado de vários fatores os quais gostaria de exemplificar: a qualidade do ensino, o que envolve, por exemplo, os recursos disponíveis para que o professor trabalhe (folhas, impressão, retroprojetor, quadro, giz, pincel, livros, acesso à internet e a outros materiais); a perspectiva de língua que o docente tem ao ensinar a produzir um texto e/ou ao avaliá-lo; a valorização da profissão, tanto no sentido financeiro quanto no que diz respeito ao prestígio social, pois o profissional que não é bem remunerado provavelmente dobrará seu expediente e diminuirá a atenção dada aos alunos, e aquele que

não é valorizado socialmente terá sua motivação reduzida; e, por fim, até o domínio que o docente possui no que diz respeito à produção de texto.

É válido ressaltar também que a escolha por verificar os elementos coesivos sequenciais em dicionários é pautada no fato de o Programa Nacional do Livro Didático (doravante PNLD) ter feito uma publicação, em 2012, especialmente sobre tais obras de consulta para explicar a importância delas como suporte e recurso didático para professores e alunos, inclusive, sugerindo exercícios que contam com o auxílio dos dicionários. Destacamos, a seguir, algumas informações que encontramos no documento:

Nesse sentido, podemos dizer que um dicionário será tão melhor, como inventário de palavras de uma determinada língua e descrição de suas potencialidades, quanto maiores e mais pertinentes forem as informações reunidas sobre cada palavra, em suas funções e relações. Assim, poderá municiar adequadamente o usuário (BRASIL, 2012, p. 12).

Na medida em que pretendem elaborar uma descrição plausível do léxico de uma língua - ou de uma parte dele -, os dicionaristas, ao conceber e elaborar suas obras, devem atender não apenas às suas convicções teóricas mas também às principais demandas práticas do falante às voltas com as palavras de sua língua (BRASIL, 2012, p. 14).

Em relação aos trechos supracitados, posso dizer que há a curiosidade em verificar se os dicionários sugeridos pelo PNLD, na publicação de 2012, possuem definições claras e bem articuladas e se levam em consideração um critério fundamental, segundo Brasil (2012), que é o de possuir o maior número possível de informações sobre uma palavra, a fim de atender às necessidades do consultante, que, por ocasião, precisa aprimorar sua competência comunicativa.

Com base nos documentos denominados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), conforme Brasil (1997, 2000), posso dizer que, ao final do Ensino Básico, os estudantes devem dominar a escrita, sabendo elaborar um texto coerente e coeso, o que inclui conhecer o uso adequado dos elementos coesivos. Dessa forma, é interessante verificar se os dicionários sugeridos pelo PNLD 2012 dão subsídios aos alunos para isso. Segundo Brasil (2012), os dicionários classificados como Tipo 3 e 4 são tão bons que podem auxiliar até mesmo o docente.

Por seu porte, formato e objetivos, os dicionários desses dois tipos muito se aproximam dos que se dirigem ao público geral, embora tenham como foco o aluno do segundo segmento do ensino fundamental (Tipo 3) e do ensino médio (Tipo 4). Por suas características, todos eles podem, como veremos, prestar bons serviços ao processo de ensino e aprendizagem. Mesmo o

professor poderá valer-se deles, para sanar dúvidas sobre certas palavras e expressões da língua (BRASIL, 2012, p. 32).

Evidencio ainda que a escolha pelos dicionários alvo de nossa pesquisa foi feita devido ao prestígio social deles, já que seus autores são renomados. Além disso, o Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa e o Dicionário Houaiss Conciso são classificados como dicionários Tipo 4, ou seja, destinados aos alunos do Ensino Médio e ao próprio docente, conforme vimos na citação anterior. De acordo com Brasil (2012), essas duas obras de consulta são similares aos dicionários padrão. Segundo Biderman (1984), os dicionários padrão possuem entre 50 e 100 mil verbetes aproximadamente. Conforme Brasil (2012), os dicionários padrão tendem a seguir a linha prescritiva, que tem em vista apresentar usos idealizados da língua, no entanto esse planejamento tem passado por mudanças devido aos recursos tecnológicos relacionados à Lexicografia:

Seja como for, não só varia, a cada época, a obra que é socialmente eleita “o dicionário padrão da língua” como a própria concepção; a elaboração e a organização de um dicionário desse porte e desse alcance vêm passando por grandes transformações. Entre outros motivos, isso acontece porque as modernas técnicas de registro e processamento de dados tornaram possível o trabalho com grandes volumes de palavras e de informações a elas associadas, permitindo que o trabalho do lexicógrafo baseie-se num *corpus*, ou seja, num conjunto de produções linguísticas – de fontes orais e/ou escritas – coletado com base em critérios rigorosos. Assim, o organizador de um dicionário pode contar, na produção de sua obra, com o testemunho vivo e direto dos usos das palavras (BRASIL, 2012, p.13).

No que diz respeito ao Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa e ao Aulete Digital, além de proporcionarem mais agilidade na busca de palavras do que as versões impressas, o que atrai muito a atenção dos consulentes, eles são classificados como *thesaurus*. Conforme Biderman (1984), os dicionários *thesaurus* reúnem um acervo grande de palavras da língua, a partir de 100 mil verbetes, com o intuito de atender às variadas necessidades dos consulentes. Ademais, o Aulete Digital é disponível gratuitamente na internet, e isso o torna uma boa opção entre os usuários que não desejam pagar para ter acesso a uma obra de consulta.

Assim, é interessante verificar se os dicionários impressos Tipo 4 diferenciam-se, de fato, dos dicionários eletrônicos *thesaurus*, no que se refere às definições dos elementos coesivos sequenciais.

1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA

Formulamos as seguintes perguntas para guiar nossa pesquisa:

- a) A análise de um *corpus* de redações nos mostrará quais elementos coesivos sequenciais existem nele e quais são usados mais vezes de maneira inadequada no *corpus*?
- b) Qual é o tipo de definição que as palavras que cumprem a função de auxiliar na coesão sequencial recebem nos quatro dicionários alvo da pesquisa?
- c) Nos quatro dicionários, há exemplos que contextualizam o uso da palavra pesquisada em conformidade com a definição apresentada?
- d) O Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa e o Dicionário Houaiss Conciso diferenciam-se dos dicionários *thesaurus* no que diz respeito às definições dos elementos coesivos sequenciais? Se sim, quais são as diferenças? Elas são significativas?
- e) O Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa e o Dicionário Houaiss Conciso são, de fato, um suporte para as práticas de escrita que se relacionam ao uso dos elementos sequenciais em um texto? Se sim, quais são as contribuições que eles oferecem? Se não, quais são os problemas?
- f) Qual é o tipo adequado de definição que os elementos coesivos sequenciais devem receber? O que é importante conter na microestrutura dessas palavras?
- g) O *corpus* de redações pode contribuir para a elaboração da definição e da microestrutura das palavras que são elementos de coesão sequencial? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?

1.3 OBJETIVO GERAL

Elaborar uma proposta de definição lexicográfica para os elementos coesivos sequenciais, tendo em vista os lexicógrafos que produzem dicionários para os alunos dos últimos anos do Ensino Básico, a fim de que isso possa instigar reflexões e melhorias acerca do modo de redigir a definição lexicográfica de tais palavras.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para alcançarmos o objetivo geral, elaboramos os seguintes objetivos específicos:

- a) Constituir um *corpus* de redações;

- b) Extrair do *corpus* de redações uma lista dos elementos coesivos sequenciais existentes nele e uma lista dos elementos coesivos sequenciais que são usados mais vezes de forma inadequada no *corpus*;
- c) Verificar como os elementos coesivos sequenciais com maior porcentagem de usos inadequados no *corpus* de redações são definidos nos quatro dicionários alvo desta pesquisa;
- d) Analisar se os exemplos existentes nos verbetes dos mesmos elementos mencionados na letra c estão em conformidade com as definições deles encontradas nos quatro dicionários alvo desta pesquisa;
- e) Realizar uma análise comparativa entre os dicionários Tipo 4 e os *thesaurus* no que diz respeito às definições dos elementos de coesão sequencial pesquisados;
- f) Verificar, em especial, se os dicionários Tipo 4 apresentam informações, nos verbetes dos elementos coesivos sequenciais pesquisados, que possam auxiliar nas práticas de produção textual escrita;
- g) Escolher ou formular, com base na teoria lexicográfica, um tipo de definição adequado aos elementos coesivos sequenciais e elencar quais outras informações devem constar na microestrutura deles;
- h) Verificar a possibilidade de elaborar as definições e a microestrutura para os elementos coesivos sequenciais com base nos dados do *corpus* de redações;
- i) Confeccionar 10 fichas lexicográficas referentes aos elementos coesivos sequenciais com o intuito de validar a proposta de definição elaborada.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Para melhor organização deste trabalho, optamos por dividi-lo em sete capítulos. O primeiro foi este, que teve o objetivo de situar o leitor acerca das questões introdutórias da pesquisa. O segundo capítulo é constituído pelo referencial teórico. As contribuições teóricas referem-se à área da Lexicografia e da Lexicografia Pedagógica, tendo como foco os dicionários pedagógicos e a definição de palavras gramaticais; à área da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa, a fim de apresentarmos os elementos coesivos sequenciais; e à base teórica que sustenta nossa metodologia/abordagem da Linguística de *Corpus*. O terceiro e o quarto capítulo dizem respeito aos passos metodológicos deste trabalho. O quinto capítulo corresponde às análises realizadas nos dicionários alvo desta pesquisa. No sexto capítulo, apresentamos a nossa proposta de definição para os elementos coesivos sequenciais e a ilustramos com 10 fichas lexicográficas. No sétimo capítulo, tecemos as considerações finais.

A palavra mágica

*Certa palavra dorme na sombra
De um livro raro.*

Como desencantá-la?

*É a senha da vida
A senha do mundo.*

Vou procurá-la

*Vou procurá-la a vida inteira
No mundo todo.*

Se tarda ao encontro, se não a encontro,

Não desanimo,

Procuro sempre.

*Procuro sempre, e a minha procura
Ficará sendo minha palavra.*

(ANDRADE, 1994, p. 109).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, delineamos o respaldo teórico que subsidia nossa pesquisa. Primeiramente, abordamos questões pertinentes à Lexicografia e à Lexicografia Pedagógica. Explicamos o conceito de dicionários pedagógicos e nos referimos principalmente à constituição dos dicionários no que tange à macroestrutura e à microestrutura, focando, sobretudo, na questão da definição de palavras. Em seguida, situamo-nos acerca dos elementos coesivos textuais, em especial, dos sequenciais, acrescentando o fato de serem considerados operadores argumentativos. Por fim, discorremos sobre algumas concepções que embasam a metodologia/abordagem da Linguística de *Corpus*.

2.1 LEXICOGRAFIA

A Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia, a Terminografia e a Onomástica são as chamadas ciências do léxico. A que profundamente interessa para esta pesquisa é a Lexicografia, pois “está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9-10). Segundo Biderman, “a Lexicografia é a ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p. 17) e, ultimamente, o objeto de estudo mais importante dela tem sido “a análise da significação das palavras” (idem).

Seabra (2011) esclarece que, na primeira metade do século XX, a Lexicografia era vista apenas como “a arte de compor dicionários” (SEABRA, 2011, p. 29). De acordo com a autora, foi somente a partir deste período que houve interesse em tornar essa prática um objeto de estudo científico. Assim, no final do século XX, entre os estudiosos da área, reconhecia-se que a Lexicografia subdividia-se em Lexicografia Prática e Lexicografia Teórica ou Metalexicografia. Conforme Seabra (2011):

Contemporaneamente, acredita-se que essas duas vertentes se complementam, e a *Lexicografia* é vista como uma disciplina linguística de caráter científico que contempla os aspectos teóricos e práticos da elaboração de um dicionário. A *Lexicografia* se insere, portanto, no domínio da Linguística Aplicada (SEABRA, 2011, p. 30, grifo da autora).

Welker (2011) explica que “na Lexicografia Prática, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários” (WELKER, 2011, p. 30). Borba (2003) define a Lexicografia Prática de modo mais ilustrativo: “ocupa-se de critérios para seleção de

nomenclaturas ou conjuntos de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registros de variantes etc.” (BORBA, 2003, p. 15).

Na Lexicografia Teórica ou Metalexicografia, “estuda-se tudo o que diz respeito a dicionários. Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados” (WELKER, 2011, p. 31). Conforme Borba (2003), a Lexicografia Teórica “procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes” (BORBA, 2003, p. 15).

Dessa forma, podemos dizer que a Metalexicografia ocupa-se em fornecer subsídios teóricos acerca da análise, dos problemas e dos julgamentos relacionados à elaboração dos dicionários, e a Lexicografia Prática diz respeito à própria produção do dicionário.

2.1.1 Lexicografia: termos e conceitos

Nesta seção, discorremos sobre alguns termos e conceitos fundamentais na área da Lexicografia, a fim de esclarecermos a opção terminológica adotada nesta pesquisa.

Os primeiros termos os quais consideramos importante explanar, definindo um conceito acerca deles, são *léxico* e *dicionário*.

De acordo com Biderman (2001), o léxico é a maneira encontrada pelo ser humano para identificar e registrar tudo aquilo que existe ou que faz parte do mundo em que ele vive, ou seja, o léxico surge da necessidade do indivíduo em categorizar e nomear as informações que ele adquire, as experiências que ele vivencia, os objetos, os lugares, etc. a fim de organizar a sua capacidade mental de conhecimento.

Este procedimento de “associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes” (BIDERMAN, 2001, p. 14) do universo resulta na criação dos signos linguísticos, isto é, as palavras; e o conjunto total delas forma o léxico de uma língua. No entanto, é importante pontuar o que faz parte deste conjunto.

Segundo Rey-Debove (1984), há três tipos de léxico. No primeiro, o léxico é “o conjunto dos morfemas duma língua” (REY-DEBOVE, 1984, p. 49), que correspondem às unidades significativas mínimas. No segundo, o léxico é “o conjunto das palavras duma língua” (REY-DEBOVE, 1984, p. 50). E, no terceiro, o léxico é “o conjunto das unidades ou o conjunto das palavras de classe aberta duma língua” (REY-DEBOVE, 1984, p. 51), ou seja, é o conjunto das palavras lexicais, que possuem significado autônomo e que estão em constante expansão. A autora esclarece que a concepção de léxico mais adotada entre os

linguistas é a última, que opõe as palavras lexicais às gramaticais. Entretanto, para cada uma das perspectivas a respeito do léxico, a autora pontua problemas e menciona que:

Adquirimos, pois, o hábito de distinguir os morfemas gramaticais dos morfemas lexicais, sendo os morfemas gramaticais do domínio da gramática. Contudo, a oposição de que se trata aqui representa os casos mais afastados dum contínuo: as classes são mais, ou menos, ricas e abertas, e não estamos seguros de poder separar os morfemas gramaticais dos outros (REY-DEBOVE, 1984, p. 50).

Observamos que essa forma de definir o que é léxico, excluindo as palavras gramaticais, ainda está presente na literatura lexicográfica. Borba (2003), por exemplo, menciona o léxico “como o conjunto dos itens vocabulares da língua, ou seja, como a soma das formas livres que circulam nos discursos da comunidade” (BORBA, 2003, p. 16). Acreditamos que esse tipo de conceito acerca do léxico refletiu na escassez de conteúdo teórico que aborda as palavras gramaticais e sua definição lexicográfica, já que é como se elas não fizessem parte do léxico de uma língua. Em virtude disso, adotamos nesta pesquisa a seguinte concepção:

Para nós, o léxico é constituído por todos os elementos lexicais da língua, vale dizer: os lexemas de valor lexical (as palavras plenas) e os lexemas de valor gramatical (as palavras gramaticais, vocábulos-morfema), que alguns linguistas chamam gramemas, adotando a terminologia pottieriana (BIDERMAN, 1996, p. 33).

Convém acrescentar que o léxico de um idioma não é a reunião independente de palavras, porque estas, frequentemente, podem ser associadas a outras quando a constituição delas é analisada. Assim, o léxico é uma grande rede:

O léxico, mesmo considerado apenas em sua dimensão de “conjunto das palavras disponíveis em uma língua”, é, antes de mais nada, uma rede de funções e de relações de forma e de sentido entre vocábulos, e não uma simples lista de itens. Isso porque no domínio do léxico nenhuma unidade está isolada das demais. Pelo contrário: cada vocábulo se define por uma série de relações com os demais. E essas relações podem ser: de sentido [...]; de forma [...]; de forma e de sentido [...] (BRASIL, 2012, p. 11).

No que se refere aos dicionários com os quais trabalhamos nesta pesquisa, podemos afirmar que eles lidam com a língua no nível do sistema e são responsáveis por “reunir o universo dos lexemas” (BARBOSA, 2001, p. 35), apresentando as mais variadas acepções acerca deles.

É válido esclarecer, conforme Barbosa (2001), que o dicionário é diferente do vocabulário e do glossário. O vocabulário contém as definições de vocábulos/termos referentes a uma área de especialidade. Nesse sentido, por exemplo, na nossa língua e dentro do nosso contexto social, temos o vocabulário da área médica, contendo termos específicos que são usados e compreendidos pelos profissionais da área. Conforme, Barbosa (2001), o vocabulário está no nível da norma. O glossário diz respeito a um conjunto de palavras que tem seu significado delimitado a partir de um contexto de uso particular. Assim é que podemos formar um glossário de palavras que foram usadas em determinado momento em um texto. Segundo Barbosa (2001), o glossário está no nível da fala.

Compreendemos que, independentemente de quantas palavras-entradas constituem o acervo lexical de um dicionário, este jamais conseguirá abranger o léxico de uma língua em sua totalidade, porque nenhum ser humano tem a capacidade de conhecer e entender todas as palavras que fazem parte de um idioma que está, inclusive, em constante uso por diversos falantes e sujeito a mudanças. Se os lexicógrafos não conseguem reunir e definir o significado de todas as palavras de uma língua, tampouco os demais falantes dela alcançarão essa habilidade, já que nem mesmo se ocupam dessa atividade. E é justamente por isso que, em muitas situações cotidianas, nós recorremos ao dicionário.

Os dicionários servem, então, para subsidiar o usuário nessas situações, diminuindo a distância que separa o vocabulário e os recursos lexicais que ele domina das possibilidades que o léxico de sua língua oferece. Por essa razão, nas ocasiões em que o sentido das palavras está em questão, os dicionários são sempre bem-vindos (BRASIL, 2012, p. 14).

Essa visão de dicionário como um recurso usado para sanar dúvidas pode ser ampliada, uma vez que os dicionários são também “um tipo de repositório ou de registro de todo um patrimônio sociocultural configurado pela língua, de modo que oferece bem mais do que respostas simples para dúvidas de grafia ou de regência verbal” (BEVILACQUA; FINATTO, 2006, p. 45).

Segundo Borba (2003), o dicionário não deve ser somente um “repositório” de palavras, mas sim um “guia de uso, [...] um instrumento pedagógico de primeira linha” (BORBA, 2003, p. 16), que visa auxiliar na interação social da linguagem, principalmente, contemporânea.

Em suma, os dicionários são um tipo de recurso didático usado para esclarecer dúvidas em relação ao acervo de palavras disponíveis em uma língua que está em uso e que representa a identidade de um povo, de uma cultura.

Percebemos que, na área da Lexicografia, os termos *palavra*, *lexia*, *lexema* e *unidade lexical* são usados e, às vezes, compreendem conceitos diferentes. Na verdade, conforme podemos ver em Welker (2004), não há um consenso entre os estudiosos da área em relação à terminologia adotada, o que torna o tema complexo.

Sobre o conceito de palavra, Borba (2003) o explica dentro da perspectiva das línguas românicas de origem indo-europeia:

o conceito de palavra chega a ser até intuitivo, sobretudo quando se trata da modalidade escrita, cuja delimitação é nítida por causa da grafia entre dois espaços em branco, não há grandes dificuldades em utilizar o termo palavra, equivalente de *lexia* e *lexema*, mesmo porque essa unidade ocupa um nível determinado dentro da hierarquia gramatical (BORBA, 2003, p. 19).

Rey-Debove (1966 apud Welker, 2004) afirma que “a palavra é separada de outras por espaços, hífen (*porte-fenêtre*) ou apóstrofo (*l'oreille*)” (REY-DEBOVE, 1966 apud WELKER, 2004, p. 17, grifo do autor). Essa visão pode ser problematizada em relação à definição de Borba (2003), que diz que as palavras são separadas apenas por espaços em branco.

Para Biderman (1996) o termo *palavra* pertence a uma linguagem corriqueira, por isso não é adequado quando temos a finalidade de “identificar as unidades léxicas da língua (nível do sistema)” (BIDERMAN, 1996, p. 33). Para a autora, o termo *lexia* é a melhor opção terminológica, entendido da seguinte forma:

É a unidade lexical memorizada. O locutor quando diz: “quebrar o galho”, “Nossa senhora!” “pelo amor de Deus”, “bater as botas”, “barra limpa”, “nota promissória”, não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira do conjunto de sua “memória lexical”, da mesma forma que “banco”, “livro”... Assim, “pé de cabra” pode ser uma *lexia*, no sentido de ferramenta, ou o resultado de uma construção sintática de discurso, se se tratar do pé do animal. Há duas classes de *lexias*: as que possuem um ou vários morfemas lexicais; acompanhados de morfemas gramaticais {Lex. Gram.}: *peles-vermelhas*; as que se compõem apenas de morfemas gramaticais; {Gram.}: *aqueles, agora, mas* (POTTIER, 1972, p. 26-27, grifo do autor).

Biderman (1996) esclarece que “o termo *lexema* refere à unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos lexemas devem ser referidas tecnicamente como *lexias*” (BIDERMAN, 1996, p. 33, grifo da autora).

Borba (2003) afirma que os termos *lexia* e *lexema* são usados no lugar de *palavra* e os caracteriza de maneira diferente de Pottier (1972):

- (i) forma livre mínima, isto é, forma que não admite outras subdivisões em outras formas livres; (ii) configuração fônica estável, isto é, bloco fônico que não permite inserção de outros elementos mórficos, (iii) expressão de um conteúdo significativo único ou amalgamado; (iv) preenchimento de funções gramaticais específicas (BORBA, 2003, p. 19).

De acordo com Sinclair (2004), a palavra é considerada como uma sequência de caracteres que está localizada entre espaços. Mas o conceito de unidade lexical, equivalente à palavra, é mais flexível, pois “por vezes, é mais do que uma palavra e, possivelmente, até mesmo menos de uma palavra em extensão, com alguma variação e descontinuidade” (SINCLAIR, 2004, p. 131)¹. O autor esclarece que pequenas frases, como *a fim de (in order to)* e *como se (as if)*, podem ser vistas como equivalentes a uma palavra, por isso o conceito de palavra e unidade lexical foram fundidos.

Diante dessas considerações teóricas, optamos por usar o termo *palavra*, entendido da mesma forma que Pottier (1972) conceitua *lexia*, visto que, nesta pesquisa, trabalhamos com as palavras gramaticais. Acreditamos que o termo *palavra* é mais genérico que *lexia* ou *lexema*, que podem ser vistos, de acordo com Borba (2003), apenas como formas livres, opostas a *gramemas* ou *formas presas*. Portanto, o termo *palavra*, neste trabalho, torna-se a nossa opção terminológica.

Conforme Biderman (2005), “o léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios” (BIDERMAN, 2005, p. 747). Por isso, uma última questão precisa ser esclarecida e diz respeito aos termos *lexias simples*, *lexias compostas*, *lexias complexas*, *fraseologismos*, *locuções* e *multipalavras*.

Para Borba (2003):

¹ Exerto original: “[...] sometimes being more than a word, and possibly even less than a word in extent, with some variation and discontinuity”.

Do ponto de vista da estrutura mórfica, há lexias simples e complexas. São simples as lexias formadas por uma única forma livre [*cara, porto, vento*] e complexas as que combinam mais de uma forma livre [*porta-luvas, mal-me-quer, joão de barro*] ou uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa [*desconsolo, incontrolável*] (BORBA, 2003, p. 22, grifo do autor).

Para as palavras compostas ou simplesmente compostos, têm sido propostas análises ao nível da morfologia derivacional. São itens lexicais complexos formados por justaposição de formas livres, cuja integridade fonética permite que sejam grafados com ou sem hífen, com ou sem espaço em branco: *pé-de-cabra, bem-te-vi, sempre-viva, casa de saúde, casa da sogra, girassol, passatempo, varapau* (BORBA, 2003, p. 23-24, grifo do autor).

Conforme já destacado, Borba (2003) exclui as palavras gramaticais do conceito de léxico. Diante disso, apostamos no suporte teórico que leva em consideração não apenas a presença de palavras lexicais para constituir lexias simples e complexas, mas que afirma que as palavras gramaticais podem sozinhas representar lexias simples e complexas, por exemplo, *esse e para com* que são apresentados na citação abaixo:

Registram-se dois tipos de unidades: lexias simples e lexias complexas. Exemplos de lexias simples: *escola, meio, hora, esperar, fazer, esse, ali, alguém* etc. Exemplos de lexias complexas: *fim de semana, sala de jantar, dona de casa, além de, de repente, pouco a pouco, de pé, para com, fora de mão*. Portanto, lexias complexas são aquelas unidades lexicais que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de unidades, embora correspondam a um único referente no plano da língua (BIDERMAN, 1996, p. 33, grifo da autora).

Em virtude de Pottier (1972) incluir as palavras gramaticais no conceito de *lexias*, também é válido considerar sua proposta de divisão:

Lexia simples: *árvore, saiu, entre, agora*; lexia composta: *primeiro-ministro, mata-burro, guarda-chuva, mata-borrão, guarda-roupa*; lexia complexa estável: *à punhaladas, ponte levadiça, estado de sítio, mesa-redonda, recém-nascido, mortalidade infantil, uma estação espacial, Cidade Universitária*; lexia textual: “*quem tudo quer, tudo perde*” (POTTIER, 1972, p. 27, grifo do autor).

Podemos dizer que o uso do termo *lexia simples* não é divergente entre os autores mencionados, pelo contrário, é usual. Já o uso de termos que dizem respeito a unidades formadas por mais de uma palavra é diversificado, além de ser um tema complexo. As *lexias compostas, complexas e textuais* também são chamadas de *fraseologismos*. De acordo com Tagnin (2011), fazem parte do estudo da Fraseologia:

colocações (coocorrência de palavras) de vários tipos, tais como *praça pública, controle de qualidade, mentira deslavada, executar uma tarefa, chover torrencialmente* até expressões idiomáticas (*pagar o pato, estourar a boca do balão*), provérbios (*Quem tudo der, tudo perde*) e fórmulas situacionais (*Parabéns, Vai tirar o pai da força? Sorte sua!*). Em outras palavras, os fraseologismos referem-se a combinações de palavras que ocorrem de forma recorrente em dado idioma (TAGNIN, 2011, p. 277-278, grifo da autora).

Embora possamos notar o quanto a própria terminologia acerca das unidades formadas por mais de uma palavra é diversa, um primeiro conceito pode ser firmado: os fraseologismos têm como característica a frequência ou recorrência, o que permite que seu uso seja cristalizado. Segundo Welker (2004), “todos os fraseologismos se caracterizam pela polilexicalidade e pela relativa fixidez” (WELKER, 2004, p. 164). Essa “relativa fixidez” tem a ver com a seguinte alusão:

não existem critérios teóricos abrangentes e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades complexas de um idioma. Aliás, o fenômeno da lexicalização de combinatórias lexicais (sintagmas discursivos) não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável. Acresce ainda que os falantes muitas vezes discordam sobre o grau de cristalização de tais sequências. Assim, as fronteiras de demarcação do que já está estocado no tesouro lexical da língua e o que é combinatória discursiva são fluidas (BIDERMAN, 2005, p. 747).

Dessa forma, além de essa “relativa fixidez” trazer dificuldades para que o pesquisador ou falante de uma língua identifique uma unidade formada por mais de uma palavra, Biderman (2005) explica que pode ocorrer de os próprios usuários da língua não entrarem em um acordo no que se refere à cristalização dos fraseologismos.

Conforme a referida autora, os fraseologismos dividem-se em expressões fraseológicas idiomáticas (EIs) e não idiomáticas:

o significado global da EIs pode depender ou não do significado de suas unidades léxicas componentes. As EIs são expressões semanticamente opacas cujo significado não depende do sentido de cada um de seus componentes. Por outro lado, **colocações** são sequências semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais que geralmente coocorrem (BIDERMAN, 2005, p. 751, grifo da autora).

Outro termo usado para indicar a existência de uma unidade formada por mais de uma palavra é *locução* e costuma ser usado para se referir às palavras gramaticais:

Embora as UFs sejam estruturalmente complexas, tanto sintática como semanticamente, elas se comportam como verbos, substantivos, advérbios,

adjetivos, preposições, etc. Um grande número de expressões que pertencem às categorias sintáticas menores tais como preposição, advérbio, etc. são, em geral, denominadas *locuções* nas gramáticas tradicionais e nos dicionários (BIDERMAN, 2005, p. 752, grifo da autora).

Os autores Villavicencio & Ramisch (2010) usam o termo *Expressões Multipalavras* (EMs) para tratar das complexidades teóricas referentes aos fraseologismos já apresentados, de maneira breve, nesta seção.

A partir do que foi exposto, esclarecemos que, por uma questão de coerência em relação à adoção do termo *palavra* nesta pesquisa, utilizamos o termo *multipalavra* para aludirmos às unidades alvo deste trabalho (aos elementos coesivos sequenciais) formadas por mais de uma palavra. Em oposição, usamos o termo *unipalavra* para nos referirmos às unidades formadas apenas por uma única palavra. A nossa opção terminológica *multipalavra* refere-se ao conceito mais abrangente de *fraseologismos*, subdivididos em idiomáticos e não idiomáticos (coocorrências). E a nossa opção terminológica *unipalavra* envolve lexias simples formadas tanto por uma palavra lexical quanto por uma palavra gramatical.

Após essa introdução sobre a Lexicografia e alguns de seus termos e conceitos, seguimos com o respaldo teórico acerca da Lexicografia Pedagógica. Esta se trata de um ramo da Lexicografia e é importante para nossa pesquisa, uma vez que estamos lidando com dicionários escolares.

2.1.2 Lexicografia Pedagógica

De acordo com Krieger (2011), a Lexicografia Pedagógica (doravante LP) é uma área ainda muito recente no Brasil. O crescimento dela é estimulado “pela consciência do potencial didático dos dicionários” (KRIEGER, 2011, p. 103) e devido à “preocupação da adequação e da qualidade das obras usadas no ensino de línguas” (idem).

Para Welker (2011), a separação entre prática e teoria também deve ser empregada na LP. “Na Lexicografia Pedagógica Prática, elaboram-se dicionários pedagógicos; na Lexicografia Pedagógica Teórica (chamada por alguns de *Metalexicografia Pedagógica*) estudam-se os dicionários pedagógicos” (WELKER, 2011, p. 104, grifo do autor).

Welker (2011) esclarece que a LP não considera como dicionário pedagógico qualquer obra de consulta utilizada no ambiente de ensino e aprendizagem. Para o autor, dicionários pedagógicos “são um tipo especial de obras de referência. Sua característica é que eles pretendem levar em conta as habilidades (e, portanto, também as dificuldades) e as

necessidades de consulta dos aprendizes” (WELKER, 2011, p. 105). Welker (2011) também afirma que:

Os dicionários comuns – quer gerais, quer especiais, como o *Aurélio* ou um dicionário de sinônimos ou técnico – não são dicionários pedagógicos, mesmo quando consultados por aprendizes, e quando se estudam tais dicionários (analisando seu conteúdo ou pesquisando seu uso) **não** se está no âmbito da Lexicografia Pedagógica (WELKER, 2011, p. 105, grifo do autor).

De acordo com Welker (2008a), a Lexicografia Pedagógica preocupa-se com a elaboração de dicionários direcionados para aqueles que aprendem tanto a língua materna quanto uma língua estrangeira. Para a elaboração de um dicionário pedagógico, há em vista um público-alvo com um perfil bem definido, o que não ocorre para a construção de um dicionário comum de língua que tem um público-alvo geral. Isso significa que a Lexicografia Pedagógica não diz respeito aos dicionários que funcionam como instrumentos informativos ou repositórios, mas sim aos dicionários que auxiliam determinado tipo de consultante no processo de ensino e aprendizagem de uma língua.

Krieger (2011) considera que todo dicionário é didático, porque, geralmente, ele apresenta várias informações, inclusive culturais, a respeito do léxico de uma língua e, assim, auxilia o consultante a ler, a escrever e a falar. No entanto, a autora afirma que, embora qualquer dicionário tenha esse cunho didático, “a Lexicografia Pedagógica tem preocupações com as especificidades estruturais de um dicionário, de modo a identificar a obra que pode ser chamada de dicionário escolar” (KRIEGER, 2011, p. 110).

Welker (2011) ressalta que geralmente as informações presentes em qualquer dicionário são apresentadas de maneira “pouco didática” (WELKER, 2011, p. 112). Para o autor, “os dicionários, em geral, não ensinam, eles **informam**, fornecem informações sobre itens lexicais” (idem, grifo do autor). Devido a essa perspectiva do autor, ele esclarece que os termos *didático* e *pedagógico* não devem ser entendidos como sinônimos, e sim ser diferenciados.

Enquanto o adjetivo *pedagógico* – em Lexicografia – se refere a um **tipo** específico de dicionários (aqueles que se destinam a aprendizes de línguas), *didático* deveria ser empregado para falar da **maneira** pela qual são fornecidas as informações: de maneira bem – ou pouco – didática, bem – ou pouco – clara, adaptada, ou não, às habilidades dos usuários. Dessa forma, os dicionários pedagógicos variam em sua qualidade didática (WELKER, 2011, p. 113, grifo do autor).

Em suma, podemos dizer que o dicionário comum, por apresentar uma definição, explicação ou instrução sobre o léxico de uma língua, pode sim ser considerado um instrumento didático. Mas não podemos perder de vista que não são todos os dicionários que estão preocupados com a maneira de apresentar as informações. Em relação a essa questão, vale destacar que Bugueño Miranda (2005) chama a atenção para a necessidade de haver melhorias nesse quesito: o lexicógrafo deve ser empático com o consultante. O autor menciona que é possível prever algumas características desse público, que é tão amplo, tais como:

o usuário deseja percorrer o menor caminho possível para procurar informação dentro de um dicionário. Também é possível pensar que o usuário outorga ao dicionário o status de uma autoridade sancionadora em matéria idiomática (como se escreve corretamente uma palavra determinada, se para uma palavra são apresentadas duas formas, qual a mais correta, etc.) (BUGUEÑO MIRANDA, 2005, p. 19).

Ademais, Bugueño Miranda (2005) afirma que o lexicógrafo deve pensar sobre as informações que o consultante deseja ver numa obra de consulta e sobre quais delas o dicionário deve oferecer ou não.

Sobre os dicionários pedagógicos, podemos dizer que são necessariamente didáticos, porque essa característica é uma condição para que sejam classificados de tal forma. Ou seja, nos dicionários pedagógicos, as informações precisam estar expostas de maneira clara e eficiente, de modo que o público-alvo possa realmente compreender aquilo que está sendo consultado.

Conforme Welker (2008b), os dicionários pedagógicos monolíngues de língua portuguesa no Brasil remetem-se aos dicionários escolares, no entanto o autor nos alerta para o fato de que é preciso averiguar se os dicionários escolares são realmente pedagógicos, isto é, destinados ao perfil dos alunos do Ensino Básico.

Segundo Krieger (2011), quatro componentes fundamentais devem ser verificados num dicionário escolar para saber se ele está adequado às necessidades do estudante: “a seleção de entradas, o conjunto de informações do verbete, o nível de linguagem e a forma gráfica” (KRIEGER, 2011, p. 110).

A referida autora explica que, em relação à nomenclatura, faltam estudos no Brasil que deem melhor suporte a essa escolha de acordo com a idade de cada estudante. No que se refere às informações e à linguagem usada para esclarecê-las, Krieger (2011) ressalta que não podemos usar uma linguagem simplista e, consequentemente, vaga, como no exemplo: “morango = pequena fruta vermelha” (KRIEGER, 2011, p. 111), nem uma linguagem

complexa que dificulte o entendimento do consulente, por exemplo: “inflorescência = peça florífera com mais de uma flor num pedúnculo” (idem).

Krieger (2011) menciona ainda que os recursos gráficos são importantes e podem, por exemplo, cumprir a função de evidenciar a divisão silábica ou a acentuação. Além disso, algumas vezes, aludem a ilustrações que podem representar bem o item lexical, como no caso da imagem de um morango.

A seguir, apresentamos os quatro tipos de dicionários escolares classificados pelo PNLD 2012. Nossa pesquisa tem como foco os dicionários Tipo 4.

2.1.2.1 Programa Nacional do Livro Didático: dicionários escolares

De acordo com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (doravante FNDE), no Brasil, desde 1929 há programas que são criados pelo Ministério da Educação (doravante MEC) para cuidarem da distribuição de livros didáticos aos alunos de escolas públicas. O PNLD, que surgiu em 1985, é o programa atual².

Segundo Krieger (2006), o PNLD passou a incluir a Lexicografia em 2001 a partir do momento em que se dedicou à seleção de dicionários que seriam distribuídos nas escolas. Conforme Damim & Peruzzo (2006), com isso, as editoras passaram a modificar os dicionários de acordo com os critérios estabelecidos pelo MEC. Consoante Damim & Peruzzo (2006), esses critérios vêm sendo aperfeiçoados à medida que os processos avaliativos ocorrem.

Damim & Peruzzo (2006), com base numa matéria publicada pelo jornal Zero Hora em 18 de fevereiro de 2001, mencionam que, na avaliação de 2001, que foi a primeira, dos 23 dicionários que participaram do processo seletivo, 11 foram julgados como inadequados. Conforme as referidas autoras, na época, os alunos de 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental receberam um único tipo de dicionário: o minidicionário. Essa informação vai ao encontro do que Krieger (2006) afirma: “anteriormente, no âmbito do PNLD, só havia a possibilidade de inscrição de obras do tipo 3, as quais costumam corresponder aos minidicionários, compreendidos como dicionários escolares” (KRIEGER, 2006, p. 238).

Krieger (2011) menciona que, no Brasil, há uma confusão entre dicionários escolares e minidicionários. Frequentemente, estes, por serem de tamanho reduzido, são considerados adequados “ao ensino, mais que isto, ao nível de aprendizagem do aluno” (KRIEGER, 2011,

² As informações foram obtidas no site: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>>.

p. 110). Como vimos na seção anterior, tal característica não é suficiente para que uma obra de consulta seja considerada pedagógica, isto é, que leve em conta o perfil do consulente.

Segundo Damim (2005), a avaliação do PNLD de 2001 elegeu seis dicionários como os melhores: Dicionário Didático de Português (2001), Dicionário Júnior da Língua Portuguesa (2001), Mini Aurélio Século XXI (2002), Minidicionário Ruth Rocha (2003), Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa (2001) e Minidicionário Luft (2002). Em sua dissertação, Damim (2005) elencou parâmetros para a caracterização e avaliação de dicionários escolares e analisou as seis obras em questão. A referida autora chegou à conclusão de que esse grupo de dicionários é “um conjunto efetivamente heterogêneo” (DAMIM, 2005, p. 198) e de que “parece não existir [...] uma correspondência entre as necessidades de seu público-alvo e as características das obras” (idem). A seguir expomos dois trechos que resumem alguns dos resultados alcançados por Damim (2005):

As evidências obtidas revelam que os parâmetros macroestruturais são diferentes entre os dicionários em questão; que não há um comprometimento com um programa constante de informações em nível microestrutural; que apesar de todos os dicionários possuírem um sistema de remissões, a medioestrutura nem sempre é suficientemente eficaz e que não há um aproveitamento do potencial do material externo, pois seus componentes não são tidos como essenciais no conjunto de obras analisadas (DAMIM, 2005, p. 189).

A maioria dos dicionários escolares sob exame não possui características que permitem diferenciá-los de outros tipos de obras lexicográficas na medida em que o conceito de dicionário escolar posto à mostra pelo conjunto de obras analisadas não é minimamente consensual. Considerado como um conjunto desigual em seu todo, seria impossível reconhecê-lo como uma categoria tão bem delimitada que fosse capaz de se diferenciar em relação a outros tipos (DAMIM, 2005, p. 197).

Para nós, o estudo de Damim (2005) nos mostra que é preciso dar mais atenção aos dicionários que são classificados como escolares, ou seja, é necessário que nos esforcemos para que a questão de não haver elementos que distingam os dicionários escolares de outros não continue sendo recorrente no Brasil. Finatto (1993), em sua dissertação de mestrado, analisou a organização microestrutural de substantivos em 14 dicionários monolíngues de língua portuguesa que foram publicados entre 1813 e 1991. Dentre as 14 obras, Finatto (1993) observou que duas – Dicionário da Língua Portuguesa (1813), de Antonio de Moraes Silva, e Dicionário Prosódico de Portugal e Brasil (1890), de Antonio José de Carvalho – eram similares aos dicionários escolares Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa (1984), de Celso Pedro Luft, e Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (1970), de Francisco da Silveira

Bueno. Esses quatro dicionários foram denominados respectivamente por Finatto (1993) como D1, D3, D9 e D12. Segundo a autora:

[...] D1, D3, D9 e D12 apresentaram comportamento microestrutural similar. Estes dicionários têm em média, nos dois conjuntos de verbetes, microestruturas de grau 4 (CF + CS + Anexo + Comentário). Este dado revela um padrão curioso, já que os menores níveis de elaboração estrutural ocorreram nesses dicionários. [...] se D12 e D9 podem ser considerados dicionários do tipo escolar, então a mesma categorização pode ser estendida a D1 (Morais, 1813) e D3 (Dicionário Prosódico, 1890). Deste modo, podemos observar que o instrumental de análise também pode contribuir para uma possível classificação de dicionários. Assim, D1, apesar do reconhecimento da crítica especializada, pode ser considerado, comparativamente, como um tipo de dicionário escolar que tem número de verbetes superior aos demais. Deste modo, de acordo com o ponto de vista formal da análise, podemos concluir que a forma e a complexidade estrutural dos verbetes são elementos que também caracterizam o tipo de dicionário (FINATTO, 1993, p. 314).

Embora Finatto (1993) tenha comparado as quatro obras apenas do ponto de vista da forma da microestrutura, podemos dizer que a ausência de elementos que diferenciem os dicionários escolares de outros é uma questão historicamente marcante no Brasil e que não deve ser levada adiante.

Conforme Damim & Peruzzo (2006), “a estratégia adotada pelo MEC foi modificada na avaliação de 2005, quando se expandiu a avaliação para além do minidicionário” (DAMIM; PERUZZO, 2006, p. 95). A mudança do MEC consistiu em classificar os dicionários em três tipos que levam em consideração a série que o aluno cursa, ou seja, seu nível de estudo, e o número de verbetes do dicionário. De acordo com o FNDE, os dicionários Tipo 1 possuíam de 1 mil a 3 mil verbetes e eram destinados aos alunos que estavam iniciando a vida escolar e, em especial, conhecendo tal obra de consulta, os dicionários Tipo 2 tinham de 3,5 mil a 10 mil verbetes e eram para os alunos que estavam na etapa de formação da escrita, e os dicionários Tipo 3 apresentavam de 19 mil a 35 mil verbetes e eram para os alunos que já haviam adquirido a habilidade da escrita, tendo certo domínio sobre ela³. Em relação a essa mudança, Damim & Peruzzo (2006) afirmam:

A classificação proposta pelo MEC representa um avanço, pois até então não havia, de forma institucional, um reconhecimento dos diferentes usuários de dicionários escolares, uma vez que todos recebiam um único tipo de dicionário, independentemente de seu perfil. Além disso, o MEC, não apenas

³ As informações foram obtidas no site: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>>

classificou as obras recebidas, como também emitiu um juízo de valor sobre elas (DAMIM; PERUZZO, 2006, p.95).

Para Krieger (2006), essa proposta do MEC definiu novas exigências que contribuíram para o fortalecimento da LP no Brasil, tais como:

- a) definição de uma tipologia de dicionário para a escola;
- b) adoção do princípio de adequação entre tipo de obra e nível de aprendizado do aluno;
- c) criação de acervos lexicográficos para a sala de aula;
- d) elaboração de manual do professor com orientações para conhecimento da estrutura das obras, bem como para um uso produtivo;
- e) exigência de explicitação da proposta lexicográfica (KRIEGER, 2006, p. 237).

Conforme Krieger (2006), a descrição sobre a proposta lexicográfica, que não era uma ação comum no Brasil, exige o esclarecimento de informações como:

- o nível de escolaridade do aluno a que a obra se destina;
- o critério de seleção vocabular que presidiu à organização da obra;
- o critério de seleção de temas, em caso de obras temáticas;
- o número total de entradas e de ilustrações;
- o tamanho e o tipo de fonte empregada (KRIEGER, 2006, p. 241).

Krieger (2006) afirma que essa nova forma de selecionar os dicionários, especialmente por tipologias, colaborou para:

- evidenciar o valor do dicionário como instrumento didático para o ensino da língua materna, servindo também a outras disciplinas;
- instigar a reflexão sobre lexicografia didática e a divulgação de seu conceito como uma produção dicionarística que compreende obras cujas estruturas e tratamento dos dados buscam ser adequados aos usuários-alunos em suas distintas fases de ensino/aprendizagem.
- reverter a concepção de dicionário escolar como sinônimo absoluto de minidicionário, ao abranger uma multiplicidade de produtos (KRIEGER, 2006, p. 251).

A seguir, expomos, no Quadro 1, a tipologia dos dicionários que atualmente vigora:

Quadro 1 – Tipos de dicionário

Tipos de dicionários	Etapas de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; Proposta Lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.

Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionários de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: BRASIL, 2012, p. 19.

Dois dos dicionários com os quais trabalhamos nesta dissertação são de Tipo 4. Diante da descrição do Tipo 4, será que podemos dizer que as obras destinadas aos alunos são dicionários pedagógicos, ou seja, atendem, conforme exposto, às necessidades deles? Ter o dicionário padrão como parâmetro para a elaboração de um dicionário pedagógico para os alunos do Ensino Médio é suficiente para a compreensão das palavras que estamos lidando nesta pesquisa?

Os títulos recomendados para representar o Tipo 4 e que, inclusive, já foram entregues às escolas públicas são quatro:

1. Bechara, Evanildo. Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [51.210 entradas (verbetes e locuções)]
2. Borba, Francisco S. Dicionário Unesp do português contemporâneo. Curitiba: Piá, 2011. [58.237 verbetes]
3. Geiger, Paulo (org.). Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [75.756 verbetes]
4. Houaiss, Antônio (org.) & Villar, Mauro de Salles (ed. resp.). Dicionário Houaiss conciso. São Paulo: Moderna, 2011. [41.243 verbetes] (BRASIL, 2012, p. 35).

A partir do momento em que analisarmos a definição dos elementos coesivos sequenciais nos dicionários Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua

portuguesa e Dicionário Houaiss conciso e fizermos a comparação com os dicionários *thesaurus Aulete* e *Houaiss*, esperamos responder às perguntas expostas.

2.1.3 A constituição dos dicionários

O conteúdo abordado, nesta seção, refere-se aos dicionários de tipo semasiológico, ou seja, aqueles em que, segundo Babini (2006), os consultantes partem do significante, isto é, da forma escrita ou sonora de uma palavra, a fim de chegarem a um conceito sobre ela. Não nos preocupamos em explanar sobre as especificidades dos dicionários onomasiológicos que, ao contrário dos semasiológicos, consoante Babini (2006), propiciam aos usuários partirem de um conceito ou ideia em busca de formas de expressá-lo.

Segundo Bugueño Miranda e Borba (2012), quando nos referimos à constituição dos dicionários semasiológicos, devemos levar em consideração quatro componentes: a macroestrutura, a microestrutura, a medioestrutura e o *Outside Matter*. A seguir, explanamos brevemente sobre a macroestrutura, a medioestrutura e o *Outside Matter* e abordamos, de maneira mais extensa, a microestrutura, pois esta é nosso principal objeto de estudo.

2.1.3.1 Macroestrutura, Medioestrutura e *Outside Matter*

De acordo com Welker (2004), a macroestrutura pode referir-se ao conjunto de palavras-entrada de um dicionário (denominado também como *nomenclatura*) e ao modo como elas estão organizadas na obra. Segundo o autor, algumas questões podem nortear a macroestrutura de uma obra de consulta: “O arranjo das entradas é temático ou alfabético? Os verbetes têm todos o mesmo formato? Há ilustrações gráficas e/ou tabelas no meio dos verbetes? Informações sintáticas ou outras estão colocadas fora do bloco do verbete?” (WELKER, 2004, p. 81). Em relação à macroestrutura, Bugueño Miranda (2005) acrescenta outras perguntas:

Quantas unidades devem constituir o conjunto de entradas ordenadas? Que tipo de unidades constituem ou podem constituir esse conjunto de entradas ordenadas? Como dispor esse conjunto de entradas ordenadas? Como resolver o problema da escolha entre formas mais legitimadas frente a outras menos legitimadas? (BUGUEÑO MIRANDA, 2005, p. 18).

Conforme Welker (2004), as palavras-entradas frequentemente são organizadas por ordem alfabética da grafia, e a quantidade de entradas depende das decisões tomadas pelo lexicógrafo e pela editora, tendo em vista o dicionário que desejam lançar no mercado. Nesse caso, é fundamental pensar para qual público-alvo a obra de consulta será direcionada: adultos, crianças, jovens estudantes etc. Aliás, sobre isso, Bugueño Miranda (2005) menciona que, desde a década de 1980, especialistas vêm ponderando sobre a necessidade de o dicionário ser elaborado para um público-alvo específico, sendo, portanto, uma obra “monofuncional”. Com base em Bugueño Miranda (2005), se é senso comum o fato de que nenhum dicionário consegue reunir o léxico total de uma língua e também não consegue satisfazer a todos os diversos consulentes, a tendência é que eles sejam produzidos de forma a alcançar objetivos mais restritos.

Outro ponto discutido por Welker (2004) e Bugueño Miranda (2005) é a determinação de quais palavras devem constituir a nomenclatura. Nesse caso, os dois autores referem-se ao critério da frequência para os dicionários não especializados. Bugueño Miranda (2005) aponta também para o critério da sincronia. Ambos os autores lembram que a separação de palavras polissêmicas ou homonímicas também influencia no tamanho da nomenclatura e mencionam ainda a determinação de subentradas.

Sobre a origem das entradas, Welker (2004) afirma que, atualmente, é essencial que os lexicógrafos trabalhem com *corpora* eletrônicos para extrair desse material as palavras mais frequentes. Além disso, ele menciona que “geralmente, toma-se como lema/entrada a forma ‘básica’ ou ‘canônica’ do lexema: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos” (WELKER, 2004, p. 91), mas o autor destaca que isso pode ser mudado tendo em vista as necessidades do usuário. Com base em Welker (2004), podemos exemplificar essa questão da seguinte maneira: se um estudante estrangeiro ainda não conhece as formas flexionadas de um verbo na língua portuguesa e precisa encontrar o significado de um, é conveniente que um dicionário, elaborado para aprendizes de língua portuguesa como língua estrangeira, apresente entradas flexionadas que se remetam ao verbo no infinitivo.

Partindo para a medioestrutura, esta diz respeito, conforme Bugueño Miranda e Borba (2012), a todo o “sistema de remissões” (BUGUEÑO MIRANDA; BORBA, 2005, p. 33) que existe em um dicionário. A medioestrutura está bastante interligada aos demais componentes do dicionário, pois, segundo os referidos autores, as remissões podem ocorrer entre elementos que fazem parte da macro e da microestrutura, podem partir de elementos da macro ou microestrutura para o *Outside Matter* ou ainda de um elemento da macro ou microestrutura para outro dicionário.

O *Outside Matter*, consoante Bugueño Miranda e Borba (2012), comprehende os textos que fazem parte do dicionário, mas não da macroestrutura em si. O primeiro é o *Front Matter*, que é (são) o(s) texto(s) precedente(s) à macroestrutura, como a introdução; o *Middle Matter* diz respeito aos textos presentes entre a macro e a microestrutura. Conforme Welker (2004) explica, os *Middle Matter* são os textos internos do dicionário, “em vez de estar no início ou no final, um resumo de gramática ou uma lista de verbos irregulares pode estar no meio do corpo do dicionário” (WELKER, 2004, p. 79). E, por último, existem os *Back Matter*, que, conforme Bugueño Miranda e Borba (2012), são os textos que vêm depois da macroestrutura, por exemplo: lista de países, nacionalidades, idiomas e moedas, quadro de algarismos, de numerais etc.

2.1.3.2 A microestrutura

A microestrutura é “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada” (REY-DEBOVE, 1971, apud WELKER, 2004, p. 107) e deve ser elaborada seguindo um “programa constante de informação” (REY-DEBOVE, 1971, apud WELKER, 2004, p. 108). Esse programa constitui um padrão e é estabelecido para que a definição seja planejada e empregada do mesmo modo para todas as palavras-entradas. A referida autora afirma que, uma vez que não há para todas as palavras as mesmas informações, existe o “grau zero de informação” (idem).

Uma observação em relação à padronização, feita por Wiegand (1989 apud Welker 2004), é que para cada tipo de palavra-entrada pode existir um modo distinto de estruturar a microestrutura, por exemplo, “o verbete de uma interjeição não precisa seguir o padrão do verbete de um verbo; mas dentro de cada tipo deve haver padronização sim” (WELKER, 2004, p. 108).

Além disso, conforme Wiegand (1989 apud Welker 2004), para a elaboração de um dicionário, é preciso planejar a *microestrutura abstrata*, que se refere à organização das informações que serão expostas a respeito da entrada, já mencionada por Rey Debove (1971). É a partir da microestrutura abstrata que podemos começar a produzir a *microestrutura concreta*, que, segundo Wiegand (1989 apud Welker 2004), é, de fato, preenchida com os dados da palavra-entrada. Conforme Farias (2013) explica, nem sempre todas as informações que foram planejadas na microestrutura abstrata estarão presentes na microestrutura concreta, devido à natureza da palavra-entrada. Por isso, existe o “grau de informação zero”.

A microestrutura, segundo Andrade (2000), é composta pela palavra-entrada mais o enunciado lexicográfico. Consoante a autora, as informações do enunciado lexicográfico são classificadas sob três paradigmas: o informacional (PI); o definicional (PD) e o pragmático (PP). O PI diz respeito a “abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, campos léxico-semânticos etc.” (ANDRADE, 2000). O PD é a descrição da definição. E o PP refere-se aos exemplos e abonações utilizados para ilustrar a definição. Vale ressaltar que a quantidade e a ordem das informações que dizem respeito a cada um dos paradigmas são variáveis, pois depende do planejamento que o lexicógrafo faz para a obra de consulta.

Podemos acrescentar outras informações paradigmáticas mencionadas por Welker (2004), tais como: variações ortográficas (por exemplo, se procuramos o que é “mozzarella” no Houaiss (2009), a variante encontrada é “muçarela”); etimologia (origem da palavra); marcas de uso (se a palavra refere-se a um regionalismo, a uma gíria, se é usada em contextos formais ou informais, se é um arcaísmo ou um neologismo, se é um estrangeirismo; se é chula; se é própria da escrita ou da oralidade; se é um termo técnico; se é frequente ou rara); informações sintáticas (por exemplo, se o verbo pede um complemento ou se o substantivo deve anteceder determinada preposição); colocações (indicam quais palavras estão frequentemente na companhia de outras, por exemplo, o verbo “prestar” é usado ao lado de palavras como: declarações, depoimento e atenção); fraseologismos (expressões idiomáticas, sintagmas, provérbios, colocações e máximas); remissões (remissões externas são aquelas que se referem a fontes, a informações ou a dados que não são localizados dentro do dicionário, mas fora dele, e as remissões internas são aquelas geralmente indicadas por meio da palavra “ver” ou pelo uso de setas, as informações, nesse caso, são encontradas na própria obra de consulta).

Exemplificamos tais aspectos que fazem parte da elaboração da microestrutura a partir de uma parte que compõe a definição da palavra-entrada ou lema *jogar*:

jogar verbo transitivo direto e intransitivo 1 divertir-se, entreter-se com (um jogo) Exs.: j. xadrez, cartas, videogames as crianças passaram horas jogando tranquilas (HOUAISS, 2009).
--

Não podemos dizer todas as informações que foram previstas para a microestrutura abstrata da classe gramatical “verbo”. Mas podemos descrever a microestrutura concreta de “jogar”, que é constituída da palavra-entrada “jogar” + enunciado lexicográfico. Este possui a

seguinte ordem em relação às informações paradigmáticas: PI (classe gramatical: verbo) + PI (informação sintática: transitivo direto e indireto) + PD (definição elaborada por sinônima: divertir-se, entreter-se com (um jogo)) + PP (exemplos: j. xadrez, cartas, videogames: as crianças passaram horas jogando tranquilas).

Outra questão importante relativa à microestrutura (e que também pode influenciar na macroestrutura) tem a ver com os fenômenos denominados homonímia e polissemia. Segundo Cançado (2008), “palavras polissêmicas serão listadas como tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais” (CANÇADO, 2008, p. 64). Vale ressaltar, com base em Welker (2004), que nem sempre as acepções das palavras polissêmicas constarão numa única entrada lexical; pode ocorrer de cada acepção constituir uma nova palavra-entrada, isso depende da decisão do lexicógrafo em relação à organização do dicionário.

De acordo com Cançado (2008), tanto a homonímia quanto a polissemia referem-se a palavras que são semelhantes do ponto de vista fonológico, porém possuem sentidos diferentes. A autora explica que fazem parte do fenômeno da homonímia as palavras que são homógrafas e homófonas. As homógrafas têm “sentidos totalmente diferentes para a mesma grafia e o mesmo som” (CANÇADO, 2008, p. 63). A autora cita como exemplo a palavra “banco” que pode significar instituição financeira ou assento. As homófonas possuem “sentidos totalmente diferentes para o mesmo som de grafias diferentes” (idem). Cançado (2008) exemplifica com as palavras “sexta” e “cesta”.

Como pudemos ver, no fenômeno da homonímia, as palavras sempre possuem sentidos completamente diferentes. Já na polissemia, de acordo com a autora, os sentidos da palavra estão relacionados de alguma forma. Por exemplo, “pé: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página etc.” (CANÇADO, 2008, p. 64). Consoante a autora, nesse caso, em todas as expressões, “pé” é considerado como a “base”.

A principal questão é que diferenciar os dois fenômenos não é simples. Cançado (2008) exemplifica com a seguinte frase: “O Henrique cortou a folha” (CANÇADO, 2008, p. 64). A autora explica que a folha pode ser de papel ou de uma árvore e questiona se esses sentidos se relacionam e em quê. Cançado (2008) esclarece que, para distinguir palavras homônimas de polissêmicas, normalmente, “usamos a nossa intuição de falantes e, às vezes, os nossos conhecimentos históricos a respeito dos itens lexicais” (idem), mas nem sempre tais métodos funcionam, porque pode haver discordância entre os falantes, às vezes não há dados históricos sobre as palavras ou ainda esses dados não são relevantes para o sentido que a palavra assume atualmente. Além disso, a autora destaca que uma palavra pode envolver os

dois fenômenos: “pasta: pasta de dente, pasta de comer (sentido básico = massa); pasta: pasta de couro, pasta ministerial (sentido básico: lugar específico)” (idem).

De acordo com Welker (2004), depois de definir que ocorre o fenômeno da polissemia com uma palavra, ainda é preciso estabelecer critérios para organizar a ordem das acepções. Conforme o referido autor, às vezes, esses critérios podem estar relacionados à natureza da palavra, por exemplo, para os verbos, podemos usar critérios sintáticos, como regência (que diz respeito à exigência de preposições) ou valência (relacionada aos complementos do verbo), ou não, podemos usar como critério a frequência.

2.1.3.2.1 Microestrutura: a definição lexicográfica

Consoante Finatto (1998), existem as definições lexicográficas, enciclopédicas e terminológicas.

As terminológicas “trazem predominantemente conhecimentos formais sobre ‘coisas’ ou fenômenos” (FINATTO, 1998, p. 2). Podemos dizer que tratam dos conceitos referentes aos termos de uma área de especialidade. Um exemplo de recurso de consulta no qual podemos encontrar definições terminológicas é o Vocabulário Técnico Online (VoTec), planejado por Fromm (2007).

As definições enciclopédicas “se ocupam mais de referentes e de descrição de ‘coisas’” (FINATTO, 1998, p. 2). As enciclopédias são obras de consulta que possuem um conteúdo abrangente em relação ao conhecimento humano, por isso suas definições elencam o máximo de informações para cada palavra. Para ilustrar tal tipo de recurso, podemos nos lembrar da *Wikipédia*.

E as definições lexicográficas “caracterizam-se pela predominância de informações linguísticas, tratando mais de ‘palavras’” (FINATTO, 1998, p. 2). As obras lexicográficas tratam do léxico geral de uma língua, não se restringem aos termos de uma área técnica nem são responsáveis por tratarem de todas as coisas relativas ao conhecimento humano, por isso suas definições não são tão restritas quanto as terminológicas nem são tão gerais quanto as enciclopédicas. Podemos citar como exemplos de obras lexicográficas os dicionários Houaiss e Aulete que estão sendo estudados nesta pesquisa.

Vale destacar que, embora tentemos estabelecer as diferenças entre esses tipos de definição, “tal tipologia, como qualquer outra, naturalmente tem suas dificuldades, pois sempre ocorrem situações em que não há marcas precisas entre um e outro tipo definitório” (FINATTO, 1998, p. 2).

Nesta seção, abordamos especificamente a definição lexicográfica. Segundo Weinreich (1984), a ação de definir é “um universal cultural. Quer dizer, todas as línguas fornecem um modo de perguntar: ‘O que é um X?’” (WEINREICH, 1984, p. 116). Conforme o autor, os seres humanos questionam sobre o significado das palavras e das coisas do mundo e sabem, em alguns momentos, formular respostas aceitáveis. Mas podemos dizer que definir, do ponto de vista da Lexicografia, não é uma tarefa fácil e que provê resultados totalmente positivos e eficientes.

Para Weinreich (1984), definir é descrever semanticamente uma palavra, é estabelecer o significado. Consoante Biderman (1984), definir uma palavra é elaborar “uma paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente” (BIDERMAN, 1984, p. 32) ou “uma paráfrase do significado” (BIDERMAN, 1984, p. 31). Conforme Dubois et al (2006), a “definição é a análise semântica da palavra de entrada. Consta de uma série de paráfrases sinonímicas da palavra de entrada, constituindo cada paráfrase, distinta das outras, um sentido ou, na terminologia lexicográfica, uma acepção” (DUBOIS et al, 2006, p. 167). Dessa forma, para estabelecer o significado de uma palavra, em primeiro lugar, é preciso apoiar-se numa teoria sobre o significado.

Além disso, também é necessário pensar sobre como a definição lexicográfica será redigida. Nesse sentido, é preciso escolher uma metalínguagem para elaborá-la. Há a metalíngua que “analisa o definido (a palavra) enquanto expressão de um conceito” (REY-DEBOVE, 1967 apud BIDERMAN, 1993, p. 24) e a que “analisa o definido enquanto elemento de um sistema da língua” (idem).

Também é fundamental estabelecer qual tipo de definição lexicográfica será utilizada. Limitamo-nos a mencionar alguns.

O primeiro tipo de definição lexicográfica que apresentamos é a definição aristotélica ou analítica. Welker (2004), com base em Imbs (1960), a exemplifica da seguinte forma: “para definir *cadeira*, por exemplo, usa-se o *genus proximum* (gênero próximo), isto é, o hiperônimo, *móvel* e as *differentiae specificae* (diferenças específicas) ‘para sentar-se’, ‘com encosto’, ‘para uma pessoa’ e, eventualmente, outros semas” (WELKER, 2004, p. 118, grifo do autor).

Na obra de Welker (2004), o autor expõe, com base em Béjoint (2000) e Zöfgen (1994), que a definição lexicográfica aristotélica, embora seja prestigiada, nem sempre é a melhor opção para todas as classes gramaticais de palavras e para todos os públicos-alvo existentes; uma boa definição, nessa perspectiva, é aquela que, de fato, atenda à necessidade do usuário, ou seja, aquela que ele entende e que o auxilia a empregar a palavra consultada.

Também consideramos válido discorrer sobre a definição sinonímica, que é realizada por meio de sinônimos e é o “método o menos científico possível, resultando [...] em pseudodefinições que estabelecem um círculo vicioso” (IMBS, 1960 apud WELKER, 2004, p. 118). Bugueño Miranda (2009a) menciona que, apesar de os especialistas, na área da Lexicografia, afirmarem que qualquer substituição da palavra-entrada é uma paráfrase, a definição por sinônimos gera dúvidas quanto ao seu prestígio, justamente por não corresponder a uma explicação sobre a palavra-entrada. Conforme Biderman (1984), a definição por sinônimos ainda ocorre principalmente para adjetivos e verbos. No entanto, a autora também ressalta que, frequentemente, essa técnica resulta em círculo vicioso, por isso é preciso dar lugar a paráfrases do significado. Sobre o círculo vicioso, Biderman (1984) esclarece que:

É frequente encontrar-se em dicionários do português e de outras línguas, sinônimos para explicar o significado da palavra entrada, ao invés de uma definição. Muitas vezes o consultante vai conferir o sentido dos sinônimos referidos e os verbetes consultados remetem-no de volta à palavra de que partiu, num autêntico círculo vicioso (BIDERMAN, 1984, p. 35).

Consoante Biderman (1984), existem as definições em que a palavra-entrada é definida pelo seu contrário, por exemplo, “desencanto = perda do encanto” (BIDERMAN, 1984, p. 35) e as definições que visam abordar os usos de palavras instrumentais, ou seja, que são pertencentes às classes: preposição, conjunção, artigo, pronome e parte dos advérbios.

Bugueño Miranda (2009a) é outro autor que trata dos tipos de definição. A título de exemplificação, podemos mencionar as definições extensionais e meronímicas. Nas extensionais, “a paráfrase assinala as unidades extralingüísticas às quais o signo-lema se aplica” (BUGUEÑO MIRANDA, 2009a, p. 253). Com base no referido autor, podemos exemplificá-la pensando na definição da palavra “planeta”; nesse caso, seriam elencados os nomes de planetas que conhecemos. Nas definições meronímicas, há “uma relação entre uma parte e o todo” (BUGUEÑO MIRANDA, 2009a, p. 254). Para ilustrá-la, podemos citar a palavra “capítulo”, que poderia ser definida em relação a livro como cada parte que o compõe.

Após termos apresentado alguns tipos de definição lexicográfica, consideramos importante discorrer sobre alguns critérios gerais para a formulação de uma definição.

Em primeiro lugar, a definição de uma palavra deve ser objetiva e clara para o consultante: “a tarefa é, portanto, achar palavras ‘econômicas’, isto é, aquelas que contenham muitos elementos significativos, mas se refiram ao conceito de maneira descomplicada” (REY-DEBOVE, 1966, p. 76 apud WELKER, 2004, p. 121). Em termos de simplicidade, é

importante que o hiperônimo ou arquilexema também seja uma palavra conhecida: “numa boa definição o arquilexema não deve ser menos comum do que o *definiendum*” (REY-DEBOVE, 1966, p. 82 apud WELKER, 2004, p. 121). O *definiendum* remete-se à palavra-entrada que recebe uma definição, ou seja, “é aquilo que deve ser definido” (WELKER, 2004, p. 120).

Biderman (1984), na mesma perspectiva, afirma que a definição “deve ser redigida em linguagem simples, escorreita e ter sido formulada utilizando-se palavras muito frequentes na língua, preferivelmente lexemas que façam parte do vocabulário básico” (BIDERMAN, 1984, p. 32). Consoante a autora, isso pode facilitar o entendimento do consultante em relação à palavra pesquisada no dicionário.

Ademais, é necessário evitar o uso de falsos arquilexemas:

Seria necessário examinar um outro tipo de falso arquilexema, a saber as expressões definitórias *espécie de*, *tipo de*. Caso elas se refiram a classes e espécies científicas, trata-se de arquilexemas. Mas se elas têm o significado popular “algo semelhante a” [...] não são arquilexemas e sim expressões da segunda metalinguagem. [...]. O uso de *espécie de* é uma falta de habilidade causada pela incapacidade de achar um arquilexema [p. ex. quando se define *tamborete* como *espécie de cadeira sem encosto*, em vez de *assento sem encosto*] (REY-DEBOVE, 1966, p. 95 apud WELKER, 2004, p. 122, grifo do autor).

Conforme Weinreich (1984), uma definição não pode ser muito abrangente a ponto de não especificar a palavra definida. Por exemplo: “*verst*: medida russa de comprimento” (WEINREICH, 1984, p. 109). Nesse caso, *verst* não é a unica medida russa de comprimento, o que a distingue das demais?

Por outro lado, a definição não pode conter informações excessivas, como ocorrem nas definições enciclopédias, por exemplo: “triângulo: figura que tem três lados e três ângulos cuja soma é 180°” (WEINREICH, 1984, p. 109). Conforme o autor, “figura que tem três lados” é suficiente para definir “triângulo”.

Além disso, Weinreich (1984) chama a atenção para o uso de uma linguagem muito especializada, para descrever, por exemplo, plantas e animais, visto que uma obra lexicográfica é feita para pessoas que não têm a obrigatoriedade de compreender termos de determinada área científica.

Andrade (2000) afirma que as definições negativas devem ser evitadas. Essas, na verdade, apenas dão características não pertencentes à palavra-entrada. A referida autora também deprecia as definições circulares, que não são esclarecedoras e fazem com que o consultante perca tempo em vão.

Weinreich (1984), considerando as exigências e problemáticas que envolvem o ato de definir na área da Lexicografia, afirma que não é necessário impor “que uma definição seja a reprodução perfeita de um significado, ou que o ‘*definiendum*’ seja distingível do ‘*definiens*’ por mera inspeção” (WEINREICH, 1984, p. 107, grifo do autor). Além disso, o referido autor esclarece que, diante de um trabalho que envolve uma língua natural, não é possível esperar que o “‘*definiendum*’ seja literalmente substitutível pelo ‘*definiens*’ num discurso normal” (WEINREICH, 1984, p. 107, grifo do autor). O *definiens* remete-se às palavras usadas para definir o *definiendum*, é a definição. “É aquilo que define” (WELKER, 2004, p. 120).

A partir das assertivas de Weinreich (1984), podemos dizer que nem todas as palavras-entradas podem ser substituídas, na língua em uso, pela definição que recebem. É o caso das palavras gramaticais, que devem apresentar como definição uma explicação sobre o uso delas. Também, se pensarmos numa definição por sinônima, podemos nos lembrar de que não existem sinônimos perfeitos, aliás, conforme o autor, eles são raros, portanto é compreensível a dificuldade que existe em criar uma definição que seja ideal, livre de problemas. Segundo Weinreich (1984):

O que estamos autorizados talvez a exigir de uma lexicografia racionalizada é que a codificação da gestalt do sentido no código descontínuo da metalinguagem definidora seja realizada sob certas restrições de forma e que a definição resultante seja aceitável para leigos que sejam representativos da língua e que tenham condições de entender as restrições formais que a governam (WEINREICH, 1984, p. 107).

Conforme o autor explica, um complicador para a elaboração de uma definição está no próprio fato de termos a língua natural como metalinguagem para efetuar tal atividade. Isso significa que nós apresentamos dificuldades para descrever ou conceituar as palavras e as coisas usando a nossa linguagem. Weinreich (1984) afirma que é um problema gestáltico e exemplifica: “Compare-se nossa eficiência em reconhecer rostos com nossa incapacidade de descrevê-los com palavras” (WEINREICH, 1984, p. 107). Independentemente disso, o autor pontua a importância de uma definição ser elaborada a partir de critérios, padrões e de modo que seja bem recebida pelo público-alvo.

2.1.3.2.2 Microestrutura: exemplos ou abonações?

Para Welker (2004), *exemplo* e *abonação* remetem-se a frases que ilustram como uma palavra é empregada. No entanto, os termos diferem-se no sentido de que a abonação tem por

base textos autênticos, enquanto o exemplo pode ser criado pelo lexicógrafo. O referido autor esclarece que, antigamente, o termo “abonação” referia-se aos exemplos extraídos de autores renomados, principalmente da área literária. No entanto, atualmente, textos científicos ou jornalísticos também são usados para isso.

Diante do fato de que existem os exemplos autênticos ou abonados e os exemplos inventados, Welker (2004) chega à conclusão de que o consultante, de qualquer forma, precisa confiar no trabalho do lexicógrafo. O autor pondera que os exemplos autênticos extraídos de um *corpus* têm vantagem na medida em que comprovam que a palavra de pesquisa já foi usada com determinada acepção. Mas, conforme o autor explica, podemos nos questionar se tal exemplo ocorreu apenas uma vez no *corpus* do qual foi retirado, caso o lexicógrafo não explicite com que frequência determinado uso da palavra-entrada foi encontrado. E os exemplos criados tanto podem facilitar a compreensão do consultante como também podem fazer surgir a desconfiança sobre a veracidade de tal ocorrência.

Welker (2004) nos apresenta mais um tipo de exemplo, que é o adaptado, isto é, aquele que tem por base o *corpus* e passa por mudanças realizadas pelo dicionarista. O autor posiciona-se e afirma que, para ele, tanto os exemplos inventados quanto os exemplos adaptados devem fazer parte de uma mesma categoria que abarca usos que não existem na realidade, mas apenas na mente do dicionarista.

Entre criar um exemplo e adaptá-lo, Welker (2004) menciona que é preferível que o lexicógrafo crie seus próprios exemplos e, posteriormente, verifique-os em um *corpus*, a fim de constatar se a sua criação aproxima-se da realidade. Assim, há ao menos um *corpus* como ponto de referência e de chegada. Isso não ocorre nos exemplos adaptados, que, embora partam de um *corpus*, têm como ponto final apenas a mente do lexicógrafo, o que traz certa insegurança em relação à veracidade de determinado uso.

Por outro lado, Coelho (2008) afirma que as abonações, em geral, têm a função de comprovar as informações inseridas na definição lexicográfica e que elas não devem ser utilizadas na elaboração de dicionários destinados a alunos do Ensino Básico. Segundo o autor, ao invés de abonações, deve haver exemplos feitos pelo lexicógrafo, a fim de que sejam “um modelo didático que auxilie a compreensão do significado e do uso da palavra em questão” (COELHO, 2008, p. 40).

Embora Duran & Xatara (2006) discutam a questão dos exemplos em dicionários pedagógicos para estrangeiros, é válido mencionar também o posicionamento delas. Para as autoras, os exemplos são fundamentais nos dicionários pedagógicos e devem ser constituídos de informações que estejam em consonância com a palavra-entrada. Duran & Xatara (2006)

apontam que a cópia de exemplos feita entre dicionários deve ser minimizada ao máximo e que o *corpus* não deve ser visto como “autoridade final” (DURAN; XATARA, 2006, p. 59) para a elaboração dos exemplos, mas sim como ponto de partida.

Em relação à utilização de *corpus* para extrair os exemplos, concordamos com Duran e Xatara (2006) no sentido de que o *corpus* nem sempre poderá oferecer o exemplo mais adequado ao público-alvo do dicionário, apesar de acreditarmos que, com o *corpus*, há muito mais chances de ocorrer bons exemplos, por se tratar de dados empíricos.

Para nós, um *corpus* não deve ser visto como sinônimo de adequação inquestionável, pois, assim, ele ocuparia o mesmo lugar que tentamos contestar: o de gramáticas normativas e textos canônicos e arcaicos. Os textos que compõem um *corpus* são passíveis de falhas estruturais, semânticas, ortográficas, entre outras. Se o lexicógrafo deseja que o *corpus* proporcione exemplos mais adequados ao público-alvo, é preciso planejamento e análise cuidadosa, o que requer muito trabalho. Além do mais, nada impede que, para fins pedagógicos, o lexicógrafo faça pequenas intervenções para que as necessidades dos consultentes sejam atendidas, uma vez que o dicionário pedagógico é feito para isso.

Embora cada autor tenha mencionado suas opiniões e justificativas plausíveis, todos tocam na questão do público-alvo. Segundo Welker (2004), o exemplo existe em uma obra de consulta, porque ela possui uma finalidade: “ajudar a empregar o lexema corretamente e auxiliar na compreensão do lexema” (WELKER, 2004, p. 156). Além disso, todos os autores preocupam-se com o fato de que os exemplos devem estar em harmonia com a definição. Ademais, conforme Andrade (2000) destaca, é importante nos lembarmos de que a escolha dos exemplos ou abonações denuncia a ideologia e a ética do lexicógrafo. Segundo a autora, “os exemplos formam um conjunto de pontos de vista sobre o mundo que deixa transparecer a ideologia da comunidade com a qual o lexicógrafo se identifica” (ANDRADE, 2000), portanto, independentemente de optar por exemplos inventados, adaptados ou abonações, é fundamental que o lexicógrafo tenha bom senso e não perca de vista o consulente.

Finalizado o nosso respaldo teórico acerca da Lexicografia, da Lexicografia Pedagógica e das peculiaridades dos dicionários, seguimos com as colaborações teóricas que dizem respeito à coesão textual, uma vez que a nossa pesquisa se propôs a estudar especialmente os elementos coesivos sequenciais, com o intuito de elaborar uma (re)definição lexicográfica para eles.

2.2 A COESÃO TEXTUAL

O estudo da coesão textual insere-se na Linguística Textual. De acordo com Fávero e Koch (2012), tal subárea da Linguística desenvolveu-se, na Europa e na Alemanha, a partir da década de 1960. A Linguística Textual considera o texto a “unidade básica de manifestação da linguagem” (KOCH, 2008, p. 11). Sendo o texto o objeto de estudo de tal área, surgiram variadas teorias sobre ele e seus constituintes.

Nesta seção, apresentamos algumas questões básicas sobre texto e, em específico, sobre coesão. Para isso, lançamos mão principalmente das colaborações teóricas de Halliday & Hasan (1995), Koch (2008), Koch & Travaglia (2009) e Antunes (2005, 2009) e, em alguns momentos, de Beaugrande & Dressler (1997) e Charolles (1978, 1983).

2.2.1 Halliday e Hasan

Halliday & Hasan (1995) afirmam que um texto não é um conjunto de palavras não relacionadas. Para eles, “um texto é mais bem considerado como uma unidade semântica: uma unidade não de forma, mas de sentido” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 2)⁴. Essa concepção de texto como uma unidade semântica é fundamental, pois é com base nisso que podemos asseverar que um texto não é medido pela quantidade de palavras ou frases que o constitui, mas sim por sua capacidade de produzir sentido. Segundo os autores, “um texto não consiste em sentenças; ele se realiza por, ou é codificado em, sentenças” (idem)⁵.

Halliday & Hasan (1995) destacam que, para um texto ser um texto, ele precisa ter textura: “um texto tem textura, e é isso que o distingue de algo que não é um texto” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 2)⁶. Consoante os autores, a textura é formada especialmente pela coesão. E esta se baseia nas relações semânticas que existem no texto: “o conceito de coesão é uma unidade semântica; refere-se às relações de sentido que existem dentro do texto, e isso o define como um texto” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 4)⁷. Assim, para os autores, a coesão é imprescindível para a formação de qualquer texto, que é uma “unidade de

⁴ Excerto original: “a text is best regarded as a SEMANTIC unit: a unit not a form but of meaning”.

⁵ Excerto original: “A text does not CONSIST OF sentences; it is REALIZED by, or encoded in, sentences”.

⁶ Excerto original: “A text has texture, and this is what distinguishes it from something that is not a text”.

⁷ Excerto original: “the concept of cohesion is a semantic one; it refers to relations of meaning that exist within the text, and that define it as a text”.

organização situacional-semântica: um *continuum* de sentido-no-contexto, construído em torno da relação semântica de coesão” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 25)⁸.

Halliday & Hasan (1995) explicam que há vários elementos linguísticos que participam das relações coesivas de um texto. Um exemplo inicialmente explorado por eles é: “Lave e retire o miolo de seis maçãs para cozinhar. Coloque-as numa louça à prova de fogo” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 2)⁹. Conforme esclarecem, há uma relação coesiva anafórica entre o pronome *as* e as *seis maçãs*, ou seja, compreendemos *as*, porque o relacionamos com o que foi dito antes: *seis maçãs*.

Os autores afirmam que a textura provém da relação coesiva que há entre o pronome *as* e *seis maçãs*. Logo, nesses tipos de caso, segundo os autores, a coesão não ocorre em virtude da presença de apenas um item, mas pela presença de ambos, que estabelecem uma relação de dependência entre si no texto.

Halliday & Hasan (1995) dão um nome para cada ocorrência do fenômeno de coesão: “*tie*” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 3), que pode ser traduzido como *elo*, *laço*, *ligação*, *vínculo*, entre outros. Dessa forma, toda vez que identificamos em um texto que um elemento estabelece relação de ligação ou de coesão com outro(s), podemos dizer que há um elo entre eles.

Conforme os autores, a coesão não é unicamente responsável pela textura. Embora não sejam discutidos profundamente por Halliday & Hasan (1995), eles mencionam outros dois fatores que também contribuem para a textura do texto: a estrutura e o contexto de situação (registro), que também é denominado macroestrutura.

Em termos mais gerais, existem dois outros componentes de textura. Um deles é a estrutura textual, que é interna para a sentença: a organização da sentença e suas partes de um modo que estabelece relação com seu ambiente. O outro é a ‘macroestrutura’ do texto, que estabelece como um texto de um tipo particular – conversa, narração, poema, correspondência comercial e assim por diante (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 324)¹⁰.

⁸ Excerto original: “unit of situational-semantic organization: a continuum of meaning-in-context, constructed around the semantic relation of cohesion”.

⁹ Excerto original: “Wash and core six cooking a apples. Put them into a fireproof dish”.

¹⁰ Excerto original: “In the most general terms there are two others components of texture. One is the textual structure that is internal to the sentence: the organization of the sentence and its parts in a way which relates it to its enviroment. The other is the 'macrostructure' of the text, that establishes it as a text of a particular kind - conversation, narrative, lyric, commercial correspondence and so on”.

Sobre a estrutura¹¹, explicam que ela também é um fator de textura, porque as frases e suas partes são interligadas internamente pela estrutura gramatical da língua. Os autores afirmam que, embora não seja o mais usual, um texto pode se constituir de apenas uma sentença e ser entendido simplesmente pela função de sua estrutura, que estará relacionada ao ambiente. Eles citam como exemplo a frase “*No Smoking*” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 7). Entendemos que, se a frase “Proibido fumar” está escrita dentro de um hospital, com certeza, ela é um texto. A coesão estrutural (interna) está no fato de as duas palavras, “proibido” e “fumar”, estarem interligadas do ponto de vista gramatical, é uma ligação estrutural permitida pela própria gramática da língua. Além disso, tal frase é usada coerentemente na situação comunicativa em questão, pois há regras sociais de conduta ética e moral que nos permitem considerar tal aviso pertinente num ambiente em que se trata de saúde.

O contexto de situação, que constitui o registro, diz respeito a fatores extralingüísticos que configuram o texto: o público para o qual o texto é elaborado, o objetivo/finalidade da comunicação, a linguagem (escrita ou falada, preparada ou improvisada) e as questões relativas ao gênero e à tipologia textual.

Nessa perspectiva, Halliday & Hasan (1995) explicam que o texto é o resultado das configurações semânticas do contexto de situação (ou registro) e das relações de coesão. Segundo os autores, o registro diz respeito a “o que” é produzido textualmente, e a coesão, à “maneira” pela qual as informações são relacionadas.

A textura resulta da combinação de configurações semânticas de dois tipos: as de registro e as de coesão. O registro é o conjunto de configurações semânticas que é tipicamente associado a uma classe particular de contextos de situação e define a essência do texto: O QUE SIGNIFICA, no sentido mais amplo, incluindo todos os componentes do seu significado, sociais, expressivos, comunicativo e assim por diante, bem como de representação. A coesão é o conjunto de relações de sentido que é comum A TODAS AS CLASSES DO TEXTO, que distingue o 'não-texto' e inter-relaciona os

¹¹ Antunes (2005) explica tal termo da seguinte forma: “do ponto de vista sintático-semântico, nenhuma palavra de um enunciado está desligada de outra ou de outras” (ANTUNES, 2005, p. 170). A autora ilustra tal assertiva com o seguinte exemplo: “O seguro de proteção contra perda e roubo de cartão de crédito terá mais limites e prazos” (ANTUNES, 2005, p. 171) e esclarece: “cada segmento vai-se amarrando ao seguinte, constituindo uma verdadeira cadeia: o seguro é de proteção; a proteção é contra perda e roubo; a perda e o roubo são do cartão; o cartão é de crédito; o seguro terá mais limites e prazo. Nada ficou solto, por laços da própria estrutura sintática do período. Dessa coesão estrutural nenhum período está livre. Em suma, os textos que circulam, oralmente e por escrito, contam com um vasto componente gramatical, absolutamente necessário para que o sentido se expresse e a interação aconteça. Não precisa ter medo de que a gramática vá fugir. Essa opção não lhe é dada” (ANTUNES, 2005, p. 171).

significados substantivos do texto uns com os outros. A coesão não diz respeito ao que significa um texto; refere-se a como o texto é construído tal como um edifício semântico (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 26).¹²

Retomando o conceito de coesão, Halliday & Hasan (1995) consideram que a “coesão é parte do sistema de uma língua¹³” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 5). Tal sistema possui uma codificação múltipla que compreende três níveis: o semântico (relativo aos significados), o lexicogramatical (relativo às formas gramaticais e lexicais) e o fonológico e ortográfico (relativo ao som e à escrita). Os autores esclarecem que os significados são realizados por meio das formas e que as formas são realizadas por meio dos sons ou da escrita (expressões). Dessa forma, segundo os autores, apesar de a coesão ser manifestada por meio do sistema lexicogramatical, ela não é uma relação estritamente formal, porque o sentido está em jogo. A coesão é uma relação semântica expressada por meio das formas.

Para os autores, existem cinco tipos de relações coesivas: *reference* (referência), *substitution* (substituição), *ellipsis* (elipse), *conjunction* (conjunção) e *lexical cohesion* (coesão lexical). A referência, a substituição e a elipse são realizadas especialmente por meio da gramática, a coesão lexical envolve a seleção de palavras lexicais e a conjunção está na fronteira entre gramática e léxico, pois se utiliza de ambos, por exemplo, a expressão: “*a partir deste momento*” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 303-304).

A conjunção é o tipo de relação mais importante para o nosso trabalho de mestrado, por isso, na sequência, discorremos apenas sobre ela.

2.2.1.1 As especificidades da CONJUNÇÃO

Halliday e Hasan (1995) explicam que a conjunção estabelece um tipo de relação semântica diferente da referência, da substituição e da elipse, pois não diz respeito a simplesmente uma relação anafórica em que podemos perceber uma “instrução de busca” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 227). Segundo os autores, “os elementos conjuntivos são coesivos não em si mesmos, mas indiretamente, devido à força de seus significados

¹² Excerto original: “Texture results from the combination of semantic configurations of two kinds: those of register, and those of cohesion. The register is the set of semantic configurations that is typically associated with a particular class of contexts of situation, and defines the substance of the text: WHAT IT MEANS, in the broadest sense, including all the components of its meaning, social, expressive, communicative and so on as well as representational. Cohesion is the set of meaning relation that is general to ALL CLASSES OF TEXT, that distinguishes text form ‘non-text’ and interrelates the substantive meanings of the text with each other. Cohesion does not concern what a text means; it concerns how the text is constructed as a semantic edifice”.

¹³ Excerto original: “Cohesion is part of the system of a language”.

específicos” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 226)¹⁴. Na verdade, eles “expressam certos significados que pressupõem a presença de outros componentes no discurso” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 226)¹⁵. Com base nos autores, podemos dizer que, além de estabelecerem relações semânticas, os elementos conjuntivos possuem a função de sinalizar que os elementos linguísticos que ocorrem na sucessão do texto estão sistematicamente conectados com os anteriores. Assim, a conjunção é um tipo de relação coesiva que se preocupa com a sequência/continuidade das frases que se seguem uma após a outra.

Halliday & Hasan (1995) mencionam que uma mesma relação semântica pode ser estruturada de diferentes formas, usando variados elementos conjuntivos. Devido a isso, eles explicam que, embora a coesão, no exemplo: “Eles lutaram uma batalha. Depois, nevou” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 228)¹⁶, seja obtida por meio da expressão “depois”, é a relação semântica subjacente à sucessão no tempo que realmente tem o poder coesivo, tanto é que, se trocarmos o elemento conjuntivo, a relação semântica continua a mesma: “Eles lutaram uma batalha. Anteriormente, havia nevado” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 228)¹⁷.

Em virtude de a relação semântica se sobressair aos elementos conjuntivos em si, nós acreditamos que os autores dão margem para que possamos incluir o seguinte caso: na frase “Não fui à aula. Estava doente”, embora não exista uma conjunção explicativa, nós conseguimos visualizar a relação de coesão entre as orações, porque elas se relacionam semanticamente, e nós, enquanto falantes da língua, conseguimos reconhecer qual é o tipo de relação semântica que está implícita, que é a de explicação.

Conforme Halliday & Hasan (1995), as classes gramaticais que participam do tipo de relação coesiva denominada “conjunção” são: preposição, advérbio, conjunção e suas respectivas locuções, além de outras expressões que envolvem o léxico da língua, tais como: “*como resultado*” ou “*como resultado disso*” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 231). Eles esclarecem que há várias formas de classificar os fenômenos pertencentes à conjunção e que não existe uma maneira unicamente correta de realizar tal atividade. Halliday & Hasan (1995) propõem um esquema de quatro categorias: aditiva, adversativa, causal e temporal. E, dentro de cada uma dessas categorias, há uma subclassificação.

¹⁴ Excerto original: “Conjunctive elements are cohesive not in themselves but indirectly, by virtue of their specific meanings”.

¹⁵ Excerto original: “express certain meanings which presuppose the presence of other components in the discourse”.

¹⁶ Excerto original: “They fought a battle. Afterwards, it snowed”.

¹⁷ Excerto original: “They fought a battle. Previously, it had snowed”.

Antes de apresentá-la, Halliday & Hasan (1995) destacam que há uma distinção comum para todas as categorias: a coesão pode ser interpretada em termos de função experiencial da linguagem ou em termos de função interpessoal da linguagem. Os autores esclarecem que o limite entre as duas funções nem sempre é muito claro, embora exista.

Halliday & Hasan (1995) explicam que a função experiencial da linguagem é denominada “externa”. Essa função tem a ver com o fato de o falante simplesmente expressar sua experiência de mundo. Nesse caso, há uma relação entre os conteúdos de cada sentença que são intermediados pelos conectores. Conforme Fuzer & Scotta Cabral (2014), na função experiencial, a oração é vista como representação das experiências do mundo externo e do mundo interno do falante. Koch (2008) esclarece que a relação entre os conteúdos dessas orações é lógico-semântica. Halliday & Hasan (1995) dão o seguinte exemplo para ilustrar a função experiencial da linguagem: “Ela nunca foi realmente feliz aqui. Então, ela está indo embora” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 241)¹⁸. Os autores explicam que há uma relação de causa entre o conteúdo das orações. O estado da pessoa – “infeliz” – é a causa de ela partir.

Segundo Halliday & Hasan (1995), a função interpessoal da linguagem é denominada “interna”. Nessa função, cada sentença é um ato de fala diferente. Não há uma relação objetiva entre os conteúdos. A relação entre as sentenças é definida pelo próprio falante/escritor do texto, por isso é subjetiva. Segundo Fuzer & Scotta Cabral (2014), na função interpessoal, a oração é vista como troca, falante e ouvinte interagem por meio da linguagem e expressam suas opiniões e atitudes. Nesse caso, conforme Koch (2008), os conectores funcionam como operadores argumentativos. Como exemplo, Halliday & Hasan (1995) mencionam: “Ela ficará melhor em um novo lugar. Por isso está indo embora?” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 241)¹⁹. Os autores afirmam que também há uma relação de causa entre as sentenças acima, mas é construída pelo falante no processo comunicativo.

A seguir, compilamos em quadros a maioria dos exemplos de conjunções relativas às categorias mencionadas pelos autores.

¹⁸ Excerto original: “She was never really happy here. So she's leaving”.

¹⁹ Excerto original: “She'll be better off in a new place. - So she's leaving?”

Quadro 2 – Categoria da Adição

ADITIVA				
Relações Aditivas Simples (externa e interna) Aditiva, Negativa e Alternativa	Relações Aditivas Complexas (interna) Enfática Aditiva e Alternativa	Relações Aditivas complexas (interna) menos Enfáticas/ Reflexão Tardia	Relações Comparativas (interna) Similares e Dissimilares	Relações Apositivas (interna) de Exposição e de Exemplificação
Aditiva e (<i>and</i>) e também (<i>and also</i>) e...também (<i>and...too</i>)	Aditiva além de/além do mais (<i>further(more)</i>) Ademais (<i>moreover</i>) adicionalmente (<i>additionally</i>) além disso (<i>besides that</i>) acrescenta-se a isso (<i>add to this</i>) Outra questão é (<i>and another thing</i>)	por falar nisso, a propósito (<i>by the way</i>)	Similares igualmente (<i>likewise</i>) similarmente (<i>similarly</i>) da mesma maneira (<i>in the same way</i>) (exatamente) desse jeito (<i>in (just) this way</i>)	Exposição que é (<i>that is</i>) quero dizer (<i>I mean</i>) em outras palavras (<i>in other words</i>) colocando de outra maneira/trocando em miúdos/ sendo mais clara (<i>to put in another way</i>)
Negativa nem (<i>nor</i>) e não (<i>and...not</i>) tampouco (<i>either</i>) nenhum (<i>neither</i>)	Alternativa Alternativamente (<i>alternatively</i>)		Dissimilares por outro lado (<i>on the other hand</i>) pelo contrário (<i>by contrast</i>) em contrapartida (<i>conversely</i>)	Exemplificação por exemplo (<i>for example</i>) como, deste modo (<i>thus</i>)
Alternativa ou (<i>or</i>) senão (<i>or else</i>)				

Fonte: Elaboração própria com base em Halliday & Hasan (1995), p. 249-250.

Quadro 3 – Categoria da Adversatividade

ADVERSATIVA				
Relações Adversativas Próprias (externa e interna) Simples, Com ideia de adição e Enfática	Relações Contrastivas (externa) Simples e Enfática	Relação Contrastiva (interna) de Confissão	Relações de Correção/Retificação (interna) de Correção do Significado e de Correção da Palavra	Relações de Desconsideração (externa e interna) Fechadas e Abertas
Simples ainda (<i>yet</i>) embora (<i>though</i>) apenas, somente (<i>only</i>)	Simples mas (<i>but</i>) e (<i>and</i>)	na verdade (<i>in fact</i>) para falar a verdade (<i>to tell the truth</i>) atualmente (<i>actually</i>) a questão (do assunto) (<i>in point of fact</i>)	Correção do Significado em vez de (<i>instead</i>) preferencialmente (<i>rather</i>) pelo contrário (<i>on the contrary</i>)	Fechadas em qualquer um dos casos (<i>in any/either case event</i>) de qualquer forma (<i>any/either way</i>) seja qual for (<i>whichever</i>)
Com ideia de adição mas (<i>but</i>)	Enfática contudo (<i>however</i>) por outro lado (<i>on the other hand</i>) entretanto (<i>at the same time</i>) em contrapartida de (<i>as against that</i>)		Correção da Palavra pelo menos (<i>at least</i>) preferencialmente (<i>rather</i>) quero dizer (<i>I mean</i>)	Abertas de qualquer modo (<i>anyhow</i>) a qualquer custo (<i>at any rate</i>) em todo caso (<i>in any case</i>) entretanto pode ser que (<i>however that way be</i>)
Enfática contudo (<i>however</i>) não obstante (<i>nevertheless</i>) apesar disso (<i>despite this</i>) todavia (<i>all the same</i>)				

Fonte: Elaboração própria com base em Halliday & Hasan (1995), p. 255-256.

Quadro 4 – Categoria da Causa

CAUSAL				
Relações Causais Gerais (externa e interna) Simples e Enfática	Relações Causais Específicas de Razão, de Resultado e de Propósito	Relações Causais Reversas Simples	Relações Condicionais (externa e interna) Simples, Enfática, Generalizada e Polaridade reversa	Relações Respectivas (interna) Direta e de Polaridade reversa
Simples então (<i>so</i>) assim (<i>thus</i>) por isso (<i>hence</i>) portanto (<i>therefore</i>)	Razão (principalmente externa) por essa razão (<i>for this reason</i>) por conta disso (<i>on account of this</i>) Razão (Interna) segue-se a partir disso (<i>it follows from this</i>) com base nisso (<i>on this basis</i>)	para (<i>for</i>) porque (<i>because</i>)	Simples então (<i>then</i>)	Direta a respeito disso/em relação a isso (<i>in this respect/connection</i>) com relação a isso (<i>with regard to this</i>) aqui, neste ponto (<i>here</i>)
Enfática consequentemente (<i>consequently</i>) conformemente (<i>accordingly</i>) por causa disso (<i>because of this</i>)	Resultado (principalmente externa) como resultado (disso) (<i>as a result (of this)</i>) em consequência (disso) (<i>in consequence (of this)</i>) Resultado (Interna) decorrente disso (<i>arising out of this</i>) Propósito (principalmente externa) Para esse propósito (<i>for this purpose</i>) Com isso em mente/Tendo em vista (<i>with this in mind/view</i>) (<i>with this intention</i>) Propósito (interna) para esse fim (<i>to this end</i>)		Enfática nesse caso (<i>in that case</i>) sendo esse o caso (<i>that being the case</i>) em tal caso (<i>in such an event</i>) sob tais circunstâncias (<i>under those circumstances</i>) Generalizada sob as circunstâncias (<i>under the circumstances</i>) Polaridade reversa caso contrário/senão (<i>otherwise</i>) em outros aspectos/ no que diz respeito a outras questões (<i>in other respects</i>) fora disso (<i>aside/apart from this</i>)	Polaridade reversa caso contrário/senão (<i>otherwise</i>) em outros aspectos/ no que diz respeito a outras questões (<i>in other respects</i>) fora disso (<i>aside/apart from this</i>)

Fonte: Elaboração própria com base em Halliday & Hasan (1995), p. 260-261.

Quadro 5 – Categoria da Temporalidade

Quadro 3 – Categoría da Temporariedade							
TEMPORAL							
Relações Temporais Simples (externa) Sequencial, Simultânea e Precedente	Relações Temporais Complexas (extensa) Imediata, Interruptiva, Repetitiva, Específica, Durativa, Terminal e Pontual	Relações Conclusivas (externa) Simples	Relações Sequenciais e Conclusivas (externa) Formas Correlativas Sequencial e Conclusiva	Relações Temporais (interna) Sequencial e Conclusiva	Relações Sequenciais e Conclusivas (interna) Formas Correlativas Sequencial e Conclusiva	Relações de ‘Aqui e Agora’ (interna) Passado, Presente e Futuro	Relações de Sumarização (interna) Culminativa e Resumitiva
Sequencial e então ((and) then) mais tarde (afterward) depois disso (after that)	Imediata imediatamente (at once) logo a seguir (thereupon) pouco antes (just before)	Simples finalmente (finally) por ultimo (at last) enfim (in the end)	Sequencial primeiro...depois (first...next) em primeiro lugar...em segundo lugar lugar...em segundo lugar (secondly)	Sequencial então (then) depois (next) em segundo lugar (secondly)	Sequencial primeiramente... em segundo lugar (first...secondly) em primeiro lugar (in the first place)	Passado até agora (up to now) até este ponto (up to this point)	Culminativa resumindo (to sum up) em síntese (in short) brevemente (briefly)
	Interruptiva atualmente (presently) depois de um tempo (after a time)						
Simultânea ao mesmo tempo (at the same time) simultaneamente (simultaneously)	Repetitiva da próxima vez (next time) em outra ocasião (on another occasion)		Conclusiva primeiramente... finalmente (at first...finally) primeiramente... por fim (at first... in the end)	Conclusiva finalmente (finally) para finalizar (as a final point) em conclusão/ em suma (in conclusion)	Conclusiva finalmente (finally) para concluir (to conclude with)	Presente neste ponto (at this point) aqui (here)	Resumitiva para resumir (to resume) voltando ao ponto/a questão (to get back to the point)
	Específica no dia seguinte (next day) cinco minutos depois (five minutes later)						
Precedente mais cedo (earlier) antes disso/daquilo (before then/that) previamente (previously)	Durativa enquanto isso (meanwhile)					Futuro de agora em diante/daqui para frente (from now on)	
	Terminal até este momento (by this time)						
	Pontual no próximo momento/instante (next moment)						

Fonte: Elaboração própria com base em Halliday & Hasan (1995), p. 266-267.

Halliday & Hasan (1995) apresentam seis outros elementos conjuntivos que, segundo eles, não se encaixam nas categorias já apresentadas. Tais elementos são denominados “continuativos” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 267). Os autores dão ênfase à questão da entonação com que são pronunciados e explicam que esses elementos são característicos da modalidade oral.

1) Agora (*now*)

Ex.: “Você está pronto? Agora, quando eu disser para você pular, feche seus olhos e pule” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 268)²⁰.

2) Claro (*of course*)

Ex.: “Tudo está exatamente como era! ‘Claro que está’, disse a Rainha” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 269)²¹.

3) Bem (*well*)

Ex.: “E o que significa ‘outgrabe’? Bem, ‘outgribing’ é algo entre berros e assovios, com um tipo de espirro no meio” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 269)²².

4) De qualquer maneira (*anyway*²³)

Ex.: “Eles mudaram para um tipo muito peculiar de trem que você não vê agora. Eu me esqueci de como era chamado. Era chamado de ‘carruagem a vapor’? Não me lembro. De qualquer maneira, era apenas uma carruagem, mas correu a vapor e fez um barulho engracado” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 270)²⁴.

5) Com certeza (*surely*)

Ex.: “Eles vão pensar que você é sério. – Ninguém seria tão estúpido para pensar isso, com certeza” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 270)²⁵.

6) Afinal/ Afinal de contas (*after all*)

Ex.: “Você não precisa se desculpar. Afinal de contas, ninguém poderia saber o que iria acontecer” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 271)²⁶.

²⁰ Excerto original: “Are you ready? Now when I tell you to jump, close your eyes and jump”.

²¹ Excerto original: “Everything's just as it was!" 'Of course it is,' said the Queen”.

²² Excerto original: “And what does "outgrabe" mean? Well, "outgribing" is something between bellowing and whistling, with a kind of sneeze in the middle”.

²³ Borba, V. (2007) considera que, no português, o "enfim" possa representar o que acontece com "anyway" na ilustração dada por Halliday & Hasan (1995). Borba, V. (2007) apresenta o seguinte exemplo: "João saiu. Não me lembro aonde ele foi. Enfim, ele não está" (BORBA, V. 2007, p. 27).

²⁴ Excerto original: They changed over to a most peculiar kind of train which you don't see now. I've forgotten what it was called. Was it called a 'steam coach'? I can't remember. Anyway it was just one coach but it ran by steam and it made a funny noise”

²⁵ Excerto original: “They'll think you're serious. — Nobody could be so stupid as to think that, surely”.

²⁶ Excerto original: “You needn't apologize. After all nobody could have known what would happen”.

2.2.2 Koch

Em relação à definição de texto, Koch & Travaglia (2009) apresentam a seguinte concepção:

Texto será entendido como uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 8, grifo dos autores).

Como podemos perceber a noção de unidade de sentido vista em Halliday & Hasan (1995) permanece. Koch & Travaglia (2009) apresentam o conceito de coerência como sendo o princípio fundamental para que o texto seja um texto, ou seja, para que tenha textura ou textualidade.

A coerência é “um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação comunicativa e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido do texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 21). Koch & Travaglia (2009) esclarecem que a coerência firma-se na interação entre falante e ouvinte. Além disso, os autores apresentam vários fatores de coerência de cunho linguístico, discursivo, cognitivo, cultural e interacional: elementos linguísticos (o que inclui a coesão), conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, inferências, contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, consistência e relevância.

Os autores não deixam de reconhecer a importância da coesão, mas não a consideram imprescindível para a constituição do texto, como Halliday & Hasan (1995) o fazem. Assim, Koch & Travaglia (2009) concordam com o fato de que “a coesão não é nem necessária nem suficiente, ou seja, sua presença não garante a textualidade e sua ausência não impede a textualidade” (MARCUSCHI, 2008, p. 104). Esse pensamento tem por base Charolles (1983), que explica que o texto, para ser um texto, depende da coerência, que é um princípio de interpretação que envolve a relação entre produtor, texto e receptor. Segundo o autor, o produtor do texto utiliza-se dos elementos coesivos, para sinalizar ao leitor a interligação entre as partes do texto. No entanto, conforme Charolles (1983) esclarece, as marcas de coesão não possuem valor se não forem compreendidas pelo receptor ou se não forem bem empregadas pelo produtor.

Em qualquer caso, essas marcas de coesão nunca fornecem mais do que indicações relacionais. Elas sinalizam que um certo tipo de relação existe entre os diferentes elementos constitutivos de um texto, mas que tal relação não tem efeito sobre o nível da coerência, até o momento em que tenha sido solucionada semanticamente pelo receptor/intérprete. Ademais, isso explica por que a presença de uma palavra coesiva em uma sequência textual não é garantia de coesão. Pelo contrário, verifica-se, frequentemente, que uma enunciação é problemática do ponto de vista de sua coerência, porque contém um indicador de coesão (CHAROLLES, 1983, p. 90-91)²⁷.

Koch & Travaglia (2009) também seguem a linha de pensamento dos autores Beaugrande & Dressler (1997), que esclarecem que a coesão diz respeito às relações superficiais do texto, enquanto a coerência refere-se ao sentido que é construído no texto do ponto de vista global, à organização subjacente do texto chamada de “mundo textual”.

A coesão estabelece as diferentes possibilidades com que os componentes da superfície textual, quer dizer, as palavras que realmente escutamos ou lemos, podem conectar-se entre si dentro de uma sequência. Os componentes que integram a superfície textual dependem uns dos outros conforme algumas convenções e determinadas formalidades gramaticais, de maneira que a coesão repousa sobre as dependências gramaticais. Todos os procedimentos que servem para marcar relações entre os elementos superficiais de um texto incluem-se no conceito de coesão (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1997, p. 35-36)²⁸.

A continuidade do sentido está na base da coerência, entendida como uma possibilidade de regulação referente aos conceitos e relações que subjazem a superfície textual, fazendo com que sejam acessíveis entre si e interajam de uma maneira relevante. Esta organização subjacente em um texto é o que se denomina mundo textual (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1997, 135-136)²⁹.

²⁷ Excerto original: “In any case, these marks of cohesion never provide more than relational indications. They signal that a certain type of relationship exists between the different constituent elements of a text, but that this relationship has no effect on the level of coherence, until such time as it has been solved semantically by the receiver/interpreter. Furthermore, this explains why the presence of a cohesive word in a textual sequence is no guarantee of cohesion. On the contrary, it frequently happens that an enunciation is problematical from the point of view of its coherence, because it contains a cohesion-indicator”.

²⁸ Excerto original: “la cohesión establece las diferentes posibilidades en que pueden conectarse entre si dentro de una secuencia los componentes de la superficie textual, es decir, las palabras que realmente se escuchan o se leen. Los componentes que integran la superficie textual dependen unos dos otros conforme a unas convenciones y a unas formalidades gramaticales determinadas, de manera que la cohesión descansa sobre las dependencias gramaticales. Todos los procedimientos que sirven para marcar relaciones entre los elementos superficiales de un texto se incluyen en el concepto de cohesión”.

²⁹ Excerto original: “La continuidad del sentido está en la base de la coherencia, entendida como una regulación de la posibilidad de que los conceptos y las relaciones que subyacen bajo la superficie textual sean accesibles entre sí e interactúen de un modo relevante. Esta organización subyacente en un texto es lo que se denomina mundo textual”.

A coerência, entendida como o resultado da atualização dos significados voltados para a construção do <<sentido>> global textual (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1997, p. 167)³⁰.

Desse modo, fica claro que existe uma distinção entre os conceitos de coesão e coerência. A coerência é subjacente, faz parte da estrutura profunda do texto. Já a coesão é “explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, o que lhe dá um caráter linear” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 47). Vale ressaltar que, embora Koch & Travaglia (2009) considerem a coesão como sintática e gramatical, eles afirmam que ela também é semântica, pelo fato de alguns mecanismos de coesão envolver a “relação entre os significados de elementos da superfície do texto, como na chamada coesão referencial” (idem).

Apesar de haver tal distinção entre os conceitos de coesão e coerência, Koch & Travaglia (2009) apontam que existe uma relação estreita entre os dois fenômenos. A continuidade de sentidos de um texto (a coerência) depende da organização e da sequência dos elementos linguísticos que estão na superfície da produção textual. Os elementos coesivos, segundo os autores, são como “pistas” que indicam a interconexão entre as partes do texto e que, assim, auxiliam no processo de estabelecimento de sentido, por isso a coesão “surge como a manifestação superficial da coerência no processo de produção desses mesmos textos” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 49).

Em relação à classificação dos tipos de relação coesiva, Koch (2008) discorda daquela exposta por Halliday e Hasan (1995) e propõe outra. Segundo a autora, existem apenas dois grandes mecanismos de coesão: o remissivo ou referencial e o sequencial. Koch (2008) explica que, em sua perspectiva, os processos de referência, substituição, elipse e a reiteração lexical (pertencente à coesão lexical), mencionados pelos autores, podem ser considerados como parte do mecanismo remissivo ou referencial e que a conjunção e a colocação (pertencente à coesão lexical) fazem parte do mecanismo de sequenciação. Embora Koch (2008) faça tal divisão, ela ressalta que o procedimento de coesão lexical como um todo também pode ser visto como parte do mecanismo de sequenciação.

Chamo, pois, de coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro, denomino forma

³⁰ Excerto original: “la coherencia, entendida como el resultado de la actualización de los significados encaminado hacia la construcción del <<sentido>> global textual”.

referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual (KOCH, 2008, p. 31).

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 2008, p. 53).

A seguir, apresentamos, de maneira detalhada, o mecanismo de coesão sequencial, aprofundando nas particularidades que interessam à nossa pesquisa de Mestrado.

2.2.2.1 As especificidades da SEQUENCIAÇÃO

Conforme Koch (2008), a sequenciação pode ocorrer de dois modos: “sequenciação frástica (sem procedimentos de recorrência escrita) e sequenciação parafrástica (com procedimentos de recorrência)” (KOCH, 2008, p. 53).

De acordo com Koch (2008), a sequenciação parafrástica diz respeito à recorrência de estruturas sintáticas, de itens lexicais, de conteúdos semânticos, recursos fonológicos, entre outros, com a finalidade de causar determinados efeitos de sentido, como o de provocar algum desconforto no fluxo de ideias. A referida autora menciona o exemplo retirado de um trecho do texto “A aldeia que nunca mais foi a mesma”, de Rubens Alves: “*Era uma aldeia de pescadores de onde a alegria fugira e os dias e as noites se sucediam numa monotonia sem fim, das mesmas coisas que aconteciam, das mesmas coisas que diziam, dos mesmos gestos que se faziam [...]*” (KOCH, 2008, p. 54, grifo da autora).

Koch (2008) esclarece que Alves tenta fazer com que o leitor veja a mesmice da aldeia não só por meio do conteúdo informativo do texto, mas também pelas palavras e estruturas sintáticas (destacadas em itálico) que, embora contribuam para a progressão textual, dão a ideia de repetição e monotonia.

Na sequenciação frástica, “o texto se desenrola sem rodeios ou retornos que provoquem um ‘ralentamento’ no fluxo informacional” (KOCH, 2008, p. 60). Os procedimentos da sequenciação frástica “garantem a manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e articulação de sequências textuais” (KOCH, 2008, p. 62).

Segundo Koch (2008), os procedimentos da sequenciação frástica são três: manutenção temática (ou contiguidade semântica³¹), progressão temática e encadeamento.

O primeiro alude ao uso de palavras que são de um mesmo campo lexical. Podemos dizer que é um procedimento em que a coesão é garantida, na medida em que determinadas palavras estão interligadas por meio do sentido que expressam. A autora analisa a manutenção temática sob a perspectiva de *frames*, que conta com a memória do leitor, e ilustra os possíveis esquemas cognitivos que podem ser formados na mente do leitor ao destacar em itálico as palavras do exemplo: “O desabamento de barreiras provocou sérios *acidentes* na estrada. Diversas *ambulâncias* transportaram as *vítimas* para o *hospital* da cidade mais próxima” (KOCH, 2008, p. 62, grifo da autora). Podemos perceber que as palavras *ambulâncias*, *vítimas* e *hospital* estão associadas à ideia de *acidente*. Na condição de interlocutores, quando ouvimos ou lemos a palavra *acidente*, nos lembramos de outras situações que são acarretadas pelo acidente: a necessidade de socorro por meio de ambulâncias e o encaminhamento das vítimas a uma instituição médica de pronto atendimento.

O segundo subdivide-se em outros procedimentos (progressão temática linear; progressão temática com um tema constante; progressão com tema derivado; progressão por desenvolvimento de um tema subdividido e progressão com salto temático) que, de maneiras diferentes, contribuem para o avanço das informações em um texto.

O terceiro é alcançado por meio da “justaposição” ou da “conexão” e é o que mais nos interessa para esta pesquisa. Ao explicar o encadeamento por justaposição, a autora menciona que ele pode ser feito com ou sem “sinais de articulação” (KOCH, 2008, p. 66) e que, quando há tais marcas de articulação, existem alguns níveis em que a justaposição ocorre:

Meta-nível ou metacomunicativo, em que funcionam como sinais demarcatórios e/ou sumarizadores de partes ou sequências textuais (ex.: por consequência, em virtude do exposto, dessa maneira, em resumo, essa posição etc.).

Nível inter-sequencial (entre sequências textuais ou episódios narrativos): marcadores de situação ou ordenação no tempo-espacó, que podem funcionar, por exemplo, como demarcadores de episódios na narrativa (ordenadores temporais), de segmentos de uma descrição (ordenadores espaciais), ou como indicadores de ordenação textual.

³¹ Koch (2008) menciona que a “contiguidade semântica” refere-se ao que Halliday e Hasan (1995) chamam de “colocação”, combinação recorrente de itens lexicais. Halliday & Hasan (1995) inserem a “colocação” na coesão lexical, que é vista pelos autores como um tipo de relação coesiva à parte.

(ex.: *Muitos anos depois*, os dois se encontraram casualmente numa galeria de arte e o antigo amor pareceu renascer.).

Nível conversacional (inter ou intra-turnos): *marcadores conversacionais de variados tipos*, especialmente os que assinalam *introdução, mudança ou quebra do tópico*. (ex.: Parece que nossas autoridades econômicas não estão entendendo muito bem. *Por falar nisso*, o que você me diz do novo choque econômico?) (KOCH, 2008, p. 66-67, grifo da autora).

Entendemos que Koch (1995) denomina os elementos coesivos de justaposição como aqueles que estabelecem “relações textualizadoras ou textuais” (KOCH, 1995, p. 17) por serem responsáveis pela organização das sequências de um texto. Em 1995, a autora mencionou a necessidade de considerá-los como um grupo separado dos demais. Sobre eles, ela acrescenta: “trata-se de relações que se estabelecem entre segmentos textuais de qualquer extensão: quer articulando as orações de um período, quer articulando períodos, parágrafos, episódios narrativos ou porções textuais ainda maiores” (idem).

Nessa perspectiva, Koch (1995) faz uma breve explanação sobre esses organizadores textuais. Optamos por resumi-la no Quadro 6:

Quadro 6 – Elementos coesivos sequenciais que estabelecem relações textuais

Função	Organizadores textuais
Relacionar a conclusão com todo o restante do texto	<i>em virtude do exposto, em decorrência do que se disse acima</i>
Relacionar a introdução com o corpo do texto	<i>conforme se verá abaixo, como pretendo provar, com base no que se segue, pelos argumentos seguintes</i>
Suspender provisoriamente o tópico em andamento	<i>abrindo um parênteses, antes que eu me esqueça, a propósito</i>
Retomar um tópico interrompido	<i>voltando ao assunto, fechando os parênteses</i>
Delimitar episódios ou sequências narrativas	<i>após quase dez anos, muito tempo depois</i>
Delimitar diferentes perspectivas na descrição	<i>à direita, à esquerda, mais adiante, bem longe dali.</i>

Fonte: Elaboração própria com base em Koch (1995), p. 17.

De acordo com Koch (2008), a “conexão” ou “junção” é realizada por meio de “conjunções, advérbios sentenciais (também chamados de advérbios de texto) e outras palavras (expressões) de ligação que estabelecem, entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas” (KOCH, 2008, p. 68).

Dentro do encadeamento por conexão, Koch (2008) distingue as relações lógico-semânticas das relações discursivas ou argumentativas.

Os encadeadores de tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto. Neste caso, o que se assevera não é, como nas relações de tipo lógico, uma relação entre o conteúdo de

duas orações, mas produzem-se dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema (KOCH, 2008, p. 71-72).

Para Koch, as relações do tipo lógica “são expressas através de um único ato de fala, no qual se apresenta um tema e, a respeito dele, se enuncia uma relação entre dois ‘fatos’” (KOCH, 1995, p. 16). No que diz respeito às relações discursivo-argumentativas ou funcionais, ou pragmáticas, “o que se tem são dois (ou mais) atos de fala, podendo o primeiro ser enunciado independentemente do segundo, vindo este a encadear-se sobre o primeiro para justificá-lo, contraditá-lo, explicitá-lo, comprová-lo etc.” (KOCH, 1995, p. 17).

Koch (2008) explica com exemplos a que se refere cada uma das relações. Desse modo, optamos por compilar tais informações nos Quadros 7 e 8:

Quadro 7 – Relações lógico-semânticas

Relações Lógico-semânticas	
Relação de condicionalidade (se p então q) – expressa-se pela conexão de duas orações, uma introduzida pelo conector <i>se</i> ou <i>similar</i> (oração antecedente) e outra pelo operador <i>então</i> , que geralmente vem implícito (oração consequente). O que se afirma nesse tipo de relação é que, sendo o antecedente verdade, o consequente também o será.	Se aquecermos o ferro, (<i>então</i>) ele se derreterá. Caso faça sol, <i>então</i> iremos à praia.
Relação de causalidade (p porque q) – expressa-se pela conexão de duas orações, uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência contida na outra	O torcedor ficou rouco (<i>consequência</i>) <i>porque</i> gritou demais. (<i>causa</i>) O torcedor gritou tanto <i>que</i> ficou rouco. O torcedor gritou demais; (<i>então, por isso</i>) ficou rouco. Como se tivesse gritado demais, (<i>Por ter gritado demais</i>) o torcedor ficou rouco.
Relação de mediação – que se exprime por intermédio de duas orações, numa das quais se explicita (m) o (s) meio (s) para atingir um fim expresso na outra.	O jovem envidou todos os esforços (<i>meio</i>) <i>para</i> conquistar o amor (<i>fim</i>)
Relação de disjunção – tal relação pode ser tanto de tipo lógico, quanto de tipo discursivo e se expressa através do conectivo <i>ou</i> . Esse conector, porém, é ambíguo em língua natural, correspondendo ora à forma latina <i>aut</i> , com valor exclusivo (isto é, <i>um ou outro</i> , mas não ambos), ora à forma <i>vel</i> , com valor inclusivo (ou seja, <i>um ou outro</i> , possivelmente ambos).	Você vai passar o fim de semana em São Paulo <i>ou</i> vai descer para o litoral? (<i>exclusivo</i>) Todos os congressistas deveriam usar crachás <i>ou</i> trajar camisas vermelhas. (<i>inclusivo: e/ou</i>)
Relação de temporalidade – por meio da	a. Tempo simultâneo (exato, pontual): Quando;

	<p>qual, através da conexão de duas orações, localizam-se no tempo, relacionando- os uns aos outros, ações, eventos, estados de coisas do “mundo real” ou a ordem em que se teve percepção ou conhecimento deles.</p> <p>b. Tempo anterior/tempo posterior: Ex.: <i>Antes que</i> o inimigo conseguisse puxar a arma, o soldado desferiu-lhe uma saraivada de tiros.</p> <p>Ex.: <i>Depois que</i> Maria enviuvou, ela preferiu viver na fazenda de seus pais.</p> <p>c. Tempo contíguo ou progressivo: Ex.: <i>Enquanto</i> os alunos faziam os exercícios, o professor corrigia as provas da outra turma.</p> <p>Ex.: <i>À medida que</i> os recursos iam minguando, aumentava o desespero da população do vilarejo isolado pelas inundações.</p>
<p>Relação de conformidade – expressa-se pela conexão de duas orações em que se mostra a conformidade do conteúdo de uma com algo asseverado na outra.</p>	<p>O réu agiu <i>conforme</i> o advogado lhe havia determinado.</p>
<p>Relação de modo – por meio da qual se expressa, numa das orações, o modo como se realizou a ação ou evento contido na outra.</p>	<p><i>Sem levantar a cabeça</i>, a criança ouvia as reprimendas da mãe.</p> <p><i>Como se fosse um raio</i>, o cavaleiro disparou pela campina afora.</p>

Fonte: Elaboração própria com base em Koch (2008) p. 68-71.

Quadro 8 – Relações discursivas ou argumentativas

Relações discursivas ou argumentativas	
<p>Conjunção – efetuada por meio de operadores como <i>e</i>, <i>também</i>, <i>não só... mas também</i>, <i>tanto... como</i>, <i>além de</i>, <i>além disso</i>, <i>ainda</i>, <i>nem</i> (= <i>e não</i>), quando ligam enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão.</p>	<p>João é, sem dúvida, o melhor candidato. Tem boa formação e apresenta um consistente programa administrativo. <i>Além disso</i>, releva pleno conhecimento dos problemas da população. Ressalte-se, <i>ainda</i>, que não faz promessas demagógicas.</p>
<p>Disjunção argumentativa – trata-se aqui da disjunção de enunciados que possuem orientações discursivas diferentes e resultam de dois atos de falas distintos, em que, por meio do segundo, procura-se provocar o leitor/ ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião ou, simplesmente, aceitar a opinião expressa no primeiro.</p>	<p>A reunião foi um fracasso. Não se chegou a nenhuma conclusão importante, <i>nem</i> (= <i>e não</i>) se discutiu o problema central.</p>
<p>Contrajunção – através da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo</p>	<p>Tinha todos os requisitos para ser um homem feliz. <i>Mas</i> vivia só e deprimido.</p>

<p>operador <i>mas</i> (<i>porém, contudo, todavia</i> etc.)</p> <p>Quando se utiliza o operador <i>embora</i> (<i>ainda que, apesar de (que)</i> etc.), prevalece a orientação argumentativa do enunciado não introduzido pelo operador.</p>	<p><i>Embora</i> desconfiasse do amigo, nada deixava transparecer.</p> <p>O calor continua insuportável, <i>apesar da chuva</i> que caiu o dia todo.</p>
<p>Explicação ou justificativa – quando se encadeia, sobre um primeiro ato de fala, outro ato que justifica ou explica o anterior.</p>	<p>Não vá ainda, <i>que</i> tenho uma coisa importante para lhe dizer.</p> <p>Deve ter faltado energia por muito tempo, <i>pois</i> a geladeira está totalmente descongelada.</p>
<p>Comprovação – em que, através de um novo ato de fala, acrescenta-se uma possível comprovação da asserção apresentada no primeiro.</p>	<p>Encontrei seu namorado na festa, <i>tanto que</i> ele estava de tênis Adidas.</p>
<p>Conclusão – em que, por meio de operadores como <i>portanto, logo, por conseguinte, pois</i> etc., introduz-se um enunciado de valor conclusivo em relação a dois (ou mais) atos de fala anteriores que contêm as premissas, uma das quais, geralmente, permanece implícita, por tratar-se de algo que é voz geral, de consenso em dada cultura, ou, então, verdade universalmente aceita.</p>	<p>Toda a equipe jogou desentrosada. (<i>Portanto, Logo</i>) o novo atacante não poderia mesmo ter mostrado o seu bom futebol.</p> <p>João é um indivíduo perigoso. <i>Portanto</i>, fique longe dele.</p>
<p>Comparação – expressa-se por meio dos operadores (<i>tanto, tal... como (quanto) mais... (do) que, menos... (do) que,</i> estabelecendo entre um termo comparante e um termo comparado, uma relação de inferioridade, superioridade ou igualdade. A relação comparativa, como demonstra Vogt (1977, 1980), possui caráter eminentemente argumentativo: a comparação se faz tendo em vista dada conclusão a favor ou contra a qual se pretende argumentar.</p>	<p>Devemos chamar Pedro para tirar a mala de cima do armário?</p> <p>João é <i>tão</i> alto <i>quanto</i> Pedro.</p> <p>a. argumentação desfavorável a Pedro (embora não negando a sua altura) e favorável a João.</p> <p>Pedro é <i>tão</i> alto <i>como</i> João.</p> <p>b. Inversão da orientação argumentativa, agora favorável a Pedro.</p>
<p>Generalização/ extensão – em que o segundo enunciado exprime uma generalização do fato contido no primeiro ou uma amplificação da ideia nele expressa.</p>	<p>Maria está atrasada. (<i>Aliás, Também, É verdade que</i>) ela nunca chega na hora.</p> <p>Pedro está de novo sem dinheiro. (<i>Bem, Aliás, Mas</i>), é o que acontece com todo estudante que vive de mesada.</p> <p>Tive prazer em conhecê-la. (<i>De fato, Realmente</i>), estou encantada.</p>
<p>Especificação/ exemplificação – em que o segundo enunciado particulariza e/ ou exemplifica uma declaração de ordem mais geral apresentada no primeiro.</p>	<p>Muitos de nossos colegas estão no exterior. Pierre, <i>por exemplo</i>, está na França.</p> <p>Nos países de Terceiro Mundo, <i>como</i> a Bolívia e o Brasil, falta saneamento básico em muitas regiões.</p>
<p>Contraste – no qual o segundo enunciado apresenta uma declaração que contrasta com</p>	<p>Gosto muito de esporte. <i>Mas</i> luta-livre, faça-me o favor!</p>

a do primeiro, produzindo um efeito retórico.	Os ricos ficam cada vez mais ricos, <i>ao passo que os pobres tornam-se cada vez mais pobres.</i> Irei à sua festa. <i>Isto é</i> , se você me convidar.
Correção/ redefinição – quando, através de um segundo enunciado, se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade do que nele foi veiculado ou, ainda, se questiona a própria legitimidade de sua enunciação.	Eu não agiria deste modo. <i>Se</i> você quer saber a minha opinião. Meus parabéns! <i>Ou</i> não devo cumprimentá-la por isso? Pedro chega hoje. <i>Ou melhor</i> , acredito que chegue, não tenho certeza. Ele não é muito esperto. (<i>De fato, Pelo contrário</i>), parece-me bastante estúpido. Prometo ir ao encontro. (<i>Isto é, Ou melhor</i>), vou tentar.

Fonte: Elaboração própria com base em Koch (2008) p. 71-77.

2.2.3 Antunes

Conforme Antunes (2005), o texto é:

Um evento sociocomunicativo. Nunca acontece fora de uma situação cultural. Nunca acontece sem uma função determinada. Nem que seja apenas a de quebrar o silêncio. Por isso mesmo, ele depende de componentes linguísticos – explícitos e implícitos – e de fatores não linguísticos (ANTUNES, 2005, p. 164-165).

A autora acredita, assim como Halliday & Hasan (1995) e Koch & Travaglia (2009), que o texto é uma unidade de sentido. Para Antunes (2005), as propriedades de textualidade são: a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade. E, da mesma forma que Koch & Travaglia (2009), Antunes (2005) afirma a relação íntima que existe entre coesão e coerência.

Conforme Antunes (2005), a coerência tem a ver com a possibilidade de “recuperar uma unidade de sentido, uma unidade de intenção” (ANTUNES, 2005, p. 175-176). A autora explica que a coerência não é somente uma propriedade textual de cunho linguístico, porque ela envolve a funcionalidade do texto e os efeitos de sentido que o falante/escritor tem a intenção de obter de acordo com a maneira que produz o texto para o interlocutor. “A coerência depende de cada situação, dos sujeitos envolvidos e de suas intenções comunicativas, como tudo o mais em relação à língua” (ANTUNES, 2005, p. 177).

A coesão é “a propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática” (ANTUNES, 2005, p. 47). A autora explica que “a função da coesão é exatamente a de promover a continuidade do texto, a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade” (ANTUNES, 2005, p. 48).

A partir dessas definições, Antunes (2005) explica que é compreensível o fato de alguns autores, como Halliday & Hasan (1995), não estabelecerem limites entre coesão e coerência, já que há uma dependência entre ambas.

Com base em Antunes (2005), podemos dizer que o texto, para ser um texto, precisa ter coerência, ou seja, necessita estabelecer relações de sentido. E essas relações, principalmente em textos de extensão maior, são obtidas por meio da coesão, que é responsável pela ligação entre as partes de um texto e que garante sua continuidade e progressão.

Existe, assim, uma cadeia facilmente reconhecível entre *continuidade, unidade e coerência*. De maneira que é artificial separar coesão e coerência, assim como é artificial separar forma de conteúdo, ou sintaxe de semântica, por exemplo. O máximo que se pode dizer é que a coesão está em função da coerência, no sentido de que as palavras, os períodos, os parágrafos, tudo, qualquer segmento se interliga no texto para que ele faça sentido, para que ele se torne interpretável. Não é que as duas propriedades se confundam, no sentido de que não se possa definir-las. O que não é possível, ou, pelo menos, não parece produtivo, é que queiramos demarcar com precisão onde acaba uma e começa a outra. Por sinal, são muitas as coisas que, em linguagem, não se pode chegar a delimitações rígidas (ANTUNES, p. 177-179, grifo da autora).

De fato, percebemos essa forte relação entre coesão e coerência ao lidarmos, por exemplo, com a avaliação de textos, mais especificamente de redações. Algumas vezes, torna-se difícil escolher em qual campo devemos penalizar um escritor/aluno quando o uso inadequado de elementos coesivos compromete seriamente o sentido do texto. Um exemplo simplório que ilustra isso é: “João não foi à aula, *entretanto* estava doente” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 9, grifo nosso). Na condição de avaliadores, temos de escolher entre o campo da coesão e o da coerência. E isso não significa que o discente compreenderá exatamente a profundidade do seu problema de escrita ao ver a marcação.

Às vezes, não basta apenas corrigir o elemento coesivo e sugerir outro mais adequado à situação comunicativa, é necessário refazer o trecho. Às vezes, a falta de elementos coesivos também compromete o estabelecimento de sentido, de modo que, ao usá-los, a

compreensão do conteúdo efetiva-se. Nessa perspectiva, Antunes (2005) esclarece que, quando a ausência da coesão deixa o texto fragmentado, o leitor sente um estranhamento, sente algo esquisito no processo da leitura. Para ela: “o texto com sequência, em que se reconhece um tipo qualquer de continuidade, de articulação, é que constitui a normalidade dos textos com que interagimos” (ANTUNES, 2005, p. 46).

Outro autor mencionado por Antunes (2005) é Charolles (1978). Segundo a autora, Charolles (1978) aborda as metarregras da coerência e, dentro disso, é possível perceber a presença da coesão. Charolles (1978) menciona que um texto deve ser organizado coerentemente no nível macro e microestrutural. A macroestrutura corresponde ao sentido global do texto e depende da organização microestrutural, que ocorre quando as frases e orações relacionam-se de modo coerente na sequência textual.

Em uma gramática do texto, a base do texto (sua representação estrutural profunda) é de natureza lógico-semântica: os constituintes frasais, sequenciais e textuais figuram sob a forma de uma cadeia de representações semânticas dispostas de modo que são manifestadas suas relações de conectividade (CHAROLLES, 1978, p. 14)³².

Isso reforça a ideia de que coerência e coesão estão interligadas. O planejamento macroestrutural do texto envolve as relações de sequenciação e progressão estabelecidas no nível microestrutural. Dessa forma, a coesão não contribui apenas para a continuidade de sentidos estabelecida no nível horizontal do texto, mas também para a continuidade que ocorre no nível vertical:

a propriedade da coesão não se esgota com os recursos de ligar ou de conectar uma palavra a outra, uma frase a outra. Não se reduz, portanto, a uma relação localizada entre duas unidades lexicais, por exemplo, entre duas orações ou períodos. Inclui, e de forma significativa, o estabelecimento de laços macroestruturalmente estendidos ao domínio global do texto. Na verdade, processa-se, no texto, um curso bidimensional de relações, as quais asseguram, por um lado, a continuidade horizontal, no nível de cada microestrutura, e, por outro lado, a continuidade vertical, no nível global de sua macroestrutura. Um texto deve fazer sentido em cada um dos seus segmentos e, ainda, em seu todo (ANTUNES, 2009, p. 64-65).

³² Exerto original: “Dans une grammaire de texte, la base du texte (sa représentation structurelle profonde) est de nature logico-sémantique: les constituants phrastiques, séquentiels et textuel figurent sous la forme d'une chaîne de représentations sémantiques aménagée de telle sorte que soient manifestées leurs relations de connexité”.

Para Antunes (2005), existem três grandes relações textuais relativas à coesão: a reiteração, a associação e a conexão. A seguir, abordaremos apenas o processo de conexão.

2.2.3.1 As especificidades da CONEXÃO

Segundo Antunes (2005), o processo de conexão é feito pelo estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos, com o uso de conectores pertencentes às classes preposição, conjunção, advérbio e respectivas locuções. Conexão é “o recurso coesivo que se opera pelo uso de conectores, o qual desempenha a função de promover a sequencialização de diferentes porções do texto” (ANTUNES, 2005, p. 140).

A autora afirma que é preciso ter um olhar mais amplo em relação aos conectores, de modo a ultrapassar as classificações impostas nos livros didáticos e nas gramáticas, conforme podemos ver na citação abaixo:

Nas gramáticas, em geral, a função atribuída aos conectores se resume àquela de unir termos de uma oração ou orações. Pouco ou nenhum destaque é dado à ligação entre períodos, entre parágrafos ou até mesmo entre blocos maiores do texto. As gramáticas costumam atribuir aos conectores, particularmente às conjunções, um sentido a partir do qual se pode reconhecer o tipo de relação estabelecida (relação de causa, de tempo, de oposição, de adição, entre outras). Entretanto, a identificação desse sentido das conjunções e locuções tem servido, praticamente, somente para se chegar a uma classificação dessas conjunções e das respectivas orações em que aparecem (ANTUNES, 2005, p. 141-142).

Tais considerações de Antunes (2005) condizem com os apontamentos que fizemos na introdução desta pesquisa. Acreditamos que a grande preocupação do processo de ensino e aprendizagem deve estar no fato de entender a funcionalidade/uso dos elementos coesivos, com o intuito de reconhecer a importância deles não apenas em pequenas frases, mas em dimensões textuais maiores. Desse modo, o foco não pode ser as classificações relativas às conjunções, mas a compreensão e o domínio no que diz respeito aos diversos elementos que atuam como conectores em textos.

O mais importante, na atividade de produção e recepção de textos, é identificar o tipo de relação estabelecida, e não ocupar-se da classificação dos conectores com suas respectivas nomenclaturas. Tampouco tem relevância servir-se do estudo das conjunções apenas para se explorar a complicada classificação das orações, em suas múltiplas subdivisões. O que

vale, portanto, como competência comunicativa é avaliar o valor semântico de cada uma das conjunções e os efeitos semânticos que provocam nas relações entre as orações (ANTUNES, 2005, p. 145).

Em relação ao trecho acima, acreditamos que, no ambiente escolar, o docente não deve se abster totalmente de ensinar as nomenclaturas gramaticais relativas às conjunções. Entretanto, o seu trabalho, como formador de cidadãos aptos a lerem e escreverem os diversos textos que circulam na sociedade, não pode ser limitado a isso. O aprendiz deve primeiramente, assim como Antunes (2005) explica, entender os sentidos que essas palavras possuem em uma unidade textual. Para isso, o docente deve lançar mão de materiais, com o intuito de apoiá-lo nessa atividade; um deles pode ser o dicionário. Nessa perspectiva, as nomenclaturas podem ser vistas a título de conhecimento, e não decoradas para fins avaliativos.

Seguindo pelo viés de valorizar os sentidos que os conectores imprimem, Antunes (2005) apresenta 13 relações semânticas que são denotadas por meio desses elementos. Em síntese, no Quadro 9, seguem as relações traçadas pela autora:

Quadro 9 – Relações semânticas estabelecidas pela conexão

Relações Semânticas	Exemplos de conectores/ expressões linguísticas
1) Relação de causalidade – é estabelecida sempre que, em um segmento (oração, período), se expressa a causa da consequência indicada em um outro.	<p><i>porque, uma vez que, visto que, já que, dado que, visto que</i></p> <p><i>Como o sol não costuma dar trégua, as praias são sempre uma ótima opção (Anúncio de uma Agência de Viagens).</i></p>
2) Relação de condicionalidade – estabelece-se quando um segmento expressa a condição para o conteúdo de um outro, de forma que, se um é verdadeiro, o outro também será. Esse tipo de relação implica sempre um valor de causa, embora de causa hipotética.	<p><i>Se, caso, desde que, contanto que, a menos que, sem que, salvo se, exceto se</i></p> <p><i>Sem uma polícia limpa, o crime vencerá sempre (Veja, 13/04/2005, p. 98).</i></p>
3) Relação de temporalidade – expressa o tempo, a partir do qual são localizados as ações ou os eventos em foco. Essa relação pode envolver: tempo anterior, tempo posterior, tempo simultâneo, tempo habitual, tempo proporcional.	<p><i>Quando, enquanto, apenas, mal, antes que, depois que, logo que, assim que, sempre que, até que, desde que, todas as vezes que, cada vez que,</i></p> <p>Muito nunca é demais <i>quando</i> o preço é de menos (Anúncio publicitário).</p>
3-a) Sequência temporal – expressa a ordem temporal que o enunciador percebeu os acontecimentos	<p><i>Há algum tempo, médicos e nutricionistas defendem a tese de que um bom e equilibrado café-da-manhã ajuda a emagrecer (Veja, 30/03/2005, p. 64).</i></p>
3-b) Sequência textual – expressa a ordem temporal em que as coisas vão aparecer em	<p>Todos os fatos relacionados à coerência textual são extremamente interligados.</p>

um determinado texto.	Procuramos, porém, dividir os assuntos nas seguintes seções: <i>em primeiro lugar</i> , mostraremos o que se tem entendido por coerência (...); <i>em segundo lugar</i> , examinaremos (...) (Koch & Travaglia, 1993, p. 7-8).
4) Relação de finalidade – manifesta-se quando um dos segmentos explicita o propósito, ou o objetivo pretendido e expresso pelo outro.	<p><i>Para que, a fim de que</i></p> <p>Estes cartões abrem portas <i>para</i> você fechar negócios. (Anúncio publicitário).</p>
5) Relação de alternância – pode ocorrer de duas maneiras: em primeiro lugar, sendo sinalizada pelo <i>ou</i> exclusivo, implica que os elementos em alternância se excluem mutuamente, ou seja, não admitem que ambas as alternativas sejam verdadeiras, (...) em segundo lugar, a alternância pode ser inclusiva, ou seja, por ela os elementos envolvidos não se excluem; pelo contrário, se somam.	<p>Todo escritor é útil <i>ou</i> nocivo, um dos dois (Yourcenar, 1983).</p> <p>Sejam palavras bonitas <i>ou</i> sejam palavras feias; sejam mentira <i>ou</i> verdade, <i>ou</i> sejam verdades meias; são sempre muito importantes as coisas que a gente fala (Ruth Rocha).</p>
6) Relação de conformidade – estabelece-se quando um segmento expressa que algo foi realizado de acordo com o que foi pontuado em um outro.	<p><i>Conforme, consoante, segundo, como</i></p> <p><i>Segundo</i> revelou o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em nenhum lugar do mundo se desmata tanto quanto na Amazônia – o equivalente a um campo de futebol por segundo (Terra, dez., 1999).</p>
7) Relação de complementação – ocorre sempre que um segmento funciona como termo complementar de outro, isto é, quando uma oração é sujeito, é complemento ou é aposto de outra.	<p><i>Que, se, como</i></p> <p>Depois do longo voo do pontificado de João Paulo II, os cardeais do conclave podem concluir <i>que está na hora de o catolicismo sofrer uma revisão</i> (Veja, 13/04/2005, p. 11).</p>
8) Relação de delimitação ou restrição – manifesta-se quando uma oração delimita ou restringe o conteúdo de outra.	<p><i>Que</i></p> <p>O saldo deixado por uma doença <i>que foge</i> ao controle é quase sempre catastrófico. (Veja, 13/04/2005, p. 123)</p>
9) Relação de adição – estabelece-se quando mais um item é introduzido num conjunto ou, do ponto de vista argumentativo, quando mais um argumento é acrescentado a favor de uma determinada conclusão.	<p><i>E, ainda, também, não só...mas também, além de, nem, além do mais</i></p> <p>As últimas pesquisas demonstram que os homens já estão se equiparando às mulheres na frequência aos supermercados. Revelam <i>ainda</i> que eles vêm mostrando um talento incrível para donas de casa (Carlos Eduardo Novais, 1974).</p>
10) Relação de oposição – manifesta-se pelas expressões que, na gramática tradicional, são conhecidas como adversativas e concessivas. Essa relação implica um conteúdo que se opõe a algo explicitado ou implicitado em um enunciado anterior.	<p><i>Mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, embora, se bem que, ainda que, apesar de</i></p> <p>A dificuldade para escrever é comum em profissionais de todas as áreas. Muitas vezes, <i>no entanto</i>, ela é agravada por causa de equívocos (Veja, 30/03/05, p. 56).</p>

11) Relação de justificação ou explicação – ocorre quando um segmento tem a finalidade de justificar, explicar ou esclarecer um outro segmento anterior. Essa relação é muito frequente em textos expositivos ou explicativos, sobretudo aqueles com finalidade didática.	<i>Isto é, quer dizer, ou seja, pois</i> Não existem animais inúteis. <i>Isto é</i> , todo animal, para sobreviver, alimenta-se necessariamente de outros seres, sejam eles animais ou vegetais (Carlos Eduardo Novais, 1974).
12) Relação de conclusão – acontece sempre que, em um segmento, se expressa uma conclusão que se obteve a partir de fatos ou conceitos expressos no segmento anterior.	<i>Logo, portanto, pois, por conseguinte, então, assim</i> Escola pública não tem os mesmos recursos de uma escola privada para se manter. <i>Por isso</i> , se você trabalha ou estuda em uma escola pública, cuide dela como se fosse sua. (Anúncio publicitário da Agência Criativa).
13) Relação de comparação – dá-se quando, em segmentos distintos, pombos em confronto dois ou mais elementos com a finalidade de identificar semelhanças ou diferenças entre eles.	<i>Como, Mais...do que, menos...do que, tanto...quanto</i> Um time é maior <i>do que</i> a soma de seus jogadores (Anúncio do BankBoston, Veja, 13/04/2005, p. 29).

Fonte: Elaboração própria com base em Antunes (2005), p. 145-163.

2.2.4 Considerações

A partir da exposição realizada nesta seção, consideramos pertinente fazer algumas ponderações.

Primeiramente, concordamos com todos os autores mencionados quando afirmam que a coesão não é uma norma, um fator ou um princípio de textualidade que dê conta sozinha de fazer com que um texto seja um texto. Outros fatores devem ser levados em consideração, e, em nossa perspectiva, cada autor, a seu modo, refere-se à coerência como sendo um deles. Como Halliday & Hasan (1995) não mencionam a coerência diretamente, da mesma forma que os demais autores o fazem, é válido ressaltar que acreditamos que Halliday & Hasan (1995) tocam nas questões pertinentes à coerência ao destacarem o contexto de situação (registro) ou macroestrutura.

Em segundo lugar, queremos nos posicionar sobre a necessidade da coesão existir para que um texto seja um texto. Halliday & Hasan (1995) tratam a coesão como um fator de textura imprescindível. Koch & Travaglia (2009) mencionam que a coesão é dispensável. E Antunes (2005) pondera que a coesão geralmente é dispensável em textos mínimos (de uma palavra ou de uma frase), nas quais a estrutura da língua, conforme Halliday & Hasan (1995) afirmam, é capaz de explicar o funcionamento deles. Segundo Antunes (2005), a maioria dos

textos que circula na sociedade, por ser de uma extensão maior, necessita dos recursos coesivos.

Para nós, é compreensível o pensamento de Halliday & Hasan (1995), visto que o conceito de coesão, para eles, baseia-se nas relações semânticas que dão continuidade ao texto. A coesão tem a ver com a sequência lógica das frases, com a relação de sentido que é estabelecida entre as palavras que estão presentes no texto. Essas palavras não são necessariamente: *este, isso, ela* etc., pois a coesão pode ser estabelecida também por meio do léxico. Na coesão lexical, por exemplo, os autores explicam a “colocação”, que se refere ao fato de determinadas palavras ocorrerem juntas, com frequência, em determinadas situações comunicativas, em virtude de estarem associadas simplesmente por meio de seu conteúdo semântico. No tipo de coesão chamado de “conjunção”, por exemplo, os autores afirmam que os elementos conjuntivos não são coesivos em si mesmos, que a relação semântica se sobressai aos elementos conjuntivos. Portanto, compreendendo a coesão sob a ótica desses autores, ela é realmente imprescindível.

Por outro lado, também entendemos o posicionamento de Koch & Travaglia (2009). Para eles, a coesão refere-se aos elementos da superfície linguística que auxiliam no estabelecimento de sentido, favorecendo a continuidade e progressão do texto. Para Koch & Travaglia (2009), a continuidade de sentidos tem a ver principalmente com o conceito de coerência; a coesão é acessória, é apenas um mecanismo pelo qual podemos estabelecer sentido, por isso ela é a manifestação superficial da coerência.

Conforme Koch & Travaglia (2009) explicam, existem textos que possuem poucos ou não possuem elementos coesivos. Alguns exemplos de textos em que podemos perceber isso são: haicais, bilhetes, poemas e canções de rap. Os autores nos apresentam o seguinte texto, cujo título é “O show”: “O cartaz / O desejo/ O pai/ O dinheiro/ O ingresso/ O dia/ a preparação/ A ida/ O estádio/ A multidão/ A expectativa/ A música/ A vibração/ A participação/ O fim/ A volta/ O vazio” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 10-11).

Para Koch & Travaglia (2009), o texto em questão não tem coesão. Ele é um texto, porque é coerente. O receptor aciona os seus conhecimentos de mundo preservados em sua memória para compreender o texto como um todo. No entanto, com base em Halliday & Hasan (1995), poderíamos dizer que há coesão sim, porque as palavras usadas no texto relacionam-se semanticamente e, para estes autores, a coesão baseia-se nas relações semânticas. *Ingresso, estádio, multidão, música* etc. são palavras lexicais que possuem um conteúdo semântico que pode ser associado à ideia de *espetáculo, show*. Nesse caso, sob a teoria de Halliday & Hasan (1995), estaríamos lidando com a coesão lexical. Esse tipo de

comparação relativa à análise do que é coesão para cada dupla de autores já foi efetuada por Aleixo (2011).

Enfim, é importante notarmos que tais posicionamentos diferem-se, porque o conceito de coesão varia entre os autores mencionados. Vale ressaltar que nós acreditamos que a questão de o texto continuar sendo inteligível, mesmo sem determinados elementos linguísticos de coesão (*mas, apesar de, embora* etc.), já havia sido sugerida, indiretamente, por Halliday & Hasan (1995) no capítulo cinco referente à Conjunção (p. 229).

Também queremos evidenciar, como lembram Koch & Travaglia (2009), que há textos que lançam mão de elementos coesivos, no entanto não chegam a formar uma unidade coerente. Podemos exemplificar esse tipo de situação com excertos³³ extraídos do nosso *corpus* de redações, destacamos em itálico alguns elementos de coesão:

Portanto recomendaria que o toque de recolher seria o intróito da responsabilidade da juventude *porém* a intui-se que protege realmente os jovens a restringir o uso de entorpecentes e violência. *Com isso* os jovens obterão o incremento de devaneio dos estudos convenientes.

Não se sabe sobre os autênticos agentes tentadores desses lastimáveis momentos vivenciados por cada aluno vitimado, *seja* pelo bullying *ou* por seu resultado e por cada pai atormentado pelo receio da matança. *Todavia* se sabe que a estupidez humana presente em todos os casos, relata que as convicção de sua sedução é a própria aptidão do homem em mastigá-las. Não é *para* cingir-se a um pessimismo existencial, *mas* para empenhar-se na regurgitação da verdade ingênua da estupidez. Confissão da existência: *Isso* não é um bicho de sete cabeças!

Entre pelo menos em sua vida cotidiana , e pense quem seria a pessoa certa para você viver com ela mas ,e ela vivera só a metade da vida dela para você. *A sim* o amor prevalesse *ou* a projeção acaba, com o passar dos dias, e vê que poderia ter alguém que o acompanha-se por toda sua vida.

Para encerrar essa questão, expomos a seguinte citação:

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo da manifestação superficial da coerência (KOCH, 2008, p. 18).

³³ Todos os excertos extraídos do *corpus* de redações que são apresentados no decorrer desta dissertação foram copiados na íntegra, não passaram por correções gramaticais.

Vemos a menção em questão bastante relacionada ao posicionamento de Antunes (2005, 2009), para quem a coesão, em textos constituídos por mais de uma frase, é importante. A partir disso, acreditamos que, embora a presença de elementos coesivos seja relativamente dispensável em alguns gêneros textuais, a coesão é necessária para grande parte dos textos do nosso meio social.

Vale ressaltar que há, com frequência, em processos seletivos, vestibulares e concursos, um tópico avaliativo especialmente voltado à coesão na produção de texto. Se isso existe, é porque, para os gêneros e tipos textuais cobrados nesses processos, a manifestação da coesão é realmente esperada/desejada pela equipe de avaliadores. Nesse caso, é importante nos lembarmos das exigências estipuladas pela situação comunicativa.

No documento intitulado “A redação no Enem 2013 – Guia do participante”, por exemplo, encontramos menção em relação à exigência dos elementos coesivos: “assim, na produção da sua redação, você deve utilizar variados recursos linguísticos que garantam as relações de continuidade essenciais à elaboração de um texto coeso” (BRASIL, 2013, p. 20, grifo nosso). Em seguida, o Guia apresenta ao leitor alguns recursos, como a articulação entre os parágrafos e os períodos por meio de comparação, causa e consequência, conclusão, etc., e a referenciamento, com o uso de pronomes, artigos, sinônimos, hiperônimos, entre outros. Portanto, no caso da dissertação argumentativa que segue os moldes do Enem, tipo textual que constitui nosso *corpus* de redações, a coesão é necessária, o escritor deve usar, ao menos, um recurso coesivo.

Em terceiro lugar, destacamos a questão da nomenclatura. Por concordarmos com a existência dos dois grandes mecanismos propostos por Koch (2008), referenciamento ou remissão e sequenciação, decidimos usar a nomenclatura *coesão sequencial* ou *sequenciação*, e não *conjunção* de Halliday & Hasan (1995) ou *conexão*, conforme proposto por Antunes (2005). No entanto, observamos que, apesar de os autores olharem de maneiras diferentes para o mesmo fenômeno, nomeando-os, algumas vezes, de formas distintas, as explicações deles sobre o uso dos elementos coesivos em si são pertinentes. Assim, vamos nos valer de todas as contribuições teóricas para atingirmos o objetivo geral da pesquisa.

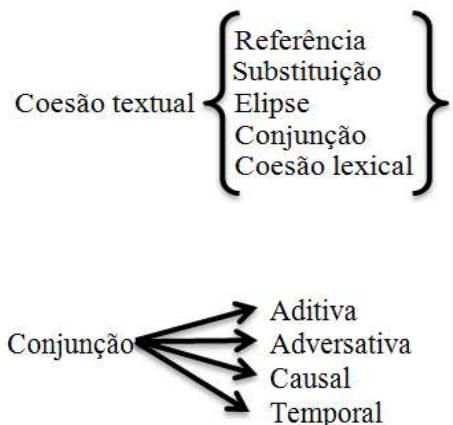
Além disso, por mais que haja diferenças taxonômicas e de agrupamento em relação às formas de se realizar a coesão textual, ficou evidente que o processo denominado por Halliday & Hasan (1995) como *conjunção* também foi visto como um mecanismo à parte por Koch (2008) na *coesão sequencial* e por Antunes (2005) na *conexão*.

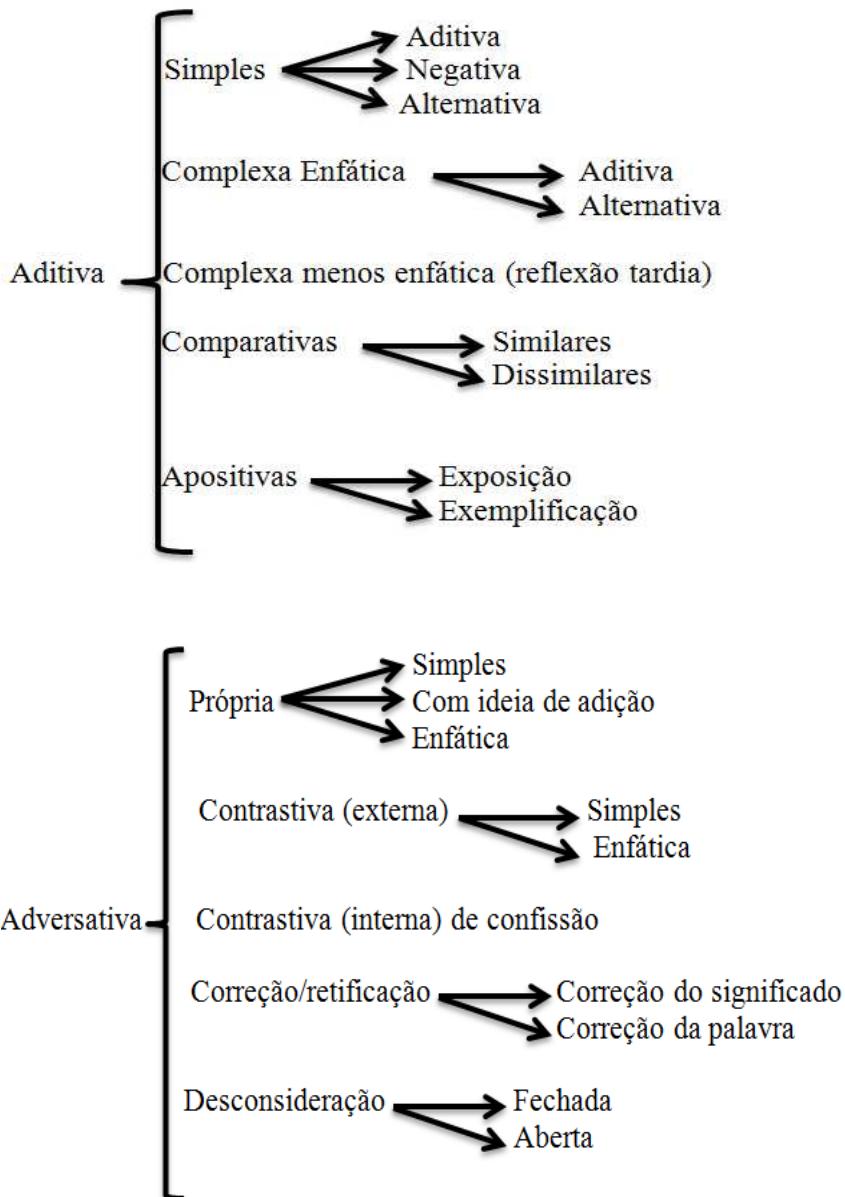
Ressaltamos que a perspectiva de Antunes (2005) em relação à conexão nos chama a atenção. Acreditamos que o modo como a autora analisa os conectores, isto é, por meio de

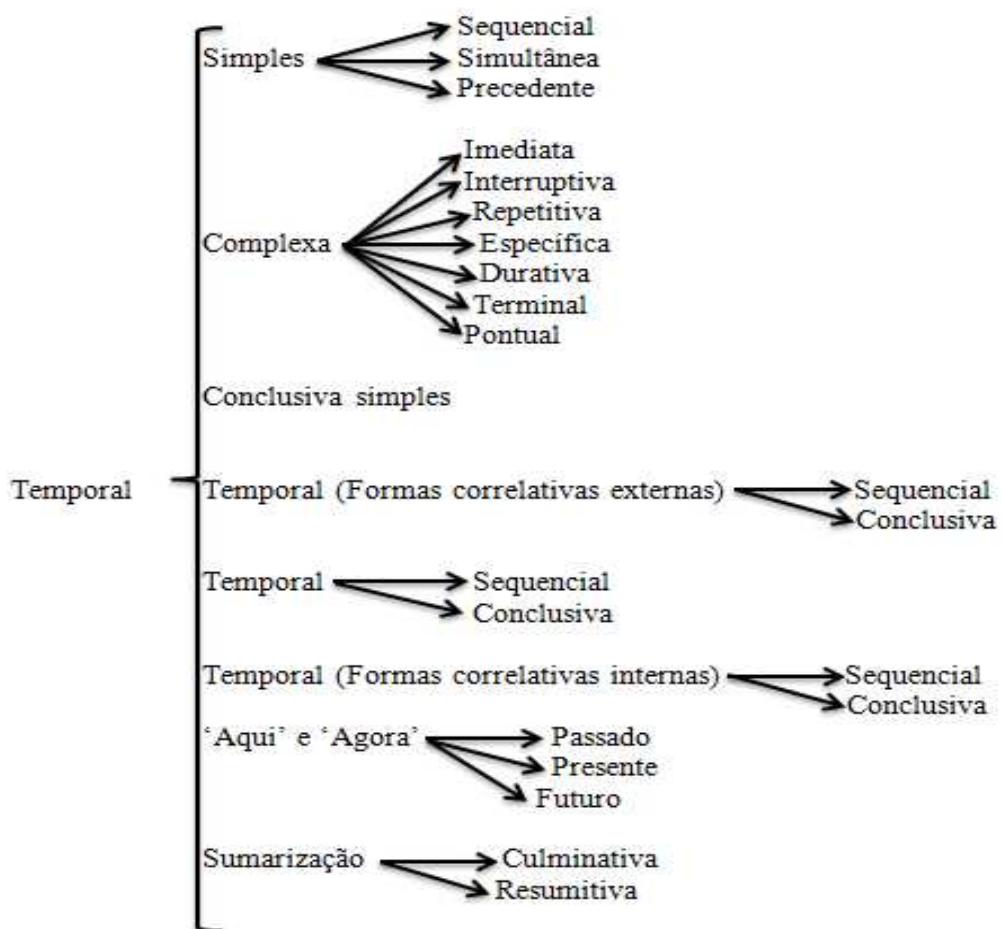
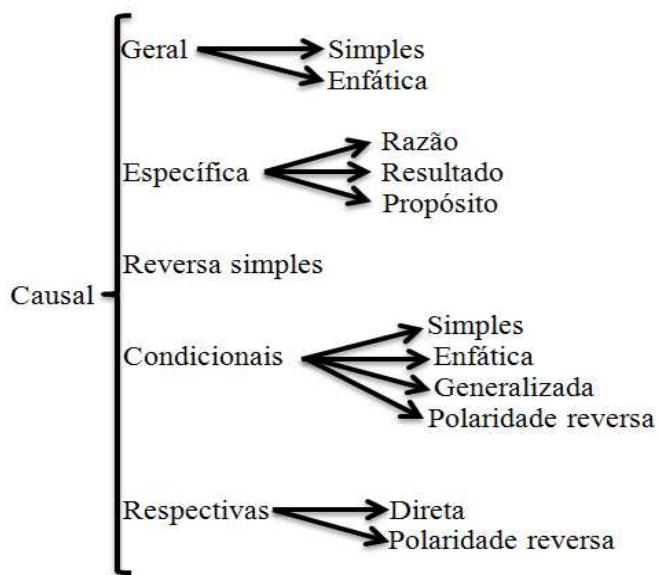
relações semânticas, é pertinente com as críticas realizadas por ela em relação à preocupação exacerbada de classificação das conjunções que ainda existe no Ensino Básico. E isso será um ponto relevante do qual nos lembraremos ao formular as definições dos elementos sequenciais.

No que diz respeito a classificações e nomenclaturas, observamos que Halliday & Hasan (1995) elaboram um modo de agrupamento bastante distinto em relação às outras autoras e que engloba mais a diversidade dos elementos coesivos. Koch (2008) trabalha com os elementos coesivos e com a nomenclatura deles de maneira mais complexa e mais ampla em relação a Antunes (2005), que é a autora mais sintética. Abaixo, esquematizamos as nomenclaturas adotadas pelos autores, a fim de obtermos uma visão geral e resumida sobre elas:

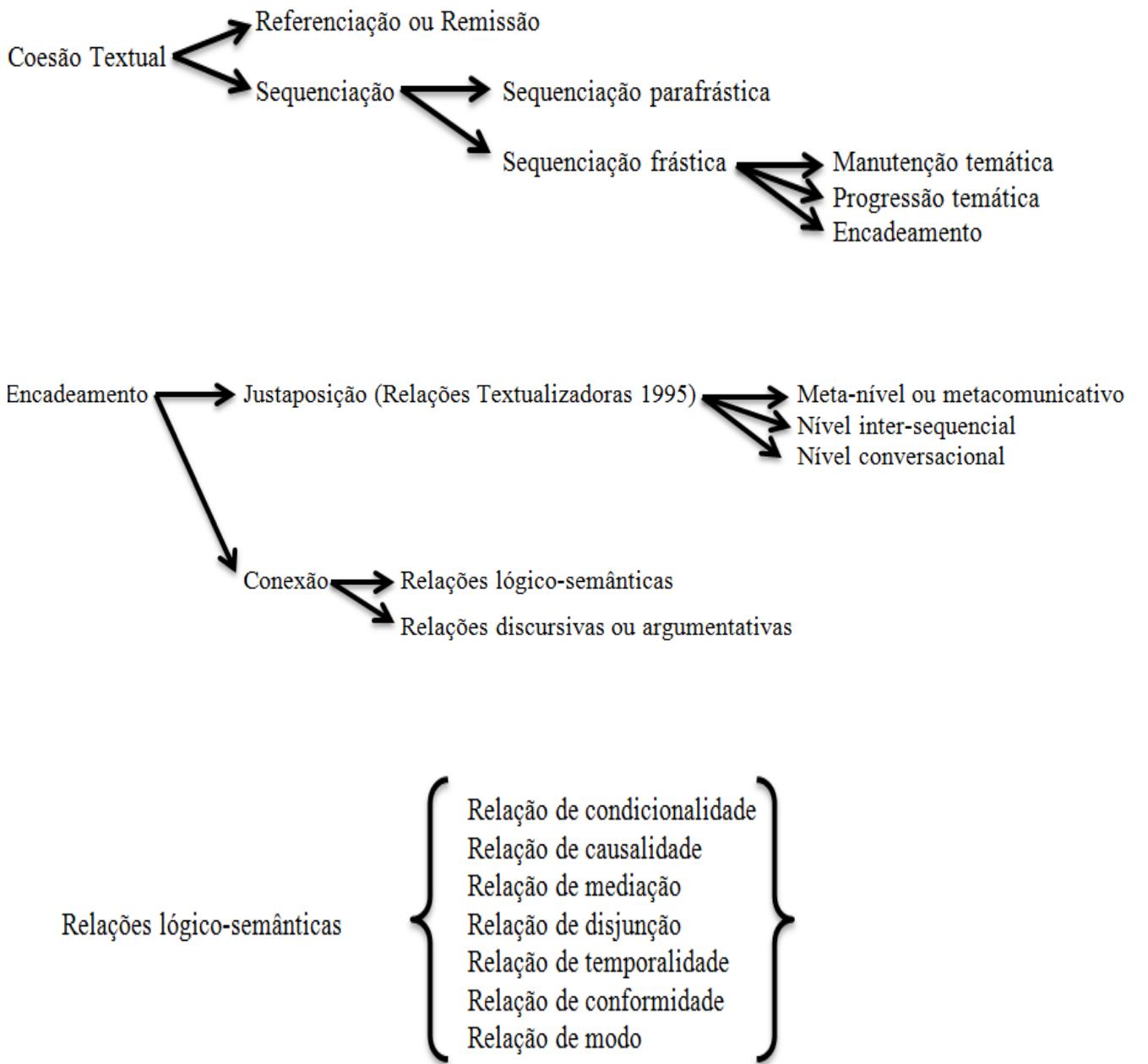
a) Esquematização da nomenclatura adotada por Halliday & Hasan (1995) a respeito da coesão com foco no procedimento denominado conjunção:

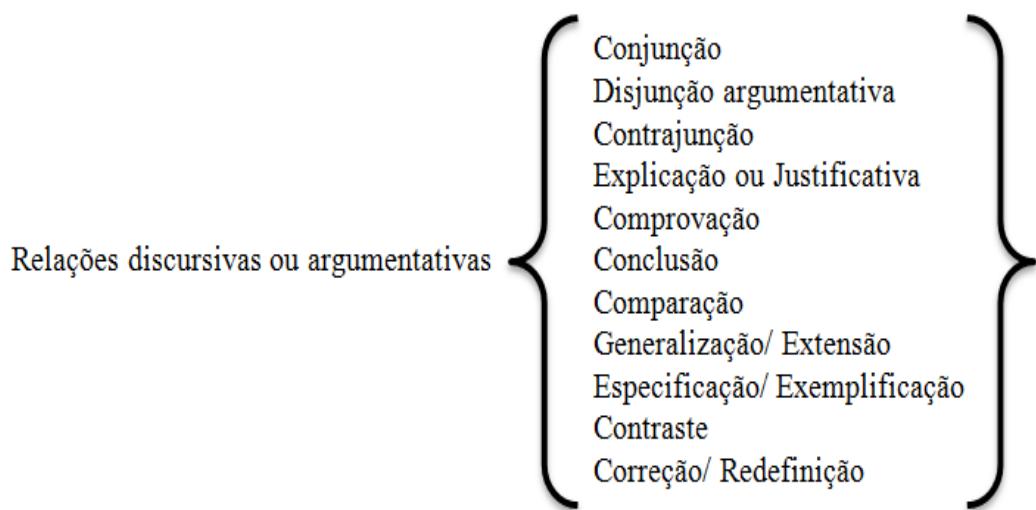




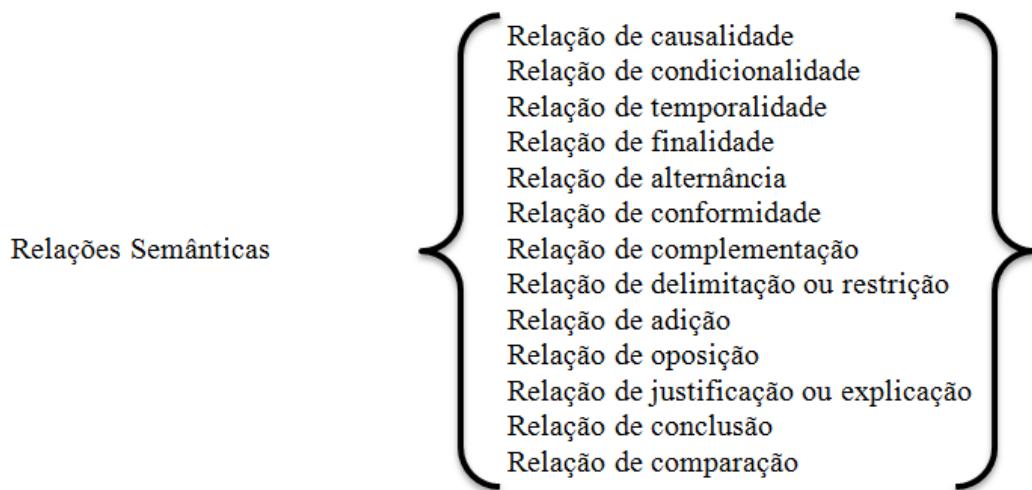
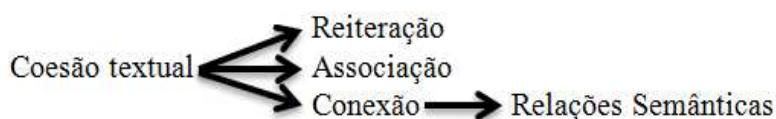


b) Esquematização da nomenclatura adotada por Koch (2008) a respeito da coesão com foco na coesão sequencial e no procedimento de encadeamento:





c) Esquematização da nomenclatura adota por Antunes (2005) a respeito da coesão com foco na conexão:



Vale ressaltar que o termo *tie* (traduzido no Brasil como *elo*), segundo Halliday & Hasan (1995), refere-se à relação de ligação entre os itens de um texto, e não a cada um dos itens que participam dos processos e mecanismos de coesão. Por isso, optamos por usar

elementos de coesão ou *elementos coesivos* para nos remetermos às palavras que participam das relações de ligação da coesão sequencial.

Em quarto lugar, trazemos à tona a ideia de que “de certa forma, todo recurso coesivo promove a sequencialização do texto. Por isso mesmo é que ele é coesivo” (ANTUNES, 2005, p. 140). É interessante pensarmos a respeito dessa assertiva, pois, às vezes, podem surgir dificuldades ao encaixar um elemento coesivo em apenas um mecanismo, por exemplo, o *além disso*. Ao mesmo tempo em que ele sugere ao leitor/interlocutor o acréscimo de uma ideia, de modo a contribuir especialmente para a continuidade do que o locutor tem a dizer, também faz menção ao que foi falado anteriormente, devido à presença de *disso*.

Outro caso ocorre com o elemento coesivo *também*, que pode auxiliar na sequenciação de um texto, por meio da adição de ideias, como pode cumprir a função de referenciação ao substituir um segmento: “Pedro comprou um carro novo e José *também*” (KOCH, 2008, p. 20, grifo da autora).

É preciso deixar claro, ainda, que a coesão referencial e a coesão sequencial não devem ser vistas como procedimentos totalmente estanques. Há, na língua, formas que apenas efetuam encadeamentos (os conectores propriamente ditos) e outras que operam, ao mesmo tempo, remissão (ou referência) e encadeamento. O próprio uso de formas remissivas, retomando referentes do texto para se tornarem suportes de novas predicações, não deixa de contribuir para a progressão do texto, aproximando-se, pois, dos mecanismos de sequenciação parafrástica (KOCH, 2008, p. 77).

Assim, observamos que as interpretações que foram mencionadas a respeito dos mecanismos de coesão representam a maneira como cada estudioso comprehende os processos coesivos. Isso não significa que uma ou outra classificação desses mecanismos esteja certa ou errada, ou ainda que nós devêssemos enxergar os elementos de coesão de modo hermético, mas reforça a necessidade própria do ser humano de nomear e categorizar fenômenos para efeito de construção de seus conhecimentos.

Por último, em relação às particularidades apresentadas sobre os elementos sequenciais, chama-nos a atenção o fato de Koch (2008) e Antunes (2005) mencionarem a força argumentativa que os elementos sequenciais imprimem quando são utilizados.

O recurso da conexão sobressai mais significativo ainda quando se considera que os conectores não servem apenas para ‘ligar’ ou para ‘articular’ segmentos. O mais relevante é reconhecer que esses elementos também cumprem a função de indicar a orientação discursivo-argumentativa que o autor pretende emprestar a seu texto (ANTUNES, 2005, p. 143-144).

Os encadeadores de tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultado de um ato de fala distinto. [...] esses conectores, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe a orientação argumentativa. Por esta razão, são também chamados operadores argumentativos e as relações que estabelecem, relações pragmáticas, discursivas ou argumentativas (KOCH, 2008, p. 72).

Diante disso, é fundamental conhecermos como esses elementos sequenciais são vistos sob a perspectiva argumentativa. Para isso, recorremos aos estudos referentes à Semântica Argumentativa.

2.3 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: OS ELEMENTOS COESIVOS NA CONDIÇÃO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Segundo Barbisan (2013), a Semântica Argumentativa surgiu na França com Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe e, hoje em dia, é desenvolvida por Ducrot e Marion Carel no mesmo instituto de pesquisas em que se iniciou: *École des Hautes Études en Sciences de Paris*. A questão defendida sob a perspectiva da Semântica Argumentativa é a de que “a argumentação está na língua” (DUCROT, 1989, p. 16). Isso significa que a língua possui elementos linguísticos que indicam a orientação argumentativa do enunciado, ou seja, o sentido do enunciado.

Para compreendermos o fato de a língua ser intrinsecamente argumentativa, é importante esclarecer alguns conceitos referentes à área da Semântica Argumentativa. Ducrot (1989) distingue *enunciado* de *frase* e *sentido* de *significação*, embora estejam intimamente relacionados. O referido autor explica que:

O enunciado é um segmento do discurso. Ele tem, pois, como o discurso, um lugar, uma data, um produtor e (geralmente) um ou vários ouvintes. É um fenômeno empírico, um observável e, a este título, não se repete. Se digo duas vezes seguidas uma coisa que é habitualmente transcrita “O tempo está bom”, produzo dois enunciados diferentes, e isto somente porque o momento de sua enunciação é diferente (DUCROT, 1989, p. 13).

Conforme Ducrot (1989), o enunciado está para o sentido, e a frase está para a significação. A frase possui significação, ou seja, “é constituída de diretivas, ou ainda de instruções, de senhas para decodificar o sentido de seus enunciados” (DUCROT, 1989, p. 14). É por isso que a Semântica Argumentativa defende a tese de que a argumentação está na

língua, nesta área, as frases contêm elementos linguísticos que nos mostram qual sentido o enunciado possui, qual estratégia argumentativa está sendo usada no contexto do enunciado.

Para entendermos melhor os conceitos mencionados acima, Cabral (2011) nos apresenta o seguinte exemplo: “Você sabe que horas são?” (CABRAL, 2011, p. 29). A autora explica que essa frase “fora do contexto enunciativo não constitui um enunciado, porque não pode produzir sentido, ela tem apenas uma significação resultante da interpretação das relações dos termos que a compõe” (CABRAL, 2011, p. 29). No entanto, se tal frase é inserida em determinada situação comunicativa, ela se torna um enunciado.

Cabral (2011) descreve a seguinte situação: uma pessoa que saiu de casa sem o relógio pergunta para outra “Você sabe que horas são?”. Nesse caso, ela não quer saber se o seu interlocutor sabe as horas, na verdade, ela está pedindo para ele dizer quantas horas são. Segundo a autora, o enunciado “Você sabe que horas são?” contém uma força ilocucional de pedido. A mesma pergunta poderia ser considerada como um enunciado diferente se fosse produzida numa situação diversa da que foi exemplificada. Desse modo, tal pergunta torna-se um ato de fala, porque o enunciado é visto como uma ação produzida pelo falante que possui uma força ilocucional de pedido. Nas palavras de Cabral (2011): “entendemos o sentido como sendo uma forma de ação sobre o outro, ou seja, o sentido de um enunciado é dotado de uma parte que lhe é constitutiva, chamada força argumentativa” (CABRAL, 2011, p. 41).

Cabral (2011) explica que usamos a linguagem para interagir com o outro, não apenas para fornecer informações, mas principalmente para “dar uma ordem, expressar um sentimento, fazer um pedido, exercer algum tipo de influência, fazer o outro mudar de opinião, convencer enfim” (CABRAL, 2011, p. 9). Nesse sentido, podemos dizer que a língua possui um caráter essencialmente argumentativo; isso implica que, ao nos comunicarmos, produzimos textos carregados de intencionalidade, de julgamentos e de ideologias que são provenientes do meio em que vivemos. Assim, quando usamos a língua, mesmo não prevendo, denunciamos nossos posicionamentos e opiniões. Todos os textos que usamos para nos comunicar possuem argumentatividade em maior ou menor grau.

Sobre os elementos linguísticos que orientam os enunciados de maneira argumentativa, denominados como operadores discursivos ou argumentativos, interessa-nos abordar os conectores, porque se referem aos elementos coesivos sequenciais alvo desta pesquisa. Sob a teoria da Semântica Argumentativa, mais do que interligar as frases, orações e trechos maiores de um texto, tais elementos de conexão auxiliam na construção da argumentatividade, pois conduzem a determinadas conclusões e, assim, marcam a opinião do locutor.

Cabral (2011) ilustra bem essa questão. A autora nos descreve uma situação em que uma pessoa precisa opinar sobre a compra de um vestido de uma amiga. Se a pessoa diz: “Você ficou linda nesse vestido, mas ele é caro” (CABRAL, 2013, p. 17), o *mas* argumenta a favor de que o vestido é caro e induz à conclusão “não compre”. Cabral (2011) esclarece que, ao contrário do que as gramáticas tradicionais ensinam, a Semântica Argumentativa propõe que o *mas* não indica a oposição entre os conteúdos das orações que interliga. Na verdade, o fato de o vestido evidenciar a beleza da moça não é oposto ao fato de ele ter um custo monetário elevado. A oposição ocorre entre as conclusões que o conteúdo das orações conduz. No caso exemplificado, para “vestido caro”, temos a conclusão “não compre” e, para “vestido barato”, temos a conclusão “compre”. Por isso, seria incoerente dizer: “Você ficou linda nesse vestido, mas ele é caro. Acho que você deveria comprá-lo” (CABRAL, 2011, p. 18). Conforme a autora, “depois de *mas* não é possível dizer qualquer coisa. É o emprego do *mas* que traz essa restrição para a construção do discurso, ou melhor, essa restrição é imposta pela própria língua” (CABRAL, 2011, p. 18, grifo da autora).

Outro conceito fundamental trabalhado por Ducrot (1989) e que nos ajuda a entender o funcionamento dos operadores argumentativos refere-se à noção de *topos*. O *topos* é um “lugar comum argumentativo” (DUCROT, 1989, p. 13). Nas palavras do autor:

Entendo por “*topos*” um princípio argumentativo que tem, pelo menos, as três propriedades que seguem. Primeiro, ele é universal – no sentido, muito limitado, e sem relação com o que os filósofos chamam “universalidade”, em que uma pequena comunidade linguística admite partilhá-lo, uma comunidade a qual pertença pelo menos aquele que realiza a démarche argumentativa – a fonte – e aquele a quem ela é proposta – o alvo. A segunda propriedade dos *topoi* é a generalidade: o princípio deve ser reputado válido, além da situação na qual é aplicado, para um grande número de situações análogas. O ponto mais importante, para a utilização linguística que faço dos *topoi*, é uma terceira característica sobre a qual se insistiu menos. Sustentarei que os *topoi* que asseguram a passagem de *e* a *r* são de natureza gradual (DUCROT, 1989, p. 24-26, grifo nosso).

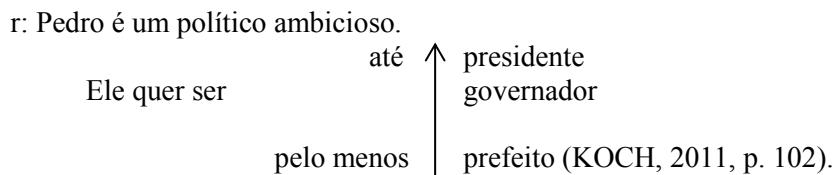
Ducrot (1989) explica por meio do seguinte exemplo “O tempo está bom [Enunciado *E*]; vamos à praia [conclusão *r*]” (DUCROT, 1989, p. 24) que o *topos* da universalidade diz respeito ao fato de que tanto o enunciador quanto o destinatário devem compartilhar a mesma ideia para que o destinatário chegue à conclusão que o enunciador deseja. Isso significa que, se o destinatário não concorda que o “bom tempo” é um elemento semântico *e* que possui valor argumentativo que o faz ser convencido, em outras palavras, se o destinatário não aceita

o calor como motivação para ir à praia, ele não será conduzido à conclusão em questão. Por isso, é fundamental que exista o caráter da universalidade.

O *topos* da generalidade pode ser entendido no sentido de que “não somente no momento em que se fala, mas sempre, o calor contribui para a praia tornar-se agradável” (DUCROT, 1989, p. 25), ou seja, o argumento não pode se fundamentar em exceções, em casos específicos; a invariabilidade deve prevalecer para que seja legitimado.

A terceira propriedade dos *topoi*, segundo Ducrot (1989), é esclarecida da seguinte forma: as frases, as significações que nos permitem partir de um elemento semântico *e* com valor argumentativo para chegar a uma conclusão *r* são graduais. Pensando no exemplo dado “O tempo está bom; vamos à praia”, depreendemos que, quanto mais calor fizer, mais agradável será ir à praia e que, quanto menos calor fizer, menos agradável será ir à praia. A partir disso, o autor introduz a noção de escala. No exemplo em questão, consoante Ducrot (1989), haveria uma escala das temperaturas e uma escala do agradável que estariam em proporção uma para a outra.

Para ilustrarmos melhor o conceito de *topos* gradual e de escala argumentativa, apresentamos, a seguir, um exemplo que Koch (2011) menciona e que contém o uso dos operadores argumentativos *até* e *pelo menos*:



Entendemos que o primeiro argumento *p* é “Pedro quer ser *pelo menos* prefeito” e o segundo argumento *p'* é “Pedro quer ser *até* presidente”; ambos levam o leitor à mesma conclusão *r* de que “Pedro é ambicioso”. Em virtude disso, podemos dizer que os dois argumentos *p* e *p'* fazem parte de uma mesma “classe argumentativa” (KOCHE, 2011, p. 102). No entanto, cada argumento possui a sua força argumentativa, que é impressa, em menor grau, pelo operador argumentativo *pelo menos* e, em maior grau, por *até*. Tal fenômeno dá origem à denominação “escala argumentativa” (idem), que indica a presença de uma hierarquia argumentativa que é estabelecida por tais marcas linguísticas.

Outros operadores argumentativos referem-se aos elementos: *e*, *também*, *nem*, *tanto... como*, *não só... mas também*, *além de*, *além disso*, que, conforme Koch (2011), podem encadear argumentos que direcionarão o leitor para uma mesma conclusão ou sentido. O

ainda também pode introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão “Convém frisar *ainda* que...” (KOCH, 2011, p. 103, grifo da autora) ou pode marcar excesso temporal “Ele *ainda* não se considera um derrotado” (idem, grifo da autora); ambos são usos que possuem força argumentativa.

O já “pode ser empregado como indicador de mudança de estado: O Brasil já não tem esperanças de ser campeão” (idem, grifo da autora). O *aliás* e o *além do mais* são operadores que, conforme Koch (2011), introduzem um “argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo (‘lambuja’), como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final (retórica do camelô, no dizer de Ducrot 1980)” (idem).

Isto é (quer dizer, ou seja, em outras palavras) explicam, corrigem ou ajustam o que foi dito anteriormente no enunciado. E, ao fazerem isso, por vezes, “encerram um argumento mais forte no sentido de uma determinada conclusão” (KOCH, 2011, p. 105). *Mas, porém, contudo, embora*, entre outros, conforme Koch (2011), marcam oposição semântica e estabelecem estratégias argumentativas diferentes.

Outra autora que explana sobre os operadores argumentativos em questão é Pauliukonis (2014). Ela nos apresenta o seguinte exemplo referente a uma fala de um professor dirigida a um aluno: “*Embora seu trabalho esteja muito bom, não vou lhe dar conceito excelente, para não ficar convencido (ou: - Seu trabalho está muito bom, mas não vou lhe dar conceito excelente para não ficar convencido)*” (PAULIUKONIS, 2014, p. 32, grifo da autora). Pauliukonis (2014) esclarece que o uso da conjunção concessiva implica uma contestação ao raciocínio argumentativo de outra pessoa. O raciocínio desta outra pessoa é parcialmente levado em consideração pelo locutor, mas este vai sobrepor outro argumento que marca oposição e que é mais forte. No caso do exemplo, é perceptível que o professor admite a qualidade do trabalho elaborado pelo aluno. O fato de o trabalho estar bom é um argumento favorável para a conclusão de que ele merece conceito excelente. No entanto, o locutor contraria tal expectativa ao apresentar uma conclusão oposta: a de que não vai dar conceito excelente, e sobrepõe o seu argumento: o de que o aluno ficaria convencido.

Assim, entendemos que a concessão é um recurso argumentativo que permite ao locutor reconhecer o valor argumentativo de opiniões diferentes da dele e expor a sua argumentação de maneira que se sobressaia em relação a outras. Isso significa que o locutor demonstra conhecer visões diferentes em relação a um tema, sem deixar de marcar a sua. Ele age como um entendedor do tema, como aquele que conhece o que poderia ser dito e que surpreende o seu interlocutor ao expor uma opinião diferente daquilo que é esperado. “É

como se ‘fingisse’ lhe dar razão, ou reconhecer algum valor no argumento, para em seguida, lhe tirar o ‘tapete’” (PAULIUKONIS, 2014, p. 33).

Pauliukonis (2014) explica que a escolha por determinado operador argumentativo “permite ao locutor realizar manobras discursivas peculiares que resultam diferentes efeitos de sentido, que são úteis ao aluno no processo das argumentações e interpretações de texto” (PAULIUKONIS, 2014, p. 34-35). Nessa perspectiva, a autora traz uma análise que esclarece as diferenças semânticas existentes quando usamos *porém*, *contudo*, *todavia*, *mas*, *no entanto*, *apesar de*, *por mais que*, *mesmo que*, *ainda que*, *embora* etc. A seguir, extraímos um trecho que aborda sobre o uso do *mas* e do *porém*:

Mas: é o conectivo adversativo mais usado em português; introduz o argumento mais forte, em oposição à ideia existente na oração de menor peso argumentativo (secundária); nesse caso, é pertinente invocar sua etimologia latina: *magis* (mais), que vem reforçar sua participação no comparativo de superioridade e também na introdução da ideia de preferência. Exemplo: – *Mãe, perdi meus brincos. A senhora sabe onde estão?* – *Não! Já varri a casa toda, mas sua irmã foi ao cinema* (PAULIUKONIS, 2014, p. 35, grifo da autora).

Porém: apresenta uma natureza restritiva menos forte, como se o locutor quisesse mostrar que algo é omitido e que a presença do conectivo permite uma correção do rumo do raciocínio conduzindo-o para uma outra conclusão, como se houvesse um reajuste de foco no argumento principal. Tal interpretação encontra fundamento também na etimologia do termo, ligado à forma do latim “*per inde*”, que significa no lugar de. Exemplo: - *Você acha normal que ela saia sozinha à noite e volte tarde. Está certo que ela não é mais uma criança, porém dizer que já é adulta eu acho um absurdo* (PAULIUKONIS, 2014, p. 35-36, grifo da autora).

Assim, acreditamos que a visão da Semântica Argumentativa em relação aos operadores argumentativos, explorada em pesquisas como a de Almeida (2011) e Parreira (2008), possa nos auxiliar a compreender a função dos elementos coesivos sequenciais alvo desta pesquisa, de modo a trazer contribuições no momento de elaborarmos a redefinição dessas palavras. É válido ressaltar, consoante Cabral (2011), que a Semântica Argumentativa não desconstrói a perspectiva de “elemento de ligação” que a gramática tradicional apresenta em relação aos conectores, mas sim a complementa, ao considerá-los “orientadores”, evidenciando o valor argumentativo que conjunções e alguns advérbios adquirem no texto, o que colabora para a produção de sentidos. Desse modo, a ideia de que essas palavras são importantes para a construção de um texto é reforçada.

A seguir, elaboramos uma seção que aborda, com base no respaldo teórico já apresentado, algumas questões que nos auxiliarão a produzir as definições dos elementos coesivos sequenciais.

2.4 ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS: QUESTÕES NORTEADORAS PARA A ELABORAÇÃO DA DEFINIÇÃO

Tendo em vista as considerações teóricas já expostas, em primeiro lugar, é preciso pontuar que os elementos coesivos sequenciais pertencem majoritariamente ao grupo de palavras gramaticais: preposições, conjunções e advérbios. Pensando nisso, para elaborar a definição de tais palavras, temos que tomar como ponto de partida o contexto de uso delas, uma vez que as palavras gramaticais não possuem significado autônomo. Por mais que, em alguns casos, como vimos na introdução desta dissertação, elas pareçam ter certa autonomia, ainda assim elas são palavras que ganham importância significativa na sintaxe. Para elas, Biderman (1984) propõe o seguinte:

As palavras instrumentais como preposições, conjunções, artigos, vários pronomes e advérbios exigem um modelo de definição bem diferente. Preposições e conjunções e outras palavras gramaticais são instrumentos de articulação do discurso; portanto, não só não se referem ao universo físico ou cultural do falante, como também são signos meramente linguísticos. Assim sendo, a única forma de defini-los é situá-los em um contexto linguístico, mostrando quais são os usos (às vezes muitos) que a língua faz deles (BIDERMAN, 1984, p. 35).

Biderman (1984) menciona que algumas das palavras gramaticais, por serem altamente recorrentes em textos, possuem “versatilidade linguística”, isso significa que possuem usos diversos. A autora conclui afirmando que:

O dicionarista se confunde então com o gramático, procurando alistar os usos mais frequentes e mais típicos desse instrumento gramatical para formular o seu verbete. Por outro lado, dependendo da finalidade do dicionário e do tipo de usuário a que se dirige o lexicógrafo, esses verbetes sobre palavras gramaticais deverão ser mais ou menos exaustivos (BIDERMAN, 1984, p. 35).

Notamos que Biderman (1984) não estabelece como dever ser denominado tal tipo de definição. Para o tipo de definição que visa ao uso da palavra na língua, alguns autores acreditam que o termo *definição* não seja o mais adequado, “uma vez que não se trata de uma

definição propriamente dita, em que se indica o que é algo ou o que significa uma palavra” (FORNARI, 2011, p. 105).

Bugueño Miranda (2009a) considera que o termo *paráfrase explanatória* deve ser utilizado no lugar de *definição*. No caso das palavras gramaticais, acreditamos que a *paráfrase por indicação de uso*, mencionada pelo autor, é a que melhor se encaixa: “nesse tipo de paráfrase, são fornecidas instruções que permitem saber as particularidades da função de um signo ou as condições de uso em relação a outros signos” (BUGUEÑO MIRANDA, 2009a, p. 252).

Fornari (2011) concorda com a postura de Bugueño Miranda (2009a), mas, para as palavras gramaticais, utiliza o termo *instrução de uso*, “uma vez que esse segmento informativo referente às palavras gramaticais de maneira nenhuma corresponderá a uma paráfrase ou a uma reescritura” (FORNARI, 2011, p. 17-18). Conforme Fornari (2011) explica, a *instrução de uso* consiste numa “explicação sobre o comportamento da palavra na língua e sobre os valores que esse comportamento reflete no uso” (FORNARI, 2011, p.105).

Sobre isso, acreditamos que os posicionamentos adotados por Bugueño Miranda (2009a) e Fornari (2011) fazem sentido. Porém, para nós, se a literatura lexicográfica considera a definição que visa ao uso da palavra, a definição sinonímica, a definição antonímica, a definição extensional e outras que não dizem exatamente o que é a palavra-entrada, então, talvez, não seja preciso mudar o uso do termo *definição*, que já está tão consolidado, e sim ampliar o que se entende por definição quando esta for tema de discussão teórica dentro da área da Lexicografia. Em virtude do exposto, optamos por manter nesta dissertação o uso do termo *definição*.

Vale ressaltar que, embora cada autor opte por um termo diferente, para nós, todos discorrem sobre o mesmo fenômeno e apresentam colaborações teóricas e metodológicas importantes para a elaboração de definições para as palavras gramaticais.

Outro ponto que queremos destacar é que também existem expressões coesivas sequenciais constituídas de verbos, por exemplo, *vale ressaltar que* e *acrescenta-se que*; outras são formadas pela união de preposição, pronome e substantivo, como *sob essa ótica* e outras não possuem uma classificação de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), tais como: *ou melhor, aliás, inclusive*, entre outras. Dessa forma, é difícil dizer que tais elementos coesivos são exclusivamente formados por palavras gramaticais.

Nesse sentido, o nosso objetivo é formular uma definição que possa servir tanto para palavras gramaticais quanto para palavras lexicais ou ainda para expressões que envolvam a presença das duas desde que funcionem como elementos coesivos sequenciais. Para tal efeito,

estamos partindo da visão de que os elementos coesivos possuem uma função, que é a de relacionar as partes de um texto, interligando-as. Sob essa perspectiva, acreditamos que a definição para os elementos coesivos sequenciais deve pautar-se na “metalíngua que analisa o definido enquanto elemento de um sistema de língua” (REY-DEBOVE 1967 apud BIDERMAN, 1993, p. 24).

Por fim, evidenciamos que a nossa visão sobre como elaborar a definição dos elementos coesivos é subsidiada pela Linguística de *Corpus*, indo ao encontro desta metodologia/abordagem que lança mão do trabalho com dados linguísticos empíricos e que possibilita ao pesquisador analisar a língua do ponto de vista lexicogramatical, permitindo análises sintático-semânticas. É essencial para o nosso trabalho analisar a língua não de maneira isolada, mas sim de maneira conjunta, isto é, interligando os aspectos frasais, textuais e semânticos que, de fato, ocorrem no uso da língua.

A seguir, explanamos brevemente sobre a Linguística de *Corpus*.

2.5 LINGUÍSTICA DE CORPUS: PARA UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM VERBAL ESCRITA

Nesta pesquisa, lançamos mão da metodologia/abordagem da Linguística de *Corpus* (doravante LC) para uma análise da linguagem verbal escrita. Em virtude disso, optamos por, nesta seção, situar o leitor sobre algumas questões fundamentais que dizem respeito à LC.

Com base em Berber Sardinha (2004), é importante esclarecer que a LC não é apenas uma metodologia puramente instrumental, ou seja, que se restringe ao uso de recursos computacionais. Na verdade, a metodologia da LC implica “um modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de caráter teórico” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 36). Isso significa que a LC possui princípios que proporcionam ao pesquisador abordar a linguagem por meio de um modo peculiar e, muitas vezes, é isso que possibilita a ele “produzir conhecimento novo” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 36) por meio de um *corpus*, como a identificação de padrões de uso da língua.

Para Parodi (2010), a LC é uma metodologia de base empírica que permite investigar a língua de diversas maneiras com o auxílio de recursos tecnológicos da computação. Embora o autor apresente tal posicionamento em relação à LC, ele não descarta a possibilidade de ela ser entendida como uma teoria, mas explica que isso implica um novo paradigma em relação ao modo de se compreender o funcionamento da língua:

A partir de um olhar mais ambicioso, se se procura posicionar a linguística de *corpus* como uma teoria explicativa de – pelo menos – parte do funcionamento da mente, as exigências são maiores. Na verdade, se se concebe a linguagem humana como uma faculdade probabilística (Charniak 1996; Manning & Schütze 1999; Bod 2003; Juraksky 2003) e se aceita o processamento estatístico da linguagem natural como um modo de funcionamento da mente, nos encontramos frente a um paradigma emergente (PARODI, 2010, p. 33)³⁴.

Ressaltamos que, quando Berber Sardinha (2004) aponta que a LC vai além de uma mera metodologia e que permite ao pesquisador produzir conhecimento novo, lembramos que isso tem a ver com a perspectiva da pesquisa.

Inicialmente, esclarecemos que, de acordo com Tognini-Bonelli (2001), as teorias linguísticas constituem-se após reflexões profundas em relação à língua, realizadas pelo linguista, e após este adquirir uma experiência considerável ao analisar dados linguísticos, assim a relação entre teoria e dados é tradicional. Sob essa ótica, um *corpus* é fundamental para dar respaldo a qualquer trabalho realizado pelo pesquisador ou linguista, já que a partir do *corpus* os dados são obtidos. Mas existem pesquisas cuja perspectiva é baseada em *corpus* (*corpus-based*) ou é dirigida/guiada pelo *corpus* (*corpus-driven*).

Com base em Tognini-Bonelli (2001), podemos dizer que numa pesquisa baseada em *corpus*, este é utilizado para validar ou não as declarações teóricas que foram concebidas preliminarmente, isto é, antes da análise do *corpus*, geralmente, antes mesmo de sua elaboração. No que diz respeito à pesquisa dirigida/guiada pelo *corpus*, consoante Tognini-Bonelli (2001), o pesquisador parte dos dados empíricos da língua, provenientes do *corpus* de estudo, para depois elaborar uma teoria e descrição da linguagem. Com isso, podemos dizer que o pesquisador insere-se numa jornada em que o *corpus* o surpreende, pois busca, a partir deste, produzir um conhecimento que não foi previsto hipoteticamente.

É importante termos consciência de que a pesquisa dirigida/guiada pelo *corpus* não depende unicamente da existência de um *corpus*, o pesquisador continua com o papel fundamental de saber enxergar o que o *corpus* mostra, logo a perspectiva da pesquisa guiada pelo *corpus* não perde o aspecto subjetivo que há por parte do pesquisador, o que envolve a sua bagagem de conhecimentos em relação à língua.

³⁴ Exerto original: “Desde una mirada más ambiciosa, si se busca posicionar a la lingüística de *corpus* como una teoría explicativa de – al menos – parte del funcionamiento de la mente, las exigencias son mayores. De hecho, si se concibe el lenguaje humano como una facultad probabilística (Charniak 1996; Manning & Schütze 1999; Bod 2003; Juraksky 2003) y se acepta el procesamiento estadístico del lenguaje natural como un modo de operar de la mente, nos encontramos frente a un paradigma emergente”.

Vale lembrar também que, embora o pesquisador não tenha calculado hipóteses teóricas sobre seu material de estudo na pesquisa dirigida/guiada pelo *corpus*, não podemos excluir totalmente a possibilidade de ele criar, ao menos, expectativas antes de dar início à sua investigação. Ademais, uma mesma pesquisa pode ser ao mesmo tempo dirigida/guiada pelo *corpus* e baseada em *corpus*, ou seja, é possível que o pesquisador trabalhe das duas formas ou que, de maneira imprevista, em algum momento sua pesquisa baseada em *corpus* seja guiada pelo *corpus*.

Uma questão primordial na área da LC é a preparação do *corpus*, que é um conjunto de textos compilados de maneira especial e explorados por meio de recursos computacionais, para se alcançar determinados objetivos. Segundo Berber Sardinha (2004), a LC “ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 3). Para Parodi (2010), *corpus* é “um conjunto amplo de textos digitais de natureza específica e que conta com uma organização predeterminada em torno de categorias identificáveis para a descrição e análise de uma variedade de língua” (PARODI, 2010, p. 25)³⁵.

Assim, quando falamos em LC, pressupomos a existência de um *corpus* que é delineado de modo específico, ou seja, que atende a determinados critérios, e isso implica um planejamento que depende do pesquisador e, claro, dos objetivos da pesquisa dele:

A construção de um *corpus* ou *corpora*, gerais ou específicos, requer um grande planejamento prévio por parte do pesquisador. A falta desse poderá invalidar os dados obtidos na futura pesquisa. Cabe ao(s) pesquisador(es), devidamente aparado nas pesquisas metodológicas mais modernas dentro da área, desenvolver esse planejamento (FROMM, 2003, p. 7).

Com base em Fromm (2003), expomos algumas questões que podem nortear o planejamento do *corpus*, tais como: qual é a finalidade do *corpus*? O que será investigado? Que tamanho o *corpus* terá? Em qual idioma o *corpus* será construído? Quais gêneros textuais farão parte dele? Qual será a fonte de coleta dos textos que constituirão o *corpus*? Dentro desta pergunta, temos que pensar também se é possível formar o *corpus* apenas com o auxílio da internet ou se será preciso coletar os textos de outras maneiras que exijam autorização.

³⁵ Excerto original: “un conjunto amplio de textos digitales de naturaleza específica y que cuenta con una organización predeterminada en torno a categorías identificables para la descripción y análisis de una variedad de lengua”.

Como organizar, identificar e armazenar o *corpus*? O *corpus* ficará à disposição de consultas para determinado público-alvo? Qual é esse público?

Dentro da concepção de *corpus*, fica claro que a LC condiciona o pesquisador a trabalhar com textos em formato eletrônico, o que acarreta dependência em relação aos recursos tecnológicos disponíveis e à internet, tanto é que:

O reflorescimento dos estudos baseados em *corpus* pode se fixar no começo da década de sessenta, marcado – em parte – fortemente pelo advento dos computadores no âmbito linguístico e no desenvolvimento de projetos de investigação na Inglaterra e nos países escandinavos, a partir da construção de grandes *corpora* linguísticos digitais para o inglês (PARODI, 2010, p. 28).³⁶

É fato que a LC tem como forte característica dar a possibilidade de o pesquisador trabalhar com um grande número de textos, isto é, dezenas, centenas, milhares, enfim, uma quantidade que seria praticamente impossível de ser analisada apenas sob o olhar humano. Por isso, a LC conta com o apoio de programas computacionais. Um deles, estimado por Berber Sardinha (2009) e utilizado em nossa pesquisa, é o *WordSmith Tools*.

O programa de análise lexical, segundo Berber Sardinha (2009), foi desenvolvido por Mike Scott em 1996 e conta com três ferramentas fundamentais: *WordList*, *Concord* e *Keywords*, que ocasionam variadas formas de trabalhar com o *corpus*. A seguir apresentamos sua interface na Figura 2:

³⁶ Excerto original: “El (re)florecimiento de los estudios basados en corpus se puede fijar a comienzos de la década del sesenta, marcado – en parte – por la fuerte irrupción de los computadores en el ámbito lingüístico y desarrollo de grandes proyectos de investigación en Inglaterra y en los países escandinavos, a partir de la construcción de grandes corpus lingüísticos digitales para el inglés”.

Figura 2 – Interface do *WordSmith Tools* versão 6



Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012).

A *WordList* fornece uma lista com todas as palavras que contêm no *corpus*, após este ser inserido no programa, acompanhadas da frequência delas. A ferramenta *Concord* mostra o contexto linguístico em que cada palavra da *WordList* foi usada, além de apresentar as palavras colocadas, ou seja, que estão na companhia da palavra pesquisada, e os clusters, agrupamentos de palavras. A *Keywords* aponta, por meio de cálculos estatísticos, quais são as palavras-chave de um *corpus*.

Para aqueles que não conhecem a LC, é fundamental enfatizar que os programas de análise lexical não excluem a análise humana em relação ao *corpus*, eles apenas são facilitadores e apresentam dados que seriam imperceptíveis e/ou incontáveis diante das limitações que o olhar humano possui. O trabalho que o pesquisador tem continua sendo indispensável, pois é o seu ponto de vista diante dos dados empíricos que dará direcionamento à sua pesquisa. Isso quer dizer que o *WordSmith Tools* “disponibiliza uma série de opções de ferramentas (daí o ‘tools’ em seu nome), algumas mais gerais, outras mais restritas, sem jamais supor que a análise termine com o processamento de dados que ele efetua” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 7).

Além de ter como princípio a valorização de dados reais da língua para observação, a LC nos permite ver a língua como um sistema probabilístico:

Cada instância de um texto que é falado ou escrito em inglês perturba as probabilidades gerais do sistema para um ponto infinitesimal (quer tenha sido gravada em um *corpus* ou não! Logo, a função do *corpus* é servir como uma amostra). Dizer isso é tratar o sistema como inherentemente probabilístico (HALLIDAY, 1992, p. 76)³⁷.

Conforme explica Tagnin (2011), Halliday (1992) preocupa-se em “descrever o uso efetivo da língua com base no desempenho do falante” (TAGNIN, 2011, p. 278), e não em sua competência conforme a perspectiva de Chomsky (1974), que “privilegia a competência do falante nativo e sua introspecção para decidir quanto à gramaticalidade ou não de uma forma” (TAGNIN, 2011, p. 278). A LC “dá prioridade à probabilidade de ocorrência de determinada forma, enquanto Chomsky (1974) interessa-se apenas pela possibilidade de ocorrência” (TAGNIN, 2011, p. 278).

Podemos ilustrar tal perspectiva da LC ao pensarmos que: não basta um aprendiz brasileiro de língua inglesa saber que tipos de frases são possíveis formar na língua estrangeira em questão para que ele a domine; é necessário que o aprendiz conheça as construções linguísticas que, de fato, são usadas pelos falantes de língua inglesa. Caso contrário, soará bastante artificial e, inclusive, estranha a linguagem que ele irá empregar quando utilizar a língua estrangeira.

Conforme Tagnin (2011) expõe, ao invés de o aprendiz usar “*make a good impression*”, que no português corresponde a “causar uma boa impressão”, é possível que ele opte pela forma não usual no inglês: “*cause a good impression*”. Tagnin (2011) esclarece que, na língua inglesa, o verbo causar possui prosódia semântica negativa, por isso não é comum que acompanhe palavras de conotação positiva “boa impressão” como ocorre no português. Para explicar tal fenômeno, a referida autora parte da frequência do verbo “causar” no *Corpus of Contemporary American English* (COCA), em que fica evidente com quais outras palavras “causar” é usado.

Pensando no ensino de língua materna, em específico dos elementos coesivos sequenciais, questionamos: embora seja possível usar *destarte* para a conclusão de um texto,

³⁷ Excerto original: “Every instance of a text that is spoken or written in English perturbs the overall probabilities of the system to an infinitesimal extent (whether it has been recorded in a corpus or not! hence the function of the corpus as a sample). To say this is to treat the system as inherently probabilistic”.

essa palavra é frequentemente usada pelos falantes brasileiros do português? Considerando que o locutor queira usar uma linguagem o mais livre possível de estranhamentos, para que o interlocutor possa compreendê-lo, em especial, na modalidade escrita, em que não é possível mudar o que já foi expresso, o professor deve enfatizar para o aluno o possível uso de *destarte* (5) ou as expressões que são mais frequentes, tais como: *diante disso* (30), *portanto* (310), *assim* (370)? (Colocamos entre parênteses o número de ocorrências que cada palavra teve no nosso *corpus* de redações). Vale ressaltar que não é uma questão de avaliar o que é certo ou errado, mas sim do que é mais usual. Dessa forma, a LC parte do princípio de que “embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 31).

Um trabalho realizado pelo viés da LC considera a frequência e a posição de uma palavra no *corpus* como dois fatores que dizem muito sobre uma língua, por exemplo, que esta segue determinados padrões, que há preferências de uso e que os elementos lexicais e gramaticais não ocorrem de modo isolado, eles estão em companhia um do outro. Isso dá a possibilidade de um aprendiz ou pesquisador conhecer melhor uma língua dentro de determinada realidade de uso dela. E essa visão que a LC proporciona em relação aos estudos linguísticos vem conquistando cada vez mais os pesquisadores e professores no Brasil:

Em eventos científicos, em publicações, em nomes de disciplinas, teses e dissertações, a recorrência com que aparecem referências ou vestígios da LC denota já uma presença marcada no plano acadêmico e servem como um bom termômetro do estado da arte (NOVODVORSKI; FINATTO, 2014, p. 9).

Por fim, consideramos fundamental abordar sobre a representatividade de um *corpus*. Berber Sardinha (2004) esclarece que a maior extensão de um *corpus* pode indicar que ele seja mais representativo de uma língua. O autor explica que, quanto maior for o *corpus*, maior a probabilidade de aparecer um número grande de palavras diferentes, com sentidos diferentes e com baixa frequência. De acordo com Berber Sardinha (2004), a representatividade de um *corpus* pode ser analisada a partir de três perspectivas relativas à extensão: pelo número de palavras, pelo número de textos e pelo número de gêneros, tipos e registros.

A extensão do *corpus* comporta três dimensões. A primeira é o número de palavras, uma medida da representatividade do *corpus* no sentido de que quanto maior o número de palavras maior será a chance de o *corpus* conter palavras de baixa frequência, que formam a maioria das palavras de uma língua. A segunda é o número de textos, que se aplica a *corpora* de textos

específicos. Um número de textos maior garante que esse gênero, registro ou tipo textual esteja mais adequadamente representado. A terceira é o número de gêneros, registros ou tipos textuais. Essa dimensão se aplica a *corpora* variados, criados para representar a língua como um todo (BERBER SARDINHA, 2004, p. 24-25).

Vale ressaltar que nem toda pesquisa tem a obrigatoriedade de trabalhar com uma quantidade de textos muito grande e diversificada. Esses critérios podem mudar, por exemplo, em virtude da quantidade de material disponível para ser coletado ou devido ao objetivo da pesquisa, que pode ser elaborar um *corpus* específico. Por exemplo:

Um modo de atingir a representatividade total de um *corpus* é incluir nele toda a linguagem. Como isso é impossível para um idioma inteiro, a possibilidade mais próxima é restringir o conteúdo a um autor apenas por exemplo. Assim, a coletânea de todos os trabalhos escritos por Shakespeare seria um *corpus* representativo desse autor (BERBER SARDINHA, 2004, p. 27).

Conforme Berber Sardinha (2004) menciona, “não há critérios objetivos para a determinação da representatividade” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 23), isso significa que não sabemos exatamente o que é uma amostra ideal da linguagem para que ela seja, de fato, representativa. Inclusive, a relação entre extensão e representatividade pode ser questionável. Diante disso, é importante que o pesquisador pense sempre nos objetivos de sua pesquisa e em seu público-alvo para conseguir demonstrar o porquê de seu *corpus* ser representativo para a finalidade a qual se presta.

De acordo com Shepherd (2012), os estudos realizados pelo viés da LC ultimamente fazem interfaces com diversas áreas, não apenas com a Lexicografia, mas também com a Literatura, a Análise do Discurso, a Tradução, entre outras. No nosso caso, estamos relacionando a LC com a Linguística Textual e a Lexicografia Pedagógica; em específico, estamos nos valendo da abordagem/metodologia para chegarmos à construção de um material que contenha definições para os elementos coesivos sequenciais. Para isso, partimos de uma análise da linguagem verbal escrita presente em um *corpus* de redações (nossa *corpus* de estudo) que se caracteriza por ser um *corpus* específico.

A seguir, discorremos detalhadamente a respeito de um estudo piloto feito com o *corpus* de redações em tamanho reduzido.

O Lutador

*Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão forte
Como um javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
Poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
Apareço e tento
Apanhar algumas
Para meu sustento
Num dia de vida
[...]*

(ANDRADE, 1998, p. 182).

3 O ESTUDO PILOTO

Antes de partirmos para a execução das atividades propostas nos objetivos geral e específicos desta dissertação, realizamos um estudo piloto, a fim de testarmos o planejamento inicial que fizemos para esta pesquisa e de obtermos uma amostra dos resultados que nosso trabalho pode nos oferecer. Nossa estudo piloto envolve descrição metodológica, análises e resultados e antecede o capítulo metodológico por ter influenciado nas decisões que tomamos nele. Primeiramente, expomos, de maneira breve, uma investigação preliminar que fizemos da definição dos elementos de coesão, em seguida, abordamos, de modo minucioso, a construção e a análise de uma pequena parte do *corpus* de redações e, por fim, tecemos considerações gerais a respeito do estudo piloto.

3.1 O ESTUDO PILOTO: INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR DA DEFINIÇÃO

O primeiro passo do estudo piloto e, consequentemente, da pesquisa foi realizar uma investigação preliminar para saber como os elementos coesivos sequenciais são definidos. Para tal efeito, analisamos a definição de 36 elementos de coesão sequencial (ver Anexo A) nos quatro dicionários alvos desta pesquisa: Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, Dicionário Houaiss Conciso, Aulete Digital e Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

Para a escolha desses elementos (que estão no Quadro 10), partimos de uma lista pessoal³⁸ e da leitura dos livros *A coesão sequencial*, de Koch (2008), e *Argumentação e linguagem*, de Koch (2011).

Quadro 10 – Relação entre elementos coesivos/operadores argumentativos e suas funções

Função	Elementos coesivos / operadores argumentativos
Sumar argumentos	além disso, outrossim, ademais, ainda;
Justificar ou explicar ideias	pois, porque, por isso, visto que;
Opor ideias	mas, porém, entretanto, todavia;
Sumarizar	portanto, assim, logo, em suma;
Exemplificar ou especificar	por exemplo, tal como, como, seja...seja;
Fazer prevalecer a orientação argumentativa do enunciado não introduzido por ele	embora, ainda que, mesmo que, apesar de;
Estabelecer conformidade	de acordo com, conforme, segundo, consoante,
Estabelecer hierarquia argumentativa	inclusive, sobretudo, até, principalmente,

³⁸ Durante o nosso percurso profissional, adquirimos uma lista de elementos coesivos sequenciais e a alimentamos à medida que conhecemos novas palavras que cumprem função coesiva sequencial.

Introduzir correção ou redefinição de ideias	Isto é, ou seja, ou melhor, quer dizer,
	Fonte: Elaboração própria com base em Koch (2008, 2011).

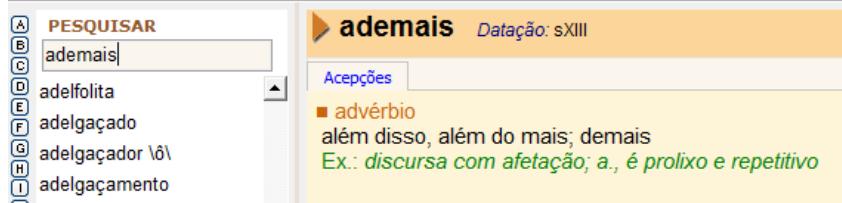
Com isso, notamos que parte das definições nos quatro dicionários é feita por meio de sinônimos, que é o “método o menos científico possível, resultando [...] em pseudodefinições que estabelecem um círculo vicioso” (IMBS, 1960, p. 13 apud WELKER, 2008, p. 118). As Figuras 3, 4 e 5 a seguir mostram um exemplo dessa situação:

Figura 3 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada *além*

- a. **disso ou do mais**
ademais, de mais a mais

Fonte: Houaiss (2009).

Figura 4 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada *ademais*



Fonte: Houaiss (2009).

Figura 5 – Excerto do verbete referente à palavra *mais*

- **de m. a m.**
além disso; ainda por cima

Fonte: Houaiss (2009).

Outros tipos de definições também foram identificados, o que nos fez concluir que não há um padrão para elaborar a definição lexicográfica dessas palavras. As definições de *porém* e *entretanto* demonstram essa ausência de padrão, como podemos ver nas Figuras 6 e 7:

Figura 6 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada *porém*

porém Datação: sXIII

Acepções Locuções

■ conjunção coordenativa

1 introduz ou finaliza uma oração ou um período cujo conteúdo faz oposição ou restrição ao que foi dito na oração anterior; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante
Exs.: *ele disse que viria; p., até agora não chegou*
diviria-se bastante, fazendo, p., os deveres de casa

Fonte: Houaiss (2009).

Figura 7 – Excerto do verbete referente à palavra-entrada *entretanto*

entretanto Datação: sXIII

Acepções Locuções

■ advérbio

1 entremedes, nesse ínterim, nesse meio-tempo
Ex.: *e., resolvemos caminhar um pouco pelo jardim*

■ conjunção

2 designativo de adversão, oposição, restrição; todavia, contudo, mas, porém, no entanto
Exs.: *tinha intenção de lhe falar, e. ficou mudo*
ela era bela, ele, e., chamava a atenção pela desleigância

Fonte: Houaiss (2009).

Observamos também que há em alguns verbetes a presença de nomenclaturas da gramática normativa, tais como: “introduz oração coordenada” e “introduz oração subordinada”. No que diz respeito a isso, nos perguntamos: saber a classificação de um conector sob a visão da gramática tradicional contribui para que o consultante o use adequadamente no texto ou para que ele entenda o funcionamento desse elemento linguístico em uso? Pensando na construção de uma unidade de sentido (o texto), em que todas as partes devem estar relacionadas, ligadas entre si, é importante ou até mesmo coerente dizer que determinada conjunção introduz uma oração coordenada que, segundo a gramática tradicional, estabelece relação de independência com as demais orações? Acreditamos que não. A seguir, Koch (2011) fala sobre a questão dessas nomenclaturas gramaticais:

Os problemas com que se depara o estudioso ao tentar explicar os conceitos de coordenação e subordinação, isto é, a questão da dependência e independência entre orações, decorrem do fato de se adotarem critérios meramente sintáticos ou formais. Toda oração ou conjunto de orações veicula significados; forma e conteúdo - como também a maneira pela qual são veiculados [...]. Foi por isso que se fez sentir a necessidade de se incorporar à teoria linguística os componentes semântico e pragmático: o funcionamento global de uma língua só pode ser devidamente explicado por um estudo integrado de três componentes. Sob esse enfoque, torna-se inadequado falar em orações dependentes (ou subordinadas) e independentes (ou coordenadas), já que se estabelecem, entre as orações que compõem um período, um parágrafo ou um texto, relações de interdependência, de tal modo que qualquer uma delas é necessária à compreensão das demais (Koch, 2011, p. 108).

Quanto aos exemplos existentes nos verbetes, muitas vezes, são parecidos entre si: são frases curtas, e isso não dá margem para que o consulente comprehenda as relações textuais que os elementos coesivos estabelecem. Inclusive, não é possível saber em qual contexto cada conjunção, apresentada como sinônimo, pode ser usada.

Por fim, no caso do dicionário Aulete, não observamos diferenças significativas entre as obras impressa e digital. O Novíssimo Aulete quase sempre apresenta as mesmas definições e exemplos que há no Aulete Digital (no verbete atualizado). Isso não ocorreu com a mesma frequência entre o Dicionário Houaiss Conciso e o Dicionário eletrônico Houaiss.

Diante disso, podemos continuar a nossa pesquisa com a certeza de que a definição das palavras que cumprem a função de auxiliar na coesão sequencial, em sua maioria, palavras gramaticais, merece atenção e precisa de uma redefinição lexicográfica.

3.2 O ESTUDO PILOTO: CORPUS DE REDAÇÕES 2014

Uma vez que não poderíamos escolher de forma aleatória ou intuitiva quais elementos realmente seriam analisados e (re) definidos de acordo com a proposta desta pesquisa, o segundo passo foi compilar um *corpus* de redações³⁹, de caráter dissertativo-argumentativo, já que este tipo de texto é frequentemente produzido por alunos de Ensino Médio nas escolas regulares do Brasil, em vestibulares e no Enem.

Pensamos em formar um *corpus* que representasse a língua atualmente usada e que fosse passível de erros, com o intuito de podermos extrair dele uma lista dos elementos coesivos usados e uma lista dos elementos coesivos usados mais vezes de maneira inadequada. Este último foi o primeiro critério escolhido para definirmos quais elementos seriam analisados e (re) definidos especificamente.

Para o estudo piloto, compilamos um *corpus* de 236 redações referentes ao ano de 2014 disponibilizadas no *site* UOL Educação. O total de textos deveria ser 240, uma vez que 20 textos são publicados por mês. No entanto, duas redações não estavam disponíveis no *site* – uma no mês de janeiro e outra no mês de fevereiro – e, por meio do programa *Wordsmith Tools*, identificamos que um texto publicado em agosto de 2014 era o mesmo que estava publicado em outubro de 2014 e que um texto publicado em novembro de 2014 era o mesmo que estava publicado em maio de 2011. Por meio do tema das propostas de redação do *site*,

³⁹ O *corpus* de redações foi compilado, em sua totalidade, em parceria com o mestrandoo Vitor Bernardes Rufino Sousa do ILEEL/PPGEL/UFU, orientando do prof. Dr. Ariel Novodvorski.

percebemos que essas duas últimas redações precisavam ser descartadas, pois estavam disponíveis por equívoco.

A seguir, apresentamos no Quadro 11 a tipologia do *corpus* de redações criado com a finalidade de realizarmos o estudo piloto:

Quadro 11 – Tipologia do *corpus* de estudo⁴⁰

Língua	Monolíngue (português)
Modo	Escrito
Tempo	Sincrônico/ Contemporâneo
Seleção	Estático
Conteúdo	Especializado (redações do tipo dissertativo-argumentativo que segue os moldes do Enem)
Autoria	Falantes nativos e não nativos/ individual
Finalidade	De estudo (análise dos usos inadequados dos elementos coesivos sequenciais e elaboração da microestrutura)
Tamanho	Pequeno (58.090 itens ou <i>tokens</i>)
Nível de codificação	Com cabeçalho (título e nota da redação e local e data de coleta), com nomeação e sem etiquetas

Fonte: Elaboração própria.

3.2.1 *Corpus* de redações: origem e autorização

Ao realizar pesquisas na internet, encontramos o *site* UOL, que tem uma seção relativa à educação, UOL Educação, cujo objetivo é informar e auxiliar os estudantes. Nessa seção, temos acesso, por exemplo, a conteúdos referentes a disciplinas, como Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, entre outras, à indicação de dicionários, a listas dos aprovados em vestibulares do Brasil e, em especial, a um banco de redações. Em relação a este, vale destacar que:

O Banco de Redações do UOL é um serviço que pretende estimular o estudante a treinar produção de textos, em especial do gênero dissertativo. Todos os meses, o banco vai propor um tema, que deverá ser considerado pelo internauta que quiser enviar uma redação para avaliação no UOL. O envio da redação implica a concordância com as diretrizes aqui estabelecidas (UOL EDUCAÇÃO, 2015).

No UOL Educação, as propostas de redação são disponibilizadas, e os internautas ou estudantes interessados em escrever enviam suas produções para o e-mail <bancoderedacoes@uol.com.br>. No *site*, encontramos a informação de que as redações são

⁴⁰ Seguimos as nomenclaturas mencionadas por Berber Sardinha (2004) para caracterizar nosso *corpus*.

aceitas até o dia 25 de cada mês, devem ter título e serem escritas no mínimo em 15 linhas e no máximo em 30. Além disso, no *site* há o esclarecimento de que, devido à grande demanda de textos que chegam à empresa, a seleção destes é feita por sorteio. A autoria dos textos não é revelada, a fim de preservar a identidade dos autores. É importante ressaltar também a seguinte informação sobre a avaliação dos textos:

Professores associados ao banco vão corrigir e comentar 20 textos, que serão publicados no *site* no primeiro dia útil do mês subsequente. Apenas os textos selecionados serão corrigidos. A avaliação dos professores implicará nota e comentários baseados nos critérios adotados pelo MEC (Ministério da Educação) para a correção do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Os mesmos critérios também atendem às exigências dos vestibulares. São avaliados principalmente o domínio da norma culta do idioma, a compreensão do tema e a capacidade de redigir um texto de caráter argumentativo-dissertativo (UOL EDUCAÇÃO, 2015).

Por fim, no *site* visualizamos a afirmação de que as redações corrigidas, avaliadas e publicadas não aludem apenas àqueles que tiveram ótimo desempenho e que “a ideia é deixar claro ao estudante o que é esperado de sua redação e evidenciar as características que levam um texto a ter bom conceito no Enem e nas provas de vestibular” (UOL Educação, 2015).

O acervo de redações do UOL disponível na internet inicia-se em agosto de 2007 e permite ser reproduzido para fins de estudo, conforme podemos ver na Figura 8:

Figura 8 – Autorização do *corpus* de redação



Fonte: UOL Educação, 2015.

3.2.2 *Corpus* de redações: compilação, limpeza e organização

Inicialmente, copiamos cada texto do *site* e colamos em um arquivo no formato *Word* sem nenhuma modificação, o que deu origem a uma pasta denominada “*Corpus Word Original 2014*”. Nas Figuras 9 e 10 a seguir, a título de exemplificação, mostramos como

encontramos uma redação no *site* e, depois, como ela ficou após o ato de copiar do *site* e colar em documento no formato *Word*:

Figura 9 – Ilustração parcial de uma redação avaliada

Atualidades

Banco de Redações

Bullying

Enem por escola

Nova ortografia

Planos de aula

Trote universitário

Notícias

Fotos

Vídeos

Infográficos

Dicionários

Onde estudar

País e professores

Pesquisa escolar

BANCO DE REDAÇÕES

REDAÇÃO

Aluno: ***

Idade: ***

Colégio: ***

NOTA 5,0

As duas vias da ciclofaixa

Um dos temas mais discutido [discutidos] hoje no Brasil é a mobilidade urbana, devido aos problemas gerados pela super população[superpopulação] de veículos nos grandes centro urbanos. As prefeituras tem [têm] tentado criar alternativas viárias para minimizar o fluxo de veículos em avenidas e ruas da cidade, uma delas são as ciclofaixas. Mas os problemas não acabam por ai, [ai, a] falta de estrutura nos grandes centros são [é] um dos obstáculos enfrentado pelo poder público, além é claro [além, é claro,] das opiniões controversa [controversas] sobre qualquer projeto urbano que mexa com a vida das pessoas. [No caso das ciclofaixas [ciclofaixas,] parte da população é a

Fonte: UOL Educação, 2015.

Figura 10 – Cópia de uma redação extraída do UOL Educação para um arquivo *Word*

As duas vias da ciclofaixa

Um dos temas mais discutido [discutidos] hoje no Brasil é a mobilidade urbana, devido aos problemas gerados pela super população[superpopulação] de veículos nos grandes centro urbanos. As prefeituras tem [têm] tentado criar alternativas viárias para minimizar o fluxo de veículos em avenidas e ruas da cidade, uma delas são as ciclofaixas. Mas os problemas não acabam por ai, [ai, a] falta de estrutura nos grandes centros são [é] um dos obstáculos enfrentado pelo poder público, além é claro [além, é claro,] das opiniões controversa [controversas] sobre qualquer projeto urbano que mexa com a vida das pessoas. [No caso das ciclofaixas [ciclofaixas,] parte da população é a favor da criação desses caminhos alternativos, desde que não afetem o seu cotidiano, pois com a criação da ciclofaixa e [é] inevitável a alteração no transito [trânsito] local. Por exemplo [exemplo,] em BeloHorizonte foi criado [Horizonte, foram criados] os bicicleários, mantido[mantidos] por um grande banco privado, a [privado. A] ideia é até boa mas, verificando os caminhos para percorrer com a bike [bike,] as faixas permitidas acabam antes mesmo do termo [termino] do seu trajeto. [Para que o projeto de ciclofaixas funcione de verdade[verdade,] é preciso uma ajuda mutua [mútua] entre a população e o poder público, desde suas discussões até a sua implantação, infelizmente [implantação. Infelizmente,] isso é algo que não se vê, pois a ideia do governante é meramente fazer meia dúzias [dúzia] de metros de ciclofaixas para mostrar a sua atenção ao tema. E a população também [também,] por sua vez [vez,] tem que fiscalizar e ajudar a preservar o bem público para que a ciclofaixa funcione mesmo como ciclofaixa e não como mão preferencia [preferencial] para motociclistas e [ou] estacionamento de veículos, algo que é muito comum nas poucas ciclofaixas existentes.

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, fizemos uma cópia dos arquivos para outra pasta “*Corpus Word Limpo 2014*”, a fim de iniciarmos o procedimento de limpeza. Este procedimento consistiu na

retirada de todas as sugestões de correção realizadas entre colchetes pelos professores revisores e na separação de todas as palavras que estavam unidas devido ao ato de copiar e colar do *site* para o documento.

Conforme a Figura 10 ilustra, os textos são publicados com as correções dos professores realizadas na cor verde e dentro de colchetes. Os destaques feitos na cor vermelha não foram retirados, porque são apenas para chamar a atenção do escritor e, por vezes, são comentados à parte nas seções abaixo da redação, como podemos ver na Figura 11:

Figura 11 – Comentários de uma redação avaliada

The screenshot shows a web page from UOL Educação. On the left, there are navigation links for CLIPPING, PODCAST, RSS, and WIDGETS. Below these is a sidebar with a 'FALE COM UOL EDUCAÇÃO' button and a 'Shopping UOL' section featuring a TV Plasma advertisement. The main content area contains a student's text and teacher's feedback. The teacher's comments are organized into two sections: 'Comentário geral' and 'Aspectos pontuais'.

Comentário geral

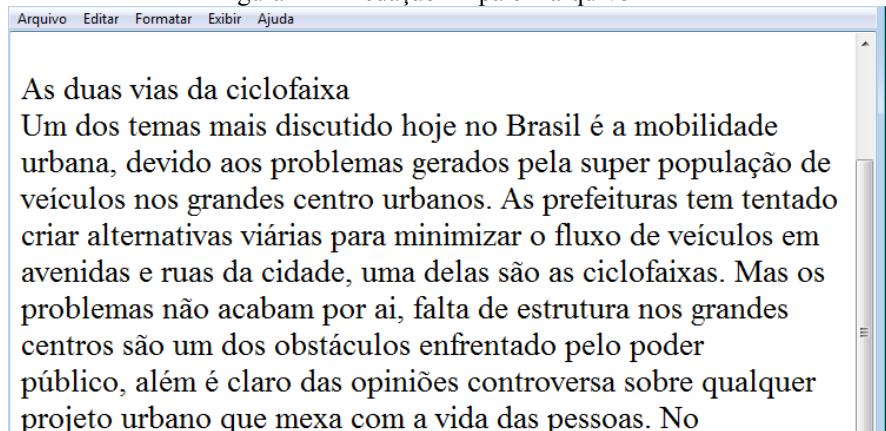
Texto razoável, em que existe uma reflexão sobre o tema, embora ela não seja desenvolvida nem correta nem coerentemente. São muitas as ideias que o autor lança e simplesmente deixa de lado, sem expor claramente sua participação no problema da criação de ciclofaixas. Por exemplo, logo na introdução, ele fala em falta de estrutura dos grandes centros, mas nem explica essa ideia nem a retoma no desenvolvimento.

Aspectos pontuais

- 1) O texto se compõe, equivocadamente, de um único parágrafo. Apontamos, com colchetes em vermelho, os locais onde parágrafos deveriam ter sido abertos.
- 2) "Superpopulação" não é um termo adequado para se referir a seres inanimados, no caso, os automóveis. Melhor seria falar em excesso de veículos e, mais, de veículos automotores, pois as bicicletas também são veículos.
- 3) Em seguida, as duas frases assinaladas em vermelho são ambíguas: a segunda, devido ao uso inadequado dos pronomes possessivos; a primeira, porque não fica claro a que trajeto o autor se refere e que relação tem isso com os bicicletários.

Fonte: UOL Educação, 2015.

Posteriormente, salvamos em uma pasta denominada “*Corpus TXT limpo 2014*” todos os arquivos limpos já convertidos para o formato *TXT* (texto sem formatação) e na codificação *Unicode*. Essa é a configuração aceita pelo programa de análise lexical empregado nesta pesquisa: *WordSmith Tools* (doravante *WST*). Na Figura 12, ilustramos uma redação limpa e em formato *TXT*:

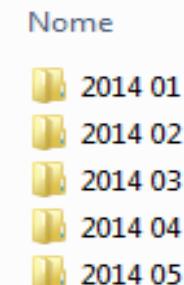
Figura 12 – Redação limpa em arquivo *TXT*


As duas vias da ciclofaixa
Um dos temas mais discutido hoje no Brasil é a mobilidade urbana, devido aos problemas gerados pela super população de veículos nos grandes centro urbanos. As prefeituras tem tentado criar alternativas viárias para minimizar o fluxo de veículos em avenidas e ruas da cidade, uma delas são as ciclofaixas. Mas os problemas não acabam por ai, falta de estrutura nos grandes centros são um dos obstáculos enfrentado pelo poder público, além é claro das opiniões controversa sobre qualquer projeto urbano que mexa com a vida das pessoas. No

Fonte: Elaboração própria.

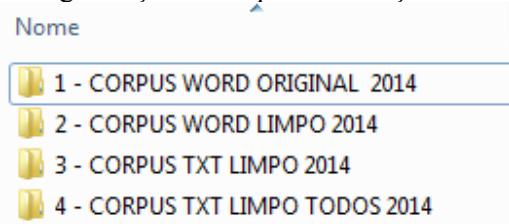
Dentro de cada pasta já mencionada (*Corpus Word Original*, *Corpus Word Limpo* e *Corpus TXT Limpo*), havia subpastas que separavam o *corpus* de acordo com os meses, conforme ilustra a Figura 13:

Figura 13 – Subdivisão das pastas por meses



Fonte: Elaboração própria.

Em virtude disso, decidimos criar outra pasta “*Corpus TXT limpo todos 2014*” e nela inserimos todos os arquivos *TXT* sem as subpastas, o que facilita no momento de carregar o *corpus* inteiro no *WST*. Assim, a organização das pastas ficou como na Figura 14:

Figura 14 – Organização do *corpus* de redações no computador

Fonte: Elaboração própria.

Em conjunto com o mestrandoo parceiro deste trabalho de compilação e preparação do *corpus* de redações e com nossos orientadores, estabelecemos a nomeação dos arquivos *Word*

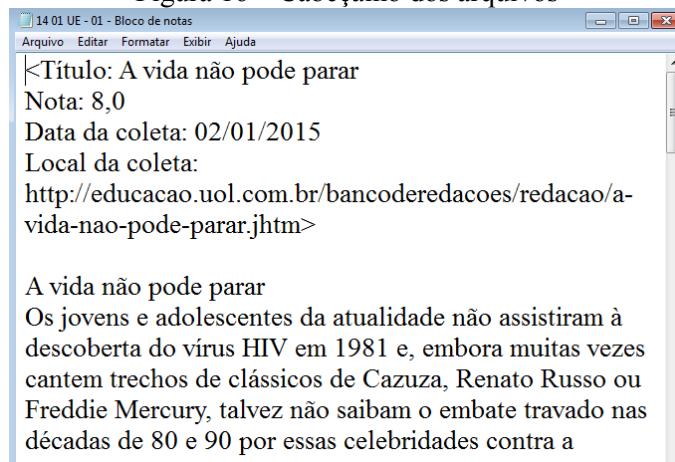
e *TXT*, que foi feita na seguinte ordem: ano, mês, sigla do *site* e número da redação de acordo com a ordem em que foi disponibilizada. Para o cabeçalho, estipulamos as seguintes informações: o título e a nota da redação e a data e o local de coleta. Nas Figuras 15 e 16, ilustramos como ficou a nomeação e o cabeçalho dos arquivos que compõem o nosso *corpus*:

Figura 15 – Nomeação dos arquivos

Nome
14 01 UE - 01
14 01 UE - 02
14 01 UE - 03
14 01 UE - 04
14 01 UE - 05

Fonte: Elaboração própria.

Figura 16 – Cabeçalho dos arquivos



Fonte: Elaboração própria.

3.2.3 O processo de identificação dos elementos coesivos sequenciais: unipalavras e multipalavras

Após lançarmos o *corpus* de redações 2014 no *WST*, usamos a ferramenta *WordList* do programa. Ela exibe uma lista de palavras do *corpus* e dá a possibilidade de visualizá-la em ordem alfabética e em ordem de frequência. Na Figura 17, temos a imagem parcial da *WordList* do *corpus* de redações por ordem de frequência:

Figura 17 – Ilustração parcial da *WordList* do *corpus* de redações em ordem de frequência

N	Word	Freq	%	Texts	%	emma	Se
1	A	2.321	3,99	237	100,00		
2	DE	2.311	3,97	237	100,00		
3	QUE	1.877	3,23	236	99,58		
4	O	1.824	3,14	237	100,00		
5	E	1.710	2,94	235	99,16		
6	É	896	1,54	219	92,41		
7	PARA	844	1,45	220	92,83		
8	NÃO	729	1,25	209	88,19		
9	DA	720	1,24	209	88,19		
10	DO	693	1,19	212	89,45		
11	EM	685	1,18	225	94,94		
12	UMA	645	1,11	208	87,76		
13	UM	641	1,10	213	89,87		
14	OS	635	1,09	204	86,08		
15	COM	569	0,98	204	86,08		
16	SE	528	0,91	188	79,32		
17	COMO	439	0,75	195	82,28		
18	POR	430	0,74	189	79,75		
19	MAIS	422	0,73	174	73,42		
20	AS	407	0,70	175	73,84		
21	NO	398	0,68	170	71,73		
22	NA	341	0,59	168	70,80		

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Com a *WordList*, fizemos a leitura cautelosa das palavras e anotamos em um quadro num documento formato *Word* aquelas candidatas a elementos coesivos sequenciais juntamente com a sua frequência. É importante destacar, assim como Berber Sardinha (2009) fez em seu trabalho com as metáforas, que “este é um procedimento subjetivo, que depende da experiência do analista” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 45-46). Portanto, não podemos afirmar que conseguimos fielmente anotar todos os elementos sequenciais que estão no *corpus* do estudo piloto, uma vez que o procedimento estava submetido a um único olhar humano.

Posteriormente, todas as palavras candidatas a elementos coesivos sequenciais tiveram de ser verificadas em seu contexto linguístico no *corpus* para que pudéssemos considerá-las como elementos coesivos sequenciais de fato. Para isso, utilizamos a ferramenta *Concord*, do mesmo programa de análise lexical, que nos dá acesso às linhas de concordância do *corpus*.

Algumas palavras candidatas obviamente foram descartadas ao verificarmos os contextos linguísticos, foi o caso, por exemplo, de *melhor*, conforme Figura 18:

Figura 18 – Ilustração parcial das linhas de concordância da palavra *melhor*

N	Concordance	Set
38		
39	das manifestações é necessário um <i>melhor</i> treinamento da corporação de	
40	que tem uma situação financeira <i>melhor</i> possua uma qualidade de vida	
41	tomar as atitudes necessárias para o <i>melhor</i> desenvolvimento da cidade,	
42	e o eleito, pode-se fazer um governo <i>melhor</i> tornando o país muito mais	
43	mais pobre desejará apenas uma vida <i>melhor</i> , em quanto a "burguesia", por	
44	cidadão se conscientize em fazer o <i>melhor</i> , sem tirar vantagens, pois assim	
45	seu preço são únicos, a maioria elege o <i>melhor</i> que acha, o perdedor é a minoria	
46	, confrontamento com a polícia etc. A <i>melhor</i> forma de protesto é nas urnas e	
47	da população nas redes sociais, o <i>melhor</i> momento de demonstrar toda	
48	susas crenças e de optar por aquilo que <i>melhor</i> lhe aprovou. A descrença na	
	a escolha do candidato que <i>melhor</i> condiz com as expectativas do	

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

O procedimento de analisar as linhas de concordância foi fundamental, porque o *WST* não diferencia classes de palavras. Por exemplo, ao fazer a concordância da palavra *fim* com o colocado *por* à esquerda, encontramos:

“Nações tem se levantado com o objetivo de *por fim* a governos autoritários e ausentes”.

“*Por fim*, deveríamos instruir a sociedade para que independente da escolha feita de legalizar ou não a droga já saberíamos o que fazer”.

O primeiro *por fim* refere-se à união do verbo *pôr*, colocar, e do substantivo *fim* e não tem o mesmo valor do segundo *por fim*, que é elemento coesivo sequencial e equivale a *por último, finalmente, enfim* etc.

Outro caso de mesma ordem aconteceu com a concordância da palavra *segundo*. Nos dois primeiros exemplos, a palavra refere-se à classe dos numerais e, no terceiro, tem valor de elemento coesivo no sentido de *de acordo com, consoante e conforme*.

“e deixando o atendimento especializado em *segundo* plano...”

“Termino previsto para dia 2 de outubro, podendo haver prolongamento caso haja *segundo turno*”.

“*Segundo* a pesquisa Datafolha, cerca de 80% dos paulistanos concordam com a implantação das ciclovias...”.

Todos os elementos coesivos sequenciais encontrados foram salvos com o programa *WST* individualmente em duas pastas: uma que contém os elementos coesivos unipalavras e outra que contém os elementos coesivos multipalavras, conforme as Figuras 19, 20, 21 e 22 a seguir:

Figura 19 – Pasta dos elementos coesivos sequenciais unipalavras



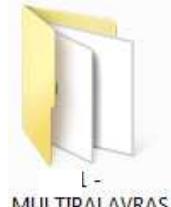
Fonte: Elaboração própria.

Figura 20 – Ilustração parcial do interior da pasta dos elementos coesivos sequenciais unipalavras

ADEMAIS	AFINAL, A FINAL	AINDA	ALIÁS	ANTIGAMENTE	APENAS	APÓS	ASSIM	ATÉ	ATUALMENTE
CERTAMENTE	COMO	COMUMENTE	CONCLUINDO	CONFORME	CONSEQUENTE MENTE, CONSEQUENTE	CONTUDO	DECERTO	DEPOIS	DESDE
DESTACAM-SE	DESTARTE	E	EMBORA	ENFIM, EM FIM	ENQUANTO, EM QUANTO	ENTÃO	ENTREMENTES	ENTRETANTO, ENTRETANDO	ESPECIALMENTE
FINALMENTE	FREQUENTEMENTE	HODIERNAMENTE	HOJE	INCLUI-SE	INCLUSIVE	INDUBITAVELMENTE	INEGAVELMENTE	INICIALMENTE	JÁ

Fonte: Elaboração própria.

Figura 21 – Pasta dos elementos coesivos sequenciais multipalavras



Fonte: Elaboração própria.

Figura 22 – Ilustração parcial do interior da pasta dos elementos coesivos sequenciais multipalavras

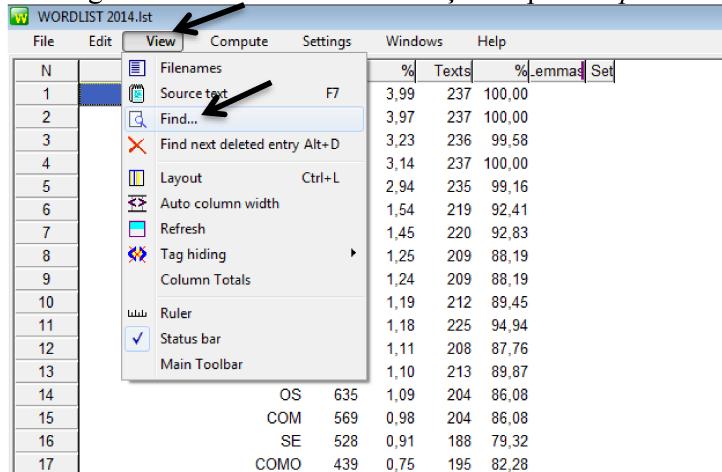


Fonte: Elaboração própria.

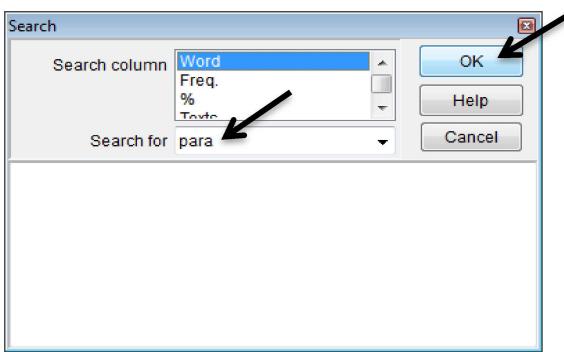
A identificação das unipalavras de coesão sequencial foi mais simples do que as multipalavras de coesão sequencial. Para verificar a unipalavra candidata a elemento coesivo, bastou encontrá-la no *corpus*, por meio dos recursos: *View > Find > Search for > Ok*. E, em seguida, ir à aba *Compute* e clicar em *Concordance*. Para encontrar as multipalavras de coesão, fizemos o mesmo procedimento, no entanto recorremos à ferramenta *Concord*, com a opção dos *collocates* e dos *clusters*.

Vejamos um exemplo: para encontrar o elemento coesivo *para tal efeito*, localizamos a palavra *para* no *corpus* e fizemos a concordância. As Figuras 23 a 27, com a presença de setas, ilustram o passo a passo desse procedimento:

Figura 23 – Processo de localização da palavra *para*

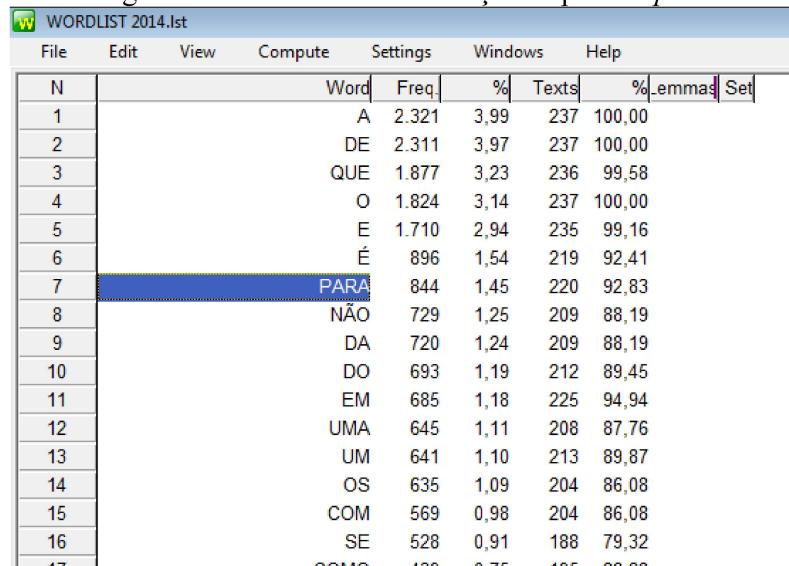


Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Figura 24 – Processo de localização da palavra *para*


The screenshot shows the WordSmith Tools interface. A search dialog box is overlaid on the main table. The dialog box has 'Search' at the top, followed by 'Search column' dropdown set to 'Word', and a 'Search for' input field containing 'para'. Arrows point to the 'OK' button and the 'para' input field. The main table below has columns: Word, Freq., %, Texts, %, emmas, Set. The word 'PARA' is highlighted in the first column.

Word	Freq.	%	Texts	%	emmas	Set
A	2.321	3,99	237	100,00		
DE	2.311	3,97	237	100,00		
QUE	1.877	3,23	236	99,58		
O	1.824	3,14	237	100,00		
E	1.710	2,94	235	99,16		
É	896	1,54	219	92,41		
PARA	844	1,45	220	92,83		
NÃO	729	1,25	209	88,19		
DA	720	1,24	209	88,19		
DO	693	1,19	212	89,45		
EM	685	1,18	225	94,94		
UMA	645	1,11	208	87,76		
UM	641	1,10	213	89,87		
OS	635	1,09	204	86,08		
COM	569	0,98	204	86,08		
SE	528	0,91	188	79,32		
COMO	439	0,75	195	82,28		
POR	430	0,74	189	79,75		
MAIS	422	0,73	174	73,42		
AS	407	0,70	175	73,84		
NO	398	0,68	170	71,73		
NA	341	0,59	168	70,89		

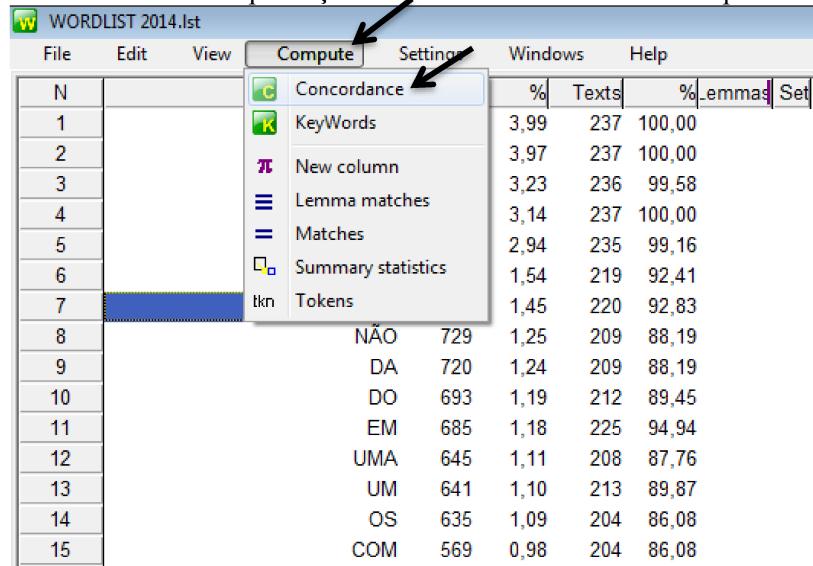
Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).Figura 25 – Processo de localização de palavra *para*


The screenshot shows the WordSmith Tools interface. A search dialog box is overlaid on the main table. The dialog box has 'Search' at the top, followed by 'Search column' dropdown set to 'Word', and a 'Search for' input field containing 'para'. Arrows point to the 'OK' button and the 'para' input field. The main table below has columns: N, Word, Freq., %, Texts, %, emmas, Set. The word 'PARA' is highlighted in the second column.

N	Word	Freq.	%	Texts	%	emmas	Set
1	A	2.321	3,99	237	100,00		
2	DE	2.311	3,97	237	100,00		
3	QUE	1.877	3,23	236	99,58		
4	O	1.824	3,14	237	100,00		
5	E	1.710	2,94	235	99,16		
6	É	896	1,54	219	92,41		
7	PARA	844	1,45	220	92,83		
8	NÃO	729	1,25	209	88,19		
9	DA	720	1,24	209	88,19		
10	DO	693	1,19	212	89,45		
11	EM	685	1,18	225	94,94		
12	UMA	645	1,11	208	87,76		
13	UM	641	1,10	213	89,87		
14	OS	635	1,09	204	86,08		
15	COM	569	0,98	204	86,08		
16	SE	528	0,91	188	79,32		

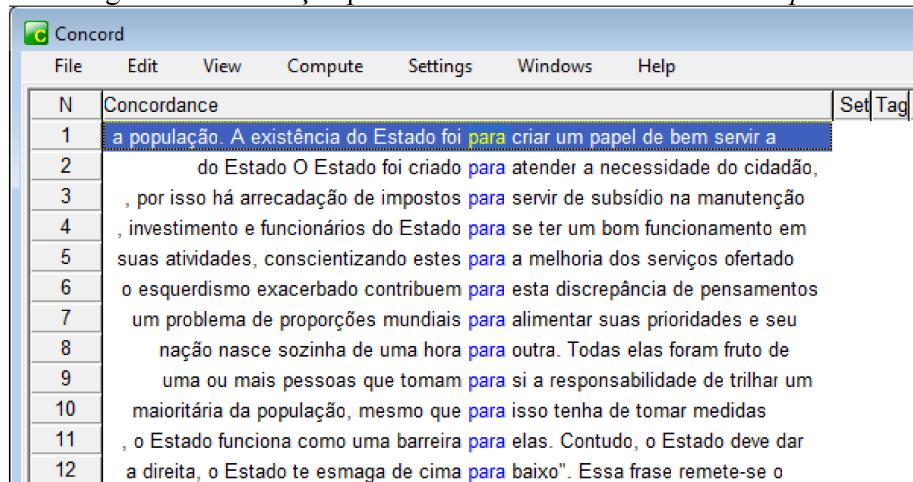
Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Figura 26 – Processo de produção das linhas de concordância da palavra *para*



Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Figura 27 – Ilustração parcial das linhas de concordância de *para*



Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Em seguida, clicamos na aba *clusters*, com a configuração selecionada da seguinte forma: agrupamento formado por 3 palavras e frequência mínima 1. Encontramos 6.761 ocorrências, e a palavra de busca *para tal efeito* estava na posição 137, conforme podemos ver na Figura 28:

Figura 28 – Lista parcial de *clusters* de *para*

N	Cluster	Freq	Set	Length
137	PARA TAL EFEITO	2	3	
138	QUE PARA MUITOS	2	3	
139	SOCIEDADE E PARA	2	3	
140	MEDICINAIS COMO PARA	2	3	
141	PARA O MUNDO	2	3	
142	SOCIEDADE PARA QUE	2	3	
143	O ESTADO TE	2	3	
144	REDUZIRAINDA MAIS	2	3	
145	TAREFA FÁCIL PARA	2	3	
146	BICICLETAS PARA IR	2	3	
147	JUNTOS PARA UM	2	3	
148	OLHA DA ESQUERDA	2	3	
149	OFERECIDOS MAIS PARA	2	3	
150	PARA A BOA	2	3	
151	PARA CADA INDIVÍDUO	2	3	
152	DE GRANDE VALIA	2	3	
153	IGUALAR O HORÁRIO	2	3	
154	CONTRIBUEM PARA UM	2	3	
155	QUE PARA OUTROS	2	3	

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Como a aba *clusters* não mostra o contexto linguístico em que os agrupamentos foram usados, recorremos à aba *collocates* que, além de mostrar todos os itens que coocorrem com a palavra desejada, dá acesso às linhas de concordância, de modo a ordenar e destacar a colocação em vista. De acordo com as Figuras 29 e 30, nos *collocates*, localizamos o colocado *tal* e, ao clicar na coluna denominada *total right*, identificamos o elemento coesivo *para tal efeito* nas linhas de concordância:

Figura 29 – Ilustração parcial da lista dos *collocates* com *para*

N	Word	With	Relation	Texts	Total	Total Left	Total Right
71	TAL	para	0.000	11	12	2	10
72	POR	para	0.000	11	12	6	6
73	MELHOR	para	0.000	7	12	7	5
74	CADA	para	0.000	11	12	2	10
75	OUTROS	para	0.000	10	12	1	11
76	NECESSÁRIO	para	0.000	11	12	7	5
77	SÓ	para	0.000	11	12	9	3
78	BRASILEIRA	para	0.000	12	12	5	7
79	QUEM	para	0.000	10	11	3	8
80	JÁ	para	0.000	11	11	4	7
81	SOLUÇÃO	para	0.000	10	11	10	1
82	CAMINHO	para	0.000	8	11	11	0
83	DOENÇA	para	0.000	7	11	5	6
84	BOA	para	0.000	11	11	5	6
85	EVENTO	para	0.000	8	11	3	8
86	BEM	para	0.000	9	10	3	7
87	FAZER	para	0.000	9	10	5	5
88	BOM	para	0.000	8	10	5	5
89	DINHEIRO	para	0.000	7	10	8	2

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Figura 30 – Ilustração parcial das linhas de concordância de *para* com o collocate *tal*

Concord	
N	Concordance
1	no Brasil está inteiramente suja, então para quem tem tal pensamento o voto
2	impostos, mais tributos a serem pagos para conservar tal operação. Uma erva
3	crime, nem muito menos, penalizada. Para tal efeito, a cultura machista veio
4	masculino na sua maioria dos casos. Para tal efeito é necessário que sejam
5	também tenha um apoio psicológico para que tal violência deixe o mínimo de
6	a geração jovem. Dentre tantos motivos para tal ocorrência estão à praticidade
7	que estão no seu direito de opinar. Para amenizar tal situação os jovens
8	, já que ele também possui motivos para tal, mentalmente conturbado ou

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Vale ressaltar que a opção *collocates* foi muito mais usada em relação à opção *clusters*, uma vez que a primeira tornou-se mais ágil por já dar acesso às linhas de concordância. Além disso, alguns elementos foram encontrados por acaso durante a análise e leitura do *corpus*. Ao final dessa fase, organizamos um quadro (ver Apêndice A) com os elementos coesivos formados por unipalavras (63) e outro (ver Apêndice B) formado por multipalavras (192), o que totalizou 255 elementos coesivos sequenciais.

3.2.4 A frequência inicial e a frequência final dos elementos unipalavras

Visto que os elementos coesivos são formados por unipalavras e multipalavras, para saber a frequência exata de algumas unipalavras, realizamos um cálculo de diminuição da frequência total delas em relação ao número de ocorrências de multipalavras nas quais elas também estavam presentes e em relação às ocorrências em que elas não cumpriram a função de elementos coesivos sequenciais. Tal cálculo não é feito de maneira automática no *WST*, por isso o fizemos manualmente. Esse procedimento foi feito com 19 elementos: *e*, *para*, *como*, *ou*, *mas*, *assim*, *já*, *também*, *ainda*, *até*, *apenas*, *desde*, *hoje*, *então*, *segundo*, *após*, *logo*, *afinal* e *depois*. No Quadro 12, demonstramos um exemplo dessa atividade:

Quadro 12 – Relação frequência inicial x frequência final de *ou*

Elemento	Frequência	
Ou	Frequência inicial	234
Ou seja	21	
Ou	Frequência final	213

Fonte: Elaboração própria.

3.2.5 Procedimentos para identificar os elementos coesivos usados de maneira inadequada

Para que chegássemos à identificação de quais elementos coesivos sequenciais foram usados de maneira inadequada pelos internautas, verificamos os contextos linguísticos dos 255 elementos. Essa atividade foi extremamente trabalhosa e exigiu muito tempo, no entanto, com certeza, tornar-se-ia mais cansativa e com maior probabilidade de falhas se não usássemos o programa de análise lexical.

Após localizarmos o elemento coesivo sequencial na *WordList*, clicamos na aba *Compute* e, em seguida, em *Concordance*, conforme já mostramos na Figura 26. O *Concordance* nos mostra as linhas de concordância da palavra em questão. Isso significa que a ferramenta nos permite visualizar especificamente todos os momentos em que uma palavra foi usada, como pode ser visto na Figura 31:

Figura 31 – Ilustração das linhas de concordância de *contudo*

N	Concordance	Set Tag Wc
1	pelo menos uma vez na semana. <i>Contudo</i> , segundo Arthur Rollo,	
2	dizem serem estas suas prioridades, <i>contudo</i> o cidadão não consegue	
3	desanimando quem os assistem. <i>Contudo</i> a maioria da população	
4	requer uma dedicação da população. <i>Contudo</i> é notável que os programas	
5	. A iniciativa das ciclofaixas é benéfica, <i>contudo</i> , apenas o ato não basta. É	
6	o assunto desde a década de 1950. <i>Contudo</i> , o problema tem se agravado,	
7	para o entendimento da doença, <i>contudo</i> pensam se tratar de algo	
8	milhares de pessoas em todo o mundo. <i>Contudo</i> , com o grande número de	
9	, pacificamente e de forma organizada. <i>Contudo</i> , vândalos se infiltram nos	
10	e sem quebrar patrimônios públicos. <i>Contudo</i> , o uso de equipamentos	
11	a integridade física de vândalos. <i>Contudo</i> , é sabido que há outros meios	
12	funciona como uma barreira para elas. <i>Contudo</i> , o Estado deve dar prioridade a	
13	o único responsável pelo seu destino. <i>Contudo</i> , a liberdade individual não	
14	candidato somente por obrigação. <i>Contudo</i> , para evitar esse uso indevido	
15	política e se manifestam contra ela. <i>Contudo</i> , essa iniciativa prejudicaria o	
16	forma legítima de participação política. <i>Contudo</i> , ainda se discute se o voto	
17	a imagem da mulher na sociedade, <i>contudo</i> isso não pode servir como	
18	plausível á este comportamento. <i>Contudo</i> não devemos fechar os olhos e	

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

E, com um clique duplo em cima de cada linha de concordância, conseguimos ver e analisar o contexto linguístico no qual a palavra foi utilizada, conforme a Figura 32 exemplifica:

Figura 32 – Um exemplo de um contexto linguístico referente à palavra *contudo*

D:\MESTRADO 2\CORPUS REDAÇÕES UOL TESTE 2014\2014 UOL\4 - CORPUS TXT LIMPO TODOS 2014\SET 2014 8 - Eliminando o tabu

File Edit View Compute Settings Windows Help

Eliminando o tabu
19 de agosto de 2014, data da abertura das propagandas eleitorais gratuitas. Termo previsto para dia 2 de outubro, turno. Sobre demais informações, uma dúvida se torna unânime: Horário eleitoral é útil?

Em 2010 um estudo organizado pela conceituada UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) constatou que 43,2 declararam acompanhar, 65% disseram ter assistido pelo menos uma vez na semana.

Contudo, segundo Arthur Rollo, advogado e professor de direito da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, para que todo poder emane do povo. A campanha sem propaganda acaba desmotivando o eleitor, a "festa da democracia" poluição visual, sonora e até incômodo.

Para que as eleições não virem um "tabu", deveriam ser adotados outros métodos, como dar direito de escolha sobre quem seu horário eleitoral, assim tirando o peso dos cofres públicos. As declarações dos políticos deveriam ser mais marketing corretor, todos podem se interessar e votar corretamente.

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Conforme a Figura 33 ilustra, enumeramos na coluna *Set* cada linha de concordância em que determinado elemento coesivo sequencial foi usado de maneira inadequada:

Figura 33 – Enumeração dos usos inadequados do elo coesivo *contudo*

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sei
1	plausível á este comportamento. Contudo não devemos fechar os olhos e	5	260	6	7'	
2	candidato somente por obrigação. Contudo , para evitar esse uso indevido	4	118	3	5'	
3	a integridade física de vândalos. Contudo , é sabido que há outros meios	3	149	4	3'	
4	requer uma dedicação da população. Contudo é notável que os programas	2	151	3	7'	
5	desanimando quem os assistem. Contudo a maioria da população	1	76	3	4'	
6	e sem quebrar patrimônios públicos. Contudo , o uso de equipamentos		186	610		
7	pelo menos uma vez na semana. Contudo , segundo Arthur Rollo,		76	5	6'	
8	para o entendimento da doença, contudo pensam se tratar de algo		194	951		
9	o assunto desde a década de 1950. Contudo , o problema tem se agravado,		119	5	9'	
10	milhares de pessoas em todo o mundo. Contudo , com o grande número de		15	1	7'	
11	o único responsável pelo seu destino. Contudo , a liberdade individual não		107	622		
12	funciona como uma barreira para elas. Contudo , o Estado deve dar prioridade a		139	5	7'	
13	., pacificamente e de forma organizada. Contudo , vândalos se infiltram nos		35	2	9'	
14	a imagem da mulher na sociedade, contudo isso não pode servir como		225	844		
15	dizem serem estas suas prioridades, contudo o cidadão não consegue		132	535		
16	. A iniciativa das ciclofaixas é benéfica, contudo , apenas o ato não basta. É		93	452		
17	forma legítima de participação política. Contudo , ainda se discute se o voto		38	112		
18	política e se manifestam contra ela. Contudo , essa iniciativa prejudicaria o		42	213		

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

Para fazermos o cálculo da porcentagem, relacionamos a frequência do elemento (18) com o número de vezes que ele foi usado de maneira inadequada (5), por exemplo:

$$18 - 100$$

$$18x = 500$$

$$500/18 = 27,7\%$$

$$5 - x$$

Os resultados dessa atividade estão na Tabela 1 na seção 3.2.7 A análise da frequência x inadequações.

3.2.6 O critério de análise dos usos inadequados

O critério semântico conduziu a análise dos elementos coesivos sequenciais usados de maneira inadequada. Consideramos como inadequados os usos que, de fato, trouxeram problema para a compreensão de determinada parte do texto. Portanto, todas as vezes que o uso do elemento coesivo prejudicou de alguma forma a coerência de um trecho da produção, o marcamos como inadequado.

Além disso, não perdemos de vista que os textos foram produzidos seguindo os moldes do Enem. A prova de redação desse processo seletivo exige que o candidato elabore uma dissertação argumentativa de maneira clara, objetiva e que obedeça às normas gramaticais tradicionais. Embora as gramáticas tradicionais não contemplem todos os usos possíveis de um elemento coesivo e não apresentem todos os elementos coesivos existentes na língua, os usos dos elementos coesivos sequenciais que ainda não foram consolidados pela gramática e/ou que soaram estranhos a nós, que atrapalharam na compreensão e que, por tudo isso, provavelmente, seriam penalizados pelos avaliadores do Enem foram considerados como inadequado. Inclusive, no documento intitulado “A redação no Enem 2013 – Guia do participante”, há a recomendação de que o candidato deve evitar: “emprego equivocado do conector (preposição, conjunção, pronome relativo, alguns advérbios e locuções adverbiais) que não estabeleça relação lógica entre dois trechos do texto e prejudique a compreensão da mensagem” (BRASIL, 2013, p. 21). Na Figura 34, está uma síntese de como deve ser o texto do Enem:

Figura 34 – A redação no Enem



Fonte: Brasil, 2013, p. 7.

De acordo com o esquema acima, notamos que a avaliação dos textos é feita com base em competências. Conforme Brasil (2013), elas são cinco e estão explicitadas na Figura 35:

Figura 35 – Competências avaliadas na redação do Enem

- Competência 1:** Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.
- Competência 2:** Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
- Competência 3:** Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
- Competência 4:** Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
- Competência 5:** Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Fonte: Brasil, 2013, p. 8.

Aquela que diz respeito à coesão é a competência 4. E os aspectos que a envolvem, tais como: encadeamento de ideias, articulação de ideias e uso de determinados recursos linguísticos, são explicados de forma bastante coerente com a teoria de Koch (2008) e de Antunes (2005). Vejamos:

Os aspectos a serem avaliados nesta Competência dizem respeito à estruturação lógica e formal entre as partes da redação. A organização textual exige que as frases e os parágrafos estabeleçam entre si uma relação que garanta a sequenciação coerente do texto e a interdependência entre as

ideias. Esse encadeamento pode ser expresso por conjunções, por determinadas palavras, ou pode ser inferido a partir da articulação dessas ideias. Preposições, conjunções, advérbios e locuções adverbiais são responsáveis pela coesão do texto, porque estabelecem uma inter-relação entre orações, frases e parágrafos. Cada parágrafo será composto de um ou mais períodos também articulados; cada ideia nova precisa estabelecer relação com as anteriores. Assim, na produção da sua redação, você deve utilizar variados recursos linguísticos que garantam as relações de continuidade essenciais à elaboração de um texto coeso (BRASIL, 2013, p. 19-20).

Uma vez que decidimos priorizar a análise dos usos inadequados que prejudicaram o sentido de parte do texto, não consideramos inadequado, por exemplo, os casos em que houve redundância, segundo nossa análise: *como por exemplo, e nem, mas porém*, entre outros. Ademais, também não foi alvo de nossa pesquisa criticar as situações de metalinguagem, por exemplo: *tendo em vista tudo isso, chega-se à conclusão*. Esclarecidos os critérios de análise, convidamos o leitor a ver como cada uso inadequado foi analisado no Apêndice C.

3.2.7 A análise da frequência x inadequações

Com o procedimento de verificação dos 255 elementos coesivos sequenciais no *corpus*, identificamos que 33 foram usados de maneira inadequada. Organizamos esse resultado na Tabela 1, que contém as seguintes informações: elemento coesivo sequencial (Elementos), frequência no *corpus* de estudo (FR), número de inadequações (Nº de usos inadequados) e porcentagem de inadequação (%).

Tabela 1 – Resultado 2014

RESULTADO 2014			
ELEMENTOS	FR	Nº DE USOS INADEQUADOS	%
1. Em consequente disso (em consequência disso)	1	1	100,0
2. Para tal efeito	2	2	100,0
3. Sobre demais informações	1	1	100,0
4. Apesar disso	2	1	50,0
5. Por conseguinte	3	1	33,3
6. Contudo	18	5	27,7
7. Porque	39	8	20,5
8. Ou seja	21	4	19,0
9. Por sua vez	6	1	16,6
10. Consequentemente 12/ Consequente 1	13	2	15,3
11. Entretanto 22/ Entretando 1	23	3	13,0
12. Visto que	17	2	11,7
13. Já que	36	4	11,1

14. Com isso	18	2	11,1
15. Assim como	19	2	10,5
16. Afinal 10/ A final 1	11	1	9,0
17. Por outro lado	12	1	8,3
18. Mas	159	12	7,5
19. Assim	59	3	5,0
20. Por isso	21	1	4,7
21. Porém 62/ porem 5	67	3	4,4
22. Então	25	1	4,0
23. No entanto	26	1	3,8
24. Pois	121	4	3,3
25. Além disso	31	1	3,2
26. Também	101	3	2,9
27. Até mesmo 37/ Ate mesmo 2	39	1	2,5
28. Como	352	7	1,9
29. E	1688	24	1,4
30. Portanto	71	1	1,4
31. Ou	213	2	0,9
32. Ainda	113	1	0,8
33. Para	823	2	0,2

Fonte: Elaboração própria.

A porcentagem de erros em relação à frequência é um cálculo imprescindível para dizer qual elemento coesivo foi usado mais vezes de maneira inadequada no *corpus*.

Os elementos coesivos mais frequentes não são aqueles que apresentam maior porcentagem de usos inadequados. Talvez isso seja previsível, mas confirmamos que os escritores internautas usam mais aquelas palavras que conhecem, ou seja, que sabem usar no contexto linguístico adequado. Por exemplo: *porém* (frequência: 67; uso inadequado: 3; porcentagem de inadequação: 4,4%) e *contudo* (frequência: 18; uso inadequado: 5; porcentagem de inadequação: 27,7%).

Os elementos que apresentaram maior tendência ao uso inadequado foram os que tiveram menor ocorrência.

3.2.8 *Hapax legomena*: o que elas representam no *corpus*?

De acordo com Berber Sardinha (2004), as *hapax legomena* são aquelas palavras que ocorreram no *corpus* apenas uma vez. Devido a isso, elas dizem muito sobre a riqueza lexical do *corpus*.

No que diz respeito ao número de elementos coesivos sequenciais identificados no *corpus*, constatamos que, das unipalavras (63), há 12 *hapax legomena* e, das multipalavras (192), 90 ocorreram apenas uma vez, o que totaliza 102 *hapax legomena* em 255 elementos

coesivos sequenciais. Isso significa que quase 40% dos elementos coesivos sequenciais encontrados foram usados apenas uma vez.

Interpretando tal dado de um ponto de vista geral, podemos dizer que o *corpus* de redações possui um vocabulário diversificado no que se refere aos elementos que estudamos. No entanto, não podemos afirmar que todos os autores das redações possuem riqueza vocabular, porque não fizemos uma análise individual de cada produção escrita.

Essa observação é pautada no seguinte raciocínio: quando o *corpus* é relativo a um único autor e há uma alta ocorrência de *hapax legomena*, certamente consideramos que o escritor possui um bom repertório lexical. No entanto, no nosso caso, cada texto que compõe o *corpus* é de um escritor diferente, portanto, para dizer quantas pessoas possuem riqueza vocabular em relação aos elementos coesivos sequenciais, seria necessário realizarmos uma análise individual. Na verdade, devido à variedade de autores que compuseram o *corpus* de redação referente ao ano de 2014, esperávamos que diversos elementos coesivos sequenciais encontrados fossem usados muitas vezes, assim não haveria uma quantidade alta de *hapax legomena*, o que não aconteceu.

Além de haver um número relevante de *hapax legomena*, ou seja, elementos coesivos sequenciais que foram usados por apenas uma pessoa, existe a repetição considerável de um mesmo elemento sequencial. Vejamos, o *e* ocorreu 1688 vezes no *corpus*. No entanto, em vários casos notamos que os escritores poderiam usar um ponto final no lugar desse elemento *e* iniciar outra oração, com o intuito de lançar mão de outros elementos coesivos que, assim como o *E*, auxiliam na continuidade e adição de ideias, por exemplo, alguns que tiveram baixa ocorrência no *corpus*, tais como: *vale também destacar* (1) e *ademas* (4). O *portanto* (71) também poderia ser substituído por *logo* (13), *diante disso* (4), *diante do exposto* (3) e *diante de tal contexto* (1), para introduzir conclusão.

A frequência de *para* (823) em relação às frequências de *a fim de* (21) e *com o intuito de* (3) também demonstra uma grande diferença de ocorrências. E o *mas* (159) indica a preferência dos autores por tal conector em detrimento de outros elementos, por exemplo: *entretanto* (23), *contudo* (18), *embora* (11) e *apesar disso* (2).

Diante dessas reflexões, chegamos à conclusão de que a alta ocorrência de *hapax legomena* nos sugere que os escritores precisam, sim, ampliar seu vocabulário no que diz respeito aos elementos coesivos.

3.2.9 Algumas percepções adquiridas numa análise guiada pelo *corpus*

Algumas descobertas foram feitas durante o processo de identificação dos elementos coesivos no *corpus*. E isso mostrou que, embora a pesquisa tenha um objetivo e um caminho a ser percorrido previamente estabelecidos, muitas vezes, o próprio *corpus* de estudo dá sinais de que o pesquisador precisa ter um olhar flexível e atento aos dados.

Inicialmente, pensamos em usar o *corpus* com o intuito de encontrar os elementos coesivos sequenciais escritos de acordo com a norma padrão da língua. No entanto, percebemos que havia elementos grafados de modo errado e que não poderiam ser desconsiderados, por exemplo: *a final, afim de, entretando, ate mesmo, em consequente disso* etc.

Outro fato que descobrimos é que algumas palavras que não são elementos coesivos sequenciais foram usadas com tal função. Assim, a nossa pesquisa baseada em *corpus*, na qual usamos o *corpus* para confirmar dados e questões formuladas de forma antecipada, tornou-se, ao mesmo tempo, dirigida pelo *corpus*, ou seja, o *corpus* de estudo revelou fatos não esperados por nós. A descoberta de que outras palavras ocupam o lugar que deveria ser dos elementos coesivos sequenciais é muito importante, pois isso demonstra uma dificuldade que há, por parte dos escritores, ao fazerem a escolha lexical adequada ao contexto de sua produção escrita. As palavras que identificamos são as que dispusemos no Quadro 13:

Quadro 13 – Palavras usadas no lugar de elementos sequenciais

Palavras que ocuparam inadequadamente o lugar de elementos coesivos sequenciais	Elemento coesivo que seria adequado	Número de ocorrências
Mais	Mas	10
Por que	Porque	3
Em fim	Enfim	1
Não fosse isso	Além disso	1
Onde	Porque	8
Onde	E	2
Onde	Quando	4

Fonte: Elaboração própria.

Ilustramos alguns exemplos desses casos:

“Posso aqui apresentar pontos a favor e contra o horário eleitoral. Contra o horário eleitoral observamos que a maioria da população brasileira tem um baixo nível de escolaridade e não tem consciência política, sendo, por isso, muito inocente e fácil presa de políticos inescrupulosos, que mostram belas imagens na televisão e apresentam propostas miraculosas para melhorar a vida do povo. Essa maioria não indaga o “como” aquele político vai cumprir sua promessa, não pesquisa sua

história e, portanto, vai acreditar em tudo de belo que vê sendo apresentado. *Não fosse isso*, o programa é televisionado em um horário em que a maioria das pessoas chega em casa depois de um dia inteiro de trabalho e muitos consideram que o programa atrapalha sua entretenimento normal na TV. Há também os que argumentam que isso não influencia o eleitor e que é apenas um desperdício do dinheiro público”.

“No dia 22 de setembro é comemorado o dia mundial sem carro, *onde a população é incentivada a fazer suas ativas com uma bicicleta, mas como mostram nos noticiários não é bem isso que acontece*”.

“Daniel quis chamar atenção da mídia e da população para um problema que vem assombrado a cada dia mais a sociedade, desde dos primórdios a maioria dos conflitos gerando pelas nações foi devido ao preconceito, a etnia seu valor e sua desvalorização, no período do nazismo *onde a “raça ariana” era determinada pura segundo os alemães, a escravidão que durou quase 400 anos aqui no Brasil [...]*”.

Não excluímos a possibilidade de algumas inadequações serem provenientes apenas de um erro ortográfico (*por que x porque; mais x mas; em fim x enfim*). No entanto, a partir do momento em que há a chance de a palavra ser confundida semanticamente com outra, porque as duas existem na língua, já podemos considerar como um problema que interfere na coesão e coerência do texto. Assim como houve casos de pessoas que usaram a conjunção *mas* quando deveriam ter usado o advérbio *mais* (6 ocorrências), houve a situação inversa, como mostra o Quadro 13, e isso nos leva a inferir que talvez os escritores não tenham cometido apenas um erro de grafia, mas que também não saibam que há as duas palavras na língua portuguesa que possuem valores semânticos diferentes.

3.3 O ESTUDO PILOTO: CONSIDERAÇÕES

A primeira conclusão à qual chegamos, por meio da experiência que obtivemos com o nosso estudo piloto, é a de que a nossa pesquisa possui limitações, pois a análise automática do *corpus* de redações, ou melhor, os recursos que o programa de análise lexical oferece para que possamos efetuar análises vão até certo ponto. O trabalho que fizemos manualmente de compilar e organizar o *corpus* de redações, de identificar os elementos coesivos sequenciais no *corpus* e de analisar os usos demandou muito tempo, além de ter sido uma tarefa árdua.

Com algumas leituras das avaliações referentes às redações disponíveis no site UOL e com a análise dos usos inadequados no nosso *corpus*, identificamos que existe um problema de escrita, inclusive previsto, que o programa *WST* não poderá nos mostrar: a ausência de elementos coesivos sequenciais. Embora isso não tenha sido contabilizado e não tenha sido

alvo de análise no *corpus*, é um fato que não podemos ignorar, porque poderia evidenciar em que medida os autores deixam de usar elementos que realmente fazem falta no texto. Sob essa ótica, além de sabermos se os elementos coesivos são usados de maneira inadequada ou não, também perceberíamos se os escritores os usam ou não nas partes do texto em que são necessários. Como Koch (2008) afirma, mesmo que a coesão não seja imprescindível para que um texto seja coerente, ao mesmo tempo, ela não é totalmente dispensável. Diante da problemática mencionada, pensamos na possibilidade de etiquetar o *corpus* (com etiquetas que indicassem a ausência de elementos coesivos sequenciais e com etiquetas que marcassem a presença deles), porém esse trabalho teria de ser feito manualmente, o que seria inviável devido ao tempo que temos para finalizar nossa dissertação. De qualquer forma, não desconsideramos, de modo algum, a importância de etiquetar o *corpus*, inclusive do ponto de vista morfossintático, por isso tal ação pode ser realizada futuramente.

Outra questão que deve ser pontuada alude às condições de produção em que os textos do *corpus* foram produzidos. Primeiramente, o autor não sofre pressão psicológica para produzir seu texto num determinado horário como ocorre durante uma prova de redação. Os escritores dos textos analisados tiveram a possibilidade de elaborar suas produções escritas com tranquilidade, com a ajuda de um professor e, por exemplo, com o apoio do corretor automático existente em documentos no formato *Word*. Acreditamos que tudo isso, de alguma forma, influenciou nos dados obtidos no estudo piloto e na análise que fizemos.

Além disso, o *corpus* nos mostrou que existem muitos elementos coesivos sequenciais (escritos de diferentes formas) e que eles não são constituídos apenas por palavras gramaticais nem unicamente por unipalavras. Isso acarretou algumas consequências: não encontramos respaldo teórico na bibliografia sobre coesão textual e na gramática tradicional sobre o uso de todos os elementos coesivos sequenciais encontrados no *corpus*, portanto, algumas vezes, foi difícil determinarmos se tal conjunto de palavras caracterizava-se como elemento coesivo sequencial e se seu uso estava adequado ou inadequado.

Por meio da verificação preliminar nos dicionários, notamos que provavelmente nem todos os elementos que foram identificados no *corpus* de redação constarão nos dicionários alvo desta pesquisa. Logo, se for o caso, a definição desses elementos coesivos terá de ser criada, e não recriada a partir da análise das definições que já existem nos dicionários. Também reconhecemos que as definições existentes nos dicionários precisam ser melhoradas, portanto podemos prosseguir com nosso propósito.

Destacamos também que o estudo piloto foi importante, visto que nos permitiu visualizar uma amostra do trabalho com o *corpus* de redações. Adquirimos uma noção de

quais elementos coesivos sequenciais possuem alta recorrência e quais não a possuem nas redações do tipo dissertativo-argumentativo, o que nos mostrou que há preferências no que diz respeito à escolha lexical de um recurso coesivo. A conclusão à qual chegamos em relação a esse fato é a de que é preciso ampliar o vocabulário dos escritores no que diz respeito ao uso de elementos coesivos sequenciais.

Notamos que identificar os elementos coesivos sequenciais existentes e verificar o uso inadequado deles no *corpus* de redações requer um trabalho minucioso e demorado. Em virtude disso, não é viável que esse procedimento seja refeito em um *corpus* que tem aproximadamente cinco vezes mais o número de textos, conforme tínhamos planejado inicialmente. Assim, acreditamos que devemos trabalhar daqui em diante apenas com os 33 elementos coesivos que foram usados de forma inadequada no *corpus* do estudo piloto.

Ademais, é preciso pontuar que outras duas mudanças foram feitas após os resultados do estudo piloto e do exame de Qualificação. Inicialmente tínhamos cogitado a possibilidade de extraímos exemplos de bom uso dos elementos coesivos sequenciais de um *corpus* denominado, segundo Fromm e Yamamoto (2013), *Corpus de Linguística*, para produzirmos a nossa proposta de redefinição dos elementos coesivos sequenciais. No entanto, o *corpus* de Linguística, embora tenha maior probabilidade de conter estruturas sintáticas bem formuladas, refere-se a textos que discutem questões pertencentes a uma área de especialidade muito restrita. Portanto, os exemplos não seriam adequados ao público-alvo desta pesquisa.

Uma vez que não identificamos muitos problemas de uso em relação aos elementos coesivos sequenciais no *corpus* de redações, optamos por retirar os exemplos de uso dele, em sua totalidade, pois tal *corpus* é constituído de textos que desenvolvem temas mais acessíveis ao nosso público-alvo, inclusive, são temas que realmente poderiam fazer parte de qualquer prova de redação. Tendo em vista que o objetivo de inserir um exemplo na estrutura do verbete é facilitar a compreensão da palavra-entrada, o mais certo a se fazer é usar os exemplos do *corpus* de redação, retificando os erros relativos a questões gramaticais e estruturais.

A segunda e última mudança diz respeito à elaboração de exercícios para os elementos coesivos sequenciais. Ponderamos que tal atividade também poderá ocorrer em desdobramentos futuros desta pesquisa, devido ao grau de complexidade que a matéria da definição lexicográfica possui.

Conforme as análises realizadas no estudo piloto, é possível explorar o *corpus* de várias formas, inclusive, numa análise guiada pelo *corpus*, mas, daqui em diante, vamos priorizar o objetivo principal da pesquisa.

O próximo capítulo refere-se à continuidade da metodologia da pesquisa. Para nós, o estudo piloto também faz parte da metodologia, entretanto, devido ao fato de ele ter acarretado análises e resultados que foram descritos, de modo extenso, optamos por fazer a separação dos capítulos.

O Lutador

[...]

*Insisto, solerte**Busco persuadi-las.**Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.**Guardarei sigilo
de nosso comércio.**Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.**Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.**Lutar com palavras
Parece sem fruto.**Não têm carne e sangue
Entretanto, luto.*

[...]

(ANDRADE, 1998, p. 182).

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, damos continuidade à descrição dos caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa. Primeiramente, descrevemos os procedimentos para elaboração e análise do *corpus* de redações de 2009 a 2013, os procedimentos para chegarmos à conclusão de quais elementos coesivos sequenciais devem ser analisados nos dicionários alvo desta pesquisa e apresentamos a tipologia do *corpus* 2009 a 2014.

4.1 CORPUS DE REDAÇÕES

Esta seção refere-se aos procedimentos de elaboração e análise do *corpus* de redações 2009 a 2013 que foram efetuados de modo diferente em relação aos procedimentos que foram descritos no capítulo do estudo piloto. Além disso, expusemos a maneira como chegamos à conclusão de quais elementos coesivos sequenciais devem ser verificados nos dicionários e apresentamos a tipologia do *corpus* em sua totalidade.

4.1.1 *Corpus* de redações 2009 a 2013: verificação e correção

Após terminarmos a compilação, organização e limpeza do *corpus* de redações 2009 a 2013, com os mesmos procedimentos descritos para a elaboração do *corpus* de redações 2014 no capítulo anterior, partimos para a análise. No entanto, também notamos que havia redações repetidas. Esse problema não se originou de uma falha dos pesquisadores ao compilarem as redações no *site* UOL Educação, pois percebemos que o próprio *site* é que disponibilizou a mesma redação em meses diferentes. Foi o caso do par de redações 11 05 UE – 03 e 11 07 UE – 14. Pelo tema da proposta de redação, descobrimos que o texto não pertencia ao mês de maio, e sim ao mês de julho. Também foi o caso do par de textos codificados como 11 05 UE – 03 e 11 01 UE – 06. O texto do mês de janeiro foi retirado, pois não pertencia à proposta temática sugerida em janeiro.

O *site* também disponibilizou uma mesma redação em anos diferentes. Foi o caso dos textos codificados como 11 03 UE – 14 e 12 07 UE – 03. Pelo tema, descobrimos que a redação referente ao ano de 2011 deveria ser descartada, pois pertencia ao ano de 2012. O mesmo ocorreu com o par de textos 12 12 UE – 07 e 13 01 UE – 07. O texto referente ao ano de 2013 foi retirado. Essa situação também aconteceu com o par 13 07 EU – 03 e 14 10 EU –

15, nesse caso o texto retirado foi o de 2013, pois, devido ao tema da proposta, percebemos que pertencia ao ano de 2014.

Além disso, observamos que o *site* disponibilizou a mesma redação em um mesmo mês e ano, mudando apenas a ordem em que os textos foram apresentados: 09 09 UE – 08 e 09 09 UE – 11. Nesse caso, optamos por retirar uma das redações.

Ademais, outros dois problemas relativos à limpeza e organização do *corpus* foram percebidos por meio do *WST* e corrigidos: palavras unidas em virtude do ato de copiar e colar e sugestões de correção feitas entre colchetes pelos professores avaliadores do UOL. Acreditamos que o *WST* foi fundamental nesse processo, uma vez que todos esses erros provavelmente não seriam percebidos em uma análise manual do *corpus*.

A seguir, apresentamos no Quadro 14 a tipologia do *corpus* de redações 2009 a 2013, que contém 1.163 redações:

Quadro 14 – Tipologia do *corpus* de redações 2009 a 2013⁴¹

Língua	Monolíngue (português)
Modo	Escrito
Tempo	Sincrônico/ Contemporâneo
Seleção	Estático
Conteúdo	Especializado (redações do tipo dissertativo-argumentativo que segue os moldes do Enem)
Autoria	Falantes nativos e não nativos/ individual
Finalidade	De estudo (análise dos usos inadequados dos elementos coesivos sequenciais e elaboração da microestrutura)
Tamanho	Pequeno (309.148 itens ou <i>tokens</i>)
Nível de codificação	Com cabeçalho (título e nota da redação e local e data de coleta), com nomeação e sem etiquetas

Fonte: Elaboração própria.

4.1.2 Elementos coesivos sequenciais: limpeza das linhas de concordância

Ao analisarmos os 33 elementos coesivos sequenciais no *corpus* de redações referente ao período de 2009 a 2013, identificamos que, pelo fato de algumas palavras apresentarem diversas potencialidades na língua, algumas ocorrências deveriam ser desconsideradas das linhas de concordância, pois não se referiram ao uso da palavra na condição de elemento coesivo sequencial. A seguir, ilustramos alguns casos com os quais nos deparamos:

Visto que: usado como verbo

⁴¹ Seguimos as nomenclaturas mencionadas por Berber Sardinha (2004) para caracterizar nosso *corpus*.

Considerando que ele tenha acompanhado a eleição e *visto que* o Palhaço Tiririca foi eleito [...]

Com isso: usado apenas de maneira remissiva.

No Brasil, nos dias atuais, ainda há muita discriminação e os negros e as mulheres são os que mais sofrem *com isso*.

Por isso: usado apenas de maneira remissiva.

Sou a favor das leis e dos benefícios oferecidos aos cidadãos mais velhos, pois eles são a base da nossa sociedade, e todos nós vamos passar *por isso* algum dia e tenho certeza que iremos gostar de ser tardados com um mínimo de respeito.

Então: usado como advérbio

No caso conhecido como "Impeachment do Presidente Collor" o brasileiro se pintou de verde e amarelo e foi às ruas exigir a saída do *então* Presidente.

Então: usado como interjeição

Teria sim que ter mais professores capacitados para ensinar. Não só as crianças terminam um ano letivo sem aprendizagem, como até candidatos às Universidades estão incapacitados a compor uma redação, imagine *então* acentuar as palavras.

Porém: usado como substantivo

A expedição possui um *porém*, já apresentada aos candidatos, a passagem para Marte é só de ida.

Assim: usado apenas de maneira remissiva

Fracasso. *Assim* pode ser resumida a Rio +20, na qual não houve medidas efetivas sobre o futuro do planeta.

Assim: usado na expressão *por assim dizer*

O fato ilustra um fenômeno, *por assim dizer*, que se iniciou a década atrás e não tem expectativa para estagnar ou encerrar [...]

Assim: usado como advérbio de intensidade

Então se deve sempre analisar o agora e o depois, e pensar se realmente vale a pena jogar um voto importante *assim*.

Para: usado como verbo

O que é indiscutível é que o Brasil simplesmente *para* para assistir aos jogos.

E: usado como substantivo

E se um dia ninguém lembrar do trema? Verdade é que muitas pessoa não sabiam utiliza-lo, mas ele estava lá. Será que, quando finalmente formos obrigados a fazer uso da língua reformada, não sentiremos um vazio nas gramáticas e lembramos com saudade dos "dois pinguinhos em cima do u"? Será que a feiúra vai ficar mais feia sem acento, ou a pêra vai ser menos suculenta sem o gracioso "chapeuzinho" acima do *e*?

Como: usado como pronome interrogativo

Nesse ínterim, *como* se posicionarão os educadores?

Como: usado no sentido de "modo", "maneira", "jeito"

E realmente não tem *como* combater aos fenômenos climáticos mais a como evitar mais danos.

Como: usado como pronome remissivo "pelo qual"

A regra para a atitude é, sempre que possível, tirar vantagem, furar filas, proferir xingamentos e ser grosseiro na forma *como* se dirige.

Como: usado como advérbio de intensidade

Nas escolas e até no trabalhos deve ter palestras educativas a respeito do lixo, mostrando *como* os catadores de lixo sofrem com a nossa irresponsabilidade, e se continuar assim daqui uns 30 anos não vai mais haver lugar para construir lixões pela cidade.

Após termos desconsiderado esses tipos de ocorrência, achamos necessário realizar uma revisão das linhas de concordância referentes aos 33 elementos coesivos sequenciais analisados no estudo piloto, para verificar usos que talvez passaram despercebidos. Isso, de fato, foi detectado, porém consertado imediatamente.

Optamos por não apagar das linhas de concordância os casos em que a palavra não foi usada como elemento coesivo sequencial; apenas marcamos essas ocorrências com a letra “D” (de “diferente”) na coluna *Set* do programa *WST*, como ilustra a Figura 36:

Figura 36 – Marcação na coluna *Set*

N	Concordance	Set
1	, e não precisam entender de política. Porém acabam sendo eleitos, pode	
2	nas mais variadas regiões da Terra. Porém , a atenção dada a ela deve	
3	de recolher é uma constituição infantil, porém , para não delinquir e cometer	
4	saúde esteja em nível de precariedade, porém não devemos esquecer que	
5	para dar um fim útil ao lixo, porém só temos uma solução a	
6	da responsabilidade da juventude porém a intui-se que protege	
7	um delito na visão de uma sociedade. Porém , o extravasamento existencial	
8	tornar um profissional de nível superior, porém não podemos esquecer, que se	
9	muita polêmica nos dias de hoje, Porém é considerado um esporte	
10	ao fumo é sim, dever do governo. Porém , além de leis, o governo	
11	de venda para menores existir. Porém , não acredito que essa lei,	
12	que gastou dinheiro em excesso. Porém , arrecadou impostos baixos	
13	clima está sofrendo muitas alterações, porém sabemos que essas catástrofes	
14	celular facilita muito a comunicação, porém , sua utilização na sala de aula	
15	milhares de vítimas, como na Austrália. Porém , no Brasil os radares que	
16	a melhoria do aprendizado dos alunos. Porém , não há um interesse somente	
17	, mas não pensaram em um porém que essas pesquisas são	D
18	vermelho. A expedição possui um porém , já apresentada aos candidatos	D

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012).

Aliás, diferentemente do procedimento realizado com o *corpus* 2014, escolhemos marcar os usos inadequados na coluna *Set* não com números, mas com a letra “I” (de “inadequado”), conforme também pode ser visualizado na Figura 36.

Além disso, também foram desconsideradas das linhas de concordância relativas aos elementos coesivos sequenciais formados por apenas uma palavra todas as ocorrências referentes às multipalavras. Nesse caso, também não excluímos cada ocorrência manualmente das linhas de concordância, pois poderíamos falhar devido ao grande número de ocorrências. Assim, ao analisarmos as linhas de concordância, por exemplo, do elemento coesivo *ou*, encontramos as multipalavras: *ou melhor* e *ou seja*. Então, fizemos a concordância dessas multipalavras individualmente por meio do programa *WST* e, depois, subtraímos o número de ocorrências delas para encontrar o número de ocorrências da unipalavra *ou*.

A fim de organizarmos os procedimentos descritos acima e de calcularmos a frequência exata de cada unipalavra, criamos quadros como o Quadro 15:

Quadro 15 – Cálculo da frequência

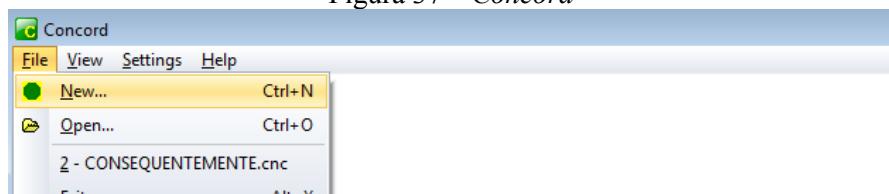
Elemento	Frequência	
	Frequência inicial	180
Então	10	
A partir de então	2	
Desde então	4	
Então (advérbio)	5	
Então (interjeição)	1	
Então	Frequência final	158

Fonte: Elaboração própria.

4.1.3 Elementos coesivos sequenciais multipalavras e *Concord*

Ressaltamos que, para fazermos a concordância das multipalavras, usamos um percurso diferente e mais ágil em relação ao que foi usado no estudo piloto. No estudo piloto, optamos por fazer a *WordList*, em seguida, a concordância de uma das palavras que compunha uma multipalavra e, depois, pesquisamos os *collocates*, a fim de encontrar as ocorrências da multipalavra desejada. Dessa vez, abrimos o programa *WST* e clicamos em *Concord*, ao invés de fazermos a *WordList*, conforme ilustra a Figura 37:

Figura 37 – *Concord*

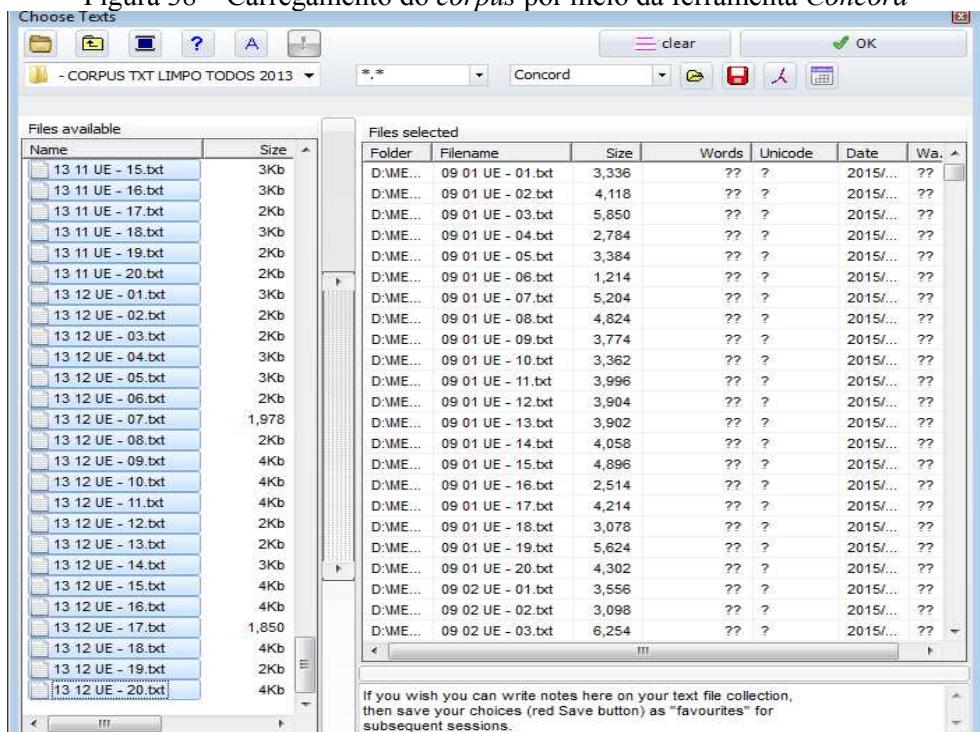


Concord

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012).

Carregamos o *corpus* e clicamos em *Ok*, conforme a Figura 38:

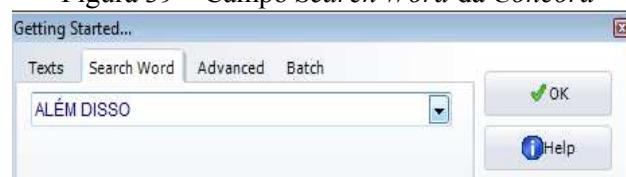
Figura 38 – Carregamento do *corpus* por meio da ferramenta *Concord*



Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012).

Em seguida, o programa abre uma caixa de diálogo que nos permite digitar no campo *Search Word* exatamente a multipalavra desejada, como podemos ver na Figura 39:

Figura 39 – Campo *Search Word* da *Concord*



Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012).

Após digitarmos a palavra e clicarmos em *Ok*, o programa nos mostra as linhas de concordância, conforme Figura 40:

Figura 40 – Ilustração parcial das linhas de concordância do elemento *além disso*

N	Concordance	Set	Tag
1	atualmente estarem ultrapassadas. Além disso , a superlotação e a falta		
2	onde o poder judiciário é menor. Além disso , caberia a participação do		
3	emprego é necessário ótimo estudo e, além disso , destacar-se no meio de		
4	vai pensar nos seus sentimentos. Além disso , não podendo se esquecer		
5	de jovens, as mais ingênuas. Além disso , cabe à família fomentar a		
6	do ato sexual, favorece a prostituição e, além disso , deixa de lado os valores		
7	a participação no mercado de trabalho. Além disso , uma pessoa com		
8	que anseia um lugar de destaque. Além disso , nada garante um futuro		
9	diversas formas de ensino existentes. Além disso , pesquisas já mostraram		
10	ele vive e passa a pensar em um todo. Além disso , "quem estuda pode viver		
11	e uma nova rede de possibilidades. Além disso , o estudo torna a		
12	de estudo e carreira bem sucedida. Além disso , outro fator decisivo no		
13	de décadas a traz guardavam. Além disso , faz apologia a relação		
14	de álcool pode acarretar no futuro. Além disso , é preciso aumentar a		
15	até mesmo o pescoco uns dos outros. Além disso , o frenesi das torcidas		
16	- ambientes onde ocorrem as lutas. Além disso , o MMA contribui para a		
17	acerca do consumismo indiscriminado. além disso é necessário construir		

Fonte: *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012).

Acreditamos que essas questões foram as que se diferiram em relação à metodologia descrita no estudo piloto para encontrar as unipalavras e multipalavras no *corpus*.

4.1.4 Elementos coesivos sequenciais alvos de análise nos dicionários

A partir dos procedimentos de análise já descritos no capítulo referente ao estudo piloto, chegamos à Tabela 2, que apresenta a porcentagem de inadequação dos 33 elementos coesivos sequenciais que foram analisados no *corpus* 2009 a 2013:

Tabela 2 – Resultado 2009 a 2013

RESULTADO 2009 a 2013			
ELEMENTO	FR	Nº DE USOS INADEQUADOS	%
1. Contudo	103	33	32
2. Entretanto	112	22	19,6
3. Porque 242/ Poque 2	244	36	14,7
4. No entanto 119 / No entando 2	121	16	13,2
5. Visto que	44	5	11,3
6. Ou seja	133	15	11,2
7. Até mesmo 170/ Ate mesmo 12	182	18	9,8
8. Com isso	80	7	8,7
9. Já que	140	10	7,1
10. Mas	979	67	6,8
11. Além disso 100/ Alem disso 3	103	7	6,7

12. Afinal 108/ A final 1	109	7	6,4
13. Assim como	86	5	5,8
14. Por outro lado	53	3	5,6
15. Portanto 232/ Por tanto 7	239	12	5,0
16. Porém 369 / Porem 18	387	18	4,6
17. Por sua vez	47	2	4,2
18. Consequentemente	60	2	3,3
19. Pois	742	25	3,3
20. Assim	311	10	3,2
21. Então	158	4	2,5
22. Como	1701	19	1,1
23. Por isso	99	1	1,0
24. E	9046	78	0,8
25. Ou	1340	6	0,4
26. Para	3935	11	0,2
27. Também 526/ Tambem 6	532	1	0,1
28. Em consequência disso	2	0	0
29. Para tal efeito	0	0	0
30. Sobre demais informações	0	0	0
31. Apesar disso	5	0	0
32. Por conseguinte	9	0	0
33. Ainda	462	0	0

Fonte: Elaboração própria.

As análises dos usos inadequados referentes ao ano de 2009 a 2013 encontram-se no Apêndice D. Para obtermos o resultado total das palavras que foram mais vezes usadas de modo inadequado no *corpus* total, nós somamos os resultados da Tabela 1 e 2 e chegamos à Tabela 3.

Tabela 3 – Resultado 2009 a 2014

RESULTADO GERAL 2009 a 2014			
ELEMENTO	FR	Nº DE USOS INADEQUADOS	%
1. Para tal efeito	2	2	100
2. Sobre demais informações	1	1	100
3. Em consequente disso 1 / Em consequência disso 2	3	1	33,3
4. Contudo	121	38	31,4
5. Entretanto 134/ Entretando 1	135	25	18,5
6. Porque 281/Poque 2	283	44	15,5
7. Apesar disso	7	1	14,2
8. Ou seja	154	19	12,3
9. No entanto 145 /No entando 2	147	17	11,5
10. Visto que	61	7	11,4
11. Com isso	98	9	9,1
12. Até mesmo 207/ Ate mesmo 14	221	19	8,5
13. Por conseguinte	12	1	8,3
14. Já que	176	14	7,9
15. Mas	1138	79	6,9
16. Assim como	105	7	6,6

17. Afinal 118/ A final 2	120	8	6,6
18. Por outro lado	65	4	6,1
19. Além disso 131 /Alem disso 3	134	8	5,9
20. Por sua vez	53	3	5,6
21. Consequentemente 72/ Consequente 1	73	4	5,4
22. Porém 431/ porem 23	454	21	4,6
23. Portanto 303/ Por tanto 7	310	13	4,1
24. Assim	370	13	3,5
25. Pois	863	29	3,3
26. Então	183	5	2,7
27. Por isso	120	2	1,6
28. Como	2053	26	1,2
29. E	10734	102	0,9
30. Também 627/ Tambem 6	633	4	0,6
31. Ou	1553	8	0,5
32. Para	4758	13	0,2
33. Ainda	575	1	0,1

Fonte: Elaboração própria.

Analisamos, nos dicionários alvo desta pesquisa, os 16 elementos coesivos sequenciais que tiveram maior porcentagem de inadequação. Optamos por analisar aproximadamente a metade do número total (33), pois acreditamos que essa quantidade representa bem o modo como os elementos coesivos sequenciais são definidos nos dicionários alvo desta pesquisa.

4.1.5 Tipologia do *corpus* de redações 2009 a 2014

O *corpus* de redações em sua totalidade – 2009 a 2014 – possui 1.399 redações e a seguinte tipologia:

Quadro 16 – Tipologia do *corpus* de redações 2009 a 2014⁴²

Língua	Monolíngue (português)
Modo	Escrito
Tempo	Sincrônico/ Contemporâneo
Seleção	Estático
Conteúdo	Especializado (redações do tipo dissertativo-argumentativo nos moldes do Enem)
Autoria	Falantes nativos e não nativos/ individual
Finalidade	De estudo (análise dos usos inadequados dos elementos coesivos sequenciais e elaboração da microestrutura)
Tamanho	Pequeno (367.238 itens ou <i>tokens</i>)
Nível de codificação	Com cabeçalho (título e nota da redação e local e data de coleta), com nomeação e sem etiquetas

Fonte: Elaboração própria.

⁴² Seguimos as nomenclaturas mencionadas por Berber Sardinha (2004) para caracterizar nosso *corpus*.

Tendo terminado de realizar as considerações que faltavam em relação à metodologia do nosso trabalho, partimos para o próximo capítulo, que é constituído das análises que efetuamos nos quatro dicionários alvo desta dissertação.

A palavra

*Já não quero dicionários
consultados em vão.*

*Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.*

*Que resumiria o mundo
e o substituiria.*

*Mais sol do que o sol,
dentro da qual vivêssemos
todos em comunhão,
mudos,
saboreando-a.*

(ANDRADE, 2003, p. 1207).

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Neste capítulo, apresentamos uma descrição dos dicionários alvo de nossa pesquisa e a análise que efetuamos em relação aos 16 elementos coesivos sequenciais que tiveram maior porcentagem de inadequação.

5.1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS AUTORES E DE SEUS RESPECTIVOS DICIONÁRIOS

Antônio Houaiss⁴³ nasceu no Rio de Janeiro, em 1915, e faleceu em 1999. Houaiss sempre buscou aprimorar-se intelectualmente, por isso, aos 16 anos, recebeu uma proposta para dar aulas de língua portuguesa. Durante a sua carreira profissional, dedicou-se, por exemplo, ao cargo de ministro de Estado da Cultura e de presidente da Academia Brasileira de Letras. Em 1986, começou o planejamento do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e, depois de passar por dificuldades financeiras em relação aos recursos necessários para a elaboração da obra – o que resultou em uma interrupção de cinco anos –, o dicionário finalmente foi concluído no ano 2000, infelizmente após a sua morte.

Francisco Júlio de Caldas Aulete⁴⁴ foi um dedicado docente que nasceu em Portugal – Lisboa, no ano de 1826, e faleceu em 1878. O intelectual iniciou o planejamento da obra Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa, que foi publicada pela primeira vez em 1881, também após a sua morte. Na década de 1980, a versão brasileira do dicionário passou a existir e, atualmente, a versão digital dele é bastante interativa com o público, pois permite que os consultentes façam contribuições em relação às informações dos verbetes.

É válido ressaltar que os lexicógrafos contam com uma equipe de colaboradores que os auxiliam na constituição dos dicionários, assim muitas obras em nome de Houaiss e Aulete foram publicadas após o falecimento deles, inclusive as que estamos trabalhando nesta dissertação.

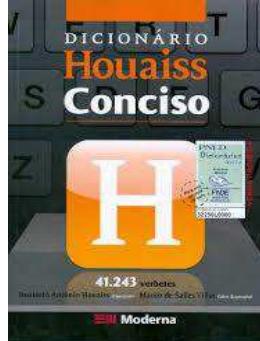
Apresentamos, a seguir, algumas características que estão presentes na introdução de cada um dos dicionários alvo de nossa pesquisa. Procuramos nos ater às informações que estão mais relacionadas aos aspectos que estamos investigando: definição e exemplos.

Primeiramente, apresentamos a capa do Dicionário Houaiss Conciso, conforme Figura 41:

⁴³ As informações biográficas de Houaiss foram obtidas no Houaiss (2009) e na *Wikipédia*.

⁴⁴ As informações biográficas de Aulete foram obtidas no Aulete (2007) e na *Wikipédia*.

Figura 41 – Capa do Dicionário Houaiss Conciso



Fonte: Google Imagens.

O Dicionário Houaiss Conciso apresenta 41.243 verbetes e 1.496 locuções. Em sua introdução, há menção ao público-alvo, que corresponde aos alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A palavra-entrada pertencente à língua portuguesa aparece destacada em negrito, e os estrangeirismos estão em negrito e itálico. Todas as palavras-entrada são apresentadas com a divisão silábica feita. As definições começam com letra minúscula e terminam sem ponto final.

Em relação à definição das classes conjunção e preposição, há a observação de que a definição é feita com base na função delas, que é a de ligar palavras. Há o alerta para o fato de que, em algumas situações, elas são vazias de significado e, em outras, não são. Os exemplos “Gosto *de* bananas” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXIX) e “Concordo *com* você” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXIX) mostram que as preposições *de* e *com* são vazias de significado. O exemplo “Fui *de* São Paulo *a* Fortaleza” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXIX) evidencia que a preposição *de* possui ideia de ponto de partida e a preposição *a* possui ideia de destino. Nesse caso, elas não são consideradas vazias de significado. O exemplo “Disse *que* me ajudaria” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXIX) demonstra que a conjunção *que* é vazia de significado. E o exemplo “Estou cansado, *entretanto* não consigo dormir” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXIX) ilustra que *entretanto* expressa ideia de oposição, portanto possui significado, de acordo com a explicação existente no dicionário em questão.

As acepções e subacepções são enumeradas, destacadas em negrito (por exemplo: 3. e 3.1) e separadas por um símbolo em forma de quadrado quando há mudança da classe gramatical. Os critérios para organizar as acepções são o semântico e o uso da língua, partindo do que é mais comum.

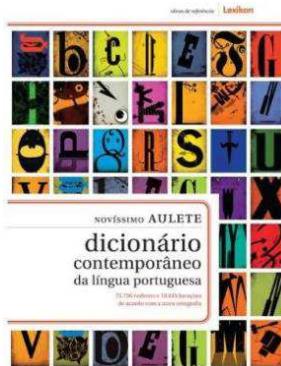
Todas as locuções e fraseologismos recebem classificação grammatical e são antecedidas por um símbolo que sinaliza a presença delas no verbete. Também há indicação sobre o nível de uso da linguagem: formal, informal, gíria, pejorativo etc. A antonímia é

indicada por uma seta reversa. O mecanismo de remissão é feito por meio de algum comentário ou pela indicação da palavra “ver” entre aspas ou parênteses.

Não encontramos menção a respeito das fontes dos exemplos usados no dicionário. Também não encontramos informações acerca dos sinônimos nem sobre a possibilidade de definir as palavras gramaticais por meio de sinonímia.

A seguir, passamos para a apresentação da capa do Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa, como podemos ver na Figura 42:

Figura 42 – Capa do Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa



Fonte: Google Imagens.

O Novíssimo Aulete apresenta-se com 75.756 verbetes e 18.645 locuções. Há menção sobre o público-alvo, que se refere aos alunos do Ensino Médio, aos pré-universitários, aos universitários, aos profissionais e ao público em geral. A seleção das palavras-entrada foi realizada com base em *corpora*, por meio do critério de frequência de uso. Elas aparecem em negrito e na cor azul.

Os estrangeirismos são precedidos por um símbolo específico e, logo após a entrada, entre parênteses, há uma sigla que indica a origem da palavra. A divisão silábica também vem entre parênteses após todas as palavras-entrada. Conforme Aulete; Geiger (2011), a preferência é produzir definições de cunho descritivo e analítico, embora a definição por sinonímia também seja uma possibilidade assumida na obra de consulta. As definições são complementadas por “achegas”, que constituem informações adicionais, e por “notas”, que apresentam alertas sobre dificuldades e erros frequentes em relação à palavra-entrada.

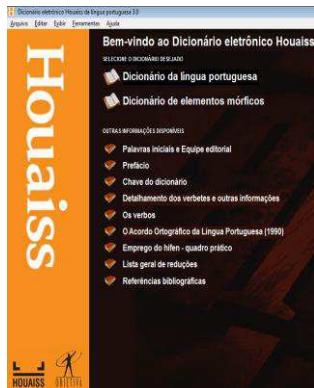
As acepções são enumeradas, e os números recebem destaque em negrito. A frequência e a relevância de uso são dois critérios para auxiliar na organização delas. Em relação aos sinônimos, eles podem aparecer para cada acepção ou no fim do verbete.

As locuções e expressões idiomáticas aparecem em negrito, são organizadas por ordem alfabética, localizam-se dentro do verbete e são antecedidas por um quadrado como

forma de sinalizar o início da inserção delas. As remissões são realizadas entre parênteses com o seguinte tipo de informação “ver tb. verbete” (AULETE; GEIGER, 2011, p. XI). Há indicação de uso para as entradas. Segundo Aulete; Geiger (2011), os exemplos de uso são extraídos de *corpora*, e as abonações são oriundas de obras literárias, jornais e cancioneiro popular com indicação da fonte.

Abaixo, apresentamos a interface do Dicionário eletrônico Houaiss, conforme ilustra Figura 43:

Figura 43 – Interface do Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa



Fonte: Houaiss (2009).

O Houaiss eletrônico apresenta-se com 228.500 verbetes e 380.000 acepções. As definições começam com letra minúscula e terminam sem ponto final. Para as palavras gramaticais (preposições, interjeições, conjunções, pronomes, artigos e alguns advérbios, adjetivos e verbos), não há uma definição que visa ao significado delas, e sim uma definição que explica sobre o emprego/uso. No caso das palavras gramaticais, o recurso da sinonímia também é utilizado, apesar de termos encontrado no próprio dicionário a afirmação de que definir as palavras por meio de sinônimos não é uma ação satisfatória.

As acepções são precedidas de um numeral em negrito assim como no Houaiss Conciso. O dicionário não segue apenas um critério para organizá-las. Ele usa, por exemplo, o critério cronológico – parte das acepções mais antigas para as mais atuais – e critérios semânticos que levam em consideração os sentidos figurados. Sobre as locuções e fraseologismos, que são organizadas em ordem alfabética, a classificação gramatical não é fornecida.

As remissões são feitas por meio de algum comentário ou pela indicação das palavras “mesmo que” entre aspas ou parênteses. Há indicação de linguagem formal (culto, literária, acadêmica, religiosa), informal (popularismos, gírias, linguagens familiar e infantil),

indicação de arcaísmo etc. Os sinônimos podem vir no final da acepção, seguidos de ponto e vírgula, dentro de colchetes, ou num campo apropriado que existe na base do verbete.

O dicionário não lança mão de abonações extraídas de obras literárias, mas sim de exemplos advindos de livros, jornais, revistas, catálogos, comunicações etc. Os exemplos vêm em itálico entre parênteses angulares <>, sem ponto final, e não se iniciam com letras maiúsculas, a não ser no caso de nomes próprios ou no de outros em que a norma culta exija. Nos exemplos, a palavra-entrada é reduzida à sua primeira letra seguida de ponto.

Por fim, apresentamos a interface do Aulete Digital, como podemos ver na Figura 44:

Figura 44 – Interface do Aulete Digital



Fonte: Aulete (2007).

As informações que conseguimos acerca do Aulete Digital referem-se apenas ao número de verbetes. A versão original brasileira possui mais de 200 mil verbetes, e a versão atualizada possui 85 mil verbetes. Na página inicial do site, vemos a informação de que o dicionário possui mais de 818 mil verbetes, definições e locuções.

5.1.2 O Dicionário Houaiss Conciso e o Novíssimo Aulete: visualização dos verbetes

A título de exemplificação, mostramos nesta seção os verbetes das palavras gramaticais *porém* (unipalavra) e *por conseguinte* (multipalavra) respectivamente referentes aos dicionários Houaiss Conciso e Novíssimo Aulete.

Figura 45 – Verbete referente à palavra-entrada *porém* no Dicionário Houaiss Conciso

po.rém *conj.advs.* 1 mas, contudo, todavia *⟨disse que viria, p., ainda não chegou⟩* ■ *s.m.* 2 empecilho, obstáculo *⟨tudo correu bem, sem nenhum p.⟩* 3 aspecto negativo; inconveniente, senão *⟨em tudo há um p.⟩* [ETIM: lat. *proinde*'assim, portanto, pois, por conseguinte', pelo arc. *por ende*]

Fonte: Houaiss; Villar, 2011, p. 742.

No Dicionário Houaiss Conciso, podemos notar, por meio do verbete da Figura 45, que após a palavra-entrada *porém*, destacada em negrito e com as sílabas divididas, há a informação referente à classe gramatical “conjunção adversativa”. Em seguida, vem a indicação numérica para indicar a primeira acepção da palavra. A definição é realizada por meio de sinonímia, seguida de um exemplo de uso entre parênteses angulares. Logo após, há o quadrado que indica a mudança de classe gramatical e a introdução de novas acepções. Ao final, vemos a etimologia da palavra.

Figura 46 – Verbete referente à palavra-entrada *consequinte* no Dicionário Houaiss Conciso

con.se.guin.te *adj. 2g.s.m.* (o) que se segue [ETIM: *conseguir + -nte*] □ **por c.** *loc.conj.* portanto, logo

Fonte: Houaiss; Villar, 2011, p. 224.

O verbete referente à palavra-entrada *consequinte* na Figura 46 mostra que, no Dicionário Houaiss Conciso, as locuções aparecem após o símbolo que podemos visualizar na imagem. A locução *por consequinte* foi classificada gramaticalmente como “locução conjuntiva” e definida por meio de sinônimos.

Figura 47 – Verbete referente à palavra-entrada *porém* no Novíssimo Aulete

porém (po.rém) **conj.** **1** Palavra us. para indicar uma restrição ou uma condição para alguma coisa; CONTUDO; MAS; TODAVIA: *Podem sair; porém voltem às cinco.* **2** Palavra tb. us. para expressar uma relação de contraste, de oposição entre duas ideias, situações, fatos etc.: *Chovia, porém fomos à praia.* **sm.** **3** Bras. Aspecto ruim ou impróprio de algo, de alguém ou de uma situação: *Sempre encontra um porém nos candidatos.* **4** Bras. Impedimento, estorvo, obstáculo, óbice [Pl.: -réns.] [F: *por + ende*, frequente no port. medv., desde o séc. XIII. Hom./Par.: *porém* (conj./sm.), *porem* (fl de pôr).]

Fonte: Aulete; Geiger, 2011, p. 1088.

Na Figura 47 relativa ao Novíssimo Aulete, observamos que, após a palavra-entrada *porém*, destacada em negrito e na cor azul, há a divisão silábica dentro dos parênteses, seguida da informação referente à classe gramatical “conjunção”. Depois, vem a indicação numérica das acepções elencadas. A definição é realizada por meio de uma explicação que visa ao uso. Em seguida, visualizamos os sinônimos da palavra-entrada separados por ponto e vírgula e, na sequência, um exemplo de uso antecedido de dois pontos.

Figura 48 – Verbete referente à palavra-entrada *conseguinte* no Novíssimo Aulete

conseguinte (con.se.guin.te) *a2g.* **1** Que segue outro; CONSECUTIVO: *Choveu durante oito dias conseguintes.* **2** Que deriva ou decorre (de outras coisas anteriores) sem conflito; consequente; p. ext.: coerente, lógico *sm.* **3** Aquilo que segue [F: *consegui(r) + -nte.*] **Por** ~ Por isso, em consequência; portanto [Us. ao tirar ou expor conclusão de enunciado anterior.]

Fonte: Aulete; Geiger, 2011, p. 382.

Por meio do verbete ilustrado na Figura 48 referente à palavra-entrada *conseguinte*, pertencente ao dicionário Novíssimo Aulete, notamos que as locuções são precedidas de um símbolo em forma de quadrado. Na locução *por conseguinte*, apenas o *por* é explicitado, a palavra-entrada *conseguinte* é substituída por um símbolo em forma de til. A locução não é classificada gramaticalmente, a definição que visa ao uso vem entre colchetes após os sinônimos.

5.1.3 O Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa e o Aulete Digital: visualização dos verbetes

Também a título de exemplificação, mostramos nesta seção como os verbetes das palavras gramaticais *porém* (unipalavra) e *por conseguinte* (multipalavra) apresentam-se nos dicionários Houaiss eletrônico e Aulete Digital.

No Houaiss, podemos ver a palavra-entrada pesquisada de dois modos: o tradicional e o interativo, conforme as Figuras 49 e 50 ilustram respectivamente:

Figura 49 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada *porém* no modo tradicional

Fonte: Houaiss (2009).

Figura 50 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada *porém* no modo interativo

The screenshot shows a digital dictionary interface for the word 'porém'. At the top, there's a toolbar with various icons. Below it, the word 'porém' is highlighted in orange, followed by the text 'Datação: sXIII'. There are two tabs: 'Acepções' (selected) and 'Locuções'. Under 'Acepções', there are two main sections: 'conjunção coordenativa' (with point 1) and 'substantivo masculino' (with points 2 and 3). Each section contains a brief definition and examples.

- conjunção coordenativa
 - 1 introduz ou finaliza uma oração ou um período cujo conteúdo faz oposição ou restrição ao que foi dito na oração anterior; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante
Exs.: *ele disse que viria; p., até agora não chegou*
divirta-se bastante, fazendo, p., os deveres de casa
- substantivo masculino
 - 2 empecilho, óbice, obstáculo
Ex.: *tudo correu bem, sem nenhum p.*
 - 3 aspecto negativo; inconveniente, senão
Ex.: *em tudo há um p.*

Fonte: Houaiss (2009).

Os dois modos não se diferem no que diz respeito ao conteúdo, apenas à forma de apresentação das informações. No modo interativo, as informações são expostas com determinada individualidade. No modo tradicional, elas estão agrupadas num só bloco.

No Aulete Digital, também há duas formas de apresentação do verbete: o original e o atualizado, conforme podemos ver nas Figuras 51 e 52 que seguem:

Figura 51 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada *porém* no verbete original

The screenshot shows the original entry for 'porém' in the Aulete Digital dictionary. The top navigation bar includes 'Sua língua na Internet', 'Dicionário Caldas Aulete' (highlighted in red), 'Gramática básica', and 'Dicionário'. Below the bar are links for 'Página principal', 'O que é', 'Palavra do dia', 'Downloads', and 'Convite'. The main content area features the 'Aulete DIGITAL' logo and two tabs: 'Verbete Atualizado' (selected) and 'Verbete Original'. The word 'porém' is shown in bold. The definition is divided into two parts: 'porém¹' (conj.) and 'porém²' (loc. pron. ant.).

porém¹ conj. || que denota oposição, restrição, diferença; mas, todavia, contudo, não obstante, apesar disso: Tem mãos, *porém* não apalpam; e pés, *porém* não andam. (Man. Bernardes.) A civilização *porém* que suavizou a rudeza dos bárbaros era uma civilização velha e corrupta. (Herc.) || -, s. m. (Bras.) (fam.) obstáculo, empecilho. F. arc. *Por onde*, do lat. *proinde*.

porém² || loc. pron. ant. daí, por onde, por isso; porende: Nom há homem no mundo que tanto desame, e *porém* guardade-vos de mim. (Demanda do Graal , I, c. 19, n. 144, p. 190, ed. 1944.)

Fonte: Aulete (2007).

Figura 52 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada *porém* no verbete atualizado

The screenshot shows the Aulete Digital website interface. At the top, there is a navigation bar with tabs for 'Sua língua na Internet', 'Dicionário Caldas Aulete', 'Gramática básica', and 'Dicionário'. Below the navigation bar, there are links for 'Página principal', 'O que é', 'Palavra do dia', 'Downloads', and 'Conv.'. The main content area features the 'Aulete DIGITAL' logo. Below it, there are two tabs: 'Verbete Atualizado' (selected) and 'Verbete Original'. The word 'porém' is highlighted in red. To the right of the word are four small icons representing different levels of difficulty: AAAA. The definition of 'porém' is provided in four numbered points:

1. Palavra us. para indicar uma restrição ou uma condição para alguma coisa; CONTUDO; MAS; TODAVIA: *Podem sair, porém voltem às cinco.*
2. Palavra tb. us. para expressar uma relação de contraste, de oposição entre duas ideias, situações, fatos etc.: *Chovia, porém fomos à praia.*
3. Bras. Aspecto ruim ou impróprio de algo, de alguém ou de uma situação: *Sempre encontra um porém nos candidatos.*
4. Bras. Impedimento, estorvo, obstáculo, óbice.

[Pl.: -rêns]
[F.: *por + ende*, frequente no port. medv., desde o séc. XIII. Hom./Par.: *porém* (conj./sm.), *porem* (fl de *pôr*).]

Fonte: Aulete (2007).

Ao contrário do Houaiss eletrônico, no Aulete Digital, os dois modos de visualizar o verbete têm certa importância no que diz respeito ao conteúdo, pois as informações podem se diferir dependendo do modo escolhido para ver o verbete. Como o próprio nome diz, o verbete atualizado apresenta a definição mais atualizada acerca de uma palavra-entrada, e essa definição pode ter sido elaborada com o auxílio dos consulentes, já que o Aulete Digital aceita colaborações do público. O verbete original trata-se de uma versão mais antiga da definição. A seguir, está uma citação que aborda tal questão:

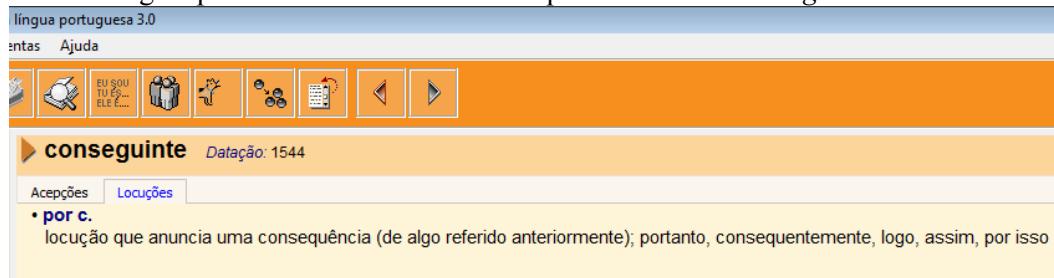
1. O tradicional e respeitadíssimo Dicionário Caldas Aulete em sua versão original, atualizada para o Brasil até a década de 1980, com mais de 200 mil verbetes (os verbetes desse módulo são identificados com o registro de 'verbete original');
2. Módulo 'atualizado', com 85 mil verbetes com nova e moderna estrutura e visualização, com exemplos e abonações, sinônimos, locuções, informações gramaticais, etimologia, contextualizações (regionalismos, usos, rubricas), Os 85 mil verbetes atualizados para o universo léxico contemporâneo, e os verbetes novos (novas palavras e novos significados para palavras existentes) continuam em constante ampliação e atualização, inclusive com a colaboração dos usuários. À medida que se incorporam novos verbetes e/ou novos significados e informações, eles irão sendo acrescidos ao dicionário em seu servidor de internet, de modo que uma nova palavra, um novo significado, uma nova informação, uma correção estarão automaticamente disponíveis. Este é o conceito revolucionário de um dicionário de

crescimento infinito, sempre atualizado, sempre em interação com o uso da língua (AULETE, 2007).

As definições dos elementos coesivos foram pesquisadas nos dois modos de apresentação do verbete existentes nos dicionários Houaiss eletrônico e Aulete Digital.

No que se refere aos elementos coesivos multipalavras, notamos que, no dicionário Houaiss eletrônico, eles se encontram numa aba denominada “locuções” ao lado de “acepções”, conforme a Figura 53:

Figura 53 – Imagem parcial do verbete referente à palavra-entrada *consequinte* na aba das locuções



Fonte: Houaiss (2009).

No Aulete Digital, as multipalavras vêm logo depois das acepções da palavra-entrada, conforme podemos visualizar na Figura 54:

Figura 54 – Imagem do verbete referente à palavra-entrada *consequinte*

Fonte: Aulete (2007).

As multipalavras registradas no Houaiss eletrônico e no Aulete Digital não são classificadas quanto às classes gramaticais, como podemos perceber nas Figuras 53 e 54 acima. Essa classificação só é feita para a palavra-entrada. Dessa forma, não fica claro para o consultante que determinada locução é uma conjunção, por exemplo. Já nos mesmos dicionários na versão impressa há a classificação gramatical das multipalavras.

Um aspecto positivo presente nos dicionários (no modo interativo e tradicional do Houaiss eletrônico e apenas no verbete atualizado do Aulete Digital) é o destaque feito por cores diferentes para cada informação (classe gramatical, palavra-entrada, locuções, definição e exemplos) do verbete. Isso é um detalhe estético que, de certa forma, contribui para a organização das informações nos dicionários e, consequentemente, para a organização mental que o consultante faz ao visualizar o verbete.

5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS ALVO DA PESQUISA

Reservamos esta seção para a descrição e a análise dos 16 elementos coesivos sequenciais que verificamos nos quatro dicionários alvo desta pesquisa. A ordem com que apresentamos as análises dos elementos segue a Tabela 3, organizada pela porcentagem de inadequações numa sequência decrescente. Cada subseção inicia-se com o nome do elemento coesivo seguido por um quadro que contém as definições que recebeu em todos os dicionários. Houve casos em que o elemento não foi encontrado em nenhuma das obras de consulta.

Usamos “Houaiss PNLD” para nos referirmos à obra Dicionário Houaiss Conciso e “Aulete PNLD” para nos aludirmos ao dicionário Novíssimo Aulete. Vale ressaltar que as definições das palavras pesquisadas no Aulete Digital, no verbete atualizado, foram as mesmas presentes no Novíssimo Aulete sugerido pelo PNLD. É como se uma versão fosse cópia da outra, sem nenhuma alteração na forma de definir ou nos exemplos dados. Diante disso, consideramos desnecessário transcrever as definições dadas no Novíssimo Aulete. A análise que fizemos para a versão digital é a mesma para a versão impressa.

5.2.1 Para tal efeito

A multipalavra em questão não foi encontrada em nenhum dos dicionários. No entanto, salientamos que a palavra-entrada *efeito* nos dicionários tem uma acepção que se refere a *objetivo, destino, finalidade, fim, propósito, resultado*, como o exemplo demonstra:

“Usava roupa cáqui para efeito de camuflagem” (AULETE, 2007, grifo do autor). E esta acepção nos ajuda a compreender a multipalavra *para tal efeito*, uma vez que no nosso *corpus* ela foi usada justamente com o sentido de introduzir ações que devem ser feitas para se alcançar determinado objetivo, propósito ou finalidade anteriormente mencionado no texto.

5.2.2 Sobre demais informações

Não existe em nenhum dos dicionários.

5.2.3 Em consequência disso

Quadro 17 – Em consequência disso

EM CONSEQUÊNCIA DISSO

Palavra-entrada	Consequência
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • em c. (de) por causa de; em resultado de Ex.: <i>em c. das exigências absurdas, poucos participaram do concurso</i> <p>Modo tradicional: em c. (de) por causa de; em resultado de <i><em c. das exigências absurdas, poucos participaram do concurso></i></p>
Houaiss PNLD	Não existe.
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado:</p> <p>Em consequência 1 Como resultado, por causa (daquilo que foi ou será mencionado): Adormeceu e, <u>em consequência</u>, chegou atrasado.</p> <p>Em consequência de 1 Devido a; por causa de; como sequência, resultado ou efeito de (ação, condição, acontecimento): <i>Morreu em consequência da explosão.</i></p> <p>Verbete Original: Em <i>consequência</i>, as demandas eram intentadas pelos que nisso interessavam. (Herc.) Em consequência de 1. (loc. prep.) em resultado de, por causa de: <i>Em consequência das ordens recebidas ficaram as tropas em armas.</i> F. lat. <i>Consequentia</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 382. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Como não encontramos nos dicionários a forma *em consequência disso*, consideramos a forma *em consequência de* e *em consequência*, embora estejamos cientes de que há uma diferença de uso entre elas, já que *em consequência disso* introduz a consequência de um fato mencionado anteriormente em um texto, e *em consequência de* introduz o fato e a consequência que o fato acarreta.

No Houaiss eletrônico, por mais que as ideias de causa e resultado estejam presentes na definição por sinônimos e auxiliem o consultante a entender a expressão, observamos que *por causa de* estabelece círculo vicioso e que o sinônimo *em resultado de* não recebe uma definição ao ser procurado no dicionário.

Ao verificarmos a palavra-entrada *consequência* no Houaiss PNLD, não encontramos nenhum tipo de locução.

No Aulete Digital, na versão atualizada, parece que há uma tentativa de explicação sobre o uso da palavra entremeada com os sinônimos. Na versão original, há a definição por sinônimos e, ao verificar-las no dicionário, observamos que ocorre círculo vicioso com *por causa de*. A definição de *em resultado de* não existe na obra de consulta.

5.2.4 Contudo

Quadro 18 – Contudo

CONTUDO	
Palavra-entrada	Contudo
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo: <input type="checkbox"/> conjunção designativo de adversão, oposição, restrição; mas, porém, entretanto, no entanto, todavia Ex.: alcançou grande êxito, c. apequena-se perante alguns</p> <p>Modo tradicional: conj. (sXIV) conj.advrs. designativo de adversão, oposição, restrição; mas, porém, entretanto, no entanto, todavia <alcançou grande êxito, c. apequena-se perante alguns> <input type="checkbox"/> GRAM conjunção coordenativa adversativa que indica contraste ou restrição na ligação de dois termos ou de duas orações de igual função <input type="checkbox"/> ETIM prep. <i>com</i> + pron. <i>tudo</i></p>
Houaiss PNLD	conj. advrs. mas, porém, entretanto, todavia [ETIM: prep. <i>com</i> + pron. <i>tudo</i>] (p. 232)
Aulete Digital	Verbete Atualizado: (con.tu.do)

	<p>conj.</p> <p>1. Expressa contraposição entre termos de uma mesma frase, ou de frases diferentes, com nuances de ressalva, concessão etc.; ENTRETANTO; PORÉM; TODAVIA: <i>O filme agradou no exterior, contudo não fez sucesso no Brasil.</i> [F.: <i>com + tudo.</i>]</p>
	<p>Verbete Original:</p> <p>conj. apesar disso, entretanto, mas, todavia: Não é, <i>contudo</i>, um avarento sórdido, pelo contrário. (Teixeira de Vasconcelos , Viagens na Terra Alheia , c. 11, p. 129, ed. 1863.) <i>Com... + tudo.</i></p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 395. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

O uso das palavras “designativo” e “expressa” na definição do elemento *contudo* nos mostra que os autores dos dicionários Houaiss eletrônico, Aulete Digital e Aulete PNLD tentam elaborar uma definição que visa caracterizar a função de tal elemento coesivo, o que, em certa medida, é positivo.

Como podemos perceber, os dicionários Aulete Digital e Aulete PNLD apresentam a questão das nuances de sentido, mas elas não são exploradas, já que há apenas um exemplo de uso. Além disso, a organização das nuances está confusa: *contudo* é usado para trazer ideia de concessão? Em que situação de uso?

Verificamos no Aulete a definição dos sinônimos. *Todavia* e *entretanto* também recebem definição por sinonímia, o que gera círculo vicioso. O *porém* recebe uma definição diferenciada, exposta a seguir:

1. Palavra us. para indicar uma restrição ou uma condição para alguma coisa; **CONTUDO; MAS; TODAVIA**: *Podem sair, porém voltem às cinco.*
2. Palavra tb. us. para expressar uma relação de contraste, de oposição entre duas ideias, situações, fatos etc.: *Chovia, porém fomos à praia* (AULETE, 2007, grifo do autor).

A construção da definição de *porém* não é satisfatória. Usar “palavra” para introduzir a definição é extremamente genérico e demonstra falta de técnica para elaborá-la. O que realmente se sobressai é o fato de os exemplos de *porém* serem adequados aos sentidos impressos por tal elemento de coesão. Mesmo assim, não fica claro ao consulente se as nuances relativas à ressalva e à concessão, mencionadas na acepção de *contudo*, são iguais à

nuance de restrição ilustrada na acepção de *porém*. Isso ocorre, porque as nomenclaturas são diversas: ressalva, concessão, restrição, oposição e adversão. Afinal, há diferença de sentido entre elas? Se sim, em qual situação de uso podemos compreender tal distinção?

O Houaiss eletrônico é mais sucinto em relação ao dicionário Aulete, pois não menciona o aspecto das nuances de ressalva e concessão. Os sinônimos *todavia*, *entretanto* e *no entanto* geram círculo vicioso. E os sinônimos *mas* (ver item 5.2.15) e *porém* apresentam uma definição um pouco mais elaborada. A seguir, expomos a definição de *porém*:

porém

conjunção coordenativa

1 introduz ou finaliza uma oração ou um período cujo conteúdo faz oposição ou restrição ao que foi dito na oração anterior; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante

Exs.: *ele disse que viria; p., até agora não chegou*

divirta-se bastante, fazendo, p., os deveres de casa (HOUAISS, 2009, grifo do autor).

Observamos que o Houaiss PNLD usa apenas a definição por sinônimos sem nenhum exemplo de uso, sendo, portanto, mais limitado que a sua versão eletrônica. Os sinônimos *porém*, *todavia* e *entretanto* geram círculo vicioso. O *mas* (ver item 5.2.15) possui uma definição que não é exemplificada, além de ser muito sucinta. Devido a esses aspectos, a definição de *contudo* no dicionário Houaiss PNLD torna-se bem inferior em relação àquelas existentes nos demais dicionários alvo desta pesquisa.

5.2.5 Entretanto

Quadro 19 – Entretanto

ENTRETANTO	
Palavra-entrada	Entretanto
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo:</p> <p><input type="checkbox"/> conjunção</p> <p>2 designativo de adversão, oposição, restrição; todavia, contudo, mas, porém, no entanto</p> <p>Exs.: <i>tinha intenção de lhe falar, e. ficou mudo</i></p> <p style="text-align: right;"><i>ela era bela, ele, e., chamava a atenção pela desleigânci</i>a</p> <p>Modo tradicional:</p> <p>2 conj.advs. designativo de adversão, oposição, restrição; todavia, contudo, mas,</p>

	porém, no entanto < <i>tinha intenção de lhe falar, e, ficou mudo</i> > < <i>ela era bela, ele, e., chamava a atenção pela desleigânci</i> a>
Houaiss PNLD	conj. advrs. 1. Contudo; todavia (p. 162).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: (en.tre.tan.to) conj.advers. 1. Mas, porém, no entanto: <i>Bonita aeronave; entretanto, obsoleta.</i></p> <p>Verbete Original: conj todavia, contudo. </p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 567. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

No Houaiss eletrônico, parece que há a tentativa de elaborar uma definição que visa ao uso, devido à presença da expressão “designativo de”. No Houaiss PNLD, há a definição por sinônimos, o que gera círculo vicioso. No Aulete, há a definição por sinônimos, mas não gera círculo vicioso com *mas* e *porém*, apenas com *no entanto*.

5.2.6 Porque

Quadro 20 – Porque

PORQUE	
Palavra-entrada	Porque
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> conjunção coordenativa 1 liga duas orações coordenadas, numa das quais se explica ou se justifica a asserção contida na outra; pois, porquanto, que Ex.: <i>entre, p. já é tarde</i> <input type="checkbox"/> conjunção subordinativa 2 causa, motivo ou razão da ação contida na oração principal; que, como, visto que, já que Ex.: <i>a juventude às vezes erra p. é muito ansiosa</i> <p>Modo tradicional:</p> <p><i>conj.coord.</i> (sXIII) 1 conj.explc. liga duas orações coordenadas, numa das quais se explica ou se justifica a asserção contida na outra; pois, porquanto, que <<i>entre, p. já é tarde</i>> <input type="checkbox"/> conj.sub. 2 conj.caus. causa, motivo ou razão da ação contida na oração principal; que, como, visto que, já que <<i>a juventude às vezes erra p. é muito ansiosa</i>></p>

	<p>□ GRAM como conj. causal, <i>porque</i> deve escrever-se junto; o <i>por</i> e o <i>que</i> escrevem-se separados quando este tem função de pron.rel. (<i>percebi logo a razão por que rias</i>) ou de pron.int. (<i>por que você não voltou logo?</i>) □ ETIM prep. <i>por</i> + conj. <i>que</i></p>
Houaiss PNLD	<p>conj. expl. 1 pois, porquanto, que <entre, p. já é tarde> conj. caus. 2 visto que, já que <a juventude às vezes erra p. é muito ansiosa> [ETIM: prep. <i>por</i> + conj. <i>que</i>] (p. 742)</p>
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: (por,que) conj.caus. 1. Indica causa ou razão de alguma coisa; POIS; VISTO QUE: <i>Escolhemos este material porque é mais barato.</i> conj.expl. 2. Indica explicação ou justificativa de algo: <i>Venha, porque quero falar com você.</i> conj.fin. 3. P.us. Indica motivação ou finalidade; A FIM DE QUE; PARA QUE: <i>Não grite porque não seja repreendido.</i> [F.: <i>por + que</i>. Cf. <i>por que, por quê e porquê.</i>]</p> <p>Verbete Original: conj. <i>por</i> causa ou por motivo de que, visto que: Sucede não poucas vezes obedecermos com prontidão e alegria, <i>porque</i> nos mandaram o mesmo que já de antes desejávamos. (Man. Bernardes.) Por qual motivo e por que razão: <i>Porque</i> lhe chamam flor de amor, não sei (Garrett.) [Cf. <i>por que?</i> (prep. e pron. relat.), pelo qual, pela qual: Calmo é o lago <i>por que navegamos.</i>] [Cf. <i>por que?</i> (por que razão), em frase interrogativa: <i>Por que não vieste mais cedo?</i>] Cf. <i>porquê</i>. F. <i>Por</i> + <i>que</i>.</p> <p>porque² conj. (ant.) para que, a fim de que: Ao rei presentes manda, <i>porque</i> a boa vontade que mostrava tenha firme. (Camões.) F. <i>Por + que</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1089. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

No Houaiss eletrônico, a definição não é feita por sinônimos, mas sim por meio de nomenclaturas gramaticais, dividindo as orações em explicativas e causais. Consideraremos importante a informação que distingue *porque* e *por que*, pois, no nosso *corpus* de redações, o

motivo do grande número de inadequações com o *porque* foi exatamente a falta de discernimento entre *porque* e *por que*.

No Houaiss PNLD, há a definição por meio de sinônimos, e estes, exceto *que*, estabelecem círculo vicioso.

O Aulete não apresenta as nomenclaturas gramaticais no verbete atualizado. Os autores, ao invés de mencionarem a questão das orações coordenadas e subordinadas, optam por tentar esclarecer o que o elemento indica na frase. Acreditamos que o modo como o Aulete atualizado define é melhor quando pensamos na perspectiva textual, pois na dimensão textual todas as frases, orações e parágrafos precisam estar interligados e, nesse caso, não importa tanto se o produtor textual está elaborando orações coordenadas (independentes sintaticamente) ou subordinadas (dependentes sintaticamente).

5.2.7 Apesar disso

Quadro 21 – Apesar disso

APESAR DISSO	
Palavra-entrada	Apesar
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo: Apesar □ advérbio indica, na oração ou sintagma a que dá entrada, uma ideia oposta àquela expressa na outra parte do enunciado, contrariando uma provável expectativa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • a. de não obstante, a despeito de Ex.: a. da idade avançada, trabalhava diariamente Ex.: a. de ser jovem, era bastante responsável. <p>Modo tradicional: adv. (sXIII) indica, na oração ou sintagma a que dá entrada, uma ideia oposta àquela expressa na outra parte do enunciado, contrariando uma provável expectativa □ a. de não obstante, a despeito de <<i>a. da idade avançada, trabalhava diariamente</i>> <<i>a. de ser jovem, era bastante responsável</i>></p>
Houaiss PNLD	adv. só usado em: a. de loc. prep. a despeito de < <i>a. de ser jovem, era muito responsável</i> > a. de que loc. conj. Ainda que < <i>há tempos não se viam, a. de que se gostavam muito</i> > [ETIM: a + pesar] (p. 68)
Aulete Digital	Verbete Atualizado: (a.pe.sar)

	<p>1 Us. nas loc. adv. <i>apesar de</i> e <i>apesar de que</i> Apesar de 1 A despeito de, não obstante: Tivemos êxito, <u>apesar dos</u> problemas.</p> <p>Apesar de que 1 Embora, ainda que: <i>Foi nadar, apesar de que ainda estava gripado</i></p> <p>Verbete Original: (loc. adv.) <i>adv. Apesar de</i>, não obstante, a despeito de: <i>Apesar</i> da hora avançada, não deixou de partir. Casou, apesar da oposição dos pais. O corpo esbelto, apesar de magro.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 128. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Assim como no caso do item 5.2.3, resolvemos considerar as formas *apesar de* e *apesar de que*, embora tenhamos ciência de que *apesar disso* introduz uma informação que será adversa em relação ao que foi dito anteriormente.

No Houaiss eletrônico, notamos que *apesar de* recebe definição por sinônimos *não obstante* e *a despeito de*. Quando fomos procurar a definição desses sinônimos, observamos que há círculo vicioso na obra. Apenas *apesar* recebe uma definição diferente, devido à existência da palavra “indica” que parece visar à função do elemento, mas não há exemplo de uso.

No Houaiss PNLD, a definição começa com “só usado” seguida de um comentário sobre a forma da palavra. Os sinônimos apresentados, *a despeito de* e *ainda que*, existem no dicionário, mas geram círculo vicioso.

No Aulete, também há a mesma preocupação em relação ao comentário sobre a forma da palavra como locução. Os sinônimos apresentados na definição, tanto no verbete atualizado quanto no verbete original, estabelecem círculo vicioso.

5.2.8 Ou seja

Quadro 22 – Ou seja

OU SEJA	
Palavra-entrada	Ser
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • ou seja m.q. <i>isto é</i> • isto é expressão no sentido de 'quer dizer', 'ou

	<p>'melhor', 'ou seja', que se usa colocar entre duas palavras ou frases, a segunda das quais explica, ou retifica, ou restringe o sentido da primeira</p> <p>Ex.: <i>foi visitar o Gólgota, isto é, o monte Calvário, em Jerusalém</i></p> <p>Ex.: <i>vi lá o teu irmão, isto é, o teu primo Sérgio</i></p> <p>Modo tradicional:</p> <ul style="list-style-type: none"> • ou seja m.q. <i>isto é</i> <p>• isto é expressão no sentido de 'quer dizer', 'ou melhor', 'ou seja', que se usa colocar entre duas palavras ou frases, a segunda das quais explica, ou retifica, ou restringe o sentido da primeira <i><foi visitar o Gólgota, isto é, o monte Calvário, em Jerusalém></i> <i><vi lá o teu irmão, isto é, o teu primo Sérgio></i></p>
Houaiss PNLD	<p>Loc. adv. Isto é</p> <p>Isto é</p> <p>Loc. adv. Locução que se coloca entre duas palavras ou frases para introduzir, na segunda, uma explicação, um desenvolvimento ou uma retificação do que foi dito antes; ou seja, quer dizer (p. 855).</p>
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado:</p> <p>Ou seja Ver <i>Isto é</i>.</p> <p>Isto é</p> <p>1 Expr. introdutória de uma explicação ou desenvolvimento adicional do que foi dito; ou seja; a saber.</p> <p>2 Expr. introdutória de uma retificação do que foi dito; ou seja; quer dizer; digo [Abrev. lat.: <i>i. e.</i>]</p> <p>Verbete Original:</p> <p>Ver <i>Isto é</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1254. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

No caso de *ou seja*, todos os autores dos dicionários sugerem ao consulente que consulte *isto é*. A definição de *isto é* tanto nas obras de Houaiss como nas de Aulete é clara e satisfatória, pois aborda os possíveis sentidos da expressão coesiva. No entanto, nos dicionários Houaiss PNLD, Aulete Digital e PNLD faltam exemplos de uso.

5.2.9 No entanto

Quadro 23 – No entanto

NO ENTANTO	
Palavra-entrada	Entanto
Houaiss eletrônico	Modo interativo: <ul style="list-style-type: none"> • no e. <p>2 entretanto, contudo, todavia Ex.: quis responder-lhe, no e. faltou coragem</p> Modo tradicional: entanto <p>2 entretanto, contudo, todavia <<i>quis responder-lhe, no e. faltou coragem</i>> □ USO como subst., empr. apenas na loc. <i>no entanto</i>; apenas no Brasil registra-se o uso do vocábulo como conj. □ ETIM lat. <i>intantum</i> adv., comp. da prep. lat. <i>in 'em'</i> + adv. lat. <i>tantum</i> 'tanto'</p>
Houaiss PNLD	Loc. conj. Contudo, todavia <precisava estudar, no e. adormeceu.> (p. 359)
Aulete Digital	Verbete Atualizado: (en.tan.to) sm. <p>1 Us. Na loc. no ~ Entretanto; apesar disso: O filme é ótimo, no entanto, não fez sucesso.</p> <p>No entanto. 2 Contudo, ainda assim: Percebia-lhe os defeitos, <u>no entanto</u> simpatizava com ele.</p> Verbete Original: No entanto 1. (loc. adv.) entretanto, contudo, todavia, ainda assim, neste meio tempo. s. m. atualidade, tempo que está decorrendo. F. <i>En...+tanto</i> .
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 563. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

No Houaiss eletrônico e no Houaiss PNLD, a definição é realizada por meio de sinônimos e, nos dois dicionários, ocorre círculo vicioso, exceto no Houaiss eletrônico, com o sinônimo *contudo* (ver item 5.2.4).

Vale ressaltar que a definição de *entanto* apenas no Houaiss eletrônico é melhor do que a definição de *no entanto*, que é feita por sinônimos. Essa diferença pode ajudar o consultante a entender um pouco mais sobre tal palavra. Mas não há exemplos que mostrem

as nuances de sentido: “**2 conj.advrs.** designativo de adversão, oposição, restrição; mas, porém, contudo, entretanto, todavia <*quis gritar, e a voz não saía*>” (HOUAISS, 2009).

No Aulete, também há a definição por meio de sinônimos. De todos que aparecem, apenas *contudo* não estabelece círculo vicioso.

5.2.10 Visto que

Quadro 24 – Visto que

VISTO QUE	
Palavra-entrada	Visto
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo: v. que dado que, já que, uma vez que, porquanto <i>Obs.: ver gram/uso a seguir</i> <i>Ex.: não comprou a casa, v. que não tinha dinheiro suficiente.</i></p> <p>Modo Tradicional:</p> <ul style="list-style-type: none"> • v. que dado que, já que, uma vez que, porquanto <<i>não comprou a casa, v. que não tinha dinheiro suficiente</i>> a) a oração subordinada pode vir expressa como uma reduzida de infinitivo (<i>engordou demais, v. não ter seguido a dieta</i>); b) seguido de subst., o part. concorda com ele (<i>vistos os desentendimentos...; vista[s] a[s] dificuldade[s]...</i>); c) é incorreto o emprego de <i>visto como</i> no sentido de 'visto que, já que', ou se o verbo já comporta uma circunstância de modo.
Houaiss PNLD	loc. conj. dado que, já que <não viajará, v. que está doente> (p. 964).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: prep. 6. Em razão de: <i>Visto que você não vai mais, vou sozinho.</i> [F.: Do lat. <i>vistus</i>, part. de <i>videre</i>.]</p> <p>Visto que 1 Já que, dado que, uma vez que.</p> <p>Verbete Original: Visto que 1. (loc. conj.), porquanto: Ela existia, <i>visto que</i> eu existia. (Castilho.)</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1422. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Mais uma vez, nos deparamos com a definição por sinônimos. No Houaiss eletrônico, dos sinônimos apresentados, apenas *porquanto* não estabelece círculo vicioso, pois encontramos a seguinte definição:

porquanto

□ conjunção coordenativa

sintaticamente, liga orações ou períodos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas; quanto ao sentido, é us. como *conj.expl.*, introduzindo o segmento que, basicamente, denota uma justificação, explicação para o que foi dito anteriormente: porque; visto que, já que Ex.: *não aceitou o convite para jantar, p. antipatizava secretamente com o anfitrião* (HOUAISS, 2009).

Ou seja, o consultente, talvez, terá que procurar por todos os sinônimos no dicionário até encontrar *porquanto* para compreender melhor que sentido estabelece *visto que*. Além disso, o dicionário sugere que o consultente veja uma nota sobre o uso gramatical da locução *visto que*, mas essa explicação não tem como foco esclarecer sobre o uso da locução em si. Na verdade, a nota discorre mais sobre a palavra *visto*.

No Houaiss PNLD, a definição de *dado que* não existe na obra de consulta e *já que* estabelece círculo vicioso.

No Aulete, dentre os três sinônimos sugeridos, apenas *já que* não estabelece círculo vicioso: “Já que 1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo: Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate” (AULETE, 2007).

Ressaltamos que o sinônimo *dado que* foi encontrado nas locuções da palavra-entrada *dado*, e não nas locuções do verbo *dar*, o que nos causou certa estranheza, já que tal expressão explicativa não tem a ver com a definição de *dado* como adjetivo e substantivo masculino.

5.2.11 Com isso

Não encontramos *com isso* em nenhum dos dicionários. No entanto, nosso *corpus* de redação 2009 a 2014 registrou 98 ocorrências dessa expressão na função de elemento coesivo sequencial. E, segundo Garcia (2010):

Outra ideia de consequência, limítrofe da de causa e de conclusão, está na última oração dos quatro versos citados:
 Dissecou-a a tal ponto (...) que ela
 Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela
 Visão fantástica e util.

“Com isto”, quer dizer, “em consequência disso”, “por isso”, “por causa disso”, cruzamento semântico que pode deslindar nas seguintes possíveis versões:

- a) *consequência*: (de modo que) esvaiu-se-lhe aquela visão...
- b) *conclusão*: (portanto) esvaiu-se-lhe aquela visão...
- c) *causa*: (razão por que) esvaiu-se-lhe aquela visão...

Como se vê, as orações causais, finais, consecutivas e conclusivas podem constituir torneios sintáticos da mesma relação de ideias, mais ou menos equivalentes quanto ao sentido: a escolha de um ou de outro depende da ênfase que se queira dar a qualquer delas (GARCIA, 2010, p. 85, grifo do autor).

Dessa forma, *com isso* é um elemento coesivo que estabelece relação de consequência e tem sua importância.

5.2.12 Até mesmo

Quadro 25 – Até mesmo

ATÉ MESMO	
Palavra-entrada	Até
Houaiss eletrônico	Modo interativo: <input type="checkbox"/> advérbio 3 também, inclusive, mesmo, ainda <i>Ex.: come a. carne crua</i> 4 no máximo <i>Ex.: ponha a. cinco folhas para ferver</i> Modo tradicional: <input type="checkbox"/> adv. 3 também, inclusive, mesmo, ainda <i><come a. carne crua></i> 4 no máximo <i><ponha a. cinco folhas para ferver></i>
Houaiss PNLD	Adv. 2. Também, inclusive, ainda <come de tudo, até carne crua> [ETIM: orig. contrv.] (p. 92)
Aulete Digital	Verbete Atualizado: adv. 3 Indica inclusão; AINDA; INCLUSIVE; TAMBÉM : Lê de tudo, até catálogo telefônico. Verbete Original: <i>-</i> , adv. ainda; mesmo; também: A roupa, os móveis, até a louça do seu serviço tinha marca. (Castilho.)
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 166. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

A locução *até mesmo*, embora tenha ocorrido no *corpus* de redação 2009 a 2014 por 222 vezes, não tem sua definição registrada em nenhum dos dicionários pesquisados. A única ocorrência dela que encontramos foi na definição por sinônimos da palavra-entrada *inclusive* no Houaiss e no Aulete.

Em virtude de *até* e *até mesmo* possuírem o mesmo sentido de inclusão, optamos por considerar a definição de *até*. No Houaiss eletrônico e no Houaiss PNLD, a definição é feita por meio de sinônimos e resulta em círculo vicioso. Observamos que nem todos os sinônimos apresentados poderiam ser tranquilamente usados no lugar de *até*, tais como *ainda* e *mesmo*.

No Aulete Digital e PNLD, a diferença é que temos a palavra “*indica*” iniciando a definição, que parece visar ao uso do elemento.

Por mais que os sinônimos apresentados nas definições indiquem a ideia de inclusão, observamos por meio dos exemplos dados nos dicionários e das ocorrências de uso com *até mesmo* no nosso *corpus* de redação que, para esse elemento, outras informações importantes devem ser acrescentadas. Segundo Almeida (2001):

Em relação aos operadores “*até*” e “*até mesmo*” há que se considerar que eles equivalem ao “*inclusive*”, isto é, selecionam o argumento mais forte de uma escala orientada para se chegar a uma conclusão “*r*”. O efeito de sentido provocado pelo emprego de “*até*” é equivalente ao do operador “*inclusive*” na medida em que se intenta, como estratégia argumentativa, dar ênfase a um argumento mais forte de uma escala orientada em favor de determinada conclusão. No exemplo nº 18, “Semp Toshiba. Uma ótima imagem “*até*” para o vizinho da frente”, evidencia-se que o uso de “*até*” é capaz de apontar para uma conclusão, selecionando, argumentativamente, o elemento mais forte, ou seja, até o vizinho terá uma imagem nítida se você tiver em sua casa um televisor Semp Toshiba (ALMEIDA, 2001, p. 60, 61, grifo da autora).

Almeida (2001) menciona que *até* e *até mesmo* estabelecem uma hierarquia argumentativa, assinalando o argumento mais forte para uma conclusão, conforme podemos ver na citação abaixo:

Supondo-se que um enunciador coloque *p* e *p'* em uma classe argumentativa determinada por um enunciado *r*, diremos que ele toma *p'* como um argumento superior a *p* (ou mais forte que *p*) em relação a *r*, isso implica que *p'* é mais forte que *p* em relação a *r*. Assim, enunciar uma frase do tipo *p até mesmo p'* é sempre pressupor que existe um certo *r* que determina uma escala argumentativa em que *p'* é superior a *p* (ALMEIDA, 2001, p. 62, grifo da autora).

Acrescentamos que, segundo Almeida (2001), o elemento *mesmo* usado sozinho possui “o caráter argumentativo bastante forte uma vez que ele é um elemento decisivo para a

confirmação da veracidade do que está sendo afirmado” (ALMEIDA, 2001, p. 63). Além disso, a autora menciona que tal elemento “acentua o caráter enfático nas situações em que ele ocorre” (ALMEIDA, 2001, p. 63). Nessa perspectiva, podemos dizer que ele cumpre a função argumentativa de acentuar a veracidade da argumentação também quando é usado junto com *até*.

Em relação à citação acima, acreditamos que o argumento *p'* é o mais forte, porque é tomado como o mais improvável de acontecer. Para ilustrarmos essa afirmação, pensamos na seguinte frase, por exemplo: *No ranking da educação com 36 países, o Brasil ficou em 35º lugar. Vamos de mal a pior, pois estamos atrás até mesmo do Chile.*

Diante desse exemplo, podemos dizer que temos a conclusão *r* de que: o Brasil vai de mal a pior na educação. O argumento mais forte *p'* é “estamos atrás *até mesmo* do Chile”. E o argumento mais fraco é *p* “o Brasil ficou em 35º lugar”. Ambos os argumentos, *p* e *p'*, fazem parte do que Ducrot (1989) denomina como classe argumentativa, pois os dois contribuem para a conclusão *r*. No entanto, dentro da classe argumentativa, há uma hierarquia, uma relação de escalaridade, ou seja, uma escala dos argumentos mais fracos e mais fortes. E o *até* e *até mesmo* são os responsáveis por nos mostrar o argumento mais forte.

Vale acrescentar o fato de que notamos que o *até* e o *até mesmo* introduzem o argumento mais forte e inesperado, podendo também atribuir a ele um tom depreciativo. Se alguém menciona que “*até mesmo* o Chile é superior ao Brasil em relação ao *ranking* da educação”, muito provavelmente vamos inferir que o locutor não esperava tal resultado, justamente por considerar o Chile um país inferior ou menos digno de mérito em relação ao Brasil. Assim, acreditamos que esses efeitos de sentido (que se referem ao inesperado e, em alguns casos, ao depreciativo) acarretados com o uso de *até* e *até mesmo* devam ser incluídos numa definição que leva em consideração o uso dessas palavras, mesmo que estejam em uma nota explicativa.

5.2.13 Por conseguinte

Quadro 26 – Por conseguinte
POR CONSEGUINTE

Palavra-entrada	Conseguinte
Houaiss eletrônico	Modo interativo: locução que anuncia uma consequência (de algo referido anteriormente); portanto, consequentemente, logo, assim, por isso
	Modo tradicional:

	por c. locução que anuncia uma consequência (de algo referido anteriormente); portanto, consequentemente, logo, assim, por isso □ ETIM <i>conseguir + -nte</i> □ SIN/VAR como adj.2g. ver sinónima de <i>posterior</i> □ ANT como adj.2g.ver antónima de <i>posterior</i>
Houaiss PNLD	Loc. conj. Portanto, logo. (p. 224)
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado:</p> <p>Por consequente 1 Por isso, em consequência; portanto [Us. ao tirar ou expor conclusão de enunciado anterior.]</p> <p>Verbete Original:</p> <p><i>Por consequente</i>. (loc. adv. conj.) por consequência: Esta será a melhor câmara conservadora, a mais constitucional, a mais livre; todos os outros métodos lhe ficam <i>por consequente</i> inferiores. (Garrett.) F. lat. <i>Consequens</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 382. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

No Houaiss eletrônico, encontramos uma definição que parece visar à função do elemento, percebemos isso por meio da palavra “anuncia”. No Houaiss PNLD, encontramos a definição por sinônimos, que estabelece círculo vicioso.

No Aulete, encontramos a definição por sinônimos e entre colchetes uma informação sobre o uso da palavra, como se tal instrução fosse menos importante que a definição por sinônimos. Todos os sinônimos dados possuem definição que não estabelecem círculo vicioso.

5.2.14 Já que

Quadro 27 – Já que

JÁ QUE	
Palavra-entrada	Já
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • já que dado que, visto que, uma vez que Ex.: já que todos foram embora, não há razão para permanecermos aqui <p>Modo tradicional:</p> <ul style="list-style-type: none"> • já que dado que, visto que, uma vez que <já que todos foram embora, não há razão para

	<i>permanecermos aqui></i>
Houaiss PNLD	Loc. conj. Uma vez que <já que os juros abaixaram, vamos às compras> (p. 559).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado:</p> <p>Já que 1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo: Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate.</p> <p>Verbete Original: Já que 1. (loc. conjunt.), pois que, visto que: <i>Já que assim o querem, assim o tenham; já que aqui chegou, diga-me como se resolveu esta dúvida.</i></p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 820. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

No Houaiss eletrônico, a definição por sinônimos estabelece círculo vicioso. No Houaiss PNLD, não existe a definição de *uma vez que*.

No Aulete, encontramos no verbete atualizado uma definição que foca o uso de *já que*, o que se torna um diferencial em relação às demais definições feitas por sinônimo. Dessa forma, os sinônimos sugeridos no verbete original, embora estabeleçam círculo vicioso, tornam-se um complemento do verbete atualizado. A definição é, de certa forma, satisfatória.

5.2.15 Mas

Quadro 28 – Mas

MAS	
Palavra-entrada	Mas
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo:</p> <p>□ conjunção</p> <p>1 liga orações ou períodos com as mesmas propriedades sintáticas, introduzindo frase que denota basicamente oposição ou restrição ao que foi dito; porém, contudo, entretanto, todavia</p> <p>1.1 após negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre determinado assunto <i>Ex.: não o fez, mas gostaria de tê-lo feito</i></p> <p>1.2 contrasta uma interpretação <i>Ex.: era negligente e perdulário, mas tinha um coração de ouro</i></p> <p>1.3 depois de <i>sim</i> ou <i>não</i>, acrescenta</p>

	<p>comentário para indicar que algo mais precisa ser dito <i>Exs.: liberdade, sim, m. com limites obesa, não, m. um tanto gordinha</i></p> <p>1.4 indica que se vai passar para outro assunto diferente <i>Ex.: a alta do dólar é o tema do dia, m. vamos primeiro ao noticiário local</i></p> <p>1.5 introduz réplica feita a alguém, para indicar relutância, descrença, protesto <i>Ex.: — Agradeço, m. não posso aceitar. — Mas como? Vai recusar minha oferta?</i></p> <p>1.6 depois de referência a coisas parecidas, menciona o que as torna diferentes uma da outra <i>Exs.: são ambos esquerdistas, mas um por convicção e o outro por conveniência os dois tinham a mesma altura, m. o mais velho era mais gordo</i></p> <p>1.7 após um pedido de desculpas pelo que se vai dizer, declara o que se julga necessário <i>Ex.: desculpe a franqueza, m. suas perguntas são muito tolas</i></p> <p>1.8 enuncia opinião ou declaração que pode causar espanto, mas que é importante para o autor <i>Ex.: pode ser uma aberração, m. quanto menos ela gosta de mim, mais eu gosto dela</i></p> <p>1.9 ante uma determinada situação, enfatiza surpresa, espanto ou admiração <i>Ex.: entende-se que ela o deixe por outro, m., bolas, sem qualquer explicação!</i></p> <p>1.10 introduz a causa que explica uma ação anterior <i>Ex.: não me cumprimentou, m. devia estar distraído</i></p>
	<p>Modo tradicional:</p> <p><i>conj.</i> (sXIII) 1 <i>conj.coord.</i> liga orações ou períodos com as mesmas propriedades sintáticas, introduzindo frase que denota basicamente oposição ou restrição ao que foi dito; porém, contudo, entretanto, todavia 1.1 <i>conj.advrs.</i> após negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre determinado assunto <<i>não o fez, m. gostaria de tê-lo feito</i>> 1.2 <i>conj.advrs.</i> contrasta uma interpretação <<i>era negligente e perdulário, m. tinha um coração de ouro</i>> 1.3 <i>conj.advrs.</i> depois de <i>sim</i> ou <i>não</i>, acrescenta</p>

	<p>comentário para indicar que algo mais precisa ser dito <<i>liberdade, sim, m. com limites</i>> <<i>obesa, não, m. um tanto gordinha</i>></p> <p>1.4 conj.advrs. indica que se vai passar para outro assunto diferente <<i>a alta do dólar é o tema do dia, m. vamos primeiro ao noticiário local</i>> 1.5 conj.advrs. introduz réplica feita a alguém, para indicar relutância, descrença, protesto <— <i>Agradeço, m. não posso aceitar.</i> — <i>Mas como? Vai recusar minha oferta?</i>></p> <p>1.6 conj.advrs. depois de referência a coisas parecidas, menciona o que as torna diferentes uma da outra <<i>são ambos esquerdistas, mas um por convicção e o outro por conveniência</i>> <<i>os dois tinham a mesma altura, m. o mais velho era mais gordo</i>> 1.7 conj.advrs. após um pedido de desculpas pelo que se vai dizer, declara o que se julga necessário <<i>desculpe a franqueza, m. suas perguntas são muito tolas</i>> 1.8 conj.advrs. enuncia opinião ou declaração que pode causar espanto, mas que é importante para o autor <<i>pode ser uma aberração, m. quanto menos ela gosta de mim, mais eu gosto dela</i>> 1.9 conj.advrs. ante uma determinada situação, enfatiza surpresa, espanto ou admiração <<i>entende-se que ela o deixe por outro, m., bolas, sem qualquer explicação!</i>> 1.10 conj.advrs. introduz a causa que explica uma ação anterior <<i>não me cumprimentou, m. devia estar distraído</i>> □ ETIM port. arc. <i>mais</i> e, este, do lat. <i>magis</i></p>
Houaiss PNLD	conj. advrs. exprime ressalva, restrição; contudo, todavia [ETIM: port. arc. <i>mais</i> e, este, do lat. <i>magis</i>] (P. 617)
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: conj.advers.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Introduz um argumento que restringe o que foi dito: <i>Gostaria de jogar basquete ,mas sou baixinha.</i> 2. Introduz um argumento que funciona como ressalva ao que foi dito: <i>Eram poucos os casos na enfermaria, mas todos graves.</i> 3. Senão; e sim: <i>Nada encontrou de valor, mas quinquelhariás.</i> [Nesta acp. é comum o reforço <i>sim</i> após o <i>mas</i>] 4. Introduz a explicação da causa de uma ação: <i>Foi mal na prova, mas não deve ter estudado.</i> 5. Us. no início de frase interrogativa para expressar surpresa, ironia etc.: <i>Mas como você pôde fazer isso?</i> 6. No princípio de uma frase indica que ela tem relação com o que já se disse: <i>Mas, como</i>

	<p><i>eu ia lhe dizendo...</i> adv. 7. Us. para corroborar o que acabou de ser dito: <i>Ela é bonita, mas muito bonita.</i></p>
	<p>Verbete Original: conj. que denota oposição ou restrição à proposição já enunciada e que equivale a <i>todavia, contudo, entretanto, porém</i>: É bom, <i>mas</i> não o parece. Sempre na hora da morte é a confissão conveniente; <i>mas</i> nem sempre é necessária. (Man. Bernardes.) No princípio de uma frase denota que ela tem relação com o que já se disse: <i>Mas</i>, como lhe ia dizendo... <i>Mas</i> aos domingos, o chá era servido nas pratas do comendador G. Godinho. (Eça , Relíquia , c. 1, p. 29, ed. 1918.) Emprega-se às vezes para dar a causa de qualquer ação: Maltratei-o, é verdade, <i>mas</i> tive para isso razões de sobejó. Seguida da conj. <i>que</i>, forma uma conj. concessiva; ainda que, embora: Ao régio mando, <i>mas que</i> não satisfeito, obedece o campo. (Garrett.) Com o adv. <i>também</i>, opõe-se a <i>não só</i> e valem de conjunção copulativa: <i>Não só</i> é rico, <i>mas também</i> generoso. -, adv. que denota a corroboração do que acabou de se dizer, e que equivale a <i>sim, decerto</i>: Fez um exame muito bom; <i>mas</i> muito bom. -, s. m. objeção, dificuldade, estorvo, obstáculo: Mas quemas é esse, meu excelente chanceler? replicou D. João I. (Herc.) Nem <i>mas</i> nem meio <i>mas</i> 1. expr. para denotar que não se admitem desculpas nem controvérsias. Defeito: Tirado este <i>mas</i>, podemos dizer... que a sua vida se escoava suavemente na rua de D. Mafalda. (Herc.) F. lat. <i>Magis</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 900. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

No Houaiss eletrônico, há a indicação de que *mas* trata-se de “conjunção”, sem especificar a classificação desta conjunção. Isso é um aspecto positivo, já que o *mas* pode ser conjunção adversativa, aditiva e explicativa, como vemos nas acepções arroladas no Aulete. Em seguida, há uma definição que visa ao uso geral da palavra. Mas tal definição estipula que as acepções de *mas* variam apenas no sentido de oposição e restrição. Isso não é o suficiente, visto que a acepção de número 1.10, por exemplo, menciona que o *mas* introduz causa ou explicação. Além disso, dentre as acepções apresentadas, não está explícito qual denota

oposição ou restrição. As explicações das acepções são realizadas, levando em consideração o sentido da frase inteira, como se cada uma fosse um caso específico. Acreditamos que as acepções poderiam ser unidas, em virtude de apresentarem as mesmas características. De acordo com Neves (2000), o valor semântico do *mas* é de contraposição, com nuances de contraste, compensação e restrição e negação da inferência, e de eliminação. Assim, os exemplos dados podem ser reorganizados de acordo com tais acepções, por exemplo:

Contraste

*pode ser uma aberração, m. quanto menos ela gosta de mim, mais eu gosto dela
são ambos esquerdistas, mas um por convicção e o outro por conveniência*

Compensação

*era negligente e perdulário, m. tinha um coração de ouro
não o fez, m. gostaria de tê-lo feito*

Restrição

*liberdade, sim, m. com limites
obesa, não, m. um tanto gordinha
os dois tinham a mesma altura, m. o mais velho era mais gordo
entende-se que ela o deixe por outro, m., bolas, sem qualquer explicação!*

Eliminação

desculpe a franqueza, m. suas perguntas são muito tolas

Além disso, acreditamos que a acepção que indica causa ou explicação deveria constituir uma nova entrada, pois essa relação de sentido, para nós, não está muito próxima das de contraposição e eliminação propostas por Neves (2000).

No Houaiss PNLD, há uma tentativa de elaborar uma definição que visa ao uso. Os autores afirmam apenas que a conjunção exprime os sentidos de ressalva e restrição, sem apresentar nenhum exemplo que ilustre tais situações.

No Aulete, há uma enumeração com explicações sobre os mais variados usos do *mas*, seguidos de exemplos. Tal tipo de definição é melhor do que a apresentada pelo Houaiss PNLD. No entanto, não está isenta de problemas. Em primeiro lugar, não fica claro qual foi o critério utilizado para organizar as acepções. Além disso, nas acepções de número 4, 5, 6 e 7, o *mas* não funciona como uma conjunção adversativa, portanto não deveria estar arrolada sob tal rotulação. Não há uma separação coerente acerca dos sentidos que a conjunção *mas* imprime ao texto.

5.2.16 Assim como

Quadro 29 – Assim como

ASSIM COMO	
Palavra-entrada	Assim
Houaiss eletrônico	<p>Modo interativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a. como bem como, da mesma maneira que, do mesmo modo que <i>Ex.: os velhos, a. como os jovens, também têm seus ímpetos</i> <p>Modo tradicional: a. como bem como, da mesma maneira que, do mesmo modo que <i><os velhos, a. como os jovens, também têm seus ímpetos></i></p>
Houaiss PNLD	Loc. adv. Bem como, do mesmo modo que <i><os velhos, a. como os jovens, também têm seus ímpetos></i> (p. 89).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: Assim como 1 Da mesma maneira que: Assim como chegou, partiu: em silêncio.</p> <p>Verbete Original: Assim como 1. (loc. conj. de modo), do mesmo modo ou maneira que, como, bem como: <i>Assim como o fogo apura o ouro, assim a desgraça a amizade.</i></p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 160. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Todos os dicionários apresentam definições feitas por meio de sinônimos.

No Houaiss eletrônico, dos sinônimos apresentados como definição, apenas *bem como* existe no dicionário. No entanto, sua definição também é elaborada com sinônimos, o que resulta em círculo vicioso. No Houaiss PNLD, o sinônimo *bem como* estabelece círculo vicioso, e a definição de *do mesmo modo que* não existe na obra de consulta.

No Aulete Digital, dentre os sinônimos apresentados tanto no Verbete Atualizado como no Verbete Original, apenas *bem como* e *como* existem no dicionário. *Bem como* estabelece círculo vicioso e *como* não apresenta acepção que tenha o mesmo sentido de *assim como*.

5.3 ANÁLISE DAS DEFINIÇÕES: CONSIDERAÇÕES

Sintetizamos no Quadro 30 as informações relativas à análise da definição e da presença de exemplos nos verbetes dos 16 elementos coesivos sequenciais.

Quadro 30 – Síntese da análise das definições dos elementos coesivos sequenciais

Elementos de coesão	Houaiss Conciso (PNLD)	Houaiss Eletrônico	Aulete Digital e PNLD
1) Para tal efeito	Não existe	Não existe	Não existe
2) Sobre demais informações	Não existe	Não existe	Não existe
3) Em consequência disso (Em consequência de)	Não existe	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.
Exemplos	Não	Sim	Sim
4) Contudo	Definição por sinônima. Dos três sinônimos apresentados, apenas <i>mas</i> não gera círculo vicioso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.
Exemplos	Não	Sim	Sim
5) Entretanto	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.	Definição por sinônima. Dos três sinônimos apresentados, apenas <i>no entanto</i> gera círculo vicioso.
Exemplos	Não	Sim	Sim
6) Porque	Definição por sinônima. Dos três sinônimos apresentados, apenas <i>que</i> não gera círculo vicioso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.
Exemplos	Sim	Sim	Sim
7) Apesar disso (Apesar de)	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.
Exemplos	Sim	Sim	Sim
8) Ou seja (Isto é)	Remissão a <i>isto é</i> . <i>Isto é</i> recebe definição que visa ao uso da palavra.	Remissão a <i>isto é</i> . <i>Isto é</i> recebe definição que visa ao uso da palavra.	Remissão a <i>isto é</i> . <i>Isto é</i> recebe definição que visa ao uso da palavra.
Exemplos	Não	Sim	Não
9) No entanto	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima. Dos três sinônimos apresentados, apenas <i>contudo</i> não gera círculo vicioso.	Definição por sinônima. Dos cinco sinônimos apresentados, apenas <i>contudo</i> não estabelece círculo vicioso.
Exemplos	Não	Sim	Sim
10) Visto que	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima. Dos quatro sinônimos apresentados, apenas	Definição por sinônima. Dos três sinônimos apresentados, apenas <i>já que</i> não gera

		<i>porquanto</i> não gera círculo vicioso. Há nota explicativa sobre questões gramaticais e de emprego.	círculo vicioso.
Exemplos	Não	Sim	Sim
11) Com isso	Não existe	Não existe	Não existe
12) Até mesmo (Até)	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.
Exemplos	Sim	Sim	Sim
13) Por conseguinte	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.	Definição por sinônima que não gera círculo vicioso. Há nota que visa ao uso.
Exemplos	Não	Não	Sim
14) Já que	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição que visa ao uso da palavra.
Exemplos	Sim	Sim	Sim
15) Mas	Tentativa de elaborar uma definição que parece visar ao uso.	Definição que visa ao uso da palavra.	Definição que visa ao uso da palavra.
Exemplos	Não	Sim	Sim
16) Assim como	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.	Definição por sinônima que gera círculo vicioso.
Exemplos	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração própria.

No total, 13, dos 16 elementos coesivos sequenciais, foram definidos nos dicionários alvo de nossa pesquisa. A definição por sinônima que resulta em círculo vicioso ocorreu oito vezes no Houaiss Conciso, cinco vezes no Houaiss eletrônico e duas vezes no Novíssimo Aulete e Aulete Digital. Os exemplos, no Houaiss Conciso, estão presentes em apenas cinco dos 13 verbetes. No Houaiss eletrônico, no Aulete Digital e PNLD, os exemplos existem em 12 dos 13 verbetes.

Em relação às palavras que não foram encontradas nos dicionários, como *para tal efeito* e *com isso*, queremos lembrar, conforme Bugueño Miranda (2005), que a maioria dos alunos do Ensino Básico considera o dicionário como uma “autoridade” (BUGUEÑO MIRANDA, 2005, p. 19). Isso significa que muitos pensam que as palavras que não pertencem à macroestrutura simplesmente não devem ter tanta receptividade pelo falante. Nessa perspectiva, a ausência de alguns elementos coesivos sequenciais, em especial nas obras que são indicadas pelo PNLD de 2012, é vista por nós de maneira negativa. Vale acrescentar que mesmo as palavras de baixa frequência são importantes, porque estamos

lidando com dicionários para um público específico – alunos dos últimos anos do Ensino Básico – que, como vimos na análise do estudo piloto, necessita ampliar seu vocabulário.

Notamos que a definição das palavras pesquisadas, muitas vezes, é feita por meio de sinônimos (principalmente no dicionário Houaiss PNLD). Tal modo de definição sugere a remissão a outras palavras, e foram poucas as vezes que isso não gerou um círculo vicioso pelo menos com um dos sinônimos apresentados, o que é um aspecto negativo, já que o consultante gasta mais tempo, em vão, para tentar encontrar o significado de uma palavra. Conforme Bugueño Miranda (2005) explica, o consultante “se perde no ato da consulta por ter que fazer uma série de consultas sucessivas (as chamadas remissões), sem que essa busca o leve necessariamente a encontrar a resposta para aquilo que procurava” (BUGUEÑO MIRANDA, 2005, p. 17).

A questão da remissão faz parte da composição de uma obra de consulta, entretanto, no caso das palavras gramaticais, parece não haver uma preocupação em relação ao fato de a definição da palavra sinônima realmente apresentar informações que deveriam auxiliar o consultante a entender o emprego da palavra pesquisada. Além disso, é como se não houvesse nenhum tipo de diferença significativa em relação ao uso dessas palavras.

Algumas vezes, as palavras alvo da pesquisa não receberam a definição por sinônimo, e sim outro tipo de definição que parecia visar ao uso da palavra. Percebemos isso por meio da forma como essas definições se iniciaram, mais precisamente com tais usos: “designativo de”, “expressa”, “introduz”, “liga”, “indica”, “só usado em”, “expressão introdutória”, “locução que anuncia”, “usado antes de”. Isso nos mostra que há uma tendência em tentar formular uma explicação sobre o uso para as palavras gramaticais pesquisadas, e esse é um aspecto positivo.

Mas a oscilação no modo de definir nos indica que ainda não há um padrão de definição estabelecido para as palavras gramaticais com as quais lidamos no presente trabalho. E esse fato nos levou a uma questão importante: qual é o critério, usado pelos lexicógrafos dos dicionários investigados, que estabelece qual elemento coesivo deve receber definição por sinônimo ou os outros tipos de definição que visam ao uso?

Ademais, observamos que as informações do verbete são mais completas em relação às unipalavras. As multipalavras não recebem a devida atenção. Por exemplo, poucas vezes, nos deparamos com uma multipalavra que recebeu classificação gramatical.

No que diz respeito à definição dos elementos coesivos, também é válido pontuar que o Houaiss eletrônico apresentou mais informações do que o Houaiss PNLD. Podemos dizer que o Houaiss PNLD foi o dicionário que mais apresentou definições circulares. Dessa forma,

há diferenças entre as duas versões: o dicionário sugerido pelo PNLD que chega aos alunos dos últimos anos do Ensino Básico praticamente não pode auxiliar muito o consultante quanto ao emprego dos elementos coesivos pesquisados. O Aulete PNLD apresenta as mesmas definições e exemplos que o Aulete Digital. Logo, o dicionário escolar não demonstrou nenhum tipo de diferencial que vise ao público-alvo em questão quando o comparamos com o dicionário *thesaurus*. Com base nisso, podemos dizer que a tipologia proposta pelo MEC aos dicionários escolares Tipo 4 não é suficiente, pois “a tipologia de dicionários não pode ser reduzida apenas à forma ou quantidade de entradas, uma vez que aspectos qualitativos devem também estar obrigatoriamente envolvidos nesta questão” (FINATTO, 1993, p. 315).

Em alguns momentos, houve falta de abonações e exemplos. Acreditamos que isso não poderia ocorrer, visto que as definições existentes para as palavras pesquisadas, de maneira geral, possuem poucas informações em relação ao uso. As abonações e exemplos, com certeza, auxiliam a compreender o emprego da palavra-entrada.

Aludindo aos exemplos, a presença única da perspectiva frasal pode dar a impressão de que as palavras pesquisadas só podem ser usadas dentro de períodos, intercalando orações, e não no início dos parágrafos de um texto. E, em relação a essa questão, sabemos que algumas são usadas no início de parágrafos, como *visto que*, e que outras já não são frequentemente usadas no início de parágrafos, como *porque*, ambas explicativas. Consideraremos tais detalhes importantes e acreditamos que, embora os dicionários pesquisados não tenham obrigação de informá-los (e provavelmente nem mesmo muitas gramáticas escolares os mencionem), eles podem contribuir bastante para que o consultente entenda um pouco mais sobre o uso dessas palavras numa dimensão textual.

Após termos realizado essas considerações em relação aos dicionários alvo de nossa pesquisa, damos prosseguimento, com o capítulo 6, que se refere aos resultados desta dissertação.

A procura da poesia

[...]

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Repara:

ermas de melodia e conceito

elas se refugiaram na noite, as palavras.

Ainda úmidas e impregnadas de sono,

rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

(ANDRADE, 2012, p. 11-12).

6 RESULTADOS

Com base no referencial teórico que expusemos, na análise que fizemos dos 16 elementos coesivos sequenciais nos dicionários alvo de nossa pesquisa e na experiência que obtivemos com o nosso *corpus* de redações 2009 a 2014, neste capítulo, descrevemos a nossa proposta de definição para os elementos coesivos sequenciais e a nossa proposta de ficha lexicográfica. Além disso, apresentamos 10 exemplos concretos de fichas lexicográficas relativas aos elementos coesivos sequenciais. Dessa forma, neste capítulo, discorremos sobre as informações que, a partir de nossa perspectiva, podem suprir as lacunas que apontamos no capítulo anterior e as que devem ser acrescentadas por considerarmos importantes.

6.1 ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS: A DESCRIÇÃO DE UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO

Para elaborar uma definição para os elementos coesivos, temos que usar a metalíngua que analisa o definido enquanto constituinte do sistema linguístico, ou seja, precisamos construir uma definição que explique o uso da palavra na língua.

Aludindo ao paradigma definicional dos elementos coesivos sequenciais, pensamos em uma definição que não abandone completamente a estrutura da definição aristotélica, que contém gênero próximo e diferença específica, mas que se remeta às indicações de uso e explicações sobre a palavra, ou seja, formulamos uma definição em que o hiperônimo ou gênero próximo e os traços distintivos ou a diferença específica visam à função/ uso das palavras que estamos definindo. A estrutura da definição que criamos apresenta-se assim:

elemento de coesão textual que estabelece relação x , usado para...

O termo *elemento de coesão* é entendido como o hiperônimo que designa todas as palavras (conjunções, advérbios, preposições e suas respectivas locuções e outras expressões da língua portuguesa) que cumprem a função de ligar as ideias de um texto. Nesse caso, o nosso hiperônimo ou arquilexema é uma expressão que indica a função básica e primordial das palavras estudadas nesta dissertação. Escolhemos tal hiperônimo, com a certeza de que a palavra *coesão* está consolidada na literatura que aborda tais elementos de ligação e de que está presente nos manuais de vestibulares como o Enem e, consequentemente, nas folhas de

redação que muitas escolas de Uberlândia oferecem para que seus alunos produzam textos do tipo dissertativo-argumentativo. Queremos que fique evidente para o consulente que determinadas palavras são elementos de coesão textual.

Em relação à palavra *coesão*, é fundamental que ela também seja definida numa obra de consulta que siga a nossa proposta de definição. Verificamos que, no Aulete Digital e no Novíssimo Aulete, a palavra *coesão* é definida com a acepção a qual nos referimos nesta pesquisa. Não apresentamos a definição apresentada pelo Novíssimo Aulete, porque ela é igual a da Figura 55:

Figura 55 – A definição de *coesão* no Aulete Digital

The screenshot shows the Aulete Digital interface. At the top, there is a logo with the word 'Aulete' in red and 'DIGITAL' in smaller letters below it. Below the logo is a search bar with a magnifying glass icon. Underneath the search bar, there are two tabs: 'Verbo Atualizado' and 'Verbo Original'. The main content area has a yellow header with the word 'coesão' in bold black text. Below the header, there is a section titled 'UNIDADE' with the text 'Não se ve coesao entre os adversarios do regime.: Fazia coesao ao grupo.' followed by a small arrow pointing right. There are four numbered definitions: 3. Caráter lógico de um discurso, texto etc.; COERÊNCIA: O advogado mostrou a coesão das provas. 4. Ling. Expressão formal das conexões de sentido que ligam entre si as partes de um texto. [Pl.: -sões.] [F.: Do lat. cient. *cohaesio*, pelo fr. *cohésion*.]

Fonte: Aulete (2007).

Ao contrário do Aulete Digital e do Novíssimo Aulete, no Dicionário Houaiss Conciso, não há o conceito de *coesão* no sentido em vemos na Linguística Textual. Na segunda acepção de *coesão*, há apenas uma menção à coerência. Além disso, notamos que o conceito da palavra-entrada *coerente* refere-se à *coesão*, parecendo estar mal-elaborado. Apenas a definição da palavra-entrada *coesão* aproxima-se do conceito de *coesão* que é dado na área da Linguística Textual. A Figura 56 ilustra as observações que descrevemos:

Figura 56 – A definição de *coesão* no Dicionário Houaiss Conciso

co.e.ren.te *adj.2g.* 1 em que há coesão; que liga de forma recíproca 2 que tem nexo; lógico, racional *(explicação c.)* 3 que procede com coerência *(ele é c. em relação aos seus ideais)* [ETIM: lat. *cohaerens,entis* 'que está ligado a, coerente', part.pres. de *cohaerere*]

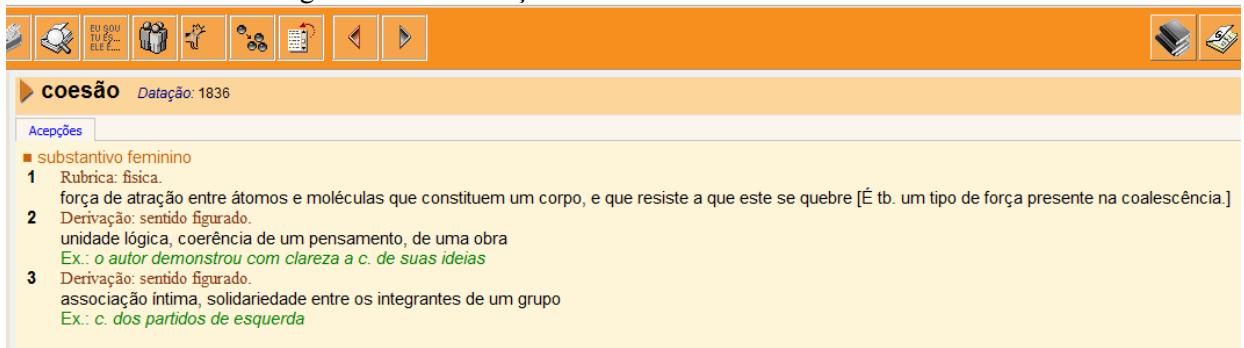
co.e.são [pl.: -ões] *s.f.* 1 força de atração entre átomos e moléculas que constituem um corpo evitando que este se quebre 2 *fig.* coerência de um pensamento ou de uma obra 3 *fig.* solidariedade entre os integrantes de um grupo [ETIM: fr. *cohésion* 'id.', do lat.medv. *cohaesio,ōnis* 'id.'].

co.e.so \é ou ê\ *adj.* 1 que é ou está intimamente ligado, unido 2 *fig.* que apresenta harmonia, lógica *(texto c.)* [ETIM: lat. *cohaesus,a,um* 'id.', part.pas. de *cohaerere* 'estar ligado a']

Fonte: Houaiss; Villar, 2011, p. 204.

No Dicionário Houaiss eletrônico, não há a acepção de *coesão* no sentido em que estudamos na área da Linguística Textual, como podemos ver na Figura 57:

Figura 57 – A definição de *coesão* no Houaiss Eletrônico



Fonte: Houaiss (2009).

Dessa forma, reforçamos a importância de o hiperônimo constar no dicionário, apresentando uma definição/acepção esclarecedora e inequívoca.

Retomando a definição que propusemos, a parte *que estabelece relação X* é interpretada como a diferença específica, pois introduzirá uma informação mais específica que se refere ao tipo de relação que determinado elemento coesivo sequencial estabelece numa produção textual. Para isso, vamos tomar como respaldo as contribuições teóricas já expostas na seção 2.2 e 2.3.

E *usado para* é o modo como pretendemos introduzir a explicação relativa ao uso da palavra. Temos o intuito de dar uma explicação sobre o funcionamento/uso dela, pois acreditamos que isso auxiliará o consultente a entender o emprego dela no texto.

Por fim, consideramos pertinente o uso de *notas* que possam expandir o conhecimento do consultente em relação à palavra pesquisada no dicionário. Ou na própria definição, na parte *usado para*, ou nas *notas*, quando for apropriado, pensamos em apresentar informações do ponto de vista da Semântica Argumentativa, o que é bastante relevante, já que os elementos estudados possuem uma força argumentativa que deve ser valorizada e reconhecida nas produções textuais que os estudantes produzem no cotidiano escolar e para ingressar no curso superior público e privado.

Portanto, esclarecemos que a nossa proposta de definição é uma mescla da definição aristotélica e da definição que visa ao uso da palavra e que ela não segue um viés tradicional, visto que partimos de uma perspectiva textual para definir determinadas palavras que podem ser gramaticais ou lexicais.

6.2 ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS: O DESENHO DA FICHA LEXICOGRÁFICA

Embora o nosso foco seja o paradigma definicional, vale acrescentar que consideramos pertinente que outros tipos de informação constem no verbete dos elementos coesivos sequenciais, a fim de auxiliar na caracterização do uso das palavras estudadas. Na verdade, acreditamos que outros tipos de informação são muito importantes para que o consultante perceba as diferenças específicas que a palavra possui em relação às outras no que diz respeito ao seu uso. As segunda, terceira, quinta e sexta informações relativas ao paradigma informacional que descrevemos a seguir bem como os exemplos do paradigma pragmático tornam-se uma espécie de complemento para a definição que tem por base a indicação de uso.

No que diz respeito ao paradigma informacional, consideramos válida a existência de oito tipos de informação.

O primeiro tipo de informação diz respeito à *separação silábica*. Esta informação é fundamental, pois as provas que exigem produção textual escrita ainda são feitas manualmente e exigem o conhecimento de separação silábica. Dessa forma, o dicionário torna-se uma ferramenta capaz de sanar dúvidas dessa natureza.

O segundo tipo de informação é a *frequência* do elemento coesivo sequencial num *corpus*, no nosso caso, no *corpus* de redações. A frequência é importante, na medida em que o consultante pode saber, por meio dela, se determinada palavra é pouco ou muito utilizada. Pensando numa situação de produção textual, o autor pode desejar lançar mão de uma palavra pouco usada, a fim de demonstrar que possui um vocabulário rico e diversificado ou pode simplesmente querer utilizar uma palavra popular, comum, que terá um número de ocorrências maior.

O terceiro tipo de informação refere-se à posição em que o elemento é usado em determinada parte do texto: no início de frases/orações, intercalando frases/orações ou no fim de frases/orações. Essa informação foi denominada por nós na ficha lexicográfica como *posição textual* e é importante, porque sabemos que nem todos os elementos coesivos sequenciais podem ser tranquilamente usados em qualquer parte de uma produção escrita. Para obtê-la, também observamos no *corpus* de redações em qual posição cada elemento coesivo é mais frequentemente usado.

O quarto tipo de informação é a *classe gramatical* das unipalavras e das multipalavras. A presença da classe gramatical é tradicional nos dicionários e é importante para qualquer estudo que envolva a língua portuguesa, portanto devemos mantê-la.

O quinto tipo de informação refere-se à marca de uso, chamada por nós, na ficha lexicográfica, de *linguagem*. Esse tipo de informação esclarece ao consultante se determinado elemento coesivo pode ser usado em uma produção escrita formal ou não, a depender do preenchimento dos campos *formal*, *informal* e *formal e informal*. No trabalho que realizamos de Iniciação Científica, conforme Grama (2013), ao analisarmos 21 produções textuais relativas ao gênero textual notícia e 21 referentes ao gênero relato, que foram produzidas por alunos de 5º ao 9º ano, percebemos que os alunos de 9º ano foram os que tiveram maior índice de problemas de coesão por utilizarem elementos coesivos da linguagem oral, por exemplo: *e aí, foi aí, só que*, e tais problemas resultaram numa porcentagem de 23%. Assim, sabemos que existem elementos coesivos sequenciais que não são adequados para a linguagem escrita/formal, por caracterizarem oralidade principalmente quando são utilizados de forma repetida num mesmo texto, tais como: *nisso* (ao em vez de *enquanto isso*), *dai, então, e*, entre outros. Na condição de falantes nativos da língua portuguesa, sabemos que alguns elementos são mais usados numa linguagem formal, outros numa linguagem informal e outros oscilam entre a linguagem formal e informal. Mas, para preencher tal tipo de informação no campo do verbete de um dicionário, é preciso realizar um estudo aprofundado com dois tipos de *corpus*: um escrito, que vise à linguagem escrita, e um oral, que vise à linguagem informal. Como não tivemos condições de efetuar tal pesquisa, queremos que o leitor considere esse tipo de informação apenas como uma sugestão.

A sexta informação alude aos *sinônimos*, e a sétima, à *etimologia*. Essas duas últimas são tradicionais e importantes, portanto devem constar na nossa ficha.

O oitavo tipo de informação diz respeito à *variante fraseológica*, logo se refere às multipalavras. Variante fraseológica é “aquela modificação que não altera o sentido da frase e os traços que lhe são característicos” (ORTÍZ ALVAREZ, 2000, p. 87). Conforme Ortíz Alvarez (2000), existem as seguintes variantes para os fraseologismos:

1. **variantes morfológicas**, vinculadas a determinadas mudanças na forma sem alterar suas funções;
2. **variantes lexicais**, catalogadas como as mais produtivas, pois na língua estão amplamente desenvolvidas as relações paradigmáticas; cada palavra se vincula associativamente de acordo com a sua semelhança temática, semântica, etc.;
3. **variantes por extensão** que se caracterizam pela adição ou omissão de alguns dos componentes, o que demonstra a não-relevância do significado dos componentes na conservação do fraseologismo (ORTÍZ ALVAREZ, 2000, p. 87, grifo da autora).

Por meio da lista que fizemos dos elementos coesivos sequenciais multipalavras no Apêndice B, é possível perceber que existem variantes para um mesmo elemento. Por exemplo, *vale salientar que* pode ser considerada como variante lexical de *vale ressaltar que* e *vale também destacar que*. Também, para o par *por um lado... por outro lado*, encontramos as formas: *um lado... de outro lado* e *de um lado... por outro lado*, que constituem variantes morfológicas, devido à ausência ou troca de palavras gramaticais.

Partindo para o paradigma pragmático, os nossos *exemplos* de uso são extraídos do *corpus* de redação, devem estar em consonância com a definição elaborada e devem levar em consideração não apenas a dimensão frasal, mas também a textual. Estipulamos três critérios básicos para nos auxiliar na escolha dos exemplos advindos do *corpus*: coerência, estrutura sintática majoritariamente bem formada e respeito aos direitos humanos. Vale ressaltar que, devido ao fato de estarmos lidando com um *corpus* passível de inadequações vocabulares, de erros de ordem estrutural e de diversos outros relativos às normas gramaticais, se for o caso dos exemplos escolhidos para compor nossos verbetes, pretendemos retificar os problemas que encontrarmos. Dessa forma, somos a favor de adaptações, já que é necessário obedecer às regras da norma culta e propiciar uma linguagem que seja adequada à situação de escrita de um texto do tipo dissertativo-argumentativo. Cabe esclarecer que as nossas adaptações são realizadas em casos de real necessidade e sem a pretensão de propor uma linguagem idealizada.

Outras informações também devem ser acrescentadas ao paradigma pragmático. A primeira é o *acesso ao texto*, que remete ao *link* para acessar o texto do qual foi extraído o exemplo (essa informação é importante apenas para o lexicógrafo, que deve ter tal tipo de registro). A segunda é a *fonte*, pois o dicionário deve fornecer a origem do exemplo: banco de redações do *site UOL Educação*, ou livro x, jornal y etc., acreditamos que essa informação possa auxiliar o consultente a identificar em qual gênero ou tipologia textual tal elemento foi utilizado. A terceira e última é o *tema da proposta textual* que, no nosso caso, diz respeito ao tema da proposta de redação. Em relação a essa informação, nós sabemos que ela não é comumente disponibilizada ao consultente, por isso queremos esclarecer, de maneira ilustrativa, a importância dela para o nosso público-alvo. Para isso, nos lembramos do último tema de redação elaborado pelo Enem na prova de 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. A palavra “persistência” indica que o autor da redação deve produzir seu texto de modo a explorar, do ponto de vista temporal, a questão da violência contra a mulher. Para explicitar a relação temporal, o uso de elementos coesivos sequenciais, tais como: *antigamente, hoje, ainda, até hoje, desde aquela época*, é fundamental, talvez até

decisivo, para que o escritor atenda adequadamente à proposta de escrita. Desse modo, acreditamos que a informação relativa ao tema da proposta de redação é favorável ao consultente. Além disso, a presença dela pode valorizar ainda mais o dicionário enquanto recurso didático, uma vez que o docente pode lançar mão dos temas não só para discutir a importância dos elementos coesivos na função de ligar e direcionar a argumentação do texto, marcando a opinião do escritor, mas também para promover debates em sala de aula e propor produções de texto.

Assim, chegamos ao desenho da ficha lexicográfica para os elementos coesivos sequenciais, como podemos ver no Quadro 31:

Quadro 31 – Desenho da ficha lexicográfica

Paradigma Definicional	
Definição	
Nota sobre a definição	
Paradigma Informacional	
Divisão silábica	
Classe gramatical	
Posição textual	Início de frases/orações () Intercalando frases/orações () No fim de frases/orações ()
Frequência no <i>Corpus</i>	
Linguagem	() Formal () Informal () Formal e Informal
Sinônimos	
Etimologia	
Variantes	
Paradigma Pragmático	
Exemplo 1	
Acesso ao texto	
Fonte	
Tema da proposta textual	
Exemplo 2	
Acesso ao texto	
Fonte	
Tema da proposta textual	

Fonte: Elaboração própria.

Conforme expusemos no referencial teórico desta pesquisa, a ordem e a quantidade das informações relativas aos paradigmas são variáveis. Já elencamos as informações que consideramos pertinente para elaborar um verbete melhor do que tem sido apresentado nos dicionários analisados nesta pesquisa para os elementos coesivos sequenciais, mas falta descrever a ordem delas, que ficará da seguinte forma:

Palavra-entrada + PI (divisão silábica) + PI (frequência de uso) + PD (definição) + PP (exemplo de uso) + PP (fonte) + PP (tema da proposta textual) + PD (nota sobre a definição) + PI (linguagem) + PI (posição textual) + PI (sinônimos) + PI (classe grammatical) + PI (etimologia) + PI (variantes).

Acreditamos que as informações que auxiliam a caracterizar o uso dos elementos coesivos sequenciais devem ser priorizadas, por isso organizamos o verbete de tal maneira. Comparando com os dicionários alvo de nossa pesquisa, mudamos, em especial, a ordem da informação *classe grammatical*, que tradicionalmente vem antes da definição. As palavras gramaticais já são exploradas do ponto de vista classificatório pelas gramáticas e livros didáticos durante o percurso no Ensino Básico, dessa forma não encontramos um motivo, de caráter urgente, que nos impeça de propor tal alteração tendo em vista o nosso público-alvo.

A seguir, apresentamos a elaboração das 10 fichas lexicográficas.

6.3 ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS: A ELABORAÇÃO DAS FICHAS LEXICOGRÁFICAS

Nesta seção, apresentamos as fichas lexicográficas que elaboramos para os elementos coesivos sequenciais. Vale ressaltar que alguns dos elementos analisados no capítulo 5 não tinham uma boa quantidade de linhas de concordância disponível para analisarmos e para nos servir de exemplo no preenchimento do paradigma pragmático, portanto não foi possível elaborarmos a ficha lexicográfica deles: *para tal efeito* (duas ocorrências com uso inadequado), *sobre demais informações* (uma ocorrência com uso inadequado), *em consequência disso* (três ocorrências com um uso inadequado) e *apesar disso* (sete ocorrências com um uso inadequado). Escolhemos seis dos 16 elementos coesivos sequenciais que foram analisados no capítulo 5 para elaborarmos a ficha lexicográfica. Para isso, usamos como critério os elementos que estabelecem relações diferentes, a fim de representá-las. São eles: *contudo, porque, ou seja, com isso, até mesmo e assim como*.

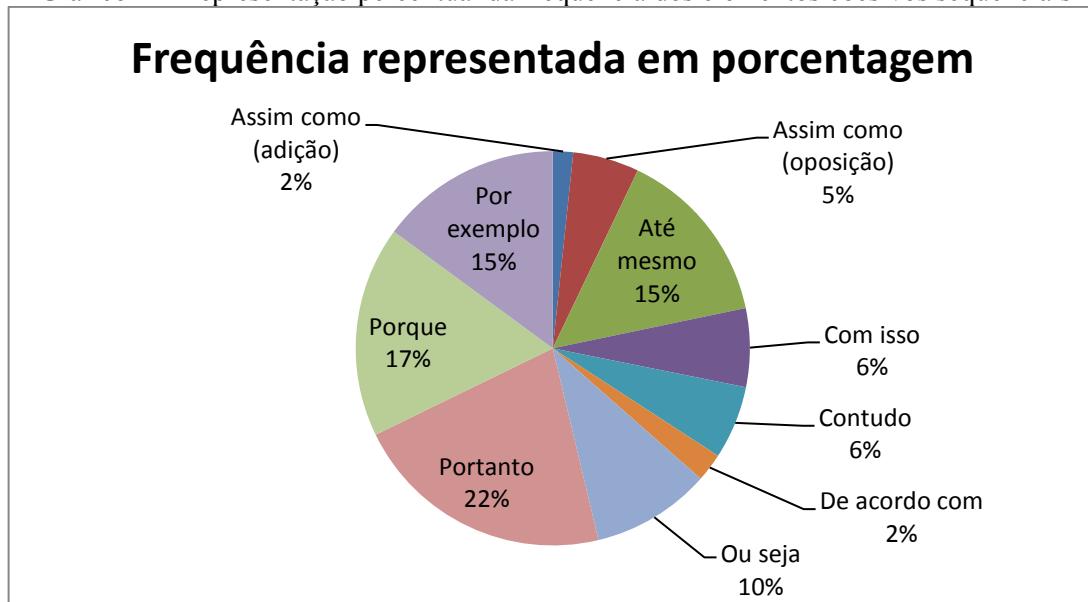
Além disso, optamos por fazer a ficha lexicográfica de mais três elementos coesivos sequenciais: *portanto*, que está dentre os 33 elementos coesivos sequenciais usados mais vezes de maneira inadequada, *de acordo com* e *por exemplo*, que não apresentaram inadequações de uso no *corpus* de redações do estudo piloto. Os três foram escolhidos, porque representam relações diferentes dos seis elementos mencionados e porque queremos demonstrar que a nossa proposta também funciona com outros elementos que não foram alvo

de nossa análise nos dicionários. A partir desses nove elementos, construímos 10 fichas lexicográficas.

Antes de apresentarmos cada ficha individualmente, queremos esclarecer sobre a classificação da *frequência* dos elementos coesivos, uma vez que esse procedimento é comum para todos.

Cabe ressaltar que não basta apenas apresentar na ficha lexicográfica o número de ocorrências que determinado elemento teve no *corpus* para que o conselente saiba se ele é pouco ou muito utilizado. É preciso indicar o que o número representa em termos de frequência. Para atingir esse propósito, estabelecemos cinco parâmetros: *frequência muito baixa*, *frequência baixa*, *frequência média*, *frequência alta* e *frequência muito alta*. Em seguida, selecionamos apenas os elementos coesivos para os quais elaboramos a ficha, juntamente com suas frequências, e os lançamos em um gráfico em forma de pizza. No gráfico, transformamos o número relativo às frequências em valores percentuais. Apresentamos, a seguir, o Gráfico 1 que elaboramos para confeccionarmos as nossas fichas:

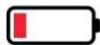
Gráfico 1 – Representação percentual da frequência dos elementos coesivos sequenciais



Fonte: Elaboração própria.

Dividimos 100, que equivale a 100% do gráfico, ou seja, à sua totalidade, por cinco, que corresponde à quantidade de parâmetros, e chegamos a uma representação percentual para cada parâmetro:

1% a 20% = frequência muito baixa



21% a 40% = frequência baixa



41% a 60% = frequência mediana



61% a 80% = frequência alta



81% a 100% = frequência muito alta



Assim, conseguimos identificar em qual parâmetro se encaixa cada elemento coesivo existente no gráfico.

Nas fichas, a informação relativa à frequência está destacada em negrito e está representada por meio de uma bateria de celular, que é preenchida em conformidade com os parâmetros mencionados acima. Acreditamos que usar a imagem da bateria de celular é uma maneira didática, facilmente comprehensível e lúdica para que o consulente identifique o que representa o número relativo à frequência.

Também é importante esclarecer que usamos o *corpus* de redações 2009 a 2014, para nos auxiliar a elaborar as nossas definições. Verificamos todos os contextos linguísticos em que cada elemento de coesão definido foi usado de maneira adequada para analisarmos se seu significado confere com as explicações presentes no referencial teórico de nossa dissertação, para analisarmos as acepções que alguns elementos possuem e para analisarmos a maneira como são empregados. Ademais, as informações dos paradigmas informacional e pragmático (especificamente: *frequência*, *posição textual* e *exemplos*) foram preenchidas nas fichas lexicográficas concretas também com base nos usos adequados que os elementos coesivos sequenciais tiveram no *corpus* de redações.

6.3.1 Contudo

Conforme visualizamos na definição dos dicionários analisados em nossa pesquisa, *contudo* é uma conjunção adversativa – nomenclatura adotada pelas gramáticas de Bechara (2009), Cunha & Cintra (2007) e Paschoalin & Spadoto (2008) – que estabelece uma relação de oposição, relação esta mencionada nas gramáticas, nos dicionários analisados e por Antunes (2005) e Koch (2011). É perceptível que, nos dicionários analisados, há menção à questão das nuances de sentido que o *contudo* possui. Dessa forma, a objeção que tal conjunção introduz pode ser feita de diferentes formas, e isso dará origem às acepções do verbete.

Neves (2000), ao analisar o *mas*, afirma que, na condição de conjunção adversativa, ele possui um valor semântico com algumas especificações. Segundo a autora, o *mas* pode indicar contraposição ou eliminação. A contraposição pode ser estabelecida por meio da marcação de contraste, compensação, restrição e negação. No Quadro 32, resumimos tais especificações:

Quadro 32 – Conjunção *mas*

	Especificações da conjunção “mas”	Exemplos
Contraposição	Contraste	Jesus não satisfez a curiosidade dos discípulos, <i>mas</i> foi à prática (LE-O). <i>Vou bem, mas</i> você vai mal (VN).
	Compensação	Tinha de resignar-se a tolerar, durante algumas horas, a presença de Susana, seu olhar sardônico, as vingativas perguntas que não deixaria de fazer. <i>Mas</i> havia o menino, conversaria com ele (FP). Longo, <i>mas</i> lido com voz clara e sem hesitações, o discurso no Congresso arrancou aplausos (COL-O).
	Restrição: restringindo, por acréscimo de informação, o que acaba de ser enunciado no primeiro membro coordenado. Essa restrição pode significar exclusão parcial, estando expressos, por vezes, indicadores de negação, privação, insuficiência.	Casou-se. <i>Mas</i> não foi com a Luizinha (BS). - Quero falar de um negócio muito sério (...) <i>Mas</i> não quero falar aqui.
	Negação da inferência: vem contrariada a inferência de um argumento enunciado anteriormente. No primeiro segmento há asseveração, com admissão de um	O Bar do Porco era velho e fedia: era muquinho de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava a fome, engolindo uma gororoba ruim, preta. <i>Mas</i> eu ia (MJC).

	fato; no segundo segmento expressasse a não-aceitação da inferência daquilo que foi asseverado.	Ora, eu não me chamo José... Esqueci meu nome, é verdade, <i>mas</i> sei que não era José (MP).
Eliminação	Eliminação se dá no tempo: elimina-se a subsequência temporal natural, ou a consecução do que vem anunciado no primeiro membro coordenado.	- Posso fumar? - perguntou Augusto. <i>Mas</i> logo anulou o gesto (VN). - Ela abriu a boca para responder à insolência. <i>Mas</i> conteve-se (M).
	Eliminação entre os membros ordenados	Você pensa que sabe, <i>mas</i> não (A). Nem sua mãe se o visse na rua o reconheceria, ele pensou contemplando no espelho aquela triste figura. <i>Mas</i> não, não era assim; tinha gente danada (...) tinha gente que por um pequeno detalhe já descobriria (CO). Chego a me perguntar mesmo – <i>Mas</i> isso não importa muito aqui nesta conversa – se tudo não foi obra do Padre Luís (A).

Fonte: Elaboração própria com base em Neves (2000), p. 757-767.

Fornari (2011), ao fazer um estudo da conjunção *pero* do espanhol, equivalente ao *mas* do português, propõe que, dentro da relação opositiva, existam os seguintes tipos: restrição, que se subdivide em impedimento e contestação, anulação e compensação. No Quadro 33, compilamos as informações expostas pela autora em relação aos tipos de relação opositiva:

Quadro 33 – Conjunção *pero*

Tipos de oposição	Exemplos
Restrição: introduz oração que apresenta uma divergência em relação ao que foi dito anteriormente. ⁴⁵	O exército advertiu que está disposto a atacar “bases terroristas” em qualquer lugar do mundo, <i>mas</i> disse que não usará bombas atômicas. ⁴⁶
Impedimento: introduz oração que apresenta um obstáculo ao conteúdo anterior. ⁴⁷	Os que desejam mudar de serviço <i>mas</i> não podem pontuaram mais no questionário que o resto. ⁴⁸
Contestação: introduz oração que apresenta uma réplica ao conteúdo anterior. ⁴⁹	Vendeu-se em princípio como um experimento sociológico, <i>mas</i> o conceito se converteu em um show televisivo que traiu 55% dos espectadores

⁴⁵ Excerto original: “Restricción: Introduce oración que presenta una divergencia de lo dicho anteriormente”.

⁴⁶ Excerto original: “El ejército advirtió que está dispuesto a atacar ‘bases terroristas’ en cualquier lugar del mundo, *pero* dijo que no usará bombas atómicas”.

⁴⁷ Excerto original: Impedimento: “Introduce oración que presenta un obstáculo al contenido anterior”.

⁴⁸ Excerto original: “Los que desearían cambiar de servicio *pero* no pueden puntuaron más en el cuestionario que el resto”.

⁴⁹ Excerto original: “Contestación: Introduce oración que presenta una réplica al contenido anterior”.

	em setembro de 1999. ⁵⁰ Foi bom, <i>mas</i> raro. ⁵²
Anulação: introduz oração que apresenta um conteúdo negativo e mais relevante que o conteúdo positivo dito anteriormente. ⁵¹	Behl desenvolveu uma breve, <i>mas</i> intensa carreira na Argentina. ⁵⁴

Fonte: Elaboração própria com base em Fornari (2011), p. 106.

Para nós, a “negação da inferência”, de Neves (2000), parece estabelecer uma ideia de concessão, e a “eliminação” é semelhante ao que Fornari (2011) denomina como “anulação”. Neves (2000), assim como Fornari (2011), também considera a restrição, mas não a subdivide em impedimento e contestação, como podemos ver em Fornari (2011). A “compensação” é mencionada por ambas as autoras. A questão do “contraste” é mencionada apenas por Neves (2000) como parte da contraposição. Fornari (2011) a denomina como “comparação” e não a vê como parte da oposição.

Com base em Neves (2000) e Fornari (2011), podemos dizer que há três nuances básicas de sentido que estão presentes na relação de oposição: restrição, compensação e anulação. Tendo como norte tal princípio, partimos para a análise das linhas de concordância de *contudo* em nosso *corpus* de redações. Encontramos 50 ocorrências relativas à restrição, 17 referentes à anulação e 16 de compensação. Assim, a organização das acepções do verbete de *contudo* teve como critério a frequência dessas ocorrências em ordem decrescente. Dessa forma, baseamo-nos em Neves (2000), Fornari (2011), nos dicionários alvo de nossa pesquisa e nas linhas de concordância do nosso *corpus* de redações relativas à palavra *contudo* para elaborarmos a ficha lexicográfica de tal elemento coesivo.

⁵⁰ Excerto original: “Se vendió en principio como un experimento sociológico, pero el concepto se convirtió en un show televisivo que atrajo al 55 por ciento de espectadores en septiembre de 1999”.

⁵¹ Excerto original: “Anulación: Introduce oración que presenta un contenido negativo y más relevante que el contenido positivo de lo dicho anteriormente”.

⁵² Excerto original: “Fue bueno, pero raro”.

⁵³ Excerto original: “Compensación Introduce oración que presenta un contenido positivo y más relevante que el contenido negativo de lo dicho anteriormente”.

⁵⁴ Excerto original: “Behl desarrolló una breve pero intensa carrera en la Argentina”.

contudo (con.tu.do)

Frequência 83



1. elemento de coesão textual que estabelece relação de oposição, usado para introduzir uma ideia que constitui uma objeção ao que foi dito anteriormente.

1.1 Restrição: introduz uma ideia que representa, de maneira branda, uma ressalva e, de maneira mais forte, uma desconsideração parcial em relação ao que foi dito anteriormente.

Exemplo 1: Existem vários fatores que contribuem para o uso do álcool já na puberdade, **contudo** vamos analisar apenas dois deles: o consumo influenciado pelos adultos de uma família e o promovido pelas propagandas (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Juventude e alcoolismo: um problema social

Exemplo 2: Muito se fala sobre crescimento sustentável, que parece ser o assunto mais importante nas agendas políticas internacionais. **Contudo**, devido ao modelo de sociedade capitalista, poucas ações efetivas relativas à sustentabilidade estão sendo tomadas. Medidas simples, tais como a conscientização da população sobre a importância do lixo bem como deste para a economia, devem ser implantadas (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Lixo: questão de cidadania e responsabilidade social

1.2 Anulação: introduz uma ideia negativa que desconsidera o que foi dito.

Exemplo 3: Muitas vezes, esse sentimento experimentado pelos brasileiros é definido como um patriotismo aflorado. **Contudo**, algum tempo após o término da competição, tendo o Brasil conquistado ou não a vitória, todos retornam a sua rotina anterior à Copa, e o sentimento que era de orgulho em relação à pátria cede lugar à antiga falta de interesse e até mesmo a críticas à nação, o que se mostra de certa forma incoerente com a campanha nacionalista desenvolvida durante os jogos futebolísticos (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Por que o patriotismo brasileiro só se revela em época de Copa do mundo?

1.3 Compensação: introduz uma ideia positiva que se sobressai em relação ao que foi dito.

Exemplo 4: Desde a sua descoberta, a AIDS atinge milhares de pessoas em todo o mundo. **Contudo**, com o grande número de pesquisas e o avanço da tecnologia, já é possível controlar a doença, prolongando o tempo de vida do portador do vírus (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: A AIDS não é mais a mesma? Por que diminuiu o medo da doença?

Nota: *Contudo* marca a introdução da opinião dos escritores, demonstrando o direcionamento da argumentação. Um erro comum é usar *contudo* para introduzir a conclusão de um texto.

Posição textual:

Intercalando frases/orações (30)
Início de frases (53)

Sinônimos: todavia, entretanto.

Classe gramatical: conjunção.

Etimologia: prep. *com* + pron. *tudo*.

6.3.2 Porque

De acordo com Bechara (2009), *porque* estabelece relação causal e introduz um motivo ou razão em relação ao que foi dito anteriormente. Segundo Cunha & Cintra (2007) e Paschoalin & Spadoto (2008), *porque* pode estabelecer tanto relação de causa quanto de explicação.

Geralmente, esses dois tipos de relação possuem uma diferença muito tênue do ponto de vista semântico, tanto é que Paschoalin & Spadoto (2008) esquematizam um quadro especialmente voltado para esclarecer as distinções entre as orações subordinadas causais e as orações coordenadas explicativas. Desconsiderando as diferenças relativas às questões sintáticas, podemos dizer, em conformidade com as referidas autoras, que as orações causais expressam ideia de causa e efeito, por exemplo: “as plantas estão secando *porque* não tem chovido” (PASCHOALIN; SPADOTO, 2008, p. 330, grifo das autoras). As causais explicitam o que, de fato, provocou o que foi dito, de maneira a revelar certeza. A relação de explicação implica expressar um fato que simplesmente esclarece o que foi dito, por exemplo: “não tem chovido, *porque* as plantas estão secando” (PASCHOALIN; SPADOTO, 2008, p. 330, grifo das autoras). Segundo as autoras, as orações explicativas expressam suposição, ordem ou sugestão. Podemos perceber que o fato de as plantas estarem secando não é a causa da falta de chuva, por isso não há uma relação de causa e efeito. As plantas secas são apenas uma suposta evidência de que não tem chovido.

De acordo com Koch (2008), a relação de causa é lógico-semântica. Podemos relacionar essa informação com a prescrição que a oração causal recebe nas gramáticas: o escritor vai usá-la em situações em que não puder haver interpretações extremamente

subjetivas, a relação de causa não depende da opinião do locutor e expressa uma certeza. Já a relação de explicação, segundo Koch (2008), está no rol das relações discursivas ou argumentativas, e isso significa que dar uma explicação não é apresentar um motivo certeiro e indiscutível, mas discorrer sobre como aconteceu uma situação ou explicitar, a partir de uma visão subjetiva, a justificativa de um acontecimento.

É válido pontuar que, para nós, o sentido das palavras “causa” e “explicação” estão relacionados, por isso é difícil explicar a diferença entre as relações causais e explicativas do ponto de vista semântico. Assim, optamos por considerar “causa” e “explicação” como duas nuances de sentido (acepções) que surgem dentro da relação de justificação. Justificar é dizer o porquê, a razão, o motivo, e pode ser feito de duas maneiras: explicitando uma causa ou tecendo uma explicação convincente, clara e objetiva. Cabe esclarecer que as acepções foram organizadas por ordem decrescente de frequência: explicação (224) e causa (15). Diante do exposto, a ficha lexicográfica de *porque* apresenta-se da seguinte maneira:

porque (por.que)

Frequência 239



1. elemento de coesão textual que estabelece relação de justificativa, usado para introduzir um esclarecimento sobre o que foi dito anteriormente.

1.1 Explicação: introduz uma explicação sobre o que foi dito anteriormente, a partir de uma visão mais subjetiva, relacionando-se a ideias ou fatos que expressam suposição, ordem ou sugestão.

Exemplo 1: O problema da violência não é algo particular, pelo contrário, envolve todos da sociedade, desde a pessoa que dita o padrão da moda até o jovem de “boa classe” que segue esse padrão. Se cada vez mais jovens são levados ao crime, é **porque** em seu convívio familiar e em sua comunidade falta algo que em outro, por ele visto, sobra. A redução da maioridade penal não é a questão a ser discutida e de maneira nenhuma resolverá o problema da violência, ela só o agravará mais ainda (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Deve-se reduzir a maioridade penal no Brasil?

Exemplo 2: Aborto, no Brasil, é considerado crime, mas ainda assim existem lugares que proporcionam à “mãe” métodos abortivos, - digo mãe entre aspas, **porque** uma pessoa que tem coragem de acabar com a vida de um ser totalmente indefeso não tem verdadeiro espírito materno -, e isso necessita de fiscalização (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: O aborto deve ou não deve ser legalizado? Por quê?

1.2 Causa: introduz uma causa que está associada a uma consequência anteriormente mencionada, relacionando-se a ideias ou fatos que expressam certeza.

Exemplo 3: Os índices de acidentes no Brasil são muito grandes, pode ser em feriado ou dia útil. Em muitos casos, as pessoas morrem por atropelamento e, muitas vezes, o motorista é preso **porque** não prestou socorro às vítimas. Na verdade, deveriam existir leis mais específicas e severas em relação a esse assunto (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: A sociedade brasileira e os conflitos no trânsito

Exemplo 4: Vemos ainda que, novamente, o tumulto e a depredação mancharam a imagem do protesto que, de início, foi pacífico, mas deixou pessoas feridas e outros até foram detidos. Tudo isso **porque** o grupo do Black bloc infiltrou-se em meio aos manifestantes e cometeu esses atos de violência sem necessidade (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Experiências com animais e violência em manifestações

Nota: *Porque* pode marcar a opinião do escritor do texto, revelando a sua competência para argumentar, como podemos ver nos exemplos 1 e 2, ou pode ser usado para ligar ideias que se relacionam de maneira lógica, evidenciando que o escritor possui conhecimento de mundo sobre o tema abordado, conforme ilustrado nos exemplos 3 e 4. Um erro frequente é usar *porque* para elaborar perguntas.

Posição textual:

Intercalando frases (227)

Início de frases/orações (12)

Sinônimos: pois, uma vez que, visto que.

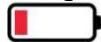
Classe gramatical: conjunção

6.3.3 Ou seja

Para formularmos a definição de *ou seja*, nos apoiamos nos subsídios de Koch (2008, 2011), Antunes (2005), Almeida (2001), nos dicionários alvo de nossa pesquisa e na observação das linhas de concordância do *corpus* de redações.

ou seja (ou se.ja)

Frequência 135



elemento de coesão textual que estabelece relação de explicação, usado para introduzir uma reformulação em relação ao que foi dito antes.

Exemplo 1: Bill Gates, Steve Jobs, o ex-presidente Lula e a modelo Gisele Bündchen são alguns dos milionários que abandonaram os estudos ou não tiveram oportunidade de estudar e ainda assim obtiveram o êxito profissional. Porém, ao levarmos em consideração o tamanho da população mundial, observamos que tais casos são praticamente 1 em 1 milhão, **ou seja**, uma minúscula parcela da população atinge tal feito (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Qual a relação entre o estudo e uma carreira profissional bem sucedida?

Exemplo 2: [...] a Austrália já anunciou uma sondagem sobre as enchentes que devastaram grande parte de um de seus estados nas últimas semanas, com a formação de Comissão de Inquérito (que custará 15 milhões de dólares australianos (R\$ 25 milhões)) responsável pela entrega de relatórios para avaliar sistemas de alerta, planejamento governamental e a estrutura de atendimento emergencial. **Ou seja**, o governo australiano, diferentemente do governo brasileiro, dá sinais de preocupação com a vida e segurança de seus cidadãos, na medida em que aloca recursos públicos com prioridade para o bem-estar de seu povo, tão logo ocorra algum infortúnio (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Enchentes: o excesso de chuvas é o único responsável pelo desastre?

Exemplo 3: A culpa do estupro é atribuída à vítima, seja devido à vestimenta ou ao comportamento inadequado. Aceita-se o fato de que o homem, apesar de ser racional e pensante, não consegue controlar seus instintos perante uma mulher, **ou seja**, além dos traumas, complicações e problemas pelos quais a vítima pode passar, esta também leva a culpa de ser estuprada.

O estupro é um crime tão perigoso como qualquer outro e não deve ser tolerado [...] (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: “Cultura do estupro”: a culpa é da vítima?

Exemplo 4: Os artistas e outras personalidades públicas, focos de interesse dos autores de biografias, defendem, é claro, a sua privacidade a todo custo. Como, por exemplo, Caetano Veloso, que ironicamente se contradiz ao afirmar ser a favor das biografias não autorizadas de figuras como José Sarney e Roberto Marinho. **Ou seja**, ele, assim como outros artistas do grupo "Procure Saber", está agindo de acordo com os seus próprios interesses - e não com os da nação (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Biografias: personagens e autores em confronto

Nota: *Ou seja* é uma expressão que introduz paráfrase, isso significa que, se for bem-elaborada, demonstrará ao leitor que o escritor possui bom domínio do vocabulário da língua, pois sabe usar palavras diferentes para explicitar uma mesma ideia, como ocorre no exemplo 1. Além disso, *ou seja* pode marcar a opinião do produtor textual. Nos exemplos 2, 3 e 4, ao reformular o que foi escrito antes de *ou seja*, os escritores evidenciam o posicionamento deles, indicando qual é o argumento mais forte.

Posição textual:

Intercalando frases/orações (115)

Início de frases (20)

Sinônimos: isto é, quer dizer.

Classe gramatical: conjunção (locução conjuntiva)

6.3.4 Com isso

Para elaborarmos a definição de *com isso*, tivemos como base as colaborações teóricas de Garcia (2010), Koch (2008), Antunes (2005) e, em especial, as linhas de concordância do *corpus* de redações.

com isso (com is.so)

Frequência 89



elemento de coesão textual que estabelece relação de consequência, usado para introduzir o(s) resultado(s) acarretado(s) por ações ou fatos expostos anteriormente.

Exemplo 1:

Dia 21/12/2012 foi mais uma previsão frustrada do apocalipse. O calendário maia nunca foi tão estudado como nos últimos meses e algumas interpretações foram divulgadas e conquistaram a confiança das pessoas. Uma das interpretações é a de que simplesmente o indivíduo que escrevia o calendário morreu, e ninguém mais o continuou. Outra interpretação é a de que o calendário não teria uma continuação, porque aquela data era realmente a última – o dia do fim do mundo.

Muitas pessoas levaram realmente essa ideia a sério e resolveram fazer tudo o que nunca fizeram em meses, ou até em dias, antes do tal fim do mundo mentiroso. **Com isso**, várias fizeram dúvidas absurdas com imóveis, viagens e carros, achando que nunca teriam que pagar por tudo isso (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Por que a ideia de fim do mundo atrai e assusta?

Exemplo 2: A mentira revela certa fraqueza humana em lidar com a realidade. Desde criança, a verdade é repreendida por estar ligada a travessuras. **Com isso**, torna-se mais fácil ofuscar a verdade, para, assim, aliviar-se do castigo. Cria-se, portanto, uma zona neutra, na qual a integridade física e mental da criança está protegida através da mentira (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Mentira é doença, problema moral, necessidade ou brincadeira?

Exemplo 3: De acordo com a legislação brasileira, são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos. Devido a este fato, os jovens passam a ser explorados por

maiores, que os utilizam na linha de frente do crime. **Com isso**, a redução da maioridade penal seria eficiente no combate desse ato, pois os jovens estariam sujeitos a serem presos assim como os adultos. Assim, o temor coibiria os menores de praticarem atos ilícitos (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Como resolver o problema da criminalidade infantil em nossa sociedade?

Nota: *Com isso* também pode marcar a opinião do escritor, como acontece no exemplo 3.

Posição textual:

Início de frases (46)

Intercalando frases/orações (43)

Sinônimos: assim, portanto, logo.

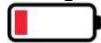
Classe gramatical: conjunção (locução conjuntiva)

6.3.5 Até mesmo

Para elaboramos a definição de *até mesmo*, utilizamos como colaboração teórica Koch (2011), o estudo de Almeida (2001) e a observação das linhas de concordância do nosso *corpus* de redações.

até mesmo (a.té mes.mo)

Frequência 202



elemento de coesão textual que estabelece relação de adição, usado para introduzir o argumento mais forte que defende uma opinião.

Exemplo 1: Inicialmente, o MMA não apresentava muitas regras, sendo um risco iminente à integridade física dos praticantes. A ausência de “limites”, ou medidas de precaução, certamente tornava perigosa a luta, observando-se **até mesmo** a possibilidade de morte. Porém, no final da década de 90 e início dos anos 2000, algumas alterações foram feitas (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: O MMA é um esporte como outros ou injustificada glorificação da violência?

Exemplo 2: Os esportes de luta sofrem uma significativa pressão social, principalmente por serem retratados como brutais, ocasionalmente, pelos meios de comunicação. O MMA não é diferente, especialmente por ser uma espécie de fusão de diversas outras lutas. É considerado **até mesmo** por lutadores de outras modalidades como um esporte

altamente perigoso. Surge, então, uma importante questão: a prática desse esporte deveria ser proibida? (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: O MMA é um esporte como outros ou injustificada glorificação da violência?

Exemplo 3: Por outro lado, em alguns momentos, o padrão culto da língua adquire menos importância, como na internet. Neste veículo informacional, é viável o emprego de expressões abreviadas, estrangeirismos e **até mesmo** neologismos, contanto que haja coerência o suficiente para se estabelecer uma comunicação (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Norma culta x variantes linguísticas: qual deve ser a posição da escola?

Exemplo 4: Os estudantes foram mal educados ao chamarem a aluna Geisy de garota de programa. Além disso, foram muito preconceituosos, porque **até mesmo** uma prostituta tem o direito de ter uma profissão, uma vida digna (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Caso Geisy: exibicionismo, machismo, intolerância ou má-educação?

Nota: O argumento mais forte introduzido por *até mesmo* geralmente revela um fato, uma situação ou algo que, de certa forma, é inesperado, surpreendente, por ser menos provável de acontecer. Para ilustrar essa questão, podemos nos remeter ao exemplo 1: a morte é o argumento mais forte para sustentar a ideia de que o MMA é um esporte perigoso e, ao mesmo tempo, a morte decorrente da prática do esporte é mais difícil de ocorrer em relação aos outros tipos de lesão corporal que não são letais e que os lutadores sofrem. Dessa forma, é importante que o escritor saiba organizar bem a ordem dos seus argumentos, de modo a observar qual deles realmente deve ser antecedido por *até mesmo*. O exemplo 4 é uma exceção extraída do *corpus*. Além de introduzir o argumento mais forte, revelou a desvalorização e a depreciação que existe por parte da sociedade em relação à profissão de prostituta. Dentre outras profissões, a de prostituta é a que menos tem chances de ser considerada como digna. Essa questão da depreciação fica clara, por exemplo, se alguém menciona: “*Até mesmo* o Chile é superior ao Brasil em relação ao *ranking* da educação”. Muito provavelmente, vamos inferir que o interlocutor não esperava tal resultado, justamente por considerar o Chile um país inferior ao Brasil, menos digno de mérito. Portanto, é preciso que o escritor fique atento aos efeitos de sentido que *até mesmo* pode provocar no texto em algumas situações.

Posição textual:

Intercalando frases/orações (199)

Início de frases (3)

Classe gramatical: conjunção (locução conjuntiva)

6.3.6 Assim como

Para elaborarmos a definição de *assim como* utilizamos como suporte Koch (2008, 2011), Antunes (2005) e as linhas de concordância do *corpus* de redações. Nas ocorrências do *corpus*, observamos que tal multipalavra estabeleceu dois tipos de relações diferentes: comparação e adição. Dessa forma, *assim como* deve ter duas entradas diferentes, já que tais relações não possuem semelhanças. Com base em Cançado (2008), podemos dizer que são homônimas. Assim, a seguir, elaboramos uma ficha lexicográfica para cada uma das relações que dizem respeito a *assim como*.

assim como (as.sim co.mo)

Frequência 75



elemento de coesão textual que estabelece relação de comparação, usado para introduzir uma menção a fatos e situações que possuem características em comum.

Exemplo 1: União Europeia, Mercosul, Nafta e Benelux são tendências político-econômicas de um mundo globalizado. E por que a tendência de unificação não poderia acontecer com uma língua? O novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa, em vigor desde primeiro de janeiro deste ano, insere-se dentro do quadro gerado pela globalização.

A história da língua portuguesa, **assim como** a de outras línguas, sugere que houve mudanças. Ao leremos um clássico da literatura brasileira, podemos perceber isso. E por que tanta resistência a esse Acordo? (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: O que você acha do novo Acordo Ortográfico?

Exemplo 2: Fora chancelada pelo Congresso Nacional a nova lei do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a qual versa sobre a proibição de qualquer contato físico agressivo dos pais para com seus filhos. Com a aprovação dessa lei, a polícia terá o direito de invadir o lar dos pais - **assim como** fazem com bandidos -, apenas pelo fato de os pais estarem educando, de maneira mais enérgica, seu(s) filho(s) (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: O que você pensa da proibição à prática do castigo físico?

Exemplo 3: O uso de bebidas alcoólicas deve ser controlado, principalmente, para evitar a dependência. **Assim como** as drogas ilícitas, a bebida alcoólica vem causando transtornos à sociedade (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Deve ou não haver maior controle sobre o consumo do álcool?

Nota: *Assim como*, ao ser usado para introduzir comparação de maneira coerente, torna-se uma estratégia argumentativa, porque evidencia para o leitor que o escritor sabe estabelecer relações com outras questões, assuntos ou situações que não estão

diretamente em pauta, mas que, de algum modo, assemelham-se. Além disso, pode denunciar a opinião do escritor, como ocorre nos exemplos 2 e 3.

Posição textual:

Intercalando frases/orações (63)

Início de frases (12)

Sinônimos: da mesma forma que, do mesmo modo que, bem como.

Classe gramatical: conjunção (locução conjuntiva)

assim como (as.sim co.mo)

Frequência 23



elemento de coesão textual que estabelece relação de adição, usado para introduzir um argumento que possui mesma importância que outro, a fim de contribuir para defesa de uma opinião.

Exemplo 1: [...] as pesquisas tinham um ótimo propósito a favor da saúde do homem, porém, nem por isso devemos parar de questionar e cobrar esclarecimentos em relação ao uso de animais em pesquisas para o avanço da medicina, pois cabe apenas ao homem defendê-los.

O nome e a imagem do Instituto **assim como** a credibilidade dos procedimentos desse tipo de pesquisa agora estão em jogo. Medidas mais caras, talvez, teriam sido mais bem empregadas nesse tipo de caso (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Experiências com animais e violência em manifestações

Exemplo 2: Se quisermos encontrar as soluções, precisamos antes entender as causas desse problema. A ausência de pedagogos e psicólogos nas escolas e a falta de punições severas, vinculadas à falta de conversas entre pais e filhos sobre o assunto, o que ocorre com a maioria dos jovens, fazem com que eles não entendam que isso é errado, que é uma atitude vergonhosa, ou que, se eles o fizerem, haverá consequências significativas. Além disso, o fácil acesso a armas **assim como** a formação de gangues só contribuem para aumentar ainda mais os casos relativos ao assunto em questão (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Violência escolar: expor o problema e sugerir soluções

Exemplo 3: O estupro é um crime tão perigoso como qualquer outro e não deve ser tolerado. Diante disso, é preciso que exista a imposição de penas adequadas aos infratores, a busca por mudanças em relação ao pensamento medieval que envolve a “cultura do estupro”, a educação sexual **assim como** a valorização e igualdade dos sexos (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: “Cultura do estupro”: a culpa é da vítima?

Posição textual:

Intercalando frases/orações (20)

Início de frases (3)

Sinônimos: bem como, e.

Classe gramatical: conjunção (locução conjuntiva)

6.3.7 Portanto

Para elaborarmos a definição de *portanto*, utilizamos como respaldo teórico Koch (2011), Antunes (2005) e, especialmente, a análise das linhas de concordância do *corpus* de redações.

portanto (por.tan.to)

Frequência 297



elemento de coesão textual que estabelece relação de conclusão, usado para introduzir uma ideia dedutiva a partir do que foi exposto anteriormente.

Exemplo 1: A principal desculpa para não se usar camisinha é a confiança no parceiro, porém ele pode ter contraído o HIV anteriormente e não saber, pois, às vezes, o vírus permanece no corpo por anos antes de a doença se manifestar. Com a efemeridade dos relacionamentos atuais, há casos em que a pessoa tem relações com muitas outras, espalhando a doença antes de descobrir que a tem. **Portanto**, o fato de conhecer o outro e a aparência saudável dele não fazem uma relação sexual ser necessariamente segura (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: A AIDS não é mais a mesma? Por que diminuiu o medo da doença?

Exemplo 2: Nesse sentido, é interessante destacar a pesquisa divulgada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA): “Sustentabilidade aqui e agora”, realizada com as pessoas de 11 capitais brasileiras. Esse estudo mostra que existe uma contradição entre a preocupação existente e o comportamento, de fato, das pessoas. **Portanto**, a educação da população deve acontecer no intuito de tentar reverter essa situação (*UOL Educação*).

Tema da proposta textual: O Brasil e o conflito: defesa do meio ambiente x desenvolvimento econômico

Exemplo 3:

Joias perdidas em silêncio

“Ideologia”, “O tempo não para” e “Exagerado” são algumas das músicas que eternizaram o cantor brasileiro Cazuza. Outros artistas, como Renato Russo e Freddie Mercury, também são ídolos até hoje. O que eles possuem em comum? O fato de terem adquirido a AIDS, uma doença viral que atinge 600 mil pessoas no Brasil. Ela vem sendo esquecida nos últimos anos devido à mídia, aos próprios jovens e ao governo.

Os meios de comunicação em massa, em especial a televisão, são responsáveis por essa situação quando não abordam de maneira satisfatória. Percebe-se, nesse caso, o pouco espaço dedicado à discussão do tema, visto que muitas vezes o sexo gratuito, banal e despreocupado recebe destaque em programas em detrimento da relação segura e respeitosa, com o uso de camisinha.

Além disso, está claro que os próprios jovens não se preocupam com a possibilidade de adquirirem a patologia. Com essa mentalidade, estes não utilizam os preservativos, vistos como um falta de confiança para com o parceiro, e não realizam os exames que concedem um diagnóstico preciso. Muitos desses indivíduos possuem as informações necessárias para o entendimento da doença, contudo pensam se tratar de algo distante de sua realidade.

Assim como a juventude, o governo também tem dado pouca relevância ao assunto, mesmo que alguns programas já estejam em vigor. Indubitavelmente, as autoridades políticas possuem um grande poder, que deveria ser utilizado para a melhoria das taxas ainda elevadas de aidéticos brasileiros. Com isso, as despesas relacionadas à saúde diminuiriam, e isso possibilitaria o redirecionamento do capital remanescente a outros setores. Ganha a sociedade, ganha o Estado.

Portanto, é evidente a negligência e conivéncia de diversos setores sociais com relação ao combate ao vírus. Convém ressaltar a importância da união de órgãos públicos e privados para o investimento em novas pesquisas de tratamentos e das políticas direcionadas à divulgação e orientação de adolescentes nas escolas. Desse modo, todos seriam poupadados da perda de seus ídolos. Cazuza, Renato Russo e Freddie Mercury que o digam (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: A AIDS não é mais a mesma? Por que diminuiu o medo da doença?

Exemplo 4:

A droga do álcool

O uso de bebidas alcoólicas deve ser controlado, principalmente, para evitar a dependência. Assim como as drogas ilícitas, a bebida alcoólica vem causando transtornos à sociedade.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, o alcoolismo é uma doença que pode ser administrada, mas não tem cura. Essa questão mobiliza organizações não governamentais, como os Alcoólatras Anônimos, com o objetivo de controlar esse distúrbio comportamental, evitando outras doenças, como as hepáticas e as renais.

A ingestão de bebidas tornou-se um problema social devido aos seus efeitos. O consumo exagerado de bebida alcoólica pode destruir o convívio familiar, causar dependência, além de provocar mortes no trânsito.

Nessa perspectiva, não é possível admitir que um produto tão maléfico a todos seja divulgado livremente nos meios de comunicação. Embora a Lei obrigue os

empresários a alertar os consumidores sobre o consumo exagerado, as propagandas contam com a participação de artistas que são formadores de opinião. Isso contribui para o aliciamento dos indivíduos.

Portanto, o poder público e a sociedade organizada deverão elaborar leis mais rígidas que considerem a bebida alcoólica como droga ilícita e que permitam a fiscalização de sua aplicabilidade. Dessa forma, quem dirigir em estado de embriaguez terá punições severas, os empresários serão proibidos de divulgar os produtos nos meios de comunicação e o serviço público de saúde deverá oferecer tratamento especializado para o alcoolismo (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Deve ou não haver maior controle sobre o consumo de álcool?

Nota: *Portanto* pode marcar a opinião do autor em relação ao tema que está sendo discutido no texto, como ocorre nos exemplos 1 e 2. Ao introduzir o parágrafo de conclusão de um texto, *portanto* pode iniciar um resumo das principais ideias e opiniões que o escritor apresentou nos parágrafos anteriores, como ocorre no exemplo 3. Assim, *portanto* ajuda a evidenciar o posicionamento do autor, na medida em que introduz essa retomada e finaliza o texto. Além disso, *portanto* também pode introduzir ações ou medidas que devem ser tomadas diante de problemas expostos, como ocorre no exemplo 4. Nesse caso, há o fortalecimento da opinião e da argumentação desenvolvidas durante o texto, uma vez que o autor chega à conclusão de que é preciso haver mudanças, a fim de amenizar ou erradicar as problemáticas mencionadas.

Posição textual:

Início de frases (213)

Intercalando frases/orações (84)

Sinônimos: logo, assim, diante disso, em suma.

Classe gramatical: conjunção

6.3.8 De acordo com

Queremos expor a dificuldade que encontramos ao tentarmos classificar a multipalavra *de acordo com*. Em primeiro lugar, na parte referente à morfologia da gramática de Paschoalin & Spadoto (2008), as autoras classificam-na como locução prepositiva accidental e apresentam o seguinte exemplo: “Resolvi o exercício de acordo com a orientação do professor” (PASCHOALIN; SPADOTO, 2008, p. 174). No entanto, na parte de sintaxe que diz respeito às orações subordinadas adverbiais, as autoras mencionam a relação de conformidade e apresentam o seguinte exemplo: “Fizeram tudo consoante o que fora combinado” (PASCHOALIN; SPADOTO, 2008, p. 328, grifo das autoras). *Consoante* pode perfeitamente ser substituído por *de acordo com*. Diante disso, nos questionamos: em termos de sentido, como diferenciar a locução prepositiva *de acordo com* da locução conjuntiva *de*

acordo com? Até mesmo se tivermos como critério a sintaxe, é difícil discernir tal diferença, pois sabemos que tanto as preposições quanto as conjunções ligam dois termos de uma oração.

Em relação às linhas de concordância, desconsideramos todas as ocorrências em que *de acordo com* funcionava como adjetivo na acepção “em concordância com”, conforme o Houaiss (2009) apresenta, por exemplo, “*estar conforme com uma proposta*” (HOUAISS, 2009). Foram 22 ocorrências. A seguir, exemplificamos algumas:

“O Brasil infelizmente não está *de acordo com* o padrão da FIFA”.

“está agindo *de acordo com* os seus próprios interesses”.

“No Brasil um homem que comete assassinato será julgado e penalizado *de acordo com* o previsto no código penal”.

Também desconsideramos a acepção “proporcional, adequado às qualidades, ao valor de algo ou de alguém”, conforme o Houaiss Eletrônico (2009) apresenta, por exemplo: “*uma reação conforme o estímulo recebido*”. Foram 14 ocorrências dessa natureza.

“Sua influência nos rumos de uma sociedade deve variar *de acordo com* o setor, atuando plenamente nele ou apenas regulando e intervindo quando for necessário para evitar abusos ou injustiças”.

“contudo, a utilização dos bonés pode variar *de acordo com* o estabelecimento de ensino ou opinião do professor”.

”pois os lutadores tem que manter o peso *de acordo com* sua categoria”.

E desconsideramos o uso inadequado abaixo:

“Pois, é *de acordo com* os planos de desenvolvimento de cada país que se poderá ter uma noção sobre a relevância negativa e positiva da crise.”

Análise: “*de acordo com*” deve ser substituído por “analizando”.

Além disso, identificamos o sentido de “dependência”, em que, segundo Aulete (2007), *de acordo com* cumpre função de conjunção. No entanto, não há esclarecimento sobre qual seria o tipo de relação que tal conjunção estabelece. Há apenas o seguinte: “13. Na dependência de (situação, circunstância etc.): *Conforme* o tempo, vamos ou não viajar este

fim de semana” (AULETE, 2007). Encontramos 4 contextos linguísticos em que *de acordo com* foi usado dessa mesma forma:

“De acordo com assunto ela [a imprensa] pode tender para um dos lados, sem apresentar imparcialidade”.

“não faz sentido estabelecer uma hierarquia entre as diferentes variantes linguísticas do português, uma vez que cada uma pode ser considerada correta, ou mais adequada, simplesmente, *de acordo com o contexto*”.

“Com a liberação do Supremo Tribunal Federal, a decisão [do aborto] fica *de acordo com a visão e o sofrimento do casal*”.

“As biografias que hoje circulam no mercado podem ser reconhecidas por alguns artistas como indiscretas em relação a estes. Envolvendo invasão no poder de resguardar informações pessoais do retratado, sem uma autorização prévia, a obra pode tornar-se inapropriada *de acordo com o objeto de seu tema*”.

Acreditamos que a acepção de “dependência” aproxima-se mais da relação condicional do que da relação de conformidade. Como não encontramos material de consulta (gramáticas e dicionários) que pudessem nos esclarecer, com exatidão, sobre tal questão, optamos por não trabalhar com ela na elaboração de nossa ficha lexicográfica, que ficou da seguinte maneira:

de acordo com (de a.cor.do com)

Frequência 32



1. elemento de coesão textual que estabelece relação de conformidade, usado para introduzir menção a algo ou a alguém, a fim de destacar uma informação ou ponto de vista.

Exemplo 1: Embora muitos adultos tenham aderido ao “fast food”, uma das maiores preocupações é com as crianças, tendo em vista que a obesidade infantil aumentou significativamente nos últimos vinte anos. **De acordo com** a Sociedade de Pediatria de São Paulo, são, aproximadamente, cinco milhões de brasileirinhos obesos. Convém lembrar ainda que tem surgido um grande número de crianças com diabetes, levando muitos pais a um estado de alerta (*UOL Educação*).

Tema da proposta textual: A quem cabe a responsabilidade sobre a escolha alimentar da população?

Exemplo 2: Com certeza, a influência que várias pessoas exercem sobre um jovem levou à prática de ações que podem ser prejudiciais à saúde. **De acordo com** Rousseau: “o

homem é bom, mas a sociedade o corrompe”. O ser humano, em sua grande maioria, é corrompido e iludido por outros, o que o leva a ser ignorante e a praticar tais atos (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: A AIDS não é mais a mesma? Por que diminuiu o medo da doença?

Exemplo 3: Embora, **de acordo com** a pesquisa, os brasileiros acreditem que a culpa seja da vítima, o estupro tem raízes no machismo. Nos primeiros anos da colonização, os portugueses já atacavam índias nativas sem que houvesse algum órgão que os punisse. A violência sexual contra as mulheres ocorreu também durante a escravidão e persiste na contemporaneidade. Na invasão holandesa em Pernambuco, durante 24 anos, por exemplo, documentos comprovam que os holandeses se impressionaram com o machismo e com a violência física e moral sofrida pela mulher naquela época. Logo, esse problema que afeta o sexo feminino sempre esteve presente em nossa História. Jorge Amado, inclusive, romanceia em “Capitães da Areia” um estupro sofrido por uma jovem nos arredores de Salvador pelo herói Pedro Bala (*Adaptado do UOL Educação*)..

Tema da proposta textual: “Cultura do estupro”: a culpa é da vítima?

Nota: Ao empregar adequadamente *de acordo com*, o escritor faz menção a pessoas, a informações provenientes de instituições, a dados advindos de pesquisas, ou seja, de pessoas, lugares e outras “vozes” que possuem propriedade para falar sobre o tema do texto, a fim de fortalecer ou comprovar a sua opinião. O escritor também pode fazer essas menções apenas para demonstrar que possui conhecimento sobre o tema sem necessariamente concordar com tudo o que foi expresso na ideia introduzida por *de acordo com*, como ocorre no exemplo 3. Nessas duas estratégias, a argumentatividade está presente, pois ajuda o escritor a convencer o leitor de que possui domínio sobre o tema.

Posição textual:

Início de frases (18)
Intercalando frases/orações (14)

Sinônimos: segundo, consoante, conforme.

Classe gramatical: conjunção (locução conjuntiva)

6.3.9 Por exemplo

Antes de elaborarmos a ficha lexicográfica de *por exemplo*, analisamos todas as linhas de concordância (209) relativas ao *corpus* total 2009 a 2014 e eliminamos os três usos inadequados que identificamos:

“Com isso temos também o bulliyng ele acontece mais nas escolas e também nas redes sociais como **por exemplo** a internet, as crianças sofrem violência pelos

os alunos da própria escola, em relação a raça, a religião, e muito mais, na internet são as fotos ou até mesmo as pessoas são xingadas”.

Análise: “internet” não é exemplo de rede social. *Facebook, Whatsapp e Twitter*, sim, são exemplos.

“Na minha opinião o que falta hoje em dia para quem não tem acesso as tecnologias (computador) é a "autonomia" que é um fator importantíssimo para os jovem de classe baixa, nas escolas publicas os jovem na maioria das vez são manipulados pelos pais a estudar, porem isso não influi nada, só querem saber da nota (não tirar vermelho), não estão nem ai para o que se desenvolver, como por exemplo um “grêmio escolar”, que seria importantíssimo para qualquer escola”.

Análise: O exemplo “grêmio escolar” não se relaciona com o tema proposto: tecnologia e educação.

“Planos de ações devem ser colocados em prática para tirarem estes adolescentes das ruas, como por exemplo, o incentivo ao esporte e à cultura”.

Análise: Incentivo ao esporte e à cultura não são exemplos de planos de ações. Na verdade, o incentivo é o objetivo do plano de ação. Quais seriam as atividades propostas para que se atinja tal meta?

Para confeccionarmos a ficha lexicográfica, nos apoiamos nas contribuições teóricas de Garcia (2010), Halliday & Hasan (1995), Koch (2008) e nas linhas de concordância relativas aos usos adequados presentes no *corpus* de redações.

por exemplo (por e.xem.plo)

Frequência 206



elemento de coesão textual que estabelece relação de exemplificação, usado para introduzir ilustração a respeito de conceitos, opiniões, fatos e situações.

Exemplo 1: A sociedade sempre teve uma visão deturpada dos jovens, que são considerados inconsequentes e, por vezes, desrespeitosos. Porém, é a imensa capacidade da juventude de aceitar novas ideias que sempre transforma o mundo em que vivemos. Durante a Guerra do Vietnã, **por exemplo**, foram os jovens hippies que se levantaram para protestar contra as mortes brutais que estavam ocorrendo (*Adaptado do UOL*)

Educação).

Tema da proposta textual: O conflito entre gerações e a convivência social

Exemplo 2: O consumismo e a felicidade são duas coisas diferentes e que são frequentemente confundidas: o marketing foi feito para induzir o indivíduo a comprar produtos dos quais ele, muitas vezes, não precisa, visto que o objetivo é sustentar a logística comercial, visando ao lucro. Crianças, **por exemplo**, são fortemente influenciadas por comerciais de brinquedos, em que tudo é lindo e tudo se torna magia, colocando os pais, algumas vezes, em situações nas quais se torna constrangedor negar o brinquedo à criança, impulsionando o consumo de forma apelativa (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Como se tornar um consumidor consciente? Isso é possível?

Exemplo 3: A meia-entrada se justifica por uma questão de justiça social. Ela possibilita, **por exemplo**, que estudantes de baixa renda tenham acesso a espetáculos que lhes seriam inacessíveis sem tal benefício. Assim, a meia-entrada democratiza o acesso à cultura e ao lazer (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Meia-entrada: você é contra ou a favor? Por quê?

Exemplo 4: É natural do ser humano ser sensível e querer viver, mas prolongar a existência de uma pessoa em estado terminal de câncer, **por exemplo**, não é a melhor solução. Dores insuportáveis e sofrimento inesgotável sempre são as maiores queixas de um paciente que procura a eutanásia, e buscar cessá-las deve ser a prioridade. Além do desgaste físico, há também o emocional, e essa prática poderia ser utilizada como forma de acabar com o padecimento da própria vítima e de dar alívio a toda uma família (*Adaptado do UOL Educação*).

Tema da proposta textual: Eutanásia: quem decide a hora certa de morrer?

Nota: *Por exemplo* pode ser usado para marcar a introdução de uma comprovação a respeito do que foi mencionado antes, conforme os exemplos 1, 2 e 3. Nesses tipos de casos, enumerar exemplos torna-se uma estratégia argumentativa, na medida em que influencia o leitor a ser convencido, por meio de provas, sobre o que está sendo dito pelo escritor. *Por exemplo* também pode ser usado para introduzir um esclarecimento a respeito de um conceito teórico, como ocorre no exemplo 2, quando o escritor ilustra uma situação que retrata o que é consumismo. Além disso, *por exemplo* pode ser usado para especificar uma situação, conforme ocorre no exemplo 4.

O elemento coesivo deve ser usado entre vírgulas ou entre vírgula e dois pontos.

Posição textual:

Intercalando frases/orações (178)

Início de frases (16)

Final de frases (12)

Sinônimos: como, tais como.

Classe gramatical: advérbio (locução adverbial).

Etimologia: Do latim *verbi gratia* (*v. g.*), *exempli gratia* (*ex. g.*).

Diante do exposto neste capítulo, acreditamos ter demonstrado que é possível propor mudanças que, de algum modo, melhorem as definições que os elementos coesivos sequenciais recebem, atualmente, nos dicionários alvo de nossa pesquisa. A tarefa de definir essas palavras é difícil e, embora ainda não tenha sido objeto de interesse de muitos pesquisadores e lexicógrafos (até onde temos conhecimento), é importante e merece ser analisada com mais atenção nas obras de consulta, em especial, naquelas cujo público-alvo envolve estudantes. Evidentemente, a nossa proposta é apenas uma sugestão que, certamente, pode passar por alterações após uma pesquisa com os consulentes desses mesmos dicionários.

No capítulo a seguir, tecemos as considerações finais a respeito do trabalho que realizamos nesta dissertação.

Instante

E que mais, vida eterna, me planejas?

*O que se desatou num só momento
não cabe no infinito, e é fuga e vento.*

(ANDRADE, 1998, p. 171).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, ressaltamos que a metodologia/abordagem da LC facilitou sobremaneira nosso trabalho. Se ele fosse feito sem um *corpus* eletrônico e sem o auxílio de um programa de análise lexical como o *WST*, com certeza, apresentaria um *corpus* de estudo reduzido e haveria uma margem de erro muito maior ao contabilizarmos manualmente, por exemplo, a frequência de uso de uma palavra.

Embora os recursos tecnológicos proporcionados pela LC tenham contribuído para tornar o desenvolvimento de nossas atividades metodológicas e de análise mais ágeis, o trabalho que efetuamos, em grande parte da pesquisa, foi árduo e dependeu bastante da bagagem de conhecimentos que temos a respeito do tema abordado. Em especial, exemplificamos, respectivamente, a compilação e organização do *corpus* de redações e a tarefa, de certo modo, subjetiva de analisar os usos inadequados dos elementos coesivos nesse mesmo *corpus* diante de todas as linhas de concordância em que estavam presentes.

Destacamos também que o estudo piloto foi essencial, visto que nos permitiu visualizar uma amostra de como seria o trabalho com o *corpus* de redações em um tamanho maior. As experiências obtidas por meio do estudo piloto nos mostraram uma parte do potencial que o *corpus* de redações possui, e isso nos ajudou a tomar decisões importantes para a continuidade da pesquisa. Assim, podemos dizer que a realização do estudo piloto foi uma escolha acertada e prudente.

No que diz respeito às perguntas de nossa pesquisa, podemos respondê-las:

a) A análise de um *corpus* de redações nos mostrará quais elementos coesivos sequenciais existem nele e quais são usados mais vezes de maneira inadequada no *corpus*?

Sim. Trabalhar com um *corpus* de redações foi extremamente enriquecedor para a nossa pesquisa. Conseguimos identificar vários elementos de coesão sequencial e os usos inadequados que foram feitos deles. Em primeiro lugar, isso nos propiciou partir de um critério sólido para realizar a nossa pesquisa. Em segundo lugar, com a análise dos usos inadequados, adquirimos uma percepção a respeito das dificuldades de escrita que se relacionam aos elementos coesivos – uma experiência que poderá ser importante em atividades futuras que tenham como objetivo a elaboração de exercícios de coesão. Em terceiro lugar, isso nos indicou quais elementos devem constar nos dicionários e receber uma definição satisfatória (principalmente nos de Tipo 4).

b) Qual é o tipo de definição que as palavras que cumprem a função de auxiliar na coesão sequencial recebem nos quatro dicionários alvo da pesquisa?

Não há um padrão de definição. Encontramos, basicamente: a definição por sinônima, um tipo de definição que parece visar ao uso dos elementos coesivos sequenciais e outro tipo de definição que realmente podemos dizer que focou no uso, esta apareceu raras vezes.

c) Nos quatro dicionários, há exemplos que contextualizam o uso da palavra pesquisada em conformidade com a definição apresentada?

Os exemplos estão presentes na maioria das definições dos dicionários Houaiss eletrônico, Aulete Digital e Novíssimo Aulete. Apenas no Dicionário Houaiss Conciso, sugerido pelo PNLD, os exemplos foram minoria. De maneira geral, estavam em conformidade com as definições, embora pudesse constar em maior quantidade ou pudesse ser não apenas frases curtas, mas trechos maiores de textos.

d) O Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa e o Dicionário Houaiss Conciso diferenciam-se dos dicionários *thesaurus* no que diz respeito às definições dos elementos coesivos sequenciais? Se sim, quais são as diferenças? Elas são significativas?

Entre o dicionário Novíssimo Aulete, sugerido pelo PNLD, e o Aulete Digital (*thesaurus*), não existem diferenças significativas acerca das definições dos elementos coesivos. Entre o Dicionário Houaiss Conciso, sugerido pelo PNLD, e o Houaiss eletrônico (*thesaurus*), há diferenças significativas. Na verdade, o Houaiss Conciso apresentou definições mais limitadas, isto é, com menos informações do que a versão *thesaurus*. Essas constatações demonstram que os dicionários Houaiss e Aulete disponibilizados para os alunos dos últimos anos do Ensino Básico não possuem diferenciais específicos que nos permitam afirmar, com segurança, que são dicionários pedagógicos.

e) O Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo da língua portuguesa e o Dicionário Houaiss Conciso são, de fato, um suporte para as práticas de escrita que se relacionam ao uso dos elementos sequenciais em um texto? Se sim, quais são as contribuições que eles oferecem? Se não, quais são os problemas?

Os dicionários ainda estão muito limitados às questões de gramática normativa, visando a uma perspectiva meramente frasal, em detrimento do realce que deveria ser dado aos aspectos que envolvem o uso dos elementos coesivos sequenciais também numa perspectiva textual (algo que tentamos reverter ao propormos nossa ficha lexicográfica). Portanto, para nós, tais obras de consulta não atingiram um nível de qualidade a ponto de afirmarmos que são suportes para as práticas de escrita que fazem parte do cotidiano dos alunos do Ensino Médio.

f) Qual é o tipo adequado de definição que os elementos coesivos sequenciais devem receber? O que é importante conter na microestrutura dessas palavras?

Tendo como respaldo as contribuições teóricas da Lexicografia, a nossa experiência profissional no professorado e na avaliação de redações e a nossa experiência com o *corpus* de redações, acreditamos que o tipo de definição adequado aos elementos coesivos sequenciais deve ser aquele que visa à função/uso da palavra na língua, em especial, no texto. Para formulá-la, estabelecemos a seguinte estrutura: **elemento de coesão textual que estabelece relação X, usado para**. No que diz respeito à microestrutura, chegamos à conclusão de que ela deve ser preenchida com as informações de: separação silábica, frequência, definição, nota sobre a definição, posição textual, classe gramatical, linguagem, sinônimos, etimologia, variante fraseológicas, exemplos de uso, fonte dos exemplos, tema da proposta textual. Vale ressaltar que, para o tipo de definição que tem em vista o uso da palavra, consideramos fundamental que não apenas o paradigma definicional, como também o informacional e o pragmático sejam estratégicamente planejados para auxiliar na caracterização do uso. Acreditamos que essa proposta possa gerar reflexões para os lexicógrafos que se dedicam a dicionários especialmente voltados para o público estudantil (e por que não para outros tipos de dicionários?).

g) O *corpus* de redações pode contribuir para a elaboração da definição e da microestrutura das palavras que são elementos de coesão sequencial? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?

Sim. Conforme o capítulo anterior mostra, para a elaboração das definições, não partimos apenas das colaborações teóricas da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa, mas também de uma análise minuciosa relativa ao uso dos elementos coesivos sequenciais nos *corpus* de redações. Além disso, o *corpus* de redações foi imprescindível para obtermos a frequência do elemento de coesão sequencial, a posição textual dele, as variantes fraseológicas, os exemplos de uso e o tema da proposta textual. Aliás, inserir a informação sobre o tema da proposta textual, em especial, foi uma ideia que surgiu devido ao fato de o *corpus* ser constituído de redações que foram elaboradas com base em determinados temas. E acreditamos que isso é um diferencial na nossa proposta lexicográfica que visa à produção textual. Cabe ressaltar também a importância de os exemplos de uso terem sido extraídos de redações. Isso, provavelmente, fará com que o consultante se identifique com a obra de consulta.

Além de respondermos às perguntas de pesquisa, queremos enfatizar que a proposta de definição lexicográfica que elaboramos para os elementos coesivos sequenciais é apenas uma

sugestão que, inclusive, pode passar por mudanças após uma pesquisa com o público-alvo do lexicógrafo, uma vez que tal procedimento é capaz de respaldar, realmente, as decisões que devem ser tomadas para a produção de um dicionário.

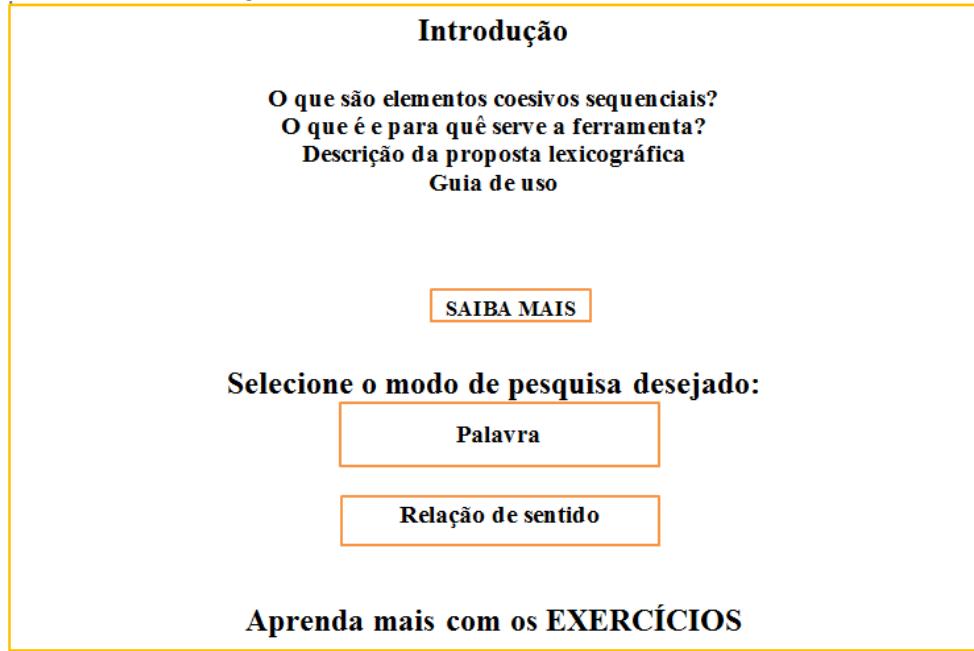
Acrescentamos que vemos a nossa pesquisa como uma amostra de que é possível reinventar o dicionário, aliviando o caráter prescritivo e dando margem à descrição, na medida em que apresentamos informações como a frequência, por exemplo. Esta proporciona ao consultante mais autonomia em relação ao uso da língua, pois apenas ele poderá dizer, tendo por base os parâmetros *frequência muito alta, alta, média, baixa e muito baixa*, se utilizar determinada palavra será positivo ou negativo para a sua produção textual.

É válido pontuar também que o fato de termos tecido mais críticas do que elogios aos dicionários alvo de nossa pesquisa não significa que eles devam ser depreciados. Afirmamos isso, porque as críticas que fizemos estão restritas apenas a um grupo de palavras: os elementos coesivos sequenciais. Ademais, a definição delas não é apenas um problema que se origina devido à falta de atenção aos dicionários escolares, mas também em virtude da ausência de suporte teórico que deveria orientar melhor sobre como lidar com essas palavras que são, majoritariamente, gramaticais. Nessa perspectiva, a questão da definição de palavras gramaticais é um problema que pertence não só aos dicionários alvo desta pesquisa, mas, possivelmente, a outros. Por fim, ao produzirmos as nossas fichas lexicográficas, adquirimos uma noção em relação ao grau de dificuldade que existe ao planejar e elaborar verbetes (em especial, a definição) de uma palavra com a qualidade que idealizamos. Diante disso, a nossa postura é a de respeitar as obras que analisamos.

Aludindo à questão dos dicionários escolares no Brasil, acreditamos que a iniciativa do MEC de considerar que existem diferentes públicos estudantis e que para cada um deles deve ser direcionado um tipo de obra de consulta foi fundamental e marcou a importância da Lexicografia Pedagógica no ensino. Mas, por meio da pesquisa que realizamos, observamos que ainda é preciso colocar em prática o desenvolvimento de dicionários que tenham o intuito de visar ao perfil dos alunos e às suas necessidades de aprendizagem, ou seja, dicionários que sejam, de fato, pedagógicos. Para tal efeito, é necessário haver mudanças. A primeira deve começar pela importância que, indubitavelmente, deve ser dada à disciplina de Lexicologia e Lexicografia nos cursos de graduação em Letras. Na UFU, por exemplo, tal disciplina não é obrigatória, o que faz com que muitos não se interessem por ela. Não é possível haver melhorias nos dicionários se não temos pessoas capacitadas profissionalmente para propô-las após terem sido realizadas pesquisas científicas.

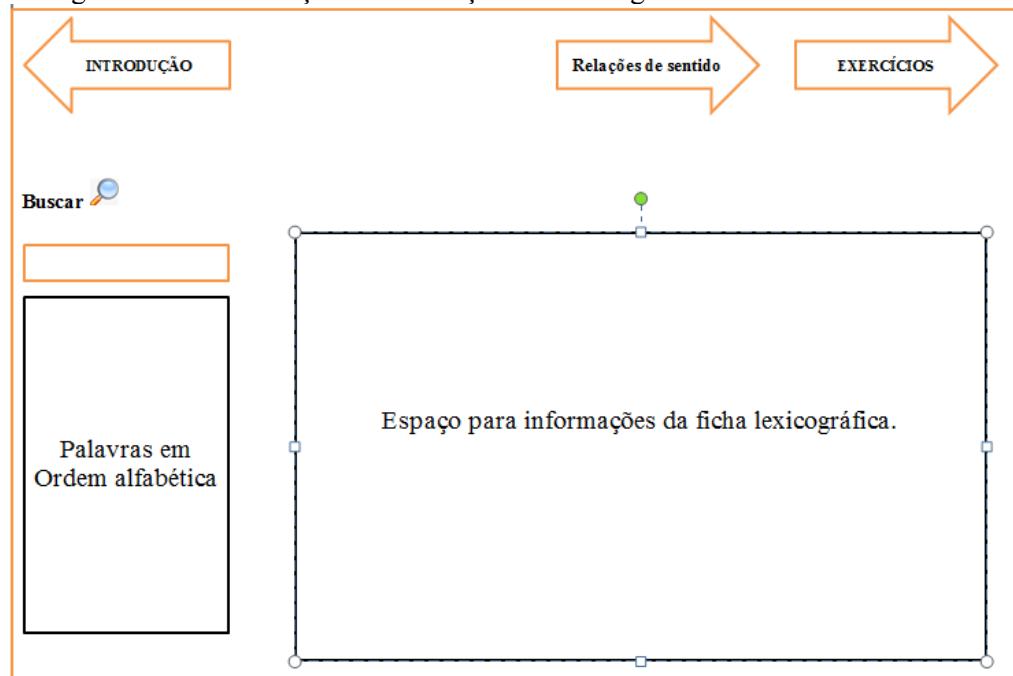
Por fim, cabe mencionar alguns desdobramentos de nossa pesquisa. Queremos que a nossa proposta de ficha lexicográfica para os elementos de coesão sequencial se torne uma realização concreta. Em virtude disso, pretendemos dar continuidade ao nosso trabalho, de modo a elaborar uma ferramenta *online* na qual seja possível realizar consultas sobre os elementos coesivos por meio de uma orientação semasiológica e de outra onomasiológica (o consultante poderá iniciar sua busca a partir das relações de sentido, a fim de escolher qual palavra adequa-se à sua produção textual). Além disso, queremos incluir nessa ferramenta exercícios relacionados à escrita que, possivelmente, serão elaborados a partir dos usos inadequados que identificamos no *corpus* de redações e de outros que ainda poderemos perceber mediante pesquisas e análises. A nossa obra visará à produção textual e será destinada aos alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A seguir, expomos um esboço de como será a nossa ferramenta por meio das Figuras 58, 59, 60 e 61.

Figura 58 – Interface da ferramenta de consulta



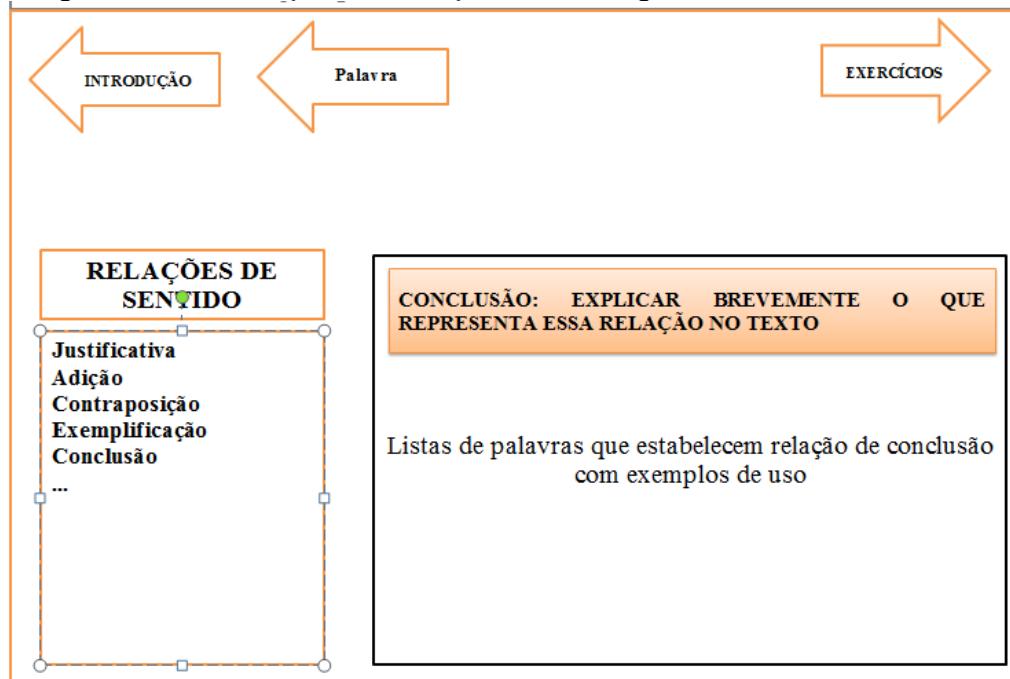
Fonte: Elaboração própria.

Figura 59 – Visualização da orientação semasiológica da ferramenta de consulta



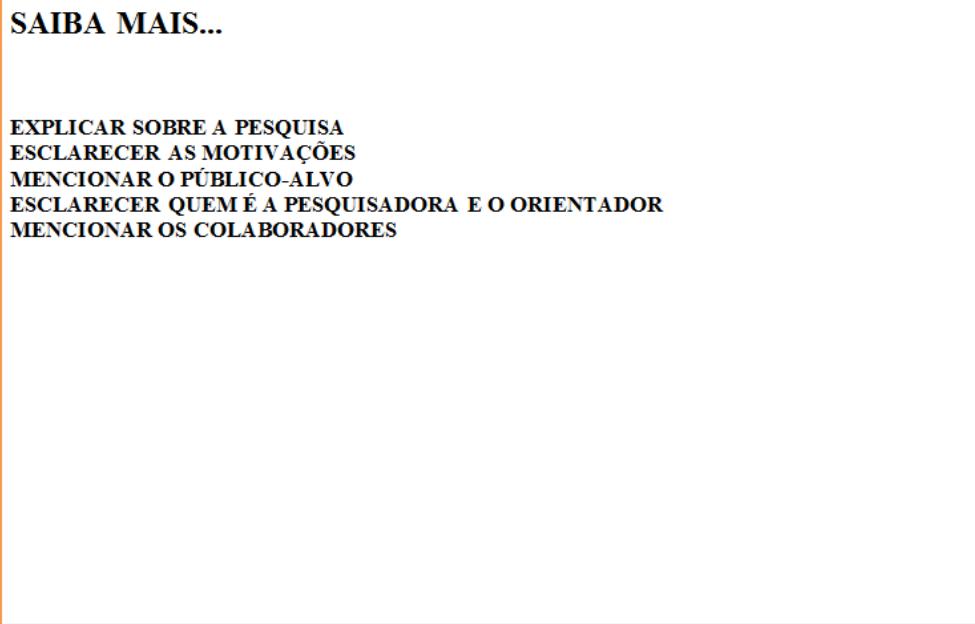
Fonte: Elaboração própria.

Figura 60 – Visualização da orientação onomasiológica da ferramenta de consulta



Fonte: Elaboração própria.

Figura 61 – “Saiba mais” da ferramenta de consulta



SAIBA MAIS...

- EXPLICAR SOBRE A PESQUISA**
- ESCLARECER AS MOTIVAÇÕES**
- MENCIONAR O PÚBLICO-ALVO**
- ESCLARECER QUEM É A PESQUISADORA E O ORIENTADOR**
- MENCIONAR OS COLABORADORES**

Fonte: Elaboração própria.

Ademais, ao analisarmos o *corpus* de redações, identificamos que há o problema da ausência de elementos coesivos sequenciais e que seria interessante realizar um trabalho de etiquetagem do *corpus* a fim de explorar essa questão e também de descobrir outras relacionadas ao uso da língua portuguesa de maneira geral. Aliás, com o *corpus* de redações, há várias possibilidades de trabalho.

Diante do exposto, acreditamos que os objetivos propostos nesta dissertação foram alcançados e que contribuímos, de alguma forma, para que reflexões surjam em torno do tema da definição, dos elementos coesivos e dos dicionários escolares no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Felipe. A coesão lexical no texto "Círculo Fechado", de Ricardo Ramos. **Linguagem Acadêmica**, Batatais, v. 1, n. 1, p. 113-133, jan./jun. 2011.
- ALMEIDA, Lucimar de. **Análise Semântica de Operadores Argumentativos em Textos Publicitários**. 2001. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Linguística Aplicada) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A palavra mágica. In: **Discurso de primavera e algumas sombras**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994. p. 109.
- _____. O lutador. In: **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 182.
- _____. Instante. In: **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 171.
- _____. A palavra. In: **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 1207.
- _____. Procura da poesia. In: **A rosa do povo**. 2012. p. 11-12.
- ANDRADE, Maria Margarida de. Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. In: SILVA, José P. da (Org.). Anais dos Cadernos do CNFL, série IV, n. 10. **Semântica e Lexicografia**. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_21-32.html>. Acesso em: 10 maio 2016.
- Antônio Houaiss. In: Wikipédia: a enclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Houaiss>. Acesso em: 9 de maio de 2016.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras** – coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005. 199 p.
- _____. A coesão como propriedade textual: bases para o ensino do texto. **Calidoscópio**, Rio Grande do Sul, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 62-71, jan/abr 2009.
- AULETE, Francisco Júlio de Caldas. **Aulete Digital**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- _____; GEIGER, Paulo (Org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 38-42, abr./jun. 2006.
- BANCO DE REDAÇÕES. **UOL Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/como-participar.jhtm>> Acesso em: 18 jul. 2015.

BARBISAN, Leci Borges. Semântica Argumentativa. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-30.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH, 2001. p. 23-45. Disponível em: <<http://citrat.fflch.usp.br/sites/citrat.fflch.usp.br/files/u10/Cad.%20Terminologia%201.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

BARROS, Paulo Alberto Monteiro. **Embora Soneto**. In: Calentura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 82 p.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introducción a la lingüística del texto**. Barcelona: Ariel, 1997. 347 p.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004. 410 p.

_____. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e Terminologia: Alguns contrapontos fundamentais. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1410/1111>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, n. 28 (supl.), p. 27-43, 1984.

_____. A definição lexicográfica. **Cadernos do Instituto de Letras**, n.10. Porto Alegre: UFRGS, p. 23-43, 1993.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22.

_____. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Org.). **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. 1. ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de Dicionários**: Uma introdução à Lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003. 356 p.

_____; LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. Ciência & Arte & Técnica: A delimitação dos sentidos num dicionário. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 47-47, 1996. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3995/3665>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BORBA, Valquíria C. M. Preditibilidade de conjunções e compreensão leitora: um estudo com crianças de 4^a série do Ensino Fundamental. In: **Leitura: processos, estratégias e relações**. BORBA, Valquíria C. M. & GUARESI, Ronei (Org.). Maceió: EDUFAL, 2007. p. 7-50.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

_____. Ministério da educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **A redação no Enem 2013 – Guia do participante**. Brasília: 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_participant_e_redacao_enem_2013.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2015.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2000.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. O que o professor deve saber sobre a nominata do dicionário de língua. **Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 7, n.10-11. p.17-31, 2005. Disponível em : <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalingualiteratura/article/view/36>> Acesso em : 4 abr. 2016.

_____. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. **Alfa**, São Paulo, v. 53, n.1, p. 243-260, 2009a. Disponível em : <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1686/1367>>. Acesso em : 4 abr. 2016.

_____. Sobre a microestrutura em dicionários semasiológicos do alemão. Revista **Contingentia**. v. 4, n. 2. nov., p. 60-72, 2009b.

_____; BORBA, Laura Campos de. Análise de cinco dicionários semasiológicos de língua espanhola: a correlação entre o Front Matter e a Macro e a Microestrutura. **Extensio UFSC**: Florianópolis. v. 9, n. 14, 2º semestre, p. 32-43, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2012v9n14p32>> Acesso em: 4 abr. 2016.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2011. 157 p.

Caldas Aulete. In: Wikipédia: a encyclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caldas_Aulete>. Acesso em: 9 de maio de 2016.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 183 p.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). **Funcionalismo Linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.

CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes [Approche théorique et étude des pratiques pédagogiques]. **Langue française**, n. 38, 1978. Enseignement du récit et cohérence du texte. p. 7-41. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1978_num_38_1_6117>. Acesso: 22 abr. 2016.

_____. Coherence as a principle in the interpretation of discourse. **Mouton Publishers**, Amsterdam, texto 3 (1), p. 71-97, 1983.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

COELHO, Braz José. **Linguagem**: lexicologia e ensino de português. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda., 2008.

COSERIU, E. A perspectivação funcional do léxico. In: VILELA, M. (Org.) **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979. p. 15-33.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007. 762 p.

DAMIM, Cristina Pimentel. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**. 2005. 230 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____; PERUZZO, Marinella Stefani. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Brasil. v. 2, n. 18. p. 93-113, 2006.

DUBOIS; Jean. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUCROT, Oswald. Argumentação e Topoi Argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e Sentido na Linguagem**. Campinas, São Paulo: Cortez, 1989, p. 13-38.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. A Metalexicografia Pedagógica. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 4-66, 2006.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6870/6448>> Acesso em: 26 mar. 2016.

FARIAS, Virgínia Sita. **Sobre a definição lexicográfica e seus problemas**: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos. 2013. 398 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FINATTO, Maria José Bocorny. **Da lexicografia brasileira (1813-1991)**: tipologia microestrutural de verbetes substantivos. 1993. 333 f. Dissertação (Mestrado em Língua

Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

_____. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. **Organon**, Porto Alegre, n. 26, p. 1-8, 1998. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29563/18263>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

FORNARI, Michelle Kühn. **O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais:** discussão teórica e análise de verbetes. Revista Travessias: Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, vol. 3, nº 3, p. 167-199. 2009. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

_____. **Um estudo sobre o tratamento lexicográfico do verbete *pero* em dicionários para aprendizes brasileiros de espanhol.** 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FROMM, Guilherme. O uso de *corpora* na análise linguística. **Factus**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2003.

_____. **Votec: a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução.** 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____; YAMAMOTO, Márcio Issamu. Terminologia, Terminografia, Tradução e Linguística de *Corpus*: a criação de um vocabulário bilíngue sobre Linguística. In: TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. ***Corpora na Terminologia***. São Paulo: Hub Editorial, 2013.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Livro Didático – Histórico**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>> Acesso em: 23 ago. 2016.

FUZER, C.; SCOTTA CABRAL, S. R. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 548 p.

GRAMA, Daniela Faria. Problemas de coesão na escrita dos gêneros discursivos da ordem do relatar: ‘notícia e relato’. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 7, n 1, p. 1-30, set. 2013.

Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/17790/12804>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

HALLIDAY, M.A.K. Language as system and language as instance: The corpus as a theoretical construct. In: SVARTVIK, J. (Org.). **Directions in Corpus Linguistics**. Proceedings of Nobel Symposium 82 Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: De Gruyter, 1992, p. 61-77.

_____; HASAN, Rugaiya. **Cohesion in English**. New York: Longman, 1995. 374 p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. (Org.); VILLAR, Mauro de Salles (Ed.). **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

KOCH, Ingredore Grundeld Villaça. **A coesão textual**. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; FÁVERO, Leonor Lopes. **Linguística Textual: Introdução**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KRIEGER, Maria da Graça. Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Brasil. v.2, n.18, 2006, p. 235-252. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6950/6458>> Acesso em 6 abr. 2015.

_____. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, Claudia; BELIVACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Org.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 103-113. (Série: Estratégias de Ensino; 24)

LEFFA, Vilson J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem**. Pelotas: EDUCAT, 2000, v. 1, p. 15-44.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 1037 p.

NOVODVORSKI, Ariel; FINATTO, Maria José Bocorny. **Linguística de Corpus no Brasil: uma aventura mais do que adequada**. Letras & Letras, v. 30, n.2, jul/dez. , p.1-16, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/28516/15799>> Acesso em: 27 abr. 2016.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. 267 p.

ORTÍZ ALVAREZ, Maria L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 2000. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PARODI, Giovanni. Qué es la lingüística de corpus?: (re) surgimiento, definiciones y antecedentes. In: **Linguística de Corpus:** de la teoría a la empiria. Madrid: Iberoamericana, 2010. p. 13-35.

PARREIRA, Míriam Silveira. **Um estudo do uso de operadores argumentativos no gênero editorial de jornal.** 2006. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Linguística Aplicada) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Terezinha. **Gramática:** teoria e exercícios. São Paulo: FTD, 2008. 572 p.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Conectores de oposição: reflexões e propostas para o ensino. **Gragoatá**, Niterói, v. 19, n. 36, p.28-42, 1 sem. 2014. Acesso em: 17 set. 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/view/27>>

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Portal Brasil. **MEC e Inep comentam resultados do Enem 2014.** Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/01/mec-e-inep-apresentam-resultados-do-enem-2014>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

Portal da Língua Portuguesa. **Nomenclatura Gramatical Brasileira.** Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org>>. Acesso em 24 jan. 2015.

POTTIER, Bernard. **Estruturas Linguísticas do Português.** Tradução de Albert Audubert e Cilmor Teodoro Pais. São Paulo: Disusão Europeia do Livro, 1972, 138 p.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e Dicionário. **Alfa:** São Paulo, 28 (supl.) 45-69, 1984.

SCOTT, Mike. **WordSmith Tools version 5.** Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

_____. **WordSmith Tools version 6.** Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, Claudia; BELIVACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). **Dicionários na teoria e na prática:** como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 29-37. (Série: Estratégias de Ensino; 24)

SHEPHERD, Tania. M. G. Panorama da Linguística de Corpus. In: SHEPHERD, T. M. G. et al. (Org.). **Caminhos da Linguística de Corpus.** Campinas: Mercado das Letras, 2012, p. 15-30.

SINCLAIR, John McHardy. The lexical item. In: **Trust the text:** language, corpus and discourse. New York: Routledge, 2004, p. 131-148.

TAGNIN, Stella E. O. Linguística de *Corpus* e Fraseologia: Uma feita para a outra. In: ORTIZ, M. L. A.; UNTERNBAUMEN, E. H. (Org.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas.** Campinas: Pontes, 2011, p. 227-302.

TOGNINI-BONELLI, Elena. **Corpus Linguistics at Work**. Amsterdam: John Benjamins. v. 6, 2001.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 4. ed. 1964. 577 p.

VILLAVICENCIO, Aline; RAMISCH, Carlos. Chutando o balde ou batendo as botas? Processamento de linguagem natural e expressões multipalavra na linguagem cotidiana e científica. In: PERNA, C. B. L.; DELGADO, H. O. K.; FINATTO, M. J. B. (Org.).

Linguagens especializadas em corpora: Modos de dizer e interfaces de pesquisa. Porto Alegre: PUCRS, 2010, p. 29-49.

Vocabulário Técnico Online (VoTec). Disponível em: <<http://www.pos.voteconline.com.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

WEINREICH, Uriel. Definição lexicográfica em semântica descritiva. Tradução de Maria Cecília P. Barbosa Lima. **Alfa**, São Paulo, nº 28, p.103-118, 1984.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. Lexicografia pedagógica: definições, história, peculiaridades. In: BEVILACQUA, C. R; HUMBLÉ, Ph.; XATARA, C.M. (Org.). **Lexicografia Pedagógica**: Pesquisas e Perspectivas. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008a. p. 9-45.

_____. **Panorama Geral da Lexicografia Pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008b. 522 p.

_____. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, Claudia; BELIVACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 103-113. (Série: Estratégias de Ensino; 24)

**APÊNDICE A – QUADRO DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS UNIPALAVRAS
POR ORDEM CRESCENTE DE FREQUÊNCIA**

Elementos de coesão	Freq .
1. Simultaneamente	1
2. Paradoxalmente	1
3. Indubitavelmente	1
4. Inclui-se	1
5. Hodieramente	1
6. Entretemos	1
7. Destarte	1
8. Destacam-se	1
9. Concluindo	1
10. Resumi-se	1
11. Finalmente	1
12. Comumente	1
13. Aliás	2
14. Decerto	2
15. Antigamente	2
16. Primeiramente	2
17. Inegavelmente	2
18. Depois	4
19. Sequer	3
20. Outrossim	3
21. Especialmente	4
22. Conforme	4
23. Inicialmente	4
24. Ademais	4
25. Sobretudo	5
26. Inclusive	8
27. Frequentemente	8
28. Enfim 8 / Em fim	9
29. Todavia	9
30. Recentemente	9
31. Afinal 10 / a final 1	11
32. Embora	11
33. Certamente	11

34. Logo	13
35. Consequentemente 12/ consequente 1	13
36. Talvez	15
37. Após	16
38. Enquanto 16/ em quanto 1	17
39. Contudo	18
40. Atualmente	20
41. Segundo	22
42. Entretanto 22/ entretando 1	23
43. Então	25
44. Porque	39
45. Nem	40
46. Hoje	43
47. Principalmente	44
48. Desde	41
49. Assim	59
50. Porém 62 / porem 5	67
51. Portanto	71
52. Apenas	75
53. Quando	77
54. Até	74
55. Já	91
56. Também	101
57. Ainda	113
58. Pois	121
59. Mas	159
60. Ou	213
61. Como	352
62. Para	823
63. E	1688

**APÊNDICE B – QUADRO DOS ELEMENTOS COESIVOS SEQUENCIAIS MULTIPALAVRAS
POR ORDEM CRESCENTE DE FREQUÊNCIA**

Elementos de coesão	Freq.
1. Ainda mais que	1
2. Não simplesmente... Mas sim	1
3. Não só... Mas principalmente	1
4. A posteriori	1
5. A priori	1
6. Até então	1
7. A princípio	1
8. Acrescentando que	1
9. Afinal de contas	1
10. Aí sim	1
11. Ainda convém lembrar que	1
12. Analisando-se tão somente	1
13. Ao longo dos anos	1
14. Ao passar dos anos	1
15. Ao passo que	1
16. Dia após dia	1
17. Argumenta-se também que	1
18. Chegou-se à conclusão de que	1
19. Convém observar que	1
20. Convém ressaltar	1
21. De certa maneira	1
22. De maneira que	1
23. Dentro desta perspectiva	1
24. Diante de tudo isso	1
25. Diante das informações acima	1
26. Diante de tal contexto	1
27. Diante desses problemas	1
28. É a partir daí que	1
29. No meio disso tudo	1
30. É certo que	1
31. Deste modo	1
32. Cabe ressaltar que	1
33. Em consequente disso (em consequência disso)	1
34. Em contrapartida	1
35. Em virtude do que foi mencionado	1
36. Em outras palavras	1
37. Em primeiro lugar	1
38. Em seguida	1
39. Em segundo lugar	1
40. É bom deixar claro também que	1
41. Importante também salientar	1
42. Tão logo	1
43. Nesse cenário	1
44. Outro fator que deve ser levado em consideração	1
45. Nesse ínterim	1
46. No segundo semestre de	1

2013	
47. Outro fator preocupante	1
48. Para tanto	1
49. Partindo dessa ótica	1
50. Podemos concluir que	1
51. Assim que	1
52. Como conclusão dos assuntos abordados	1
53. Posto que	1
54. Ressaltamos agora	1
55. Sob essa ótica	1
56. Sobre demais informações	1
57. Somado a esses fatores	1
58. Somando-se aos	1
59. Tendo em vista tudo isso, chego a conclusão de que	1
60. Um outro fator importante	1
61. Vale salientar que	1
62. Vale também destacar	1
63. Vale uma ressalva	1
64. Somado a isso	1
65. Em função disso	1
66. Por diversas vezes	1
67. Não somente... Como também	1
68. Não apenas... Como também	1
69. Não somente... E sim	1
70. Não somente... Mas também	1
71. Não somente... Mas principalmente	1
72. Diante dos fatos	1
73. Por consequência da	1
74. Ao contrário disso	1
75. A partir disto	1
76. Ao contrário	1
77. É necessário ressaltar	1
78. A partir desse cenário	1
79. É interessante ressaltar	1
80. Por tudo isso já dito	1
81. Por meio destes	1
82. Outro ponto que colabora para essa atitude	1
83. Outro ponto na discussão sobre	1
84. De um lado... Por outro lado	1
85. Um lado... De outro lado	1
86. 30 anos depois	1
87. Tal como	1
88. Não apenas... Mas	1
89. Ainda assim	1
90. Assim sendo	1
91. É notável que	2
92. Não só... Mas	2
93. Ao longo da história	2
94. Ainda sim	2

95. Ao longo do tempo	2
96. Com o passar dos anos	2
97. Dado o exposto	2
98. Depois disso	2
99. Diante dos fatos mencionados	2
100.Em vista disso	2
101.A seguinte	2
102.Isto é	2
103.Logo após	2
104.No que diz respeito à	2
105.Para finalizar	2
106.Por consequência disso	2
107.Para tal efeito	2
108.Por mais que	2
109.Vale lembrar que	2
110.Em função de/da	2
111.Por muitas vezes	2
112.Além de que/ além de quê	2
113.Apesar disso	2
114.Neste contexto	2
115.Por um lado... por outro lado	2
116.Desde então	3
117.De certo modo	3
118.Dessa maneira	3
119.Com o passar do tempo	3
120.Com o intuito de	3
121.Diante do exposto	3
122.Muita das vezes 1 / muitas das vezes 2	3
123.Por conseguinte	3
124.Por fim	3
125.Por vezes	3
126.Não só... Como também	3
127.Ao contrário de/ da/do	3
128.Não apenas... Mas também	3
129.Ainda que	4
130.Conclui-se que	4
131.À medida que	4
132.Além do mais	4
133.Diante disso	4
134.Em suma	4
135.Por conta de	4
136.Não só... Mas também	4
137.Tanto... Como	4
138.Nesse contexto	4
139.Mas também	5
140.Em especial	5
141.Nos dias de hoje	5
142.Vale ressaltar que	5
143.Acerca da do	5

144.Por causa de da	5
145.Nos dias atuais	6
146.Com relação a/as/ ao	6
147.Mesmo assim	6
148.Nesse sentido	6
149.Pelo contrário	6
150.Por sua vez	6
151.Sem dúvidas/ sem dúvida	7
152.Depois de/da	7
153.Tanto... quanto	7
154.Tendo em vista	7
155.Desde que (condição)	7
156.Mas sim	7
157.Tais como	8
158.Mesmo que	8
159.Bem como	8
160.Desse modo	8
161.A cada dia	10
162.Hoje em dia	10
163.A partir de	10
164.Para isso	10
165.Em meio a/ aos	10
166.E sim	12
167.Por outro lado	12
168.De acordo com	13
169.De fato	14
170.Em relação a/as-aos	16
171.Visto que	17
172.Com isso	18
173.Dessa forma	19
174.Ainda mais	19
175.Assim como	19
176.A fim de 18 / afim de 3	21
177.Ou seja	21
178.Uma vez que	21
179.Por isso	21
180.Por meio de	21
181.No entanto	26
182.Apesar de/da/do	26
183.Sendo assim	27
184.Além disso	31
185.Por exemplo	34
186.Já que	36
187.Devido a/ao	38
188.Até mesmo 37/ ate mesmo 2	39
189.Muitas vezes	40
190.Através de/da/do	43
191.Cada vez mais	47
192.Além de/da/do	50

APÊNDICE C – ANÁLISE DOS USOS INADEQUADOS REFERENTES À TABELA 1

Apresentamos, a seguir, os excertos do *corpus* de redações 2014 em que os elementos coesivos foram usados de modo inadequado. Os trechos extraídos do *corpus* estão enumerados e foram copiados na íntegra, sem correções gramaticais.

Em consequente disso (Em consequência disso)

1. Percebe-se então que isso não vem só de agressão verbal, mas sim por sites da internet, redes sociais, vídeos comprometedores e até mesmo agressão física, **em consequente disso** vê se a todo instante esse fato, e as pessoas ainda não viram que pode prejudicar o futuro dos jovens.

Análise: O fato de a agressão ocorrer de várias formas não sugere como consequência vê-la a todo instante. Portanto, o uso do elemento coesivo não está adequado.

Para tal efeito

1. Desde o período de busca por conquista de territórios, povos antigos chegavam às novas terras preparados para o ataque. Além da escravidão conferida aos povos conquistados, e do acúmulo de riquezas, os novos senhores de terra mantinham relações sexuais constantes e forçadas com as mulheres nativas dessas regiões. Prática esta que não era vista como crime, nem muito menos, penalizada. **Para tal efeito**, a cultura machista veio sendo proferida e até os dias de hoje ainda há dúvida sobre: Se o estupro é um crime, quem é o culpado?

Análise: *Para tal efeito* é um elemento de coesão que nenhum estudioso lido por nós trabalhou, mas entendemos que deve ser utilizado quando anteriormente foi dito uma situação ou condição que se espera alcançar, que é idealizada, almejada. Com a introdução desse elemento coesivo, esperamos que o escritor coloque, em seguida, o que deve ser feito para se chegar ao que foi estabelecido como objetivo ou meta. Algumas expressões sinônimas de *para tal efeito* são: *para isso*, *para que isso aconteça* e *para que se alcance tais resultados*. No trecho extraído do *corpus*, o elemento foi usado de maneira inadequada, porque anteriormente o autor criticou o abuso que as mulheres negras e escravas sofriam na época da escravidão e, em seguida, mencionou que o resultado disso foi a repercussão do machismo. Portanto, não cabe *para tal efeito* entre os períodos, e sim, por exemplo: *uma das consequências disso* ou *em virtude disso e de outros fatores*.

2. Portanto, a partir do que foi explanado acima, pode-se perceber que a "cultura do estupro", onde tal crime é visto como normal e as suas vítimas são vistas como culpadas, não é apenas presenciado na sociedade brasileira, pois, a educação machista que é incorporada pela maioria das famílias desde os tempos mais remotos, tira a culpa do sexo masculino na sua maioria dos casos. **Para tal efeito** é necessário que sejam criadas novas leis, cada vez mais rígidas, de fiscalização e penalização para os praticantes dessa violência. Campanhas na mídia também poderiam ser de grande valia, para esclarecer para a população que a causa do estupro não é a vítima e sim, o próprio estuprador.

Análise: O autor usa *para tal efeito* como se fosse descrever, em seguida, o que deveria ser feito para alcançar o que foi dito antes, no entanto a sua opinião anterior é uma crítica em relação ao fato de que educação machista ainda existe. Portanto, ele deveria usar, no lugar de *para tal efeito*, por exemplo: *para que o machismo seja amenizado* ou *para que uma cultura da igualdade entre os性os seja propagada e o machismo extinto*.

Sobre demais informações

1. 19 de agosto de 2014, data da abertura das propagandas eleitorais gratuitas. Termo previsto para dia 2 de outubro, podendo haver prolongamento caso haja segundo turno. **Sobre demais informações**, uma dúvida se torna unânime: Horário eleitoral é útil?

Análise: Notamos que o elemento coesivo destacado cria a expectativa de que o autor irá se referir a outras informações diferentes daquelas já ditas a respeito da propaganda eleitoral, no entanto não é isso que ele faz, já que lança apenas uma pergunta sobre o horário político. Nesse caso, ele poderia substituir a expressão coesiva por outras, tais como: *Diante deste fato, Tendo em vista tal acontecimento, Sobre isso, Em relação a isso, No que diz respeito às propagandas* ou poderia reformular o período: *Antes de partirmos para demais informações pertinentes ao horário político, vale ressaltar uma dúvida unânime.*

Apesar disso

1. [...] Muitos ciclistas precisam de ser vistos e os motoristas precisam respeitar mais os ciclistas para evitar acidentes.

Mas com muita cautela, porque, hoje em dia, os motoristas não respeitam os ciclistas. **Apesar disso**, para aqueles sofrem com má segurança nas ruas, motoristas e motocicletas que jogam seus veículos contra ciclistas, até mesmo invadem ciclofaixas.

Análise: *Apesar disso* introduz uma ideia que se contrapõe ao enunciado anterior. No caso acima, as ideias não se contrapõem, mas se somam em favor da orientação argumentativa de que os ciclistas não são respeitados.

Por conseguinte

1. Temos os questionamentos e manifestações, sobre o destino que os recursos financeiros são enviados às federações vigentes e, porque não necessariamente envolver setores como educação e saúde. **Por conseguinte**, faz-se nesse meio um desenvolvimento mas crítico e recíproco entre cidadãos; configurando nesse contexto, uma ação plausível para toda uma história.

Análise: O trecho acima está mal-estruturado, e a coerência está comprometida. Isso faz com que consideremos o uso de *por conseguinte* inadequado. *Por conseguinte* pode dar ideia de conclusão, consecução e consequência. Vejamos um modo de solucionar parte do caso, já que o período que se inicia com *por conseguinte* está com o sentido bastante prejudicado e não conseguimos entender o que o autor quis dizer:

Há questionamentos sobre o destino dos recursos financeiros que são enviados às federações vigentes. Muitos se manifestam em favor de que o capital seja investido nos setores da educação e da saúde. No entanto, para que isso ocorra, é preciso que...

Contudo

1. Infelizmente, dentre os políticos sérios tem aqueles que acabam utilizando este tempo para passar sua proposta mas de postura informal, utilizando músicas, rimas, roupas inapropriadas e brincadeiras que acabam desanimando quem os assistem.

Contudo a maioria da população preferem assistir aos debates que a mídia promove nesta época, pois são formadas de perguntas objetivas fazendo com que os políticos as respondam na hora sem ter textos decorados ou brincadeiras, ainda mais que o ambiente se torna formal e agradável a quem assiste.

Análise: O *contudo* possui carga semântica adversativa e, no trecho acima, caberia um elemento coesivo explicativo: *em virtude disso, devido a isso*, entre outros.

2. As propagandas eleitorais tem como intenção informar e fazer os eleitores se interessarem pelos candidatos, porém é necessário que haja dedicação da população.

O intuito dos partidos em formular as propagandas pode até ser de atrair a atenção populacional, fazendo-as com base em pesquisas e estatísticas para atingir a região em que seus candidatos tem mais chances de voto, e é esse tipo de pensamento que faz uma parte da população recusar a assistir tais programações.

Entretanto mesmo que essa seja a realidade é possível a utilização do meio de comunicação sendo essa a televisão ou o rádio para uma escolha mais certeira do candidato, já que as propostas de mudança e realizações são apresentadas nos programas é de interesse do eleitor se certificar se realmente é possível que tais propostas aconteçam e qual o histórico do candidato no meio político, e isso requer uma dedicação da população.

Contudo é notável que os programas políticos são de certa maneira entediantes e uma perda de tempo, porém qual perda será maior a de minutos, horas ou anos?

Análise: Colocamos o texto na íntegra para evidenciarmos que se trata de uma produção sem conclusão ou com uma conclusão malfeita. Pensando que o texto não tem conclusão, o *contudo* está inadequado, porque o leitor não pode contrariar (como fez) a ideia de que as propagandas têm seu valor, já que ele constrói seu texto a favor delas. Para construir um parágrafo com contra-argumentos, ele deveria, ao menos, modalizar sua escrita e substituir o *contudo* pelo *embora*.

Embora possamos reconhecer que os programas políticos são de certa maneira entediantes, eles devem ser valorizados por nós, para que não tenhamos arrependimentos que irão durar anos.

Pensando que a conclusão está malfeita, o autor teria de introduzir um elemento conclusivo, por exemplo: “*portanto*”, “*diante disso*”, “*assim*”, e não deveria acrescentar ideias novas “entediente e perda de tempo” que, além de desfavorecerem a argumentação construída no texto em questão, são indevidas por se tratar do fechamento do texto, que deve retomar as principais ideias já mencionadas e, no caso do Enem, propor soluções.

3. É inaceitável o modo como age a polícia, além do mais a capacidade da segurança social vem surpreendendo e demonstrando que os objetivos para manutenção da ordem pública não são tão eficientes e a ação dos profissionais mediante as situações críticas é na maioria das vezes resolvidas de forma inadequada, na qual civis são retaliados covardemente por homens armados, sendo que seus deveres também giram em torno de proteger a integridade física de vândalos.

Contudo, é sabido que há outros meios de parar a massa delituosa, formas de contenção que não irá agredir a integridade física de culpados ou inocentes, pois, a partir, do momento em que uma bomba de efeito moral ou spray de pimenta são lançadas, seus efeitos podem atingir outrem e até mesmo quem não tem nada a ver com a situação e acabam ficando asfixiados com a entrada de gás lacrimogêneo em suas casas.esses profissionais incapacitados adequadamente para esse tipo de situação.

Análise: No parágrafo que se inicia com *contudo*, o autor acrescenta argumentos que vão na mesma direção dos argumentos usados no parágrafo anterior, por isso o *contudo* deveria ser substituído por um elemento de coesão de adição: *además, também, além disso*, entre outros.

4. Com um sistema político faliu, muitos eleitores vêm desistindo de arriscar seus votos em candidatos e optam pelo voto nulo.

Como o Candidato a um cargo eleitoral vem tendo sua imagem desgastada por conta de suas antigas promessas não cumpridas os atos exorbitantes que de nada favorece o eleitor, fez com que o mesmo perdesse sua confiança preferindo anular seu voto.

No entanto no horário eleitoral q é uma ótima forma de divulgação de candidaturas e de suas propostas não há espaço para uma maior informação sobre esse tipo de voto que muitos ainda

desconhecem causando o uso indevido de votos por alguns que o gastam em qualquer candidato somente por obrigação.

Contudo, para evitar esse uso indevido desse voto que é uma arma favorável nas mãos dos brasileiros, os meios de comunicação deveriam explorá-lo mais, mostrando o como um manifesto legal e inteligente por parte dos eleitores.

Análise: Assim como no exemplo 2, optamos por colocar o texto completo, já que o elemento é usado no último parágrafo para finalizar o texto. Neste caso, acreditamos que há uma confusão que se resume em considerar o *contudo* como elemento conclusivo.

5. Infelizmente a cada dia nos deparamos com notícias que nos deixam cada vez mais assustados, estamos entrando em um período em que esses acontecimentos estão virando rotina. O ser humano já não tem noção do que é o certo ou o errado. Segundo as leis da bíblia, deveremos amar o próximo como a si mesmo, e isso não vem ocorrendo ultimamente, as leis não estão sendo seguidas para o bem comum da sociedade.

Dentre essas notícias que não gostaríamos de receber, existe uma que vem sido trazida com muito mais frequência, que deixamos de prestar a devida atenção ao caso. Ressaltamos agora, que é, o estupro de mulheres, pois são inúmeros abusos contra este sexo frágil. Apesar de estarem conquistando sua colocação na sociedade, cuidando de lares, sendo chefes de família e exercendo cargos que jamais foram ocupados antes, a mulher não está recebendo seu devido respeito, ainda sim sendo vistas como, um objeto de domínio para os homens, colocando seus desejos em primeiro plano e não dando a devida importância aos desejos e decisões do sexo oposto, se a mulher conversa bem, é graciosa, se vesti bem, isso não é visto como um desejo de realização própria, e sim de tentativa de conquista, a mulher não passa toda a parte do seu tempo querendo seduzir os homens, muitos estão querendo justificar o ato do abuso sexual alegando que a mulher está o todo tempo praticando a sedução, este ato monstruoso não pode ser justificado desta forma, difícil é encontrar uma justificação plausível á este comportamento.

Contudo não devemos fechar os olhos e tampar os ouvidos para o que está á um palmo do nosso nariz, devemos nos unir e tentar eliminar as estatísticas. Não é na vestimenta, e nem no perfil doce de uma mulher,que devemos condenar, e sim na alma do ser humano e no caráter de um homem.

Análise: Mais uma vez, observamos que o *contudo* foi usado no lugar de um elemento sequencial conclusivo.

Porque

1. A grande dúvida é se o objetivo do horário é alcançado a partir do momento que a audiência nesses horários específicos são muito baixas, pois a maior parte da população brasileira não assiste a essa programação. Tirando o foco da audiência e focando na veracidade do que é proposto, **porque** o que passa nesses horários políticos são feitos pelos próprios candidatos e é desse fato que surge as perguntas, até aonde essas informações são verdadeiras? até aonde essa montagem é uma construção que só beneficia o candidato não tendo a verdade como base? Só com a propaganda eleitoral não temos como saber.

Análise: Consideramos que a estrutura das frases e as relações de sentido poderiam ser melhoradas no trecho inteiro. Entendemos que o autor sinalizou ao leitor que estava mudando de assunto: “tirando o foco da audiência e focando na veracidade” e consideramos que não caberia o uso de *porque* na sequência dessa estrutura como foi feito. Na verdade, *porque* é desnecessário. Ilustramos uma forma de retificar o trecho:

Tirando o foco da audiência e focando na veracidade das propagandas, surgem outras questões, uma vez que sabemos que o que passa no horário político é feito pelos próprios candidatos.

2. Como o aumento de gasolina, muitos consideram um absurdo, muitos planejam comprar bicicletas, apesar de preferir os veículos, com isso, muitos motoristas precisam respeitar. **Porque** teve um jovem ciclista foi atropelado, teve o braço decapado motorista jogou braço no rio e fugiu. Um absurdo. Muitos ciclistas precisam de ser vistos e os motoristas precisam respeitar mais os ciclistas para evitar acidentes.

Análise: Vemos que o *porque* está depois de um ponto final, o que já é incomum, e que o autor quis ilustrar uma situação que demonstra o grau de falta de respeito que existe no trânsito, e não exatamente as razões que convencem uma pessoa a respeitar a outra, como ele faz no final do parágrafo “para evitar acidentes”. Portanto, o uso do *porque* se faz inadequado e desnecessário.

3. Mas com muita cautela, **porque**, hoje em dia, os motoristas não respeitam os ciclistas. Apesar disso, para aqueles sofrem com má segurança nas ruas, motoristas e motocicletas que jogam seus veículos contra ciclistas, até mesmo invadem ciclofaixas.

Análise: Esse trecho é continuação do anterior. Consideramos que o uso de *porque* é desnecessário também, porque o autor não apresenta uma justificativa plausível para explicar a necessidade de o respeito ao próximo ser cauteloso. Aliás, talvez essa justificativa não seja pertinente no texto.

4. Temos os questionamentos e manifestações, sobre o destino que os recursos financeiros são enviados às federações vigentes e, **porque** não necessariamente envolver setores como educação e saúde. Por conseguinte, faz-se nesse meio um desenvolvimento mais crítico e recíproco entre cidadãos; configurando nesse contexto, uma ação plausível para toda uma história.

Análise: O *porque* exprime ideia de explicação e, no trecho acima, o autor deveria ter utilizado o *por que* que indica “por qual motivo”:

Questionamos sobre o destino que os recursos financeiros recebem quando são enviados às federações vigentes e nos perguntamos por que não envolvem os setores como educação e saúde.

5. Se temos a consciência de que o racismo é algo ruim, **porque** alguns ainda insistem em praticá-lo? O problema então se encontra nas leis que não são tão vigorosas ou na educação de cada indivíduo? Se uma criança crescer no meio de uma família racista, logo ela fará parte da população preconceituosa e caberá a ela saber como lidar com o seu racismo: ofender moral e fisicamente um negro ou respeitá-lo.

Análise: O *porque* exprime ideia de explicação e, no trecho acima, o autor deveria ter utilizado o *por que* que indica questionamento:

Se temos a consciência de que o racismo é algo ruim, por que alguns ainda insistem em praticá-lo?

6. A nova geração é habituada a uma velocidade extremamente alta. Tem tudo ao seu alcance num piscar de olhos, o que contribui para um aguçamento na impaciência. Assim torna-se muito mais fácil e menos complexo automedicar-se, ou seja, usar o mesmo medicamento que o amigo, ou ainda o que apareceu na TV semana passada, justamente **porque** a maioria dos remédios usados sem prescrição são voltados a amenizar sintomas provocados por ciclos virais.

Análise: A ideia que se segue depois de *porque* é mais uma argumentação, além da “impaciência”, que justifica o fato de os jovens se automedicarem. Então, seria adequado o autor usar um elemento coesivo de adição, e não de justificativa. Colocamos aqui uma forma de organizar melhor as ideias:

A nova geração é habituada a uma velocidade extremamente alta. Tem tudo ao seu alcance num piscar de olhos, o que contribui para um aguçamento na impaciência. Além disso, a maioria dos remédios usados sem prescrição ameniza sintomas provocados por ciclos virais. Assim, torna-se muito mais fácil e menos complexo automedicar-se, ou seja, usar o mesmo medicamento que o amigo, ou ainda o que apareceu na TV semana passada.

7. A cada dia que passa a Maconha ganha mais e mais o seu espaço no mundo, porém, ainda é bastante discriminada. **Porque** proibir uma coisa que nunca causou mal a ninguém? Apesar de ser considerada uma droga, a maconha é natural e nunca causou mortes, ao contrário de cigarro e bebida, que mata mais de 200 mil pessoas por ano e ainda assim, estão estampados em todo o mundo.

Análise: O *porque* usado não deveria ser o que exprime ideia de explicação, mas sim de pergunta:

Por que proibir uma coisa que nunca causou mal a ninguém?

8. Pesquisas feitas no Brasil apontam que 65% das mulheres que usam roupas curtas merecem ou deve ser estupradas, desde quando se uma mulher usar uma peça curta ela está pedindo para ser abusada? Vivemos em um país onde a ignorância alheia não tem limite, país machista e preconceituoso. Estudos apontam que a cada 12 segundos uma mulher é estuprada. Realmente é **porque** elas querem?

Análise: O *porque* usado não deveria ser o que exprime ideia de explicação, mas sim de pergunta:

Realmente é por que elas querem?

Ou seja

1. O primeiro ambiente que a criança convive é sua casa, **ou seja**, família, vizinhos, igreja.

Análise: O elemento *ou seja* pode ser usado para esclarecer ou justificar o que foi dito anteriormente. No entanto, na frase acima, isso não ocorre, porque não consideramos que “igreja” e “vizinhos” sejam referências que ampliem ou expliquem a noção de casa; elas apenas complementam o círculo social de convivência que uma criança pode ter. Por isso, sugerimos a reelaboração do trecho:

Os primeiros ambientes nos quais uma criança convive são sua casa, ou seja, seu lar, com sua família, a casa dos vizinhos e a igreja.

2. Enfim, o aumento dos ciclistas poderiam ser maior, se houvesse mais investimentos de segurança, deve haver mais umas guardas, **ou seja**, colocar as placas de alertas.

Análise: Na mesma esteira da análise anterior, o *ou seja* nesse contexto linguístico também está inadequado, porque “colocar as placas de alertas” não esclarece ao leitor o trecho anterior “deve haver mais umas guardas”. A relação de sentido não se constituiu ao usar tal elemento de ligação entre as orações. Seguimos com uma sugestão de reelaboração que introduz um elemento de exemplificação:

Enfim, o aumento dos ciclistas poderia ser maior se houvesse mais investimentos na segurança, tais como: mais guardas e placas de alertas nas ruas.

3. Diversos casos de estupro estão sendo registrados em todo Brasil, esse problema está ocorrendo devido à liberdade de expressão das pessoas, **ou seja**, o costume de se vestir, com as pessoas que vivem e sua classe social.

Análise: Novamente, acreditamos que o uso do *ou seja* está incoerente, já que não conseguimos visualizar as relações de explicação ou justificação entre os trechos: “liberdade de expressão das pessoas” e “costume de se vestir, com as pessoas que vivem e sua classe social”. O trecho está mal redigido, e o escritor deveria explicitar, de modo coerente, o que representa a liberdade de expressão no século XXI de modo que justifique os diversos casos de estupro. E tal objetivo não foi alcançado.

4. A consciência coletiva precisa, portanto, abster-se da ideia de que o voto nulo não muda nada, e o mais importante, fazer de seu uso como espelho de insatisfação. Sendo assim, o voto nulo é um meio onde a sociedade se manifesta, **ou seja**, reflete melhorias concretas que o tanto o Brasil necessita.

Análise: Não conseguimos estabelecer relação de explicação, retificação ou justificação entre os trechos conectados por *ou seja*, pois “refletir melhorias” não explica o seguimento anterior em que se fala das formas de a população se manifestar. Uma forma de retificar a frase, substituindo o elemento coesivo seria:

...o voto nulo é um meio de a sociedade se manifestar e pode refletir melhorias concretas que tanto o Brasil necessita.

E uma forma de reelaborar o trecho com a permanência de *ou seja* poderia ser:

...o voto nulo é um meio de a sociedade se manifestar, ou seja, é uma forma honesta e civilizada de as pessoas exporem sua opinião.

Por sua vez

1. Dos jovens aos maduros, como Michael Jackson, atormentados por problemas diversos procuram a fuga por meio de medicamentos controlados, calmantes e anestésicos, que **por sua vez**, a overdose acaba por ser seu final.

Análise: *Por sua vez* faz referência ao elemento anterior a ele e introduz uma informação. No caso acima, há inadequação, porque não são os medicamentos controlados, calmantes e anestésicos que causam overdose, e sim o indivíduo que a provoca quando toma medicamentos em excesso. A estrutura do trecho contribui para que haja incoerência, por isso sugerimos o seguinte:

Dos jovens aos maduros como Michael Jackson, atormentados por problemas diversos, procuram a fuga por meio de medicamentos controlados, calmantes e anestésicos e, num momento de descontrole, a overdose chega a ser uma opção fatal dessas pessoas.

Consequentemente

1. Achando com aquele gesto de jogar a banana no campo de futebol que iria nos ofender, está enganado, isso só nos fortalece os “negrinhos”, como vocês dizem, ainda come para mostrar que isso não vai abalar tão facilmente. Certamente o racista esquece que somos todos iguais.

Consequentemente, a pessoa que você mais despreza, é que vai te ajudar na hora do afliro. Não julgue a pessoa pela raça, é com atitudes dela que se distingue da demais.

Análise: O fato de uma pessoa ser racista não acarreta que ela só poderá ser ajudada, quando precisar, pelo indivíduo que ela despreza. Não há relação de consequência entre os parágrafos. Seria melhor o autor reformular sua escrita:

Além disso, o indivíduo preconceituoso não leva em consideração que em algum momento poderá precisar da ajuda da pessoa que ele despreza, uma vez que somos seres interdependentes.

2. Dessa forma, a partir do posicionamento de estudiosos, a anulação do voto é vista como forma de protesto do sistema político, caracterizando uma medida limpa, e **consequentemente**, abrangente às classes como um todo.

Análise: Notamos que não há relação de consequência. O fato de a anulação do voto ser interpretada como uma medida honesta não acarreta que ela seja abrangente. O sentido do trecho não está muito claro.

Entretanto

1. A separação das vias para os ciclistas, organizada por fiscais de segurança de trânsito é inapropriada, pois simplesmente uma tinta pintada no chão não favorecia para o condutor respeitar a sinalização. **Entretanto** a mídia transmite casos dramáticos por pessoas afetadas por essa desorganização, exemplos de perda e paralisia de membros ou até mesmo a morte.

Análise: A ideia introduzida por *entretanto* não é adversa em relação às citadas anteriormente. Nesse caso, o autor poderia reformulá-la da seguinte forma:

Em virtude disso, casos dramáticos ocorrem, são transmitidos pela mídia e demonstram o quanto há pessoas afetadas por essa desorganização, por exemplo, em casos de perda e paralisia de membros ou até mesmo a morte.

2. O primeiro ambiente que a criança convive é sua casa, ou seja, família, vizinhos, igreja. Depois disso vem a escola onde a criança vai entra pela primeira vez em um ambiente social, que aprenderá conviver com as diferenças, que para muitos uma tarefa fácil, para outros impossível, por isso tantos desentendimentos.

O grande numero de casos de violência nas escolas vem preocupando o poder publico e toda a sociedade. Na verdade é que ela tem alcançado proporções inadmissíveis, é notório que por consequênciia disso o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente vêm se ampliando dia após dia para tentar amenizar a situação.

Hodiernamente alunos aderem-se “gangues” para “tocar o terror”, usam isso para saciar sua necessidades, carência, pobreza, maus tratos entre outros fatores que geram as personalidades disruptivas.

Entretanto estes órgãos sozinhos não são suficientes para tal combate , a educação começa desde os primórdios com a família que exerce o papel fundamental como determinar limites e normas, isto é, educar para comporta-se com os demais. A escola pode proporcionar disciplinas relacionadas ao tema, palestras e punições severas em casos especiais. Porém dependerá de cada aluno tomar a decisão de qual caminho seguir.

Análise: A redação representa mais uma situação em que um elemento adversativo foi usado no lugar de um conclusivo.

3. Convém observar que os jovens estão usando drogas cada vez mais tóxicas e também, mais cedo, sobre influência de amigos e próprios familiares. Cabe ressaltar que a maconha é uma alternativa para algumas doenças a exemplo de alzheimer, câncer, dores musculares, entre outras. Isso indica que a maconha é necessaria para o tratamento desses doenças, entretanto dever ser usada com o auxilio de um médico.

Entretanto se essa droga ser usada de modo indevido pode levar a pessoa a uma dependência química, na qual acarreta varios problemas tanto na vida do dependente e na familia. Com o vicio ele vai se aprofundando em outras drogas até chegar ao crack.

Análise: Acreditamos que o uso de *entretanto* ocorreu de modo indevido, uma vez que o autor já teria usado o mesmo conector anteriormente. Consideramos inapropriado, semanticamente, usar um elemento que estabelece a mesma relação de sentido de forma seguida como neste caso. Sugerimos duas formas para eliminar tal inadequação: a primeira seria dar continuidade à frase: *entretanto deve ser usada com o auxilio de um médico, porque, se essa droga for usada de modo indevido, pode levar a pessoa a uma dependência química;* e a segunda seria iniciar o segundo parágrafo assim: *Quando essa droga é usada de modo indevido.*

Visto que

1. A sociedade é o ambiente em que vivemos, **visto que** somos personagens coadjuvantes para que se haja uma paz e harmonia.

Análise: O autor diz que “sermos personagens” da sociedade justifica o fato de vivermos nela. Consideramos que tal raciocínio não se constitui de modo coerente e que, portanto, o uso de “*visto que*” não está adequado.

2. [...] É interessante ressaltar que a polícia militar é treinada para lidar com criminosos, **visto que** manifestantes não se encaixam nesse contexto, tornando esses profissionais incapacitados adequadamente para esse tipo de situação.

Análise: No trecho acima, notamos que os problemas de pontuação e estrutura afetam as relações de sentido entre as orações. Como o autor não organizou o trecho de forma clara, podemos entender que a informação que vem após *visto que* explica a afirmação de que a polícia militar é treinada para lidar com criminosos, o que não faz sentido. O uso de *visto que* estaria adequado com as seguintes reformulações:

É interessante ressaltar que a polícia militar é treinada para lidar com criminosos; visto que manifestantes não se encaixam nesse perfil, esses profissionais tornam-se incapacitados para lidarem adequadamente com esse tipo de situação.

É interessante ressaltar que a polícia militar é treinada para lidar com criminosos, e manifestantes não se encaixam nesse perfil, portanto esses profissionais tornam-se incapacitados para lidarem adequadamente com esse tipo de situação.

Já que

1. O ciclismo é uma ótima atividade, mas não apenas para lazer. As bicicletas que vêm ganhando as ruas levando os trabalhadores para empresas, ajuda a manter o corpo, **já que** é totalmente livre de emissão de gases que prejudicam a atmosfera.

Análise: Não consideramos coerente usar um elemento coesivo que dá início a uma justificativa, pois sabemos que a bicicleta não ajuda a manter o corpo, porque é livre da emissão de gases que prejudicam a atmosfera. Uma solução nesse caso seria substituir o *já que* por um conector de adição. Assim, todos os argumentos contribuiriam para se chegar à conclusão de que as bicicletas vêm ganhando as ruas.

2. Todo o dinheiro gasto para a construção e reforma dos estádios não servirá para nada. Além de ser apenas temporário, não ajudará nossas crianças se elas continuam a morrer na porta dos hospitais, se continuam analfabetas ou irão depender da sorte para sobreviver já que o governo só se importa com os lucros que terão com a Copa do Mundo. Afinal não se faz educação e saúde com estádios de futebol, **já que** aos olhos o governo o futebol é mais importante do que o futuro da nossa nação.

Análise: O *já que* não introduz justificativa para o conteúdo do período anterior, sugerimos que o elemento coesivo seja substituído por uma conjunção adversativa. É desejável também que o autor reestruture o parágrafo.

3. Portanto, a lei de legalização da maconha não deve ser aprovada, visando o combate ao tráfico já existente. E que os já usuários podem ter oportunidade de largar esse vício, **já que** não é fácil, tendo em vista os problemas que a maconha oferece.

Análise: Se parafrasearmos a frase acima, encontraremos certa estranheza no uso de *já que*: os indivíduos viciados terão a oportunidade de largar as drogas porque não é fácil? Por meio desse exemplo, notamos que há dificuldade por parte do escritor em argumentar de maneira coerente. A justificativa para os fatos não se dá de maneira satisfatória, e o autor perde de vista o uso de argumentos que contribuem para a conclusão de que a legalização da maconha não deve ser aprovada.

4. Há tempos vêm se discutindo sobre a legalização da maconha e manter a proibição, seria uma das melhores escolhas, **já que**, não acabaria com o tráfico de drogas e mais pessoas usariam a droga, consequentemente aumentaria os problemas de saúde.

Análise: O trecho está mal-estruturado, e o uso de *já que* contribui para que haja incoerência. Entendemos que manter a proibição da maconha seria uma das melhores escolhas, porque não acabaria com o tráfico de drogas e mais pessoas usariam a droga. O *já que* somente ficaria adequado se o autor tivesse explicitado que a legalização da droga é que não contribuiria para o extermínio do tráfico e incentivaria mais pessoas a usá-la.

Com isso

1. [...] A campanha eleitoral de cada partido seria muito interessante e poderia fazer alguma diferença se todos assistissem.

Com isso, os políticos já deveriam ter verificado qual a verdadeira relevância do horário eleitoral. Se poucos veem, por que obriga-los para todos? Por que gastar tanto se ninguém quer ver? O dinheiro gasto com essas campanhas não deveria sair dos cofres públicos sem que o povo queira.

Análise: *Com isso* pode dar a ideia de consequência, conclusão e companhia. No caso acima, antes do elemento, o autor coloca uma possibilidade/condição: se todos assistissem ao horário político, a campanha eleitoral poderia ser útil. Acreditamos que, por haver essa sentença hipotética e não fatual, o autor deveria escrever da seguinte forma:

Como isso não ocorre, os políticos já deveriam ter verificado qual a verdadeira relevância do horário eleitoral.

2. As vitimas, a maioria são nada menos que adolescentes e crianças do sexo feminino. E **com isso** podem causa-las marcas físicas e psicológicas, e os relacionamentos sociais podem se comprometer por vergonha ou pelas pessoas acharem que o estupro é uma doença contagiosa, que ninguém pode chegar perto de quem sofreu o abuso.

Análise: O trecho está mal-estruturado. Conseguimos entender que a frase exige um sujeito para “podem” e acreditamos que deveria ser apenas “isso”. Por um lado, podemos pensar que o *com isso* exprime ideia de companhia, mas qual seria? Não há. Por outro lado, pensamos que a faixa etária não poderia ser agente e consequência ao mesmo tempo. Portanto, subentendemos que o autor quer dizer que o fator “faixa etária” é responsável por acentuar as marcas físicas e psicológicas na vítima – argumento este que deveria ser mais bem explicado. Independentemente das leituras que cogitamos para trecho extraído do *corpus*, *com isso* está usado de maneira descabida.

Assim como

1. É de conhecimento público, que a polícia tem se excedido em suas durante manifestações. Dentre tantos motivos relevantes, temos o uso da violência o abuso de autoridade, **assim como** lesar os direitos de uma democracia.

Análise: O *assim como* pode ser usado para realizarmos comparações ou para indicar soma de ideias. No trecho acima, o uso desse elemento não contribuiu para a estrutura coerente do período. Em nossa análise, “lesar os direitos de uma democracia” é o resultado ou consequência das ações dos policiais (uso da violência e abuso de autoridade). Portanto, acreditamos que o trecho poderia ser reformulado da seguinte maneira:

Dentre tantos motivos relevantes, podemos mencionar o uso da violência e o abuso de autoridade que, consequentemente, lesam os direitos das pessoas que vivem num país democrático.

2. A copa, portanto, será um símbolo de divisor de águas para o quadro nacional. Cabe, então, ao governo administrar os investimentos para impulsionar mudanças positivas relacionadas ao desenvolvimento urbano e serviços públicos. Além disso, a população, além exigir de seus representantes, deve cumprir seu papel contribuindo para a conservação dos investimentos públicos e conscientizar-se em exercer seus deveres. Logo a copa certamente será o marco inicial de mudanças positivas para o povo, **assim como** nos estádios.

Análise: O uso de *assim como* no trecho acima nos causou certa estranheza. Explicitaremos essa impressão com algumas perguntas: A copa trará mudanças tanto para o povo quanto nos momentos de disputas? A copa trará mudanças positivas para o povo e para os estádios (jogos)? É difícil entender a relação de sentido estabelecida entre as mudanças que ocorrerão para o povo com os estádios. Certamente, o *assim como* não foi suficiente para esclarecer a relação de sentido que o autor pensou. Seria necessário reconstruir a relação de maneira mais clara.

Afinal (A final)

1. Ora, a própria noção e civilidade implica no controle dos impulsos humanos mais primitivos, tais como a vontade de machucar o vizinho porque olhou pra sua mulher, o desejo de pegar para si algum objeto pertencente a outrem e, é claro, a vontade de fazer sexo com alguém, mesmo (e especialmente) contra sua vontade. Quando esse controle não ocorre, voltamos, sim, ao estado primitivo da era dos homens das cavernas. E em uma sociedade em pleno séc. XXI, tal retrocesso nos padrões de comportamento são inaceitáveis e absolutamente prejudiciais para a convivência pacífica (e desejável) entre seus membros.

Afinal, alguns argumentam que a mulher é estuprada quando escolhe uma vestimenta provocante, que a mulher está dando direito ao homem de praticar a violência. Essa forma de pensamento é totalmente descabido e completamente sem fundamento, pois a maioria das mulheres que é estuprada usam roupas consideradas normais

Análise: O *afinal* poderia ser substituído, por exemplo, por “no entanto há alguns que argumentam”, pois *afinal* indica *enfim, por fim* e pode introduzir justificativa, o que não caberia na relação de sentido que há entre os parágrafos acima. O primeiro termina com a ideia de que o estupro é um ato que coloca o homem em uma condição primitiva e é inaceitável no século XXI. E o segundo parágrafo começa com a ressalva de que algumas pessoas encontram justificativa para tal crime. Portanto, caberia uma conjunção adversativa.

Por outro lado

1. Segundo a pesquisa Datafolha, cerca de 80% dos paulistanos concordam com a implantação das ciclovias, e 60% acreditam que a bicicleta é um meio de transporte viável para o dia a dia. Mas apesar disso, apenas 3% usam a bicicleta com frequência. Faz-se necessário, portanto, de uma maior incentivação.

Por outro lado, não há segurança para os ciclistas no trânsito caótico do dia a dia. Embora pareça impossível buscar as soluções para o problema, é fundamental agir para reduzir ainda mais seus efeitos. Para isso, precisamos sair deste estado de inércia.

Análise: *Por outro lado* está inadequado, porque o autor não está acrescentando argumentos ou contrapondo-os. Na verdade, o autor apresenta um dos motivos que explica a baixa frequência de ciclistas. Um modo de retificar o trecho é:

Poucos usam a bicicleta como veículo, porque não há segurança para os ciclistas no trânsito caótico do dia a dia.

Mas

1. E por esses motivos que devemos ficar atentos em nossos candidatos, e caso nenhum deles desperte seu interesse ou não passa segurança, vote em branco, não cometa a ignorância de colocar no poder, aquele que nos engana e ganha e fatura a nossas custas. **Mas** não devemos esquecer que os políticos dependem de nós para serem eleitos, e um voto consciente, faz toda diferença para o nosso futuro.

Análise: No lugar do *mas*, seria adequado usar um elemento coesivo que adiciona argumentos, afinal a ideia introduzida pelo *mas* não contrasta com as anteriores, apenas soma para a conclusão de que devemos votar com consciência.

2. Não é de hoje que presenciamos ou ouvimos falar das agressões em escolas entre professores e alunos.

Mas não adianta apenas levar a diretoria e dar uma advertência.

Análise: O *mas* não contrasta com a ideia anterior, mas com uma ideia que não foi explicitada no texto: a diretoria da escola é capaz de resolver sozinha o problema da violência na adolescência. Como estamos lidando com um texto dissertativo argumentativo que exige que as informações estejam muito claras, consideramos como inadequado o uso do *mas* nessa posição textual.

3. [...] Não faz muito sentido atrair olhares mundiais para cá, **mas** quando os estrangeiros aqui chegarem sofrerem como brasileiros.

Análise: Acreditamos que, no lugar de *mas*, deveria haver uma conjunção explicativa, pois não há relação de contraste entre as orações.

4. É preciso investir no combate ao tráfico para reduzir a entrada e produção da droga no país, e investigações rigorosas para assim cada vez mais prender traficantes que são um dos grandes responsáveis pela venda ilegal da droga, com penas mais severas para os traficantes, e também para os usuários que se envolverem em algum tipo de delito sobre efeito da droga, **mas** cabe a sociedade se conscientizar dos malefícios que a maconha pode trazer sendo uma ?droga leve? mais que pode lhe levar para um mundo onde alguns conseguem voltar, e poucos se recuperar.

Análise: Consideramos que o uso de *mas* está inadequado, porque ele não introduziu ideia de contraste ou retificação, e sim informações que adicionam argumentos para a conclusão de que é preciso combater o tráfico. Portanto, seria melhor substituir o *mas*:

Vale ressaltar que a sociedade deve se conscientizar...

Ademais, é preciso que a sociedade se conscientize...

5. O cidadão almeja que o papel do Estado seja de, suprir as suas necessidades, manter a ordem e garantir os direitos do cidadão, sem que sua liberdade seja restrita pela força, o Estado assume posição conservadora, só o Estado pensa, só o Estado define o que é cultura para o cidadão, o seu papel perante o cidadão de organizar politicamente e atender as expectativas nele depositadas, através dos representantes eleitos pelo voto, **mas** deve haver liberdade para o cidadão também faça suas escolhas.

Análise: Observamos que, no trecho em questão, há o que o autor Pécora (1999) chama de incompletude associativa. Embora não seja um problema que se refira a um elemento coesivo sequencial em específico, caracteriza-se também como problema de coesão. Segundo Pécora (1999), a incompletude ocorre quando:

os processos se perdem na relação que estabelecem entre si. Ou seja, ao procurar estabelecer referências entre um conjunto de orações, ao procurar articular essas orações, e assim conferir unidade ao conjunto, o aluno acaba

fazendo com que parte dessas orações permaneçam incompletas ou desconectadas das demais (PÉCORA, 1999, p. 66).

Além disso, no trecho extraído do *corpus* o elemento *mas* não introduz uma oração que contrasta as ideias anteriores, mas que adiciona um argumento a favor da conclusão de que o Estado não cumpre seu papel de forma satisfatória aos olhos do cidadão. Portanto, poderíamos melhorar as relações de sentido da seguinte forma:

...o seu papel perante o cidadão de organizar politicamente e atender às expectativas nele depositadas, através dos representantes eleitos pelo voto, não é exercido, o que deveria ser mudado. Além disso, deve haver liberdade para que o cidadão também faça suas escolhas.

6. Nossos jovens e adolescentes são os que, **mas** ouvem falar sobre essa doença e mesmo assim não tomam o cuidado que deveriam, e se relacionam com qualquer pessoa levando muitos a adquirir a doença, não por falta de conselho ou aviso, mas sim por irresponsabilidade.

7. Para finalizar, além das lei formuladas e postas em prática, é também preciso a conscientização de que o negro e o branco são iguais, que não há raça inferior ou superior, com a planificação das raças não **mas** encontraremos vítimas a respeito desse crime.

8. Alguns afirmam já estar a **mas** tempo com uma única pessoa, ou outros que garantem não possuir a doença e nem ser vulnerável a pega-la não precisando se prevenir. O que leva muitos a mas tarde diagnosticarem a doença e não terem chance de cura.

9. Por conseguinte, faz-se nesse meio um desenvolvimento **mas** crítico e recíproco entre cidadãos; configurando nesse contexto, uma ação plausível para toda uma história.

10. [...] Aproveitando para educar pedagogicamente uma mente estudantil **mas** sociológica para próximas gerações.

11. [...] O que leva muitos a **mas** tarde diagnosticarem a doença e não terem chance de cura.

Análise: Do 6 ao 11, observamos que houve inadequação semântica do uso do “mas”, uma vez que caberia a palavra “mais” no lugar dele e que ambas estabelecem relações de sentido diferentes: mais – advérbio de intensidade; mas – uma de suas principais funções é ser conjunção adversativa.

12. O polêmico assunto, vem ganhando espaço na mídia, muito abordado, tem tido forças **mas** redes sociais, nos meios de comunicação, assim aumentando o número de cidadãos contra o racismo.

Análise: O uso do *mas* deve ser substituído por “nas”.

Assim

1. A cada dia, mais aumenta o número de racismo, **assim**, se tornando um assunto muito discutido na sociedade nos últimos anos.

Análise: O argumento de que o número de pessoas racistas aumenta não é suficiente para concluir que isso faz o assunto ser mais discutido na sociedade. Será que é o fato de haver mais pessoas racistas acarreta uma abertura ou motivação para se discutir o tema? Aliás, a afirmação de que aumentou a quantidade de pessoas racistas não é verdadeira quando pensamos na História do Brasil. É preciso reformular o trecho.

2. O polêmico assunto, vem ganhando espaço na mídia, muito abordado, tem tido forças mas redes sociais, nos meios de comunicação, **assim** aumentando o número de cidadãos contra o racismo.

Análise: O trecho em questão é continuidade do que foi analisado anteriormente, o que demonstra a contradição do autor em dizer inicialmente que o número de pessoas racistas aumentou. Mais uma vez, perguntamos: o fato de o racismo ser discutido faz com que as pessoas sejam contra ele? Nesse caso, até poderíamos considerar o uso de *assim* como adequado, no entanto não analisaremos como adequado, devido à contradição que o autor instaura em seu texto com o uso do *assim* em momentos diferentes:

Mais pessoas racistas, portanto mais discussão.

Mais discussão e espaço nas mídias, portanto maior número de cidadãos contra o racismo.

Acreditamos que é necessário esclarecer melhor as ideias, explicando de que modo a abordagem do assunto realmente pode transformar opiniões.

3. A história da democracia está iniludivelmente ligada à história do voto. Este foi uma conquista tardia da comunidade internacional, alcançando seu auge no século XX, quando o regime democrático-representativo se consolidara na maioria dos países. Nos dias atuais, o voto chegou a ser, dado o seu grande valor, obrigatório em alguns países, o que não impede o cidadão de anular seu voto, desde que com a devida justificativa. Assim, alguns não comparecem à sessão eleitoral correspondente por preguiça, indiferença; porém, outros entendem que o voto nulo é um ato político. Será mesmo?

Análise: O autor diz que um cidadão pode anular seu voto se ele tiver uma justificativa para tal atitude e conclui que existem casos em que as pessoas não comparecem à sessão eleitoral por diferentes motivos. Primeiramente, um cidadão pode anular seu voto nas urnas sem apresentar nenhuma justificativa. Em segundo lugar, o autor não poderia concluir a partir do que foi dito que algumas pessoas não comparecem à sessão eleitoral por diferentes motivos. Nesse caso, ele poderia acrescentar essa informação como um argumento que leva à conclusão de que o eleitor pode não optar por um candidato específico. O uso do *assim* não ficou adequado também, porque o autor confundiu o ato de anular o voto com o de não comparecer à sessão eleitoral e com o ato de votar nulo, que são ações distintas e acarretam consequências diferentes. Portanto, o trecho deveria ser reconstruído, de maneira mais esclarecedora e com o uso de elementos coesivos adequados, por exemplo:

...o voto chegou a ser, dado o seu grande valor, obrigatório em alguns países, o que não impede o cidadão de deixar de votar em determinadas situações, desde que com a devida justificativa, por exemplo, estar fora do país em que vota. No entanto, alguns não comparecem à sessão eleitoral correspondente por preguiça e indiferença, o que pode trazer sérias consequências a eles.

Por isso

1. É incontestável que haja tanta violência na escolas do nosso país, é **por isso** que vemos tantos casos de que jovens e até mesmo crianças sofrem agressão e preconceito, é de conhecimento geral que a cada dia cresce colocando medo a sociedade.

Análise: Acreditamos que não é a violência que justifica os inúmeros casos de agressão e preconceito entre jovens e crianças, mas são estes mesmos casos de tal natureza que nos permitem dizer que há uma relação de violência entre esses adolescentes. O trecho em questão poderia ser reformulado da seguinte forma:

Há inúmeros casos de jovens e até mesmo de crianças que sofrem agressão e preconceito no ambiente escolar, por isso podemos dizer que a violência torna-se um fato incontestável.

Porém

1. Após o surgimento das ciclovias no Brasil, os ciclistas ainda vem sendo vítimas de acidentes por motoristas imprudentes que desrespeitam a faixa devido ao congestionamento no trânsito, **porém** a

ausência de sinalização e em locais não apropriados para o deslocamento de bicicleta, são fatais para gerações.

Análise: Acreditamos que a ideia introduzida por *porém* não é contrária a ideia anterior. Na verdade, elas se somam em favor da conclusão de que os ciclistas ainda são vítimas no trânsito. A nossa sugestão de reescrita é a seguinte:

Após o surgimento das cicloviás no Brasil, os ciclistas ainda vêm sendo vítimas de acidentes por motoristas imprudentes que desrespeitam a faixa devido ao congestionamento no trânsito. Além disso, a ausência de sinalização em locais não apropriados para o trânsito de bicicleta é fatal para os adeptos de tal veículo.

2. Desde os primórdios existe o preconceito racial. Há vários registros da presença do racismo na história do mundo, **porém**, em pleno século XXI, infelizmente, essa prática ainda prevalece.

Análise: Se o autor diz que sempre existiu preconceito racial no mundo, não é surpresa que atualmente ainda haja resquícios disso. Dessa forma, ele não poderia usar um elemento de contraposição, já que um fato é consequência de outro. Entendemos que o redator quis explicar que o racismo existe hoje devido a uma questão de origem, de herança. Portanto, entendemos o racismo, como o autor colocou, como um fato que é sucessivo. Assim, sugerimos outra conjunção no lugar de *porém*:

Desde os primórdios, existe o preconceito racial. Há vários registros de racismo na história do mundo e, em pleno século XXI, infelizmente, essa prática ainda prevalece.

3. Esse preconceito tem surgido sem fundamento algum e ainda vive no Século XXI pela falta de conhecimentos científicos e culturais. A Sociedade acaba associando o racismo como um problema dissimulado; **porém** se buscarmos analisar a diferença de cor entre negros e brancos através da ciência, veremos que a cor não passa de uma questão genética, e não tem relação alguma com a inferioridade.

Análise: O fato de as pessoas disfarçarem o racismo que sentem não se contrapõe à explicação científica de que não há inferioridade entre os seres humanos do ponto de vista genético. São duas ideias completamente distintas. Para resolver esse problema, a questão de dissimular o preconceito deveria ser um novo tópico em outro parágrafo. E o autor deveria evidenciar a relação de justificativa que existe:

Esse preconceito tem surgido sem fundamento algum e ainda vive no século XXI pela falta de conhecimentos científicos e culturais, porque, se buscarmos analisar a diferença de cor entre negros e brancos por meio da ciência, veremos que a cor não passa de uma questão genética e que não tem relação alguma com a inferioridade.

Então

1. É incontestável que haja tanta violência na escolas do nosso país, é por isso que vemos tantos casos de que jovens e até mesmo crianças sofrem agressão e preconceito, é de conhecimento geral que a cada dia cresce colocando medo a sociedade.

Percebe-se **então** que isso não vem só de agressão verbal, mas sim por sites da internet, redes sociais, vídeos comprometedores e até mesmo agressão física, em consequente disso vê se a todo instante esse fato, e as pessoas ainda não viram que pode prejudicar o futuro dos jovens.

Análise: Os argumentos apresentados no primeiro parágrafo não permitem que o leitor conclua que a agressão não se dá apenas de modo verbal. Seria necessário que o autor discutisse melhor as ideias e apresentasse outras, antes de usar um conector conclusivo.

No entanto

1. Portanto, o comportamento vulgar de algumas mulheres ou modo de como elas se vestem, pouco se relaciona com a mente doentia de maníaco estuprador. A sociedade está a mercê do estupro dentro ou fora de casa. **No entanto**, precisa-se se refletir muito em relação a segurança e políticas em relação a defesa do cidadão. Ninguém pede para ser estuprado.

Análise: Acreditamos que o uso de *no entanto* deveria ser substituído por um elemento coesivo conclusivo ou que dê ideia de consequência. *Diante disso*, *Desse modo* ou *Logo* soariam melhor no caso em questão, visto que a necessidade de refletir sobre questões de segurança são provenientes do índice de criminalidade, em específico, do crime de estupro.

Pois

1. Diante das informações acima, é preciso avaliar nesses dias cada candidato, senão estaremos novamente presenciando o nosso país a cair mais um nível em questões tão básicas, mas de grande relevância para a sociedade. Por isso, participar na vida política é tão importante, votar no candidato que fará a diferença nas questões que encontra-se o Brasil. Governar implica em investir o dinheiro público, **pois** o capital tem, o que precisa é um governante que mudará o quadro atual

Análise: O autor não explica por que governar é investir o dinheiro público, ele apenas acrescenta a informação de que o Brasil tem recursos para que um bom governo possa agir. Portanto, seria adequado dizer:

Governar implica investir o dinheiro público, e o Brasil tem recursos financeiros para isso. O que realmente falta é um governante que tenha competência para mudar o quadro atual.

2. Assim percebe-se que a bicicleta é um modal necessário e fundamental para a terra do samba, **pois** estimula o motorista a pedalar.

Análise: Dizer que a bicicleta é necessária porque estimula o motorista a pedalar é uma argumentação sem propósito, portanto o uso de *pois*, no caso acima, é inadequado e sem fundamento, pois não introduz uma explicação plausível, mas sim uma informação óbvia.

3. Tem solução para essa realidade? Tem de haver, claro, e a primeira medida a ser apontada é o combate eficiente à criminalidade de um modo geral. Em segundo lugar, deve-se procurar reduzir a sensação de impunidade, bem como a própria impunidade, **pois** também para o crime vigora a relação custo/benefício.

Análise: A ideia introduzida pelo *pois* não explica o motivo pelo qual se deve diminuir a sensação de impunidade. O autor colocou uma informação que não estabelece relação com as outras, o que torna a argumentação obscura.

4. Não só isso, mas também a ausência no dia das eleições é um protesto igual a anular o voto. A única diferença entre anular o voto e não comparecer é que a pessoa que ausente-se irá pagar uma multa pequena. Mas essa iniciativa pode beneficiar muitos candidatos corruptos, **pois** os que pensam em não participarem são aqueles que conhecem os atuais políticos e que manifestam-se contra a reeleição destes.

Análise: A relação de explicação introduzida pelo *pois* é incoerente: como os candidatos corruptos serão beneficiados se os cidadãos se manifestarem contra a reeleição deles? Portanto, o uso de *pois* juntamente com a argumentação está inadequada.

Além disso

1. O mundo hoje vive seu maior período de grande poluição, muito influenciado pelo uso dos automóveis. Desse modo, o governo criou ciclofaixas para influenciar o uso das bicicletas, pelo fato de não poluírem. Mas o índice de quem as usa com frequência ainda é baixo. Isso é muitas vezes causado pelo grande desrespeito dos motoristas.

Entretanto, não é preciso preocupar-se com esse baixo índice, pois é um processo lento. Assim como foi a transição dos cavalos e carroças para os carros. Além disso, se em grandes metrópoles esse pequeno número de usuários passasse para a metade da população total, a poluição reduziria drasticamente.

Análise: A expectativa é de que o *além disso* introduza mais um argumento a favor da conclusão de que a transição do uso de automóveis para bicicletas acontecerá, mesmo que o processo se dê de forma lenta. No entanto, o autor o usa para acrescentar uma ideia que, por ser hipotética e distante da realidade, não contribui para assegurar a mudança de comportamento das pessoas em longo prazo. Na realidade, toda a argumentação do trecho está comprometida, pois, se o uso de bicicletas não fosse motivo de preocupação e reflexão, não seria tema da proposta de redação. Além disso, como o próprio escritor mencionou, com o uso de bicicletas, o índice de poluição ambiental diminuiria bastante, o que precisa acontecer urgentemente. Em virtude disso, seria necessário reformular toda a construção do trecho para que os elementos coesivos liguem ideias que façam sentido.

Também

1. A educação no Brasil precisa melhorar, pois ela é a base para o desenvolvimento de uma nação. E a violência nas escolas é um dos fatores que faz com que o país se encontre em um dos piores índices de aproveitamento escolar do mundo.

Nos estabelecimentos de ensino também tem como objetivo proposto, no projeto político pedagógico, a cidadania, a integração social como forma de se buscar um ambiente mais saudável para a boa convivência entre os educadores e educandos.

Análise: O autor não deveria usar o elemento coesivo de adição, pois ele não havia mencionado antes outros objetivos da escola. Portanto, ele deveria retirar o *também* e reestruturar a frase da seguinte forma, por exemplo:

Os estabelecimentos de ensino têm como objetivo, presente no projeto político pedagógico, promover a cidadania e a integração social como forma de se buscar um ambiente mais saudável para a boa convivência entre os educadores e educandos.

2. O Estado tem como prioridade o bem estar dos cidadãos, ele existe para assegurar, organizar, dar voz ao povo, por intermédio de indivíduos escolhidos através do voto democrático para representar a sociedade. Há também, o anarquismo, o capitalismo e o socialismo. O governo socialista objetiva que o poder estatal deve ser restrito, tem como base principal a igualdade, o sonho de uma nação livre de miséria e injustiça, um mundo onde apenas os ricos se beneficiam não é o adequado, uma sociedade assim não tem como crescer, um povo que tem igualdade de oportunidade, este sim, cresce, pois crescem todos, e não apenas uma parcela da população, esta sendo a minoria rica do país. O sistema socialista é o ideal do bem comum.

Análise: Consideramos que o autor não poderia usar o *também* para se referir aos outros regimes como se eles coexistissem no Brasil. Como eles não existem (nem poderiam coexistir, visto que são diferentes), a informação torna-se deslocada, desnecessária e incoerente. Portanto, o escritor não deveria fazer tal inclusão de informações por meio do *também*. Além do mais, ele só discorre sobre o socialismo no decorrer do texto, não chega a explorar as outras formas de governo.

3. Tem solução para essa realidade? Tem de haver, claro, e a primeira medida a ser apontada é o combate eficiente à criminalidade de um modo geral. Em segundo lugar, deve-se procurar reduzir a sensação de impunidade, bem como a própria impunidade, pois também para o crime vigora a relação

custo/benefício. Finalmente, em vez de fazer propaganda de inaugurações de obras faraônicas inacabadas, o governo podia investir em propagandas educativas incentivando o respeito à vida, ao sexo, ao homem e à mulher.

Análise: Quando o autor diz que *também* no crime há a relação de custo/benefício, procuramos qual seria o outro termo ao qual ele se refere que também há a relação de custo/benefício. A opção que encontramos seria a “redução da sensação de impunidade”. No entanto, a relação estabelecida por ele não se fez coerente a nosso ver. Para que o *também* fosse utilizado adequadamente, o autor teria que explicar melhor a questão do custo/benefício, de modo a comparar as duas situações propostas por ele.

Até mesmo (Ate mesmo)

1. Com diversas manifestações por quem e contra a copa por pensarem ser um gasto de dinheiro, os brasileiros e ate mesmo os estrangeiros acabam ficando com medo de ver jogos em estádios.

Análise: O *até mesmo* funciona como operador argumentativo que assinala o argumento mais forte em favor de uma conclusão. No caso acima, o argumento mais forte não seria o fato de os estrangeiros terem medo de vir ao Brasil, pois isso é algo previsto. O que soa como argumento mais forte e improvável é o fato de os próprios brasileiros terem medo de participarem de um evento que ocorrerá no país deles. Isso indica que o autor não sabe o valor que esse elemento coesivo possui no texto.

Como

1. No fim do século XIX, o mundo evoluiu, deixando de usar cavalos e carroças, como principal meio de transporte, para usar os poluidores carros. Já hoje, possuímos a alternativa para mudar novamente como o uso das bicicletas.

Análise: O *como* pode dar ideia de comparação, exemplificação entre outras. No caso acima, o uso está inadequado, pois no lugar de *como* deveria ser *com*, já que o uso das bicicletas seria a única alternativa proposta pelo autor para substituir o carro. Seria estranho citar que há uma alternativa em específico (uso do artigo definido “a”) e depois usar um elemento de exemplificação, como se houvesse mais alternativas.

2. A Sociedade acaba associando o racismo como um problema dissimulado; porém se buscarmos analisar a diferença de cor entre negros e brancos através da ciência, veremos que a cor não passa de uma questão genética, e não tem relação alguma com a inferioridade.

Análise: Sabemos que o verbo associar pede uma preposição, e não o elemento *como*. De modo geral, o primeiro período deveria ser refeito com o intuito de a ideia ser mais bem explicada:

As pessoas dissimulam o preconceito que possuem

Podemos associar o racismo a um problema de dissimulação, porque...

3. Recentemente a presidente Dilma Rousseff alegou que em um país como cerca de 50 milhões de jovens, entre 19 a 25 anos, é mais do que complicado falar sobre descriminalização.

Análise: Obviamente, cabe a preposição *com*.

4. Os corruptos que hoje nos cercam têm como principal objetivo tornar o Estado propriedade particular, eles querem afastar os cidadãos do processo organizacional do Estado, mas apesar de tudo é ele que mantém a sociedade “equilibrada”, mesmo havendo falhas trágicas como a saúde, educação e etc

Análise: O uso do *como* está inadequado, pois entendemos que a saúde e a educação foram consideradas, a título de exemplificação, elementos trágicos na sociedade, quando, na verdade, são imprescindíveis para o alto nível de qualidade de um país. O autor deve reformular o trecho, da seguinte maneira, por exemplo:

...mesmo havendo falhas trágicas nas áreas da saúde, da educação etc.

5. Antropólogos como Roberto Kant de Lima, fez um estudo onde comprovou o modelo de Estado dos Estados Unidos e do Brasil, com isso associou-se o primeiro país **como** tendo um modelo que se assemelha a uma figura de formato de um paralelepípedo, onde a base da figura é igual ao topo e com isso os direitos e privilégios são iguais para todos os cidadãos, já no segundo modelo tem o formato geométrico de uma pirâmide, onde a base é maior que o topo, sendo assim indivíduos desta sociedade “brigam” por interesses particularizados e temos uma sociedade desigual.

Análise: Novamente, o caso do verbo associar: *com isso se associou o primeiro país a um paralelepípedo.*

6. O ato de anular o voto é uma forma de participação, uma forma de mostrar que não estamos satisfeitos **como** o sistema, mostrar que já percebemos que as disputas entre os candidatos são falsas, visando apenas os objetivos pessoais.

Análise: O uso de *como* deu a ideia de comparação e personificou o sistema ao qual estamos submetidos, o que deixou o trecho incoerente. Por isso, seria melhor substituir o *como* pela preposição *com*.

7. **Como** o aumento de gasolina, muitos consideram um absurdo, muitos planejam comprar bicicletas, apesar de preferir os veículos

Análise: Acreditamos que o *como* foi usado de modo inadequado, uma vez que não identificamos relação de comparação, justificativa ou conformidade. No lugar de *como*, o autor poderia usar *com*:

Com o aumento da gasolina, que foi absurdo, muitos planejam comprar bicicletas.

E

1. Solução imediata

E já dizia a filosofia, o homem é um ser singular, autônomo, pensante, original, motivável e principalmente de pensamento livre e sem limites. Ai está o problema, até que ponto podemos chegar?

Análise: O elo *e* implica adição de ideias, portanto o autor não poderia iniciar seu texto com ele, já que nada foi dito anteriormente. No texto de modalidade escrita, esse uso é incoerente.

2. Ora, a própria noção **e** civilidade implica no controle dos impulsos humanos mais primitivos, tais como a vontade de machucar o vizinho porque olhou pra sua mulher, o desejo de pegar para si algum objeto pertencente a outrem e, é claro, a vontade de fazer sexo com alguém, mesmo (e especialmente) contra sua vontade.

Análise: Não há relação de adição de ideias, o que existe é a especificação de um assunto. O autor deveria ter usado *noção de civilidade*.

3. Diante de tudo isso, **e** preciso mais atenção e segurança para poder diminuir atitudes assustadoras nas instituições sendo elas públicas ou particulares.

4. Em vez de apontar só os erros, temos que ter uma solução, isso sim e um direito de nós cidadãos honestos que batalhamos para um futuro melhor de ensino e conforto para nossos filhos devemos impor e juntamente fazer com que nosso governo nos ajude a ter um país sem violência a todos jovens brasileiros.
5. A copa e um evento esportivo que ocorre de quatro em quatro anos em países diferentes escolhidos pela FIFA através de sorteio e esse ano o grande escolhido foi o Brasil.
6. No Brasil nota-se que o legado da copa do mundo para o Brasil veem sendo sendo questionado pelos brasileiros pois a copa e um evento muito importante pro pais porem, falta estrutura para o mesmo além disso as manifestações são constates das pessoas que se dizem contra a copa.
7. A escravidão do afrodescendente envolve muitos fatores como lucro, a comodidade, a crença de que o negro não é um ser humano, pois tinham culturas distintas, e durante muito tempo, o abuso físico, e psicológico e comum.
8. É evidente que politicas afirmativas (não só de cotas de ensino) são necessárias, como por exemplo nos EUA (Estados Unidos da América) em que a imposição de direitos por meio de cotas e explicita.
9. Para contornarmos esse problema, o que se pode fazer e conscientizar a população sobre as causas, e também instruir sobre a administração adequada dos medicamentos.
10. A maconha e uma droga assim como qualquer outra, porem ela é mais "fraca" que as outras como crack, cocaína, etc.
11. A maconha é uma droga assim como qualquer outra, porem ela e mais "fraca" que as outras como crack, cocaína, etc.
12. Na conjutura atual o uso de drogas e recorrente em muitas famílias brasileiras, devido ao acesso da maconha em lugares de poucas fiscalização e em festas, fazendo com que esse consumidores tenha a dependência dela, mas ela têm suas vantagens na área da saúde.
13. Torna-se evidente, portanto, que legaliza-la não e apropriado, pois gera problemas sociais.
14. O vírus e transmitido ao contato com o sangue do infectado, hoje nas unidades de saúde de todo o país, existe o teste rápido de HIV, companhas para prevenção da Aids, distribuição de preservativos um método seguro e eficaz. O acesso a informação é livre e sem exceções, todos podem conhecer e se atualizar sobre o assunto.
15. A Aids e uma doença minuciosa, e jovens subestimam a contaminação do vírus HIV.
16. O maior debate em questão e a auto-conscientização, e o erro em pensar que o HIV esta distante da realidade vivida.
17. O acesso a informação e livre e sem exceções, todos podem conhecer e se atualizar sobre o assunto.
18. Os manifestantes tem como objetivo mostrar que certas escolhas estão saindo fora de controle e que não estão beneficiando a população como deveria e e aí que entra em cena os manifestantes e que muitas das vezes esses são vistos como vândalos que só servem para estruir com o patrimônio e imagem do país.
19. A polícia que deveria ser intitulada de pacificadora, por muitas vezes e acusada de repressora.
20. [...] Principalmente a educação, que e o principal alicerce de uma sociedade civilizada.

21. A população tem de mostrar que o gigante não adormeceu novamente e que a forma ideal de protestos e nas urnas e assim o sinal de “basta de corrupção” será lançado.

22. E por esses motivos que devemos ficar atentos em nossos candidatos, e caso nenhum deles desperte seu interesse ou não passa segurança, vote em branco, não cometa a ignorância de colocar no poder, aquele que nos engana e ganha e fatura a nossas custas.

23. O transporte coletivo brasileiro já não e tão eficaz, apesar do governo esta sempre procurando melhorias, em muitas cidades a melhor solução para o transito esta no lazer de muitas crianças: as bicicletas.

24. No caso das ciclofaixas parte da população é a favor da criação desses caminhos alternativos, desde que não afetem o seu cotidiano, pois com a criação da ciclofaixa e inevitável a alteração no transito local.

Análise: Do número 3 ao 24, os autores deveriam ter usado o verbo *é*, e não a conjunção *e*. Por mais que seja um simples esquecimento da acentuação, por existir a conjunção *e*, o erro também pode ser considerado como de coesão.

Portanto

1. O cidadão almeja que o papel do Estado seja de, suprir as suas necessidades, manter a ordem e garantir os direitos do cidadão, sem que sua liberdade seja restrita pela força, o Estado assume posição conservadora, só o Estado pensa, só o Estado define o que é cultura para o cidadão, o seu papel perante o cidadão de organizar politicamente e atender as expectativas nele depositadas, através dos representantes eleitos pelo voto, mas deve haver liberdade para o cidadão também faça suas escolhas.

Portanto, ao contrário do que, espera se, os constantes conflitos e manifestações vivenciados no país, os cidadãos clamam por justiça, melhores condições transporte publico e outras reivindicações, o fato é que poucos levantam a voz e vão as ruas em protesto dos seus direitos, o Estado esta ausente no cumprimento do seu papel de garantir que o cidadão seja assistido com dignidade.

Análise: Sabendo que estes são o 1º e 2º parágrafos da redação, acreditamos que não há relação de conclusão entre eles. O que percebemos é um acréscimo de ideias em favor da conclusão de que o cidadão tem necessidades (por exemplo, de liberdade, de justiça, de melhores condições de transporte) que deveriam ser supridas pelo Estado. Então, o uso de *portanto*, neste caso, torna-se inviável. Além disso, a sequência do parágrafo está incoerente: nós não esperamos os conflitos e manifestações, eles acontecem como forma de as pessoas demonstrarem sua insatisfação em relação à justiça, às condições de transporte e à liberdade cidadã. O autor deveria reelaborar sua escrita para que haja claridade nas ideias e na relação que elas estabelecem entre si.

Ou

1. Recentemente, um caso de ignorância – evite-se falar "racismo" **ou** "preconceito social", tendo em vista que estaríamos comungando com o pseudofato de que existem raças humanas – aconteceu em um estádio europeu – berço de diversas formas de preconceitos históricos além de nações desenvolvidas – envolvendo um esportista negro e uma banana, fazendo alusão ao fruto preferido do macaco.

Análise: “Preconceito social” não pode ser uma alternativa para parafrasear ou explicar “racismo”, porque são conceitos diferentes. O preconceito social não está tão relacionado quanto o racismo à questão de “raças” humanas. Vale acrescentar que preconceito social refere-se a questões de poder aquisitivo de um indivíduo ou de um grupo, e racismo é uma forma de preconceito que tem por base as diferenças biológicas entre os seres humanos. Além disso, o termo “preconceito social” não faz

menção à raça como o termo “racismo” o faz, portanto podemos dizer que “preconceito social” não é um termo problemático como o autor do trecho diz ser. Dessa forma, o uso de *ou* está completamente inapropriado para a situação de escrita.

2. O povo brasileiro, **ou** parte, ao solicitar intervenção militar, mostra o quanto a democracia atual do Estado é fraca. Uma democracia fraca é apenas um sintoma para um Estado fraco, com uma economia fraca, é o início de um país que pode estar quebrando.

Análise: Consideramos como inadequado o uso do *ou*, visto que o escritor não poderia generalizar “o povo brasileiro”. O mais adequado realmente seria dizer “parte do povo brasileiro”. Não é uma situação linguística que permita o uso do “*ou*”, que pode imprimir sentidos de inclusão, exclusão, alternativa.

Ainda

1. A Aids não mudou seu caráter letal e destrutivo desde a década 80. Considerando **ainda** seu aspecto biológico, o vírus tem uma alta taxa de mutação que dialoga diretamente com sua adaptabilidade e resistência.

Análise: O *ainda* pode ser usado como marcador temporal ou para somar ideias a favor de determinada conclusão. Consideramos que, no caso acima, não é adequado utilizar o *ainda*, já que o trecho refere-se ao primeiro parágrafo da redação, ou seja, o autor não discutiu ideias suficientes para usar um marcador que indique acréscimo de argumentação para persuadir o leitor em favor de determinada conclusão.

Para

1. Mas com muita cautela, porque, hoje em dia, os motoristas não respeitam os ciclistas. Apesar disso, **para** aqueles sofrem com má segurança nas ruas, motoristas e motocicletas que jogam seus veículos contra ciclistas, até mesmo invadem ciclofaixas.

Análise: Não encontramos relação de direção ou finalidade na ideia introduzida pelo *para*. O trecho todo configura-se de forma incoerente e mal-estruturada.

2. Condições **para** jovens sem medo

A Aids é uma doença minuciosa, e jovens subestimam a contaminação do vírus HIV.

Os sintomas podem ser leves e tardios ou apresentar alterações na saúde do portador, sendo confundido por um simples mal-estar.

A famosa manifestação da doença, divulgada pela imprensa foi a história do cantor Cazuza em 1981, em seguida diagnosticada como fatal. 30 anos depois, os avanços da medicina conseguiu estabilizar a enfermidade com o coquetel, medicamento que surgiu em 1995, totalmente eficiente, mas infelizmente não reduzindo novos portadores, pelo fato de ignorarem a chance do contagio.

O vírus é transmitido ao contato com o sangue do infectado, hoje nas unidades de saúde de todo o país, existe o teste rápido de HIV, companhas para prevenção da Aids, distribuição de preservativos um método seguro e eficaz. O acesso a informação é livre e sem exceções, todos podem conhecer e se atualizar sobre o assunto.

O maior debate em questão é a auto-conscientização, e o erro em pensar que o HIV está distante da realidade vivida.

Análise: O título da redação pouco diz sobre o conteúdo dela, já que o autor não fala de condições direcionadas aos jovens que não têm medo de contrair a AIDS. Portanto, o título e a relação estabelecida pelo elemento *para* estão inadequados semanticamente em relação ao conteúdo da redação. Além disso, se o autor falasse sobre condições, o título deveria ser: *A condição dos jovens sem medo da AIDS*, o que implicaria uma produção sobre o estado físico e moral dessas pessoas. “As

condições *para* os jovens” pode passar a ideia de que se falará sobre obrigações que deverão ser impostas a esses indivíduos com o intuito de se alcançar alguma finalidade.

APÊNDICE D – ANÁLISE DOS USOS INADEQUADOS REFERENTES À TABELA 2

Apresentamos, a seguir, os excertos do *corpus* de redações 2009 a 2013 em que os elementos coesivos foram usados de modo inadequado. Os trechos extraídos do *corpus* estão enumerados e foram copiados na íntegra, sem correções gramaticais.

Contudo

1. A lei proposta pelo governo busca diminuir os casos de agressão, *contudo*, o governo não será capaz de resolver todos os casos, muitos filhos castigados pelos pais, não contarão a ninguém, por medo e ameaça de novos castigos.

Análise: O autor do texto inicia o período de modo a informar que a lei busca diminuir os casos de agressão. O uso da palavra “diminuir” já indica que haverá a amenização do problema, não a solução total dele. Por isso, não tem sentido usar uma conjunção adversativa para explicar que a lei não será capaz de resolver todos os casos, porque essa informação já está implícita na oração anterior a conjunção *contudo*. Se o autor quer reforçar a ideia de que apenas a lei não é suficiente para liquidar o problema da agressão, o ideal seria reformular o período da seguinte forma:

A lei proposta pelo governo busca diminuir os casos de agressão, e não resolver todos os casos, uma vez que muitos filhos castigados pelos pais não contarão a ninguém, por medo de novos castigos.

2.

Violência Assustadora

A princípio, a violência que acontece atualmente tende a piorar se o governo brasileiro não tomar providências enquanto antes.

A vida do brasileiro nessas condições assusta qualquer pessoa que prestigia esses ataques na sociedade.

No entanto, a política brasileira deve se preocupar mais com a segurança do país, começando com os policiais dando reforços e treinando os mesmos para enfrentar essas batalhas, além de aumentar seus salários, pois eles são seres humanos e devem receber salários mais justos. Em pleno alguns anos para a chegada da copa e a olimpíada o Brasil vive essa onda de batalhas entre policiais e bandidos, a questão da segurança pública no Brasil é precária e será que muitos estrangeiros não amedrontam de viajar para o Brasil com essas ondas de violências? A criminalidade está no Brasil de certa forma que muitos brasileiros tem remorso de sair nas ruas com o medo constante e a má segurança pública que hoje em dia não é treinada corretamente e que muitas vezes o policial é o próprio bandido.

Contudo, para reverter esta situação, Governo, Estado e Município devem estar aliados e com o objetivo de melhorar a segurança pública para um melhor avanço do Brasil, sendo reconhecido em escala mundial como país seguro de viver.

Análise: Esperamos que o *contudo* introduza argumentação ou ponto de vista contrário ao que foi dito anteriormente. No caso acima, ele foi usado para introduzir a conclusão do texto, o que não é adequado. Além disso, seria interessante que o autor retomasse os pontos principais da sua dissertação na conclusão, antes de propor a solução, o que indica que a conclusão não está bem feita. O ideal seria substituir o *contudo* por elementos conclusivos: *diante do exposto, portanto, em virtude dos fatos mencionados*; ou apenas retirar o *contudo* e reformular a conclusão, retomando os principais pontos debatidos.

3. Mentira: aprecie com moração

Quando usada moderadamente a mentira pode ficar sendo uma boa forma para a existência e sobrevivência pacífica na sociedade. todos os seres humanos incondicionalmente precisam mentir, mas quando este recurso é usado de forma exarcebada acaba se tornando uma doença ou um distúrbio de caráter moral.

A mentira em seu significado bruto e a soma de todos estes adjetivos: doença, problema de caráter, necessidade e brincadeira; É como um quadrado que em cada lado estivesse cada um desses adjetivos; Cabe a cada ser humano escolher aquele que melhor lhe cabe; Todos os humanos já nascem com o dom da mentira, começando a usá-la quando chora ou quando faz de tudo pra ter o colo ou o leite da mãe, é exatamente nesta fase que ele descobre a mentira, mas o que vai formar o caráter desta criança é a família ou o meio em que ela vive, assim ela saberá usufruir melhor da mentira e saber usá-la na momento certo.

Mentir pode ser uma válvula de escape de situações indesejáveis seja elas momentâneas ou permanentes, como por exemplo um trauma na infância ou fase adulta que faz com que o indivíduo minta para poder escapar daquele momento, é como um submundo no qual ele queira fugir e viver nele; mas como tudo na vida isto pode acarretar em danos pequenos ou grandes como por exemplo o desvio de caráter.

Contudo mentira é um sensível acessório que quando tocado libera diversas possibilidades equilibradas em boas e ruins, mas cabe a cada indivíduo usá-las quando, onde, como e com quem

Análise: A autora usa o *contudo* para resumir e concluir seu texto, e não para trazer uma ideia adversativa ou contrária ao que foi dito anteriormente, portanto *contudo* nesse caso está inadequado. Podemos resolver isso com a substituição dele por um elemento conclusivo: *portanto, logo, enfim, em suma, etc.*

4. Porém, uma alimentação regada a essas comidas rápidas e com a ausência de exercícios físicos está elevando o número de obesos entre as crianças. É o que diz a Sociedade de Pediatria de São Paulo, em que a obesidade infantil aumentou 5 vezes nos últimos 20 anos e atualmente atinge 15% dos pré-adolescentes (cerca de 5 milhões de crianças).

Contudo, o dever de educar essa garotada é dividido entre pais e o Estado. Este é encarregado de criar leis e normas que regulem as propagandas e advertências sobre o consumo excessivo. Já os tutores são responsáveis pelo controle do que os filhos poem nas lancheiras. São os pais que devem aconselhar os pequenos na hora de escolher entre uma refeição saudável e um hambúrguer.

Análise: Em nosso entendimento, não há sentido iniciar o 2º parágrafo com *contudo*, pois o autor quer apenas evidenciar a sua opinião, que já é a solução para o problema da obesidade infantil. Não há contraposição de ideias nem restrição. Portanto, o autor poderia substituir o *contudo* por outra expressão coesiva que ajuda na sequência das ideias, sem trazer o valor adversativo, por exemplo: *em relação a esse fato, acredita-se que o dever de educar essa garotada deve ser dividido...*

5. POLITICOS CORRUPTOS, MAIOR INFLUENCIA PARA O DISINTERESSE DOS JOVENS PELA ELEIÇÃO

Os jovens da atualidade veem perdendo um grande interesse pela participação nas eleições, pelo fato de existir políticos cada vez mais corruptos, e não fazem nenhuma questão de melhorar a vida de toda população brasileira.

Um caso bem recente de corrupção aconteceu em Brasília, DF, de um deputado que colocou dinheiro na meia e um outro deputado que colocou na cueca, vídeo destes foram parar na mídia que obviamente causou grande revolta na população, ocorrendo uma grande desanimo nos jovens futuros eleitores.

A população jovem brasileira está desacreditada da política do país, fazendo assim eles pensarem muito antes de votar em políticos cada vez mais corruptos, causando um grande receio de acabar indo as urnas e fazendo uma grande escolha errada.

Contudo pode se concluir que não adianta nada ter o direito de voto facultativo, se cada vez mais vem ocorrendo escândalos envolvendo políticos que se dizem honestos, que só pensam em gastar o dinheiro público em benefício próprio, não pensando em melhorar a situação do país, melhorando a

educação, segurança.

Análise: O autor usa o *contudo* para concluir o texto. Embora seu texto não esteja bem escrito, inclusive a sua conclusão, é perceptível que o elemento coesivo foi usado de maneira inadequada. O ideal seria substituí-lo por: *portanto, diante disso, diante do exposto* etc.

6. A Copa do Mundo é nossa, com o brasileiro não há quem possa!

Em 2014 acontecerá aqui no Brasil a Copa do Mundo de futebol. Este grande evento trará muitos benefícios ao país, que se encontra em grande crescimento econômico, a euforia toma conta da população. O governo investirá cerca de 20 milhões de reais neste acontecimento, este investimento vai desde infraestrutura (aeroportos, melhoria nos transportes, etc.), até construção de estádios que sediarão jogos da Copa.

No entanto, o governo deve criar comissões que fiscalizem onde esta sendo gasto todo este dinheiro, para que não haja desvios e mau uso do mesmo. Estas comissões terão de apresentar relatórios mensais ou até mesmo semanais, com notas fiscais ou comprovantes de compras. Para que não haja corrupção destas comissões, o governo deverá colocar a Policia Federal, para estar sempre investigando o trabalho dos fiscais (a Policia Federal põe respeito em suas investigações). Tudo isso deve ser feito para que o país venha colher bons frutos deste investimento, pois o mesmo irá gerar empregos; aquecimento da economia; valorização de nossa moeda; crescimento financeiro da população; o mundo passará a conhecer melhor nosso país; entre outras coisas. Além do que, este investimento também significa melhoria para a população, pois os estádios ficarão aqui, não irão embora depois que acabar a Copa, e todas as obras em infraestrutura, além de gerar empregos, estarão aqui em nosso país, serão para sempre, os metrôs, aeroportos, terminais rodoviários, etc.

Contudo, a criação destas comissões será muito importante e irão contribuir para que este investimento nos beneficie antes, durante e depois da Copa do Mundo. Sem desvios e mau uso do dinheiro, este investimento será um grande passo para a economia e para a população brasileira.

Análise: O autor usa *contudo* no lugar de um elemento conclusivo.

7. A população brasileira tem um péssimo hábito de leitura, visto que somente a minoria frequentam uma biblioteca pública ou um acervo cultural. Os demais buscam entretenimento em novelas, e principalmente em revistas de fofocas. **Contudo**, tais indivíduos absorve conhecimento fútil e limitado tais quais: fim de relacionamento, brigas, separações.

Análise: O elemento coesivo *contudo* foi usado de maneira inadequada, pois não há relação de contraposição entre as ideias que ele medeia, e sim de consequência. Tal trecho poderia ser retificado das seguintes formas:

Os demais buscam entretenimento em novelas e principalmente em revistas de fofocas. Consequentemente, tais indivíduos absorvem conhecimento fútil e limitado tais quais: fim de relacionamento, brigas e separações.

Os demais buscam entretenimento em novelas e principalmente em revistas de fofocas. E isso faz com que tais indivíduos absorvam conhecimento fútil e limitado tais quais: fim de relacionamento, brigas e separações.

8. A Decadência dos Movimentos Estudantis

A partir dos anos 60 e 70 do século passado, os movimentos estudantis foram sendo reconhecidos como agentes de conscientização e transformação na vida política e social de milhões de brasileiros. Mas depois das manifestações dos caras-pintadas que consolidou o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Melo, não houve um forte movimento estudantil no país. O que está acontecendo com os DCE's das universidades brasileiras e a UNE que lutou arduamente contra a ditadura e hoje não combate a "mesma altura" contra a corrupção do país?

O comodismo, a falsa vida feliz tão almejada através do dinheiro, da fama, do sucesso que programas de tv, rádios, jornais, revistas e internet pregam fez com que movimentos estudantis fosse minimizados e encarados pela sociedade como passeatas de meninos rebeldes e intolerantes. A mídia é uma grande aliada na neutralização das ideias propostas por esses estudantes. Controlada por grupos de políticos e empresários, ela se vê ameaçada por esses alunos que por muitas vezes não estão no seu plano hipnotizador.

Contudo, os inimigos desses movimentos estudantis não acabaram com o fim da ditadura militar, apenas são outros. A luta da UNE contra a corrupção ainda existe, mas o número de adeptos é menor. Alguns escolheram ficar do lado desse inimigo, a qual sempre irá mostrar um mítico mundo feliz. Com um maior número de agentes transformadores é provável que a situação do Brasil melhore.

Análise: O uso do *contudo* está inadequado, pois não fica clara a relação de sentido entre o parágrafo precedente e aquele em que há a presença de *contudo*. Podemos notar que não há relação de contraposição entre o parágrafo que informa que a mídia é controlada por políticos e empresários e que se vê ameaçada por aqueles que ela não consegue dominar ou influenciar e o parágrafo que fala sobre os inimigos dos movimentos estudantis. Além disso, mais uma vez o *contudo* foi usado para iniciar o parágrafo de conclusão.

9. Entrada completa

Alcançar: verbo que tem relação direta com o acesso. Acesso este que ao longo da história mundial é uma das principais teclas a serem batidas quando o assunto é a igualdade, que sempre foi o tema mais importante no eterno processo de construção da sociedade perfeita. Entre estes pontos, o acesso à cultura nacional é um dos principais questionamentos do direito de todos, agregando os variados poderes econômicos que sempre constituíram a sociedade.

A discussão que envolve o direito de acesso de certas classes sociais aos eventos públicos e privados com o bônus da meia-entrada aparenta ser uma das discussões que de maneira mais justa a serem decididas não serão unanimidade. Levando em consideração que alguém será prejudicado de qualquer maneira, a busca pelo ideal parece longe do fim.

Dividir por cota de porcentagem o número de meias-entradas acarretaria nas injustiças da disputa humana por um lugar seu, desprovendo o outro do simples direito de igualdade. Assim como classificar a meia-entrada por idade talvez fosse justo aos jovens estudantes que não possuem renda fixa, porém, não seria um caminho tão leal às pessoas acima de 65 anos, tendo em vista que a maioria dos aposentados tem renda fixa maior do que a dos jovens estudantes.

Além do ponto de vista dos compradores, existe o lado privado, dos empresários, que devem seguir a lei e contar com a perda dos 50% de lucro estabelecido pelos direitos do cidadão a ter o acesso à digna meia-entrada. Ainda assim, não podemos esquecer-nos dos aproveitadores que usam deste artifício e exploram a meia-entrada de varias formas legais e ilegais.

Contudo alcançar o equilíbrio da igualdade na sociedade nunca foi fácil, levando em consideração as inúmeras cabeças pensantes com suas próprias razões e direitos que a constitui . Porém esta busca faz parte da vida social e sempre visa o melhor para todas as partes com o objetivo de cada vez mais chegar ao sonho da sociedade perfeita.

Análise: O *contudo* foi usado no lugar de um elemento conclusivo.

10. O grande problema é que as indústrias brasileiras são muito restritas e precárias. Além disso, a maioria de nossas exportações é voltada para recursos naturais, o que torna o país extremamente dependente das importações. **Contudo**, com o mundo em crise, as transações comerciais internacionais mudaram, a Europa não está em condições de ficar comprando mais do que o necessário. E em vez de importar nossos produtos, eles estão começando a produzi-los. Consequência, o Brasil está perdendo “clientes”.

Análise: O *contudo* não medeia informações contrárias ou opostas no caso do trecho acima. O autor do texto elenca fatos que demonstram que o Brasil está em uma situação econômica prejudicial. E esses fatos não são opostos, portanto simplesmente devem ser intermediados por elementos de coesão que passam a ideia de adição. No lugar de *contudo*, o *ademas* seria bem-vindo, assim como outras

expressões, tais como: *outro fator que deve ser levado em consideração é a crise, também podemos mencionar a crise, que faz com que...*

11. À medida que comparamos nossas vidas com outras pessoas, que obtiveram sucesso sem percorrer o longo caminho do conhecimento, nos tornamos irracionais. Ao passo que ter sucesso na carreira sem dedicação pode parecer atrativo, entretanto é mera ilusão. Porque devemos lutar, **contudo** que temos e o Estudo nunca é desperdício e sim um pedaço desse tal sucesso.

Análise: Fica evidente a troca de *com tudo* por *contudo*, o que se configura como inadequação.

12. A escravidão limitou a população negra de ser inserida na economia do país, no século XIX. Com o “fim” da escravidão, muitas pessoas de cor escura não tinha do que sustentar-se, não era aceita no mercado de trabalho.

Muitos por não serem inseridos na sociedade ficam sujeitas a marginalização. **Contudo**, o número de estudantes negros em universidades públicas brasileiras é pequeno. Mais existe programas sociais, como o sistemas de cotas para tentar diminuir essa diferença.

Análise: Podemos observar que o autor elenca fatos que comprovam o quanto a escravidão prejudicou os negros mesmo depois de ter acabado. Dentro desta perspectiva interpretativa, acreditamos que o *contudo* deveria ser substituído por um elemento coesivo que traz a ideia de comprovação, pois entendemos que não há relação de oposição entre a informação que diz respeito à marginalização dos negros e o fato de haver poucos nas universidades brasileiras. O trecho poderia ser reescrito da seguinte forma:

Muitos, por não serem inseridos na sociedade, ficam sujeitos à marginalização, tanto que o número de estudantes negros em universidades públicas brasileiras é pequeno.

13. Exceto a minoria composta por vândalos que destroem o patrimônio público e privado no momento das manifestações, todos estão corretos. Por ter demorado tanto para protestar o povo tem uma cumulo de reclamações, e um certo estranhamento, mas **contudo**, os brasileiros não praticavam política tão bem assim há muitos anos.

Análise: Acreditamos que não há relação de oposição entre as ideias que são intermediadas pelo *contudo*. Embora haja a presença do elemento de coesão, as informações não estão bem relacionadas, e sim apenas “jogadas”, sem estabelecer sentido ou contribuir para argumentação do texto.

14. Os celulares na sala de aula

Atualmente, devido os avanços tecnológicos, o telefone celular vem causando transtornos nas salas de aulas. Os incômodos “aparelhinhos” tiram à atenção dos alunos, atrapalham as aulas e até servem como meio para fraudes.

Devido a vasta variedade de modelos e preços os celulares além de constituir em um meio de comunicação proporcionando segurança e controle aos pais de jovens, adolescentes e crianças. Também proporciona entretenimento como acesso a “internet” e jogos.

Mas, esses modernos aparelhos vêm causando polêmicas nos estabelecimentos de ensino por todo país. Os celulares têm se tornado “parte das pessoas” que já não conseguem se “desligarem” deles. E devido a isso prejudicam outras nas salas de aulas em universidades e escolas, sejam públicas ou particulares.

Como se não bastasse os toques incômodos que interrompem as aulas a todo instante, alguns alunos ainda saem das salas para atenderem aos celulares. Desse modo tirando a atenção dos demais e interrompendo o raciocínio do professor que por muitas vezes têm que reexplicar a matéria.

Contudo esperamos que: os governantes, pais de alunos, alunos, educadores e colegiados cheguem a um consenso sobre até quando esses “aparelhinhos” irão ocupar lugar nas classes das universidades e escolas do nosso país.

Análise: O *contudo* introduz a proposta de intervenção, que aparece na conclusão do texto, e não uma argumentação que seja oposta às ideias anteriormente expostas. Logo, o *contudo* deve ser substituído por uma conjunção conclusiva, e a conclusão deve ser feita de maneira mais completa, de modo a retomar as ideias principais do texto.

15. Mentir, qual a sua finalidade?

A mentira é um problema que nós faz pensar como é praticada em muitos assuntos hoje em dia. O ser humano quando quer adquirir seus objetivos, em muitos casos são levados por impulso ou por uma questão de conseguir aquilo que deseja, "mentindo", para que possa chegar ao ponto obtido.

O homem é subestimado as modificações que a globalização vem trazendo. Nos crimes, no âmbito social, político e cultural, os mesmos são levados a exercer em muitos momentos atitudes e gestos para que seja acobertado ou para ajudar ao próximo. Ideologicamente, as pessoas comete erros, como na área da justiça, que leva principalmente aos advogados de defesa a exercer um papel de debate buscando a verdade e a falsidade para explicar tais situações da vítima. Apesar de ser um trabalho muito confinado, as pessoas praticam a arte de mentir. Mas, o que seja arte diante desse ponto? Arte de mentir, é saber contornar com ricos argumentos, onde dentre estes a mentira se incluiu em determinados conceitos do problema em pauta, onde é muito utilizado por pessoas que querem obter conquistas utilizando o método de mentir.

Os sujeitos que praticam bastante esse ritmo de falsear problemas, ou para ocasionar ou pra prejudicar algo, já é vivido desde os tempos remotos, quando o homem procurava situações para matar o trabalho forçado, ou para se sair de tais ocorrências que os levasse a dor. Com essas manias de exercitar palavras que modifica todo o percurso da história, pode no futuro trazer problemas para os mesmos que persistem. A convivência é um dos meios que leva principalmente crianças e adolescentes a repetir aquilo que os pais ou familiares demonstram sobre visão deles. Como jovens não tem muita noção da vida, os mesmos acabam visualizando aquilo que os pais realizam achando correto e refazendo o errado não para eles, e sim aos que visam o comportamento dos mesmos.

Contudo, a humanidade sempre irá movimentar essa prática de mentir, seja diante da justiça ou partido social. Pois somos submersos as evoluções que o mundo faz a cada tempo de mudanças, sendo assim, o "homem" ao desempenhar o papel de falso ou ele estas se alto- ajudando ou esta danificando a alguém ou a algo que lhe possa prejudicar, realizando qualquer atitude dessas no ambiente político igualitário.

Análise: Embora o texto apresente ideias de maneira desorganizada e confusa, é perceptível que o *contudo* foi usado no lugar de um elemento conclusivo.

16. É comum observar nas ruas do país, o colorido verde e amarelo nas roupas dos cidadãos, as ruas enfeitadas e o principal assunto comentado nas rodas de conversação, pois trata-se de um período designado a defender sua nacionalidade. De fato, em dias de jogos, tudo na sociedade para - comércio, indústrias -, mostrando a intensificação do orgulho nacional.

Contudo, no mundo do futebol, a Copa, é o período em que este esporte ganha grande enfoque pelos meios de comunicação e, consequentemente, pelas pessoas. Por ser o torneio mais importante do planeta, a população valoriza muito e torce para o resultado ser satisfatório, garantindo o título para o Brasil.

Análise: Observamos que não há relação de oposição entre o parágrafo que precede o *contudo* e o que se inicia por esse elemento coesivo. O que há é a continuidade da ideia de que, na época da Copa do Mundo, esta recebe grande destaque. Portanto, o *contudo* deve ser substituído por *além disso, ademais ou também*.

17. Com tantas manifestações que acontecerá em nosso país nos próximos meses, o Brasil tem sim razões para temer o terrorismo, pois qualquer país estará apto a ser o país-alvo de terroristas em grandes acontecimentos internacionais. Embora isto não convém a ser uma ação positiva, os governantes devem estar cientes que sim, poderá acontecer uma catástrofe nas realizações ocorridas no

país. Contudo, todos já deveriam estar preparados para tamanha violência, caso ocorra.

Análise: Não há relação de contraposição entre as ideias intermediadas por *contudo*, e sim relação de acréscimo de informações, pois o autor esclarece que, na sua opinião, os governantes deveriam estar cientes da possibilidade de acontecer uma catástrofe e deveriam estar preparados para lidar com ela. São informações que se somam e não que se contrapõem.

18. Mudanças Necessárias

O sistema de votação nacional não é assunto somente agora, já a algum tempo se é discutido a viabilidade de outros meios de votação que venham a substituir o atual. Nota-se que o sistema atual já foi saturado ao máximo por aqueles que procuram brechas no sistema.

E é nesse cenário que o sistema de votação distrital trás a população brasileira uma nova visão, onde alguns dos principais problemas gerados ao longo dos anos pelo atual processo tomam uma nova perspectiva de ação, começando com a redução brusca dos gastos com campanhas, que mostravam a muitos eleitores algo surreal de uma forma mascarada para parecer fácil e lógico.

Com a adoção do novo modelo, as campanhas agora reduzidas se tornam diretas, pois em um pequeno distrito precisa-se atingir um nicho bem maior de pessoas, com pensamentos, visões e instruções distintas umas das outras.

O voto distrital não vem como uma grande inovação, e sim como uma boa alteração, tirando erros claros que o processo atual adquiriu com tempo. Mostrando os candidatos de uma forma mais clara, sem estarem por trás de grandes fantasias ou mascarados por outros candidatos que empobrecem a eleição mostrando uma visão irônica de como deve ser comandado o país.

Contudo pode-se observar que todo sistema é falho, mas mudanças são necessárias para a correção desses erros, o sistema de voto distrital dará ao país um novo fôlego, dando também as pessoas um censo mais crítico sobre qual o perfil e a postura que esperam daqueles que eles escolheram para serem representados.

Análise: É notório que o autor usa o *contudo* como elemento conclusivo, o que é inadequado, uma vez que *contudo* não serve para resumir ideias e encerrar a produção escrita.

19. Brasil, caminhando para o progresso

O Brasil está vivendo um momento de muitas dúvidas sobre a sua capacidade de ser sediador da Copa do Mundo de 2014.

A sociedade brasileira demonstra estar aflita diante de tantos procedimentos que faltam e são necessários para que o país não deixe a desejar diante das demais nações. Entretanto, não podemos esquecer que previsões apontam para índices positivos, pois irá gerar mais postos de trabalho e também melhorando a segurança, o transporte e a cultura.

Os cálculos para tais investimentos estão previstos em vinte bilhões de reais e por isso gera vários questionamentos se essa verba não deveria ser investida nas áreas de educação e saúde, tendo em vista que a taxa de analfabetismo são de dez por cento e a saúde esteja em nível de precariedade, porém não devemos esquecer que para haver desenvolvimento nas diversas áreas devemos começar por outras necessidades existentes no país.

Contudo, para que todos os esforços gerem resultados positivos, o governo deverá fiscalizar as obras e fazer com que toda a demanda seja cumprida no prazo estabelecido, dessa forma estaremos caminhando para o crescimento do país.

Análise: O *contudo* deve ser substituído por um elemento conclusivo.

20. Se ninguem reclamar a tendência é só piorar.

O sistema político brasileiro está muito defasado. Uma reforma nele seria um bom começo, mas somente isso não resolveria tudo primeiramente é necessário que se faça uma análise das eleições, dos eleitores e principalmente dos candidatos.

Existe uma discussão sobre um novo modelo de votação para o Brasil, um dos modelos apresentados foi o de voto proporcional misto, em que o eleitor escolheria um candidato pelo voto livre e escolheria uma lista de candidatos escolhidos pelo partido sendo assim o eleitor obrigado a votar em candidatos

que ele não conhece, com isso haveria um complô dentro do partido para poder eleger uma parcela de candidatos deixando os outros excluídos. O outro é o modelo de voto distrital onde o país seria dividido em distritos e cada distrito escolheria um candidato, isso faria com que, com a minoria dos votos, um partido tivesse a maior parte das cadeiras da Câmara, sendo assim injusto.

Analizando bem os dois modelos é perceptivo os prós e contras, nenhum é perfeito mas mesmo que fossem não adiantaria nada se os eleitores não tivessem consciência de seu voto. Hoje muitos eleitores vão às urnas simplesmente por que são obrigados, e ao chegar na urna votam em branco ou pior em um candidato ao qual não conhecem. Mas a culpa não pode ser jogada neles pois com o descaso dos políticos hoje, que na maioria das vezes não fazem nada e pior se envolvem com a corrupção, distância ainda mais os eleitores fazendo com que eles fiquem cada vez mais desanimados com o futuro do país.

Contudo pode-se concluir que o que precisa ser realmente mudado no sistema eleitoral brasileiro são os eleitores e não o modelo de votação, é necessário que haja um maior compromisso com o voto, no momento em que isso acontecer o Brasil será um país com representantes melhores no governo.

Análise: O *contudo* é dispensável, uma vez que foi usado no lugar de um elemento conclusivo.

21. O século XXI, trouxe inúmeras novidades tecnológicas e, na mesma proporção, aumenta a quantidade de televisores, computadores, telefones celulares, entre outros, nos lixões, contaminando o solo com metais pesados. Os novos padrões ultima geração, tem provocado a substituição e consequente acúmulo de objetos considerados obsoletos em pequeno intervalo de tempo, mas que ainda possuem utilidade. Seria impossível e até mesmo inviável bloquear os avanços por causa da poluição, **contudo** a reciclagem é a melhor opção para a sociedade de consumo.

Análise: Acreditamos que não há relação de contraposição entre as ideias mediadas por *contudo*, e sim relação de justificativa. O trecho poderia ser reconstruído das seguintes formas:

Seria impossível e até mesmo inviável bloquear os avanços por causa da poluição, por isso a reciclagem é a melhor opção para a sociedade de consumo.

Uma vez que é impossível ou até mesmo inviável bloquear os avanços por causa da poluição, a reciclagem torna-se a melhor opção para a sociedade de consumo.

Observamos que o *contudo* caberia no início do período, em contraposição à ideia de que os novos padrões provocam acúmulo de lixo em um curto período.

22. O toque de recolher seria essencial para os jovens evitarem o uso de entorpecentes e bebidas alcóolicas, porém com essa sociedade decadente que está evoluindo seria uma perda de tempo.

A juventude, sendo uma fase de maturidade, sobretudo de responsabilidade, é uma fase que obtenha muitos limites e precauções. **Contudo**, a falta de fiscalização noturna levaria a sociedade em mal-estar e inúmeros de violência.

Análise: O *contudo* não estabelece relação de oposição entre os períodos que medeia. Na verdade, as informações não estabelecem relação de sentido entre si. Seria necessário reformular o parágrafo, com ideias que realmente tenham ligação.

23. Virou “clichê” culpar os governantes, mas a falta de iniciativa para tentar amenizar a agressão intensiva do lixo no meio ambiente que a acusação é válida. Não só criar programas de reciclagem, **contudo** intensificar o sistema de coletas domiciliares, aumentar a propaganda para sensibilizar e conscientizar a sociedade para o problema e criar correções, como multas, é um passo rumo a melhoria do mundo natural.

Análise: O *contudo* deve ser substituído pelas expressões *mas também* ou *como também* que comumente acompanham a expressão *não só*.

24. A democracia é composta por três poderes: o executivo, o legislativo e o judiciário. E tem como objetivo uma política transparente, sem autoritarismo e com ações de acordo com a Constituição. E sempre que apresentar irregularidades e ações que estão fora do permitido pelas leis, tem que haver punição. Dessa maneira, a imprensa é ligada à democracia. Pois ela divulga algumas dessas irregularidades. Não confundindo, ela não tem o papel de fiscalizar, ou de combater inflações ocorridas. Tem o papel de informar tanto as coisas boas como as ruins. Contudo, uma boa informação tem que estar de forma equilibrada, sem deixar transparecer a opinião do editor.

Análise: Em nossa análise, não há sentido usar um elemento de oposição, restrição neste trecho, pois o escritor está apenas elencando informações que caracterizam o papel da imprensa. Acreditamos que o ideal seria retificar o trecho das seguintes maneiras:

Tem o papel de informar tanto as coisas boas como as ruins, sem deixar transparecer a opinião do editor, ou seja, de forma equilibrada (neutra).

Tem o papel de informar tanto as coisas boas como as ruins. E, quando este trabalho é bem feito, a informação é apresentada de forma equilibrada, sem deixar transparecer a opinião do editor.

25. É notável que o Brasil, infelizmente, possui o sistema de segurança pública é precário e, por outro lado, as pessoas criam métodos para escapar da violência. Contudo, os brasileiros estão com os valores invertidos, onde a sociedade está submersa num mar de sangue.

Análise: Observamos que não há relação de oposição entre as informações expostas no texto. Identificamos que há uma relação de causa e consequência no primeiro período: *como o sistema de segurança pública é precário, as pessoas criam métodos para escapar da violência*. No período que se inicia com *contudo*, há uma generalização de que os brasileiros estão com os valores invertidos, e tal informação não está bem relacionada com o período anterior, está apenas “jogada”. Portanto, não faz sentido usar o *contudo*.

26. Um olhar consciente sobre o aborto

Estarmos diante de um contexto onde ainda se consegue perceber uma célula de irresponsabilidades desse meio é um fator tendencioso, que nada agrada quem de fora observa ações transformarem-se em mazelas sociais.

Inicialmente devemos diferenciar quais foram as circunstâncias que levaram a mãe até o momento de sua gravidez, para contudo, não julgarmos uma inocência, determinando de forma errada a futura vida que pede para nascer.

Análise: Observamos que o *contudo* foi usado de forma inadequada e desnecessária, uma vez que a informação posterior a ele é apenas uma finalidade, não se caracteriza por ser oposta à informação anterior. Portanto, para retificar o trecho, é importante que o autor retire o *contudo* e mantenha o *para*, que introduz uma finalidade.

27. Relação homem-animal

Constantemente é noticiado ou presenciado o tratamento a animais em dois extremos: sendo tratados melhores que seres humanos ou agredidos e traficados, mas onde estaria a formar correta de tratamento? Provavelmente no equilíbrio.

É verdade que todo tipo de vida deve ser respeitado, porém quando o mundo do ?pet? torna-se fundamental e comum preterir familiares, atividades físicas, pagar contas e outros aspectos cotidianos para proporcionar um melhor tratamento apenas ao animal, enquadra-se como uma atividade ilógica, pois a vida pessoal e social é afetada.

Esse pensamento não estaria pautado na ideia deles não merecerem um cuidado cordial, portanto estaria em harmonizar com o bom senso. Pessoas estão passando fome e frio e ao transformar animais em "gente" é agredir moralmente e eticamente os valores e o valor de uma vida humana.

Tendo em vista tais exageros, muitas vezes com prejuízo financeiro e psicológico ao dono, o animal sofre igualmente, pois sua natureza é afetada com joias, roupas, "chapinhas", pinturas, entre outros acessórios quem além satisfazer seu proprietário, incomodam e pode vir a causar traumas ao bicho de estimação.

Possivelmente todas as atitudes equilibradas relacionados a essa questão não acabem com o desrespeito com o "homem" e ao animal, *contudo*, valorize qualquer constituição ou manifestações em que ambos estejam presentes.

Análise: Acreditamos que as informações mediadas por *contudo* não são antagônicas. A informação que antecede *contudo* indica uma posição extremamente negativa do autor quando este menciona que "todas as atitudes equilibradas não serão suficientes para acabar com o desrespeito". E a informação posterior ao *contudo* é simplesmente um pedido para que as pessoas valorizem quaisquer ocasiões em que tanto o homem quanto o animal estejam. São duas informações diferentes que simplesmente não se relacionam. Uma forma de retificar o trecho, tornando-o mais coerente e coeso, é apresentar uma visão mais positiva e inserir um elemento conclusivo/explcativo no lugar de *contudo*, sugerindo uma proposta de solução:

Possivelmente, todas as atitudes equilibradas que tomarmos em relação a essa questão vão amenizar o desrespeito que ocorre em relação ao homem e ao animal, por isso é importante divulgar o modo mais correto e equilibrado de se tratar ambos nas escolas, nas empresas e na mídia de modo geral.

28 - Passado presente

A busca frenética pela beleza e perfeição é acompanhada por inovações em cosméticos, tratamentos estéticos, até produtos com possíveis danos à saúde. Entretanto, antes de chegarem ao cotidiano da população passam por testes, e infelizmente em animais.

O uso de "espécies inferiores" marca esse mercado, bichos são sujeitos a inúmeros agentes para melhora da vida humana, recebem substâncias pela pele, via oral e venosa, ações abdomináveis.

Recentemente, o Instituto Royal em São Paulo, recebeu denúncias sobre esses procedimentos e em consequência tiveram suas cobaias roubadas por ativistas e instalaçõesdepravadas pelo Black blocs, um procedimento violento com grande repercussão e atentado contra policiais militares, analisada por muitos como desnecessária.

Contudo, a vaidade está tão presente na sociedade, que a crueldade que a acompanha é quase justificável, o homem esquece que está lidando com vidas, e o fato de não falarem, não os tornam inferiores, e sim mais puros e dependentes. Os feitos antrópicos os classificam como bárbaros e animais irracionais, inferiorizando-os cada vez mais. Trazendo para o século XXI o passado que tentam fugir a todo instante.

Análise: Acreditamos que o *contudo* deveria ser substituído por um elemento conclusivo, uma vez que o autor retoma, no último parágrafo, o seu posicionamento, que é contrário ao ato de usar animais como cobaias, encerrando o texto. Além disso, ele interpreta a informação do penúltimo parágrafo, concluindo que muitas pessoas acharam desnecessária a intervenção que ocorreu no instituto Royal justamente por acreditarem que fazer o animal de cobaia é algo "justificável", dessa forma não fica coerente utilizar o *contudo*, porque ele apenas apresenta a sua opinião diante dos fatos.

29 - Até onde é esporte?

O MMA é um esporte como os outros porém, vem sendo visto como um meio de atacar as pessoas, de agredi-las, algunsbuscam no esporte a distração, depois de um dia cansativo, do estresse do trabalho, e também para perder aquele peso indesejado e como forma ganhar massa.

Apesar de ser um esporte muito violento onde dependendo da força aplicada em cada golpe pode acarretar sérios danos físicos e mentais, ele tem uma boa aceitação na sociedade, e essa vem crescendo cada vez mais.

O meio de vinculação do esporte está principalmente na internet e nas redes televisivas, onde são transmitidos os campeonatos de UFC. O esporte funciona como um descanso para a mente, mas temos que tomar muito cuidado com aqueles que não o veem forma.

MMA é um esporte, mas vem sendo usado como forma de violência justificada, onde as regras

são colocar o oponente no chão, não importa o jeito, se ele ficar inconsciente, a vitória é ainda mais bem vista.

Contudo esse esporte é algo positivo, mas temos apenas que analisar a forma de olhar pra ele, e o modo como o encararemos, é necessário instruções antes de aderir ao esporte e aprender que as diferenças não precisam ser resolvidas necessariamente no ringue.

Análise: Acreditamos que o *contudo* deveria ser substituído por um elemento conclusivo, visto que o autor retoma, no último parágrafo, o seu posicionamento, exposto no decorrer do texto, de que o esporte MMA é bom e a questão do modo como se analisa o esporte. Além disso, ele propõe algumas medidas de intervenção para a problemática existente no penúltimo parágrafo.

30. Além disso, o aborto no Brasil é proibido exceto nos casos, em que a criança nasce sem cérebro ou sofreu abuso sexual. **Contudo** com o aumento de abusos sexuais praticados por pedófilos principalmente contra crianças e adolescentes meninas que na maioria das vezes ficam grávidas. Assim a questão do aborto, cada vez mais torna-se polêmica na sociedade brasileira.

Análise: O uso de *contudo* está inadequado, pois o autor não deixa explícito como o aumento de abusos sexuais poderia ser um argumento contrário à liberação do aborto em casos de bebês com anencefalia ou em casos em que a mãe sofreu abuso sexual.

31. O que tanto se aguarda, chegará

A hipótese sobre o fim dos tempos atinge até mesmo aqueles que não acreditam. "Correntes" são criadas pela psiquê social prendendo de algum modo, a todos. Disseminada no dia-a-dia do cotidiano, ou mais amplamente no discurso televisivo, esse dilema consegue chamar a atenção para um fato ao mesmo tempo interessante e atraente, e temido.

O modo como tal assunto vinha sendo tratado acabou por despertar desesperança e pensamentos pessimistas no imaginário da sociedade civil. Como altamente afetados ficaram os cariocas, por exemplo, ao assistirem ao Cristo redentor cair em meio ao apocalipse, em cenas do filme 2012.

Ademais, tudo isso acaba por envolver além de diversos tipos de discussões, a religiosa, que talvez possa se dizer a mais acirrada, radical e intolerante. Cristões pregando que apenas será o fim quando for a vontade de Deus versus seguidores da crença maia, que acreditavam na precisão da data independente da "vontade" ou não de um ser superior.

Contudo, o melhor seria deixar esse celeuma de lado e se preocuparem em viver a vida bem. Afinal, pode ou não haver um fim do mundo para todos de uma vez, mas um fim é certo."A morte é a única certeza da vida".

Análise: O texto acima apresenta uma conclusão muito precária. E o último parágrafo caracteriza-se por apresentar a opinião do autor que, na verdade, não é necessariamente contrária às informações expostas no penúltimo parágrafo. Diante disso, acreditamos que *contudo* é dispensável e deve ser retirado. Uma sugestão de substituição pode ser: *em virtude do exposto, acreditamos que...*

32. Caos nas ruas

No mundo moderno em que vivemos, a maioria dos brasileiros, homens e mulheres, precisam sair de casa todos os dias, seja para trabalhar, levar os filhos na escola, ir ao super mercado, salão de beleza, etc. Infelizmente o meio de transporte mais utilizado é o carro particular, já que ônibus e metrôs não oferecem nenhuma garantia de bem estar e qualidade.

Muitos problemas surgem em decorrência do grande aumento de veículos nas ruas: acidentes, assaltos, confusões e até mortes. o fator principal que leva a todas essas consequências é o stresse. Todos os dias a mesma coisa, horas e horas parado no trânsito, e ninguém toma nenhuma atitude.

O Brasil está crescendo, a economia melhorando, mas as condições de nossas rodovias e ferrovias não está nada agradando. O caos nas ruas só aumenta e tende a ficar pior, em consequencia do grande aumento da população.

Contudo, é preciso investir em meios de locomoção que transporte várias pessoas ao mesmo tempo, como os metrôs, diminuindo o número de veículos nas ruas, reduzindo o stresse e acabando quase que

definitivamente com a violência e mortes no trânsito.

Análise: *Contudo* deve ser substituído por um elemento conclusivo: *portanto ou por isso*, pois o autor introduz no último parágrafo uma proposta de solução para os problemas apresentados no texto, não há informações contrárias, opostas ao que foi dito antes de *contudo*.

33. Pensando nisso, o STF decidiu permitir que as famílias tenham direito a escolha também em caso de anencefalia. Vale lembrar que não se está falando de uma regra ou obrigação, cada família tem o direito de optar se leva adiante a gestação ou não.

Contudo, as famílias que optarem pelo aborto poderão fazê-lo no hospital, com os devidos cuidados, diminuindo os riscos de infecções e mortes acarretadas por métodos adaptados.

Análise: *Contudo* deve ser substituído por um elemento que adiciona informações, tal como *e*. Observamos que não há relação de contradição, o autor apenas destaca quais são as condições oferecidas pelo governo àqueles que decidem optar pelo aborto.

Entretanto

1. Utopia

Há pessoas que encaram o preconceito como algo banal, criando insinuações maldosas considerando-as como brincadeiras comparativas, talvez sem perceber, praticando um ato ilegal que é o preconceito racial. Ele pode se manifestar de várias formas e obter vários efeitos, como o julgue precipitado em uma entrevista de emprego, uma pré-avaliação de conhecimentos entre muitos outros.

Diante de uma entrevista de emprego, por exemplo, pode-se ocorrer uma precipitação de um conceito em relação às pessoas de cor negra gerando uma avaliação momentânea, e uma atitude anti-profissional pode influenciar na contratação ou não deste indivíduo. Isso ocorre com frequência em muitas agências de emprego espalhadas pelo Brasil.

Entretanto, há alguns acontecimentos que demonstram o quanto o preconceito racial está presente, um exemplo é uma faculdade na Grande São Paulo que aceita apenas negros, ou até o sistema de cotas em faculdades e colégios, pois já que se está dando uma quota para alguns apenas por serem negros já forma-se um conceito, apenas por ser negro deve ter oportunidade diferenciada onde o princípio básico de qualquer vestibular é avaliar o conhecimento e não a cor.

Análise: Acreditamos que *entretanto* deve ser substituído por *além disso* ou *además* ou *vale ressaltar também*, porque as informações expostas pelo autor não são opostas, ele apenas ilustra diferentes situações em que o preconceito racial pode ocorrer.

2. Além disso, o aborto no Brasil é proibido exceto nos casos, em que a criança nasce sem cérebro ou sofreu abuso sexual. Contudo com o aumento de abusos sexuais praticados por pedófilos principalmente contra crianças e adolescentes meninas que na maioria das vezes ficam grávidas. Assim a questão do aborto, cada vez mais torna-se polêmica na sociedade brasileira.

Entretanto a Igreja Católica é contra o aborto principalmente o Papa Bento XVI e como a maioria da população brasileira é católica, esta fica dividida. Em que alguns aderem aos dogmas religiosos e outros têm opiniões próprias sem a interferência da religião.

Análise: Consideramos inadequado o uso de *entretanto*, visto que o autor anuncia anteriormente que a questão do aborto é polêmica e, em seguida, ele explica, ilustra, sua afirmação de maneira a trazer a perspectiva da Igreja Católica. Portanto, *entretanto* deveria ser substituído por: *Sob a perspectiva da Igreja Católica, por exemplo, o aborto não deve acontecer*.

3. Há discussões relacionadas com as dificuldades da globalização em encontrar soluções para o conjunto dos países e das populações. Por exemplo, o Neoliberalismo não trouxe muito progresso em algumas regiões, mas realizou estímulo ao crescimento econômico, **entretanto** não resolveu problemas

antigos.

Análise: O *entretanto* não está adequado, porque foi usado logo depois de uma frase que já trazia a ideia de oposição. O ideal seria organizar a frase da seguinte maneira:

Por exemplo, o Neoliberalismo não trouxe muito progresso em algumas regiões, não resolveu problemas antigos, mas estimulou o crescimento econômico.

4. A Segurança do Brasil para Copa Do Mundo

O Brasil tem razões para temer sim, apesar de não ter índice de terrorismo, terá que investir em segurança, conforto e nas principais vias de acesso ao estádio. Entretanto apesar de que a Copa Das Confederações esta sendo realizada aqui no Brasil é um teste (uma pré-copa do mundo) e nisso poderia avaliar o que está faltando, para ter uma Copa quase perfeita sem muitos erros e falhas.

Análise: Observamos que o uso de *entretanto* está inadequado, pois o autor não quer passar ideia de oposição entre os períodos que têm como limite tal elemento, mas quer estabelecer ideia de concessão entre as informações que se iniciam após o uso de *entretanto*: o fato de a Copa das Confederações ser um simples teste não impede de ela ser um ponto de referência para as mudanças que precisam ser feitas pensando na Copa do Mundo.

5. Dentre todos os aspectos positivos e negativos desta revolução de valores, cabe a cada indivíduo e a cada instituição devida se responsabilizar por seus atos. O Estado, entretanto, possui problemas bem maiores que deveriam ser dignos de atenção, enquanto problemas simples como o uso de celulares e bonés em salas de aula devem ser deixados para a instituição escola, em questão. Agora se vier a causar algum dano moral público, aí sim será preciso a intervenção de autoridades mais competentes.

Análise: O uso de *entretanto* está inadequado, pois não há ideia de oposição ou contraste entre as informações mediadas por tal elemento. O autor, por meio da afirmação de que cada pessoa e instituição deve se responsabilizar por seus atos, chega à conclusão de que o Estado deve se preocupar com os problemas de maior complexidade, ou seja, àqueles que estão à altura da importância de tal instituição, e a escola deve se ater aos problemas mais simples como o uso de celulares e bonés em salas de aula, porque isso compete à autoridade escolar, esta tem capacidade para tomar esse tipo de decisão. Portanto, a relação é de conclusão, e o *entretanto* poderia ser substituído por *por isso* ou *portanto*. Na verdade, seria importante o autor explicar melhor a questão de cada instituição se responsabilizar por seus atos, pois acreditamos que o autor quis dizer que cada instituição deve exercer as atividades que são de sua responsabilidade.

6. Portanto em todo o mundo se tem violência, filho matando a mãe ou ate mesmo seus irmãos, a violência corporal com isso temos aquelas pessoas que abusam de outras, tem aquelas que matam para rouba isso e uma que podemos dar como exemplo os que usam drogas, mata pessoas por causa de dinheiro ate mesmo a família.

Entretanto isso pode ocorrer por falta de conversa em casa, as pessoas fujão de casa, conhecem outras pessoas que as levam para um caminho horrível, como a de se drogarem e usar a violência contra as pessoas que mais amam nesse mundo, que são sua própria família.

Análise: Acreditamos que o uso de *entretanto* está inadequado, porque o autor não opõe as informações apresentadas, o segundo parágrafo é uma tentativa de justificar todas as ações que foram descritas no parágrafo anterior. Por isso, *entretanto* deve ser apenas retirado.

7. Estamos Preparados?

Faltam três anos para que a Copa do mundo comece e o que já foi feito? Muitos brasileiros acreditam que o Brasil não esta preparado para organizar um evento tão grande como este, porém isso já foi decidido e não haverá volta. Como todo país que é selecionado para organizar as Copas, o Brasil argumenta que a Copa trará como benefício vagas de emprego, o aumento do fluxo turístico, revitalização de áreas urbana e garantia de investimentos de peso no país.

Contudo, não sabemos onde será feito estes tais investimentos de peso no país. Estima-se que o governo investirá mais de 20 bilhões, com mais os iniciativas privadas o total deva chegar a 183 bilhões de reais, embora deve se prever um gasto bem maior, se o Brasil já estivesse com sua infraestrutura pronta como os Estados Unidos que foi um dos poucos países que não utilizaram nenhum centavo na Copa do Mundo de 1994 e em duas Olimpíadas em 1984 e 1996 os brasileiros já estariam bem mais seguros com o modo que os turistas irão ver nosso país e que, deste modo o Brasil haveria de ter uma boa imagem no exterior apesar de a imagem do país não estar tão boa assim devido a lavagem de dinheiro e evasão de divisas que Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) já fez.

Entretanto, para que o dinheiro gasto na Copa seja bem utilizado e que haja um benefício maior até depois do evento, grande parte do dinheiro deveria ser gasto em educação e saúde, mais hospitais e escolas públicas, diminuindo os quase 10% de analfabetos no país, do modo que o aprendizado do cidadãos faça o Brasil se desenvolver futuramente como a Coréia do Sul. Com todos esses probleminhas esperamos que pelo meno o Brasil ganhe a Copa.

Análise: Observamos que as informações introduzidas por *entretanto* estão confusas: como o dinheiro que já vai ser gasto da Copa poderá ser gasto também em educação e saúde? Por mais que o último parágrafo não tenha sido bem-elaborado, é possível perceber que as ideias não são opostas às do penúltimo parágrafo, portanto o uso de *entretanto* está inadequado e deveria ser retirado.

8. O futuro do nosso planeta

Ora, vivemos num período marcado pela integração mundial, que denominamos de Globalização. Esta resulta no consumismo desenfreado, gerando uma quantidade exorbitante de lixo. Entretanto, não há medidas ou ações efetivas que retrocedam essa produção de lixo.

Análise: Observamos que as informações mediadas por *entretanto* não se contrastam. O autor apenas acrescenta um informação acerca da questão do lixo, portanto *entretanto* deveria ser substituído por *e*, por exemplo.

9. A geração revolucionária

Os movimentos sociais são ações coletivas, em que indivíduos com interesses comuns se unem para mudar ou defender uma determinada situação existente. Essas organizações são essenciais para o desenvolvimento das sociedades, uma vez que, utilizando-se o conceito de dialética proposto por Marx e Engels, as ordens sociais existentes são superadas pelas suas contradições internas.

As revoltas contra as ditaduras árabes, ocorridas no Oriente Médio, inspiraram diversas mobilizações ao redor do mundo, como por exemplo, o movimento norte-americano "Occupy Wall Street", que luta contra a desigualdade e os problemas gerados pelo sistema capitalista. Os jovens, apoiados pelas redes sociais, constituem a maior parte dos manifestantes, uma vez que estes veem seus futuros ameaçados pelas restrições e problemas de seus países.

Os estudantes brasileiros, por sua vez, participaram de diversas reivindicações importantes, como por exemplo, a luta pelas "Diretas Já!", e a campanha dos "caras pintadas", que foi a responsável pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Entretanto, atualmente, os jovens brasileiros lutam contra o preconceito racial e de gênero, buscam maiores investimentos para as universidades, e também combatem a corrupção do governo brasileiro.

Análise: Acreditamos que o *entretanto* está inadequado, porque não há relação de oposição entre os ideais defendidos pelos jovens nas diferentes épocas. Os jovens mencionados pelo autor, tanto de antigamente como de hoje, têm como alvo atuar nas reivindicações de cunho político, social e econômico, portanto não fica coerente usar *entretanto*. Vale ressaltar que o *atualmente* já marca a questão da diferença de gerações.

10. Por fim, uma forma imediatista de diminuir a criminalidade no Brasil é ter mais rigor nas leis como: diminuição da maior idade penal, prisão perpétua e, em alguns casos, a pena de morte. Entretanto, por mais utópico que pareça, a melhoria da educação seria a única capaz de implantar o amor no coração das pessoas, afinal, "Gentileza Gera Gentileza" como dizia o nosso sábio profeta.

Análise: Observamos que o *entretanto* foi usado de modo inadequado, porque não há relação de contraposição entre as ideias mediadas por ele, e sim relação de adição. O autor acrescenta mais um meio de diminuir a criminalidade, que é a educação. Logo, *entretanto* deveria ser substituído por: *e, além disso ou ademais*.

11. Reality show sobre leilão da virgindade: o fundo do poço

É certo que padrões morais e éticos são infinitamente plásticos no que se refere à mudança dos tempos, e o que é hoje definido como bom senso, amanhã pode tornar-se obsoleto.

Entretanto, defende a opinião de que a sociedade seja preparada para certas mudanças de forma gradativa, o que não é muito sutil no caso de um reality show que leiloa a virgindade de uma moça por dinheiro, e televisiona o evento ao público.

Análise: Antes de *entretanto*, o autor menciona que os padrões morais e éticos são inconstantes e, em seguida, ele defende que a sociedade deve estar preparada para essas mudanças. Tais informações não são opostas ou antagônicas, mas, na sequência acima, estabelecem relação de resultado, conclusão. Portanto, *entretanto* deveria ser substituído por *por isso, logo ou em virtude disso*.

12. Um bom texto deve ser imparcial, mas mais imparcial ainda deve ser o leitor. É importante para quem lê certa matéria, à partir das informações recebidas, formar sua própria opinião sobre o fato ocorrido, **entretanto** tudo que é possível do ser humano está disposto a subjetividade, e é por causa disso que a obrigação do cidadão consciente é procurar outros meios de comunicação sobre diversos pontos de vista para formar uma opinião concreta.

Análise: Acreditamos que *entretanto* não medeia informações que são opostas. O autor, na verdade, simplesmente acrescenta qual é a sua perspectiva em relação ao que é produzido pelo ser humano, e é isso que justifica seu posicionamento de que o leitor deve ser imparcial (na verdade, crítico) e que deve buscar outros pontos de vista sobre um mesmo acontecimento para formar sua opinião. Portanto, o trecho poderia ser retificado da seguinte forma:

Um bom texto deve ser imparcial, mas mais imparcial ainda deve ser o leitor. É importante para quem lê certa matéria, a partir das informações recebidas, formar sua própria opinião sobre o fato ocorrido. Para tal efeito, o leitor deve estar consciente de que tudo que é produzido pelo ser humano possui subjetividade e, por causa disso, deve ter a obrigação, enquanto cidadão consciente, de procurar outros meios de comunicação que apresentam diversos pontos de vista para formar uma opinião concreta.

13. Castigo ou educação

O castigo físico vêm se tornando mais comum nas conversas entre crianças e adolescentes, mas com o novo projeto de lei que proíbe o castigo físico à crianças e adolescentes, o cenário irá mudar completamente.

Castigar para educar? Será se realmente é preciso que os pais tomem esse tipo de ação? Como a maioria da população é contra à nova lei, dá para perceber que o cenário continuará o mesmo.

A educação é algo muito importante para o desenvolvimento de nosso país, por conta disso que esta lei vêm sendo implantada, o ministro da Secretaria Especial de Direitos Humanos, Paulo Vannuchi, disse que o alvo principal do projeto não é o "beliscão ou a palmadinha", mas casos como de Isabela Nardoni, menina que morreu após cair de um prédio em São Paulo e cujos pais foram condenados pelo crime. O Presidente falou logo depois e discordou de Vannuchi, "O Paulinho falou duas vezes em beliscão, mas beliscão dói prá cacete". Medidas ainda estão sendo tomadas para que a educação de nosso país não fique em um nível precário, por isso a lei também vale para qualquer tipo de pessoa.

Entretanto a sociedade deve apoiar a lei pensando em um ensino melhor para nosso país, sendo assim chegamos ao nível de educação de primeiro mundo.

Análise: Acreditamos que *entretanto* deve ser substituído por um elemento conclusivo, pois as informações do penúltimo parágrafo não são opostas às do último. No último parágrafo, o autor apenas retoma a sua opinião favorável à lei, de modo a propor uma solução.

14. Votar em palhaço traz protestos futuros

O exercício do voto surgiu no Brasil juntamente com as cidades fundadas pelos colonizadores portugueses e, desde então, é esse o modo que o povo tem para se expressar politicamente.

Entretanto, espera-se que os brasileiros tenham consciência de que, ao votarem em alguém, estão expressando o desejo de ver essa pessoa exercendo o cargo político para o qual se candidatou.

Análise: As informações do segundo parágrafo não são opostas às do primeiro, porque o primeiro simplesmente menciona a questão do voto do ponto de vista histórico e o segundo apenas expressa um desejo do autor do texto em relação ao ato de votar no Brasil. Portanto, o uso de *entretanto* está inadequado e deve ser retirado. Segue abaixo uma sugestão para reformular o trecho de maneira mais coerente e coesa sem o uso de *entretanto*:

O voto é uma ação cidadã muito importante e espera-se que os brasileiros tenham consciência disso, pois ele expressa o desejo de ver uma pessoa exercendo um cargo político, para o qual se candidatou, a fim de representar o povo.

15. E de grande relevância o tema apresentado, pois no Brasil a violência está cada vez maior principalmente nas periferias das grandes cidades, por ser uma área pobre sem estrutura onde o poder judiciário é menor. Além disso, caberia a participação do Governo, pois ele é responsável pela preservação da ordem pública.

Entretanto, a desigualdade social que resulta na violência precisa de iniciativas econômicas que visem, por exemplo: uma melhor distribuição de renda principalmente para educação, saúde, desemprego, segurança, entre outros.

Análise: Não há relação antagônica ou de oposição entre as ideias mediadas por *entretanto*. O autor no segundo parágrafo sugere soluções para os problemas apresentados no primeiro parágrafo. Portanto, *entretanto* deve ser retirado e substituído, por exemplo, por: *Como sabemos* ou *É preciso que*.

16. Portanto, é possível diminuir a violência no trânsito. Desde que o governo tome certas atitudes como investir no transporte público, tendo por finalidade aliviar o trânsito e, por conseguinte, diminuir o estresse dos motoristas e as brigas de trânsito. **Entretanto**, deve-se, também, intensificar as fiscalizações e aumentar as punições aos motoristas embriagados.

Análise: Observamos que o autor propõe soluções para diminuir a violência no trânsito. E a informação que se segue após *entretanto* é apenas mais uma das propostas, portanto *entretanto* deve ser substituído por *além disso* ou *ademas*.

17. Além disso, podemos considerar outros fatores que impulsionam uma maior liberdade dessa propagação violenta, dentre elas, a tecnologia. A mesma, por sua vez, se mostra importante, mas embora avance a cada dia e é vista pelos olhos da sociedade como algo positivo, também é corrompida por estes falsos valentões, que se sentem os donos da verdade e passam a aperfeiçoar as insanias perseguições à pessoas tidas como estranhas, inseguras e despreparadas, sendo estas últimas, seus alvos fáceis para serem a vítima da vez.

Entretanto, julgando e condenando estes jovens, se torna relevante notar que além de carentes, eles passam por momentos muito difíceis, chegando em um estado emocional demasiadamente explosivo, rebelde, e que os fazem descontar tantos ressentimentos e rancores em pessoas que não mostram ter ligação nenhuma com seus problemas.

Análise: Acreditamos que não há relação de oposição entre os parágrafos mediados por *entretanto*. No segundo parágrafo, o autor lança as consequências ou os resultados que as perseguições causam nas

pessoas que são alvo de *bullying*. Portanto, *entretanto* deveria ser substituído por: *por consequência dos julgamentos e condenações feitas a esses jovens ou em virtude dos julgamentos e condenações feitas a esses jovens*.

18. Por trás do horário político "gratuito".

Em ano de eleição é comum, além das obras de última hora, o contestado "horário político gratuito" exposto na televisão como forma dos candidatos apresentarem suas propostas de governo, na tentativa de induzir os votos dos expectadores, muitas vezes até com falsas promessas.

Esse recurso utilizado pelos candidatos, é obrigatório, gratuito e garantido pela lei brasileira, para que os próprios sejam vistos e ouvidos pelos eleitores. Mas o quanto isso é benéfico para a população? Um argumento utilizado é a constatação de que é necessário para o povo ter o conhecimento de todos os candidatos e suas respectivas propostas, para, assim, analisarem e definirem seus votos. **Entretanto**, o horário não é tão gratuito assim, as emissoras de televisão recebem uma boa quantia para reservarem esse horário aos candidatos, quantia essa, que não saem do dinheiro arrecado pelas campanhas políticas, mas sim dos cofres públicos.

Análise: O *entretanto* está inadequado, pois a informação posterior a tal elemento de que o horário político não é gratuito não é contrária à informação anterior de que o horário político é necessário para as pessoas analisarem os candidatos e definirem seus votos. Essas são duas informações diferentes que não estabelecem relação de antagonismo. Para o autor manter o *entretanto*, ele teria que inserir um argumento para defender que o horário político não é útil para os cidadãos conhecerem os candidatos e definirem em quem votar. Outra forma de retificar o trecho é deslocando e alterando a informação que vem após *entretanto*:

Mas o quanto isso é benéfico para a população? Por um lado, o horário político não traz tantos benefícios à população, porque, na verdade, ele não é tão gratuito assim, as emissoras de televisão recebem uma boa quantia para reservarem esse horário aos candidatos, quantia essa que não sai do dinheiro arrecado pelas campanhas políticas, mas sim dos cofres públicos. Por outro lado, há quem defenda que o horário político é benéfico e necessário, pois permite que o povo tenha o conhecimento de todos os candidatos e suas respectivas propostas, para, assim, analisar e definir seus votos.

19. A mentira de todas as formas

De acordo com o dicionário, mentir é faltar à verdade, iludir ou um modo de tapeação. **Entretanto**, existem vários tipos de mentiras, as que têm intenção de tranquilizar e as de magoar e subornar.

Análise: *Entretanto* está inadequado, pois as informações intermediadas por ele não são opostas, elas apenas se completam. Portanto, acreditamos que o autor deveria substituir *entretanto* por: *Além disso, podemos dizer que existem vários tipos de mentiras*.

20. Quantas pessoas sonham em ser um profissional de sucesso. Todavia, se esquecem de que mesmo na carreira que almeja, como qualquer outra – nada adiantará apenas o diploma. **Entretanto**, fazer algo que se obtenha prazer, em qualquer área, teremos um funcionário motivado e em busca de aperfeiçoamentos. Sendo assim, uma parte de um todo que é o sucesso é alcançada. Pois o fato de estar no ramo de atividade do qual sonha sempre é um combustível a mais, porém não garante uma carreira bem sucedida.

Análise: Observamos que as ideias estão confusas e um pouco desorganizadas de maneira geral. Além disso, acreditamos que *entretanto* está inadequado por intermediar ideias que não são opostas. O autor explica que ter o diploma da profissão almejada não é o suficiente para ter sucesso, porque é preciso também gostar da área, ter prazer no que se faz, para estar motivado e em busca de aperfeiçoamento. No nosso ponto de vista, a informação posterior a *entretanto* é adicional e não oposta. E o autor poderia reformular o trecho de duas maneiras:

Todavia, se esquecem de que, mesmo na carreira almejada, como qualquer outra, nada adiantará apenas o diploma. É preciso também fazer algo em que se obtenha prazer, em qualquer área, porque, assim, seremos um funcionário motivado e em busca de aperfeiçoamentos.

Todavia, se esquecem de que, mesmo na carreira almejada, como qualquer outra, nada adiantará apenas o diploma, porque também é preciso fazer algo em que se obtenha prazer, para sermos um funcionário motivado e em busca de aperfeiçoamentos.

21. É cabível dizer entretanto, que há uma ínfima linha que divide a propriedade privada da censura. É possível que alguns justifiquem a reclusão de seus atos pelo seu direito de ir e vir, pelo seu direito à privacidade. Porém, quando se alega um crime ou um fato de interesse público que é encoberto, pode-se nomear censura, tendo em vista que é importante para a população que tal fato seja divulgado. **Entretanto**, qual seria então a importância pública de ter conhecimento sobre as atividades privadas de artistas e personalidades?

De fato, as pessoas tendem a querer saber o que aqueles que tem fama fazem ou como foi sua vida, entretanto, escrever e divulgar a vida alheia pelo mundo é uma invasão de privacidade e a privação dos direitos de ir e vir do biografado, tendo em vista que todos a sua volta saberam de toda a sua vida, sem que o mesmo o queira ou permita. Artistas são, de fato, peculiares e causam ao público a necessidade de saber se são, realmente, “normais”. O que é possível afirmar é que são humanos, e como humanos se constrangem perante a situações embaralhadas. Afinal, o que se faz dentro de quatro paredes não é, em momento algum, de interesse de ninguém.

Análise: Acreditamos que a pergunta introduzida por *entretanto* não seja oposta às informações anteriores. O autor tenta explicar o que é privacidade e o que é uma informação censurada de modo indevido, para, em seguida, lançar a pergunta que será respondida no parágrafo seguinte com base no conceito de privacidade já explicado. Portanto, *entretanto* poderia ser substituído por outro elemento e a pergunta poderia ser mais bem formulada:

Diante disso, ter conhecimento sobre as atividades privadas de artistas e personalidades interfere na privacidade deles ou a ausência desse conhecimento torna-se uma informação censurada que tem grande importância à sociedade?

22. O assunto será o mesmo durante algumas poucas semanas. Passado e esquecido o fato, a sociedade volta-se para seus problemas habituais, deixando de lado um valor tão evidente na Copa: o patriotismo. Assim, valemo-nos do não-pertencimento e consequentemente nos abstemos de lutar para modificar a situação de nosso país. Talvez porque seja mais fácil torcer para um time do que para um país. **Entretanto** as mudanças para que todos possam viver melhor, não se fazem dentro das quatro linhas. Existem exemplos de sociedades mais nacionalistas, que conseguem ser mais justas e cidadãs com sua população. Erradicando a fome, oferecendo opções de moradia, acabando com a falta de emprego? A sociedade deveria fazer uso deste sentimento nacional habitualmente, adotando o patriotismo social (assim como o faz com o patriotismo esportivo) para assim tentar resolver as mazelas que afligem o povo.

Análise: Observamos que *entretanto* está inadequado, porque não conseguimos entender o que o autor quis dizer com “as mudanças não se fazem dentro das quatro linhas”. Dessa forma, não é possível compreender a oposição de ideias que seria sugerida pelo uso de *entretanto*. É preciso reescrever o trecho de maneira mais clara.

Porque

1. Mas afinal, **porque** dezesseis anos?

2. Muito se fala: "O preconceito racial chegou ao seu fim, Obama no poder é a prova disso". Mas será que é isso mesmo? Será que o final se dá agora, **porque** o Obama está no poder?

3. Refletindo sobre o assunto, uma questão pode surgir: o que será mais importante, a questão da idade ou a qualidade do relacionamento? Obviamente, a segunda opção é a mais plausível. Sendo assim, **porque** nos dias de hoje ainda surgem tantas dúvidas quanto a esses casais?

4. Devido ao voto ser facultativo aos jovens de 16, 17 anos pode sim, estar influenciando em suas atitudes, mas e os que já estão obrigados a votar e não o fazem com convicção, que estão fazendo de maneira correta, **porque** este quadro chegou a este ponto?

5. Além do mais no intervalo, onde é nosso tempo de descanso, **porque** não podemos usar moderadamente o celular?

6. **Porque** ainda as guerras, os crimes que se cometem por racismo?

7. E **porque** a tendência de unificação não poderia acontecer com uma língua?

8. E **porque** tanta resistência a esse Acordo?

9. Mais importante que o mérito acadêmico será a cor e instituição de ensino, ou seja, a onde antes era uma porta estreita se tornou larga para quem não abriu caminho ao decorrer dos anos de estudo e para quem tinha uma porta mais larga pelo seu preparo olha para uma porta mais estreita e, **porque** não desigual.

10. O jovem lutou para que pudesse votar, não apenas colocar seu voto na urna, mas peleou para que suas opiniões fossem levadas a sério, através do direito ao voto, imaginaram ser possível mudar o retrato do Brasil, e **porque** não do mundo, mas não é bem assim.

11. Pessoas que marcam e modificam a história, cooperam para que haja as mudanças, e **porque** não perpetuar o momento com as biografias.

12. A maior pergunta que se é feita hoje é: - **Porque** tantos votos?

13. Mas a questão é, se nós cidadãos somos quem pagamos para receber as propostas apresentadas nos programas eleitorais, **porque** não temos o livre arbítrio de escolhermos, se queremos assistir tal programação ou não, e se quer recebemos respeito por partes dos candidatos se que expõe?

14. Na questão da política o Brasil realmente está uma palhaçada, é difícil escolher um candidato que se pareça eficiente, que demonstre conseguir fazer diferença. É um pior que o outro, atualmente político e ladrão é considerada a mesma coisa, é claro que existem os honestos que buscam o melhor para seu povo, mas como diferenciar o certo do errado, mentir e enganar qualquer um consegue. Então **porque** não colocar um palhaço no comando, pois muitos dizem fazer algo serio e só fazem palhaçada.

15. Então, **porque** culpar os jovens por serem jovens, ou culpá-los pelos maus atos de certos indivíduos?

16. Se o Brasil é um país democrata que o povo que escolhe, **porque** não escolher sobre isso também. O horário dedicado deve ser maior e dividido por igual entre os candidatos para que se possa analisar o plano de governo de cada um.

17. Enfim, como a legislação abre exceções para este fato, **porque** legalizar?

18. Se pais podem dar "beijinhos" nos filhos, **porque** eles não podem dar em pessoas que estão gostando?

19. Trata-se de um preconceito dentro da própria lei que foi sancionada, por que se "todos são iguais perante a lei", **porque** a porcentagem para os negros?

20. É preciso mais vagas, tanto no mercado quanto nas universidades, pois ainda são poucas. Se todos são iguais perante a lei **porque** não igualar homens e mulheres?

21. Mas **porque** será que esse amor pela pátria só se manifesta em ano de Copa do Mundo?

22. **Porque** ainda hoje para que muitos negros estudem é necessário cotas para negros e afro descendentes?

23. O chamado menor de 16 anos a 18 anos podem através do seu voto escolher os nossos Políticos que iram governar o País, os Estados e Municípios, **porque** esses menores não podem ser responsáveis pelos crimes que cometem e ter uma pena maior?

24. Eles vão descobrir, mesmo sem a Hora Políticos. Por isso, eles vão descobrir de qualquer maneira e agora há um monte de dinheiro desperdiçado nele, **porque** não apenas se livrar da Hora político?

25. Elas invés de cuidar da vida de outrem **porque** não protestam a favor de melhores condições de vida em que vive, garantindo que seria bem melhor.

26. Não só no Brasil, mas em outros países já aconteceram tais fatos que arrasaram toda a sociedade. E nós nos perguntamos, **porque** um ser humano agir dessa maneira não respeitando o próximo, destruindo a vida de pessoas que mal chegaram ao mundo.

27. Um aluno que vê o professor utilizando vai se sentir injustiçado, claro, se o professor pode, **porque** ele não?

28. Lixo, reciclar **poque** não reutilizar?

29. Um caso de tamanha proporção como esse instigou a várias pessoas a se perguntarem o que realmente aconteceu. O que **porque** de tamanha revolta que levou a toda essa repercussão nacional.

30. Contudo, esse esporte também cria pessoas como o estudante que, ao ser perguntado **porque** escolheu MMA, respondeu: "Gosto de bater mesmo, quero ver sangue".

31. Depois que abriram as inscrições, milhões de pessoas já se escreveram neste projeto, onde precisam mostrar **porque** deveriam ser o escolhido e pagar uma taxa para ajudar no orçamento desse grande projeto.

32. O ato de terrorismo nós não sabemos quando acontece e nem **porque** e por causa disso teremos que preparar e prevenir para qualquer tipo de acontecimento.

Os 32 usos acima estão inadequados, pois não é relativo ao *porque* explicativo, e sim ao *por que*.

33. A meia-entrada já existe há diversos anos, porém a alguns anos, esta que seria uma forma de trazer cultura aos desfavorecidos tem causado prejuízos, pois o público com o desconto tem aumentado cada vez mais tornando o preço dos ingressos aos adultos cada vez mais ?salgados? para que se cubra todos os gastos, até **porque** a meia-entrada acaba sendo usada também por jovens e idosos de classe média e alta.

Análise: Observamos que o autor elenca argumentos que comprovam a tese de que nos últimos anos a meia-entrada tem trazido prejuízos. E o fato de a meia-entrada ser usada por jovens e idosos de classe média e alta faz parte dos argumentos elencados, e não é justificativa em relação ao que foi dito anteriormente. Portanto, uma forma de retificar o trecho é:

A meia-entrada já existe há diversos anos, porém, há alguns, esta, que seria uma forma de trazer cultura aos desfavorecidos, tem causado prejuízos, pois o público com o desconto tem aumentado cada vez mais, tornando o preço dos ingressos dos adultos cada vez mais “salgado” para que se cubra todos os gastos, além disso a meia-entrada é usada também por jovens e idosos de classe média e alta.

34. Tentarei não passar esse pessimismo para meu filho que chegou a pouco neste mundo Quem sabe ele não viverá um Brasil mais serio que ate creio eu muitos do que estão ai já terão falecido **porque** só desta forma para acontecer algo de novo.

Análise: *Porque* está inadequado, porque não há relação de justificativa ou causa entre as informações. O fato de pessoas morrerem no ciclo normal da vida não é a causa ou a justificativa para que aconteçam mudanças na sociedade.

35. A questão do lixo, não é uma questão isolada, mas sim uma questão complexa que envolve diversos órgãos do país. Um destes é a educação. Pois, o problema do lixo deve ser visto também como causa da má informação fornecida à população. Já que, sem bases necessárias, a população acaba agindo de forma incorreta em relação ao lixo. **Porque**, para solucioná-lo as instituições de educação devem mostrar aos cidadãos com agir diante do mesmo.

Análise: Observamos que *porque* está inadequado, porque foi usado depois de dois períodos explicativos, o que gera um excesso no processo de argumentação, além de ter sido utilizado para introduzir uma conclusão com caráter de proposta de intervenção. Uma forma de retificar o trecho é substituir o *porque* por um elemento conclusivo:

A questão do lixo não é uma questão isolada, mas sim complexa e que envolve diversas instituições do país. Uma delas é a escola, pois o problema do lixo deve ser visto também como causa da má informação fornecida à população, já que, sem bases necessárias, ela age de forma incorreta em relação ao lixo. Portanto, para solucionar o problema, as instituições de educação devem mostrar aos cidadãos com agir diante dele.

36. Hoje em dia não podemos negar que os esportes estão ganhando cada vez mais espaço na vida das pessoas, e um esporte que está encantando cada dia mais brasileiros é o MMA (mistura de artes marciais), esporte conhecido por seu grande apelo à violência, utilizado inclusive como entretenimento, o que é muito questionado hoje em dia é o **porque** que as pessoas preferem esportes como este (violentos) a outros tipos que esportes ou lutas com conduta mais branda?

Análise: O *porque* está inadequado, porque não introduz explicação. Deve ser substituído por *porquê*.

No entanto

1. Algumas pessoas podem ver essa lei como um criacionismo do governo, uma maneira de intervir na sua autoridade, porém as crianças são indefesas e se os próprios pais não passam a segurança devida, é justo que exista uma lei que as protejam. Esse método de ensino acarreta na maioria das vezes uma aversão muitas delas crescem nesse ambiente familiar de pais que batem e na fase da adolescência ou adulta tornam-se pessoas agressivas.

No entanto, vários problemas psicológicos podem-se acarretar ainda criança, onde não há uma formação específica da personalidade. Nesse aspecto, observamos as dificuldades de inclusão com a sociedade, o desenvolvimento de certas fobias, o rendimento escolar que fica abalado, o relacionamento com a família e amigos.

Análise: É possível notar que o autor está elencando argumentos em defesa da lei que proíbe os pais de baterem nos filhos. Desse modo, não é pertinente usar um elemento coesivo de contraposição na transição entre os parágrafos, e sim de adição, como: *além disso* ou *ademas*, pois as ideias de cada parágrafo se somam em favor da opinião do escritor.

2. Lixo ou Luxo

Devido ao aumento da população das grandes cidades e com o aumento do consumo de produtos, a quantidade de lixo também tem aumentado. Os aterros e lixões quase que não estão suportando mais a quantidade de resíduos sólidos.

O cidadão, tem toda responsabilidade com as consequências do meio social, político e econômico em que convive, portanto não por acaso que temos grandes problemas com o lixo em nosso mundo. Por consequências que deixamos de lado achando que esse problema irá se resolver sozinho. Necessitamos de conscientização por parte da população.

Devemos pensar em infinitas possibilidades para dar um fim útil ao lixo, porém só temos uma solução a reciclagem, que em algumas partes do país já estão sendo exercidas, mas é em penas proporções o que não resolve o problema por completo. A varias publicidades sobre o destino correto do lixo, mas nada que resolva. Ha muito tempo existem pessoas que sobrevivem do lixo, que muitos acham que não tem utilidade.

O acumulo de lixo em esgoto pode causar enchentes, diminui a vazão de água. Fora os que ficam espalhados pelas ruas causando odor e péssima visão de infraestrutura e causar doença.

Mas, a também projetos que andam mudando, a renda familiar de pessoas pobre que catam material reciclável das ruas. E mudando o conceito da sociedade sobre jogar lixo no lixo, fazer a separação dos resíduos recicláveis dos orgânicos, para facilitar as coletas.

No entanto, a solução mais adequada seria a reciclagem, e buscar viver de uma forma mais ecológica para diminuir a degradação do meio ambiente como por exemplo reutilizar os papéis usados.

Análise: Podemos observar que o autor usou o *no entanto* para introduzir a conclusão do seu texto. O mais adequado seria usar, por exemplo, elementos que realmente exercem tal função: *dessa forma, diante disso*, entre outros. Além disso, o parágrafo final não possui ideias opostas ao penúltimo, isso corrobora o fato de que o uso de *no entanto* está inadequado.

3. No decorrer do tempo, vemos que os homens estão cada vez mais se destruindo, *no entanto*, é muito triste sabermos que as mulheres estão dando chances para os homens que as agredem e que as assediam.

Análise: O autor afirma que os homens (no sentido geral – homens e mulheres) são os agentes de sua própria destruição. Em seguida, o autor ilustra sua afirmação, ao afirmar que se sente decepcionado ao notar que as mulheres dão confiança aos homens que as agredem. Ou seja, essas mulheres têm uma parcela de culpa ao serem prejudicadas. Nesse caso, não há contraposição nem restrição de ideias. É possível reestruturar o trecho, utilizando uma conjunção aditiva, nesse caso, soaria como “absurdo” o fato de mulheres darem chances àqueles que as agredem; ou uma conjunção de exemplificação, que apenas ilustraria a afirmação teórica do autor:

No decorrer do tempo, vemos que os homens estão cada vez mais se destruindo, e é muito triste sabermos que as mulheres estão dando chances para os homens que as agredem e que as assediam.

No decorrer do tempo, vemos que os homens estão cada vez mais se destruindo, e isso ocorre, por exemplo, quando sabemos que as mulheres, infelizmente, estão dando chances para os homens que as agredem e que as assediam.

4. Portanto, a sociedade discrimina os negros, um pouco, pode até ser concepção histórica mal dissolvida, *no entanto*, se o brasileiro tem “memória fraca” para tanta corrupção - não somente econômica, mas principalmente moral - certamente, “alguém ainda adoça esse café”.

Análise: Não conseguimos identificar relação de oposição ou restrição entre as orações que são intermediadas por *no entanto*. Se a autora diz que um dos motivos que justifica a discriminação é a concepção histórica que ainda não foi esquecida ou “mal dissolvida”, não é coerente ela afirmar, em seguida, a possibilidade de o brasileiro ter “memória fraca” e que isso acarreta o fato de “alguém” (no

caso alguém negro) adoçar o café. As informações não fazem muito sentido, por isso o uso de *no entanto* está inadequado.

5. Ainda Somos Jovens?

A cada década que passa nos deparamos com mudanças, sejam elas mais simples ou mais complexas como: no estilo de vida, na educação, na alimentação, no trabalho, nas formas de lazer, etc.. No entanto, não é de se estranhar que jovens a cada geração venham mudar seus costumes, seu comportamento e seu modo de levar a vida. Mas o que dizer quando jovens querem viver "intensamente" esta fase e extrapolam em suas diversões?

Nós seres humanos sempre estamos escondidos por trás de máscaras, ou seja, em cada ocasião nós interpletamos um "personagem", seja em casa, no trabalho ou até mesmo num "barzinho com amigos". Com os adolescentes não é diferente. Quando perguntamos aos pais "Como seu filho é na escola?" será que eles sabem realmente como está sendo o comportamento de seu filho no seu principal ambiente de estudo que é a escola? Talvez aí que esteja a falha de muitos pais, pensar que seus filhos tem o mesmo comportamento que tem em casa e não tirarem um tempo para acompanhar seus filhos na escola.

Com a evolução da tecnologia e a popularização da internet percebemos que jovens "perdem" muito tempo deixando os estudos em troca de jogos em rede, redes sociais, bate-papos, entre outros entretenimentos. Entretanto, há formas de amenizar tais circunstâncias com a fiscalização dos pais quanto a disciplina de seus filhos. A questão não é proibir seus filhos a acessar a internet, mas sim, mostrar um ponto de equilíbrio entre os estudos e a diversão.

Adolescentes quando estão em transição para a fase adulta tendem a serem mais influenciados pelos amigos por não terem criado ainda a maturidade suficiente para tornarem adultos. Balada, namoros ou ficadas, bebidas alcoólicas e moda estão no auge desta fase. E as drogas, está presente na vida destes jovens? Sim, a curiosidade, principalmente, leva estes jovens para esse caminho de destruição. E é apartir daí, que parentes, amigos e professores tem o papel fundamental para a recuperação de quem entrou neste abismo.

A adolescência não é, **no entanto**, uma fase homogênea. Por isso é preciso atenção de pais e parentes para conseguir compreender as reais necessidades deste futuros adultos e saber quando é preciso impor ou não limites.

Análise: O autor usou *no entanto* no lugar de um elemento conclusivo. Assim como no item 2, é coerente que o autor substitua *no entanto* por: *portanto*, *logo* ou *diante disso*, uma vez que ele está elaborando a conclusão do texto, o que indica a reunião das principais ideias discutidas no desenvolvimento ou a paráfrase delas.

6. A cada década que passa nos deparamos com mudanças, sejam elas mais simples ou mais complexas como: no estilo de vida, na educação, na alimentação, no trabalho, nas formas de lazer, etc.. **No entanto**, não é de se estranhar que jovens a cada geração venham mudar seus costumes, seu comportamento e seu modo de levar a vida. Mas o que dizer quando jovens querem viver "intensamente" esta fase e extrapolam em suas diversões?

Análise: As ideias intermediadas por *no entanto* não são opostas, mas a primeira acarreta a conclusão da segunda. Logo, o trecho deveria ser reescrito, de modo que o autor use um elemento conclusivo, por exemplo: *dessa forma, logo, por isso*, entre outros.

7. Durante a Copa do Mundo, ser patriota é ter orgulho do próprio país. É unir as raças para que transmitam energias positivas para a seleção que nos representará durante a competição. Cantar o hino "Sou brasileiro com muito orgulho com muito amor" num evento grandioso do esporte mundial, como o futebol, é adaptar a idéia que o Brasil é um país que não almeja um desenvolvimento pleno durante os três anos que antecedem e os que procedem a Copa. É causar um "involucionismo", ou seja, regredir perante a tantos males que afligem a sociedade em questão.

É vedar os olhos para a saúde, fome, miséria, educação e a tantos outros fatores que comprometem o condicionamento da existência humana. **No entanto**, deveríamos nos sentir envergonhados e ficarmos com os olhos marejados perante as situações catastróficas que somos designados, a passar devido a

ação antrópica que a própria natureza nos castiga. Pois, esta sabe responder para a sociedade através de um "grito de socorro" o que é ser patriota com o desterro

Análise: Embora o trecho esteja confuso e mal-organizado, conseguimos observar que não há relação de contraposição entre as ideias intermediadas por *no entanto*. É possível substituí-lo por uma conjunção conclusiva: *diante disso ou portanto*.

8. Um ato sem pensar hoje pode transformar o amanhã

Ato de protesto, o voto em candidatos simbólicos está tomando proporções gigantescas, graças a desilusões de uma população traída politicamente. Com proibições de trucagens que ridicularizem qualquer candidato, o povo apostava em votos para dançarinas, ídolos de futebol e até em palhaços. Com o simples propósito de homologar, com humor, a descrença pela política brasileira. Mas, jogar o voto a esmo em candidatos que por sua vez fazem humor de algo tão sério, isto sim, é motivo para possíveis desilusões futuras.

Nestas eleições, foi concretizada a indignação de um país democrata perante seus comandantes. Tal indignação foi mostrada nas urnas, com o quantitativo de votos ganhos por estes figurões. Superando até mesmo políticos renomados, que se dedicam ao poder legislativo por diversos anos. No entanto, partidos e coligações políticas apostam e aproveitam destas celebridades para a arrecadação de votos para si, sendo assim, o centro das atenções.

Já os eleitores incrédulos com nossos políticos e possíveis candidatos demonstram sua insatisfação com votos ridículos.

Será que alguém realmente acredita em uma pessoa que possui como campanha eleitoral o tema "vote em Tiririca, pior que tá não fica", ou até mesmo em alguém que é capaz de mostrar-se quase nua para obter atenção, pois não tem um assunto convincente e de utilidade para a população possa assumir qualquer cargo na assembléia? Pessoas que admitem não terem o menor conhecimento dos cargos concorridos com certeza não podem ter utilidade para nossa assembléia legislativa.

No entanto, o ato que até o momento das eleições era de protesto se torna um ato desastroso, pois, sem perceber o mal pior, é entregue um cargo promissor, e de interesse direto da população, a uma figura que não demonstra o menor conhecimento na área da política, prejudicando, diretamente a face do Brasil. Dando-lhes o direito de opinar e intervir em decisões importantes durante todo seu tempo de regência nos devidos cargos de ocupação.

Análise: Notamos que o autor está introduzindo a conclusão do seu texto, e não contrapondo ideias. *No entanto* deve ser substituído por: *portanto, logo*, entre outros.

9. Se o homem não tem dúvida de sua masculinidade, podemos considerar este macho totalmente resolvido e livre de preconceito. Os machucados se ferem facilmente com qualquer tipo de palavra que atinja seu ego masculino, ***no entanto*** acabam agredindo as pessoas verbalmente ou fisicamente.

Análise: Observamos que não há relação de oposição, e sim de justificativa. O autor explica inicialmente que o homem que é seguro com sua orientação heterossexual não tem motivo para ter preconceito com os homoafetivos. Já aqueles que possuem algum tipo de insegurança, mas não a assumem, são denominados socialmente como "machucados" e, ao se sentirem "ofendidos", descontam tal sentimento em forma de violência verbal ou física em relação ao próximo. O trecho poderia ser retificado substituindo *no entanto* por *por isso*.

10. A necessidade de mudança, em relação a educação brasileira, é uma questão presente nos anseios da sociedade. O garantimento do ingresso de jovens no ensino superior acarretaria num consequente alívio. Este surgiria para que a desigualdade social, em meio a expansão do conhecimento adquirido, diminuisse.

Os diplomas conquistados trazem consigo a oportunidade de mudanças, estas não mais esperançosas, mas reais e cotidianas. A independência também é uma realização, assim os novos profissionais, motivados, conseguem desempenhar melhor suas funções estabelecidas. É inegável que o estudo é o sonhado caminho para se conseguir a realização profissional, pois os méritos próprios são encaminhados para uma realidade futura praticamente certa. A presença da sorte, neste caso, torna-se

quase dispensável.

Só que a almejada felicidade é uma sensação inconstante, muitas vezes algumas decisões corriqueiras aparentemente não são necessárias. Mesmo que o ensino superior mostre-se como um excelente meio para a estabilidade profissional e financeira, o indispensável para mudar a condição social da maioria dos jovens brasileiros não é a opção de muitos. O risco de não o tê-lo pode ser compensado com o reconhecimento e sucesso nos planos de alguns. Atores sociais que conquistaram suas idealizações, a exemplo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mostram a possibilidade de outras opções.

No entanto, para se ter uma sociedade minimamente igualitária, é necessária que escolhas pessoais consigam suas realizações. O direito à educação tornando-se viável a todos, de forma satisfatória, certamente faria com que essas escolhas fossem melhores tomadas. De forma progressiva, trariam benefícios notórios ao desenvolvimento do país.

Análise: Mais uma vez, *no entanto* deve ser substituído por um elemento conclusivo, como *portanto*, já que se trata do momento de encerramento do texto e de sugestão de propostas de solução. Não há relação de oposição entre o último parágrafo e o penúltimo.

11. Onde está o despreparo?

Não há indícios de que o Brasil seja alvo de atentados terroristas, pelo menos não esse terrorismo desenhado pela mídia.

Entretanto o país enfrenta grandes problemas de segurança pública e é evidente o despreparo do mesmo em relação a esse assunto.

Tal despreparo não se converte aos profissionais de segurança, *No entanto* não basta simplesmente ter uma equipe de militares bem treinados, mas uma população mal instruída.

Análise: Acreditamos que não há relação de contraposição, mas sim de justificativa. O autor afirma que o despreparo na área da segurança no Brasil não se restringe apenas aos profissionais de segurança, porque ter uma equipe de militares bem treinados não é suficiente, além disso é preciso ter uma população bem instruída. Nesse caso, *no entanto* pode ser substituído, por exemplo, por *porque* ou *pois*.

12. A sociedade sabe que as punições aos casos de racismo são muitas severas, pois na teoria elas são severas, mas será que na prática é realmente, severas. *No entanto*, resta a sociedade cobrar dos poderes da justiça, para que as punições aos autores de crimes de racismos seja cumpridas.

Análise: O trecho é elaborado de forma confusa, pois o autor afirma que as punições para o crime de racismo são severas e depois ele questiona se realmente são como ele mesmo duvidasse da sua própria afirmação. Em seguida, ele menciona que a sociedade deve cobrar para que as punições sejam cumpridas. Diante disso, acreditamos que não há relação de oposição entre as afirmações. Considerando que o autor desconfia da severidade das penas nos casos de racismo, seria melhor se o ele usasse, no lugar de *no entanto*, *ao menos*, indicando que, diante da incerteza, os cidadãos devem no mínimo verificar e cobrar que as punições sejam cumpridas; ou *diante disso*, que é um elemento conclusivo, que introduzirá qual ação final os cidadãos devem realizar em relação ao fato de as punições estabelecidas por lei não serem cumpridas na prática.

13. Violência Assustadora

A princípio, a violência que acontece atualmente tende a piorar se o governo brasileiro não tomar providências enquanto antes.

A vida do brasileiro nessas condições assusta qualquer pessoa que prestigia esses ataques na sociedade.

No entanto, a política brasileira deve se preocupar mais com a segurança do país, começando com os policiais dando reforços e treinando os mesmos para enfrentar essas batalhas, além de aumentar seus salários, pois eles são seres humanos e devem receber salários mais justos.

Análise: *No entanto* não intermedeia ideias opostas. O autor simplesmente menciona solução para o problema exposto no parágrafo anterior ao que começa com *no entanto*, por isso tal elemento não é

usado de forma adequada e deveria ser substituído por um conclusivo, como: *por isso, diante disso, logo*, entre outros.

14. Nesta ultima eleição muitas pessoas ficaram indignadas ao ver que o deputado federal Tiririca foi um dos mais votados. **No entanto**, esta forma de protesto levou uma pessoa que declarou em rede nacional não saber qual seria o seu papel na política.

Análise: Observamos que não há relação de oposição. Entendemos que há relação de justificativa/explicação, ao ser possível interpretar que muitas pessoas ficaram revoltadas ao terem como representante político uma pessoa que não sabia exatamente qual seria sua função e importância na política do país. Nesse caso, é possível retificar o trecho substituindo *no entanto* por: *porque* ou *pois*.

15. No Brasil, é exigido de emissoras de televisão e rádio para reservar algum tempo no ar para que os políticos podem expressar os seus pensamentos para o público. Neste momento há um debate perguntando se isso é uma boa ideia ou um mau. Maioria das pessoas pensa que a Horário Político é uma boa ideia. Esta informação vem depois de uma recente pesquisa. A questão é esta, a hora política é livre para os candidatos, **no entanto**, as estações de televisão e rádio ainda necessitam de ser compensado o tempo perdido. Este dinheiro compensação vem do dinheiro dos impostos que as pessoas pagam.

Análise: Não vemos relação de contraposição, restrição ou ressalva entre as informação mediadas por *no entanto*, o que notamos é que há a exposição de dois fatos que coexistem: o horário político e a compensação que as emissoras recebem por liberar o horário político. Portanto, o autor deveria substituir *no entanto* por uma conjunção aditiva, como o *e*.

16. Protagonistas da vida

Discute-se muito a respeito do verdadeiro papel desempenhado pelo homem na sociedade moderna. Bem é verdade que carregamos traços machistas de nossos antepassados, **no entanto**, não é o grupo masculino que deixou de executar suas tarefas, mas, sim, o avanço feminino em todas as formas de se relacionar.

Análise: Não conseguimos estabelecer sentido entre as informações mediadas por *no entanto*, as ideias são confusas e mal-estruturadas. Em virtude disso, consideramos o uso de *no entanto* inadequado. No trecho acima, seu uso não transmite coerentemente ideia de contraposição, ressalva ou restrição.

Visto que

1. As escolas tem que impor regras rigorosas para inibir esse tipo de comportamento, **visto que**, o o "bullying" ocorre principalmente em locais escolares e acadêmicos. Estes comportamentos de violência e descriminação, em um local que a sua finalidade é educar, não são justificáveis.

Análise: O *visto que* foi usado de maneira inadequada, porque a necessidade de a escola impor regras rigorosas em relação ao *bullying* não se deve ao fato de o *bullying* ocorrer na escola, e sim porque, como o autor explica mais à frente, é uma prática de violência e discriminação inaceitável principalmente em um ambiente cuja finalidade é educar. Portanto, é necessário deslocar o elemento coesivo para que a explicação faça sentido. Sugerimos que o trecho seja reescrito da seguinte forma:

As escolas têm que impor regras rigorosas para inibir esse tipo de comportamento, visto que o bullying configura-se como uma prática de violência e discriminação inaceitável principalmente em um ambiente cuja finalidade é educar.

2. No dicionário temos a definição de classe social como "grupo de pessoas com status social variado"; e casta social como "grupo de pessoas com status social definido". Há, basicamente três formas de estratificação social, ou seja, de arranjo hierárquico: econômica; política; profissional. Talvez, o que

exista na sociedade brasileira de hoje seja, além da estratificação política, um preconceito inconsciente, o que torna a luta pela igualdade mais difícil, visto que deve-se, antes de atacá-lo com todo pensamento filosófico e religioso devemos reconhecê-lo e compreender a sua dimensão e seus limites.

Análise: O *visto que* não estabelece relação de justificativa, porque o conteúdo posterior ao elemento é difícil de ser compreendido, o que torna o uso do elemento inadequado.

3. Os privilégios dos idosos se dão em (ausência de filas, empréstimos especiais, meias-entradas), existe o Estatuto do Idoso, que lhe garante o direito à isso, mas no Brasil eles estão desvalorizados. Lugares onde não se respeitam o seu estatuto, visto que é obrigação do Poder Público assegurar-lhes com absoluta prioridade, o fato de algumas pessoas se sentirem prejudicadas por esses privilégios se explica à ideia de alguns usarem com um certo abuso, algumas vantagens.

Análise: A partir do segundo período, esperamos que o escritor discorra sobre os lugares em que os idosos não são respeitados, no entanto ele introduz o elemento coesivo explicativo *visto que* e inclui uma informação que não dá prosseguimento ao que ele estava dizendo. Dessa forma, o *visto que* não cumpre a sua função explicativa e a relação entre as ideias ficam prejudicadas, do ponto de vista semântico, devido à falta de organização.

4. O plano de abrir um espaço para que os eleitores conheçam os candidatos e seus respectivos ideais e planos políticos é muito importante, visto que a televisão e o rádio, mesmo estando defasados em decorrência do monopólio da internet, ainda são meios de comunicação que abrangem a maior parte da população.

Análise: O autor introduz um elemento explicativo, no entanto não explicita uma justificativa de fato. Dar acesso ao cidadão para que ele conheça os planos políticos do eleitor por meio da televisão e do rádio não é importante pelo fato de esses veículos de comunicação alcançarem a maior parte da população, e sim, porque é um direito do cidadão conhecer bem em quem vai votar. Esse problema de caráter argumentativo interfere no uso adequado do elemento explicativo.

5. Não são necessárias duas grafias oficiais para uma mesma língua. A língua portuguesa falada nos países da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP) é amplamente utilizada por suas populações, logicamente com algumas pequenas diferenças. Todavia, era necessária uma unificação na grafia das palavras, visto que cada país a escrevia de uma forma diferente.

Análise: O autor coloca como justificativa para a unificação da grafia o fato de cada país escrever de forma diferente. No entanto, isso não é uma justificativa plausível, até porque essa informação já é dita anteriormente no trecho. Mais uma vez, um problema de cunho argumentativo influencia no uso adequado do elemento coesivo explicativo *visto que*, pois a expectativa de explicação sobre um fato não acontece, tornando o uso de *visto que* inadequado do ponto de vista semântico.

Ou seja

1. Devido aos avanços da sociedade Brasileira a mulher vem ganhado seu espaço no mercado de trabalho, isso faz com que a quantidade de filhos por casal vá diminuindo, o que antes era normal uma família ter 6 filhos hoje esse percentual tem diminuído bastante passando para no máximo 2 ou seja com o passar do tempo a maioria das pessoas estarão velhas.

Análise: No trecho acima, seria interessante substituir *ou seja* por um elemento que indica consequência, por exemplo, *em consequência disso*, porque o autor não explica o trecho anterior com outras palavras.

2. Os acidentes acontecer todos os dias e com mais freqüência nos feriados, talvez pela excesso de velocidade ou por consumo de drogas e bebidas alcoólica. Ou seja nunca se sabe quando se

vai precisar, fazer uso o desse direito nestas horas a indenizações podem amenizar os traumas provocados pelos acidentes.

Análise: Se o autor menciona que os acidentes ocorrem todos os dias e especificamente nos feriados, não é coerente explicar que “nunca se sabe quando vamos precisar do seguro”, e sim que sempre estaremos sujeitos a precisar dele. O autor usa *ou seja*, mas não explica a frase anterior de forma coerente.

3. Não dá pra dizer que de um modo geral o cerco, *ou seja*, o preconceito com os negros deu uma certa melhorada, mas a questão é que agora por conta de todas as represálias que acontece contra preconceituosos, tudo fica meio enrustido, camouflado.

Análise: Pelo fato de não compreendermos o que significa a oração anterior a *ou seja*, consideramos o uso do elemento como inadequado, uma vez que sua função é esclarecer o que foi dito.

4. Como disse Benjamim Franklin: "Paz e harmonia, eis a verdadeira riqueza de uma família", *ou seja*, se dentro do lar não existe aquilo de respeito, concerteza ,o jovem irá levar tudo o que aprendeu lá dentro para outros ambientes.

Análise: A explicação que o autor da para a frase de Franklin não se encaixa, por isso *ou seja* foi usado de modo inadequado, uma vez que não cumpriu a sua função de introduzir uma explicação sobre o que foi dito anteriormente. Franklin diz que a paz e a harmonia são mais importantes que o dinheiro para uma família. Já o autor da redação parte para um ensinamento bastante diferente de Franklin, que se refere ao fato de que as ações que aprendemos em casa são as mesmas que iremos fazer fora dela.

5. Os políticos deveriam parar de se preocupar com cotas e colocar mais em prática a lei em que fala que somos todos iguais, independente da sua cor, raça e religião. Ninguém é superior, melhor e mais inteligente do que o outro por questões físicas e sociais, todos nós possuímos as mesmas capacidades intelectuais *ou seja* em outras áreas.

Análise: Observamos que *ou seja* está inadequado, pois o autor não explica com outras palavras o que disse anteriormente.

6. Tragédias como a de Realengo, já aconteceram em outros países, *ou seja*, na Escócia e algumas no Estados Unidos, por exemplo o famoso massacre de Columbine High School, em Littleton, no Colorado.

Análise: No trecho acima, acreditamos que seria adequado o autor substituir *ou seja* por *por exemplo*, já que ele apenas exemplifica alguns países que já passaram por tragédias como a de Realengo.

7. A sociedade deve fazer protestos para que haja mudanças principalmente na política, *ou seja*, o ato de votar tem dois lados que devem ser muito bem estudados para que não seja uma ação equivocada e nos coloque diante de uma situação que torne o país um caos.

Análise: Observamos que o autor usa *ou seja* mas não explica a afirmação anterior com outras palavras. A informação que foi apresentada depois de *ou seja* é completamente diferente da anterior ao elemento de coesão. Uma forma de retificar o trecho é substituindo *ou seja* por *além disso*, já que o autor está elencando ações que devem ser feitas em favor de promover mudanças positivas na política.

8. Há também o fato dos problemas sociais que o agredido pode ter como: financeiros, familiares e de saúde, *ou seja*, tornando a pessoa mais retraída, isolada, tornando alvo de chacotas.

Análise: *Ou seja* deveria ser substituído por *por consequência*, pois o autor não esclarece a informação anterior a *ou seja*, mas aponta que alguns tipos de problemas sociais influenciam em determinados comportamentos.

9. Com a problemática do bullying prático e virtual, entra-se em uma discussão precisa: o que posso fazer enquanto responsável por meu filho, para que ele não se metamorfoseie em condutor do terror **ou seja** vítima desse longínquo desprazer inerente à sociedade?

Análise: *Ou seja* não foi usado adequadamente, pois “condutor do terror” não significa “vítima”. O primeiro refere-se ao agente do *bullying* e o segundo diz respeito ao paciente das ofensas. Poderíamos retificar o trecho substituindo *ou seja* por *ou* simplesmente, dessa forma o escritor expressaria que o pai não desejaría que o filho ocupasse nenhuma das posições mencionadas: nem agente das ações nem vítima delas.

10. Além desses fatores, continuar crescendo economicamente será imprescindível para melhorar a preparação do país para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016. A atual situação política é tão favorável ao crescimento econômico que até na Câmara e no Senado brasileiros, o Partido dos Trabalhadores (PT) têm a maioria de constituintes entre integrantes e aliados, **ou seja**, contribuindo mais ainda para a aprovação de leis.

Análise: *Ou seja* é dispensável, pois não introduz uma explicação ou esclarecimento acerca do que foi dito anteriormente. Notamos que há uma relação de causa e consequência entre as informações expostas: *se há uma maioria de aliados ao PT, consequentemente, as leis que o partido considera pertinentes serão aprovadas*.

11. Há quatro anos foi introduzido pela primeira vez em uma cidade no Estado de São Paulo, o toque de recolher para menores de 18 anos. O toque de recolher consiste basicamente em impor um horário para que os menores de idade, frequentem bares, lanchonetes, lan houses, bailes, **ou seja**, inibe a vida noturna desses jovens.

Análise: Impor um horário para frequentar bares, lanchonetes, *lan house* e bailes não é o mesmo que inibir a vida noturna. Inibir a vida noturna é um objetivo a ser alcançado por meio da imposição de um horário para sair e chegar a algum lugar. No trecho acima, o ideal seria substituir *ou seja* por um elemento que indica finalidade:

O toque de recolher consiste basicamente em impor um horário para que os menores de idade frequentem bares, lanchonetes, lan houses e bailes, a fim de inibir a vida noturna desses jovens.

12. Ao redor do mundo, temos exemplo de países como os Estados Unidos que neste ano realizam as eleições presidenciais, no qual próprios candidatos pagam para obter seu espaço na programação, isto gera uma valorização por parte dos eleitores. Ao contrário do que acontece no Brasil em que todo o dinheiro vem dos cofres públicos, **ou seja**, percebemos que apenas os candidatos e os meios publicitários são quem saem ganhando.

Análise: Notamos que o último período não ficou bem-estruturado e que “todo dinheiro vir dos cofres públicos” não é o mesmo que dizer que “apenas candidatos e meios publicitários são beneficiados”. A última informação é uma conclusão a qual o autor chega, sem argumentar o suficiente, e não uma explicação relativa às informações anteriormente explicitadas.

13. Mas a nossa sociedade foi moldada desta forma e o mais natural é que repassemos isto à nossa prole, porque também somos imitadores, a sociedade deve voltar-se para a mudança do comportamento social iniciando-se pelos pais e educadores em geral, a forma como enxergar uma simples conversa ou uma exortação, contribui para a formação de um ser pensador, reflexivo, **ou seja**, um cidadão que conhece seus direitos mas cumpre com os seus deveres.

Análise: Um cidadão pensador e reflexivo não é sinônimo de um cidadão que conhece seus direitos e cumpre seus deveres. São qualidades diferentes, portanto *ou seja* deveria ser substituído por um elemento de adição, tal como *e*.

14. A vítima de um assassinato não vai estar feliz ou triste depois da morte, para ela não haverá diferença, mas para aqueles que ficam, mesmo que o assassino cumpra a sentença com anos de prisão muito abaixo do esperado, seja por bom comportamento *ou seja* por fuga, aqueles que confiaram na lei teram suas consciências limpas, o sangue da vingança não estará em suas mãos.

Análise: No caso acima, podemos cogitar a possibilidade de o autor ter usado de forma redundante *ou e seja* para indicar inclusão. Nesse caso, o uso não estaria inadequado do ponto de vista semântico, embora seja repetitivo e desnecessário. Também podemos cogitar a possibilidade de o autor ter usado o elemento *ou seja*, o que caracteriza o uso inadequado, pois sabemos que fuga não é uma tentativa de explicar melhor o que é “bom comportamento”.

15. A sociedade deve ser justa, saber identificar. O selinho pode ser tanto um demonstração de afeto como algo sexual, mas é preciso observar a situação, *ou seja*, saber quando é um e outro.

Análise: Acreditamos que *ou seja* deve ser substituído por uma palavra que indica finalidade, por exemplo, *para*, pois o autor não está explicando a oração anterior a *ou seja*, ele está explicando o que deve ser feito para que se atinja um objetivo.

Até mesmo (ate mesmo)

1. Melhor sem eles

Atitudes de coragem e de medo tem acompanhado o ser humano desde os primórdios de sua existência, e a pesar de todo o avanço da sociedade atual, ainda nos deparamos com vários atos de covardia, principalmente no ponto de vista ético.

Ao assumir qualquer tipo de responsabilidade, temos que estar conscientes das consequências das nossas ações. O que diferencia um herói de um covarde é que o primeiro possui coragem de admitir seus erros e responsabilizar-se por seus atos, enquanto o segundo tende a negar o próprio equívoco e fugir das consequências das suas ações.

Um covarde, por não tomar atitudes perante as próprias falhas, prejudica não só a si mesmo, pois não aprende com seus erros, mas também outros ao seu redor, já que abandona a responsabilidade antes assumida perante tais indivíduos. Uma notícia que tem se destacado na mídia que exemplifica muito bem esse fato foi o caso do capitão Francesco Schettino que, após bater em uma rocha junta à ilha italiana, abandonou o navio deixando milhares de pessoas que estavam a bordo da embarcação.

Assim, é notável o quanto prejudicial os praticantes de tais ações negam as responsabilidades antes assumidas *até mesmo* para com os indivíduos ao seu redor, demonstrando um caráter que de nada servirá para sociedade.

Análise: É inadequado o uso de *até mesmo*, porque negar as responsabilidades assumidas com os indivíduos com os quais vivemos não seria o argumento mais forte e inesperado para convencer o leitor de que uma pessoa é covarde e irresponsável.

2. Por exemplo, se você estiver dirigindo um carro em alta velocidade e percebesse que ele iria bater em outro carro, o que você faria? Abriria a porta e pularia ou então tentaria frear e desviar? Seria uma atitude muito covarde e *até mesmo* vergonha pular, pois não é só a sua vida que está em risco mas também a vida de outros seres humanos, que tem objetivos e sonhos assim como você. Nós fazemos parte de uma sociedade muito complexa que tem princípios e deveres.

Análise: O *até mesmo* está inadequado, pois usar a “vergonha” como argumento mais forte em relação à covardia não é coerente. O ideal seria o autor inverter a ordem dos qualificadores ou usar outros. Vale ressaltar que, na situação descrita pelo autor, acreditamos que, por uma questão de sobrevivência,

não seria interessante colocar a covardia ou a vergonha como sentimentos maiores do que a vontade de viver.

3. Na televisão, em novelas e filmes, assistimos os negros ocuparem os cargos menos favoráveis e, até mesmo em cenas de bandido e polícia, os negros ficam com o papel de bandoleiro, enquanto o branco faz o papel de restabelecer a ordem.

Análise: No caso acima, acreditamos que *até mesmo* deve ser substituído por *por exemplo*, já que o autor introduz uma ilustração dos tipos de cenas que aparecem em novelas e filmes. Não há hierarquia de argumentos.

4. E é neste momento que a escola passa a ter um papel fundamental, pois, cabe a ela ensinar a forma adequada de se falar e os valores, preparando os alunos para ingressarem em uma instituição de ensino superior e até mesmo o mercado de trabalho.

Análise: O uso de *até mesmo* está inadequado, visto que não há hierarquia argumentativa entre ensino superior e mercado de trabalho. Ambos estão no mesmo patamar, no sentido de que os dois fazem parte dos objetivos que a escola espera que o aluno alcance. Além disso, a função do ensino superior é preparar o indivíduo para o mercado de trabalho. Dessa forma, não há surpresa em dizer que a escola prepara o aluno para o mercado de trabalho, não é um argumento que carrega o traço do inesperado. Acreditamos que o autor deveria retirar o *até mesmo* e manter o elemento adicional *e*.

5. Criminalidade infantil

Para que haja solução de um problema é necessário descobrir qual as causas deste problema, e neste caso em especial o problema vem desde que foi promulgado o nosso Código Penal brasileiro. Com leis suaves facilitando assim a ação de meliantes e até mesmo advogados que aproveitam as brechas para liberar os delinquentes quando há tentativas de puni-los.

Análise: Acreditamos que o uso de *até mesmo* está inadequado, pois faz parte do ofício do advogado interpretar a lei a seu favor. Dessa forma, o *até mesmo* não introduz o argumento mais forte para convencer o leitor de que a lei é suave. Seria mais coerente se o autor apontasse primeiramente a questão das brechas e da necessidade de reformular as leis e depois mencionasse que elas facilitam a ação de meliantes, pois este sim é o argumento mais forte para que o leitor acredite que realmente é preciso mudá-las. As brechas soam como algo não intencional por parte da Justiça, já a facilitação soa como descaso, por isso é mais forte.

6. O amor entre casais com grande diferença de idade, quando encarado pelo casal de maneira que isso não os deixe abalados perante a opinião pública, e até mesmo não abale as entruturas de ambos, é realmente uma maravilha, porém se esse amor for algo que tire a paz do casal que se preocupa com as represálias de familiares e amigos, isso pode sim prejudicar esse relacionamento.

Análise: Observamos que *até mesmo* deveria ser substituído por: *de modo que* ou *no sentido de*, pois o autor simplesmente está explicando o que é abalar o casal.

7. Falar não é sinônimo de saber

Crescemos ao longo de nossas vidas tendo uma visão clara e objetiva a respeito de um dos patrimônios mais importantes perante a sociedade, a escola. Assim que entramos no primeiro ano escolar, já aprendemos como formar novas palavras, ler, escrever até mesmo a falar.

Análise: *Até mesmo* está inadequado, pois não introduz o argumento mais forte do parágrafo acima. Em termos de aprendizado, falar vem primeiro do que ler e escrever. Dessa forma, não é surpresa que o aluno entre no 1º ano escolar sabendo falar, pelo contrário, é de se estranhar que ele não fale.

8. É importante somar e verificar o que tem para pagar, não gastando mais do que ganha.

E por último, parar para pensar se precisa realmente do produto, ou até mesmo fazendo a substituição

do mesmo por outro mais barato ou de uma marca menos conhecida, isso pode fazer uma grande diferença no bolso.

Análise: *Até mesmo* está inadequado, pois não marca a entrada do argumento mais forte. A hierarquia dos argumentos está invertida: fazer a substituição de um produto por outro mais barato deve vir anterior ao elemento *até mesmo* e pensar se realmente precisa do produto (com o intuito de não realizar a compra) vem por último, pois este é o argumento mais forte para sinalizar a questão da economia. A inadequação devida à inversão dos argumentos caracteriza que o escritor não sabe o que o uso de *até mesmo* acarreta no texto.

9. O que faz a sua moral não é sua vida sexual.

O fato da pessoa ser ou não virgem não define seu valor moral, e sim suas ações perante sua vida sexual.

Há muitas pessoas que por seguirem uma doutrina religiosa ou um conceito familiar acabam por se casar virgem e no final descobrindo, que a pessoa que escolheu não à satisfazem sexualmente. Na maioria das vezes vivem longos anos de insatisfação para não desagradar os pais ou a doutrina religiosa.

A melhor orientação tem que vir de casa e à família poderia se preocupar mais com os vícios das drogas, do álcool ou *até mesmo* orientar os filhos sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada.

Análise: O uso de *até mesmo* está inadequado, pois introduz uma informação que não se caracteriza por ser o argumento mais forte. Orientar os filhos sobre DST e gravidez é a ação mais básica dentro do que o autor chama de “melhor orientação” por parte da família. Além disso, ele menciona a questão dos vícios sem relacionar com o tema da redação, que é sexo. Portanto, é necessário reestruturar o parágrafo, de modo a melhorar a argumentação.

10. Acredito que o adolescente que tem uma orientação familiar ou que segue os princípios de valores familiar não vão sair por ai tendo relações sexuais com o primeiro que aparece sem se prevenir ou *até mesmo* para não ter sua imagem denegrida pela sociedade.

Análise: Observamos que o parágrafo está mal-estruturado, e isso atrapalha o uso coerente de *até mesmo*. Acreditamos que o autor quer simplesmente explicar que: *o adolescente não quer ter relações sexuais com qualquer um sem se prevenir, a fim de não denegrir sua imagem*. Nesse caso, o uso de *até mesmo* está inadequado, deve ser retirado, e a relação de finalidade é a que deve prevalecer.

11. È os pais que muitas das vezes não educam seus filhos de forma adequada, sem violência, dando o direito a educação, saúde e o principal de tudo amor e carinho . Portanto muitas das vezes agredem sem causa ou razão fazendo com que essa criança se revolte e acabe sendo tão violento ao ponto de destruir sua vida ou *até mesmo* o seu próximo.

Análise: O argumento mais forte no caso acima é a destruição da própria vida, e não a do próximo. Portanto, a ordem dos termos está invertida, e isso nos mostra que, provavelmente, o autor não saiba o valor de *até mesmo*.

12. Em época de eleição o que mais é visto nos meios de comunicação é a propaganda eleitoral, propaganda essa que muitas vezes só serve para confundir. São milhares de candidatos e propostas, onde o eleitor deve escolher apenas um, e sem muito tempo para avaliar o melhor para si. Sem falar nos candidatos que são dispostos para o eleitorado, eles podem ser corruptos ou *até mesmo* já ter histórico de corrupto, palhaços, e não precisam entender de política. Porém acabam sendo eleitos, pode ser justamente por essa falta de tempo para escolha, ou talvez até como uma forma de protesto à nossa política, ou por pura ignorância e ilusão ou até por uma falta de consciência política.

Análise: O *até mesmo* está inadequado, pois não marca o argumento mais forte. Ser corrupto ou já ter sido em algum momento não tem muita diferença em termos de força argumentativa, porque ambos tratam de corrupção.

13. Pode-se ver nos telejornais o que acontece quando uma pessoa bebe e vai dirigir. Raramente essa situação acaba bem. Isso quando não gera violência nas ruas, nas casas, nos bares e até mesmo em estádios de futebol. A bebida leva a acidentes nas rodovias, estradas e até mesmo em pequenos bairros. É só olhar os jornais, TVs e sites de notícias em cada feriado ou tempo de férias. Juntamente com os problemas familiares, como aquela discussão no vizinho e que, infelizmente, pode *até mesmo* na própria casa, de pais que saem para beber e voltam para casa agressivos e gravemente alterados.

Análise: Devido à má estruturação do parágrafo, acreditamos que o *até mesmo* foi usado de modo inadequado. O primeiro lugar em que pensamos onde possa ocorrer uma discussão familiar é em casa. Então, o uso de *até mesmo* não marca o argumento mais forte.

14. À primeira vista, a lei apresenta-se como a melhor forma de ajudar muitos estudantes, pois *até mesmo* o governo afirma que dessa forma esses poderão ter acesso a uma educação de qualidade.

Análise: Quando se trata de leis, é óbvio que o primeiro a defendê-las será o governo, pois ele é responsável por aprovar ou desaprovar um projeto de lei. Dessa forma, dizer que o governo defende uma lei educacional não é o argumento mais forte que o escritor poderia usar, portanto o *até mesmo* torna-se inadequado. Ele não introduz um argumento forte, inesperado e convincente.

15. Deveria existir mais controle, com leis mais rigorosas *até mesmo* mudando a Constituição, pois hoje existe uma brecha na lei que uma pessoa alcoolizada, se parada numa blitz, tem o direito de não fazer o teste do bafômetro, a fim de não produzir prova a si mesma.

Análise: O fato de tornar uma lei mais rigorosa já significa uma mudança na Constituição, portanto não é coerente o uso de *até mesmo*, pois não introduz informação nova, muito menos um argumento mais forte.

16. Lixo, lixo ou benefício?

Atualmente, as pessoas estão inseridas em um planeta na qual não se pode fugir da dependência do dinheiro. Afinal, essas pessoas estão em um mundo controlado pelo consumo. Dessa forma, *até mesmo* o problema do lixo deve ser associado a este sistema, então, o problema passa a se visto pela sociedade não somente como um problema ambiental, mas também econômico e consequentemente um problema da educação.

Análise: Não é surpresa a associação da questão do lixo à do consumo, portanto, não há motivo para que o autor use *até mesmo*. Como sabemos, a relação entre consumo e lixo é de consequência. Portanto, é importante que o autor retire o *até mesmo*, mantenha o *dessa forma* e reformule algumas informações, por exemplo:

Atualmente, as pessoas estão inseridas em um planeta no qual não se pode fugir da dependência do dinheiro. Afinal, elas estão em um mundo controlado pelo consumo. E, quanto maior o consumo, maior a produção de lixo. Dessa forma, surge o problema do lixo em excesso associado ao sistema capitalista. Então, isso passa a ser visto pela sociedade não somente como um problema econômico, mas também ambiental e, consequentemente, de educação.

17. Um padrão para o português

Em nosso país, vivemos um fato comum em qualquer outro, porém muito mais elevado, as variantes lingüísticas. Basta um passeio entre um estado e outro para percebermos essa peculiaridade. Se um paulista vai para o nordeste, é como se estivesse saído do país, com tanta diferença na pronúncia, nomes, sotaques e gírias. A partir daí, devemos nos perguntar: qual a melhor posição da escola diante

de tanta variedade lingüística, ensinar a forma culta ou as variantes regionais? Acredita-se que seja a norma culta.

Ao contrário das variantes, a norma culta nos permite nos expressar melhor para qualquer pessoa que domine a língua portuguesa. Até mesmo o nome das comidas e objetos varia de uma região para outra. Por exemplo, os capixabas denominam semáforo de sinal e carta de motorista de carteira de motorista, e isso acaba gerando muita confusão para os estrangeiros e para os próprios brasileiros. Mas como então evitar tanta confusão? Pensa-se que a única forma de se fazer isso é utilizando a forma culta nas escolas, e não as variantes de cada região.

Análise: Acreditamos que o uso de *até mesmo* está inadequado, pois, além de não estabelecer relação de sentido com o período anterior, não introduz uma hierarquia argumentativa. Por fazerem parte da língua portuguesa, é normal que nomes de comidas e de quaisquer objetos, conforme mencionado pelo autor, recebam denominações diferentes em cada região do Brasil. Por meio da leitura do trecho, não conseguimos identificar o motivo de o autor ter destacado o nome de comidas e de objetos.

18. Esse momento reservado aos políticos deveria ser mais dinâmico, onde o cidadão pudesse interagir mais com os candidatos ou até mesmo debates onde políticos debatessem com seus concorrentes suas ideias com mais clareza onde seria possível fazer comparações entre eles e escolher, assim, a melhor opção.

Análise: Observamos que o parágrafo tem problemas em sua estrutura e que o uso de *até mesmo* está inadequado pelo fato de o autor não propor nada novo em relação ao horário midiático reservado aos políticos. A sugestão introduzida por *até mesmo* já ocorre, portanto não se torna um argumento forte ou inesperado.

Com isso

1. Portanto em todo o mundo se tem violência, filho matando a mãe ou ate mesmo seus irmãos, a violência corporal com isso temos aquelas pessoas que abusam de outras, tem aquelas que matam para rouba isso e uma que podemos dar como exemplo os que usam drogas, mata pessoas por causa de dinheiro ate mesmo a família.

Análise: Podemos observar que as informações estão um pouco jogadas. O autor conclui que a violência existe e, em seguida, menciona alguns exemplos que ilustram essa realidade. No entanto, ao mencionar a violência corporal, numa primeira interpretação, entendemos que o autor usa o *com isso* para tentar explicar melhor a que tipo de violência corporal ele se refere. Sabemos que o elemento adequado para explicar melhor um termo usado anteriormente é *ou seja, isto é, ou melhor*, e não *com isso*. Além disso, é importante destacar que a ideia do autor continua vaga, já que ele não especifica a questão do abuso. Podemos inferir que se trata do abuso sexual. Diante dos apontamentos que fizemos, propomos uma forma de reestruturar o trecho: *a violência corporal, ou melhor, o abuso sexual*.

Numa segunda interpretação que fizemos, a relação de consequência ou conclusão sugerida pelo uso de *com isso* também estaria inadequada, já que qualquer forma de violência já se caracteriza por ser uma forma de abuso. Dessa forma, não seria coerente usar o elemento conclusivo, e sim reformular o trecho com ideias que ajudam na progressão do texto.

2. Em muitos países o aborto é legalizado de forma simples, por exemplo, na china, contudo outros países proíbem esse ato e qualificam como um crime é o caso do Brasil, onde nele é proibida essa ação, embora em casos de estupro ou perigo de morte da mãe há liberação para ocorrê-lo e com isso abre meios de na justiça uma pessoa conseguir a liberação.

Análise: *Com isso* está inadequado, pois o autor simplesmente repete a informação, acrescentando apenas que a liberação do aborto ocorre com a permissão legal da justiça. O *com isso* não medeia relação de consequência, justificativa ou conclusão. No caso acima, o trecho deveria ser refeito:

Em muitos países, o aborto é legalizado, por exemplo, na China. Contudo, outros países proíbem esse ato e o qualificam como um crime, como no Brasil; embora, em casos de estupro ou perigo de morte da mãe, exista liberação legal para realizar o procedimento.

3. Mas maus profissionais existem em várias áreas, sempre vão existir. Não podemos nos deixar abater e nos influenciar, e com isso todos os jovens vão estar interessados a votar, a escolher um representante digno para um cargo eletivo em nosso País.

Análise: Não há relação de justificativa, consequência ou conclusão entre as informações mediadas por *com isso*. O autor simplesmente argumenta em defesa de que o voto não é indispensável e, em seguida, estrutura mal as ideias. O escritor deveria organizar suas ideias de maneira mais coerente, por exemplo, mencionando que os jovens deveriam aderir ao posicionamento defendido por ele:

Mas maus profissionais existem em várias áreas, sempre vão existir. Não podemos nos deixar abater e nos influenciar com esse fato. Se os jovens pensassem de acordo com essa perspectiva, todos estariam interessados em votar, em escolher um representante digno para um cargo eletivo em nosso país.

4. Violência quer violência, as pessoas hoje em dia pensam que com a violência se conseguimos tudo, elas pensam que se pode mata, roubar e também temos a violência verbal mais conhecida como bullying. Tem pessoas que acham necessário usar a violência para se defender mas não você tem de saber usar as coisas a favor a você sem maltratar a outra pessoa sem mata sem violência.

Portanto em todo o mundo se tem violência, filho matando a mãe ou até mesmo seus irmãos, a violência corporal com isso temos aquelas pessoas que abusam de outras, tem aquelas que matam para roubar isso e uma que podemos dar como exemplo os que usam drogas, mata pessoas por causa de dinheiro até mesmo a família.

Entretanto isso pode ocorrer por falta de conversa em casa, as pessoas fujão de casa, conhecem outras pessoas que as levam para um caminho horrível, como a de se drogarem e usar a violência contra as pessoas que mais amam nesse mundo, que são sua própria família.

Com isso temos também o bullying ele acontece mais nas escolas e também nas redes sociais como por exemplo a internet, as crianças sofrem violência pelos alunos da própria escola, em relação a raça, a religião, e muito mais, na internet são as fotos ou até mesmo as pessoas são xingadas.

Análise: *Com isso* não estabelece relação de consequência, justificativa ou conclusão. Como podemos ver, o autor menciona alguns tipos de violência na introdução e, nos parágrafos seguintes, os desenvolve. Por isso, *com isso* deveria ser substituído por *além disso*, por exemplo, pois ele está iniciando um novo parágrafo, para acrescentar informações sobre um tipo de violência até então não explanado.

5. Irracionalidade

O ser humano é considerado um ser racional, porém mostra-se oposto a isso quando não comprehende o que acontece ao seu redor, com isso histórias sem embasamento atraem e assustam os desprovidos de razão.

Análise: O uso de *com isso* está inadequado, porque não acreditamos ser verdadeira a informação anterior ao elemento de que o ser humano mostra-se irracional quando não comprehende o que ocorre ao seu redor. Uma vez que tal informação não condiz com a realidade, pensando no modo generalizado como o autor a expôs, torna-se inadequado o uso de *com isso* no sentido de justificativa, conclusão ou consequência. Além disso, nos perguntamos, sem encontrar respostas: o que tem a ver o ser humano agir de modo irracional quando não comprehende algum acontecimento com a afirmação de que histórias mentirosas ou sem sentido atraem ou assustam os iracionais? Enxergamos essas duas informações de modo isolado, ou seja, sem relação entre elas.

6. Portanto recomendaria que o toque de recolher seria o intróito da responsabilidade da juventude porém a intui-se que protege realmente os jovens a restringir o uso de entorpecentes e violência. Com

isso os jovens obterão o incremento de devaneio dos estudos convenientes.

Análise: O trecho não está bem-estruturado e não conseguimos entender bem, ou seja, com coerência as ideias escritas pelo autor, em especial, a informação posterior ao *com isso*. Por esse motivo, consideramos o uso como inadequado.

7. Como se escreve mesmo?

Estamos em pleno século XXI, e com isso estamos progredindo cada vez mais rápido. Com o avanço estamos buscando o intercâmbio entre os diferentes países que contém idioma português, além disso, muitos problemas estão a vir com toda essa mudança. Como é que se escreve mesmo?

Análise: Não vemos relação de justificativa, conclusão ou consequência entre as informações mediadas por *com isso*. A simples informação de que estamos no século XXI não é suficiente para explicar, concluir ou indicar como consequência o fato de que estamos progredindo rapidamente. São duas informações que não estabelecem necessariamente relação, se não forem bem-estruturadas. Por que o fato de estarmos em uma determinada época indica que estamos progredindo de forma rápida? Isso não é explicado de maneira clara. Por isso, o uso de *com isso* está inadequado. Para retificar o trecho, o autor poderia suprimir a informação “Estamos em pleno século XXI”, uma vez que o leitor já sabe disso ou deixá-la e retirar o *com isso*, a fim de que permaneça apenas a conjunção *e*, que adiciona ideias.

Já que

1. Ainda há tempo de mudar o futuro e garantir para próximas gerações os recursos que tanto desperdiçamos. Pode-se andar a pé, a ônibus, uma carona ou dar uma carona, há infinitas possibilidades. Plantar uma árvore já ajuda bastante, já que não resta muito tempo.

Análise: Não faz sentido justificar o plantio de uma árvore devido à falta de tempo para resgatarmos os recursos naturais. Plantar uma árvore contribui para o meio ambiente por diversos motivos, tais como: viabilizar ar puro, sombra, alimento para os animais, entre outros. A falta de tempo mencionada pelo autor é um fator que se contrapõe ao ato de plantar uma árvore, uma vez que muitas demoram a crescer. Portanto, seria melhor se ele reformulasse a frase, explicando melhor o conteúdo: *Embora não nos reste muito tempo, plantar uma árvore ajuda bastante, porque...*

2. A escola é a instituição fundamental na educação de uma criança. Ela deve deixar bem claro ao aluno que a forma mais adequada de se comunicar é através da norma culta, já que vão utilizá-la a vida inteira.

Análise: A forma mais adequada de comunicação não é sempre a norma culta, e esta não é necessariamente a variante que os alunos vão usar por toda a vida deles. Devido ao uso de afirmações generalizadoras, a relação de justificativa/explicação fica comprometida do ponto de vista da veracidade. Além disso, considerando que tal afirmação fosse verdadeira, não é possível dizer que a forma mais adequada de comunicação é aquela que é mais utilizada durante a vida do falante, porque a questão da adequação varia de acordo com o contexto/ situação em que a língua é usada, uma variante não se torna mais adequada do que outra apenas porque é usada mais vezes do que a outra.

3. Para se resolver problemas ocasionados por bebidas alcoólicas, como casos de mortes, violência e acidentes, o governo tem de investir na fiscalização das leis existentes como a Lei Seca e a proibição da venda do consumo de bebidas alcoólica para menores para coibir novos casos. Assim como os próprios comerciantes que tem que cumprir a lei da não venda de bebidas alcoólicas para menores. E, principalmente, campanhas do governo para a conscientização do consumo das bebidas alcoólicas, como se Beber não dirigir.

Com essas medidas de fiscalização, a venda de álcool será mais criteriosa. Já que não se pode proibir

a venda de bebidas alcoólicas para adultos.

Análise: Não acreditamos que o problema do trecho acima seja referente à má pontuação, visto que as medidas de fiscalização já explicam o motivo de a venda do álcool se tornar mais criteriosa. Acreditamos que o autor inicia um novo período com *já que* e não o completa, o que indica o problema de “incompletude associativa” mencionado por Pécora (1999):

os processos se perdem na relação que estabelecem entre si. Ou seja, ao procurar estabelecer referências entre um conjunto de orações, ao procurar articular essas orações, e assim conferir unidade ao conjunto, o aluno acaba fazendo com que parte dessas orações permaneçam incompletas ou desconectadas das demais. (PÉCORA, 1999, p. 66)

Devido a isso, podemos dizer que o uso de *já que* não conferiu sentido ao período que foi iniciado, visto que ficou incompleto. Um modo de retificar o problema seria:

Já que não se pode proibir a venda de bebidas alcoólicas para adultos, é preciso que sejam feitas campanhas de conscientização sobre o uso exagerado do álcool e sua perigosa relação com a direção.

4. Alguns aspectos que corroboram essa linha de pensamento se referem à: direito a uma renda adequada na aposentadoria (exígua para a sobrevivência da maioria dos idosos nesse país); direito à saúde, ceifado muitas vezes pelo custo altíssimo dos planos de saúde privados, *já que* os oferecidos pelo Governo são precários, dentre outros.

Análise: O modo como o autor escreveu sugere uma interpretação: que os planos privados são caros, porque os oferecidos pelo governo são precários. Embora isso possa ser verdade, esse não é foco da argumentação do autor. Ele quer dizer que os idosos não têm o direito à saúde respeitado, porque os planos privados são inacessíveis e porque os oferecidos pelo governo são de baixa qualidade. Isso significa que o autor lança mão de dois fatos para sustentar a sua tese de que os idosos são privados do direito à saúde. Portanto, ele deve substituir o *já que* por um elemento que soma ideias, como *e*:

...direito à saúde, ceifado muitas vezes pelo custo altíssimo dos planos de saúde privados e pelo precário sistema de saúde oferecido pelo governo.

5. Ações como a dos Estados Unidos, em buscar e prender procurados, reacendem a preocupação em fazer justiça ou realizar a vingança. Saber diferenciá-las é fundamental nesses momentos. Prender criminosos sem prejudicá-los ou matá-los é pouco provável, *já que* uma ação militar não depende de uma só pessoa.

Análise: O autor deveria esclarecer melhor qual é a relação entre prender criminosos sem prejudicá-los ou matá-los e a quantidade de indivíduos que participam de uma ação militar. Cumprir a lei tem a ver com uma questão de disciplina, e não necessariamente com a quantidade de pessoas que participam de uma equipe que tem por objetivo prender alguém. Como o autor não explica bem tal relação, já que esse parágrafo termina desse modo e o próximo envolve outro tipo de argumentação, consideramos que o uso de *já que* não cumpriu a função de justificativa/explicação de modo coerente.

6. Há que se entender que não se proibiu sair e sim o horário de voltar. O toque de recolher tem como proteger a sociedade, *já que* a criminalidade está cada vez aumentando mais.

Análise: Entendemos que o uso de *já que* está inadequado, porque não há relação de justificativa entre as ideias mediadas por tal elemento. O toque de recolher protege a sociedade, não porque a criminalidade aumentou, mas porque ele evita que as pessoas estejam nas ruas em horários propícios para que o crime contra elas ocorra.

7. Os governos devem priorizar o planejamento governamental, a fim de evitar ocupações irregulares de morros, encostas e áreas próximas aos mananciais. A ocupação desordenada do solo precisa ser contida, já que disso depende o sistema de infraestrutura municipal.

Análise: No trecho em questão, consideramos importante a interpretação de “infraestrutura municipal”. Se entendermos que a infraestrutura municipal refere-se à administração da prefeitura, responsável pelos serviços públicos de uma cidade, podemos dizer que o uso da conjunção *já que* está inadequado, pois não é coerente justificar a necessidade de conter a ocupação desordenada do solo por meio de uma dependência com a prefeitura. Existem vários motivos que justificam a importância de se evitar a ocupação desordenada do solo, tais como: preservação da natureza e habitação segura em locais apropriados para o ser humano. É a contenção da ocupação desordenada do solo que depende das ações da prefeitura, e não o contrário. Uma forma de visualizar isso é retificando a frase da seguinte forma: *É preciso que a infraestrutura municipal aja, para conter a ocupação desordenada do solo.*

Se entendermos que “infraestrutura municipal” refere-se à estrutura física da cidade, o uso de *já que* estaria adequado, mas ainda seria necessário reformular o trecho, a fim de evidenciar o sentido que se quer dar à frase, por exemplo: *A ocupação desordenada do solo precisa ser contida, já que a melhoria da infraestrutura da cidade depende disso.*

8. Protagonistas da vida

Discute-se muito a respeito do verdadeiro papel desempenhado pelo homem na sociedade moderna. Bem é verdade que carregamos traços machistas de nossos antepassados, no entanto, não é o grupo masculino que deixou de executar suas tarefas, mas, sim, o avanço feminino em todas as formas de se relacionar.

Desde a formação dos pequenos grupos sociais, houve a tendência para que os machos, seres dotados de força corpórea, executassem as tarefas de defesa desses agrupamentos. Isso se transmitiu ao longo dos séculos e reservou ao grupo feminino papel coadjuvante.

Com o advento de novas filosofias e alterações nas formas de se relacionar, as mulheres passaram a exercer tarefas que antes eram exclusivas dos homens. O grupo masculino continuou e continua executando suas tarefas, mas agora com a concorrência feminina em todos os ramos.

Alguns críticos afirmam que o homem abandonou seu papel e regrediu no tempo, já que há eventos violentos em razão das disputas entre jovens. Esses eventos são desvios de personalidade, pois as mulheres não escolhem seu parceiro com base em sua força, se fosse, não haveria uniões lésbicas.

Deixar de considerar o progresso feminino desvirtua a real influência delas na sociedade. Elas ocupam cargos de destaque nas associações, na política e nos governos em várias nações, já que agregam características que as impulsionam a serem as protagonistas da vida real.

Conclui-se que as qualidades femininas estão ofuscando o papel masculino da sociedade atual, já que esses, por vezes, apresentam atitudes não condizentes à biologia masculina.

Análise: Notamos que o uso de *já que* está inadequado, porque não há relação de justificativa entre as ideias intermediadas por tal elemento. O autor explica que o homem não apresenta atitudes coerentes com a sua masculinidade devido ao fato de as qualidades femininas ofuscarem a função do homem. O autor generaliza sua justificativa, pois é claro que nenhum homem deixou de agir como tal apenas porque as mulheres ganharam espaço na sociedade. Um homem deixa de apresentar atitudes coerentes com o seu sexo devido a outros fatores, tal como mudança de orientação sexual.

9. O mercado de trabalho é um dos instrumentos de aproximação das diversas faixas etárias. Cada vez mais as empresas estão explorando os pontos positivos de cada geração e combinando-os de forma a aumentar a produtividade no ambiente já que, cada uma delas surgiu em contraponto de sua antecessora.

Análise: Entendemos que as empresas lançam mão das diferentes gerações, porque todas têm seus pontos positivos. Isso é o que une em um mesmo ambiente de trabalho. Por isso, o fato de cada uma delas terem surgido em contraponto a anterior não é a justificativa, e sim apenas um fato que

poderia impedir tal união, mas não a impede. Assim, o uso de *já que* deve ser substituído por uma concessiva:

Cada vez mais as empresas estão explorando os pontos positivos de cada geração e combinando-os de forma a aumentar a produtividade no ambiente mesmo que cada uma delas surgido em contraponto de sua antecessora.

10. E o destinatário dessas provocações torna-se inseguro e se esconde da sociedade, afetando até mais tarde na vida adulta **já que** há inibição e vergonha ao invés de benefícios para a comunidade.

Análise: A falta de organização das ideias (ordem) compromete o uso adequado de *já que*. Parece que o autor explica que a pessoa que sofre *bullying* é afetada não só no momento em que passa pela repressão, mas também em outras fases de sua vida, porque sente inibição e vergonha. Essa explicação seria coerente se o autor usasse como justificativa o trauma e as marcas psicológicas e físicas que o *bullying* pode gerar, o que provoca o prolongamento do sofrimento para outras fases da vida. Assim, para que a justificativa dos sentimentos de “inibição” e “vergonha” fique coerente, ou seja, refira-se à questão da insegurança e do ato de se esconder, é preciso reestruturar o trecho:

E o destinatário dessas provocações, que pode ser afetado até mais tarde na vida adulta, torna-se inseguro e se esconde da sociedade, já que sente inibição e vergonha.

Mas

1. Se isso mudasse a história de vida de muitos menores ia mudar também, nós a sociedade desse país que muitas das vezes contribuímos para esse fatos devemos mudar alguns de nossos conceitos e tentarmos fazer de nosso menores adultos **mas** preparados para lidar com seus filhos, com as adversidades, com os conflitos da vida tentando não refletir neles o que foram no passado.

2. Mas o pouco que se divulga nos deixa ainda **mas** preocupados com as crianças e dolesente da nossa sociedade.

3. Esta decisão dada a eles poderia vir em conjunto com uma democracia, mas limpa e justa, candidatos **mas** focados nos assuntos relacionados a eles, diversão, informação devem andar em conjunto e na sua maioria ainda não entende que os jovens tem em suas cabeças uma forma de falar, pensar e refletir diferentes dos antigos candidatos, ou melhor os mesmo candidatos que aparecem todos os anos em nosso país, estado e propagandas eleitorais.

4. Na maioria das vezes quando o homem é mais velho, a sociedade ainda absorve com, **mas** facilidade [...]

5. Se esse menores fossem rigorosamente punidos tendo que estudar, prestar serviços a sua comunidade e o governo dar **mas** estrutura familiar muita coisa ia melhorar.

6. Estamos necessitando de **mas** vigor na lei, com uma fiscalização rígida sem distinção de pessoas por sua apariencia, fiscalização essa que deve ser feito nos aeroportos, fronteiras com policias incestigativo junto com a policia de outros país.

7. Esta decisão dada a eles poderia vir em conjunto com uma democracia, **mas** limpa e justa, candidatos mas focados nos assuntos relacionados a eles, diversão, informação devem andar em conjunto [...]

8. Não que não seja essencial ter cuidados, busca de informações, atenção e preparação mas não é tão necessária a preocupação que as pessoas dão a esse momento, que qualquer dia, **mas** cedo ou mais tarde, acontecerá.

9. Supostamente o homem não é mas o "macho" responsável por todo o sustento da casa, agora a mulher tem uma parcela de responsabilidade sobre as despesas da família.

10. Mas esta vontade não tem sendo como o esperado por todos, já que uma grande porcentagem dos jovens optou por não votar, a motivação, propagandas ou incentivos ao voto tem sido nulos apartir do momento que você se coloca como se o voto de um adolescente fosse, mas um neste país ou o famoso "Ele não sabe o que faz, é muito novo".

11. Os pais são os grandes responsáveis pela alimentação de seus filhos, pois entendem dos seus gostos e podem procurar a fazer um cardápio variado, deixando alimentos com altos teores de sódio, açúcar e gorduras de lado e incrementando, mas alimentos saudáveis [...]

12. Infelizmente os nossos políticos não fazem nada para pelo menos melhorar a situação desses menores, se eles investissem mas educação, estrutura familiar, combate as drogas muita coisa ia melhorar não só para esses menores mas também para nossa sociedade.

13. É preciso considerar que um jovem com sérios comprometimentos psicologicos, além de ligado a dependencia química e a criminalidade, não tem á minima compreensão e lucidez para mudar seu caminho, resultando em futuros chefes do tráfico ou presidiarios. Necessitando de uma maior imposição do governo e agentes sociais a fim de recuperar estes jovens, também com internações em estabelecimentos educacionais, mas ainda com amor, carinho e educação de qualidade.

14. Perde ou não a virgindade antes ou depois do casamento não é o mas importante, e sim o respeito pela sua decisão pois uma sociedade moderna de democracia têm que respeitar as decisões das pessoas.

15. Um pensamento mais cauteloso seria o mas correto diante disso tudo, no qual a importância da biografia é a das divulgações de obras e preservação da memoria como pedir permissão para escreve a estória que vai ser relembrada e lida com o maior gosto pelos leitores, vai ser opinada pelos biografados, na qual, o sentindo da liberdade de expressão some e vira uma autobiografia.

16. Não podemos banalizar a conduta social e a cidadania, deve haver a consciência individual de que os jovens são os mas prejudicados, e iniciativa de mudar esse quadro deve começar dentro de casa.

17. Em uma sociedade altamente consumista, os resíduos da maioria da populaçao deixou de ser lixo para se tornar em desperdício, que por certo acarretará em problemas mas sérios como: escassez de alimentos e falta de matéria prima, porém, como conscientizar uma população instruída ao consumismo e acostumada ao desperdício?

18. Sem duvida batatas fritas, hambúrgueres, são, mas atraentes que outros alimentos, porém seu consumo exagerado trás grandes pontos negativos como obesidade infantil e colesterol, o que nós leva a pensar que cabe aos pais a reeducação alimentar dos filhos, incentivando-os ha terem hábitos mais saudáveis.

19. E se para o governo é simples então é só resolver e assim tudo seria, mas uma vitória para o país.

20. No Brasil este assunto agora veio á tona com a provação da lei que proíbe castigos físicos que resulte em dor ou lesão em criança ou adolescente, uma lei que segundo pesquisa da Datafolha conta com a desaprovação de 54 % dos entrevistados, o grande questionamento dos que são contra a lei seria a invasão do governo da vida privada dos cidadãos, já que eles não teriam mas a liberdade de escolher os métodos de educação dos filhos.

21. Quando vejo alguns desses relatos sinto que cada vez mas a sociedade esta contribuindo para o aumento da criminalidade infantil.

22. Não seria o bombardeio de manipulação ideológica a qual a mídia indus o jovem a agir cada vez **mas** como um adulto, não tendo uma maturidade, porém pensando já ser capaz e auto suficiente para tanto.

23. Cada vez **mas** vem ocupando trabalhos que antigamente, segundo os homens, só eles podiam ocupar pelo fato da força e alguns por machismo.

Análise: As ocorrências de 1 a 23 estão inadequadas, porque no lugar do *mas* o autor deveria ter usado *mais*.

24. Desse modo, a desigualdade social e a falta de políticas sociais tem levado o Brasil ao caos de violência, **mas** enquanto não se trabalhar o social cuidar da juventude antes que entre para o mundo do crime e incentivar aos estudos e a certeza da justiça e não da impunidade teríamos assim um país menos violento.

Análise: É possível notar que, embora o trecho acima esteja confuso, a conjunção *mas* não está adequada, pois a frase intermediada por ela não é oposta a anterior. Sugerimos a seguinte retificação:

Desse modo, a desigualdade social e a falta de políticas sociais têm levado o Brasil ao caos da violência. Logo, enquanto não se trabalhar o social, cuidar da juventude antes que se envolva com a criminalidade e incentivá-la aos estudos e à certeza da justiça, e não da impunidade, teremos um país violento.

25. Muitos cidadões brasileiros não separam seu lixo doméstico, restos de comida com papéis que poderiam ser separados adequadamente. Muitos fazem isso por falta de informação e outros por simplesmente falta de vontade.

Mas é isso que devemos levar aos outros, conscientização. Faze-los com que cada um compra suas partes, separa-los seu lixos, recicla-los. Pois são de nossa responsabilidade.

Análise: Não há relação de oposição entre as informações intermediadas por *mas*, o autor expõe o problema e, em seguida, sugere uma solução. Acreditamos que uma forma de retificar o trecho é substituir *mas* por *portanto*.

26. Discute-se muito a respeito do verdadeiro papel desempenhado pelo homem na sociedade moderna. Bem é verdade que carregamos traços machistas de nossos antepassados, no entanto, não é o grupo masculino que deixou de executar suas tarefas, **mas**, sim, o avanço feminino em todas as formas de se relacionar.

Análise: Acreditamos que o uso de *mas* está inadequado, pois não é possível compreender o conteúdo da informação, portanto não conseguimos entender qual relação é estabelecida pela conjunção.

27. A legislação brasileira criou o Estatuto do Idoso. O Poder Público se mostra contraditório ao criar leis para defender essa parte da sociedade, **mas** ele mesmo não possui recursos suficientes para assegurar os direitos a todos.

Análise: Acreditamos que não há relação de oposição entre as informações que mediadas por *mas*, porque o autor explica que o poder público é contraditório. No caso acima, para tornar o trecho coerente, o autor deveria substituir o *mas* por uma conjunção explicativa, como *porque* ou *pois*.

28. Atualmente não é raro encontrar casais com grande diferença de idade. Alguns casos dão certo, outros porem nem tanto. **Mas**, de fato, muitas pessoas estão deixando de lado o preconceito trazido pela sociedade, o encarando como um mero detalhe.

Análise: Não há relação de oposição entre as informações. Na verdade, o *mas* introduz mais uma informação, portanto deveria ser substituído por *e*, por exemplo, ou por outra expressão que auxilia na

continuidade de ideias, tal como: *nessa perspectiva, podemos dizer que ou em relação a esse assunto, podemos afirmar que.*

29. Na cidade na qual ficamos, minha avó, uma baiana "arretada", já com suas limitações devido sua idade , sempre fazia dezenas de perguntas a mesma pessoa, a qual respondia com uma serenidade de dar espanto - nem eu, neto dela, teria tanta paciência para responder as questões levantadas pela minha acompanhante da terceira idade!

Não houve gracinhos por parte dos mais jovens, nem um tipo de reclamação feita pelos adultos - o que é incomum em cidades grandes (sei disso pois sou o acompanhante de viagens, longas ou curtas, de minha avó).

Aliás, grande parte das pessoas, sempre andara acompanhado por uma pessoa com idade muito mais avançada do que a sua, *mas* sempre com uma educação de espantar qualquer pessoa da cidade grande, como é o meu caso!

Seja pela educação, cultura, religião, região ou por qualquer outro motivo, os idosos brasileiros merecem um pouco mais de atenção, respeito e paciência, muita paciência, e olha que eu tenho uma certa experiência com o pessoal que vive "a melhor idade"!

Análise: Não é possível compreender o motivo de o autor ter feito a ressalva de que o idoso tem sempre uma educação de espantar. A questão da educação do idoso não tem a ver com a idade dele. É possível notar, ao ler o texto na íntegra, que o autor não conhece exatamente o gênero dissertação e que o seu poder de persuasão não é bom.

30. Seja o melhor dono de seu bichinho, impondo limites e respeitando-o. Antes de qualquer atitude, coloque-se no lugar dele, sem exagerar no zelo do seu pet nem o tratando como qualquer outra coisa sem sentimentos. *Mas* não significa que você deve esquecer suas necessidades como vacinar, levar a passeios, hábitos de higiene no pet, dentre outros. Maltratar animais é crime, então respeite a integridade desses seres vivos para ser respeito por ele e por todos.

Análise: O autor apenas explica, por meio de exemplificações concretas, como uma pessoa deve tratar seu animal, portanto não é adequado usar a adversativa *mas*. O autor deve retirar o *mas* e reelaborar o trecho, por exemplo, com: *Isso significa que você não deve esquecer...*

31. A sociedade deve ser justa, saber identificar. O selinho pode ser tanto um demonstração de afeto como algo sexual, *mas* é preciso observar a situação, ou seja, saber quando é um e outro.

Análise: O autor explica que o selinho pode ter dois sentidos diferentes e chega à conclusão de que, para descobri-los, é preciso observar a situação. Dessa forma, o *mas* pode ser substituído pela conjunção *portanto: portanto, é preciso observar a situação para saber quando é um e outro.*

32. Entretanto medidas como essa tiram sem o menor ressentimento a liberdade natural de qualquer individuo: a liberdade de ir e vir. Liberdade garantida pela constituição. Não só isso, é invertido totalmente os papéis de uma sociedade cívica sadia, afinal quem deveria estar preso são os bandidos. Inclusive os menores de idade, sim, *mas* garantindo a segurança e a liberdade dos que não são.

Análise: Acreditamos que o *mas* deve ser substituído por *para*, pois, segundo o autor, garantir a segurança e a liberdade dos cidadãos é a finalidade de se prender os bandidos, mesmo que sejam menores de idade.

33. A maioria dos negros sofrem ou sofreram alguma espécie de preconceito, e como o próprio nome sugere, isso é um pré-conceito do que você é realmente. Existem exemplos de pessoas que conseguiram superar essas barreiras e obtiveram sucesso, mostrando seu verdadeiro potencial, independentemente de sua cor, mas se perguntarem para elas se sofreram algum tipo de discriminação, a maioria das respostas será: sim.

Mas infelizmente a maior parte delas preferem se omitir quanto à isso, e acabam se acomodando,

aprendendo a conviver com os outros lhes chamando de "negão", "crioulo", "preto", etc., enquanto pouquíssimas preferem lutar contra isso.

Análise: Ao usar o *mas* em destaque, o texto do autor caracteriza-se por períodos sucessivos que indicam relação adversativa. Na verdade, o autor inclui a informação de que a maior parte dos negros omite-se. Essa informação não é contrária à anterior de que, se for feita a pergunta, eles responderam afirmativo. Portanto, o autor deve substituir *mas* por *e* ou por *vale ressaltar que*.

34. O psicológico faz o ser humano mentir para ele mesmo, assim como se um pai escolhe uma profissão para um filho, ele acaba psicologicamente querendo isso, mentindo para ele próprio, *mas* na realidade não passa de uma mentira para ele mesmo.

Análise: Não há motivo para usar o *mas* se o autor repete a ideia da informação anterior. É preciso reformular o trecho e eliminar o excesso de ideias.

35. Outra lei que foi muito bem feita também é aquela que separa os fumantes dos não fumantes em bares da capital mas é uma coisa que a meu modo de ver não funciona porque a fumaça não fica parada no ar e as pessoas que estão ao lado também acabam fumando mesmo sem querer, *mas* o que tem que ser deixado bem claro é que quem tem que se conscientizar são as pessoas que fumam, principalmente os que fumam por muitos anos porque eles sabem o quanto o fumo faz mal na minha opinião cigarros não deveriam ser vendidos livremente em bares e camelôs e sim em locais próprios

Análise: A relação adversativa está inadequada, porque o autor chega a uma conclusão a partir das informações anteriormente expostas por ele, inclusive, ele já usa uma adversativa antes daquela destacada. Portanto, ele deve substituir *mas* por *portanto* ou *logo*.

36. Conclui-se então que para fazer a Copa do Mundo de 2014 funcionar deve-se apenas ter o controle dos gastos demasiados e obras, *mas* que esta é sim muito bem vinda ao Brasil e que dará muitos frutos para seus habitantes.

Análise: A construção do trecho acima ficou confusa. Da forma como o autor escreveu, é possível dizer que o *mas* ficou inadequado, porque não há relação de contraposição, restrição. Acreditamos que reformular o trecho com uma conjunção condicional é uma opção coerente:

Conclui-se que a Copa é sim muito bem-vinda ao Brasil e que dará muitos frutos para seus habitantes desde que haja controle dos gastos referentes às obras.

37. Então, entra-se na ideia da religião. Essa que opina muitas questões do Estado, mesmo que o país seja laico. *Mas* ela faz com que a população pressione o governo de alguma forma (em eleições, geralmente) assim usando da ignorância do povo para impor suas crenças a todo o resto.

Análise: Acreditamos que o autor explica a forma como a religião influencia nas questões políticas do país, portanto o *mas* não está adequado, até porque não há relação de oposição ou restrição entre as informações mediadas por *mas*. O trecho pode ser retificado da seguinte maneira:

No que diz respeito às instituições religiosas, podemos dizer que elas interferem em muitas questões do Estado mesmo que o país seja laico, porque elas fazem com que a população pressione o governo de alguma forma (em eleições, geralmente) e usam a ignorância do povo para impor suas crenças a todo o resto.

38. Realmente, fatores climáticos anormais contribuíram para a formação do dilúvio que provocou a morte de vários fluminenses, mas eles poderiam ter sido previstos. No decorrer do ano anterior, foi divulgada a notícia de que o estado do Amazonas passava pela pior estiagem em anos, o que evidenciava uma diminuição no volume de chuvas na região, logo, uma maior quantidade de água

estaria suspensa no ar e propensa a deslocamentos pelo país. Não é surpresa que a massa de ar que desaguou no Rio de Janeiro tenha sua origem na Amazônia. E em relatórios publicados para a população em jornais e revistas mostram que a massa de ar era anormalmente extensa devido à grande taxa de evaporação causada pelo aquecimento dos mares. Relacionando isso à estiagem ocorrida no Amazonas em 2010, pode-se deparar com um quadro característico do fenômeno natural El Niño, no qual, por alguns anos, devido a erupções vulcânicas submersas no círculo de fogo do Oceano Pacífico, a temperatura do mar sobe, causando secas nas áreas do Nordeste e Norte brasileiros e chuvas excessivas no Sul e Sudeste. Também é muito comum - e esperado - que chova na região Sudeste do país durante o período de Janeiro e Fevereiro, já que a Massa Tropical Continental provinda da Amazônia viaja para o sul e, tela diferença de temperatura, deságua. Logo, embora o volume de chuvas fosse fora do comum, seria perfeitamente possível prever e impedir o que ocorreu no Rio de Janeiro no começo desse ano.

Mas os verdadeiros responsáveis pelas centenas de vidas perdidas são os mesmos de sempre: governos e autoridades negligentes, profissionais incapacitados, falta de planejamento na ocupação da área, organização e intercomunicação por parte dos órgãos responsáveis pela segurança da população. Todos já estão cientes de que vários terrenos do Rio de Janeiro são acidentados e possuem uma faixa de terra estreita demais entre a rocha e a superfície para sustentar a mata ou construções, propiciando assim deslizamentos com relativa facilidade. Mas mesmo assim a população continua vivendo nessas regiões sob constante e eventual perigo de serem soterradas, às vezes até mesmo sem ter conhecimento de estar em um local de potencial ameaça. Teoricamente cabia ao governo e às autoridades a esclarecer isso às pessoas e promover a evacuação dessas regiões ou pelo menos criar projetos que impeçam deslizamentos, como barreiras. Porém, tais medidas necessitariam da movimentação de grandes quantidades de dinheiro, o que é pouco possível na atual situação do estado que, em plena véspera de Olimpíadas e Copa do Mundo, mal consegue arcar com o custo de estádios e demais reformas. Também era função deles planejar a urbanização e a ocupação das cidades para que tragédias como a ocorrida não acontecessem. Na Austrália, por exemplo, o mesmo volume incomum de chuvas surpreendeu a população, mas diferentemente do Brasil, poucos perderam a vida e as consequências para a população foram menos devastadoras, uma vez que eles se encontravam mais bem preparados. Essa comparação entre Brasil e Austrália faz lembrar a comparação entre Chile e Haiti, ambos países também devastados por catástrofes climáticas em 2010: enquanto o Haiti teve como consequência a quase destruição do país, o Chile prevê uma recuperação relativamente rápida.

Análise: As informações introduzidas por *mas* são apenas uma conclusão ou a continuidade das ideias expostas no parágrafo anterior, portanto não há motivo para usar *mas*. O autor poderia substituir tal conjunção por *nessa perspectiva*, por exemplo.

39. Por outro lado há aqueles que aprovam justiça com as mãos e se vingando pelo mal que fez mas a justiça poderia ser aplicada **mas** de um modo moderado que não haja violência.

Análise: O uso do *mas* é desnecessário, pois anteriormente há a presença de outro *mas*, e inadequado, pois não há relação de oposição entre as informações intermediadas por tal elemento, o autor apenas caracteriza como a justiça deve ser aplicada. Um modo de retificar o trecho é:

...mas a justiça pode ser aplicada de um modo moderado, ou seja, sem que haja violência.

40. Educação a distância vem sendo considerada como uma modalidade de ensino que permite que o aluno não esteja fisicamente presente em um ambiente formal de ensino-aprendizagem **mas** permite que faça seu auto estudo em tempo distinto mesmo sabendo que a uma separação entre o professor e aluno.

Análise: No trecho acima, o autor explica o que o ensino a distância possibilita ao aluno fazer. Por isso, não há a necessidade de usar uma conjunção adversativa, pois ele não menciona ações que o EAD não permitem ao aluno realizar. Sugermos um modo de retificar o trecho:

A educação a distância vem sendo considerada como uma modalidade de ensino que permite que o aluno não esteja fisicamente presente em um ambiente formal de ensino-aprendizagem e que faça seu autoestudo no horário em que desejar, havendo uma separação física e espacial entre o professor e o aluno.

41. A mudança cultural para que todos os pais passem a educar apenas através de diálogos, levará muito tempo para ser modificada e aceita pela população, campanhas como "Não bata, eduque" já foram criadas para maior conscientização. **Mas** para muitos especialistas ,a conversa é o melhor caminho, entretanto, os tapinhas são benéficos em muitos casos, depende da situação dos fatos.

Análise: O *mas* está inadequado, porque não há relação de contraposição entre as informações mediadas por ele. A contraposição que realmente existe já está sinalizada por meio de *entretanto*, portanto basta retirar o *mas* para tornar o trecho adequado.

42. O Brasil é um dos países mais emergentes dos últimos anos. Com todo seu desenvolvimento, crescimento financeiro, estrutural e empresarial sendo explorado. Porém com uma constituição arcaica e sem solução para os problemas atuais, onde diante de tantos crimes bárbaros a impunidade sempre vence.

Nos últimos dias jornais e revistas foram estampados por crimes cruéis praticados por menores de dezoito anos, onde podemos observar a crueldade e frieza dessas "crianças". Digo crianças diante de uma lei falha e que acaba por inocentar esses jovens e deixa-los voltarem as ruas como se nada tivesse acontecido, pois a lei os protege.

Enquanto o país não se atualizar em sua constituição e não perceber que os jovens amadurecem cada vez mais cedo e suas responsabilidades também, não poderemos virar um país desenvolvido. No Brasil o jovem de dezesseis anos é obrigado a votar e não pode responder pelos seus atos criminais?! Um pouco contraditório.

Mas a verdade é que enquanto os brasileiros continuarem assistindo a tudo isso e nada fizerem, nada mudará. É preciso que se vá as ruas, proteste e lute pela justiça e pena real para os menores infratores. Enquanto essa dura realidade não mudar famílias desamparadas e injustiçadas sofreram.

Análise: O autor introduz o parágrafo de conclusão por meio de *mas*, no entanto não há relação de contraposição ou restrição ao que foi falado anteriormente. Portanto, é preciso retirar o *mas*. Se o autor quiser, pode acrescentar *portanto* antes de "É preciso".

43. O Brasil vem vivendo há anos com problemas do destino do lixo. São milhares de toneladas por dias recolhidas por cada cidade, mas nem toda cidade o lixo é recolhido ou nem sempre o destino dele é o correto. **Mas** para reverter situações como estas, devemos nos conscientizar.

Análise: Acreditamos que o autor introduz uma conclusão a respeito do que foi dito, propondo uma solução. Logo, o *mas* não está adequado. Além disso, foi usado depois de outra oração adversativa. O autor deve apenas retirar o *mas* e manter o *para*.

44. Disciplinar sem agressões é certamente mais adequado, porém cabe aos pais decidirem a melhor maneira de educarem seus filhos, sem o medo de serem punidos por darem alguns tapas ou beliscões quando necessário nas crianças. **Mas** se o alvo da lei for realmente para os casos mais sérios, punindo apenas aqueles pais e educadores que espancam e maltratam cruelmente as crianças, a aceitação desta passa a ser mais abrangente.

Análise: Acreditamos que não há relação de oposição ou restrição entre os períodos mediados por *mas*; o que há é o acréscimo de um posicionamento/ideia que é a continuidade da perspectiva trazida na conclusão: os pais devem bater quando necessário e a nova lei deve punir os casos em que a lesão física é grave. Portanto, o *mas* deve ser substituído por: *nesse sentido, sob essa ótica ou nessa perspectiva*.

45. A alternativa

O toque de recolher pode sim ter uma grande ajuda na sociedade ao combate de violência e drogas, com isso, o policiamento tem melhor controle mas porém não pode fixar somente neste ponto. E fica algumas perguntas: Onde tem curso gratuito em que ensinam como lidar com os filhos? Onde podemos denunciar?

Temos que ter atitudes fortes e firmes para enfrentar essas dificuldades, **mas** simplesmente quando tentamos denunciar algo, a pessoa tem que ter a prova de quem falou, com isso, não dá para ser anônimo.

Vamos educar os nossos filhos com mais dedicação e amor, pois o futuro depende do presente. Vamos acabar com essa droga, essa corrupção, essa falta de amor, e ter fé de que tudo irá mudar com a dedicação de todos. Vamos lutar par um Brasil melhor!

Análise: O autor não deixou claro qual é a relação antagônica envolvida nas duas ações mencionadas: agir com firmeza e não denunciar, porque não é possível denunciar e ficar no anonimato. Talvez agir com firmeza seja exatamente denunciar mesmo que tenha que se expor. Então, o *mas* não está adequado, porque o autor deveria ter explicado melhor como as duas ações se relacionam de forma oposta.

46. O período de mandato, quatro anos, é o suficiente para averiguar se o que ele disse, outrora em minutos, foi de fato concretizado. Para uma futura reeleição, o que ele fez ou não em 4 anos não poderá ser escondido, **mas** motivará os eleitores a pensar melhor sobre quem ele escolherá para administrar sua cidade.

Análise: No caso acima, acreditamos que existe uma relação de consequência/conclusão, portanto não fica adequado usar o *mas*. As ações ou falta de ações não ficarão escondidas e é exatamente isso que permite ao eleitor obter uma opinião sobre o candidato. Duas formas de retificar o trecho são:

...o que ele fez ou não em 4 anos não poderá ser escondido e motivará os eleitores a pensarem melhor...

...o que ele fez ou não em 4 anos não poderá ser escondido, e isso, por consequência, motivará os eleitores a pensarem melhor...

47. A bebida alcoólica é a droga lícita mais consumida no Brasil e infelizmente é mais consumida por adolescentes entre 15 a 18 anos, sendo que os homens consomem três vezes mais que as mulheres devido à questão física. **Mas** estes adolescentes, muitas vezes, utilizam da bebida para se mostrar maduros. Eles enfrentam a bebida para expor a todos ao seu redor que ele(a) não é fraco(a) e pode beber o quanto quiser que e não irá passar mal.

Análise: Observamos que o *mas* não está adequado, porque não há relação de oposição ou de ressalva. O autor acrescenta uma ideia em relação aos adolescentes (tanto homens quanto mulheres) que bebem álcool. Portanto, ele deve substituir *mas* por: *Vale ressaltar que, Observamos que, Um fato importante é que*, entre outras expressões que introduzem o novo comentário acerca do tema.

48. A mula-sem-cabeça é um mito, **mas** como não há provas cientificamente válidas que comprovem a existência de tal ser, não acreditamos nele.

Análise: Acreditamos que o autor está explicando o motivo de a mula-sem-cabeça ser um mito, dessa forma basta apenas usar uma conjunção explicativa. Ao usar o *mas*, esperamos que o autor faça alguma ressalva ou oposição à questão do mito, mas ele não faz isso, ele apenas reafirma que não acreditamos na mula. E a própria palavra “mito” já significa que não se trata de algo real, mas sim fantástico, alegórico. Uma forma de retificar o trecho é:

A mula-sem-cabeça é um mito, porque não há provas cientificamente válidas que comprovem a existência de tal ser, não acreditamos nele.

49. Escolha do Destino

A eutanásia é um motivo pelo qual as pessoas deveriam pensar mais. Há alguns casos que a eutanásia poderia ser muito melhor utilizada do que fazer uma família sofrer mais, por alguém que está à beira da morte.

Mas, quando o paciente ou a pessoa está consciente de que vai morrer, já é diferente e talvez seja bem melhor até usar a eutanásia para fazer com que a família do paciente não sofra, por causa de uma vida. Quando o paciente é inocente e é morto mesmo pela eutanásia, aí é diferente e a família pode até mesmo ter que responder por ele, e até mesmo levarem a culpa. São assuntos que geram muita polêmica.

Análise: O autor demonstra-se confuso ao apresentar o tema da eutanásia. Acreditamos que o uso de *mas* está inadequado, porque nos dois parágrafos intermediados por tal elemento o autor mostra-se favorável ao procedimento da eutanásia. É preciso que ele se expresse melhor para que o uso do *mas* torne-se coerente.

50. Pensarmos que as decisões decididas nessa conferência não nos influência estamos errados. A terra existe a mais de 4,5 bilhões de anos e nesse período já passou por muitas mudanças, ***mas*** e a raça humana sobreviverá a essas modificação climáticas como também a falta de alimentos provocados de consumo demasiado e ao grande número de habitantes. E uma solução para tal problema pode ser, substituir a carne animais por uma alimentação "verde", vegetariana.

Análise: O autor "joga" as informações e usa o elemento *mas* sem que haja relação de oposição ou ressalva. É preciso reformular o trecho.

51. Faça a diferença no meio em que você vive, para você ver a diferença no seu ambiente social. Temos tudo para que o lixo não se torne nosso vilão na natureza. ***Mas*** que esse vilão simplesmente não exista. Basta termos a vontade de ajudar a natureza a respirar de maneira certa e todos os que vivem nela. Os peixes precisam muito de viver e se você joga um lixo, no mar, você esta destruindo vidas. Comecemos a refletir sobre isso e não só ficar em reflexões e sim em ações. Vivendo da maneira correta e ajudando em grupo por um mundo mais sustentável é que faz toda a mudança ambiental.

Análise: Não há relação de ressalva ou oposição, o autor simplesmente repete a informação de que não quer que o lixo, na condição de vilão, exista. O autor poderia reescrever o trecho da seguinte forma:

Temos tudo para que o lixo não se torne nosso vilão na natureza, aliás, para que o próprio lixo simplesmente não exista.

Nesse caso, o autor afirmaria que é possível o lixo não ser o nosso vilão e até mesmo nem existir mais. Simplesmente o conceito de lixo como entendemos hoje não existiria.

52. Os escravos lutaram por muito tempo por seus direitos, até que no dia 13 de maio de 1888, a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, visava libertar os escravos por todo território nacional, assim aos poucos o negro foi conquistando seu espaço em meio a muitas indulgências, críticas, e outras formas de preconceito. ***Mas*** não é o que realmente ocorre, não vemos uma interação harmônica entre brancos e negros.

Análise: O uso de *mas* sugere que não é verdade o que foi dito pelo autor, ou seja, o fato de que os negros conquistaram espaço em meio a tantas dificuldades. Para o uso de *mas* ficar adequado, o autor pode reescrever o trecho da seguinte forma:

Mas até hoje ainda não há uma interação completamente harmônica entre brancos e negros.

53. Sobre o vandalismo é o que acontece sempre, pequenos grupos se infiltram nas manifestações para causar um alvo roso, **mas** algumas pessoas são deixadas levar e entram nesse caminho, fazendo com que as manifestações que eram pacífica se tornem uma batalha entre manifestantes e policiais.

Análise: Notamos que o autor explica como surgem os vandalismos nas manifestações. Não há uma relação de ressalva ou oposição entre as informações mediadas por *mas*, e sim uma relação de adição. Além dos grupos que se infiltram com o intuito de causar confusão, há aquelas pessoas que se tornam adeptas desses grupos no momento da manifestação. Portanto, o autor deve substituir *mas* por uma conjunção aditiva: *além disso, e, também*, entre outras.

54. Para evitar que esses acidentes aconteçam, foi criada a Lei Seca, que começou com grande vigor, mas que não possui mais eficiência alguma, visto que uma vez pego na blitz policial, o cidadão tem o direito de não fazer o teste do bafômetro, que é o único meio legal que comprova se há ou não alteração no nível de álcool no sangue, **mas** essa lei deve ser reformulada e intensificada até o período da copa do mundo para que se tenha maior segurança nas cidades brasileiras.

Análise: O autor usa o *mas* para introduzir uma conclusão/solução, o que não está adequado. Ele deve substituir o *mas* por: *portanto, logo, diante disso ou assim*.

55/56. Preconceito ou verdade?

Na maioria das vezes um amor é julgado antes mesmo de uma definição, claro que nos tempos de hoje em dia com tantas mentiras e verdades fica difícil definir o que é amor ou não, ou interesse.

Mas existe amor entre grandes diferenças de idades, **mas** difícil mesmo é este sentimento sobreviver a tantas dificuldades encontradas pelo seu caminho. Na maioria das vezes quando o homem é mais velho, a sociedade ainda absorve com, **mas** facilidade, **mas** quando se trata de uma mulher mais velha e um homem mais jovem ela os ataca mais severamente.

Assim nascendo outro preconceito sendo a mulher sempre vítima dos conceitos machistas empregados na vida em sociedade, o homem ainda pode mais que a mulher.

Na sociedade sempre houve grandes interesses por trás de grandes uniões, **mas** sempre visto positivamente aos interesses dos mesmos e sempre colocando a mulher como um objeto em questão, como mercadorias a serem vendidas.

Agora com grandes avanços da mulher em sociedade chegou à vez dela entrar neste mercado e talvez vir a fazer grandes negociações e sair com seu objeto masculino ou até mesmo feminino pelas ruas de mãos dadas.

Mas sempre ficava a dúvida sob o olhar das pessoas se é amor ou interesse, em fim o que é interesse para muitos pode ser amor para a maioria ou apenas uma troca de favores, **mas** sempre predominaria o preconceito acima da verdade. **Mas** temos que nos esforçar e acreditar que sempre um amor poderá dar certo mesmo com tantas diferenças não somente a de idade, **mas** qualquer outra que venha a colocar em dúvida. Afinal diferenças sempre irão existir.

Análise: Na redação acima, o autor usa de forma excessiva o elemento *mas*. E isso traz ao texto traços de oralidade. Ao lê-lo, a sensação que temos é a de que quase todas as frases colocadas são contestadas. Isso associado às generalizações feitas principalmente no último parágrafo fazem com que o texto se torne confuso. É preciso reformular as ideias, usando outros elementos coesivos.

Em especial, os dois que foram destacados em negrito e itálico correspondem ao uso que consideramos mais estranho/inadequado. Aquela referente ao segundo parágrafo é desnecessário. E o outro referente ao último parágrafo poderia ser substituído por um elemento conclusivo.

57. Quando chegamos à faixa dos 15 ficamos refém das nossas próprias emoções, não reconhecemos o corpo e passamos a viver intensamente cada minuto e cada ação. Na escola, é necessário conciliar boas notas, para garantir o ensino superior, e popularidade, que move todo ambiente estudantil. Mas e se o jovem é um "nerd" sem popularidade, ou vice-versa? Ele, o jovem, aprende que é possível sim acabar com a timidez, resolver relações emocionais e tantos outros problemas. Basta dar uma bebida. Isso pode ser depreendido tanto do ambiente familiar ou estudantil, vale apenas do copo do puro malte estar lá. Já o Estado e a sociedade também têm suas obrigações, tanto no comprimento rigoroso da lei

na proibição de bebidas alcoólicas a menores quanto à negação de valores que bebida poderia trazer como: maior convívio social, agregação de responsabilidade ou de mulheres lindíssimas trazendo a cerveja gelada que envolve principalmente o público jovem masculino.

Mas e depois? E agora que festa acabou? A grande problemática do álcool ingerido precocemente não é a perda das funções hepáticas e renais quando o jovem for senil, mas a estrutura familiar criada a partir de um pai ou uma mãe alcoólatra, gerando um ciclo virtuoso onde provavelmente os filhos estarão suscetíveis a continuarem. Cabem também a uma iniciativa conjunta da família, orientando os filhos sobre os efeitos sócio-biológicos do álcool, do Estado, desenvolvendo apoio as famílias que são envolvidas pelo álcool e principalmente ao controle rígido quanto à venda, e principalmente, é responsabilidade das indústrias de bebidas, que não percebem a criação de filhos, pais, mães e da sociedade mergulhados em 350 ml de puro álcool e sofrimento.

Análise: As ideias que são apresentadas no parágrafo que se inicia com *mas* sustentam ou justificam a postura apresentada pelo autor no parágrafo anterior. Portanto, não há relação de contraposição ou restrição entre as informações intermediadas por *mas*. Sugerimos que o autor retire “Mas e depois? E agora que a festa acabou?”, pois esses questionamentos não estão contextualizados de maneira coerente, estão apenas jogados, sem que haja relação clara com o parágrafo anterior.

58. O amor não tem fronteiras, muito menos idade.

Com o mundo globalizado, é mais do que normal que a sociedade fique mais liberal em relação a diversos aspectos, mas um assunto muito polemico nos relacionamentos atuais ainda são as diferenças de idades.

Esse é um tema que divide opiniões porque seria uma antiga batalha entre conservadores e modernos, Pessoas mais modernas pensão nesse assunto com muita naturalidade e defendem a tese que o amor não tem idade, por exemplo um adolescente pode sim se apaixonar por um idoso, mas será que isso é correto?

Nesse caso existem aspectos que são relevantes como se a pessoa busca um companheiro ou é um modo de irritar a família, ou até mesmo um modo de suprir suas carências afetivas. Mas é fácil criticar apenas um modo de observar o assunto, se olharmos pelo lado dos conservadores iremos logo acusar as pessoas modernas perante a lei, como atentado ao pudor e outros crimes hediondos, mas eles não analisam que foram seus próprios ancestrais que nos deram a herança das relações com grande diferença de idades, como exemplo temos antigos reis e imperadores.

Mas essa briga nunca terá um fim, porque apesar da modernidade estar mais correta, os conservadores só aceitam o que os convém, Numa sociedade moderna como a nossa é correto afirmar que se as duas pessoas estão apaixonadas e estão dispostas a aceitar as diferenças de gerações, nada poderá as impedir.

Análise: Acreditamos que o autor deve substituir *mas* por *portanto* ou outra conjunção conclusiva, já que, no parágrafo anterior, ele explica o porquê de a briga não ter fim. Além disso, trata-se do último parágrafo do texto, ou seja, o parágrafo conclusivo.

59. Existe um grande caminho a ser percorrido, ***mas*** precisamos percorre , por mais doloroso que seja. Acreditar que essa historia poderá ser diferente, que todos serão respeitados sejam velhos, negros, crianças, pobres.

Análise: O uso de *mas* é inadequado, porque não introduz ressalva, restrição ou oposição ao que foi dito anteriormente. O autor apenas repete a mesma informação.

60. Mentira:aprecie com moração

Quando usada moderadamente a mentira pode ficar sendo uma boa forma para a existência e sobrevivência pacífica na sociedade. todos os seres humanos incondicionalmente precisam mentir, mas quando este recurso é usado de forma exarcebada acaba se tornando uma doença ou um distúrbio de caráter moral.

A mentira em seu significado bruto e a soma de todos estes adjetivos: doença, problema de caráter, necessidade e brincadeira; É como um quadradro que em cada lado estivesse cada um desses

adjetivos; Cabe a cada ser humano escolher aquele que melhor lhe cabe; Todos os humanos já nascem com o dom da mentira, começando a usá-la quando chora ou quando faz de tudo pra ter o colo ou ou leite da mãe, é exatamente nesta fase que ele descobre a mentira, mas o que vai formar o caráter desta criança é a família ou o meio em que ela vive, assim ela saberá usufruir melhor da mentira e saber usá-la na momento certo.

Mentir pode ser uma válvula de escape de situações indesejáveis seja elas momentâneas ou permanentes, como por exemplo um trauma na infância ou fase adulta que faz com que o indivíduo minta para poder escapar daquele momento, é como um submundo no qual ele queira fugir e viver nele; mas como tudo na vida isto pode acarretar em danos pequenos ou grandes como por exemplo o desvio de caráter.

Contudo mentira é um sensível acessório que quando tocado libera diversas possibilidades equilibradas em boas e ruins, *mas* cabe a cada indivíduo usá-las quando, onde, como e com quem.

Análise: Acreditamos que não há relação de contraste, ressalva ou oposição entre as informações mediadas por *mas*. O autor apenas acrescenta uma ideia a respeito da mentira, de forma a concluir o texto. Portanto, *mas* deveria ser substituído por *e* por exemplo.

61. Não se sabe sobre os autênticos agentes tentadores desses lastimáveis momentos vivenciados por cada aluno vitimado, seja pelo bullying ou por seu resultado e por cada pai atormentado pelo receio da matança. Todavia se sabe que a estupidez humana presente em todos os casos, relata que as convicção de sua sedução é a própria aptidão do homem em mastigá-las. Não é para cingir-se a um pessimismo existencial, *mas* para empenhar-se na regurgitação da verdade ingênua da estupidez. Confissão da existência: Isso não é um bicho de sete cabeças!

Análise: Não é possível compreender o conteúdo das frases intermediadas por *mas*. As informações estão confusas.

62. As vantagens e desvantagem de Cursos de Longa Distância

Hoje em dia algumas pessoas estão preferindo fazer cursos a longa distância, talvez seja por falta de tempo, pois muitas pessoas têm que trabalhar para pagarem sua faculdade.

Mas há pessoas que procuram essas universidades por falta de oportunidade em sua cidade.

Mas é claro que existem suas desvantagens, pois fazendo cursos de longa distância você não tem contato físico com as pessoas que talvez possa te ajudar em algo que você esteja com dúvida.

Análise: Como podemos perceber, o autor apresenta dois motivos que levam uma pessoa a optar pela educação a distância. Portanto, não há motivo para usar o *mas*. Sugerimos duas formas de consertar o trecho:

Hoje em dia, algumas pessoas estão preferindo fazer cursos a distância, talvez seja por falta de tempo, pois muitas têm que trabalhar para pagarem sua faculdade, talvez seja por falta de oportunidade na cidade em que moram.

Hoje em dia, algumas pessoas estão preferindo fazer cursos a distância, talvez seja por falta de tempo, pois muitas têm que trabalhar para pagarem sua faculdade. Também há aquelas que procuram essas universidades por falta de oportunidade na cidade em que moram.

63. Quando o paciente é inocente e é morto mesmo pela eutanásia, aí é diferente e a família pode até mesmo ter que responder por ele, e até mesmo levarem a culpa. São assuntos que geram muita polêmica.

Assunto que gerou muita polêmica, pelo ponto de vista das pessoas. *Mas* cada um com a sua visão ética. Uma polêmica seria até com a Igreja Católica, que é contra a eutanásia.

Análise: Acreditamos que o *mas* está inadequado, porque introduz uma ideia redundante. Quando se diz que um tema é polêmico, é justamente porque várias pessoas possuem diferentes opiniões. Além disso, se o *mas* foi usado para fazer a ressalva de que as pessoas possuem uma visão ética, ele também

está inadequado, porque, se isso fosse verdade, determinado assunto não seria polêmico. Uma forma de retificar o trecho é:

Alguns assuntos geram muita polêmica, porque cada pessoa tem a sua visão.

64. Sabemos que no Brasil há alto índice de assalto e criminalidade, mas o que deixa a organização desse evento tensa é o fato de acontecer um ataque terrorista, embora que não seja tão evidente isso acontecer. **Mas** precisamos prevenir e ficar atento, pois tudo estará voltado para o nosso país, pessoas importantes estarão aqui, isso pode ser um alvo muito grande para terroristas, a imprensa estará filmando e sempre haverá noticiários, que seria algo surpreendente para terroristas, que as pessoas assistam ao vivo o seu ataque.

Análise: Acreditamos que o autor usa o *mas* para introduzir uma conclusão acerca do que foi dito anteriormente. Além disso, o uso do *mas* está inadequado, porque é feito logo depois de dois períodos também de cunho adversativo. Portanto, o autor deve substituir *mas* por *diante disso, logo, assim, entre outros*.

65. Portanto, para que se ter um bom beneficiamento da realização da copa, deve-se primeiro pensar na população que irá trabalhar durante o período das competições, investindo em saúde, educação para formar profissionais qualificados para melhor imagem do Brasil; **mas** sabe-se que a copa também irá trazer benefícios, mas para apenas uma parte da população, como pavimentação, melhora na segurança, empregos mesmo que sejam provisórios.

Análise: O trecho acima está mal-organizado em relação às ideias. O autor, a todo o momento, menciona os possíveis benefícios que a Copa proporcionará. Portanto, não é possível entender o porquê de ele ter usado a conjunção *mas*. As ideias não se contrapõem, não estabelecem relação de restrição ou ressalva. O autor deveria reformular o parágrafo de conclusão de seu texto.

66. É um direito justo.

Hoje, em todo país, os acidentes de trânsito estão se tornando mais comum do que se pensa, seja ele simples ou complexo. **Mas** o que se sabe que os resultados são destrutivos, e por conta deles alguém sempre saíra prejudicado, que vai de um simples arranhão ou até um grande trauma.

Análise: Observamos que o trecho acima trata-se de uma introdução e que o autor simplesmente está acrescentando informações acerca dos acidentes de trânsito. Em primeiro lugar, ele aborda a questão da frequência e, em segundo lugar, menciona as consequências dos acidentes. Portanto, não há relação de restrição ou oposição, apenas de adição. Uma forma de retificar o trecho é:

Hoje, em todo o país, os acidentes de trânsito estão se tornando mais comuns do que se pensa, seja ele simples ou complexo. Além disso, o que se sabe é que os resultados são destrutivos...

67. Exceto a minoria composta por vândalos que destroem o patrimônio público e privado no momento das manifestações, todos estão corretos. Por ter demorado tanto para protestar o povo tem uma cumulo de reclamações, e um certo estranhamento, **mas** contudo, os brasileiros não praticavam política tão bem assim há muitos anos.

Análise: Acreditamos que não há relação de oposição entre as ideias que são intermediadas pelo *mas*. Embora haja a presença do elemento de coesão, as informações não estão bem relacionadas, e sim apenas “jogadas”, sem estabelecer sentido ou contribuir para argumentação do texto.

Além disso

1. A sociedade brasileira está em discussão sobre o tema aborto. Porque, envolve principalmente os questionamentos da Igreja Católica, a qual é contra a prática de aborto.

No entanto, a gravidez indesejada faz com que várias mulheres por não terem poder aquisitivo para

irem á hospitais particulares na realização do aborto, procuram clínicas clandestinas as quais a infraestrutura é precária os instrumentos cirúrgicos utilizados são esterilizados incorretamente. Com isso, pode acarretar transmissão de doença ou até mesmo a óbito entre adolescentes e mulheres adultas.

Além disso, o aborto no Brasil é proibido exceto nos casos, em que a criança nasce sem cérebro ou sofreu abuso sexual. Contudo com o aumento de abusos sexuais praticados por pedófilos principalmente contra crianças e adolescentes meninas que na maioria das vezes ficam grávidas.

Análise: No trecho acima, *além disso* deveria ser substituído por um elemento coesivo explicativo, porque, no parágrafo anterior, o autor menciona que várias mulheres procuram hospitais e clínicas clandestinas para realizarem o procedimento de aborto, abordando as consequências que esse ato pode acarretar. No entanto, sabemos que essa busca só ocorre, porque no Brasil o aborto é proibido, salvo em casos específicos, e esta é a informação inicial do parágrafo em que “*além disso*” está presente. Portanto, acreditamos que a relação mais coerente entre os parágrafos deve ser de justificativa/explicação, e não de uma simples soma de informação.

2. A Sinergia Intergeracional

Debates a respeito do conflito de gerações? e das dificuldades de convivência social entre integrantes de diferentes gerações, nos ambientes familiar e de trabalho, são comuns nos meios de comunicação.

Nestes debates, os diferentes valores morais e a forma com que cada geração lida com a tecnologia são apontados como os principais motivos de conflito entre os grupos mais jovens, das gerações X e Y, e os mais velhos, principalmente da geração babyboomer.

Os mais jovens são menos restritivos com relação a valores morais e usam as tecnologias com maior intimidade, ao contrário dos grupos mais velhos, de gerações anteriores, caracterizados por serem mais rígidos moralmente, bem como por utilizarem com menor intensidade os recursos tecnológicos atualmente disponíveis.

Mas não apenas de conflitos aparentemente irreconciliáveis vivem as relações intergeracionais. As diferentes faixas etárias têm toda possibilidade de agirem de forma sinérgica, integrando as diferenças, ao invés de se autodestruírem, pois cada geração carrega qualidades que, se somadas, trazem ótimos resultados.

Numa empresa, por exemplo, a experiência dos funcionários mais antigos pode trazer o equilíbrio e a visão estratégica incomuns aos impetuosoos funcionários mais jovens, os quais, por sua vez, podem aumentar os índices de produtividade através do uso das tecnologias que tão bem dominam.

No convívio social, especialmente no ambiente familiar, os filhos podem auxiliar os pais no uso da internet e de caixas eletrônicos, ao passo que os pais podem ajudar os filhos a lidarem com questões como relacionamentos amorosos e na busca pelo primeiro emprego.

Além disso, o convívio social entre pessoas de diferentes faixas etárias, de diferentes gerações, pode evoluir através do diálogo e do respeito à diferença de pensamento, conceitos universais e que resistem à passagem do tempo e das gerações.

Análise: Acreditamos que o parágrafo introduzido por *além disso* não se trata de soma de informações novas, e sim de uma conclusão positiva a respeito da convivência entre pessoas de gerações diferentes, é uma retomada geral das ideias defendidas nos dois últimos parágrafos.

3. Pode-se perceber que o acúmulo de lixo não é recente. Durante a Idade Média, grande parte da população europeia foi dizimada. A causa foi a união de dois fatores: falta de higiene da população e o lixo jogado nas ruas. E, como consequência, houve a peste bubônica, transmitida pela pulga de ratos – o que mostra a falta de saúde pública na época.

Além disso, nos dias atuais, enfrentamos transtornos ambientais decorrentes de lixões a céu aberto. O solo acaba contaminado e há riscos de incêndio por causa de gases liberados na decomposição dos detritos. Entre esses gases, há o metano que, ao se transformar em gás carbônico, contribui para o aquecimento global. Então, novamente, ocorrem doenças.

Análise: Os dois parágrafos constituem parte do desenvolvimento argumentativo do texto. O escritor menciona que o acúmulo de lixo não é um problema atual, e sim antigo. Para comprovar isso, ele compara os problemas que o acúmulo de lixo causou em épocas passadas e ainda causa nos dias

atuais. Como há esse contraste em relação às diferentes consequências do lixo em tempos distintos, o ideal seria retirar o *além disso* ou usar um elemento coesivo sequencial que marca essa mudança contrastiva de tempo, tal como: *Já nos dias atuais* ou simplesmente um elemento que sinaliza a transição das épocas: *em relação aos dias atuais...*

4. É preciso prudência!

Com os preparativos para os grandes eventos que estão perto de acontecer no Brasil, tornou-se inevitável a discussão sobre segurança no país. Mesmo estando fora da faixa de terrorismo no mundo, o Brasil deve temer uma futura ação terrorista que eventualmente pode acontecer devido ao fato de que o mundo estará com todos os holofotes voltados ao Brasil e para esses eventos.

Além disso, o Brasil não é considerado um modelo no quesito de segurança, pelo contrário, existe uma grande defasagem nas leis que regem o país, o que dificulta os procedimentos a serem tomados no caso de ataques terroristas.

Análise: No primeiro parágrafo do texto, identificamos que o autor faz uma introdução e apresenta a sua tese de que o Brasil deve temer uma futura ação terrorista, explicando o motivo disso. Nessa perspectiva, o segundo parágrafo não deveria começar com o elemento coesivo *além disso*, pois o segundo parágrafo é simplesmente o início da argumentação do texto. Não há nada para ser acrescentado do ponto de vista da argumentação, e sim para ser começado. Portanto, o autor deveria retirar o *além disso*, para que seu texto fique organizado de modo coerente.

5. Violência no Brasil

E de grande relevância o tema apresentado, pois no Brasil a violência está cada vez maior principalmente nas periferias das grandes cidades, por ser uma área pobre sem estrutura onde o poder judiciário é menor. Além disso, caberia a participação do Governo, pois ele é responsável pela preservação da ordem pública.

Análise: Notamos que, no primeiro parágrafo do texto, o autor já expõe problema e solução. No entanto, ele inicia a introdução da proposta de solução com o elemento *além disso*, o que não é coerente com a situação de escrita, pois o autor não está simplesmente somando informações em favor de um ponto de vista específico (no caso, ele não está somando argumentos que justifiquem o posicionamento de que a violência no Brasil cresce), ele está propondo uma solução para o problema. Em virtude disso, o ideal seria substituir o *além disso* pelas seguintes expressões: *para resolver isso, ou diante disso, caberia a preocupação e participação do governo*.

6. Estamos em pleno século XXI, e com isso estamos progredindo cada vez mais rápido. Com o avanço estamos buscando o intercâmbio entre os diferentes países que contém idioma português, além disso, muitos problemas estão a vir com toda essa mudança. Como é que se escreve mesmo?

Análise: Observamos que o autor usa palavras de prosódia semântica positiva, tais como: “progredindo” e “avanço”, associando-as ao fato de termos interesse em realizar intercâmbio entre países que falam o idioma português. Em seguida, ele diz que essas mudanças que são trazidas com o avanço da sociedade podem trazer muitos problemas. Desse modo, a relação entre essas duas informações é de oposição, e não de adição. Nesse caso, o autor deveria substituir *além disso* por *mas* ou *porém*, por exemplo.

7. O direito ao livre-arbítrio

A sociedade humana, como um todo, gostaria de viver num mundo perfeito, em que questões como legalizar ou não o aborto de anencéfalos não precisassem ser discutidas. Além disso, nenhuma mulher, ao engravidar, planeja decidir sobre um assunto tão delicado como esse. Porém, ao se deparar com o problema, a gestante de feto anencéfalo deve ter seu livre-arbítrio garantido e respeitado por todos. Ninguém pode impor uma decisão à mãe. Só ela sabe os custos físicos e emocionais que é capaz de suportar.

Análise: O autor não introduz uma argumentação ou informação muito diferente daquela dita anteriormente à palavra *além disso*. A informação que se segue após tal elemento é uma ramificação da ideia que foi dita antes, por isso é importante substituir *além disso* por um elemento que indica isso como: *sob essa perspectiva* ou *sob essa ótica*:

A sociedade humana, como um todo, gostaria de viver num mundo perfeito, em que questões como legalizar ou não o aborto de anencéfalos não precisassem ser discutidas. Sob essa perspectiva, podemos dizer que nenhuma mulher, ao engravidar, planeja se decidir sobre um assunto tão delicado como esse.

Afinal

1. A mudança gramatical, além da unificação dos países que falam língua portuguesa, pode trazer um outro benefício muito importante: uma admiração maior da parte dos brasileiros para com a língua falada, ***afinal***, apesar de não ser um idioma originário do país o português é parte fundamental na história da cultura brasileira.

Análise: O fato de o idioma português ser parte da cultura brasileira não justifica a admiração que os brasileiros vão ter em relação à língua falada após a nova reforma ortográfica. Por isso, o uso de *afinal* está inadequado, pois não há relação de explicação ou resultado, conclusão entre as informações mediadas por ele. Para o autor usar *afinal* de modo coerente, deve mudar sua argumentação.

2. A lei impõe onde visa à proibição do uso do fumo em locais fechados ou semifechados pode ser que diminua o uso de cigarros em certos ambientes.

Mas ***afinal***, não precisaria de uma lei a ser imposta para que os usuários tenham a consciência e o respeito de que fumar em locais fechados sempre foi uma grande falta de ética.

Análise: *Afinal* está inadequado, pois as informações não possuem relação de justificativa ou conclusão. O autor apenas demonstra seu ponto de vista em relação à lei. Sugerimos que o trecho seja reformulado da seguinte forma:

A lei impõe, que visa à proibição do uso do fumo em locais fechados ou semifechados, pode diminuir o uso de cigarros em certos ambientes. Mas é lamentável saber que é necessário impor uma lei para que os usuários tenham a consciência de que fumar em locais fechados sempre foi uma grande falta de respeito ao próximo.

3. Mentir faz parte da vida

A mentira não deve ser entendida como uma espécie de contrário da verdade mas sim uma declaração feita por alguém que acredita ou suspeita que ela seja falsa, na expectativa de que os ouvintes ou leitores possam acreditar nela.

Afinal a mentira é hereditária?

Análise: O uso de *afinal* está inadequado, pois não há relação de justificativa ou conclusão entre os parágrafos intermediados por tal elemento. Aliás, o autor dá um salto em relação ao tema tratado e nenhuma conjunção sozinha pode suprir essa lacuna.

4. [...] Os problemas enfrentados por esses casais principalmente pela alta diferença de nascimentos, são mais conhecidas ainda. Vai desde desentendimento, por falta de interesse, divergências e até mortes por ciúmes, como constantemente são noticiados por programas de tv.

Esses problemas acontecem com qualquer casal, mas quando a diferença de idade é muito acentuada, gera até mesmo conflitos de geração. Pesquisas mostram que a cada cinco anos, uma geração fica praticamente irreconhecível em relação a outra. Imagine isso somada a interesses diferentes e outras vontades com algo que já é difícil como uma relação.

Claro, problemas como esses existem em qualquer tipo de romance. ***Afinal*** ninguém vai brigar tanto ao ponto de um ferir ao outro, como a nossa Carlota Joaquina que feriu O rei de Portugal, dom

João 6º. Se o casal se ama, deve largar todo tipo de pressao. Problemas existem em todas as relações e se há amor e companheirismo, além do respeito, existe a felicidade e para ela não devemos medir esforços.

Análise: O uso de *afinal* está inadequado, pois a justificativa ou conclusão introduzida por *afinal* contradiz o que o autor menciona nos parágrafos anteriores (mortes por ciúmes). Além disso, a informação de que ninguém é capaz de ferir o companheiro não serve como conclusão ou justificativa da informação de que problemas existem em qualquer tipo de relacionamento. É fundamental que o autor mude sua argumentação e que observe a organização de suas ideias.

5. Mas é claro que, não foram apenas as industrias que se beneficiaram com um consumismo mais forte e como pessoas cada vez mais manipuláveis. As quadrilhas de trafico de drogas não tardaram a descobrir essa nova levada de massa de manobra. Mirando sempre em alvos mais carentes, sem acesso a educação de qualidade, pessoas sem nenhuma formação ideológica acabam sendo levadas pária pessimos caminhos.

Mas *afinal*, porque dezesseis anos? Simples, pensando ser maduro o suficiente, o jovem começa a tomar suas próprias decisões cada vez mais cedo, ou seja, antes, um futuro criminoso era influenciado aos quinze anos, de forma que aos dezessete ele ainda poderia ter salvação, se bem instruído, hoje com apenas doze anos crianças já entram para a vida criminosa, o que os leva a estar totalmente convertidos a esse universo aos dezesseis.

Análise: *Afinal* está inadequado, pois o autor o usou para auxiliar na mudança de argumentação. Nesse caso, *mas* e *afinal* deveriam ser substituídos por outras expressões que esclarecem ao leitor essa mudança, por exemplo:

Outra questão em relação à mudança da maioridade penal que causa dúvidas aos cidadãos é a idade. Por que a maioridade deveria começar justamente aos 16 anos?

6. Medo ou respeito?

Homicídios, sequestros, roubos, e agora, um tanto cômico, uma criança adentrando uma delegacia pulando ao balcão para reclamar ter recebido umas palmadas, o que *afinal* não tem sido a realidade deste país, pois crianças são espancadas, molestadas e maltratadas de forma geral.

Análise: O trecho não está bem-elaborado. Acreditamos que *afinal* deveria ser substituído por *ainda*, pois a informação que vem após *afinal* não se trata de conclusão nem de explicação; na verdade, ela possui uma ideia de temporalidade. Além disso, é preciso reformular a explicação que vem após o *pois*.

7. Um problema sem explicação

O dia 07 de abril de 2011 ficou marcado para muita gente; em especial, para a população de Realengo, cidade do Rio de Janeiro, que realizou uma série de passeatas demonstrando indignação e pedindo por paz, principalmente. O episódio ocorrido na referida data ficou conhecido como massacre de Realengo, em que um ex-aluno da escola Tasso de Oliveira, ao realizar mais de 60 disparos com um revólver, matou 12 estudantes. Wellington Menezes de Oliveira, autor do crime, contava com duas armas, entre elas, uma roubada.

Mas qual seria o motivo de tamanha violência contra pessoas que de nada tinham culpa? Segundo familiares do assassino, fatores genéticos poderiam tê-lo levado a realizar o crime, visto que sua mãe sofria de esquizofrenia. Já de acordo com conhecidos e ex-colegas, Wellington não tinha muitos amigos e sofria bullying. Portanto, raiva e angústia poderiam ter motivado o crime.

Crimes como esse ocorrem em muitos países, independente de suas diferenças. São geralmente homens que se vingam de acontecimentos ocorridos no passado, e, após isso, cometem suicídio. Homens, esses, que guardaram más lembranças em sua memória e que necessitavam de algum tipo de tratamento especial.

Portanto, a sociedade pode, sim, ajudar a evitar acontecimentos como esse. Mesmo desconhecendo as reais razões que levaram a essa e a outras tragédias mundo afora, é certo que a prevenção vai além da

proibição do porte de armas ilegais, ou da instalação de detectores de metais nas escolas. Mesmo com tudo isso, é impossível saber se a tragédia seria evitada. A escola e os pais devem estar atentos ao comportamento dos alunos e dos filhos e buscar ajuda nos casos de dificuldade. Afinal, se haviam mesmo problemas com o Wellington, sejam mentais ou de relacionamento, por que ninguém procurou solucioná-los?

Análise: No último parágrafo, o autor sugere soluções e fala de maneira generalizada “alunos” e “filhos”, portanto fica claro que não é o momento ideal para inserir mais questionamentos para o caso particular de Wellington. O autor, depois de já ter concluído o que deveria ter sido feito no caso de Wellington, insere a pergunta por meio de *afinal*: Afinal, se haviam mesmo problemas com o Wellington, sejam mentais ou de relacionamento, por que ninguém procurou solucioná-los? Por uma questão de organização lógica, tal questionamento deve ser deslocado para a argumentação, no segundo parágrafo, por exemplo, num momento anterior à resposta que é dada na conclusão:

Mas qual seria o motivo de tamanha violência contra pessoas que de nada tinham culpa? Segundo familiares do assassino, fatores genéticos poderiam ter levado Wellington a realizar o crime, visto que sua mãe sofria de esquizofrenia. Diante disso, nos perguntamos: afinal, se havia mesmo problemas com Wellington, sejam mentais, sejam de relacionamento, por que ninguém procurou solucioná-los?

Como o autor não organizou bem as suas ideias, o uso de *afinal* tornou-se inadequado.

Assim como

1. Como resolver essa situação? Banir esses elementos tão apreciados pelos baixinhos é errado. **Assim como** televisão, computador e videogame, eles podem comer sim, porém com moderação.

Análise: A forma *assim como* do modo como foi usada na construção acima suscitou o sentido comparativo, o que não trouxe coerência ao trecho, pois sabemos que televisão, computador e videogame não são seres que comem. Portanto, tal comparação é impossível de ser feita. O ideal seria a reconstrução do trecho, de modo que a forma *assim como* exerça a função de comparação/soma. Por exemplo:

Como resolver essa situação? Banir esses alimentos tão apreciados pelos baixinhos, assim como banir o uso de televisão, computador e videogame, é errado. Eles podem comer sim, porém com moderação.

2. O psicológico faz o ser humano mentir para ele mesmo, **assim como** se um pai escolhe uma profissão para um filho, ele acaba psicologicamente querendo isso, mentindo para ele próprio, mas na realidade não passa de uma mentira para ele mesmo.

Análise: No trecho acima, observamos que o autor quis ilustrar a assertiva de que o psicológico faz o ser humano mentir para ele mesmo. Nesse caso, não caberia o elemento coesivo *assim como*, pois não se trata de comparação ou adição de ideias, e sim de um caso que o autor irá contar como forma de comprovar que sua opinião é válida. O ideal seria simplesmente retirar o *assim com* ou retirar o *assim como* e o *se* e substituí-los por *quando* ou ainda retirar o *assim como* e substituir por *por exemplo*.

3. Os estádios serão o mais simples para a realização deste glorioso evento, que países para que ocorram em seu território, o que circunda por ele é que serão os problemas enfrentados pelo país **assim como**: aeroportos, estradas, segurança, transporte público, hotéis e restaurantes.

Análise: O trecho de modo geral não está bem-estruturado. No caso, *assim como* estabelece uma relação de comparação entre os problemas que circundam o território brasileiro e os “aeroportos, estradas, segurança, transporte público, hotéis e restaurantes”. Não seria coerente tal relação, pois não

é possível entender o porquê de as últimas enumerações serem vistas como problemas. É preciso esclarecer melhor as ideias.

4. Portanto, será que as enchentes e deslizamentos do Rio de Janeiro tem como culpado somente as chuvas? Não. Todos nós temos uma parcela de culpa. Seja nas pequenas atitudes corriqueiras, quando agredimos o meio ambiente, **assim como** na hora de cobrar melhorias.

Análise: Acreditamos que há uma falha semântica, pois o autor, ao usar *assim como*, inclui no mesmo conjunto de ações que prejudicam o meio ambiente o ato de a população cobrar melhorias. E cobrar melhorias não prejudica o meio ambiente. Dessa forma, seria importante reformular o trecho e explicar melhor o conteúdo, utilizando os elementos coesivos adequados. Uma possibilidade de retificação seria:

Seja nas pequenas atitudes corriqueiras, quando agredimos o meio ambiente, seja na falta de envolvimento político que resulta na ausência de cobranças para melhorar o espaço urbano.

5. **Assim como** cada nova geração, sem dúvidas, acrescenta ideias e inovações a antigas formas de pensar e agir, o próximo passo de tal aprimoramento será conciliarmos as mais variadas visões sobre certos assuntos.

Análise: O uso de *assim como* está inadequado, pois não é possível estabelecer relação de comparação entre as informações expostas. Acreditamos que a ausência da vírgula depois de *assim* tenha causado o problema de coerência.

Por outro lado

1. É notável que o Brasil, infelizmente, possui o sistema de segurança pública é precário e, **por outro lado**, as pessoas criam métodos para escapar da violência. Contudo, os brasileiros estão com os valores invertidos, onde a sociedade está submersa num mar de sangue.

Análise: *Por outro lado* está usado de forma inadequada, porque substitui uma relação que é de causa e consequência ou simplesmente de justificativa. Retificamos o trecho de duas maneiras:

É notável que o Brasil, infelizmente, possui o sistema de segurança pública precário, em virtude disso as pessoas criam, por si mesmas, métodos para escapar da violência.

É notável que o Brasil, infelizmente, possui o sistema de segurança pública precário, por consequência, as pessoas criam, por si mesmas, métodos para escapar da violência.

2. O tempo passou e hoje, em um mundo moderno, conceitos são vistos e revistos de forma a cada dia aprimorar a vida social de todos, principalmente de jovens. É certo que essas mudanças trazem uma série de sentimento, como a revolta de uns, que **por outro lado** vê a nostalgia de outros.

Análise: No que se refere ao uso de *por outro lado*, notamos que o trecho não está bem-elaborado do ponto de vista sintático, e isso interfere também na compreensão. Se o autor menciona que as mudanças trazem uma série de sentimentos, como a revolta de uns e a nostalgia de outros e sabemos que não são sentimentos que necessariamente se opõem, o ideal é que *por outro lado* seja retirado e a frase reformulada.

3. Uma parte das pessoas não concordam com a justiça feita as mãos e outras acham que com as mãos se resolve tudo.

Por outro lado há aqueles que aprovam justiça com as mãos e se vingando pelo mal que fez mas a justiça poderia ser aplicada de um modo moderado que não haja violência.

Análise: O autor usa o elemento *por outro lado* para introduzir uma informação já dita anteriormente. Portanto, seu uso torna-se inadequado, uma vez que *por outro lado* indica acréscimo de informações novas ou contraposição de ideias.

Portanto

1. É verdade que todo tipo de vida deve ser respeitado, porém quando o mundo do ?pet? torna-se fundamental e comum preterir familiares, atividades físicas, pagar contas e outros aspectos cotidianos para proporcionar um melhor tratamento apenas ao animal, enquadra-se como uma atividade ilógica, pois a vida pessoal e social é afetada.

Esse pensamento não estaria pautado na ideia deles não merecerem um cuidado cordial, **portanto** estaria em harmonizar com o bom senso. Pessoas estão passando fome e frio e ao transformar animais em "gente" é agredir moralmente e eticamente os valores e o valor de uma vida humana.

Análise: *Portanto* está inadequado, pois as informações mediadas por tal elemento não fazem sentido. É preciso esclarecer e organizar melhor as ideias. Além disso, embora as ideias estejam confusas, acreditamos que *portanto* deveria ser substituído por uma conjunção adversativa:

Esse pensamento não está pautado na ideia de que os animais não merecem cuidados, mas na concepção de que é preciso ter bom senso ao tratá-los.

2. Retrocesso da nação

O Brasil tem a sua educação desvalorizada, há poucos investimentos; as escolas públicas do país não tem a infraestrutura necessária, **portanto** as cotas para a entrada de alunos na educação superior devem acabar.

Análise: Os argumentos dados pelo escritor não são suficientes para que ele chegue à tal conclusão, por isso o uso de *portanto* não ficou adequado. Na verdade, as cotas existem justamente para suprir as falhas existentes no ensino público. A conclusão do autor, para ser coerente, deveria ser diferente, por exemplo:

...portanto é preciso melhorar a educação, para que os alunos tenham a chance de entrar no curso superior mais bem preparados e sem necessitar de cotas.

3. O fato de sentir-se bem mostrando a sensualidade não é aceitável por algumas pessoas que traz intolerância, má-educação, machismo e discriminação social. **Portanto**, vivemos em um país livre, sem interferência nos costumes particulares das pessoas, não podemos jogar pedra na vontade do outro, quem nunca errou joga a primeira pedra.

Análise: A afirmação anterior a *portanto* não dá condições para que se chegue à conclusão posterior a *portanto*. São informações que se contrapõem. Um modo de retificar o trecho é:

O fato de sentir-se bem mostrando a sensualidade não é aceitável por algumas pessoas intolerantes, mal-educadas, machistas e preconceituosas. No entanto, como vivemos em um país livre e democrático, o certo é não deixar que essas pessoas interfiram nos costumes particulares de outras.

4. Inundação de erros

Nesse inicio de ano o mundo assistiu o desastre que ocorreu no Rio de Janeiro. Diversas pessoas julgaram os fatos, sugeriram melhorias, emocionaram-se com os que? nasceram de novo?. Mas como podemos entender a verdadeira situação desses acontecimentos ocorridos de uns tempos pra cá?

Estudos comprovaram que, a cada ano, o planeta se aquece gradativamente e, nos tempos atuais, as mudanças climáticas são cada vez mais perceptíveis. Desastres naturais são ocorridos pelo mundo, aos quais o homem nada pode fazer para impedi-los. Uma vez que ela se enfurece, leva consigo qualquer coisa que os seres humanos tenham construído, inclusive suas próprias vidas.

Portanto, será que as enchentes e deslizamentos do Rio de Janeiro tem como culpado somente as

chuvas? Não. Todos nós temos uma parcela de culpa. Seja nas pequenas atitudes corriqueiras, quando agredimos o meio ambiente, assim como na hora de cobrar melhorias.

Análise: Observamos que o autor, no parágrafo anterior a *portanto*, afirma que as mudanças climáticas e as catástrofes causadas por elas são naturais. E, no parágrafo seguinte, o autor faz uma pergunta: será que as catástrofes acontecem apenas por uma motivação natural? Como se trata de uma informação que não é conclusão do parágrafo anterior, mas sim um questionamento que tem valor de oposição, o autor deve substituir *portanto* por *mas, no entanto ou entretanto*.

5. As aulas virtuais são uma solução

A educação à distância é uma modalidade de ensino-aprendizagem própria dos tempos hodiernos, em que os alunos estão conectados como os professores mediante a internet. As aulas virtuais estão tendo grandes desenvolvimento, porém, as presenciais continuam sendo para alguns as favoritas. Eu creio que é importante ter em conta que muitas pessoas não podem ir a uma universidade pela falta de tempo e de dinheiro, por isso eu estou de acordo com o ensino à distância. Também é uma maneira de utilizar a tecnologia para acrescentar os conhecimentos e conhecer novas modalidades de estudo. Na educação à distância, o aluno conta com material de estudo e com a ajudado professor o tempo todo, além disso, pessoas que nas aulas presenciais são tímidas, no estudo virtual podem render muito mais. Há declarações de professores que estão contra esta modalidade porque eles pensam que não são importantes só os conhecimentos obtidos na universidade, mas também a interação com outros estudantes.

Mesmo sabendo de tudo isso, ainda assim temos que admitir que é muito difícil não utilizar a tecnologia e, *portanto*, estudar na comodidade de casa, aproveitando o tempo livre[,] resulta ótimo.

Análise: Acreditamos que *portanto* está inadequado, pois não há relação de conclusão, e sim de finalidade:

...é muito difícil não utilizar a tecnologia para estudar na comodidade de casa...

Do modo como o autor escreveu, interpretamos que não utilizar a tecnologia leva a estudar na comodidade de casa, o que não é uma conclusão coerente quando lemos o texto na íntegra.

6. Caráter que determina nossas escolhas

Apesar de ser uma escolha de vender ou não a virgindade, quando olhamos num todo, tal escolha é criticada pela sociedade e pelos regimes religiosos do nosso país. A população que na sua maioria possui religião cristã defende que a venda da virgindade torna-se uma.

Notícias que jovens venderam sua virgindade foi motivo de muita repercussão em todo Brasil, por motivo de demonstrar que o sexo passou a ser um ato banal, ou melhor, um ato financeiro, deixando de lado o sentimento de amor, o respeito e a pureza que muitas meninas de décadas a traz guardavam. Além disso, faz apologia a relação sexual por dinheiro, ou seja, invés da jovem se guarda para alguém que ela ama, ela passa a se vender para alguém que nem conhece, e depois é que a pessoa vai pensar nos seus sentimentos.

Além disso, não podendo se esquecer de que vivemos em um país religioso e nesse mesmo país que há tanta liberdade de expressão tal obra é condenada, pois religiosos, principalmente, cristões que veem o sexo antes do casamento como um sacrilégio (pecado contra Deus), e ainda por ser um ato sexual onde envolve dinheiro para ser consumado o ato.

Portanto, observa-se que por mais que a população não esteja de acordo com a venda da virgindade, terá que aceita, pois as leis brasileiras ficam sem resposta sobre esse assunto e a única coisa que podemos fazer é dá educação a nossos filhos para que os caracteres deles não os deixem chegar a essa polêmica.

Análise: O texto não dá suporte argumentativo para que o autor chegue à conclusão de que a “população terá que aceitar a venda da virgindade”. Portanto, a conclusão do autor não está coerente com o seu texto. Além disso, ele justifica essa aceitação, trazendo uma informação nova, ou seja, que não foi apresentada no desenvolvimento do texto. O ideal seria o autor trazer as informações do último

parágrafo para um parágrafo do desenvolvimento, pois não se trata de uma conclusão, mas sim de um argumento que favorece a venda da virgindade. Em virtude desses apontamentos, consideramos o uso de *portanto* inadequado.

7. Preconceito, um obstáculo ser vencido pelos idosos

Atualmente, os idosos são desvalorizados, pois nessa fase se tornam alvo de diversas situações lastimáveis, como o desrespeito pela parte jovem da população, que os consideram geração ultrapassada. Tudo isso devido a fragilidade do idoso de se impor na sociedade.

Primeiramente, o preconceito é o precursor de todas as atitudes deploráveis que uma pessoa idosa sofre. Preconceito do qual, a parte alienada da sociedade incorpora, tratando as pessoas mais velhas como inválidas.

Este pensamento discriminatório, atrelado a um estatuto não rígido, faz com que vejamos cada vez mais notícias como; assalto a idosos, negligências médicas e até o abandono por parte de familiares.

Mais os idosos não são constantemente privilegiados? Os benefícios que são oferecidos a uma pessoa de terceira idade, nada mais são, do que uma retribuição, de tudo o que o idoso fez pelo seu país, no período que exerceu as mais intensas atividades.

É claro que sempre há quem tire vantagem, que são as pessoas com idades avançadas que buscam tirar proveito sem necessidade. Chamamos isso de "Jeitinho Brasileiro", mas que na verdade, não passa de uma falta de caráter e ética.

Portanto, os idosos são os membros mais importantes de nossa família, pois retratam nossa origem. E cabe a nós da geração atual, assegurar e oferecer um fim de vida digno a eles, que tanto batalharam por sua vida até chegar a velhice.

Análise: A discussão realizada no decorrer do texto não dá suporte para que o autor conclua que “os idosos são os membros mais importantes de nossa família, pois retratam a nossa origem”. Na verdade, essa informação, por não ter aparecido ainda no texto, deveria constar num novo parágrafo argumentativo, como uma forma de defender a relevância dos idosos na sociedade. A conclusão deveria começar em “cabe a nós da geração atual...”. Devido a isso, o uso de *portanto* está inadequado.

8. Estudo: a chave para o futuro

O sucesso profissional e pessoal está atrelado ao estudo; sendo, **portanto**, indissociável.

Análise: Acreditamos que *portanto* está inadequado, pois o autor não apresenta uma conclusão sobre o fato de o sucesso estar relacionado ao estudo, já que “atrelado” e “indissociável” trazem a mesma ideia de união, dependência. Nesse caso, sugerimos algumas formas de retificar o trecho:

O sucesso profissional e pessoal está atrelado ao estudo, portanto este é indispensável para a vida do ser humano.

O sucesso profissional e pessoal está atrelado ao estudo, ou seja, ambos são indissociáveis.

9. Sem título

O boné dos jovens é só um adorno de cabeça e, **portanto**, tem outra utilidade. Porém é muito estranho, durante num almoço ver o jovem com o boné na cabeça.

Quanto ao celular em sala de aula. Deixar no silencioso, ver se é importantíssimo, e só assim, sair da aula para atender. (casos raros) Fora isso é falta de educação e respeito ao mestre e ao demais alunos.

Análise: *Portanto* está inadequado, pois não introduz de forma clara uma conclusão acerca do boné. O texto do autor está na íntegra e, mesmo assim, não conseguimos entender à qual conclusão ele chega acerca do boné.

10. O aborto no Brasil

A sociedade brasileira está em discussão sobre o tema aborto. Porque, envolve principalmente os questionamentos da Igreja Católica, a qual é contra a prática de aborto.

No entanto, a gravidez indesejada faz com que várias mulheres por não terem poder aquisitivo para irem á hospitais particulares na realização do aborto, procuram clínicas clandestinas as quais a infra-estrutura é precária os instrumentos cirúrgicos utilizados são esterilizados incorretamente. Com isso, pode acarretar transmissão de doença ou até mesmo a óbito entre adolescentes e mulheres adultas.

Além disso, o aborto no Brasil é proibido exceto nos casos, em que a criança nasce sem cérebro ou sofreu abuso sexual. Contudo com o aumento de abusos sexuais praticados por pedófilos principalmente contra crianças e adolescentes meninas que na maioria das vezes ficam grávidas. Assim a questão do aborto, cada vez mais torna-se polêmica na sociedade brasileira.

Entretanto a Igreja Católica é contra o aborto principalmente o Papa Bento XVI e como a maioria da população brasileira é católica, esta fica dividida. Em que alguns aderem aos dogmas religiosos e outros têm opiniões próprias sem a interferência da religião.

Portanto, o aborto em casos de abusos sexuais praticados á crianças deve ser legalizado. Pois é de certa forma "ameniza" o trauma psicológico da criança abusada sexualmente e de evitar uma gravidez não desejada.

Análise: *Portanto* está inadequado, pois não introduz a conclusão do que foi discutido no texto, e sim a opinião do autor que até o momento não foi explicitada. Dessa forma, as informações que se seguem após *portanto* não formam a conclusão do texto, mas sim um novo parágrafo argumentativo. Logo, o uso de *portanto* está inadequado.

11. Copa do Mundo brasileira

Desde que o mundo é mundo, há interesses por trás de tudo o que fazemos. Não é por qualquer motivo que o Brasil, em 2007, aceitou sediar a Copa do Mundo de 2014. Sem dúvida é um grande negócio, atraindo turistas do mundo inteiro para cá e consequentemente retirando lucros do mesmo.

Nossa economia é favorável para acolher essa proposta. Outro ponto importante é o fato de nosso governo ser equilibrado em todos os sentidos. Só haverá bons retornos, como podemos citar também um maior número de empregos, no caso de quem vai trabalhar em todo o processo.

Portanto, nada será concretizado se não acelerarem as obras que foram planejadas. O motivo do atraso não é bem esclarecido. Mas se mudarmos essa realidade, estaremos mudando o modo de ver o Brasil também. E para melhor.

Análise: *Portanto* está inadequado, pois não introduz a conclusão do texto, e sim informações novas que contrariam a posição favorável em relação ao tema da Copa ser realizada no Brasil. *Portanto* deveria ser substituído por: *mas, no entanto* ou outra conjunção adversativa. E o autor deveria fazer uma nova conclusão.

12. Quando o consumo se torna um problema

Com o advento do capitalismo, a sociedade passou a ser consumista sem limites. De modo que não mais se consegue pensar em uma sociedade que não compre, não consuma ou não esteja interessada ao que está ao seu redor. O consumismo faz parte da vida natural de qualquer pessoa e também sujeita a quem dele faça uso imoderadamente a um extremo problema: o consumismo inconsciente.

Basta pensar que uma pessoa não vive sem ir a um supermercado qualquer ou até mesmo para vestir-se é necessário a prática do consumo, da pesquisa e demais atos. Hoje em dia, a mídia evidencia bastante aquilo que está na moda, abrangendo todos os públicos: crianças, jovens, adultos. Há quem afirme que em algumas situações isso passa a ser crítico, pois as pessoas antes de serem influenciadas pelo o que está ao redor, devem ser capazes de enfatizar suas singularidades, gostos e personalidades próprias.

Assim, pode-se afirmar que o poder da moda, decorrente da indiscriminância do próprio consumidor acaba tornando um círculo vicioso e que inconscientemente, o limite é extrapolado sem ao menos que se tenha noção mais tarde do problema não só material, uma vez que existem pessoas que compram objetos supérfluos apenas para realização pessoal, e psicológico, tendo em vista a gravidade da situação, muitas vezes irreversível, na qual só a ajuda de um profissional para amenizar essa problemática.

Portanto, a prática do consumo não necessariamente é questionada de modo negativo, porque a ideia é

que se tenha uma consciência desde cedo para que isso não se torne um distúrbio mental. Assim como qualquer outra atividade, essa é uma prática de se dar exemplos. De pai para filho, ou da própria mídia aos telespectadores.

Se não fosse o grande entrave do capitalismo fomentar que a sua sobrevivência é o consumismo, talvez não teríamos esse desmembramento de tal assunto se tornar uma disfunção.

Análise: No decorrer do texto, o autor trata do consumismo em excesso como algo negativo, logo é incoerente ele concluir que “a prática do consumo não necessariamente é questionada de modo negativo”. As informações do parágrafo introduzido por *portanto* contrapõem o que vem sendo dito pelo autor, formam um contra-argumento. Nesse caso, *portanto* deveria ser substituído por uma conjunção adversativa, e o autor deveria fazer uma nova conclusão do texto.

Porém

1. Portanto temos que ter consciência do que fazemos e tentar não ser levado pelas pessoas de mal caráter quando soube de alguém que está te perturbando, tente chama a polícia e fazer um boletim por que isso é crime.

Porem violência não quer violência, e sim que teremos uma vida em paz e harmonia com as pessoas ao seu lado tanto de serviço e escola, tenha consciência que violência não resolve nada e sim a simplicidade de ser você e ter educação e aprende a pedir sem mala ou rouba.

Análise: *Porém* não intermedeia informações opostas. A informação que vem após o *porém* tem um cunho adicional. Além disso, o parágrafo deve ser reestruturado para que as informações façam mais sentido.

2. Hoje em dia é comum andarmos nas ruas e vermos a quantidade de pessoas mais idosas usando o tabaco. O mundo jamais esteve livre das drogas. **Porem**, é frequente encontrarmos adolescentes usando não apenas o tabaco, mas sim o uso da maconha, do craque e da cocaína.

Podemos encontrar em todos os lugares conscientização contra o combate ao fumo, mas para combatermos, precisamos que os consumidores tenham em mente o mau em que isso pode lhe afetar.

Análise: Acreditamos que as informações que constituem o parágrafo deveriam ser reorganizadas e que não há relação de contraste entre aquelas intermediadas por *porém*. Não fica claro o porquê de o autor ter contrastado idosos e jovens, uma vez que ambos são consumidores de drogas no tempo atual como o autor diz. O realce ou adversão sobre o uso de drogas mais pesadas consumidas pelos jovens é feito pelo uso de *não apenas... mas sim*, e não pelo *porém*. É importante ressaltar que o autor se confunde em relação à indicação de tempo ao deixar explícito o tempo atual “hoje em dia” e depois o tempo passado “jamais esteve”. Isso prejudica a coerência do trecho. Um idoso pode ter começado a consumir tabaco na velhice, não necessariamente ser um fumante desde jovem. É preciso saber expor melhor as informações. Sugerimos a seguinte retificação:

Hoje em dia, é comum andarmos nas ruas e vermos uma quantidade de pessoas mais idosas usando o tabaco. E é frequente encontrarmos adolescentes usando não apenas o tabaco, mas sim maconha, craque e cocaína. Por isso, podemos dizer que o mundo ainda não está livre das drogas.

3. A conscientização é fundamental

Um assunto bastante comentado nos últimos anos foram as mudanças climáticas em todo o mundo, onde a natureza vem mostrando sua força e muitas vezes acaba matando centenas de pessoas. E essa é uma das muitas desculpas utilizadas pelo nosso governo para que a população não venha culpar-lo pelas tragédias ocorridas. Mas afinal, de quem é a verdadeira culpa?

Podemos perceber realmente que o clima está sofrendo muitas alterações, **porém** sabemos que essas catástrofes acontecem praticamente todos os anos, portanto é preciso que nossos governantes tomem alguma atitude, para tentar solucionar ou, no mínimo, amenizar esses problemas para que assim possa evitar tantas mortes.

Análise: Não há relação de contraste ou oposição entre as informações intermediadas por *porém*. Acreditamos que tal elemento deve ser substituído por um elemento coesivo adicional, como *além disso*.

4. Indubitavelmente, os países de primeiro mundo como China, EUA e Inglaterra, são hoje desenvolvidos porque investem na educação. São bilhões de reais gastos para a melhoria do aprendizado dos alunos. ***Porém***, não há um interesse somente do governo, mas também de toda a população, uma vez que a nação é formada por aqueles que a compõe.

Análise: Acreditamos que as informações não se opõem, mas se somam.

5. Crise Financeira

É evidente que a crise financeira, passou a ser problema fundamental e principal desafio, de estado de direito do Brasil. Ela vem sendo muito discutida, nos debates de tantos intelectuais, presente na história e no público em geral.

Em primeiro lugar, olhamos alguns países da União Europeia, como a Grécia que gastou dinheiro em excesso. ***Porém***, arrecadou impostos baixos trazendo um prejuízo para sua economia.

Análise: Acreditamos que os dois argumentos “gastar dinheiro em excesso” e “arrecadar impostos baixos” se somam em favor da conclusão de que houve prejuízo para a economia. Portanto, *porém* deve ser substituído por *e*, por exemplo.

6. Hoje o álcool é encontrado em qual quer lugar e vendido para qual quer pessoa, independente de sua idade. Apesar da lei de proibição de venda para menores existir.

Porém, não acredito que essa lei, resolveria essa catástrofe social. Pois nada irá impedir um maior de idade dar bebida para o menor.

Análise: Não há relação de contraste entre as ideias intermediadas por *porém*. Na verdade, o autor apenas repete a ideia de que o menor pode consumir álcool. No caso acima, é importante reestruturar, reorganizar o trecho para estabelecer uma relação mais coerente entre as informações:

Hoje o álcool é encontrado em muitos lugares. E, apesar da lei de proibição de venda para menores existir, ela não impede totalmente que muitos menores consumam bebida alcoólica, porque vários adultos ainda não se conscientizaram de que não podem dar esse tipo de bebida para tais jovens.

7. Diante disso, o governo tem o dever de lutar pelo melhor da população em geral, creio que o combate ao fumo é sim, dever do governo. ***Porém***, além de leis, o governo deveria investir pesado em campanhas que estimulassem o abandono dos cigarros pelos fumantes, mostrando-os as verdadeiras consequências que um cigarro causa no organismo e na sociedade. Pois como muitas leis brasileiras, acredito que esta será mais uma, onde a população encontrará um jeito de desrespeitá-la.

Análise: Acreditamos que *porém* está inadequado, pois o autor segue um raciocínio conclusivo para chegar à sugestão de propostas de intervenção. Se o combate ao fumo é responsabilidade do governo, logo é ele quem deve agir. Por isso, *porém* deve ser substituído por *por isso, logo, assim, desse modo*, entre outros elementos conclusivos.

8. O MMA têm causado muita polêmica nos dias de hoje, ***Porém*** é considerado um esporte como todos os outros, No entanto têm seus pontos positivos e negativos, Onde percebe-se na sociedade que é esporte para uns e violência para outros?

Análise: Acreditamos que o fato de o MMA causar polêmica não gera uma relação de contraposição, ressalva ou restrição diante da informação de que ele é considerado um esporte como todos os outros. Portanto, o uso de *porém* não ficou adequado, aliás, é dispensável. Sugerimos uma nova forma de articular as informações do trecho:

O MMA tem causado muita polêmica nos dias de hoje. Ele é considerado um esporte como todos os outros, no entanto tem seus pontos negativos e, em virtude disso, para algumas pessoas, deixa de ser um esporte e passa a ser visto como um ato de violência.

9. Segundo, majoritariamente dos jovens argumentam que o toque de recolher é uma constituição infantil, **porém**, para não delinquir e cometer negligência é a melhor maneira de não causar violência.

Análise: Não há relação de ressalva, oposição ou restrição nas informações intermediadas por *porém*. O uso de *porém* estaria adequado se o autor mencionasse que o toque de recolher é inconstitucional.

10. Portanto recomendaria que o toque de recolher seria o intrôito da responsabilidade da juventude **porém** a intui-se que protege realmente os jovens a restringir o uso de entorpecentes e violência.

Análise: O trecho é confuso, porém é possível perceber que não há relação de oposição, ressalva ou restrição, e sim de adição: o toque de recolher dá à juventude responsabilidade, a protege da violência e do uso de entorpecentes.

11. Em época de eleição o que mais é visto nos meios de comunicação é a propaganda eleitoral, propaganda essa que muitas vezes só serve para confundir. São milhares de candidatos e propostas, onde o eleitor deve escolher apenas um, e sem muito tempo para avaliar o melhor para si. Sem falar nos candidatos que são dispostos para o eleitorado, eles podem ser corruptos ou até mesmo já ter histórico de corrupto, palhaços, e não precisam entender de política. **Porém** acabam sendo eleitos, pode ser justamente por essa falta de tempo para escolha, ou talvez até como uma forma de protesto à nossa política, ou por pura ignorância e ilusão ou até por uma falta de consciência política.

Análise: Se o autor menciona que os candidatos corruptos, palhaços e despreparados podem se eleger, não é contraditório que eles sejam eleitos. Portanto, o uso de *porém* não está adequado. Um modo de retificar o trecho é:

Além disso, os candidatos dispostos para o eleitorado podem ser corruptos e até mesmo já terem histórico de corruptos, palhaços e não precisam entender de política. Eles são, muitas vezes, eleitos, talvez justamente devido a essa falta de tempo...

12. Os cálculos para tais investimentos estão previstos em vinte bilhões de reais e por isso gera vários questionamentos se essa verba não deveria ser investida nas áreas de educação e saúde, tendo em vista que a taxa de analfabetismo são de dez por cento e a saúde esteja em nível de precariedade, **porém** não devemos esquecer que para haver desenvolvimento nas diversas áreas devemos começar por outras necessidades existentes no país.

Análise: Não há relação de ressalva, oposição ou restrição entre as informações intermediadas por *porém*. Embora o trecho posterior a *porém* esteja um pouco vago, é possível compreender que o autor o usa apenas para reafirmar a ideia dita anteriormente de que é importante investir naquilo que é mais necessário para o país. Nesse caso, ele poderia substituir *porém* por *ou seja* e reformular o período com informações mais claras:

Os cálculos para tais investimentos estão previstos em vinte bilhões de reais, por isso geram a seguinte dúvida: essa verba não deveria ser investida nas áreas de educação e saúde, tendo em vista que a taxa de analfabetismo é de dez por cento e a saúde está em nível de precariedade, ou seja, não é preciso investir o dinheiro primeiramente em setores que possuem maior necessidade?

13. Estudar é um dos grandes passos para se tornar um profissional de nível superior, **porém** não podemos esquecer, que se ficarmos parados e esperar oportunidades "caírem do céu" nunca conseguiremos um lugar, tão desejado, no mercado de trabalho.

Análise: *Porém* deve ser substituído por um elemento que indica conclusão ou justificativa, pois as informações não são opostas entre si. Sugerimos, a seguir, um modo de retificar o trecho:

Estudar é um dos grandes passos para se tornar um profissional de nível superior, por isso não podemos nos esquecer de que, se ficarmos parados e esperarmos oportunidades “caírem do céu”, nunca conseguiremos um lugar tão desejado no mercado de trabalho.

14. A Copa do Mundo, além de um grande show mundial para os amantes do futebol, é também uma quebra de preconceitos existentes nas mais variadas regiões da Terra. ***Porém***, a atenção dada a ela deve existir, mas, claro, sem deixar de mostrar os problemas existentes numa determinada localidade.

Análise: A informação de que devemos dar atenção à Copa não é contrária à informação de que este evento é positivo. Na verdade, a relação é de justificativa ou conclusão:

A Copa do Mundo, além de ser um grande show mundial para os amantes do futebol, é também uma quebra de preconceitos existentes nas mais variadas regiões da Terra. Por isso, a atenção dada a ela deve existir, mas, claro, sem deixar de mostrar os problemas existentes numa determinada localidade.

Vale ressaltar que o autor deveria relacionar e desenvolver melhor as ideias do trecho: em que sentido a Copa quebra preconceitos? De forma isso acontece? Por que evidenciar os problemas numa determinada localidade durante a Copa?

15. A aspiração à vingança e o festejo pela consumação do ato vingativo são aspectos cruciais para a classificação da gravidade de um delito na visão de uma sociedade. ***Porém***, o extravasamento existencial deve respeitar normas éticas de conduta, consideradas diretrizes universais de comportamento. Assim, evita-se a perpetuação da violência em ações retaliativas que culminariam na autodestruição dos envolvidos no processo.

Análise: Podemos notar que as informações intermediadas por *porém* não são opostas, pois o autor justifica o motivo pelo qual a gravidade de um delito é analisada (devido às normas éticas de conduta). Portanto, o autor deveria simplesmente retirar o *porém* ou reescrever o trecho da seguinte forma:

A aspiração à vingança e o festejo pela consumação do ato vingativo são aspectos cruciais para a classificação da gravidade de um delito na visão de uma sociedade, uma vez que o extravasamento existencial deve respeitar normas éticas de conduta, consideradas diretrizes universais de comportamento.

16. Em diversos países, sistemas de alarmes para ocorrências da natureza salvam milhares de vítimas, como na Austrália. ***Porém***, no Brasil os radares que acompanham a meteorologia são poucos e alguns encontram-se quebrados, como o da região serrana do Rio de Janeiro.

Análise: O fato de o Brasil apresentar déficits em relação aos radares não é o oposto ao fato de esses aparelhos serem bons alarmes, portanto o uso do *porém* no início do período não ficou adequado. Uma forma de retificar o trecho é:

Em diversos países, como na Austrália, sistemas de alarmes salvam milhares de vítimas quando ocorrem desastres naturais. No Brasil, esses radares que acompanham a meteorologia existem, porém são poucos e alguns se encontram quebrados, como o da região serrana do Rio de Janeiro.

17. Nos tempos modernos, os aparelhos eletrônicos como celulares câmeras digitais são praticamente objetos essenciais para a juventude de hoje, o telefone celular facilita muito a comunicação, ***porém***, sua utilização na sala de aula deve ser vista com ressalvas, mas não como proibição.

Análise: Observamos que a construção das ideias no trecho acima está um pouco confusa, inclusive o autor constrói duas orações adversativas de modo seguido. Isso gera a inadequação do uso do *porém* no lugar em que foi feito. Dessa forma, sugerimos uma forma de retificar o trecho:

Nos tempos modernos, os aparelhos eletrônicos, como celulares e câmeras digitais, são praticamente objetos essenciais para a juventude, o telefone celular facilita muito a comunicação, por isso sua utilização na sala de aula não precisa ser proibida, porém deve ser vista com ressalvas.

18. Devemos pensar em infinitas possibilidades para dar um fim útil ao lixo, ***porém*** só temos uma solução a reciclagem, que em algumas partes do país já estão sendo exercidas, mas é em penas proporções o que não resolve o problema por completo.

Análise: O uso de *porém* está inadequado, pois pensar em infinitas possibilidades de dar um fim útil ao lixo não é contrário à reciclagem. Na verdade, a reciclagem é o nome que se dá ao processo de reutilizar o lixo. Portanto, uma forma coerente de retificar o trecho é:

Devemos pensar em infinitas possibilidades para dar um fim útil ao lixo por meio da reciclagem, que em algumas partes do país já está sendo exercida, mas é em pequenas proporções, o que não resolve o problema por completo.

Por sua vez

1. A ingestão de bebidas tornou-se um problema social devida aos seus efeitos colaterais. O consumo exagerado de bebida alcoólica pode destruir o convívio familiar, causar dependência, além de provocar mortes no trânsito.

Por sua vez, não é possível admitir que um produto tão maléfico a todos seja divulgado livremente nos meios de comunicação.

Análise: *Por sua vez* é um elemento coesivo que geralmente indica a continuidade do assunto, acrescentando informações, sob a perspectiva de um referente mencionado anteriormente ou posteriormente ao elemento. No caso acima, notamos que o autor introduz o elemento sem ter esse referente. Poderíamos nos perguntar: Quem acredita que não é possível admitir o produto maléfico? Acreditamos que *por sua vez* deveria ser substituído por um elemento conclusivo, já que o autor lança argumentos para, depois, levar o leitor à conclusão de que a divulgação do álcool não deveria existir.

2. A escola busca preservar os costumes, aceitando principalmente a linguagem informal, e quando vem à proposta de se introduzir com mais ênfase a norma culta, ela ***por sua vez*** se sente ?perdida?, pois, não quer que o estudante perca suas ?origens?. Aí se concentra o grande problema.

Análise: *Por sua vez*, muitas vezes, é usado para sinalizar ao leitor a mudança de um referente no texto, o que não ocorre no trecho acima. Podemos observar que o autor fala sobre a escola (referente) até a expressão “norma culta”. Em seguida, o autor usa a forma remissiva *ela*, que faz referência ao elemento feminino e singular mais próximo “norma culta”, o que revela inadequação do ponto de vista da coesão remissiva, já que o autor continua falando da escola, e não de um novo referente (norma culta). O que podemos perceber é que, além do pronome *ela*, *por sua vez* reforça a expectativa de que o autor está colocando como referente “norma culta”, porque *por sua vez* tem exatamente como uma de suas funções sinalizar ao leitor a mudança de um referente. Portanto, seria necessário retirar tal elemento e reformular o período de modo a eliminar o *ela* também:

A escola busca preservar os costumes, aceitando principalmente a linguagem informal, e quando vem a proposta de se introduzir com mais ênfase a norma culta, a instituição se sente perdida, pois, não quer que o estudante perca suas origens. Aí se concentra o grande problema.

Consequentemente

1. Brasil x Violências

Hoje em dia estamos vivemos em um mundo cheio de violências, nossas sociedades estão sendo dominadas por bandidos que tiram a vida das pessoas com brutalidade, em São Paulo vive uma onda de violências, com chacinas, homicídios, ônibus, policiais militares mortos. Desde o inicio do ano já foram assassinados 95 policiais militares deixando-os seus membros com medo , perdem seu emprego pois não querem arriscar a vida .

As cidades tem que haver mais segurança, devem vir o exercito para essas sociedades reforçando a segurança, estamos perdendo a segurança do Brasil deixando os bandidos tomar de conta sem direito algum, as pessoas ficam inseguranças ninguém pode ficar na calçada de casa por conta dessas violências. Precisam ter várias policias nas cidades para combater isso, e prender os indivíduos que estão cometendo essas nudilidades.

Enfim, estamos vivendo em no século XXI com as tecnologias avançadas e consequentemente as violências também , os governos dessas cidades deve ficar atento com essas chacinas que vem ocorrendo desde o ano passado, colocando exércitos , policias entre outros para combater esses crimes . Pois do jeito que vão, os bandidos vão assassinar todos os policiais militares e ficando eles no lugar.

Análise: Consideramos o uso de *consequentemente* inadequado, pois não é possível compreender qual é a relação de consequência entre as tecnologias avançadas e a violência. Em nenhum momento do texto, o autor explica ou menciona tal relação.

2. O fumo e a sociedade

As questões ligadas ao tabagismo ainda causam diversas polêmicas ao redor do planeta. Apesar de serem conhecidos os riscos que os cigarros causam a saúde humana, muitos optam por não parar e continuam a fumar normalmente.

A grande questão é que estes fumantes além de se prejudicarem, acabam causando danos à saúde de várias outras pessoas, que acabam tornando-se fumantes passivos e consequentemente acabam introduzindo no seu corpo, substâncias nocivas presentes em cada cigarro.

Análise: Não há relação de consequência entre as informações mediadas por *consequentemente*. O autor simplesmente tenta explicar o que é o fumante passivo. Portanto, acreditamos que *consequentemente* deveria ser substituído por *ou seja*, e a explicação poderia ser melhorada, por exemplo:

A grande questão é que esses fumantes, além de se prejudicarem, causam danos à saúde de várias outras pessoas, que se tornam fumantes passivos, ou seja, consumidores involuntários de substâncias nocivas presentes no cigarro.

Pois

1. O aborto sempre foi um assunto a ser comentado mundialmente, no Brasil esse assunto já é esclarecido sendo totalmente proibida a prática do mesmo, mas a população sempre se divide a respeito, alguns são contra concordando com o governo, seja qual for a situação, outros já preferem pensar a respeito, pois dependendo da situação defendem o aborto pois se essa criança vier ao mundo pode ocorrer traumas a família.

Análise: Observamos que há o uso excessivo de *pois* no trecho acima e que o elemento destacado deveria ser substituído por *por exemplo*, já que o autor ilustra um caso em que o aborto deveria ser permitido. Sugerimos uma forma de retificar o trecho:

... alguns são contra, concordando com o governo seja qual for a situação, outros já preferem pensar a respeito, pois, dependendo da situação, defendem o aborto, por exemplo nos casos em que se sabe que a criança virá ao mundo com um grave problema de saúde, como anencefalia, e gerará traumas à família.

2. Devido ao que foi exposto, fica claro que, nos dias de hoje, a população que não tem nenhuma escolaridade fica muito distante da tão sonhada "vida boa". Praticamente fica sem chão, é como uma esteira onde você pode caminhar à vontade porém nunca irá chegar a lugar algum. **Pois** este é um problema que estamos vivendo no Brasil.

Análise: Acreditamos que *pois* deveria ser substituído por *e*, uma vez que a informação introduzida por *pois* não é uma explicação, justificativa ou causa do que foi dito anteriormente, é apenas uma informação adicional.

3. Enfim, tendo o agente consciência de sua impunidade, esta dando justo motivo para a mudança na idade limite penal para os dezesseis anos, **pois** apesar de trabalhosa não será impossível e se faz necessária.

Análise: É possível perceber que *pois* está inadequado, porque não introduz uma justificativa em relação à informação anterior. Entendemos que “não ser impossível” e “ser necessária” são argumentos que se somam em favor da mudança na maioridade penal. Portanto, o autor deve retirar o *pois*:

Enfim, tendo o agente consciência de sua impunidade, está dando justo motivo para a mudança na idade limite penal para os dezesseis anos. Apesar de trabalhosa, a redução da maioridade penal não é impossível, e sim se faz necessária.

4. Agora, é incontestável que a internet e seus avanços trouxeram muita facilidade e ajuda na aprendizagem, **pois** certamente se Einstein tivesse à disposição essa ferramenta teria feito suas descobertas em muito menos tempo, mas o problema é que além de novidades a internet trouxe futilidades, como msn, orkut, e tantas outras coisas que se atrapalham a vida do estudante normal prejudicam muito mais quem faz um curso à distância.

Análise: Acreditamos que o uso de *pois* está inadequado, pois não introduz uma informação que realmente justifica ou explica o porquê de a internet ter trazido muita facilidade na aprendizagem. O autor simplesmente introduz uma hipótese, usando como exemplo um físico que não vivenciou as tecnologias que usamos hoje. Dessa forma, mais que um problema de coesão, temos um problema que envolve o modo de argumentar. O autor deveria reformular o trecho com o intuito de apresentar ideias mais convincentes, incluindo as contribuições que a internet trouxe para a aprendizagem.

5. O MMA é um esporte como qualquer outro. Apesar das lutas parecerem agressivas, as lutas possuem regras e os lutadores passam por uma rígida preparação. O esporte si torna violento dependendo do prisma da pessoa que assiste, **pois** ele traz benefícios para o combate à desigualdade social, elimina obesidade, tira o estresse do adulto e auxilia na educação das crianças.

Análise: *Pois* está inadequado, porque não introduz informações que justifiquem o motivo de uma pessoa olhar para o MMA de modo a considerá-lo como um esporte violento. Para o autor usar de modo adequado o *pois*, deveria comprovar a informação que foi dita antes desse elemento coesivo. Sugerimos um modo de retificar o trecho:

O esporte torna-se violento dependendo do prisma da pessoa que o assiste, pois alguns entendem que o esporte existe simplesmente para causar dor aos participantes e motivar lutas corporais entre cidadãos comuns. Nessa perspectiva, esquecem-se de que, na condição de esporte, o MMA traz benefícios para o combate à desigualdade social, elimina a obesidade, alivia o estresse do adulto e auxilia na educação das crianças, no sentido de ensinar o que é ter disciplina com os treinos.

6. O MMA é responsabilizado por influenciar a violência. Mas a violência está presente na televisão, internet, jornais, revistas e videogames. Isso depende muito da visão das pessoas que assistem. **pois** o MMA traz lições de vida como determinação, coragem, disciplina e superação. Há muitos casos em que o esporte mudou a vida desses atletas, melhorando sua condição social e financeira, saindo da

pobreza. Ele pode ser uma arma para o combate a desigualdade social. Também pode ser utilizado para o combate a obesidade, que é responsável por várias doenças, pois quem faz o treinamento de um combatente perde muita calorias. A prática dos treinamentos de um lutador de MMA pode aliviar e controlar o estresse de adultos e crianças. A cada soco que um adulto dado num saco de boxe, ele estará eliminando todo o tédio do seu cotidiano. As crianças serão disciplinadas pelos mestres tendo que respeitar os seus pais e professores, orientadas a lutar apenas no ringue e entrarem apenas quem tirar boas notas na escola.

Análise: *Pois* está inadequado, porque não introduz uma explicação ou justificativa em relação à afirmação de que a violência está nos “olhos” de cada pessoa. O autor simplesmente insere várias informações que provam que o MMA é um esporte positivo. Portanto, sugerimos uma forma de retificar o trecho:

O MMA é responsabilizado por influenciar a violência. Mas a violência está presente na televisão, internet, jornais, revistas e videogames. Isso depende muito da visão das pessoas que assistem ao esporte. Certamente, aquelas que concordam que o MMA gera violência ignoram que o esporte traz lições de vida, como determinação, coragem, disciplina e superação.

7. Portanto, o despertar de mais uma geração em busca de mudanças não deve ser ignorado nem reprimido. Afinal, uma nação que se valorize, valoriza também seus jovens e sua participação - isto é, democracia. Caso contrário, nunca teríamos tido movimentos como a Revolução Praieira nem as famosas revoltas regenciais, e ainda seríamos colonizados. ***Pois*** dói aos “filhos que não fugiram à luta” ver a “pátria amada” tão abusada e condenada.

Análise: Acreditamos que a informação introduzida por *pois* é mais um argumento que defende o posicionamento do autor de que “as mudanças não devem ser ignoradas nem reprimidas”. Portanto, *pois* deve ser substituído por *além disso*, por exemplo.

8. A obrigação da população

o lixo tem sido um dos problemas mais comuns, ***pois*** além de serem depositados em céu aberto, prejudica a saúde da população.

Análise: A informação introduzida por *pois* (depositado em céu aberto e prejudicar a saúde da população) não justifica a afirmação de que o “lixo tem sido um dos problemas mais comuns”. Para que o uso de *pois* seja usado de modo coerente, é preciso formular melhor as ideias. Sugerimos dois modos de retificar o trecho:

O lixo tem sido um dos problemas mais preocupantes, pois há uma grande quantidade que é depositada em céu aberto, o que prejudica a saúde da população”.

O lixo tem sido um dos problemas mais comuns e prejudiciais à saúde da população, pois há uma grande quantidade que é produzida todos os dias e depositada em céu aberto.

9. Porém, devemos atentar não somente para os direitos que eles possuem, mas também aos seus deveres, ***pois*** a legislação brasileira é bastante relapsa ao impedir que estes sejam penalizados por seus atos infracionais.

Análise: *Pois* não introduz uma justificativa para a afirmação de que “temos que nos preocupar não apenas com os direitos dos adolescentes como também com os seus deveres”. A informação de que a legislação é relapsa é adicional. Um modo de retificar o trecho é:

Porém, devemos nos atentar não somente para os direitos que eles possuem, mas também aos seus deveres. E, em relação a estes, podemos dizer que a legislação brasileira é bastante relapsa ao impedir que os jovens sejam penalizados por seus atos infracionais.

10. Atualmente de forma mais inteligente e sutil a imprensa continua a distorcer. Mas houve uma melhora. Hoje em dia ela se mantém muito vigilante contra os atos pouco decorosos de homens públicos. Faz um trabalho honesto, *pois* denuncia praticamente todos os partidos. Se houve uma cobertura maior de um ou outro fato é porque esses fatos foram mais graves e mereciam maior atenção. Ela também não é golpista, embora volta e meia seja acusada disso. Continua atenta contra certas recaídas autoritárias dos governos de plantão.

Análise: O fato de denunciar todos os partidos não é suficiente para embasar a afirmação de que a imprensa faz um trabalho honesto. Portanto, o *pois* está inadequado. É preciso reformular as ideias para usar um elemento coesivo que indica relação de justificativa. Por exemplo:

Faz um trabalho honesto, pois denuncia todos os partidos que cometem atos ilícitos sem dar privilégios a nenhum em particular.

11. Definitivamente, graças a uma incansável luta de mães, companheiras, filhas e pessoas eivadas de coragem e determinação, hoje podemos dizer que vivemos, sem sombra de dúvida, bem melhor, em locais que são mais harmônicos e de beleza ímpar, *pois* nada como lugares justos entre pessoas e que simples diferença entre o sexo faziam tão grande importância e extremo mal repugnante para a humanidade.

Análise: *Pois* não introduz uma justificativa em relação à afirmação anterior, além disso, as informações estão desorganizadas, sem sentido.

12. Por fim, os investimentos em infraestrutura são fundamentais para combater os conflitos no trânsito, o comprometimento do governo com esse assunto é importante, *pois* muitas vidas estão sendo subtraídas.

Análise: Acreditamos que *pois* está inadequado, porque não introduz uma justificativa em relação à afirmação anterior. Sugerimos duas formas de retificar o trecho:

...o comprometimento do governo com esse assunto é importante, para evitar que vidas sejam subtraídas.

...o comprometimento do governo com esse assunto é importante, pois somente ele pode tomar as devidas providências de ordem estrutural.

13. Por isso, se queremos ensino de qualidade nas escolas brasileiras, temos que começar impondo limites aos jovens, *pois* eles são o futuro do país.

Análise: *Pois* está inadequado, porque não introduz uma justificativa coerente para a afirmação de que “temos que pôr limites aos jovens”. Dizer que “eles são o futuro do país” é clichê, além de não justificar a necessidade de limites. Portanto, sugerimos duas opções para modificar o trecho:

Por isso, se queremos ensino de qualidade nas escolas brasileiras, temos que começar impondo limites aos jovens, que são o futuro do país.

Por isso, se queremos ensino de qualidade nas escolas brasileiras, temos que começar impondo limites aos jovens, pois isso exigirá deles uma qualidade imprescindível para uma boa educação: disciplina.

14. Antes de votar, os eleitores devem pensar no que realmente esperam que aconteça de melhor na sua vida. Se um candidato que não sabe se quer algo sobre o cargo que pretende ocupar, ele não está apto para ocupá-lo. *Pois* depois que passar o fervor da campanha eleitoral e concretizar o deboche por meio da eleição desses personagens, como irá ficar o país? E será que eles irão contribuir de alguma forma?

Então se deve sempre analisar o agora e o depois, e pensar se realmente vale a pena jogar um voto importante assim. O Brasil politicamente ainda tem muito o que crescer, mas não é essa uma boa forma de se protestar, por que no final quem vai sofre as consequências é a população.

Análise: *Pois* está inadequado, porque não introduziu uma explicação, e sim perguntas. Portanto, tal elemento deve ser retirado.

15. Assim, especialistas discordam com a prática da militarização em salas de aula, pois, abre mão da maneira pedagógica de ensinar e apelam para a rigidez da disciplina militar. *Pois*, dizem que, é na escola de educação básica onde o aluno aprende os valores para si tornar cidadão e assim, seguirá vida. Além disso, é o lugar onde se começa a ter um melhor conhecimento de mundo e de si mesmas.

Análise: *Pois* está inadequado, porque não introduz uma justificativa acerca do período elaborado anteriormente. Há a introdução de mais um argumento que sustenta a opinião de que a militarização em salas de aula não é positiva. Portanto, o autor deve substituir *pois* por um elemento adicional como *ademas* ou *também*.

16. Esse acordo entra em vigor oficialmente em dezembro de 2012. Haja tempo para se atualizar. Como fica a cabeça "oca" de muitos?

Nesse ínterim, como se posicionarão os educadores? Na rede pública de ensino sem comentários e nas escolas particulares acredito que avançarão na "Nova Ortografia", *pois* todo início de um ano letivo é apresentada aos pais uma lista enorme de material didático. Quanta disparidade poderá ocorrer com essa medida, alguns poucos entram nas mudanças, outros tantos estão fora dela.

Análise: *Pois* está inadequado, porque não introduz uma justificativa coerente para o que foi dito anteriormente. O autor faz generalizações e propõe uma justificativa sem fundamento. O que tem a ver a lista de material didático com o ensino da "Nova Ortografia"? Isso deveria ser melhor explicado, caso contrário, não chega a ser uma explicação que fundamenta a opinião de que as escolas particulares ensinarão melhor a nova ortografia. É apenas mais uma informação que não se relaciona com as outras, está "jogada".

17. Mais desagradável é como esses indivíduos invadiram o Instituto Royal, bastava somente entrar abrir as gaiolas e soltar os bichinhos. Por que quebrar tudo, destruindo o centro de pesquisa? *Pois* poderia ter provas nas quais a defensoria dos animais pudesse investigar se realmente haveria maus tratos. Coisa que o Instituto Royal alega fazer legalmente.

Análise: *Pois* está inadequado, porque foi usado após uma pergunta que não possui resposta. As ideias não estão bem relacionadas. Para que o *pois* fique adequado, o autor deve introduzir uma afirmação/opinião, por exemplo: "Essa atitude é irracional", para depois justificá-la.

18. Acreditamos que o horário político obrigatório nos canais de emissões é um ótimo meio de divulgação política, *pois* esse é um recurso que poucos países possuem e deve ser aproveitado de forma máxima.

Análise: *Pois* está inadequado, porque não introduz uma justificativa coerente para a afirmação anterior. O fato de poucos países usarem o horário político não o torna um ótimo meio de divulgação política. Portanto, a informação que vem após o *pois* não é uma explicação para o que foi dito anteriormente, é apenas uma informação que foi "jogada" sem estabelecer relação com as demais.

19. A propaganda eleitoral obrigatória nunca foi um livro onde nela estivesse passado dos candidatos, sua história, seu caráter, sua personalidade, sua capacidade e compromisso com o povo, *pois* o povo, é quem mais sofre com maus representantes, a propaganda sempre será bom para os candidatos que com ela conseguem votos de pessoas menos informadas.

Análise: *Pois* não introduz uma justificativa coerente para o que foi dito anteriormente, introduz apenas uma informação que está “jogada” por simplesmente não se relacionar com a anterior. Portanto, o uso de *pois* está inadequado. Não há relação de justificativa entre as orações.

20. Temos que viver com igualdade e sem preconceitos, *pois* não podemos tratar pessoas iguais por causa das gerações diferentes. Cada uma pode trabalhar para contribuir para o bem do mundo e da sociedade.

Análise: O uso de *pois* está inadequado, porque não introduz uma ideia coerente. Não é possível entender a explicação para o que foi dito anteriormente.

21. É necessária a ação imediata do governo, incentivando e regulamentando a reciclagem do lixo. Mas para isso, antes é necessário que a população perceba a importância da reciclagem, *pois* o futuro do nosso planeta está em nossas mãos.

Análise: Dizer que o futuro do nosso planeta está em nossas mãos não justifica a necessidade de percebermos a importância do lixo. De acordo com o trecho, a conscientização em relação à questão do lixo é uma ação que precede o incentivo ao trabalho com os resíduos. Portanto, não é necessário que o autor dê mais explicações, inclusive que acrescente frases “clichês” como “o futuro do planeta está em nossas mãos”. A relação de explicação/ justificação deve ser retirada para dar lugar a informações mais consistentes.

22. A sociedade sabe que as punições aos casos de racismo são muitas severas, *pois* na teoria elas são severas, mas será que na prática é realmente, severas.

Análise: *Pois* não introduz uma justificativa coerente para a afirmação feita anteriormente. Fica claro que o autor não justifica o fato de que as pessoas sabem que as punições para atos de racismo são severas. O autor apenas acrescenta a ideia de que, embora na teoria as punições sejam severas, na prática nem sempre elas são cumpridas com tal rigidez. Portanto, usar o *pois* é inadequado. Sugerimos um modo de retificar o trecho:

A sociedade sabe que as punições aos casos de racismo são muito severas na teoria, mas será que na prática são executadas com tal rigidez?

23. Contudo, a humanidade sempre irá movimentar essa prática de mentir, seja diante da justiça ou partido social. *Pois* somos submersos as evoluções que o mundo faz a cada tempo de mudanças, sendo assim, o “homem” ao desempenhar o papel de falso ou ele estas se alto- ajudando ou esta danificando a alguém ou a algo que lhe possa prejudicar, realizando qualquer atitude dessas no ambiente político igualitário.

Análise: As ideias do trecho acima estão muito confusas e sem sentido. É possível afirmar que as evoluções e as mudanças pelas quais o mundo passa não são suficientes para justificar as mentiras que o ser humano diz. Portanto, o uso de *pois* é completamente inadequado, já que não introduz uma justificativa ou explicação coerente.

24. O assunto que se trata é algo que talvez possa acontecer, por isso se destaca a prevenção a capacidade de antever. Para que a segurança do nosso país entre em rigor pelo menos nesta temporada *pois* se há como combater por que que não há como acusar? Se liga Brasil.

Análise: Observamos que as informações estão confusas e inacabadas, o que torna o uso de *pois* incoerente, já que não introduz explicação ou justificativa para o que foi dito anteriormente.

25. A discriminação, quando camouflada ou exposta, afeta o mundo todo, *pois*, ninguém conhece de fato suas verdadeiras consequências e, além disso, pode alcançar a todos de maneira singular.

Análise: Pois está inadequado, porque não introduz uma explicação coerente para a afirmação anterior. Dizer que ninguém conhece as verdadeiras consequências da discriminação não subsidia a afirmação de que a discriminação afeta o mundo todo. São duas informações diferentes que não se relacionam por meio de justificativa. O autor teria que reformular o trecho sem fazer generalizações. Por exemplo:

A discriminação, quando camuflada ou exposta, afeta muitas pessoas de maneira singular, e ainda não conhecemos, de fato, todas as consequências que isso acarreta.

Assim

1. É comum ficarmos estarrecidos quando alguém comete um crime, no entanto, não paramos para analisar quais os motivos que levaram aquele ser a cometer tal atrocidade. Neste caso, mesmo não sendo um crime, temos que ter em mente que havia uma animosidade instalada entre a aluna e outros alunos. Assim, Geisy, sem medir as consequências, deixou-se levar pela vaidade e não observou que ambientes coletivos têm suas próprias regras e preceitos e que todos devemos obedecer.

Análise: Assim não introduz uma conclusão acerca do que foi dito anteriormente, apenas introduz mais uma informação. Portanto, *assim* deve ser substituído por *além disso*.

2. Não deve ser nada fácil quando os pais descobrem que seus filhos são anencéfalos, assim, cientes que eles viverão pouquíssimo tempo, depois do parto.

Análise: Acreditamos que *assim* deve ser substituído por uma conjunção explicativa, já que o autor apresenta uma razão para justificar o quanto a situação é difícil para os pais:

Não deve ser nada fácil quando os pais descobrem que seus filhos são anencéfalos, porque estão cientes de que eles viverão pouquíssimo tempo depois do parto.

3. Debates em congressos, vem trazendo inúmeras particularidades e opiniões nesse tipo de assunto, uma parte implica-se a favor e sim no diálogo entre o educador e o educando, trazendo limites para os dois lados, ao contrário daqueles que são contra a lei que em opinião implica-se que dentro do seu limite como educador uma palmada ressolveria o limite do educando favorecendo o respeito diante do educador. Assim os argumentos favoráveis dessa lei é que aprovação da lei sendo que a educação não é nesse meio de levar palmadas sem o uso de castigo corporal ou de tratamento cruel, e sim de educação.

Análise: Assim está inadequado, pois não é possível entender à qual conclusão o autor chega. As informações estão muito confusas e desestruturadas.

4. Com uma educação de qualidade e disciplina exemplar, os colégios militares vem se destacando cada vez mais no requisito educação. Assim, é notável que os pais matriculem seus filhos nestes colégios, pois, se tornarão pessoas mais preparadas para o mercado de trabalho e até mesmo para a vida fora da sala de aula. O que para alguns é uma boa opção, mas tem aqueles que não são favoráveis à essa escolha.

Assim, especialistas discordam com a prática da militarização em salas de aula, pois, abre mão da maneira pedagógica de ensinar e apelam para a rigidez da disciplina militar. Pois, dizem que, é na escola de educação básica onde o aluno aprende os valores para se tornar cidadão e assim, seguirá vida. Além disso, é o lugar onde se começa a ter um melhor conhecimento de mundo e de si mesmas.

Análise: Acreditamos que *assim* está inadequado, visto que o autor não introduz uma conclusão acerca do que foi dito anteriormente. Há o primeiro parágrafo introdutório da redação que explicita a opinião do autor e a informação de que há quem pense de forma contrária à dele. No segundo parágrafo, o autor começa justamente explicando o posicionamento daqueles que pensam

contrariamente a ele. Por isso, não há necessidade de usar um elemento conclusivo. Aliás, não é necessário usar nenhum elemento coesivo específico. De qualquer modo, um que é permitido nessa situação é: *Sob a perspectiva de alguns especialistas ou Segundo alguns especialistas.*

5. Os rastros de rebeldia estão presentes em quase todas as manifestações populares ocorridas no Brasil este ano. Os "black blocks"- os penetras mascarados dos protestos que se aproveitam para vandalizar o local - acabaram transformando grande parte dessa cena de evolução política do país em vergonha, ofuscando as intenções da sociedade. Tanto fizeram, que essas intenções praticamente silenciaram, o medo dos conflitos inevitáveis com policiais se espalhou e os protestos já estavam adquirindo consequências mal interpretadas. *Assim* acontece, também pelo mau uso da informação e da comunicação, que gera desrespeito por todas as partes, como no caso do Instituto Royal - acusado de utilizar indevidamente cães da raça Beagle em pesquisas.

Análise: Acreditamos que *assim* deveria ser substituído por um elemento remissivo, pois o autor não faz uma conclusão. Ele apenas acrescenta motivos que levam os protestos a adquirem más interpretações.

Isso acontece também devido ao mau uso da informação e da comunicação...

6. As famílias, diante a esse triste fato, tentam atribuir uma culpa -a culpa funciona estrategicamente para amenizar a enorme dor que se sente diante às perdas, pois ela sacia a sede de justiça que se sente no momento- *assim* elas questionam a falta de segurança, que de fato foi o estopim para esse crime culminar.

Análise: Acreditamos que o autor não insere uma conclusão com o *assim*, ele apenas adiciona mais uma ação realizada pelas "famílias", portanto *assim* deve ser substituído por um elemento adicional, por exemplo: ademais.

7. Desse modo, a desigualdade social e a falta de políticas sociais tem levado o Brasil ao caos de violência, mas enquanto não se trabalhar o social cuidar da juventude antes que entre para o mundo do crime e incentivar aos estudos e a certeza da justiça e não da impunidade teríamos *assim* um país menos violento.

Análise: A estrutura confusa e com ideias incompletas do trecho não permite que o autor conclua que o país seria menos violento. É preciso reformular o trecho para que o uso da conjunção conclusiva seja coerente.

8. Os brasileiros não terão dificuldades pra absorver as novas regras, e já que tudo precisa evoluir para melhorar que venha a nova ortografia. Estaremos preparados para as mudanças, e *assim* esperando os outros países se adaptarem também.

Análise: Não há relação de conclusão entre as orações intermediadas por *assim*. Uma forma de retificar o trecho é:

Estaremos preparados para as mudanças e esperaremos os outros países adaptarem-se também.

9. Desse modo, para resolver essas questões, não se deve tirar a autonomia daqueles que podem dar uma boa educação aos filhos, porém buscar as causas que levaram a esses casos animalescos a que assistimos. E *assim*, procurar soluções para evitar novos casos e não punir os que já ocorreram como se daria no caso das palmadas.

10. Para que o nacionalismo desenvolvido durante a copa não se perca com seu término e evolua para um patriotismo, cada brasileiro deve se conscientizar da sua importância individual no crescimento de seu país, e *assim* desenvolver o amor ao mesmo por meio de atitudes em seu próprio dia-a-dia, pagando impostos, combatendo a corrupção, lutando pelos direitos sociais, escolhendo bem seus

representantes e valorizando mais o que é tradicional do Brasil ao invés de cultuar o estrangeiro.

Análise: Nos itens 9 e 10, os autores usaram de forma inadequada o *assim*, porque não há relação de conclusão ou consequência entre as informações intermediadas pelo elemento. Na verdade, o *assim* medeia duas ações diferentes, por isso deve permanecer apenas a conjunção *e*.

Então

1. Jovens brasileiros e suas tristes realidades

O contato com o álcool é uma triste realidade brasileira, que se agrava a cada dia, e que envolve cada vez mais cedo a nossa juventude. Uma droga lícita, porém letal na vida daqueles que consume. E a situação só piora, pois as crianças e adolescentes **então** envolvendo se envolvendo no mundo do alcoolismo cada vez mais cedo.

Análise: Há a troca do verbo *estar* pela conjunção conclusiva *então*.

2. Pátria amada, Brasil

Um indivíduo é considerado patriota, não somente quando ama, mas também quando desempenha serviços a sua pátria, visando a ascensão da mesma nas mais diversas áreas.

Embora a maioria dos brasileiros se autodenomine amante de sua pátria, esse sentimento é abalado quando se fala por exemplo em política, educação e saúde. Isso se deve ao fato desses aspectos se mostrarem ainda defeituosos - na política, os governantes não trabalham em prol da população, fazendo com que a boa qualidade na educação e saúde ainda pareça utopia - despertando assim um sentimento antipatriótico, com críticas constantes, e comparações com países desenvolvidos.

Já em época de copa do mundo acontece o contrário, o futebol brasileiro, por viver um momento de forte reconhecimento lá fora, acaba proporcionando aos torcedores um sentimento de orgulho, reacendendo o patriotismo que encanta a todos e que esteve deixado de lado. As causas desse acontecimento são os cinco títulos mundiais e os atletas que conquistam o carisma do público, representando o povo no esporte mais amado do Brasil.

Infelizmente o evento organizado pela Fifa, só acontece de quatro em quatro anos cabe, **então**, ao povo olhar para os problemas da nação com mais vigor. Sair às ruas, lutar por mudanças, transformar o país, fazer crescer o patriotismo como um sentimento permanente. Só assim o orgulho de ser brasileiro trará para a nação o tão esperado desenvolvimento e a necessária redução das diferenças sociais que tanto oprimem e maltratam seu povo.

Análise: *Então* está inadequado, pois não há relação de conclusão entre as informações mediadas por tal elemento. Não tem como relacionar o fato de a Copa ocorrer (infelizmente) de 4 em 4 anos com a opinião do autor de que o povo deve lutar para melhorar os problemas da nação. São duas informações diferentes que não são relacionadas pelo uso de *então*. Além disso, no decorrer do texto, o autor não estabeleceu ligação entre essas informações.

3. No Brasil, por ter uma alta taxa de gestações de anencéfalos, casos como esses são decorrentes na justiça para que possa haver a autorização do aborto, muitas vezes com o intuito de salvar a vida da mãe então daí vem à ideia da criação da lei, poupando tempo do poder judiciário sobre esse assunto. Porém médicos conservadores entram em desacordo pelo fato destes não concordarem em aceitar fazê-lo por que creem que ?seja uma vida como outra e tem o direito de tratamento comum?.

Então, entra-se na ideia da religião. Essa que opina muitas questões do Estado, mesmo que o país seja laico.

Análise: Acreditar que o bebê anencéfalo é uma vida e tem direito a tratamento não é uma visão que se baseia numa perspectiva religiosa, mas sim científica. Médicos, com embasamento científico, podem afirmar tal opinião, pois o bebê anencéfalo tem parte do cérebro funcionando. Portanto, não é coerente o autor relacionar a ideia de salvar a vida do bebê com a questão religiosa, usando uma conjunção conclusiva. Um médico pode ser a favor da vida sem necessariamente ser religioso. Nesse

caso, sugerimos que o autor substitua o *então*, por uma conjunção adicional, como modo de introduzir mais um fator que defende a vida dos anencéfalos: *Além disso, há a questão religiosa.*

4. As pessoas só pensam na violencia quando presencia esse ato com alguém conhecido. Mas estão abalados demais para fazer ou falar alguma coisa. Os pais devem concientizar os filhos, e se assim não conseguirem proibi-los de usar o carro, mais não irá adiantar se quem ensina não consegue aprender. E **então** entra o governo, ele pode fornecer maiores opções de locomoção, como ônibus e metrôs, algo que seja mais economico que o carro, e nós podemos exigir isto, e tambem podemos reduzir o nível de violencia no transito.

Análise: Embora o parágrafo esteja com períodos mal-estruturados, podemos notar que o autor está sugerindo soluções para amenizar a violência no trânsito. As informações introduzidas por *então* constituem-se como mais uma solução. O autor deveria substituir “*e então entra o governo*” por “*além disso, o governo pode fornecer...*”.

Como

1. A educação à distância é uma modalidade de ensino-aprendizagem própria dos tempos hodiernos, em que os alunos estão conectados **como** os professores mediante a internet.

2. Mas essa paixão não deve ser confundida **como** patriotismo, pois o brasileiro não é patriota.

3. [...] já as pessoas mais jovem não demonstram muito interesse pelo assunto o que chama mais atenção deste publico foi o dinheiro que ela conseguiu **como** o leilão.

4. O adolescente passa a usar o álcool quando vê o estado que ele causa nas pessoas que tem mais contato. **Como** uma droga, quer experimentar a sensação que deixa todos "maravilhados e livres". E acaba sendo vítima do vício dessa droga, tornando um dependente dessa droga licita.

5. A educação alimentar deve vir desde criança, a exigência dos pais em relação aos hábitos saudáveis na alimentação é muito importante para os pequenos. E **como** apoio da escola, na hora do recreio, dispor de pratos leves e livre de gorduras.

6. Mas é claro que, não foram apenas as indústrias que se beneficiaram com um consumismo mais forte e **como** pessoas cada vez mais manipuláveis.

7. A sociedade precisa ser orientada para não errar na alimentação. O Estado por ser responsável pela saúde pública deve passar essas orientações seja na mídia, nas escolas **como** uma disciplina ou nos hospitais em forma de palestras.

8. O MMA é disputado por dois lutadores em ringue onde há trocação entre eles de socos e chutes, em que não é permitido o uso de armas. Mas esse esporte possui regras, sendo um erro compará-lo **como** uma briga de rua.

9. Como exemplo, pode-se destacar os regimes totalitários da Europa na metade do século XX, que se pautaram em manipulações midiáticas **como** pretensão de que: " Uma mentira conta mil vezes, tornava-se uma verdade" e assim, justificar suas ações.

10. Na Grécia antiga, berço de grande parte da cultura ocidental contemporânea, a relação entre homens e animais era voltada para prática agrícola. **Como** o tempo, está foi tornando-se mais afetiva e até proporcionar certos mimos luxuosos para estes animais.

Análise: Os itens de 1 a 10 referem-se aos casos em que *como* foi usado no lugar de *com*.

11. **Como** sociedade, é importante os pais estarem presentes na vida dos filhos, principalmente na vida social, dialogarem sobre assuntos importantes como sexo e não deixar que a mídia e o governo façam esse papel por eles.

Análise: Acreditamos que *como* deveria ser substituído por *na*, pois o autor não está realizando comparação, além disso, se ele estiver usando o *como* no sentido de “na condição de”, o trecho também não fica coerente, uma vez que ele não fala sob a perspectiva da sociedade, mas sim dos pais. Na verdade, o autor apenas situa o espaço que toma como apoio para emitir sua opinião.

12. Se, por um lado, corajosos são exaltados, por outro, covardes são apedrejados, apelidados de frangotes e Judas. Contudo, antes de julgar as ações dos “covardes”, devemos analisar os motivos que os levaram a fazer isso. Não agindo **como** defesa de seus atos, mas sim julgando de maneira correta.

Análise: Entre as diversas funções que o *como* possui, nenhuma se encaixa na construção feita pelo autor. Sugerimos que o período destacado seja refeito da seguinte forma: *Não agindo na defesa de seus atos.*

13. **Como** os orgãos competentes informam aos eleitores a conecerem seus candidatos, não só pela sua postura mas por suas ações. Para Juca Ferreira, ministro da cultura, Tiririca não está representando um bom serviço a democracia e defende o fim da censura a programas humorísticos.

Análise: No trecho acima, há o problema de incompletude associativa. O *como* parece ser usado para indicar uma relação de causa e consequência, mas as consequências não aparecem. Portanto, o *como* deve ser excluído.

14. O Brasil foi evidenciado recentemente pela mídia internacional, por conta do crescente número da criminalidade, antes nunca registrado na história, as causas estariam relacionadas a problemas **como** socioeconômicos, demográficos, culturais e principalmente de eficazes políticas de melhoria.

Análise: Não há relação de comparação. O autor apenas caracteriza os problemas de acordo com suas possíveis naturezas. Uma forma de tornar o trecho mais coerente é:

...as causas estariam relacionais a problemas de ordem socioeconômica, demográfica, cultural...

15. Não há dúvida, portanto, de que a resolução para o decrescimento da criminalidade de jovens, não implica na redução da idade penal e sim consiste em longas etapas em que o Estado, Família e outros órgãos sociais, devem participar integralmente. Pois, somente com o auxílio destes em projetos **como** o esporte, apoio profissional e outras atividades socioeducativas é que surtirá na retirada desses menores do mundo do crime.

Análise: “Esporte e apoio profissional” não são projetos, portanto não podem ser tomados como exemplos de projetos. Uma opção para reformular a frase é:

...projetos que envolvam esportes, apoio profissional e outras atividades socioeducativas....

16. Na sociedade, as palmadas estão sendo cada vez mais, gerando um grande debate no âmbito político e popular tendo em si o assunto se ela é educativa ou não, hoje se quer não há alguma pessoa que não tenha tido este tipo de agreção, as palmadas vem em si **como** resolver na educação, por não ter feito algo de agrado de seu responsável, cerca de 70% da população brasileira tem dito que já foi alvo desse tipo de violência.

Análise: O trecho em que *como* está destacado não está bem-elaborado, portanto seu uso está inadequado. O autor teria que reformular a sentença, por exemplo:

...as palmadas são usadas como forma de resolver situações de desobediência dos filhos.

17. A definição para preconceito racial é entre outros significados como "intolerância a algo ou cegueira moral".

Análise: Se o autor menciona a definição, não há motivo para lançar mão do *como* no sentido de comparação.

18. Essas imagens foram cultivadas pela mídia que tenta expor ao sexo feminino o modo de se vestirem, de falarem e até de como se portarem num relacionamento, trazendo a ideia de submissão. A mensagem transmitida é que tudo é permitido e nada parece estar errado. Como no conceito de virgindade e a falta de sexualidade mostrada pelas propagandas de cervejas, onde ser virgem é um abismo que separa a mulher das oportunidades da vida social.

Análise: O *como* está inadequado, porque não estabelece, de modo coerente, relação de comparação ou de exemplificação. O trecho está confuso, mal escrito. Portanto, é preciso melhorar a forma de expor as ideias, para que seja possível entender qual seria a conjunção mais adequada para ser usada.

19. E o Brasil em meio a estas duas situações, deve priorizar e seguir adiante com o crescimento econômico, de forma que fique mais resistente para poder enfrentar outros problemas políticos, econômicos e sociais. Lembrando sempre que a preservação não depende apenas de um, mas de como todo o mundo.

Análise: Por meio da estrutura frasal acima, podemos dizer que o *como* é dispensável e não cumpre nenhuma das várias funções que possui. Portanto, o autor deve retirar o *como* para que o trecho não fique incompleto, estranho e mal-estruturado.

Por isso

1. (Sem título 026)

No Brasil, é exigido de emissoras de televisão e rádio para reservar algum tempo no ar para que os políticos podem expressar os seus pensamentos para o público. Neste momento há um debate perguntando se isso é uma boa ideia ou um mau. Maioria das pessoas pensa que a Hora Político é uma boa ideia. Esta informação vem depois de uma recente pesquisa. A questão é esta, a hora política é livre para os candidatos, no entanto, as estações de televisão e rádio ainda necessitam de ser compensado o tempo perdido. Este dinheiro compensação vem do dinheiro dos impostos que as pessoas pagam. As pessoas deveriam ser obrigadas a pagar por isso? Algumas pessoas estão dizendo que não e aqui está o porquê. É muito caro e muito dinheiro é desperdiçado com esse dinheiro, que poderia ser mais bem gasto em escolas melhorando, hospitais, estradas e programas divertidos outros governos.

Outro presente é que, no Brasil, é necessário que todos 18 anos ou mais devam votar, isso significa que ele é realmente imperativo saber algo sobre cada lata. Ainda assim, se as pessoas se preocupam com o bem-estar de sua cidade, estado e país eles vão sempre encontrar uma maneira de se informar sobre seus candidatos.

Eles vão descobrir, mesmo sem a Hora Políticos. ***Por isso***, eles vão descobrir de qualquer maneira e agora há um monte de dinheiro desperdiçado nele, porque não apenas se livrar da Hora político? Em um país livre as pessoas não devem ter que pagar dinheiro para que um candidato que eles não suportam pode ter publicidade gratuita. Eles devem ser capazes de escolher qual candidato eles querem apoiar e um que eles querem dar dinheiro para e eventualmente votar.

Análise: O uso de *por isso* é inadequado, pois ele é usado para intermediar informações que são praticamente idênticas. Assim, as funções de conclusão, explicação e consequência não são identificadas com o uso de *por isso* no trecho acima.

E

1. MMA, um esporte como qualquer outro

O MMA é um esporte que vem atingindo grande popularidade entre a mídia *e* as comuns.

Análise: O uso do *e* está inadequado, porque adiciona um termo que não está coerente com o trecho. Não conseguimos entender o que é “comuns”. Portanto, o autor deveria retirar o elemento de adição.

2. Na idade contemporânea, no Brasil, observa-se que existe uma segregação racial, social e cultural no que diz respeito a população negra e a branca. Esta detentora dos melhores salários, estudo em melhores escolas *e* grandes empresários , em fim, vivem rodeados de luxo.

Análise: A conjunção *e* está inadequada, porque o argumento adicionado “grandes empresários” não é da mesma natureza dos outros: “melhores salários” e “estudado em melhores escolas”. O trecho adicionado está incoerente com o que o autor quer dizer. Uma forma de retificá-lo é:

Esta é detentora dos melhores salários, estuda em melhores escolas e caracteriza-se por representar os grandes empresários.

3. 4. O Brasil está indo em um caminho complicado, *e* que as futuras gerações estão nas nossas mãos, pois a redução da maioria penal não é a alternativa para diminuir crimes cometidos por menores de idade *e*, fim prezar pelo caráter de daqueles jovens que ainda tem.

Análise: As duas informações intermediadas por *e* não se relacionam muito bem por meio da adição. Dizer que as futuras gerações estão em nossas mãos, o que é uma informação “clichê”, não tem a ver com o fato de o Brasil estar vivenciando situações complicadas. Além disso, o uso do segundo *e* também é incompreensível. É necessário que o autor reformule o trecho.

5. Luxo X Miséria.

Na Grécia antiga, berço de grande parte da cultura ocidental contemporânea, a relação entre homens e animais era voltada para prática agrícola. Como o tempo, está foi tornando-se mais afetiva e até proporcionar certos mimos luxuosos para estes animais. Hoje, esses têm sido questionados pela sociedade vendo os cuidados e tratamentos para estes, sendo que na maior parte da população crianças e adolescentes passam fome e sofrem pelo abandono. Quem quiser compreender - e modificar - essa realidade deverá analisar as causas e suas consequências.

Antes *e* tudo, todas as crianças e adolescentes têm o direito de ser amados e protegidos em todos os sentidos. De fato, a fome é a grande vilão da alta taxa mortalidade infantil e também pelo retardamento do desenvolvimento mental e físico, - demonstrando a indiferença do homem com o próprio homem -. Isso talvez explique a valorização de um animal de estimação e a degradação do sentimento com o próximo.

Análise: Percebemos que o autor deveria ter usado a preposição *de* no lugar da conjunção *e*, uma vez que não há relação de adição entre “antes” e “tudo”, e sim a relação de prioridade estabelecida pela expressão *antes de tudo*.

6. Os pais são os grandes responsáveis pela alimentação de seus filhos, pois entendem dos seus gostos e podem procurar a fazer um cardápio variado, deixando alimentos com altos teores de sódio, açúcar e gorduras de lado e incrementando, mas alimentos saudáveis, sem dúvida uma criança que passa a consumir e gostar de alimentos saudáveis terá menos chances *e* se tornar dependente desses alimentos porque ela conhece seus riscos.

Análise: Podemos observar que a conjunção *e* está inadequada, visto que “ter chances” é acompanhado pela preposição *de*.

7. A relação entre *e* virgindade e o sexo entre os adolescentes e jovens, ao contrário do que se pensa, eles estão mais pensativos e preocupados com seu corpo, com sua vida do que imaginávamos, hoje em

dia há jovens que estão fazendo voto de castidade, sim, isso em pleno século vinte e um.

Análise: Observamos que o trecho acima está mal-estruturado de maneira geral. O *e* está inadequado, porque não há relação de adição logo no início daquilo que se vai apresentar. O *e* deve ser substituído pelo artigo *a* para acompanhar o substantivo *virgindade*.

8. Com essas constatações, fica claro, que a pluralidade lingüística *e* esta associada à identidade cultural de cada grupo de determinada região. Sendo assim, a escola deve se comportar como ferramenta principal de ligação de povos separados por tradições, ressaltando que a língua não deve ser sinônimo de diferenças e sim união cultural.

Análise: O uso da conjunção *e* está inadequado, porque não há relação de adição. Trata-se de uma sentença afirmativa, portanto o *e* deve ser excluído e *esta* deve ser acentuado, para que o trecho retome a sua coerência.

9. Eles enfrentam a bebida para expor a todos ao seu redor que ele(a) não é fraco(a) e pode beber o quanto quiser que *e* não irá passar mal.

Análise: A relação de adição está inadequada e deve ser retirada, porque o autor já estabeleceu por meio de *que* uma relação consecutiva.

10. É impossível que um país inteiro tenha a mesma opinião, a verdade é que a estratégia do pão e circo usada na Roma antiga tem funcionado no Brasil com o futebol e estratégias do governo para dar dinheiro a famílias de baixa renda sem incentivar *e* educação e o trabalho.

Análise: A conjunção *e* está inadequada, porque não há relação de adição entre os termos que serão apresentados “educação” e “trabalho”. O *e* deve ser substituído pelo artigo *a* para acompanhar adequadamente o substantivo *educação*.

11. Quanto ao "cyberbullying", por estar registrado, é até mais fácil de controlar, apesar de a rede espalhar mais rápido, a vítima tem a oportunidade de se defender e provar. Fato que *e* torna difícil nas escolas com as do "bullying" porque muitas vezes é só vítima e agressor sem testemunhas ou quando estas existem são coniventes.

Análise: Observamos que o trecho acima está mal-estruturado e que o uso da conjunção *e* prejudica a estrutura e a coerência do trecho em questão. É preciso reformular todo o parágrafo. Uma sugestão é:

Já nas escolas o “bullying” torna-se mais difícil de ser controlado, porque muitas vezes a situação desagradável ocorre apenas com a presença da vítima e do agressor, sem testemunhas, ou, quando estas existem, são coniventes com a ação ruim que é realizada.

12. Em fim, o "Bullying", não é uma maneira legal para que se possa ter uma convivência bacana, e para que esse comportamento diminua, deve-se evitar o máximo de cuidado, tanto jovem *e* principalmente os adolescentes com quem estão andando e saber escolher que são as melhores companhias para que possa estar andando dentro de uma escola ou ate mesmo num local de trabalho

Análise: Além de existir um problema de paralelismo sintático, o *e* está inadequado, porque não adiciona uma informação nova. “Jovens” e “adolescentes” são praticamente sinônimos no texto em questão.

13. Amores com diferença de idade podem dar certo sim, desde que exista dialogo entre o casal, quando *e* existir amor verdadeiramente. Se for por interesses, o casal será infeliz, em todos os aspectos, e provavelmente um fim no relacionamento.

Análise: O uso da conjunção *e* é incoerente, uma vez que não há relação de adição entre “quando” e “existir”. O trecho está mal-estruturado, e o uso do *e* prejudica a estrutura. Uma forma de retificar o trecho é:

Amores com diferença de idade podem dar certo sim, desde que exista dialogo e amor verdadeiro entre o casal.

14. E lá vêm mais cotas

Análise: O elemento *e* implica adição de ideias, portanto o autor não poderia iniciar seu texto com ele, já que nada foi dito anteriormente. No texto de modalidade escrita, esse uso é incoerente.

15. E ainda dizem que são racionais

Análise: Explicação igual ao item 14.

16. Enfim, a educação como fonte de conhecimento certamente é base para quem quer ter uma vida de boa qualidade, mas que não precise passar por vexames para conquistar a mesma. Assim, podemos chegar a um ponto em que toda a população possa ter uma vida melhor, acarretando um grande desenvolvimento intelectual, financeiro *e* no país.

Análise: A conjunção *e* está inadequada, porque “no país” não combina com a natureza dos tipos de benefícios citados “intelectual” e “financeiro”. Portanto, o autor deve passar o *e* para antes de financeiro para que o trecho fique coerente.

17. O comandante Gregorio Di Falco, da Capitania dos Portos de Livorno agiu muito bem, ao esquecer-se de si mesmo e se preocupar com as milhares de vidas que estavam no barco, o que além de ser muito bom e gratificante para a sociedade que ainda existam pessoas como ele, acovarda mais ainda Francesco Schettino, capitão do Costa Concordia, que ao invés de cumprir seu trabalho, como capitão, ajudando e buscando socorro para as pessoas que estavam no barco, decidiu abandonar, junto com o navio, a própria ética que jamais estará *e* acordo com essa atitude.

Análise: Observamos que o *e* está inadequado, porque não se trata de adição de ideias. Na verdade, o autor deveria ter escrito a preposição *de* no lugar de *e*.

18. A rigidez dos modelos sociais revelam atitudes de manada, onde o barulho e a poeira *e* quem ditam o norte a ser seguido.

19. Para o meu parecer não, com violência não se mostra que a idéia ou opinião que a pessoa defende é a melhor, pelo contrário mostra que a pessoa não *e* madura e informada o suficiente para tomar lado de uma posição ou defender uma idéia séria como está.

20. Não será fácil convencer os baixinhos, mas se trata da saúde de seus filhos, por isso o papel dos pais *e* tão importante quando o do governo.

21. Arte de mentir, é saber contornar com ricos argumentos, onde dentre estes a mentira se incluiu em determinados conceitos do problema em pauta, onde *e* muito utilizado por pessoas que querem obter conquistas utilizando o método de mentir.

22. Não existem mais diferenças entre as capacidades e possibilidades de ambos os sexos. Muito pelo contrário, *e* fruto da iniciativa da mulher brasileira de buscar a própria qualificação profissional aliada às políticas governamentais exclusivas sobre o tema, observa-se hoje que não existem mais barreiras para o seu progresso individual.

23. Atualmente consta-se muito se o Brasil tem razões para temer um ataque terrorista, pois será realizada no Brasil eventos importantíssimo, onde o país precisa estar preparado para uma série de coisas que podem ocorrer, durante a copa das confederações e do mundo, além do mais *e* necessário

exalar preocupações sobre a população.

24. Além disso, a radiação e outro fator que vem causando dor de cabeça aos cientistas.

25. O caso divulgado recentemente da estudante Geisy Arruda, e um grande exemplo dessa intolerância para com os modelos não aceitos pelas diversas esferas da sociedade.

26. 27. O que se tem de positividade e que a defesa brasileira e capacitada para tal ataque, o que falta são leis que castiguem esses malfeiteiros...

28. A imprensa de um modo geral tem um papel muito importante na vida dos brasileiros, a informação do que aconteceu no país e também no mundo chega nas residências através dessa empresa seja ela escrita ou falada. E essa mesma empresa que tem a oportunidade e o dever de transmitir os dois lados de uma informação, seja ela positiva, negativa ou até mesmo ambos.

29. A tendência de mudança do tradicional e sinal de que o instinto humano de desenvolvimento está agindo.

30. Ainda se horário gratuito ajudasse mais o que acontece e que os partidos tem muito pouco tempo e não são claras as suas propostas.

31. Nosso lixo e nossa responsabilidade

32. O lado desfavorável do sistema de cotas, segundo alguns especialistas e que os alunos oriundos de escola pública estarão ocupando vagas para as quais não estariam realmente preparados.

33. 34. E bem verdade que os pais deviam participar mais da conduta de seus filhos na escola e ver com seus próprios olhos que tipo de cidadão estão colocando na sociedade, não colocando tudo na costa da escola e do governo pensando que e obrigação deles tomarem de conta e tomarem atitudes que cambiariam os pais fazerem.

35. Se bem que essa não e a realidade, pois no código penal brasileiro não há conceituação de terrorismo, ou seja, se tivermos um ataque terrorista não haverá penalizações para os autores da violência.

36. Contudo mentira e um sensível acessório que quando tocado libera diversas possibilidades equilibradas em boas e ruins, mas cabe a cada indivíduos usá-las quando, onde, como e com quem.

37. Portanto temos que ter consciência do que fazemos e tentar não ser levado pelas pessoas de mal caráter quando soube de alguém que está te perturbando, tente chama a polícia e fazer um boletim por que isso e crime.

38. Muitos adolescentes que estão cursando o Ensino fundamental e até mesmo o Ensino Médio, estão se comportando de uma maneira agressiva, e hoje isso e conhecido como "bullying", ou seja, são atos de violências física ou psicológicos.

39. Hoje sabemos que a anencefalia não tem tratamento e é certo que o bebê irá morrer antes ou logo após o parto, e uma gestação de um feto anencéfalo que e levada até o final pode se ocorrer complicações à saúde da gestante, durante ou após o parto, ela poderá sofrer hemorragias, pois terá um acúmulo de líquido no útero, fazendo com que ele não se contraia corretamente.

40. As redes sociais são um grande fator para o mobilizar dos adolescentes como todo professor fala; os alunos tem que estudar em casa, o uso das redes sociais para os "estudos", vem crescendo a cada dia mais. a troca de informação entre colegas de escola, trabalho e outros, são melhores do que ficar decorando o que e verbo (digo isso com até uma certa ironia).

41. Os castigos físicos, segundo especialistas, não são a maneira mais eficaz de corrigir uma criança, visto que muitas vezes ela não sabe por qual motivo está sendo punida, métodos como a explicar que o que criança está fazendo é errado tem um efeito positivo.

42. A anencefalia é causada por falta de ácido fólico na gestante, que pode ser encontrada em vários alimentos, entre eles fígado, feijão e folhas, como a couve e o brócolis, entre outros alimentos, e também em farmácias através de suplementos alimentares para grávidas e mulheres que estão com planos de engravidar.

43. A melhor solução que se possa ter sobre este assunto é a família mais os adolescentes passarem até ter mais diálogos, pois o diálogo é a melhor maneira dos adolescentes aprenderem e os pais ensinarem, porque trata-se de uma forma educada onde a pessoa que está com um determinado problema possa entender qual é o melhor caminho.

44. Afinal, o que de fato falta às relações das pessoas com seus animais de estimação é o equilíbrio, pois vemos o ser humano se degradar a preferir a companhia de um animal a uma criança e outros que, talvez por circunstâncias da vida, substituem o objeto de tortura por algo indefeso diante de si mesmo, pois avaliam que o animal não tem como revidar e não vai pagar pelos seus atos.

45. A mentira em seu significado bruto é a soma de todos estes adjetivos: doença, problema de caráter, necessidade e brincadeira;

46. As crianças formarão nossa sociedade no futuro, evitando castigá-las fisicamente e moralmente é a melhor forma de evitar que se repita nas futuras gerações, formando assim uma sociedade com cada vez menos violência.

47. Atitudes animalescas, refletem acima de tudo, falta de estrutura familiar e também discernimento do que é ou não proveitoso para sua individualidade.

48. Diante da referida realidade é importante enfatizar, que Marte por esta proximidade da Terra e por ter elementos que de forma geral possibilitam a vida em seu solo, desperta no homem a busca pelo pioneirismo em colonizá-lo.

49. A reação natural do ser humano é ser vingativo e achar que a lei de talião ainda vigora, mas o exemplo dado a para nossa geração de jovens, adolescentes e crianças é contraria ao que se ensina em escolas, orfanatos, instituições para menores infratores e igrejas.

50. Mas acredita-se que se ele fosse julgado e preso poderia ser um exemplo de que a justiça existe e que ainda prevalece, e não que vingança é o melhor caminho .

51. Nossa sociedade é implacável.

52. Celular em sala de aula, uma questão bastante polêmica com pros e contra em relação se pode ou não pode entrar com o celular. estamos vivendo em uma sociedade que tudo é liberal e eletrônica.

53. 54. Horário político é bom só para os políticos poucos sabem mais quem paga esse horário é o povo [...]

55. Uma das maiores objetivos é progredir sem agredir ao meio ambiente, [...]

56. A individualidade está esquecida. Tudo o que for fora desses padrões não será aceito. Essa é a determinação do padrão social vigente.

57. A crise do euro não é nada boa para o mundo, já que a europa e o principal centro comercial dos continentes.

58. Varias obras de infraestrutura já estão em andamento e investimentos no setor hoteleiro o mais lucrativo desta copa também, pois as belezas naturais desse imenso pais tropical e motivo de fascino para muitos e essa sairá de graça para os cofres públicos.

59. Em meio a diversas reivindicações foram inconsistentes as mudanças adquiridas. E necessária muito mais de uma população para transformações significativas.

60. Podemos ver então que, a impaciência e o cansaço e um dos grandes causadores das violências no trânsito e para mudar essa triste realidade é preciso que, as pessoas que enfrentam todos os dias o grande trânsito, tenha um comportamento diferente e que respeitem uns aos outros.

61. Outros fatores preponderantes que contribui para esse mal que a assola a população é a obsolescência programada, ou seja e a diminuição do tempo de vida útil desses equipamentos, alterando a durabilidade dos mesmos, além do consumismo exagerado e desenfreado da população que é impulsionado e manipulado pela publicidade apelativa de grandes empresas expondo seus produtos e serviços em veículos de comunicação em massa, como internet, TV, revistas, rádio, jornais, entre outros.

62. Os negros ainda sofre com a discriminação, não poder trabalhar em tal lugar ou frequenta algum lugar porque e negro, [...]

63. A imprensa deve ser sempre muito bem transparente e mostrar sobre tudo a realidade dos fatos, seu poder de influencia na vida das pessoas e muito grande.

64. Se todos nos cidadões separar adequadamente todo o lixo que saiem de dentro de nossas casas, se cada um de nós fazer a nossa parte, até nos poderemos respirar melhor e todas essas doenças que vem surgindo vai diminuir, por mais que nós nao estejam em contato direto com o lixo, mas e bom lembrar que essa poluição vem pelo ar.

65. Impunidade, esse e o problema?

66. Já em São Paulo todo final de ano e inicio do outro e a mesma coisa, rios transbordando, carros e casas submersas e pessoas arcando com prejuízos materiais e as vezes com a própria vidas.

67. E de grande relevância o tema apresentado, pois no Brasil a violência está cada vez maior principalmente nas periferias das grandes cidades, por ser uma área pobre sem estrutura onde o poder judiciário é menor.

68. Parece simples, mas só na teoria porque na prática e bem diferente.

69. O jovem não está incluido no grupo que vota só por votar, mas sim na quele que quer ver as suas ideias se tornarem realidade, ideias estas que está atrelada a educação a saúde a emprego e a tantas outras que toda eleição e plenamente divulgadas e prometidas pela classe política.

70. A sociedade sabe os riscos dessa forma de alimentação e ate mesmo o ministério alega ser um problema de saúde pública, mas da mesma forma não tenta resolver um problema que para muitos e algo simples, mas que no fundo tem uma gravidade imensa.

71. A idéia de colonizar outro planeta e um tanto absurda, pois o ser humano pode reagir de forma negativa com a mudança de meio ambiente tendo que suportar baixas temperaturas de -63 graus Celsius, como os cientistas estimam que seja no planeta Marte e também o baixo nível de oxigênio.

72. Em primeiro lugar é valido analisar, que Marte *e* considerada pelo cientista como planeta mais habitável do sistema solar depois da Terra.

73. Portanto, todas essas previsões são em vãs, o homem *e* capaz de muitas coisas, mas algo tão extraordinário não, como prever o futuro ou desvendar o fim do mundo, para tudo tem o seu limite.

74. Para que um projeto desses obtenha sucesso *e* necessário a contribuição e colaboração de todos, sejam eles Brasileiros, Estadunidenses, Chineses, Indianos, não importa a nacionalidade precisamos da colaboração de todos.

75. 76. Para entrar em um consenso sobre a liberação do aborto em casos de anencéfalos junto com a população, *e* preciso expor para todos o que *e* anencefalia, o que ela causa ao feto, se há tratamento médico que possa reverter à situação, quais os riscos para a gestante [...]

77. Automaticamente para muitos, quando se anuncia “sua programação está sendo interropida por causa do horário eleitoral gratuito”, a primeira atitude *e* pegar o controle remoto e desligar a televisão.

78. *E* importante dizer que a segurança durante esses eventos é indispensável, onde pessoas de todas nações estará com os olhares voltados para o Brasil, sendo que quanto maior a visibilidade maior a comoção diante de tragédias e é isto o que os terrorista buscam.

Análise: Os itens de 18 a 78 referem-se às ocorrências em que o autor deveria ter usado o verbo *ser* flexionado no presente *é* ao invés da conjunção *e*.

Ou

1. Toda boa relação, seja ela amorosa, *ou* mesmo entre indivíduos de culturas diferentes, é baseada em respeito.

Análise: O fato de uma relação acontecer entre indivíduos de culturas diferentes não significa que a relação não é amorosa. Logo, a relação de alternância estabelecida pelo *ou* está inadequada. Um modo de retificar o trecho é:

Toda boa relação amorosa, mesmo entre indivíduos de culturas diferentes, é baseada em respeito.

2. Evento Mundial Rio+20

A Rio+20 foi um evento mundial ocorrido neste ano de 2012 que tratou de assuntos relacionados ao Meio Ambiente. Durante este evento a procura de soluções para um planeta ainda melhor teve grande destaque e é visto que trouxe benefícios, *ou* ao menos conscientização de uma massa maior da população sobre o assunto.

Análise: Observamos que o autor exemplifica um dos benefícios da Rio+20, por isso não é adequado ele usar *ou*, já que não se trata de alternância de informações no sentido exclusivo ou inclusivo. Uma forma de reescrever o trecho de modo mais coerente é:

Durante o evento, a procura de soluções para o planeta melhorar teve grande destaque e trouxe benefícios, como a conscientização da população em massa sobre o assunto.

3. Quando há manipulação das informações, através da omissão ou valorização de dados *ou* por causa do privilégio de um "lado da moeda", a imprensa deixa de ser educadora e informativa, comprometendo a opinião da população, que será construída em uma meia verdade.

Análise: O trecho está mal-elaborado. O autor explica como se dá a manipulação de informações e, depois, esclarece o motivo disso. Não há relação de alternância. Portanto, o autor deve retirar o *ou* em destaque.

4. Mas infelizmente, a casos específicos em que profissionais *ou* se isto podemos chamar, num ato de individualismo, coloca a vida de pessoas em risco.

Análise: O uso de *ou* está inadequado, porque o autor não deixa explícita a alternância que queria fazer. No lugar de “profissionais”, qual palavra seria adequada? O trecho acima poderia ser retificado da seguinte forma:

Mas, infelizmente, há casos específicos em que profissionais, mal preparados, num ato de individualismo, colocam a vida de pessoas em risco.

5. O psicológico faz o ser humano mentir para ele mesmo, assim como se um pai escolhe uma profissão para um filho, ele acaba psicologicamente querendo isso, mentindo para ele próprio, mas na realidade não passa de uma mentira para ele mesmo.

Mentiras são resultados psicológicos *ou* reais. Vivemos em um mundo envolto pela mentiras, o que tornar nossa realidade uma mentira.

Análise: A alternância estabelecida por *ou* ficou inadequada, porque a associação entre psicológico e real não está coerente. Não é possível entender em que sentido o resultado de uma mentira tem origem na mente ou em coisas reais.

6. Entre pelo menos em sua vida cotidiana , e pense quem seria a pessoa certa para você viver com ela mas ,e ela vivera só a metade da vida dela para você. A sim o amor prevalesse *ou* a projeção acaba, com o passar dos dias ,e vê que poderia ter alguém que o acompanha-se por toda sua vida.

Análise: Não conseguimos entender a questão da alternância imposta pelo uso do *ou*. O trecho é confuso.

Para

1. Já no caso do boné, na minha escola, a diretora diz que é proibido para evitar brigas, mas acho que o boné faz parte do estilo da pessoa, e assim como eles não tem o direito de nos proibir de ser roqueiro, emo, punk, ou qual seja a modinha ou o estilo não deveriam proibir o boné, seria como proibir as garotas de usarem bolsas. No caso das brigas os garotos que fazem isso são infantis *para* brigar por boné, e quando querem dar estes showzinhos de infantilidade dão independente do motivo.

Análise: O *para* está inadequado, porque o autor justifica o motivo de considerar os garotos infantis, não há relação de finalidade. O uso de *para*, na verdade, dá ao texto um traço de oralidade. Portanto, é preciso reestruturar o trecho e substituí-lo por uma conjunção explicativa.

2. Ao invés de facilitar o acesso do povo às questões políticas, tem transformado a tarefa de escolher representantes uma missão impossível de dar certo. Inúmeros candidatos surgem nas épocas eleitorais, sem dar chance aos votantes de analisarem aqueles que realmente lhes interessa, o que acarreta na eleição de muitos candidatos incapazes *para* exercer seus cargos.

Análise: A regência nominal de “incapaz” não admite a preposição *para*. Nesse caso, o autor deve substituí-la por *de*.

3. Dirigentes de clubes e empresários prezam, exclusivamente, *para* o lucro bruto.

Análise: O verbo “prezar” é transitivo direto, portanto a preposição *para* está sendo usada de forma inadequada. O autor deve apenas retirá-la para que o trecho fique coerente do ponto de vista sintático e semântico.

4. É impossível adivinhar o estado de espírito do motorista ao lado, é por isso é melhor tomar uma atitude preventiva, pedir desculpas ao realizar alguma manobra arriscada sem a intenção de agredir outro motorista, evitar troca de olhares, seguindo ***para*** cara feia, gestos obscenos, palavrões. fazendo isso pode evitar muitas discussões no trânsito.

Análise: No caso do trecho acima, “cara feia, gesto obsceno e palavrões” não são lugares que devem ser direcionados por meio do *para*. Com o uso de “seguindo para”, o trecho ficou estranho, mal construído e informal. Uma forma de retificá-lo é:

...evitar troca de olhares, caras feias, gestos obscenos e palavrões.

5. Em sua maioria, os cursos oferecidos na educação à distância são licenciaturas, ou seja, para se tornarem professores no futuro. Com isso, esta nova modalidade ocasiona preocupação, pelo fato que, se estes novos professores não exercerem com qualidade sua profissão não prepararão como deveriam seus futuros alunos. Compartilhando assim, ***para*** uma banalização dos cursos e dos profissionais do mesmo.

Análise: O verbo “compartilhar” não combina sintaticamente com a preposição *para* nem semanticamente com o trecho. Portanto, podemos dizer que o uso do *para* está inadequado. O trecho pode ser reescrito da seguinte forma:

Isso resultará na banalização dos cursos e dos profissionais relacionados a estes.

6. Por sorte, muitos foram em defesa da estudante, fazendo passeatas nus e a admitindo-a em programas de televisão ***para*** do caso.

Análise: A falta de uma palavra como “falar” após o *para* tornou o uso dele inadequado, causando certa estranheza ao leitor. O autor pode simplesmente acrescentar a palavra que falta ou terminar o período após “televisão”.

7. Em um país livre as pessoas não devem ter que pagar dinheiro para que um candidato que eles não suportam pode ter publicidade gratuita. Eles devem ser capazes de escolher qual candidato eles querem apoiar e um que eles querem dar dinheiro ***para*** e eventualmente votar.

Análise: Observamos que é incoerente o trecho acima, uma vez que, na nossa sociedade, não é preciso dar dinheiro a nenhum candidato com a finalidade de votar nele. Portanto, o uso de *para* está inadequado. O autor precisa reformular suas ideias e estruturar melhor o trecho.

8. Outra questão levantada foi a violência em que os black blocs usaram, será que a depredação do instituto foi necessária? ***Para*** o meu parecer não, com violência não se mostra que a idéia ou opinião que a pessoa defende é a melhor, pelo contrário mostra que a pessoa não é madura e informada o suficiente para tomar lado de uma posição ou defender uma idéia séria como está.

Análise: O uso de *para* está inadequado, porque, no caso acima, “parecer” significa “opinião” e a preposição *para* não cabe na situação de escrita. O ideal seria o autor dizer: *No meu ponto de vista, não*” ou “*no meu parecer, não*”. O uso do *para* estaria certo se o autor formulasse a frase do seguinte modo: *para mim, não*.

9. Seria necessário políticas ***para*** ser desenvolvida para a melhoria da condição de vida das pessoas com afrodescendência. Cada cidadão brasileiro, deveria colocar um fim nesse preconceito racial.

Análise: No caso acima, observamos que o uso excessivo do *para* e a má estruturação das ideias tornam o *para* em destaque inadequado do ponto de vista semântico. Um modo de resolver o problema é reformular o trecho em questão da seguinte forma:

Seria necessário desenvolver políticas para a melhoria da condição de vida das pessoas afrodescendentes.

10. 11. Para convergência de idéias. Temos que nos focar *para* melhor e uma solução mais rápida sobre aquilo que nos aflige. Tomando nós a iniciativa de escolhermos quem quisermos; e ousando sempre para a nossa nação, estado, região e milhões de brasileirinhos e brasileirinhas que irão assumir o nosso legado *para* um Brasil melhor - sem corrupção, descaso público, e indignidade.

Análise: Acreditamos que o trecho está mal-estruturado e que os dois *paras* em destaque estão sendo usados de forma inadequada. Sugerimos uma forma de reconstruir o trecho que comprova que tais elementos são desnecessários:

Para haver convergência de ideias, temos que focar em uma solução rápida em relação àquilo que nos aflige. Precisamos tomar a iniciativa de escolhermos quem quisermos, de forma ousada, para que os futuros brasileiros da nossa nação, que irão assumir o nosso legado, tenham um Brasil melhor – sem corrupção, descaso público e indignidade.

Também

1. Medo do quê?

Cada pessoa tem suas manias, preferências e medos. O que deixa mais claro o traço de cada uma são evidentemente suas atitudes. Por meio delas distinguimos o herói do covarde. Não aqueles heróis de filmes que estamos acostumados, mas sim aqueles que são em maioria anônimos. Desde o bombeiro que realiza um parto por telefone até o réu que confessa seu crime voluntariamente. Esses são exemplos de coragem.

Denomina-se covarde **também** aquele que não luta por seus direitos. Um homem independente do que seja não abandonaria um navio deixando mais de 4000 vidas à deriva no mar, a menos que este seja mais um do time daqueles que não cumprem seus papéis como pessoa. Um ato de extrema covardia.

Análise: O *também* está inadequado, pois o autor não havia dado anteriormente outro conceito acerca de “covarde”, logo não é coerente usar *também*, que serve para acrescentar informações.

ANEXO A – VERIFICAÇÃO PRELIMINAR DA DEFINIÇÃO DOS ELEMENTOS COESIVOS NOS DICIONÁRIOS

Além disso	
Houaiss eletrônico	a. disso ou do mais ademais, de mais a mais ETIM orig.contrv. ANT aquém PAR <i>alem</i> (fl.alar)
Houaiss PNLD	Não há.
Aulete Digital	Verbete Atualizado: 1 Também, outrossim: <i>Ele é competente, além disso tem muita sorte</i> Verbete Original: Além disso 1. <i>além disto, além de que</i> , demais [emprega-se antes de alguma coisa ou de alguma circunstância, que se ajunta a outra ou outras já referidas].
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 78. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Outrossim	
Houaiss eletrônico	<i>adv. (sXIII) do mesmo modo; igualmente ETIM outro + sim</i>
Houaiss PNLD	<i>adv. do mesmo modo; igualmente [ETIM outro + sim](p. 689).</i>
Aulete Digital	Verbete Atualizado: adv. 1. Também, igualmente, do mesmo modo: <i>Todos têm, outrossim, direito à educação.</i> [F.: <i>outro + sim.</i>] Verbete Original: adv. também, igualmente, <i>item:</i> Só esses não desertaram, que lhes faltavam as forças para isso e <i>Outrossim</i> não lhes notavam... os sulcos da velhice. (Aloísio Azevedo, <i>Coruja</i> , III, c. 14, p. 257.) F. <i>Outro+sim.</i>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1009. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Ademais	
Houaiss eletrônico	<i>adv. (sXIII) além disso, além do mais; demais <discursa com afetação; a., é prolixo e repetitivo> ETIM a- + demais</i>
Houaiss PNLD	<i>adv. além disso, além do mais; [ETIM a- + demais](p. 20)</i>
Aulete Digital	Verbete Atualizado: adv. 1. P.us. Além disso; além do mais: "...tu que és mãe e, <u>ademais</u> , mulher sincera..." (Apuleio, <i>Amor e Psique in Mar de histórias</i>) [F.: <i>a-² + demais.</i>] Verbete Original: advd e mais, além disso: E <i>ademais</i> ele bem sabe que eu sou conhecido do marido. (Trindade Coelho, <i>Os Meus Amores</i> , p. 78, 7ª ed.) F. <i>A+de+mais.</i>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 43. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Ainda	
Houaiss eletrônico	6 além disso, também, mais <i><há a. outras pessoas metidas nessa história></i> 8 mesmo, até, inclusive <i><em seu elogio cabiam todos os poetas, a. os menos inspirados></i> • mas a. ou senão que a. mas também, senão também <i><não somente João é mau, mas a. toda a sua família></i> □ ETIM <i>a- + inda</i> , f.arc., de orig. até hoje não explicada satisfatoriamente
Houaiss PNLD	6 além disso, também, mais <i><há a. outras pessoas metidas nessa história></i>

	8 mesmo, até, inclusive <a. os mais pobres entraram [ETIM <i>a-</i> + <i>inda</i> , f.arc., de orig. até hoje não explicada satisfatoriamente] (p. 36).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: 7. Também; além disso: Ele canta e <u>ainda</u> dança. 8. Mais; além disso: Muito aplaudido ao final do show, cantou <u>ainda</u> uma canção.
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 69. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Pois	
Houaiss eletrônico	<i>conj.coord. (sXIII)</i> 1 us. para ligar orações ou períodos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas, significando: 1.1 conj.explc. porque; visto que, já que, pois que < <i>ele só pode ser muito sensível, pois chegou a chorar durante o filme</i> >
Houaiss PNLD	conj. explc. 1 porque, visto que, já que <está triste, p. recebeu más notícias> 2 nesse caso, então < <i>ele bateu em você? P. reaja!</i> > 3 por conseguinte, portanto < <i>está doente e não pode, p., trabalhar</i> > conj.advrs. 4 porém, no entanto < <i>Você está tranquilo? P. eu não</i> > (p. 735).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: conj.expl. 1. Porque; visto que: <i>Vá com cuidado, pois a pista está molhada.</i> conj. 2. Portanto; por conseguinte; nesse caso; então: <i>Tudo terminado; podemos, pois, comemorar.</i> [NOTA: <i>Us. para introduzir uma observação evidente, uma réplica, ou a consequência do que foi dito anteriormente: Você não sabe dançar? Pois trate de aprender.</i>] 3. Mas; porém; no entanto: -Convenceram-me de que esse plano é bom.: - <i>Pois eu não me deixo convencer.</i> Verbete Original: conj. visto que, porque, porquanto: E <i>pois</i> já me não vedes como vistes, não me alegrem verduras deleitosas. (Cambes.) Emprega-se precedendo a razão ou fato justificativo de uma coisa: Que sonhos magníficos não havia de sonhar toda essa gente! <i>Pois</i> um Fénelon a planejar talentos! <i>Pois</i> um Voltaire a fazer homens dos seus serranos do Jura! <i>Pois</i> um Goldsmith... (Castilho.) <i>Pois</i> um santo como aquele quem é que o há de tentar? (Gonç. Dias.)
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1079. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Porque	
Houaiss eletrônico	<i>conj.coord. (sXIII)</i> 1 conj.explc. liga duas orações coordenadas, numa das quais se explica ou se justifica a asserção contida na outra; pois, porquanto, que < <i>entre, p. já é tarde</i> > □ conj.sub. 2 conj.caus. causa, motivo ou razão da ação contida na oração principal; que, como, visto que, já que < <i>a juventude às vezes erra p. é muito ansiosa</i> > □ GRAM como conj. causal, <i>porque</i> deve escrever-se junto; o <i>por</i> e o <i>que</i> escrevem-se separados quando este tem função de pron.rel. (<i>percebi logo a razão por que rias</i>) ou de pron.int. (<i>por que você não voltou logo?</i>) □ ETIM prep. <i>por</i> + conj. <i>que</i>
Houaiss PNLD	conj. explc. 1. pois, porquanto, que < <i>entre, p. já é tarde</i> > conj. causal. 2 visto que, já que < <i>a juventude às vezes erra p. é muito ansiosa</i> > [ETIM: prep. <i>por</i> + conj. <i>que</i>] (p. 742).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: conj.caus. 1. Indica causa ou razão de alguma coisa; POIS; VISTO QUE: <i>Escolhemos este material porque é mais barato.</i> conj.expl.2. Indica explicação ou justificativa de algo: <i>Venha, porque quero falar com você.</i> conj.fin. 3. P.us. Indica motivação ou finalidade; A FIM DE QUE; PARA QUE: <i>Não grite porque não seja repreendido.</i> [F.: <i>por</i> + <i>que</i> .]

	Cf. <i>por que, por quê e porquê.</i>] Verbete Original: conj. <i>por</i> causa ou por motivo de que, visto que: Sucedem não poucas vezes obedecermos com prontidão e alegria, <i>porque</i> nos mandaram o mesmo que já de antes desejávamos. (Man. Bernardes.) Por qual motivo e por que razão: <i>Porque</i> lhe chamam flor de amor, não sei (Garrett.) [Cf. <i>por que?</i> (prep. e pron. relat.), pelo qual, pela qual: Calmo é o lago <i>por que</i> navegamos.] [Cf. <i>por quet</i> (por que razão), em frase interrogativa: <i>Por que</i> não vieste mais cedo?] Cf. <i>porquê</i> . F. <i>Por + que</i> .
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1089. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Por isso			
Houaiss eletrônico	por i. por essa razão; por esse motivo Ex.: ele não comprou pão, por i. terei de ir à padaria		
Houaiss PNLD (p. 558)	não tem.		
Aulete Digital	Verbete Atualizado: Por isso 1 Como consequência daquilo que foi dito ou mostrado; por esse motivo; em vista disso. Verbete Original: Por isso 1. que (loc. conj.), porquanto, porque. Por isso 1. por esse motivo: <i>Por isso</i> não quis deixar envergonhada a boa espada. (R. da Silva.)		
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 819. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.		

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Visto que	
Houaiss eletrônico	v. que dado que, já que, uma vez que, porquanto Obs.: ver gram/uso a seguir Ex.: não comprou a casa, v. que não tinha dinheiro suficiente GRAM/USO a) a oração subordinada pode vir expressa como uma reduzida de infinitivo (<i>engordou demais, v. não ter seguido a dieta</i>); b) seguido de subst., o part. concorda com ele (<i>vistos os desentendimentos...; vista[s] a[s] dificuldade[s]...</i>); c) é incorreto o emprego de <i>visto como</i> no sentido de 'visto que, já que', ou se o verbo já comporta uma circunstância de modo □ ETIM part.pas. do lat. <i>videre</i> 'ver'
Houaiss PNLD	v. que loc. conj. dado que, já que < <i>não viajará, v. que está doente</i> > (p. 964).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: Visto que 1 Já que, dado que, uma vez que Verbete Original: Visto que 1. (loc. conj.), porquanto: Ela existia, <i>visto que</i> eu existia. (Castilho.) F. pari. pass. hip. <i>Visitus de visere</i> que substituiu <i>visus de visere</i> (ver). Cf. Leite de Vasc., <i>Opúsculo</i> , I, p. 407.
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1422. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Mas	
Houaiss eletrônico	<i>conj.</i> (sXIII) 1 conj.coord. liga orações ou períodos com as mesmas propriedades sintáticas, introduzindo frase que denota basicamente oposição ou restrição ao que foi dito; porém, contudo, entretanto, todavia 1.1 conj.advrs. após negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre

	determinado assunto < <i>não o fez, m. gostaria de tê-lo feito</i> > 1.2 conj.advrs. contrasta uma interpretação < <i>era negligente e perdulário, m. tinha um coração de ouro</i> > 1.3 conj.advrs. depois de <i>sim</i> ou <i>não</i> , acrescenta comentário para indicar que algo mais precisa ser dito < <i>liberdade, sim, m. com limites</i> > < <i>obesa, não, m. um tanto gordinha</i> > 1.4 conj.advrs. indica que se vai passar para outro assunto diferente < <i>a alta do dólar é o tema do dia, m. vamos primeiro ao noticiário local</i> > 1.5 conj.advrs. introduz réplica feita a alguém, para indicar relutância, descrença, protesto <— <i>Agradeço, m. não posso aceitar. — Mas como? Vai recusar minha oferta?</i> > 1.6 conj.advrs. depois de referência a coisas parecidas, menciona o que as torna diferentes uma da outra < <i>são ambos esquerdistas, mas um por convicção e o outro por conveniência</i> > < <i>os dois tinham a mesma altura, m. o mais velho era mais gordo</i> > 1.7 conj.advrs. após um pedido de desculpas pelo que se vai dizer, declara o que se julga necessário < <i>desculpe a franqueza, m. suas perguntas são muito tolas</i> > 1.8 conj.advrs. enuncia opinião ou declaração que pode causar espanto, mas que é importante para o autor < <i>pode ser uma aberração, m. quanto menos ela gosta de mim, mais eu gosto dela</i> > 1.9 conj.advrs. ante uma determinada situação, enfatiza surpresa, espanto ou admiração < <i>entende-se que ela o deixe por outro, m., bolas, sem qualquer explicação!</i> > 1.10 conj.advrs. introduz a causa que explica uma ação anterior < <i>não me cumprimentou, m. devia estar distraído</i> >
Houaiss PNLD	conj. advrs. exprime ressalva, restrição; contudo, todavia [ETIM: port. arc. mais e, este, do lat. <i>magis</i>] (p. 617).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: conj.advers. 1. Introduz um argumento que restringe o que foi dito: <i>Gostaria de jogar basquete, mas sou baixinha.</i> 2. Introduz um argumento que funciona como ressalva ao que foi dito: <i>Eram poucos os casos na enfermaria, mas todos graves.</i> 3. Senão; e sim: <i>Nada encontrou de valor, mas quinquilharias.</i> [Nesta acp. é comum o reforço <i>sim</i> após o <i>mas</i>] 4. Introduz a explicação da causa de uma ação: <i>Foi mal na prova, mas não deve ter estudado.</i> 5. Us. no início de frase interrogativa para expressar surpresa, ironia etc.: <i>Mas como você pôde fazer isso?</i> 6. No princípio de uma frase indica que ela tem relação com o que já se disse: <i>Mas, como eu ia lhe dizendo... adv.</i> 7. Us. para corroborar o que acabou de ser dito: <i>Ela é bonita, mas muito bonita.</i> [F.: Do lat. <i>magis</i> . Hom./Par.: <i>mas</i> (conj.adv.sm.), <i>más</i> (pl. de <i>má</i>).] Verbete Original: conj. que denota oposição ou restrição à proposição já enunciada e que equivale a <i>todavia, contudo, entretanto, porém</i> : É bom, <i>mas</i> não o parece. Sempre na hora da morte é a confissão conveniente; <i>mas</i> nem sempre é necessária. (Man. Bernardes.) No princípio de uma frase denota que ela tem relação com o que já se disse: <i>Mas, como lhe ia dizendo... Mas aos domingos, o chá era servido nas pratas do comendador G. Godinho.</i> (Eça , Relíquia , c. 1, p. 29, ed. 1918.) Emprega-se às vezes para dar a causa de qualquer ação: Maltratei-o, é verdade, <i>mas</i> tive para isso razões de sobra.
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 900. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Porém	
Houaiss eletrônico	<i>conj.coord. (sXIII)</i> 1 <i>conj.advrs.</i> introduz ou finaliza uma oração ou um período cujo conteúdo faz oposição ou restrição ao que foi dito na oração anterior; mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante < <i>ele disse que viria; p., até agora não chegou</i> > < <i>divirta-se bastante, fazendo, p., os deveres de casa</i> >

Houaiss PNLD	conj. advrs. 1. mas, contudo, todavia <disse que viria, p., ainda não chegou> (p. 742).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: conj. 1. Palavra us. para indicar uma restrição ou uma condição para alguma coisa; CONTUDO; MAS; TODAVIA: <i>Podem sair, porém voltem às cinco.</i> 2. Palavra tb. us. para expressar uma relação de contraste, de oposição entre duas ideias, situações, fatos etc.: <i>Chovia, porém fomos à praia.</i> Verbete Original: conj. que denota oposição, restrição, diferença; mas, todavia, contudo, não obstante, apesar disso: Tem mãos, <i>porém</i> não apalpam; e pés, <i>porém</i> não andam. (Man. Bernardes.) A civilização <i>porém</i> que suavizou a rudeza dos bárbaros era uma civilização velha e corrupta. (Herc.) -, s. m. (Bras.) (fam.) obstáculo, empecilho. F. arc. <i>Por onde</i> , do lat. <i>proinde</i> .
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1088. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Entretanto	
Houaiss eletrônico	<input type="checkbox"/> conj. 2 conj.advrs. designativo de adversão, oposição, restrição; todavia, contudo, mas, porém, no entanto < <i>tinha intenção de lhe falar, e, ficou mudo</i> > < <i>ela era bela, ele, e., chamava a atenção pela desleigânci</i> a>
Houaiss PNLD	conj. advrs. 1. contudo; todavia (p. 362).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: conj.advers. 1. Mas, porém, no entanto: <i>Bonita aeronave; entretanto, obsoleta.</i> Verbete Original: conj todavia, contudo.
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 567. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Todavia	
Houaiss eletrônico	<i>conj.coord.</i> (sXIII) mas, contudo, porém, no entanto, entretanto <input type="checkbox"/> ETIM contr. de <i>toda via</i> , orign. com o signf. 'em todo o caminho, constantemente'
Houaiss PNLD	conj. advrs. mas, contudo [ETIM: contr. de toda via, orign. com o signf. 'em todo caminho, constantemente'] (p. 912).
Aulete Geral	Verbete Atualizado: conj.advers. 1. No entanto; mas, porém, contudo [F.: <i>toda + via</i>]. Verbete Original: Adv. e conj. ainda assim, contudo, entretanto. E ainda que com estes auxílios o inimigo não levante o cerco, <i>todavia</i> se lhe entorpecem as forças, e encurtam as licenças. (Man. Bernardes.) Fizeram <i>todavia</i> as nossas em tal soçobro mui preclaras ações. (Fil. Elís.) F. lat. <i>Tota via</i> (em todo o caminho).
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1339. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Portanto	
Houaiss eletrônico	<i>conj.</i> (sXIV) <i>conj.concl.</i> introduz uma oração coordenada que contém a conclusão de um raciocínio ou exposição de motivos anterior; logo, por conseguinte, consequentemente, por isso, assim sendo, desse modo, pois < <i>ele não enviou seu currículo, p. estará fora do concurso</i> > <input type="checkbox"/> ETIM prep. <i>por + adj. tanto</i>
Houaiss PNLD	conj. concl. logo; consequentemente < <i>não veio, portanto não receberá o</i>

	<i>prêmio> [ETIM: prep. por + adj. tanto] (p. 743)</i>
Aulete Digital	<p>Verbete atualizado: conj.concl. 1. Palavra us. para introduzir oração que contém conclusão retirada a partir de razões ou informações expostas na oração anterior; CONSEQUENTEMENTE; LOGO; POR CONSEGUINTE: Fiz duas provas; faltam, <u>portanto</u>, mais três.[F.: <i>por + tanto.</i>]</p> <p>Verbete Original: conj. logo, por consequência, por isso, em vista disso: Conheci que se empregaria a força se resistisse, dirigi-me <i>portanto</i> a capela. (Herc.) F. <i>Por + tanto.</i></p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1090. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Assim	
Houaiss eletrônico	5 <i>conj.concl.</i> deste modo, portanto, assim sendo < <i>você não pode engordar; a. não deve comer demais</i> >
Houaiss PNLD	3 conj. concl. deste modo, portanto < <i>você está de dieta, a. não deve comer doces</i> > [ETIM: lat. ad (prep.) (p. 89).]
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: 6. Assinala uma conclusão; CONSEQUENTEMENTE; ENTÃO; PORTANTO: <i>Fica acertado, assim, o local da próxima reunião.</i></p> <p>conj.concl. 8. Us. para ligar duas orações coordenadas, indicando conclusão; LOGO; PORTANTO; ASSIM SENDO: <i>O concurso é puxado; assim, não esmoreça nos estudos.</i></p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 160. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Logo	
Houaiss eletrônico	<i>conj. 4</i> portanto, por conseguinte < <i>é desatento, l. não pode dirigir veículos</i> >
Houaiss PNLD	conj. concl. 4 portanto, por isso < <i>é desatento, l. não pode dirigir</i> > [ETIM: lat. loco, abl. de lócus, i' lugar; vez etc.] (p. 593).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: conj. 5. Por conseguinte, por consequência, portanto, por isso: <i>Penso, logo existo: Nelson estudou muito, logo merece passar no concurso.</i></p> <p>Verbete Original: -, conj. por conseguinte, por consequência, portanto, por isso: Penso, <i>logo</i> existo. Mas porque há de ser <i>logo</i> a preferida a tal mondonga velha! (Castilho.) F. lat. <i>Locus</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 865. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Em suma	
Houaiss eletrônico	<p>em s. 1 em resumo, resumidamente <<i>isto é tudo, em s., que pudemos descobrir sobre o caso</i>> 2 como marcador do discurso: enfim, afinal, finalmente <<i>em s., o que ficou decidido?</i>> ☐ ETIM f.divg. culta de ¹soma < lat. <i>summa,ae</i> 'total, totalidade', fem.substv. de <i>summus,a,um</i> 'o mais alto'</p> <p>☐ SIN/VAR ver sinonímia de <i>resumo</i></p>
Houaiss PNLD	e. suma loc. adv. resumidamente (p. 884).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: Em suma</p> <p>1 Em resumo, em síntese.</p> <p>Verbete Original: Em suma 1. (loc. adv.), resumidamente, em substância;</p>

	Ora expôs o embaixador de el-rei de Stão a Albuquerque, <i>em suma</i> , o muito que folgava desta vitória. (Fil. Elís.) F. lat. <i>Summa</i> .
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1295. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Por exemplo	
Houaiss eletrônico	por e. us. para confirmar, explicar, ilustrar com um exemplo o que se disse anteriormente
Houaiss PNLD	por e. loc.adv. expressão que antecede uma frase ilustrativa da ideia ou conceito antes mencionado [abrev.: p.ex.] < <i>sairemos, por e., eu e você</i> > (p. 413).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: Por exemplo 1 Segue(m)-se exemplo(s) (do que foi citado anteriormente). Verbete Original: Por <i>exemplo</i> ou simplesmente <i>exemplo</i> (e por abrev. <i>por ex.</i> ou <i>p. ex.</i>), loc. adv. que indica um fato, um acontecimento, uma frase ou uma palavra que se vai citar, uma explicação que se vai dar, para esclarecer uma dúvida, confirmar uma opinião, uma regra geral.
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 627. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Tal como	
Houaiss eletrônico	t. como do mesmo modo < <i>falava t. como o pai</i> >
Houaiss PNLD	loc. adv 1. us para apresentar um exemplo ou uma enumeração < <i>os pedidos eram básicos, tais como casa, comida e dinheiro</i> > (p. 893).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: Tal como 1 Us. (ger. no pl.) para introduzir exemplificação, ou enumeração: É proibido trazer instrumentos cortantes, tais como canivetes, tesouras, giletes etc.
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1306. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Como	
Houaiss eletrônico	▫ gram/uso c) como tb. pode ser empr. em lugar da loc. por exemplo (as ciências modernas, c. a informática, muito facilitam o dia a dia) ▫ etim lat. quomodo, lexicalização do snt. quo modo 'de que modo' ▫ hom como(fl.comer)
Houaiss PNLD	Não há.
Aulete Digital	Não há.
Aulete PNLD	Não há.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009).

Seja...seja	
Houaiss eletrônico	＼ conj. 1 conj.coord. serve para ligar palavras ou orações, indicando: 1.1 conj.altv. ênfase antes de cada termo ou frase da alternativa; ou, quer < <i>s. hoje, s. amanhã, irei visitá-lo</i> >
Houaiss PNLD	Não há.
Aulete Digital	Verbete Atualizado: 1. Ou, quer: Seja neste mês, seja no próximo, iremos

	<p>pagar todas as dívidas. [Usa-se ger. repetida]</p> <p>Verbete Original: conj. usada repetidamente: seja... seja..., quer... quer... ou... ou... Nunca povo algum, como o romano, deu maiores e mais constantes ocasiões ao exercício do direito eleitoral, seja pela natureza das suas instituições, seja pela sua grandeza quase contemporânea da sua existência e fundação. (J. F. Lisboa.) F. Ser. conj.alter.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1247. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Embora	
Houaiss eletrônico	<i>conj. 3 conj.concs.</i> enquanto, mesmo que, apesar de que, ainda que < <i>e. tardivamente, arrependeu-se</i> >
Houaiss PNLD	conj. concs. 2 ainda que; mesmo que < <i>e. com atraso, refez suas contas</i> > [ETIM: contr. de em boa hora] (p. 335).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: 1. Ainda que; posto que; apesar de que: Embora soubesse do perigo, não tomou precauções [Pode ser intensificado por 'muito': <i>Muito embora soubesse do perigo, não se precaveu.</i>]</p> <p>Verbete Original: -, conj. ainda que; posto que; apesar de; não obstante: Digam <i>embora</i> que me biografiei... (Castilho.) O congresso, <i>embora</i> compreendesse os motivos da renúncia, não a quis autorizar com o seu consenso. (Lat. Coelho.) Mas fora também excesso de prudência... aventurar ofensas, <i>embora</i> leves e disfarçadas. (Herc.).</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 535. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Ainda que	
Houaiss eletrônico	• a. quando ou que mesmo que; mesmo na eventualidade de que < <i>a. quando algo horrível aconteça, ele permanecerá tranquilo</i> >
Houaiss PNLD	a. que loc. conj. mesmo que (p. 36).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: 1 Mesmo que: 'Liberdade, <u>ainda que tardia</u>' (lema da Conjuração Mineira). 2 Apesar de que; embora: Vou respeitar a decisão, <u>ainda que</u> não concorde.</p> <p>Verbete Original: 1. quanto, posto que: A verdade, <i>ainda que</i> amarga, se traga. (Adág.) <i>Ainda</i> que, e contudo. Cf. Epif. Dias, <i>Sintaxe</i>, p. 284, 2^o ed. F. lat. <i>Inde</i> [Nota: Esta etimologia, dada na 1^o ed., é uma das muitas hipotéticas que se propõem para <i>ainda</i>, cuja origem continua problemática. Cf. Dic. <i>Etim.</i>, Nascentes.]</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 69. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Mesmo que	
Houaiss eletrônico	m. que mesmo na eventualidade de que, ainda que < <i>mesmo que ela chegue, não vamos mais ao cinema</i> > ETIM lat.vulg. *metipsimus,a,um, sup. de <i>metipse</i> , da partícula <i>met</i> + pronome demonstrativo <i>ipse,a,um</i> 'mesmo, mesma'

Houaiss PNLD	m.que loc.conj. ainda que, embora < <i>m. que chova, vamos sair</i> > (p. 629).
Aulete Digital	Versão Atualizada: Mesmo que 1 Indiferentemente à possibilidade de que: <u>Mesmo que</u> ele atrasse, começaremos na hora.
Aulete PNLD (p. 919)	Verbete localizado na p. 919. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Apesar de	
Houaiss eletrônico	<i>adv. (sXIII)</i> indica, na oração ou sintagma a que dá entrada, uma ideia oposta àquela expressa na outra parte do enunciado, contrariando uma provável expectativa □ a. de não obstante, a despeito de < <i>a. da idade avançada, trabalhava diariamente</i> > < <i>a. de ser jovem, era bastante responsável</i> > • a. de que não obstante que; ainda que < <i>não o via há muito, a. de que o sabia doente</i> > □ USO voc. empr. apenas nas citadas locuções □ ETIM <i>a- + pesar</i>
Houaiss PNLD	adv. só usado em a.de loc. prep. a despeito de < <i>a. de ser jovem, era muito responsável</i> > a.de.que loc.conj. ainda que < <i>há tempos não se viam, a de que se gostavam muito</i> > [ETIM: <i>a+ pesar</i>] (p. 68).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: Apesar de 1 A despeito de, não obstante: <i>Tivemos êxito, apesar dos problemas</i> . Verbete Original: (loc. adv.) <i>adv. Apesar de</i> , não obstante, a despeito de: <i>Apesar da hora avançada, não deixou de partir. Casou, apesar da oposição dos pais. O corpo esbelto, apesar de magro.</i> <i>Apesar de que</i> (loc. conj.), ainda que. F. <i>A+pesar</i> .
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 28. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

De acordo com	
Houaiss eletrônico	de a. com em conformidade com; conforme, Segundo (p.17)
Houaiss PNLD	Não há.
Aulete Digital	Não há.
Aulete PNLD	De ~ com Segundo; Conforme: Agir de acordo com a lei. (p.36)

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Aulete; Geiger (2011).

Conforme	
Houaiss eletrônico	6 de acordo com, em concordância com < <i>estar c. com uma proposta</i> > conj. 9 conj.confr. de acordo com; como, segundo, consoante < <i>foi tudo um equívoco, c. se crê</i> > prep. 12 de acordo com; segundo, consoante < <i>fez tudo c. o previsto</i> >
Houaiss PNLD	4. Da mesma opinião; concorde. conj. confr. 6 De acordo com; como < <i>tudo foi um equívoco, c. se vê</i> > prep. 9 de acordo com < <i>fez tudo c. o previsto</i> > [ETIM: lat. <i>conformis</i> , e ‘que tem relações com, semelhante, conforme, consoante’] (p. 220).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: 9. Em conformidade (com algo): Leu o regulamento e emitiu o memorando <u>conforme</u> . 12. De acordo com, segundo: <u>Conforme</u> o que foi publicado, não vai haver aumento este ano. Verbete Original: -, adv. conformemente, em conformidade: Estes índios foram resgatados <i>conforme</i> à dita lei. (Vieira.) -, conj. segundo, como: <i>Conforme</i> as coisas correrem, assim farei. Segundo as

	circunstâncias, o modo de ver (loc. elipt.): <i>Conforme</i> ; sou e não sou. (Castilho)
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 376. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Segundo	
Houaiss eletrônico	<p><input type="checkbox"/> preposição</p> <p>1 de acordo ou em harmonia com; conforme, consoante Ex.: <i>a psicanálise s. Jung</i></p> <p><input type="checkbox"/> conjunção</p> <p>2 introduz oração subordinada, indicando conformidade:</p> <p>2.1 como, conforme Ex.: <i>s. a meteorologia, choverá no fim de semana</i></p> <p>2.2 ao passo que, à medida que Ex.: <i>recolhia os testes s. os alunos iam terminando</i></p> <p><i>prep. (sXIII) 1 de acordo ou em harmonia com; conforme, consoante <<i>a psicanálise s. Jung</i>></i></p> <p><input type="checkbox"/> conj. 2 conj.sub. introduz oração subordinada, indicando conformidade: 2.1 conj.confr. como, conforme <<i>s. a meteorologia, choverá no fim de semana</i>> 2.2 conj.prop. ao passo que, à medida que <<i>recolhia os testes s. os alunos iam terminando</i>></p> <p><input type="checkbox"/> ETIM lat. <i>prep. secundum</i></p> <p><input type="checkbox"/> HOM ver ¹<i>segundo</i></p>
Houaiss PNLD	prep. 1 de acordo com; conforme conj. confr. 2 conforme [ETIM: lat. <i>secundus</i> , a, um ‘id’] (p. 849)
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: prep.1. De acordo com: <u>Segundo</u> a receita, são duas colheres de açúcar apenas. conj.conf.2. Conforme, como: Ela se veste <u>segundo</u> dita a moda.</p> <p>Verbete Original: segundo² conj. conforme, como, consoante, tal qual, tal como, em harmonia com o que; como quer que: O bispo dos Açores e os padres da Companhia de Jesus, de Angra, foram os autores desta decisão, <i>segundo</i> se divulgou. (R. da Silva.) A medida ou ao passo que. Segundo que 1. (loc. conj.), conforme; à medida que. A <i>segundo</i> (loc. conj. ant.), do mesmo modo que, como: A <i>segundo</i> o demônio lhe fingia. (Camões.) F. lat. <i>Secundum</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1246. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Consoante	
Houaiss eletrônico	<p><input type="checkbox"/> preposição</p> <p>6 de acordo com, conforme, segundo Ex.: <i>reajo c. a provocação</i></p> <p><input type="checkbox"/> conjunção</p> <p>7 de acordo com, conforme, segundo Ex.: <i>aja c. manda a sua vontade</i></p>
Houaiss PNLD	conj. confr. 4 conforme < <i>aja c. manda a sua vontade</i> > prep. 5 de acordo com < <i>reajo c. a provocação</i> > [ETIM: lat. <i>consōnans</i> , <i>antis'conveniente</i> , próprio, conforme, substv. ‘consoante (letra)’] (p. 225).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: prep.7. De acordo com: Fiz tudo <u>consoante</u> as regras.

	<p>conj.8. Conforme: Agi <u>consoante</u> a sua vontade. [F.: Do lat. <i>consonans,antis.</i>]</p> <p>Verbete Original: prep. conforme, segundo: À míngua de ovelhas, convém um burro vadio ou dois, <i>consoante</i> a necessidade. (Camilo.) Umas palavras que me deram rebates da história de Beatriz... <i>consoante</i> a eu ouvira. (Idem.) F. lat. <i>Consonans</i>.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 384. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Inclusive	
Houaiss eletrônico	<p><i>adv.</i> (sXV) 1 de modo inclusivo; sem exclusão, inclusivamente <<i>estudaremos até o capítulo V, i.</i>> 2 até, até mesmo <<i>é uma situação delicada e i. perigosa</i>> 3 ainda que <<i>vamos à festa i. se chover</i>> 4 nem sequer <<i>não conseguiu cumprimentar ninguém, i. o patrão</i>></p> <p>GRAM/USO a) embora a primeira acp. seja a mais castiça na língua, o <i>adv. inclusive</i>, assim como a forma <i>inclusivamente</i>, tem modernamente uso preposicional, equivalente a 'até': <i>traga-os todos, inclusive os dois amarelos;</i> b) em Portugal, o <i>e</i> final é pronunciado aberto (como o de <i>café</i>), lembrança do som dos <i>adv. latinos</i> de adj. de primeira conjugação (<i>us,a,um</i>), que eram abertos; não raro vê-se lá esta palavra grafada com acento agudo (<i>inclusivé</i>), mas tal uso é uma incorreção</p> <p>ETIM lat.ecl. (adv.) <i>inclusive</i> 'id.', formado sobre <i>inclusum</i>, supn. de <i>includere</i></p> <p>SIN/VAR inclusivamente</p> <p>ANT exclusivamente, exclusive</p> <p>advérbio</p> <p>1 de modo inclusivo; sem exclusão, inclusivamente Ex.: <i>estudaremos até o capítulo V, i.</i></p> <p>2 até, até mesmo Ex.: <i>é uma situação delicada e i. perigosa</i></p> <p>3 ainda que Ex.: <i>vamos à festa i. se chover</i></p> <p>4 nem sequer Ex.: <i>não conseguiu cumprimentar ninguém, i. o patrão</i></p>
Houaiss PNLD	<i>adv.</i> 1 com a inclusão de < <i>estudaremos até o capítulo 5, i.</i> > (p. 525).
Aulete Digital	<p>Verbete Atualizado: <i>adv.</i> 1. Com inclusão de, de forma inclusiva: Preencha os seus dados, <u>inclusive</u> telefone. 2. Também: A revista tem <u>inclusive</u> artigos sobre saúde.3. Até; até mesmo: Ele pode <u>inclusive</u> se desculpar, mas não muda nada.[F.: Do lat. ecles. <i>inclusive</i>. Ant.: <i>exclusive, exclusivamente</i>. Ideia de: -chu-.]</p> <p>Verbete Original: <i>adv.</i> o mesmo que <i>inclusivamente</i>: Recresce dúvida ao julgador se aquele dia, em que se acaba o dito termo, se entenderá <i>inclusive</i> ou <i>exclusive</i>. (Ord. Afons.) - Se o quero? para quê?... Interrogou ela, em vez de responder. - Ora para quê!... exclamou o janota. Para tudo! <i>inclusive</i> para seu marido. (Aloísio Azevedo, <i>Girândola</i>, c. 9, p. 110.) F. é pal. lat.</p>
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 777. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Sobretudo	
Houaiss eletrônico	Advérbio 1 em cima de tudo; especialmente, mormente Ex.: <i>teme o futuro, s. a incerteza a ele inerente</i>
Houaiss PNLD	adv. 1 principalmente < <i>teme a família, s. o pai</i> > [ETIM: sobre+tudo] (p. 869).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: adv. 1. Acima de tudo; PRINCIPALMENTE: "Quero que a febre queime os miolos da minha cabeça e, <u>sobretudo</u> , isto: não quero pensar" (Nelson Rodrigues, <i>Perdoa-me por me traíres</i>) [F.: <i>sobre-</i> + <i>tudo</i> .] Verbete Original: -, Adv. principalmente, especialmente; mormente: E <i>sobretudo</i> peleja com a fúria do vento. (Barros.) Estas campinas abundam em aves de diferentes espécies e <i>sobretudo</i> em porcos-monteses. (Vieira.) F. <i>Sobre+tudo</i> .
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1274. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Até	
Houaiss eletrônico	<i>adv. 3</i> também, inclusive, mesmo, ainda < <i>come a. carne crua</i> >
Houaiss PNLD	adv. também, inclusive, ainda < <i>come de tudo, a. carne crua</i> > [ETIM: orig. contrv.] (p. 92).
Aulete Digital	Verbete atualizado: adv. 3. Indica inclusão; AINDA; INCLUSIVE; TAMBÉM: Lê de tudo, <u>até</u> catálogo telefônico. Verbete Original: -, <i>adv.</i> ainda; mesmo; também: A roupa, os móveis, <i>até</i> a louça do seu serviço tinha marca. (Castilho.) É perdulário, jogador, bêbado, e <i>até</i> ladrão.
Aulete PNLD (p. 166)	Verbete localizado na p. 166. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Principalmente	
Houaiss eletrônico	<i>adv.</i> em especial; mormente, sobretudo < <i>falou p. do pai</i> > □ ETIM ¹ <i>principal</i> + <i>-mente</i>
Houaiss PNLD	Adv. em especial, sobretudo, mormente < <i>gostava p. de viajar</i> > [ETIM: <i>principal</i> + <i>mente</i>] (p. 758).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: adv. 1. Com maior ênfase, relevância; ESPECIALMENTE; PARTICULARMENTE; SOBRETUDO: projetos que beneficiam <u>principalmente</u> crianças e adolescentes.[F.: <i>principal</i> + <i>-mente</i>] Verbete Original: Adv. sobretudo, de preferência; especialmente; mormente; de modo principal.
Aulete PNLD	Não há.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007).

Isto é	
Houaiss eletrônico	• isto é expressão no sentido de 'quer dizer', 'ou melhor', 'ou seja', que se usa colocar entre duas palavras ou frases, a segunda das quais explica, ou retifica, ou restringe o sentido da primeira Ex.: foi visitar o Gólgota, <i>isto é</i> , o monte Calvário, em Jerusalém Ex.: vi lá o teu irmão, <i>isto é</i> , o teu primo Sérgio
Houaiss PNLD	Isto é loc. adv. locução que se coloca entre duas palavras ou frases para

	introduzir, na segunda, uma explicação, um desenvolvimento ou uma retificação do que foi dito antes; ou seja, quer dizer (p. 855).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: 1 Us. para, a seguir, dar uma explicação ou esclarecimento sobre o que se acaba de dizer: Ajuste o relógio para o horário de verão, isto é, adiante-o uma hora. 2 Us. antes de corrigir ou retificar aquilo que se acaba de dizer: Apresento-lhes o gerente, isto é, o diretor de vendas da empresa. Verbete Original: Isto é 1. loc. conjunt. que liga duas palavras ou duas frases. a segunda das quais é a explicação ou a explanação, a retificação ou a restrição da anterior: Porei todavia aqui mais um exemplo, <i>isto é</i> , acrescentarei mais uma demonstração. (Garrett.) Os seus olhos eram portugueses, <i>isto é</i> , reflexo perene dos íntimos pensamentos. (Herc.) F. lat. <i>Istud.</i>
Aulete PNLD	(is.to) ~ é 1.Us. para, a seguir, dar uma explicação ou esclarecimento sobre o que se acaba de dizer: Apresento-lhes o gerente, isto é, adiante-o uma hora. 2 Us. antes de corrigir ou retificar aquilo que se acaba de dizer: Apresento-lhes o gente, isto é, o diretor de vendas da empresa (p. 819).

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Ou seja	
Houaiss eletrônico	• ou seja m.q. <i>isto é</i>
Houaiss PNLD	Ou seja Loc. adv. isto é (p. 855).
Aulete Digital	Verbete Atualizado: 1 Us. antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa: Ele é do tipo longilíneo, ou seja, é bem alto e magro.
Aulete PNLD	Verbete localizado na p. 1247. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Houaiss; Villar (2011), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Ou melhor	
Houaiss eletrônico	ou m. m.q. <i>isto é</i>
Houaiss PNLD	Não há.
Aulete Digital	Verbete Atualizado: Ou melhor 1. Isto é: Na véspera, ou melhor, no sábado, faltou luz.
Aulete PNLD (p.912)	Verbete localizado na p. 912. Igual ao Verbete Atualizado do Aulete Digital.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009), Aulete (2007) e Aulete; Geiger (2011).

Quer dizer	
Houaiss eletrônico	querer d. ter o significado ou o sentido de Ex.: tudo isso quer d. Brasil GRAM a) a respeito da conj. deste verbo, ver <i>-izer</i> ; b) part.irreg.: <i>dito</i> ; flex. na 1 ^a p.s. do pres.ind., possui valor corretivo ou explicativo, equivalendo a <i>isto é</i> , <i>ou seja</i> , <i>a saber</i> , scilicet, <i>por exemplo</i> , verbi gratia □ ETIM lat. <i>dico, is, dixi, dictum, ère</i> 'dizer' □ SIN/VAR ver sinónímia de <i>alegar, expor, falar e manifestar</i> □ ANT desdizer; ver tb. antónímia de <i>falar</i> □ PAR digamos(1 ^a p.pl.) / <i>digamos</i> (pl.dígamos[adj.])

Houaiss PNLD	Não há.
Aulete Digital	Não há.
Aulete PNLD	Não há.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss (2009).